

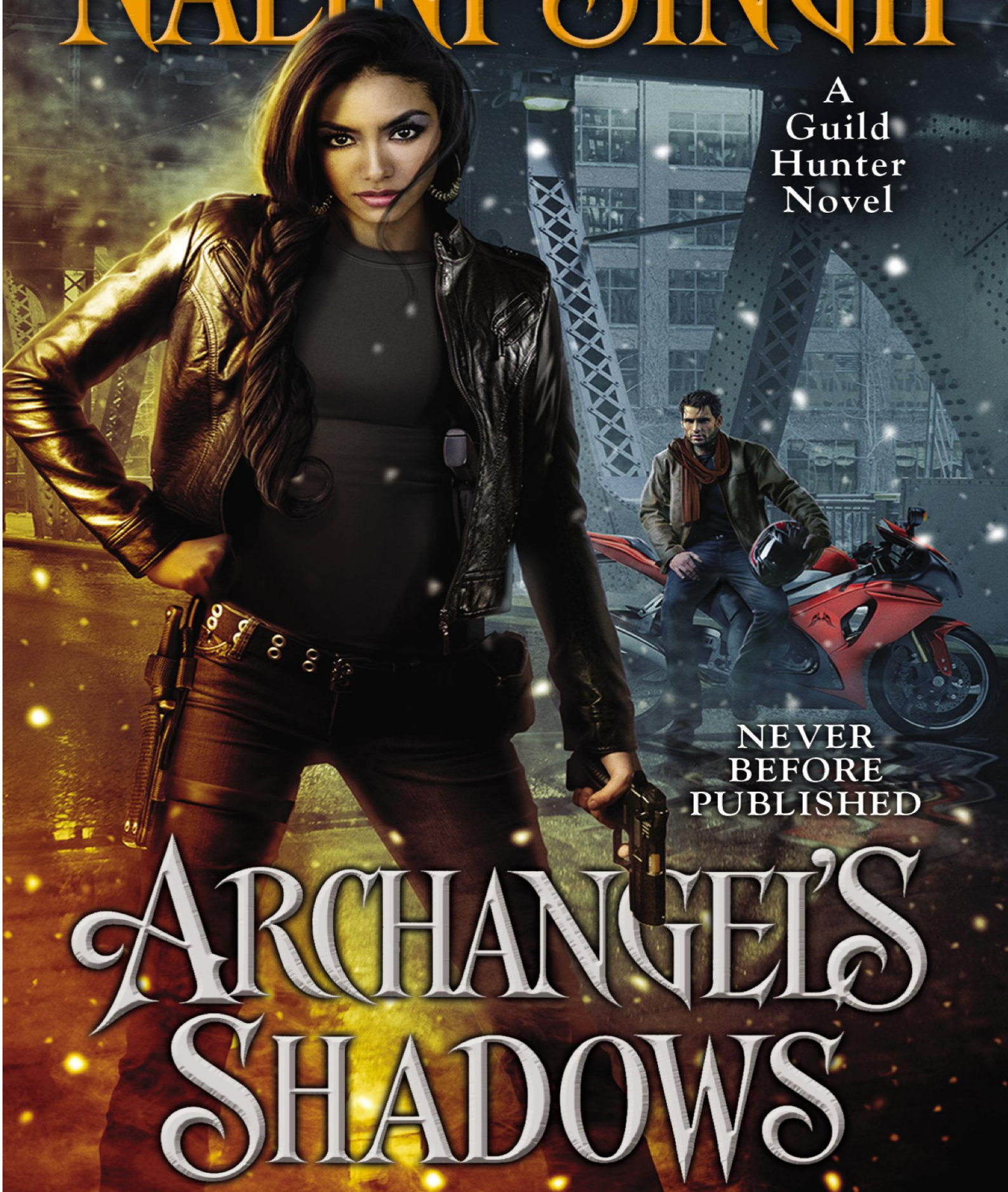
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR  
of *Archangel's Legion*

NALINI SINGH

A  
Guild  
Hunter  
Novel

NEVER  
BEFORE  
PUBLISHED

ARCHANGEL'S  
SHADOWS







*No despertar de uma guerra brutal, o arcanjo Raphael e sua Consorte caçadora, Elena, está lidando com as marés traiçoeiramente das mudanças da política arcangélicas e as pessoas de uma cidade golpeada, mas não quebrada. A última coisa que sua cidade precisa é de mais morte, especialmente a morte que tem a assinatura estranha de um arcanjo inimigo insano que não pode, não deveria andar pelas ruas.*

*Esta caçada deve ser feita com cautela e sem alertar seu povo. Deve ser manuseada por aqueles que podem tornar-se sombras...*

*Ash é uma rastreadora talentosa e uma mulher amaldiçoada com a capacidade de sentir os segredos daqueles que ela toca. Mas há um homem que ela conhece muito bem sem um único contato com a pele: Janvier, o sexy e perigoso vampiro Cajun que tem a fascinado e enfurecido durante anos. Agora, com eles rastreando um assassino impiedoso, o seu jogo de gato-e-rato, de flerte e provocação se transformou em um profundo jogo do coração. E, desta vez, é o segredo de Ash, escuro e terrível, que ameaça destruir ambos.*



# EQUIPE SOMBRA

Ashwini navegava pela escada escurecida com passos rápidos, tomando cuidado para não fazer nenhum som. Dada a arquitetura das escadas - uma espécie de espiral quadrada completa com um poço no centro que ia do topo dos setenta e três andares do prédio ao porão - os ecos ricocheteavam das paredes em um barulho estrondoso.

Era improvável que alguém fosse ouvir o ruído com a batalha arcangélica tomando lugar nos céus de Nova York enquanto vampiros lutavam o flagelo dos renascidos abaixo, mas ficar arrogante era uma boa maneira de acabar morta. Era por isso que Janvier tinha cortado a energia desta parte do prédio, e por que Naasir tinha criado uma retransmissão de pequenas explosões para distrair o inimigo.

Uma gota de suor rolando por sua espinha, ela encostou-se à parede quando uma porta abriu em um andar superior.

— Não há luz, — a voz masculina irritada estrondou, ampliada pela terrível acústica do que era para ser um edifício de escritórios, embora projetado por um arquiteto conhecido por seu trabalho ‘Experimental’. — O ataque mais recente de Raphael deve ter danificado o edifício.

— Não. — Uma mulher desta vez. — Ele tem pessoas neste lado da linha. Tranque as portas da parte principal do piso em ambos os lados. Vou alertar nosso povo para fazer o mesmo para todo o edifício.

Os lábios de Ashwini se curvaram. Ela não precisava chegar até o chão propriamente dito para fazer o que tinha vindo fazer. Não neste edifício em particular.

Continuou a subir assim que os guardas inimigos partiram, ela encontrou-se considerando o nome de Naasir para sua pequena equipe: *combatentes da sombra*. Era uma descrição muito mais adequada que ‘Espião’ ou mesmo ‘Soldado’. Juntos, o trabalho de Ashwini, Janvier e Naasir era atormentar, confundir e, de qualquer forma, provocar as forças inimigas no coração do acampamento hostil. Para uma equipe de três pessoas, ela achava que eles tinham feito um inferno de trabalho.

Isto seria a cereja no topo do bolo.

Alcançando o chão diretamente abaixo do telhado, ela tirou a pequena mochila e removeu os encargos. Dez segundos, isso era tudo o que ela precisava para colocar e armar um dispositivo. A explosão resultante poderia não colapsar o telhado, mas devia fazer dano suficiente para jogar a força invasora fora desse jogo.

— Pronto, — ela murmurou no bocal do dispositivo de comunicação elegante que usava enganchado em sua orelha direita.

— Saia daí *cher*. — Uma voz tão lânguida quanto um nebuloso dia de verão, se você não notasse o aço por baixo. — Sua presença foi detectada.

— Estou me movendo. — Mochila nas costas, ela mal tinha coberto dois lances quando botas trovejaram a alguma distância abaixo, misturados com berros e gritos de guerra.

*Hora do plano B.*

Ela deslizou a mochila e pegou a corda de rapel enrolada dentro. Uma vez que estivesse ancorada ao trilho da escada, ela poderia usá-la para deslizar por abaixo de qualquer perseguidor antes que eles soubessem que tinha ido embora. As meias-luvas de couro que tinha adicionado a sua roupa não eram uma declaração de moda, mas a preparação para este tipo de contingência. De outra forma, as palmas das mãos dela estariam retalhadas no final.

Bloqueando o mosquetão pesado diretamente ao corrimão depois de testar que o metal se sustentaria — Pelo menos o suficiente para ela passar por seus

perseguidores — ela jogou a corda para baixo no poço no centro do edifício. Desenrolou-se em rápido silêncio, o raspar metálico do mosquetão movendo-se contra o corrimão escondido pelo barulho dos lutadores hostis encaminhando-se na direção dela. Deixando a mochila vazia, ela foi balançar-se por cima... e percebeu que podia sentir uma corrente de ar quente em sua nuca.

Ela virou, abaixando-se, mas foi muito lenta. O homem que tinha entrado em silêncio através da porta às costas dela se chocou contra ela. O mosquetão ressoou contra o corrimão em uma batida de som forte desta vez, o estrondo disso cavando na parte inferior das costas dela enquanto o agressor empurrava o braço em sua garganta.

Presas lampejaram ante o rosto dela.

— É tão bom quando o almoço tem a boa educação de se apresentar na porta do hotel.

Tendo usado a pausa de autocongratulação para deixar cair uma faca em cada mão das bainhas escondidas sob o casaco, ela empurrou-as através do intestino dele. Sua posição presa fez um corte profundo impossível, mas ela ganhou a atenção dele, seu sangue na lâmina dela. Ele uivou com raiva, deu um soco no estômago dela e deu um passo para trás.

Era tudo o que ela precisava.

Respirando através da agonia do golpe, ela cortou novamente. Conectando forte o suficiente para perfurar um pulmão. Teria derrubado um mortal, mas o adversário não era mortal.

Um som de raiva espumante, os olhos dele parecendo brilhar no escuro.

— Cadela. — Quando ele girou de volta, não foi com o punho.

Ashwini era hábil em combate de contato, mas ela estava em um espaço apertado e no escuro contra um vampiro que também não era claramente um principiante na arte. E ele tinha o que se parecia com uma espada. Ela levantou suas facas para afastar o golpe, mas foi muito pesado, um verdadeiro golpe, o impacto chocantemente brutal. As lâminas dela estalaram no chão quando ele

cortou a palma da mão esquerda e a parte inferior do antebraço direito dela com a ponta da lâmina e, em seguida, a lâmina era como fogo frio através do peito dela.

Cheiro de ferro, úmido e escuro, encheu as narinas dela, a respiração vindo em arquejos superficiais.

O vampiro riu.

Consciente de que ela não podia sair dessa agora, não com o clamor pesado das botas do inimigo apenas um andar abaixo e o vampiro empunhando uma espada na frente dela, ela conseguiu fazer a mão direita funcionar bem o suficiente para agarrar a arma do coldre na coxa. Tornar-se uma prisioneira de guerra não era uma opção; ela nunca mais deixaria alguém trancá-la. É claro, era pouco provável aquilo ser um problema, uma vez que Lijuan gostava de *comer* pessoas, a casca que permanecia após o Arcanjo da China alimentar-se, virando pó na mão.

— Desculpe, *cher*, — ela sussurrou para o homem na outra extremidade do dispositivo de comunicação, o homem que havia lhe ensinado a brincar muito depois do fim da farsa da infância dela, e disparou. O som brusco e duro da arma cuspidando fogo e encheu a escada, as balas passando através de seu agressor vampiro para ricochetear nas paredes. Grunhindo com o impacto, o vampiro cambaleou para trás. Apenas para se recuperar e gritar obscenidades para ela; nos flashes da arma, ela o viu levantar a espada para um golpe fatal.

Aquela espada caiu no chão antes mesmo que tocasse nela, sangue pulverizando o seu rosto em um jorro quente. Ela parou de atirar... e ouviu o baque embotado e molhado da cabeça dele rolando pelos degraus, sabendo que tinha sido cortada por uma lâmina de aço fluído que não era uma espada ou uma faca, mas algo no meio, tão afiado quanto uma foice e ainda mais mortal.

— Sem desculpas entre nós, docinho, — Janvier disse pegando-a em seus braços, e correu para cima das escadas.

Nenhum ponto em protestar. Ferida tão mal quanto estava, ela só iria atrasá-los se insistisse em se mover sob sua própria força. Em vez disso, ela

estendeu a mão esquerda sangrenta ao redor do quadril dele para pegar a arma que ela sabia que ele guardava em um coldre na cintura. Demorou um segundo para conseguir segurar, o hálito quente dele no pescoço dela, e os músculos ajuntando-se e flexionando contra ela, conforme ele subia os degraus.

Tentando não pensar no fato de que o peito dela estava praticamente cortado ao meio, ela se sentou e apontou as duas armas, a dele e a dela, sobre os ombros dele.

— Seus ouvidos vão tomar uma surra.

— Eu vou viver.

Ela apertou o gatilho em ambas as armas.

Seus perseguidores caíram para trás sob a barragem, mas ela sabia que não iria durar. Não só ela logo ficaria sem balas — e isso contando com os dois pentes de bala sobressalentes que ela trazia — ela tinha que atirar no coração ou no cérebro de um vampiro para matar com uma arma. Mesmo assim, dependia da idade e da força do vampiro em questão. Ashwini já havia esvaziado um pente inteiro no cérebro de um vampiro psicótico uma vez, só para ele atacá-la novamente.

Janvier fez um movimento brusco naquele instante, mas não diminuiu seu passo.

Ela tocou o ombro dele, sentiu a quentura escorregadia de sangue fresco. O estômago dela se agitou.

— Você foi atingido por um ricochete.

— Não pare, — ele ordenou. — Mantenha-os distraídos.

O cheiro do sangue dele inflamando seus instintos mais profundos e primitivos, ela fez o que ele pediu, derrubando um vampiro prestes a saltar sobre eles. Três balas no cérebro, sua mira direta graças à visão assustadoramente destacada que ela pegou na fração de segundo do flash de um focinho, e ele caiu, fazendo seus companheiros pausarem. A arma dela clicou vazia no disparo final.



Contudo, quando ela tentou usar aquele espaço de tempo carregar um novo pente, ela quase deixou a arma cair no chão.

— Estou ficando fraca, — ela disse, sua língua grossa na boca. — Deixe-me. Vá.

Ele poderia sair da mesma forma que ele, sem dúvida, tinha entrado, escalando o lado do arranha-céu. Janvier podia escalar até mesmo a parede mais perpendicular sem problema, seus movimentos tão bonitos quanto eram *diferentes*, um lembrete de que ele não era humano.

— Você pode beber o meu sangue. — As palavras saíram arrastadas, mas ela disparou outro tiro quando um ruído atraiu um inimigo vampiro que tinha mostrado a cabeça. Comprou mais alguns segundos para eles. — Por força.

— Eu adoraria. — O pulso, um ruído surdo contra ela conforme seu rosto caiu no pescoço dele, as armas penduradas de forma mole nos dedos, ele disse, — Mas eu preferiria que você estivesse chupando meu pau no momento.

Ela tentou rosnar uma resposta, mas as palavras não saíam.

— Não se vá, Ash. *Não se vá, porra.* — Palavras ásperas e implacáveis, enquanto ele parava no destino final, o mesmo lugar onde ela tinha colocado o dispositivo.

— Tô aqui, — ela conseguiu balbuciar, acariciando o rosto dele com uma mão ensanguentada. Ele era tão pecaminosamente bonito, era Janvier, com seus olhos verdes e cabelos castanho-escuro que ficava todo acobreado sob o sol do verão. Ela desejou que tivesse o beijado de verdade, desejou que ela o tivesse puxado para a cama e mordido naquele bumbum duro dele.

— Nós podemos corrigir isso mais tarde, — disse ele e mudou seu aperto para segurá-la no corpo inteiro contra ele, um braço em volta da cintura dela. — Braços ao redor do meu pescoço. Vamos lá, docinho. Não me decepcione agora.

Os braços dela estavam tão pesados, o sangue escorrendo sobre sua pele para ser absorvido no cós da calça jeans, mas ela conseguiu mover os braços para ligá-los ao redor do pescoço dele.

— Janela?

— Não, minha rota de entrada terá sido bloqueada por agora. Nós estamos indo para baixo. — Usando uma corda que ele devia ter ancorado ao corrimão quando chegou, ele balançou para o lado e deslizou para baixo em uma velocidade de tirar o fôlego.

Berros e gritos vieram de cima, mas tudo o que Ashwini conseguia pensar era que ele não estava usando uma luva.

Uma parada brusca conforme ele os balançou para parar em um piso inferior, abaixo de seus perseguidores, mas não livres de perigo. Foi perfeitamente cronometrado: ela ouviu o deslizar da corda descendo um piscar de olhos mais tarde, depois de ter sido cortada em cima. Janvier já estava correndo para baixo pela escada, Ashwini mais uma vez embalada contra seu peito.

Eles dispararam após o primeiro andar e para dentro da garagem. Um vampiro com cabelo prata metálico e olhos da mesma cor surpreendente contra a pele de um marrom rico e acariciável estava esperando por eles, a porta mantida aberta. Empurrando a porta fechada atrás deles, Naasir destróçou o mecanismo de abertura, dobrando parte dele com força bruta.

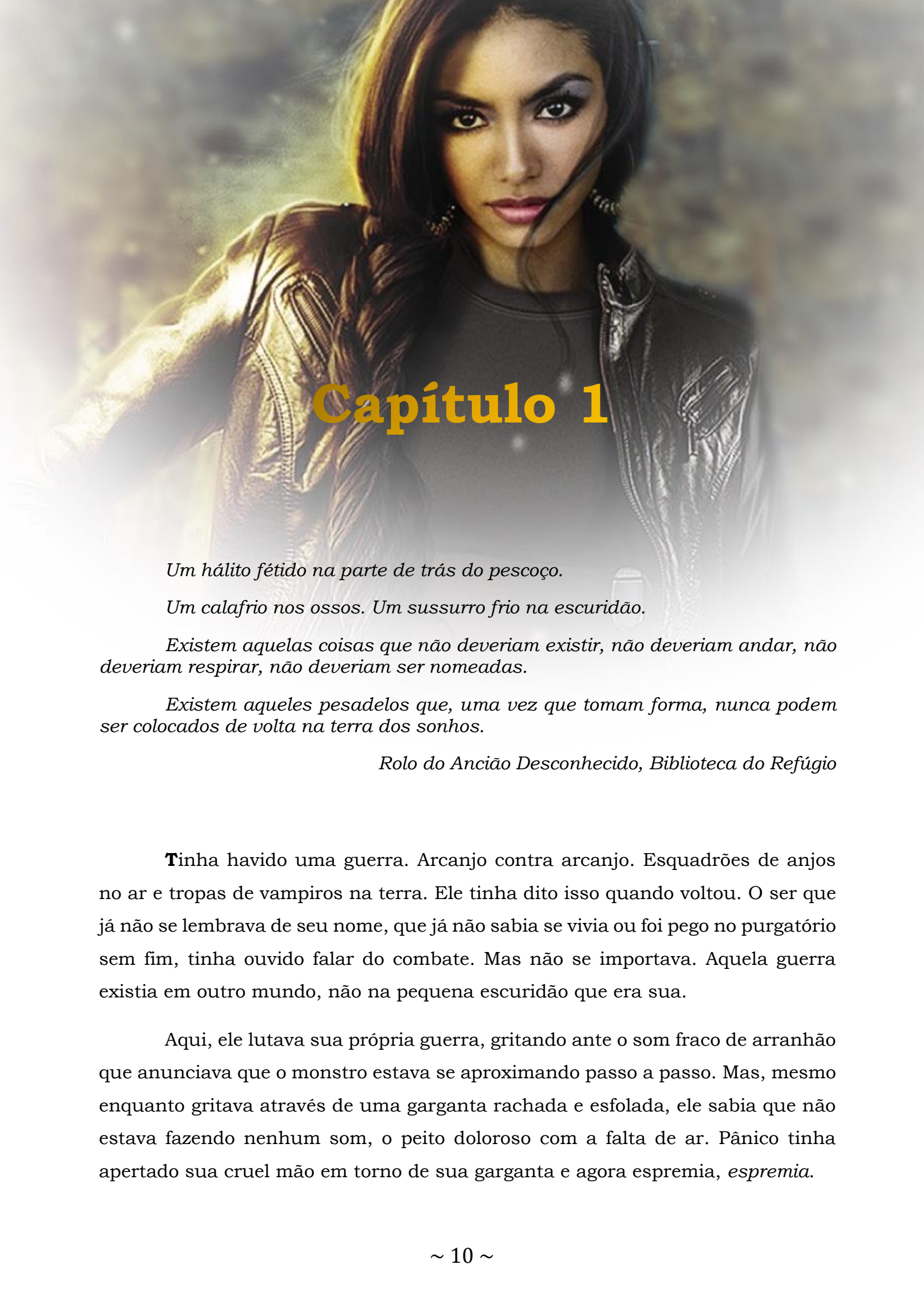
— Vá! Eu vou cuidar de qualquer perseguidor!

Uma pequena explosão ecoou pelo prédio naquele instante, poeira caindo sobre o rosto dela do concreto do teto da garagem.

— Nós conseguimos, — ela tentou sussurrar, mas sua garganta não funcionava... e seu batimento cardíaco, era um rastejamento lento. Como se seu corpo não tivesse mais sangue para bombear.

— Ashwini!

A voz de Janvier foi a última coisa que ela ouviu antes que as luzes se apagassem.



# Capítulo 1

*Um hálito fétido na parte de trás do pescoço.*

*Um calafrio nos ossos. Um sussurro frio na escuridão.*

*Existem aquelas coisas que não deveriam existir, não deveriam andar, não deveriam respirar, não deveriam ser nomeadas.*

*Existem aqueles pesadelos que, uma vez que tomam forma, nunca podem ser colocados de volta na terra dos sonhos.*

*Rolo do Ancião Desconhecido, Biblioteca do Refúgio*

**T**inha havido uma guerra. Arcanjo contra arcanjo. Esquadrões de anjos no ar e tropas de vampiros na terra. Ele tinha dito isso quando voltou. O ser que já não se lembrava de seu nome, que já não sabia se vivia ou foi pego no purgatório sem fim, tinha ouvido falar do combate. Mas não se importava. Aquela guerra existia em outro mundo, não na pequena escuridão que era sua.

Aqui, ele lutava sua própria guerra, gritando ante o som fraco de arranhão que anunciava que o monstro estava se aproximando passo a passo. Mas, mesmo enquanto gritava através de uma garganta rachada e esfolada, ele sabia que não estava fazendo nenhum som, o peito doloroso com a falta de ar. Pânico tinha apertado sua cruel mão em torno de sua garganta e agora espremia, *espremia*.

— Não, não, não, — a criatura presa choramingou dentro de seu crânio, a boca permanecendo trancada naquele grito silencioso.

Parte de quem tinha sido uma vez entendia que sua mente estava quebrada e nunca se recuperaria. Essa parte era uma minúscula semente escondida em uma parte distante de sua psique. O resto estava arranhando com horror e medo... e tristeza. Lágrimas rolaram pelo seu rosto, capturaram em sua garganta destruída, mas a assombrosa sensação de desespero logo foi esmagada sob o sufocante peso do medo. Então, luz atingiu os olhos que deveriam ser dele mesmo em uma cegueira agonizante e seu pulso congelou.

O monstro estava aqui.





## Capítulo 2

Três semanas depois de ter perdido a maior parte do sangue em seu corpo, Ashwini estava considerando pintar uma de suas paredes da sala de rosa com bolinhas roxas quando seu telefone começou a zumbir. Agarrando-o da requintada mesa de café de madeira cheia de nervuras que ela tinha restaurado no ano anterior, ela atendeu para encontrar Sara na outra extremidade.

A Diretora da Sociedade tinha um trabalho para ela.

— Algo estranho tem estado acontecendo no Quarteirão Vampiro, — ela disse. — Cães e gatos desaparecendo. O primeiro relatório foi a pós-batalha, mas isso poderia ter estado acontecendo por mais tempo, e ninguém notou. — Fracos sons farfalhantes, páginas sendo viradas. — Um corpo canino finalmente apareceu em um ralo de esgoto e relatórios dizem que foi dissecado. 'Como uma múmia', de acordo com o veterinário que me ligou. Eu quero que você confira.

— Você quer que eu investigue um cão mumificado? — Ashwini amava animais, ela mesma teria um grande cachorro babão se não vivesse em um apartamento em Manhattan, mas isto dificilmente era sua área de especialização. — Eu não sou Egiptóloga. Eu também não gosto de esgotos.

— O cão não está mais no esgoto, portanto você está segura, — disse Sara, sem perder uma batida. — Pode ser que tenhamos um vampiro louco alimentando-se de animais de estimação. Basta dar uma olhada.

Estreitando os olhos, Ashwini olhou para a vista da cidade com nuvens penetrando na Torre do Arcanjo através do vidro reforçado da parede da sala de estar em frente àquela que ela tinha estado analisando anteriormente, a pintura a óleo laranja do sol da tarde escovando as asas angelicais em sua linha de visão em tons de castanho-avermelhado e ferrugem. Foi Ellie que havia dito a ela sobre este edifício, a outra caçadora tinha tido um apartamento em um prédio semelhante ao lado antes que ela se apaixonasse pelo assustador e perigoso macho que controlava a América do Norte daquela Torre.

— Sério, Sara, — disse ela, seguindo a trajetória de voo errática de um anjo que parecia estar testando uma asa ferida recentemente, — Você não conseguiu encontrar nada *menos* perigoso? Como me enviar para encontrar a agulha de tricô perdida de uma velha senhora?

A Diretora da Sociedade riu, totalmente descarada.

— Ei, você agora tem o recorde da Sociedade por maior quantidade de pontos em uma sessão, desfrute o tempo de folga.

— Eu quero uma verdadeira caçada depois disso. — Ela fez uma careta, mas sua mão estava em punho enquanto ela silenciosamente exortava o anjo desconhecido que estava tentando fazer um pouso em um telhado adjacente à Torre. — Ou eu vou caçar Janvier a princípio. — O maldito vampiro tinha sido *gentil* com ela por semanas, desde que ela foi fatiada durante a batalha para manter Nova York contra a força invasora guiada pelo arcanjo Lijuan.

O anjo que tinha acabado de fazer uma aterrissagem boa, embora instável, naquele telhado à distância tinha sido, sem dúvida, ferido na mesma batalha.

— Excelente, — Sara disse, como se Ashwini tivesse acabado de dizer a ela que os unicórnios não só existiam, mas estavam atualmente concedendo desejos no Central Park. — Deixe-me saber quando, para que eu possa comprar passagens. Agora vá olhar a múmia canina.

— Grr. — Ela desligou depois de fazer o som de rosnado que ela tinha pegado de Naasir durante o tempo em que ela, Janvier e Naasir tinham trabalhado como uma equipe por trás das linhas inimigas.

Andando para seu quarto, ela puxou as cortinas de profundo citrina por toda a porta deslizante que dava para fora em sua pequena varanda. Aquela varanda era o que tinha feito Ellie recomendar este apartamento para ela quando tinha visto ser disposto no mercado. Ashwini tinha dito uma vez a Ellie o quanto ela gostava da maneira como a varanda de Ellie oferecia uma sensação de liberdade, mesmo no alto de um arranha-céu.

O bloco de cores das cortinas era vibrante contra as paredes brancas que Ashwini tinha deixado intocadas, e um vivo contraste com o rosa fúcsia das almofadas em sua cama. Os lençóis eram cor creme com finas listras rosa, o tapete um ouro pálido. Uma escultura em espiral de vidro azul cerúleo estava em um tamborete de madeira preto e alto em um canto; ela tinha encontrado a escultura no meio-fio, em Greenwich Village, depois de o proprietário anterior ter jogado fora só porque a base estava lascada. A perda era deles se não podiam ver a beleza no fraturado, no cicatrizado.

O quarto podia ser muito colorido para muitos, mas após a elegância gentil do lugar em que ela tinha passado cinco meses de seu décimo quinto ano de vida, ela não podia suportar o rígido ou o minimalista. Textura, cor, história, isso era o que ela queria ao seu redor, o porquê dela recolher pedaços que outros tinham descartado e davam a eles uma nova vida.

Ela também tinha sido considerada muito quebrada para ser de alguma utilidade.

Seus dedos tocaram a cicatriz que diagonalmente dividia seu peito enquanto ela tirava a camiseta cinza, a marca de um lembrete de que ela quase tinha sido fatalmente quebrada. Abrindo a porta de seu armário para revelar o espelho alto pregado no outro lado, ela analisou a linha limpa que declarava a habilidade do vampiro que tinha manejado a espada. Não estava mais esfolado e vermelho, e eventualmente iria desaparecer no mel pálido que eram a sombra das outras cicatrizes menores em sua pele.

As lembranças, no entanto, aquelas nunca desapareceriam.

— *Não se vá, Ash. Não se vá, porra.*

A voz de Janvier tinha sido a última coisa que Ashwini ouviu antes de desmaiar, e a primeira depois que ela acordou.

— *É falta de educação rosar para o bom médico, Ashblade.*

Na verdade, ela tinha estado muito fraca para rosar, mas tinha demonstrado sua antipatia ao claro ambiente institucional. Então Janvier a trouxera para casa dela, enfiou-a em sua própria cama, e *fizera sopa para ela*. A partir do zero! Quem fazia isso? Ninguém nunca tinha feito por ela e ela não sabia como lidar com o sentimento estranho e perdido que a memória despertava nela. Então ela simplesmente fechou a porta disso, como ela estivera fazendo por duas semanas desde que o tinha expulsado, e focou na cicatriz.

Logo no início, ela tinha se preocupado que a ferida tivesse causado lesão muscular que limitaria sua amplitude de movimento. Uma visita com o médico sênior da Sociedade uma semana antes, em conjunto com sua crescente mobilidade, tinha apagado essa preocupação. Desde que ela planejava manter sua recuperação nos trilhos, ela pegou a garrafa de óleo especial que Saki tinha dado a ela.

— *Esfregue-o duas vezes por dia depois que os pontos se dissolverem,* — o caçador veterano tinha dito. — *Vai ajudar a curar o tecido profundo.*

Dado o impressionante recorde de lesões de Saki, Ashwini não estava disposta a discutir.

Com o óleo cheiroso colocado, ela penteou seu cabelo em uma trança solta, em seguida tirou suas calças de yoga para colocar um jeans apropriado para o inverno, botas de caça, uma pele com gola em laranja vibrante sobre uma camiseta fina e de manga comprida concebida para reter o calor do corpo, e uma jaqueta de couro preta térmica que descia até o quadril. Ela encontrou as luvas de pelúcia dentro dos bolsos da jaqueta, então isso a poupou de procurar por elas.

Decidindo deixar os brincos de argola que estava usando — se o pobre cão morto conseguisse levantar-se e atacá-la, ele iria arrancar os lóbulos das orelhas dela — ela começou a recarregar suas armas. Facas nas bainhas do braço bem como uma em sua bota esquerda, além de uma arma em um coldre oculto no ombro e outro em um coldre de coxa visível.

Agarrando a identidade da Sociedade, ela enfiou-a um bolso de fácil acesso. A maioria dos policiais locais conhecia os caçadores que viviam na área, mas sempre havia os recrutas. Uma vez que seria uma droga ser morta a tiros por um figurão rápido no gatilho, especialmente depois de sobreviver a uma guerra imortal, ela tinha que tornar fácil para eles confirmarem sua identidade.

Isso feito, ela considerou sua besta<sup>1</sup>. Embora ela a adorasse quase tanto quanto o lançador de granadas portátil que ela armazenava em um armário de armas na sede da Sociedade, parecia um pouco extremo para uma visita a um veterinário.

— Deus, Sara, — ela murmurou para o ar ante o lembrete de sua atribuição tão-segura-que-era-uma-piada. — Estou quase convencida de que você está brincando comigo.

De qualquer forma, mesmo aquilo era melhor do que sentar por aí girando seus polegares, ou destruir seu apartamento com escolhas de decoração induzidas por tédio.

Antes que ela girasse o disco para trancar as armas no cofre escondido no fundo de seu closet, ela escorregou o bracelete preto brilhante que Janvier tinha enviado por correio um ano antes. Estalando-o aberto para revelar o fio de dentro, e você estava segurando um garrote letalmente eficaz. O macho maldito a conhecia muito bem. Era por isso que ela não conseguia entender o comportamento dele após sua lesão. Os dois tinham um entendimento; eles irritavam e desafiavam um ao outro, e sim, eles flertavam, mas o resto... a bondade, a ternura, era cruzar uma linha.

---

<sup>1</sup> Tipo de arma



Ele a tinha embalado contra seu peito quando ela teve problemas para sentar-se, alimentou-a com sopa colherada por colherada. Tinha parecido quente e seguro e aterrorizador e irritante. Porque ele era a única coisa que não podia ter e agora ele tinha destruído seu equilíbrio duramente conquistado mostrando-lhe o que ela estava perdendo.

Irritadamente escondendo mais algumas facas em seu corpo por precaução, ela caminhou até a porta da frente e abriu-a.

— Aí está você, docinho, — disse o vampiro de duzentos e quarenta e sete anos de idade em sua porta, o cabelo um rico tom de café de chicória<sup>2</sup> que ele tinha feito uma vez fez para ela, e a pele de um ouro polido.

Ela mostrou os dentes para ele de uma forma que não poderia ser fracamente tomado por um sorriso.

— Eu pensei que te disse para ir embora. — A última vez que ele tinha “Estado no bairro”, ele tinha trazido sorvete de menta com gotas de chocolate para ela. Seu favorito. Ela tinha pegado o sorvete e fechado a porta na cara dele, em um esforço para ensiná-lo uma lição. Ele rira, o som selvagem e ousado penetrando o escudo frágil da porta para afundar nos seus ossos, fazer a sua alma doer.

— Eu fui embora, — ele apontou naquela voz acentuada com a cadência única de sua terra natal, os ombros se movendo sob o couro marrom claro da jaqueta enquanto ele cruzava os braços. — Por uma semana inteira.

— Em que versão de ir embora significa que você pode enviar entregadores à minha porta?

Olhos do tom de musgo bayou, luz solar sobre a sombra, analisou-a da cabeça aos pés.

— De que outra maneira eu teria certeza de que você não estava mentindo, desmaiada no banheiro, porque você era muito teimosa para pedir ajuda?

---

<sup>2</sup> Chicória é a raiz da planta chicória. A raiz da planta é torrada e moída. E é adicionado ao café para suavizar o amargo do café torrado escuro.

— Eu não fui atingida com a estupidez no último par de semanas. — E, apesar das previsões sombrias de seu pai na infância, ela tinha amigos. Honor tinha estado alternando a cada dois dias com Ransom, Demarco e Elena. Naasir tinha enchido o freezer com carne antes de partir para o Japão 48 horas após a batalha.

— Proteína vai te ajudar a se curar, — tinha sido o somatório sucinto dele. — Coma.

Uma série de outros caçadores tinha passado para comparar as cicatrizes de batalha depois de terem escapado da detenção hospitalar. Saki tinha ficado por duas noites, levado Ashwini para seus pais no Oregon. O casal mais velho uma vez tinha feito a Ashwini uma grande bondade, e enquanto ela tinha estado muito danificada então, para confiar neles o suficiente para forjar um vínculo emocional, ela nunca esqueceria a generosidade deles. Como ela não podia esquecer a maneira como Janvier a tinha segurado no colo naquela velha poltrona perto da janela, a mão acariciando o cabelo dela enquanto a neve caía sobre a cidade.

Foi um momento em que ela tinha querido viver para sempre. Mas ela *não podia*.

— Fora do caminho, — ela disse, sua raiva com o destino uma coisa gelada e com garras dentro de si mesma que ela nunca tinha sido capaz de domar apesar de sua decisão de viver a vida em aceleração máxima. — Eu estou indo para um trabalho.

Sem mais graça preguiçosa, a expressão dele era sombria.

— Você não está totalmente recuperada.

Saindo e trancando a porta atrás dela, ela caminhou pelo corredor.

— O médico me deu um atestado de saúde. — Mesmo que ele não tivesse, Ashwini conhecia seu corpo. Tinha estado na condição de caçadora antes da lesão e ela tinha começado a se exercitar o máximo que podia no instante em que já não havia qualquer perigo de ela abrir a ferida.

— Ash. — Janvier colocou a mão na parte inferior das costas dela.

— Sem tocar. — Apertando os dentes contra o impacto dele, ela estendeu a mão para empurrar o botão para chamar o elevador.

Janvier usou seu corpo para bloqueá-la.

— Estou indo com você.

A mente dela voltou para a última vez que ele tinha dito algo semelhante, na primeira missão que eles tinham trabalhado juntos. Naquela época, eles tinham sido antagonistas que tinham declarado uma trégua temporária, e o problema tinha sido uma situação mal resolvida em Atlanta. Agora, ele estava abertamente vinculado à torre, o que tecnicamente os colocava no mesmo lado. Eles tinham funcionado como uma parceria bem afinada em Atlanta, caído de volta no mesmo ritmo impecável durante a batalha. Como se tivessem sido sempre destinados a serem um par.

E aquilo era uma droga.

— Tudo bem. — Recusando-se a enfrentar a terrível e dolorosa tristeza que se escondia sob sua raiva, ela caminhou para dentro do elevador, quando este abriu para expelir um de seus vizinhos.

Janvier esperou até depois que a outra mulher estivesse fora do alcance da voz para dizer.

— Eu não confio quando você coopera. — Os olhos se estreitaram.

— Não venha, então.

— Você não vai se livrar de mim tão facilmente, *cher*. — Batendo uma mão para bloquear o fechamento da porta, ele entrou.

A primeira vez que ele a chamara de *cher*, tinha sido um perverso flerte. De alguma forma, o termo tinha se tornado mais nos anos seguintes, um carinho reservado para ela. Ela nunca o tinha ouvido usá-lo com mais ninguém.

Hoje, ele estava muito perto dela na descida, o cheiro dele uma mordida sexy e irritante contra seus sentidos. Uma grande parte dela queria puxá-lo até sua boca. Ela sabia muito bem que segundos depois que ela fizesse, ele a teria contra a parede, suas pernas em volta da cintura dele enquanto ele socava o pênis dentro dela, suas mãos e bocas ávidas por tocar, possuir, experimentar.

A química entre ela e Janvier nunca esteve em questão.

Quando ele saiu do elevador na frente dela, ela não pode deixar de admirar o elegante perigo que vinha dele. Constituído longo e magro, seus músculos como os de um corredor ou um nadador, ele se movia com uma graça sensual que enganava as pessoas a pensar que ele não era uma ameaça.

Ashwini sabia que era diferente.

Pouco menos de um ano antes, ele havia enviado três cabeças decapitadas para a Torre para sinalizar o final de uma ordem de execução. Aquelas cabeças tinham pertencido a vampiros que tinha fatiado Ashwini depois de a encurralarem em um bloco. Ela tinha matado dois dos covardes, ferido os outros, e foram os outros que Janvier tinha entregado.

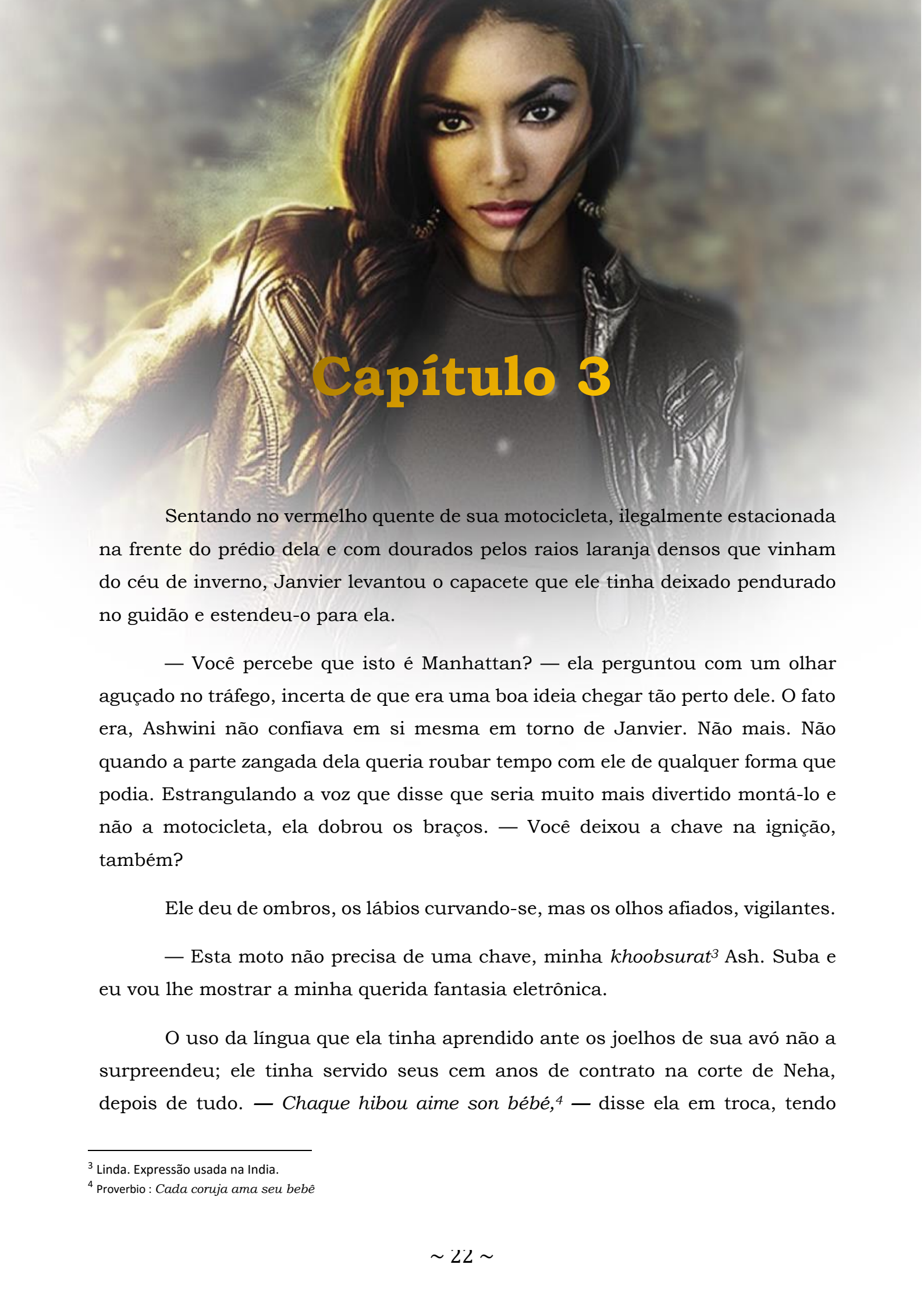
É claro, ele nunca tinha reivindicado responsabilidade pelo ato; quase todo mundo pensava que os vampiros tinham sido executados por seu anjo. Ashwini sabia a verdade só porque Sara tinha sabido direto de Dmitri, segundo do Arcanjo Rafael e o mais poderoso vampiro no país.

Uma sobranceira levantada, a Diretora da Sociedade tinha repetido a resposta de Dmitri ao aviso dela de que a Sociedade estava enviando uma equipe para capturar os vampiros desgarrados. — *Não há necessidade. O Cajun tomou conta disso. Os idiotas mortos tocaram a caçadora dele.*

Foi quando Ashwani tinha tentado primeiro colocar distância entre eles, tentado cortar a ligação que não podia ter permissão de crescer. Janvier tinha feito daquela uma tarefa impossível. Ele a tinha seguido nos cantos remotos do mundo, a irritado ao ponto onde ela uma vez tinha o amarrado e esvaziado uma panela grande de mel na cabeça dele, antes de fingir deixá-lo para os insetos.

Ele tinha rido em delírio e se libertado usando uma lâmina escondida, então a perseguiu por entre as árvores, ameaçando fazê-la lamber cada gota do material doce e pegajoso para fora do corpo dele. A interação havia feito com que ela se sentisse mais viva do que em todas aquelas semanas desde que ela decidira se afastar dele. E então ela tinha sido egoísta, continuou a brincar com ele sem dizer-lhe que seu flerte nunca poderia ser qualquer coisa permanente.

Os desejos dela não importavam. Os dele, também não. Não havia escolha.



## Capítulo 3

Sentando no vermelho quente de sua motocicleta, ilegalmente estacionada na frente do prédio dela e com dourados pelos raios laranja densos que vinham do céu de inverno, Janvier levantou o capacete que ele tinha deixado pendurado no guidão e estendeu-o para ela.

— Você percebe que isto é Manhattan? — ela perguntou com um olhar aguçado no tráfego, incerta de que era uma boa ideia chegar tão perto dele. O fato era, Ashwini não confiava em si mesma em torno de Janvier. Não mais. Não quando a parte zangada dela queria roubar tempo com ele de qualquer forma que podia. Estrangulando a voz que disse que seria muito mais divertido montá-lo e não a motocicleta, ela dobrou os braços. — Você deixou a chave na ignição, também?

Ele deu de ombros, os lábios curvando-se, mas os olhos afiados, vigilantes.

— Esta moto não precisa de uma chave, minha *khoobsurat*<sup>3</sup> Ash. Suba e eu vou lhe mostrar a minha querida fantasia eletrônica.

O uso da língua que ela tinha aprendido ante os joelhos de sua avó não a surpreendeu; ele tinha servido seus cem anos de contrato na corte de Neha, depois de tudo. — *Chaque hibou aime son bébé*,<sup>4</sup> — disse ela em troca, tendo

---

<sup>3</sup> Linda. Expressão usada na Índia.

<sup>4</sup> Proverbio : *Cada coruja ama seu bebê*



descoberto o ditado peculiar on-line enquanto tentava descobrir algo que ele tinha dito a ela.

Um sorriso pecaminoso que iluminou os olhos dele e fez o estômago dela dar uma cambalhota.

— Eu protesto em ser rotulado como uma coruja, não comi nenhum rato recentemente. Mas eu amo esta besta. Venha, deixe-me te dar uma carona.

Aceitando o capacete apesar de suas reservas, ela o colocou e fez uma careta quando ele permaneceu com a cabeça descoberta.

— Vampirismo não protege contra a síndrome do sem-cérebro. — Ela bateu os nós dos dedos levemente contra a parte de trás da cabeça dele. — É melhor você ter outro capacete.

— Apenas verificando se você ainda se importa. — Ele pegou um segundo capacete de onde ele tinha, aparentemente, deixado pendurado em alguma parte da moto fora da linha de visão dela. O homem realmente queria ter seu material roubado. Então, novamente, ela pensou, seus olhos pousando no pequeno conjunto de asas negras no vermelho brilhante da pintura do painel lateral, seria um ladrão estúpido aquele que levasse propriedade marcada como pertencente à Torre.

— Drogados não se importam, — disse ela, apontando para o emblema. — Os neurônios deles estão muito mexidos.

— É por isso que eu pedi ao porteiro para manter um olho nela. — Ele piscou para ela por ter prolongado a bronca por tanto tempo, seus cílios espessos e curvados levemente nas extremidades. — Aonde você quer ir? Eu não sou nada, além do seu fiel corcel hoje.

Balançando-se atrás dele, ela colocou uma mão enluvada no ombro dele e disse-lhe o endereço da clínica veterinária. Ele cheirava ainda mais delicioso de perto, a mordida perigosa dele em camadas com um tom terroso que ecoava sua personalidade: Janvier poderia se apresentar sofisticado, daquilo ela não tinha

nenhuma dúvida, mas sua verdadeira pele estava cheia de bordas sensualmente ásperas.

A moto veio à vida com um gutural rugido que vibrava entre as pernas dela. Puxando uma respiração, ela agarrou o pulso dele quando ele teria levado a mão para acariciar sua coxa.

— Mãos e olhos para frente.

Rindo, ele colocou as mãos de volta onde deviam estar depois de colocar as luvas.

— Se segure.

Ashwini controlou sua posição com as coxas conforme ele entrou no tráfego pesado, mantendo apenas uma mão no ombro dele para equilibrar-se. A jaqueta de couro batido dele não fez nada para isolá-la da intimidade de sentir o movimento do corpo dele, músculos e tendões e osso se deslocando sob o toque dela enquanto ele manobrava a moto através do mar de carros.

Quando um anjo voou baixo para roçar os veículos, o azul característico de suas asas fazendo com que os motoristas desacelerassem em uma admiração que nunca desvanecia, Janvier levantou a mão em reconhecimento casual. Ao invés de retornar à saudação, Illium apontou para o meio-fio e Janvier imediatamente deslizou a moto para fora do fluxo de tráfego e para outro ponto de estacionamento ilegal na frente de um hidrante.

Illium aterrissou na calçada quase no mesmo instante, guardando suas asas em um som sussurrado. Olhos dourados com cabelo preto como tinta mergulhado em azul e estrutura óssea impecável, ele era um dos mais espantosamente belos anjos que Ashwini já tinha visto. No entanto, ele não causava nada nela, poderia muito bem ter sido uma escultura em mármore criada por um mestre.

Era apenas Janvier que tinha penetrado no aço cauteloso de suas defesas, se feito em casa. Como ele tinha feito em seu sofá quase três semanas atrás, os braços em volta dela enquanto eles se estendiam para assistir a um velho filme

em preto-e-branco. Quando ela tinha começado a adormecer, o corpo ainda não plenamente recuperado, ele a tinha presenteado com um beijo na testa que ela podia sentir até hoje.

— Ash, — Illium disse, com um brilho diferente no dourado. — Eu tinha dado por certo que estaria organizando o funeral de Janvier quando ele disse que estava planejando enfrentá-la em sua toca. Eu até mesmo liguei para um agente funerário.

Ela levantou a viseira de seu capacete.

— Mantenha o número. Pode ser útil um dia desses.

— Como você continua me ferindo. — Janvier bateu uma mão sobre o seu coração dramaticamente antes de empurrar a viseira do seu próprio capacete. — Por que você nos puxou de lado, doce Bluebell? Você não consegue ver que eu estou agindo como o chofer da minha Ashblade?

Illium enfiou a mão pelo cabelo, empurrando para trás os fios longos que tinham caído em seu rosto.

— Dê-me uma de suas lâminas, — ele solicitou. — Eu preciso cortar isso antes que me cegue.

— Você faz isso aqui e haverá uma debandada para pegar os descartes, — Janvier apontou. — Sem mencionar a angústia que tal barbaridade irá causar nos corações tenros de todos aqueles que adoram a sua boa forma.

Illium murmurou algo descortês sobre Cajuns que deviam ser jogados de edifícios, o que nada fez para obscurecer a diversão de Janvier. O cabelo dele roçava a nuca também, mas ele estava confortável com aquele comprimento, e Ashwini gostava disso nele. Demais. Correr os dedos através da seda pesada dele era um prazer profundo que ela só tinha saciado em apenas raras vezes, muito consciente de que poderia se tornar um vício.

— Há uma situação que eu preciso que você lide, — Illium disse depois de empurrar o cabelo para trás novamente. — Os detalhes foram enviadas para seu telefone.

Ashwini encontrou o olhar do anjo.

— Eu deveria tapar meus ouvidos? — Caçadores tinham lutado ao lado de imortais na batalha para manter sua cidade, fariam novamente caso a situação chamasse, mas quanto à existência cotidiana, se envolver nos negócios da Torre poderia ser perigoso para a saúde de um mortal. — Ou eu posso saltar no metrô, — ela ofereceu, tirando sua mão do ombro de Janvier.

— Não, — disse ele, ao mesmo tempo em que Illium falou as palavras. — Calma, *cher*, — acrescentou Janvier. — Você não iria quebrar os nossos corações, iria?

— Qual é a situação? — ela perguntou a Illium, tentando ignorar o modo como a voz de Janvier envolvia-se em torno dela, tão sensual e sedutora quanto caramelo. Apesar do fato de que ele tinha sido Feito mais de dois séculos antes, ele não tinha perdido nem suas raízes bayou<sup>5</sup>, nem o sotaque de seu discurso, embora o ritmo de suas palavras tenham se alterado ao longo do tempo.

— O gado de um vampiro está acusando-o de maus-tratos.

Ashwini estremeceu ante o termo depreciativo, usado para descrever os humanos que se voluntariaram para atuar como a fonte de comida viva de um determinado vampiro, mas não podia culpar Illium por usar esse termo. Essas pessoas optaram por serem “Mantidas” por vampiros, *escolheram* ser vistas como estoques vivos, acariciados e mimados embora pudessem ser.

— Eu não percebi que o gado tinha quaisquer direitos.

Janvier foi o que respondeu, os olhos na tela de seu telefone enquanto ele rolava através da informação que tinha sido encaminhada a ele.

— Nem todos os vampiros apreciam seduzir seu alimento toda vez a cada noite, ou depender de bancos de sangues. É ruim para a população vampírica tais arranjos tornarem-se abusivos.

---

<sup>5</sup> Sul dos EUA, região pantanosa de um lago, ou rio

Illium cruzou os braços, a linha limpa de seu maxilar definido em uma linha dura.

— Se a notícia se espalha, mortais podem ficar inseguros.

— Você pensaria assim, não é? — Ashwini disse, lembrando as centenas de milhares que pediam para serem Feitos a cada ano, apesar de testemunharem inúmeros exemplos da brutalidade e violência que poderia ser o seu destino. Porque a quase imortalidade vinha com um preço: cem anos de serviço para os anjos, depois do qual a eternidade aguardava.

Se você sobrevivesse ao período de Contrato com sua mente intacta.

— Sempre haverá idiotas autodestrutivos no mundo. — Ela apertou o ombro de Janvier em concordância não dita. Ele era um vampiro não por causa de um desejo de vida eterna, mas porque ele tinha se apaixonado por outra vampira quando era um “Fedelho”. Suas próprias palavras. Ela sentia pelo homem mortal que ele tinha sido, porque ela sabia que, nesse sentido, ela e Janvier eram os mesmos: quando amavam, eles amavam desesperadamente, persistindo mesmo quando isso ameaçava destruí-los.

— É urgente? — Janvier recostou-se de volta ao toque dela. — Ash está se encaminhando para a mesma parte geral da cidade, então nós podemos lidar com a tarefa dela e ir para isso.

— É um rumor relativamente de baixo nível no momento, — disse Illium. — Uma ou duas horas não vão fazer qualquer diferença. — Espalhando suas asas em sua total amplitude, para o deleite dos adolescentes que tinham se reunido no vestibulo do prédio atrás dele, ele se preparou para voar. — Eu quase esqueci, está para ter uma celebração em pouco mais de um mês.

Ashwini piscou.

— Não um baile angelical? — Até onde ela sabia, Elena tinha uma antipatia declarada pelos eventos “Terrivelmente formais”. Ela tinha sido ouvida murmurando que preferiria enfiar um garfo no olho dela. Ashwini não podia ver

sua companheira caçadora mudando de ideia no rescaldo de uma guerra. Mesmo que ela estivesse ligada a um arcanjo assustador.

A risada de Illium iluminou os olhos dele e mandou uma mulher na calçada em um desmaio, aterrissando nos braços grossos de um policial nas proximidades.

— Ellie tem ameaçado atirar em qualquer um que até mesmo sugira tal farsa.

— Graças a Deus, — disse Ashwini com um arrepio. — Eu pensei por um segundo que ela tinha ficado louca e nós teríamos que organizar uma intervenção.

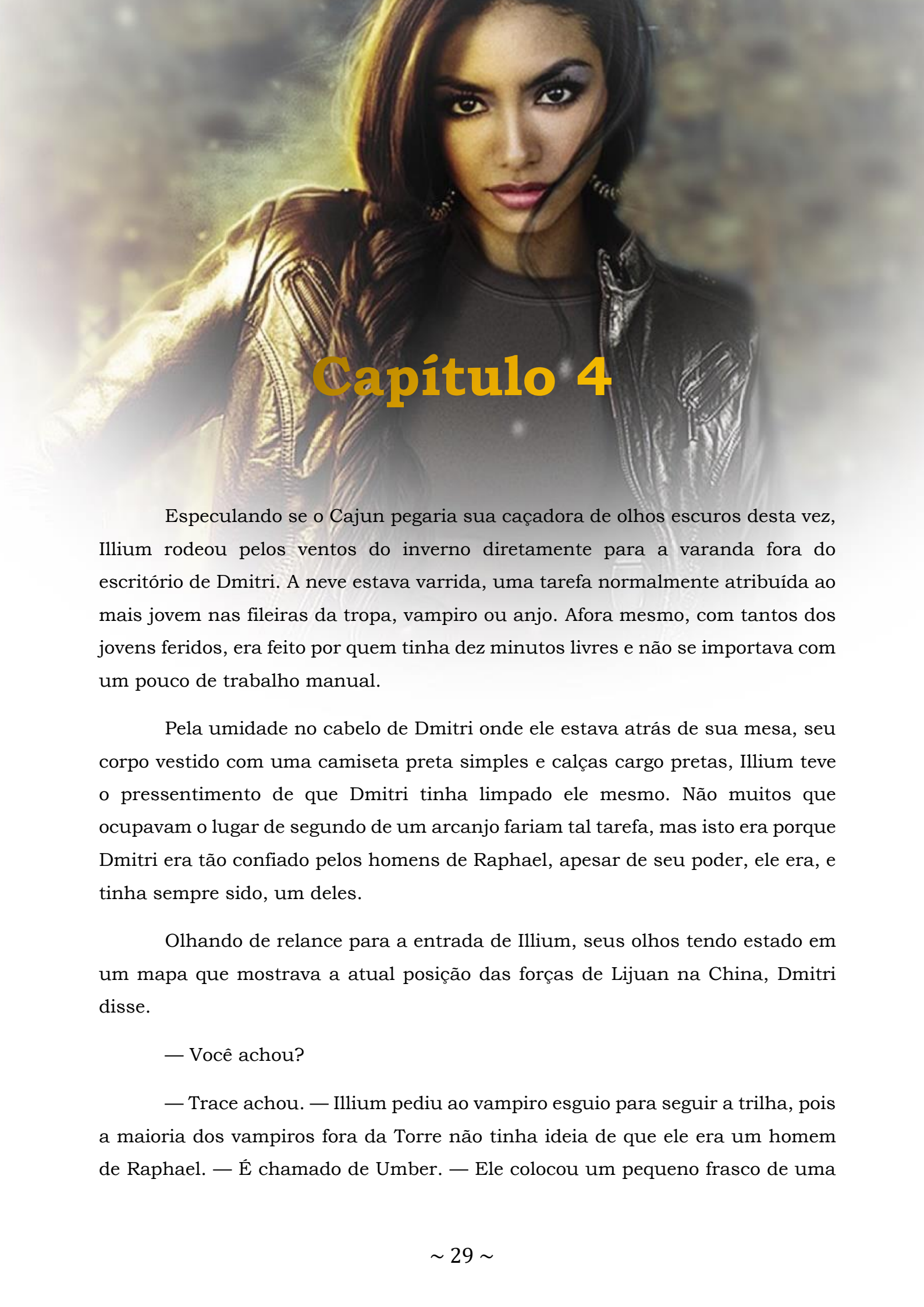
— Isso é para ser uma 'festa do quarteirão', como Ellie define isso, aberta a todo e qualquer cidadão da cidade. É para realizar-se nas ruas e nos telhados em torno da Torre.

— Isso é realmente uma ótima ideia. — Enquanto multidões não eram a coisa de Ashwini, ela não se importaria em terminar em um dos telhados com um grupo de amigos. Todos e cada um deles tinham pranteado no rescaldo da guerra, pelos lutadores, mortais e imortais, que tinham perdido suas vidas. Agora era hora de levantar uma bebida pelos seus camaradas caídos, e para recuperar totalmente sua cidade das sombras da guerra, enquanto davam um dedo gigante para aqueles que tinham procurado mutilá-la.

Janvier acelerou a moto naquele instante.

— Eu vou enviar um relatório uma vez que eu tenha verificado o relato de abuso.

— Eu vou estar na Torre. — Illium decolou em uma poderosa batida do azul selvagem acentuado com prata.



## Capítulo 4

Especulando se o Cajun pegaria sua caçadora de olhos escuros desta vez, Illium rodeou pelos ventos do inverno diretamente para a varanda fora do escritório de Dmitri. A neve estava varrida, uma tarefa normalmente atribuída ao mais jovem nas fileiras da tropa, vampiro ou anjo. Afora mesmo, com tantos dos jovens feridos, era feito por quem tinha dez minutos livres e não se importava com um pouco de trabalho manual.

Pela umidade no cabelo de Dmitri onde ele estava atrás de sua mesa, seu corpo vestido com uma camiseta preta simples e calças cargo pretas, Illium teve o pressentimento de que Dmitri tinha limpado ele mesmo. Não muitos que ocupavam o lugar de segundo de um arcanjo fariam tal tarefa, mas isto era porque Dmitri era tão confiado pelos homens de Raphael, apesar de seu poder, ele era, e tinha sempre sido, um deles.

Olhando de relance para a entrada de Illium, seus olhos tendo estado em um mapa que mostrava a atual posição das forças de Lijuan na China, Dmitri disse.

— Você achou?

— Trace achou. — Illium pediu ao vampiro esguio para seguir a trilha, pois a maioria dos vampiros fora da Torre não tinha ideia de que ele era um homem de Raphael. — É chamado de Umber. — Ele colocou um pequeno frasco de uma



substância marrom avermelhada na mesa de Dmitri, mas enquanto a cor ecoava o pigmento pelo qual foi nomeada, a textura era incomum.

O conteúdo brilhava como minúsculos fragmentos de vidro ou balas duras esmagadas.

Dmitri pegou aquilo e o inclinou para a luz.

Era, Illium viu, estranhamente belo, apesar do fato que a luz revelou que os cristais tinham um tom de amarelo doentio.

— Mastigado?

Ele assentiu ante a pergunta de Dmitri.

— Esse parece ser o método preferido de ingestão com os usuários que Trace foi capaz de identificar. O fornecedor está tomando extremo cuidado para manter isto oculto e disponível apenas para uma clientela seleta.

— Exclusividade a torna mais valiosa. — Dmitri colocou o frasco de volta para baixo. — Efeitos?

— Alto desejo sexual e viciante com um único uso. — Trace tinha relatado ter visto a mulher de quem ele tinha seduzido a amostra tremendo em prazer carnal depois que ela comeu um pedaço, as mãos dela cobrindo os seios e os olhos com pálpebras pesadas. — Os efeitos em longo prazo são desconhecidos, Trace foi capaz de confirmar que a droga só chegou às ruas nos últimos dois dias. Nós tivemos sorte de pegá-la.

— Não. Nós não tivemos sorte; estávamos preparados. — Dmitri tinha começado a criar uma rede de informantes por toda a cidade durante os preparativos para a batalha, e foram aqueles informantes quem haviam relatado uma crescente excitação na população vampira rica. Tudo isso relacionado a uma misteriosa nova droga.

Muitos desses novos informantes eram humanos e certo número eram doadores de sangue, especificamente doadores geneticamente abençoados que tinham contato com vampiros mais poderosos e mais velhos numa base regular.

O truque era que nenhum dos informantes sabia que eles serviam à Torre. Um conjunto de doadores exclusivos, por exemplo, reportava-se à mulher que dirigia o clube vampiro top da cidade, em troca do sinal de estarem no círculo íntimo dela.

A ideia da rede sutil, mas poderosa, tinha vindo de Raphael.

— *Elena, — o arcanjo havia dito, — Me tem feito perceber que não estamos utilizando plenamente todos os nossos ativos.*

*Eles tinham estado de pé no telhado da Torre naquele momento, o vento uma besta selvagem. Quando Raphael virou para Dmitri, fios de cabelo pretos como a meia-noite tinham batido em seu rosto.*

— *Os mortais veem coisas que nós não vemos, preste atenção às pessoas que nós podemos, de outra forma, dispensar. — De frente para o vento, mais uma vez, Raphael tinha continuado. — Precisamos daquela informação, mas eu não vou arrastar os amigos de Elena muito profundamente para o mundo imortal. — Um instante de contato ocular perfurante. — Tal ação só pode acabar mal para eles.*

*Dmitri sabia que Raphael já não estava falando sobre os amigos de Elena, mas sobre o horror do passado do próprio Dmitri.*

— *Eu não te culpo, senhor. Nunca culpei. — Ele culpava o anjo perverso que tinha torturado ambos. — Sem você, eu teria arrancado meu coração e estado morto em um túmulo distante uma eternidade atrás.*

— *Eu me culpo, Dmitri, e não deixaria Elena sentir o mesmo. Configure a rede usando os mortais que tenham escolhido livremente permanecer à margem do mundo imortal como base.*

— *Raphael. — Quando o arcanjo se virou para olhar para ele com aqueles olhos que ardiam com poder, Dmitri tinha estendido o braço. — O passado é passado, e se alguma vez houve uma dívida entre nós, foi paga no dia em que você Fez Honor. — Aqueles vampiros Feitos por um arcanjo eram mais fortes desde o primeiro dia, mais difíceis de ferir ou matar. — Você é meu senhor, mas você vai ser sempre, em primeiro lugar, meu amigo.*

*A mão de Raphael havia fechado no seu antebraço, a dele sobre a do Arcanjo.*

*— Espero ouvir as mesmas palavras daqui a mil anos.*

*— Você vai. — Dmitri e Raphael tinham chegado perto de perder-se no insidioso frio da eternidade, mas aquilo não era mais uma ameaça.*

Hoje, era Illium que preocupava Dmitri. A maioria das pessoas, mortal e imortal, via charme e um vívido entusiasmo pela vida quando olhava para o anjo de asas azuis. Dmitri via poder crescente e uma escuridão crescente. Tudo o que segurava a escuridão à margem era a conexão estreita de Illium com Elena e Raphael, e para os Sete. Mas chegaria um momento em que Illium se tornaria demasiado poderoso para permanecer na cidade.

Então, quem iria mantê-lo... humano?

— Quanto tempo os efeitos do Umber duram? — Dmitri perguntou, fazendo uma nota mental para falar para Raphael sobre a descida lenta e quase imperceptível de Illium ao abismo gelado que quase tinha consumido os dois. Ao contrário dos outros Sete, Illium não podia ser destacado de volta ao Refúgio para auxiliar Galen e Venom; a distância de Elena e Aodhan, em particular, iria indiscutivelmente acelerar a devastação do tipo de poder sob o comando de Illium.

— Mais do que os efeitos de uma alimentação doce, — o anjo de asas azuis disse em resposta à pergunta dele.

Dmitri franziu a testa. O metabolismo de um vampiro diferia do de um mortal, ou seja, drogas normais, não importa o quão duras, metabolizavam muito rapidamente para valer a pena o custo ou o incômodo. Uma alimentação doce, extrair sangue diretamente da veia de um mortal viciado em drogas que tinha acabado de injetar, cheirar, ou de outra forma ingerir seu veneno de escolha, proporcionava uma viagem que poderia durar até 10 minutos.

— Quanto melhor?

— Uma hora por meio grama de Umber.

Dmitri ficou imóvel.

— Uma hora. — Nenhuma outra droga conhecida no planeta tinha tal efeito intenso sobre a população de vampiros. — Não é surpreendente, então, que se tornou tão cobiçada tão rapidamente.

— Trace tem sido capaz de identificar dez usuários até agora, todos Embelezados<sup>6</sup>.

Dmitri conhecia o tipo: bonito, mas inútil. Vampiros mais velhos e ricos que existiam apenas para descobrir novos prazeres, novos pecados. Qualquer coisa para quebrar o tédio. Dmitri tinha uma vez, durante o pior de sua dor, se juntado a eles, somente para descobrir que ele não poderia passar seus dias sem fazer nada. Era uma existência insípida e vazia, e até mesmo tão autodestrutivo quanto ele tinha estado, ele não podia afundar nisso.

— Eles são provavelmente os únicos que podem pagar a droga.

— Não é tudo bons tempos. — Illium empurrou seu cabelo para trás com uma mão impaciente. — Durante os efeitos, uma porcentagem dos viciados são atingidos pela necessidade de se alimentar vorazmente. Pelo menos um dos Embelezados está atualmente passando por uma viciosa desintoxicação porque ele se recusa a tocar nessas coisas de novo.

Dmitri levantou uma sobrancelha.

— Não muito os preocupa em sua busca de sensação. — Entorpecidos dentro de séculos cedendo a cada um de seus caprichos, a necessidade dos Embelezados de agarrar o novo, o brilhante, sustentavam um lamentável desespero.

— Este Embelezado é parte de um casal de longo prazo, — Illium disse a ele. — Ele se alimentava de sua parceira durante os efeitos e ele não foi gentil, o pescoço dela estava em carne crua no final, sua medula espinal exposta. Mais alguns minutos e ele poderia ter cortado aquilo, matado-a.

---

<sup>6</sup> Na verdade era uma expressão, no original : *Gilding the lily* - A expressão é uma condensação da metáfora de Shakespeare em King John: "Para dourar o ouro refinado, para pintar o lírio ... é o excesso de desperdício e ridículo." ou seja, você não precisa adicionar ouro para um belo lírio.

Dmitri compreendia a profundidade do horror do macho. Tais conexões profundamente leais eram raras entre os imortais, muito menos no mundo dos Embelezados, e deviam ser protegidas. Dmitri se mataria antes de colocar um dedo em Honor com violência.

— Largue isto lá embaixo, — disse ele, batendo o frasco. — Tenha-o testado para tudo.

Illium pegou o frasco.

— Diga a Trace que ele pode se reportar diretamente a mim, — Dmitri acrescentou. — Eu quero que você se concentre nos homens e mulheres que os curandeiros têm liberado. — Uma porcentagem significativa das forças da Torre permanecia em descanso, mas combatentes feridos o suficiente estavam agora caminhando sob seus próprios meios, assim ele precisava que Illium se encarregasse do treinamento físico deles. Tomaria trabalho hábil para levá-los de volta à força total em um curto espaço de tempo.

— Converse com Galen, discutam um regime trabalhável. — O mestre de armas não podia deixar o Refúgio, especialmente após as recentes tensões lá, mas isso não significava que ele não estava disponível para o resto dos Sete. — Ele já enviou seu primeiro conjunto de ordens, tem pessoas em movimento.

Illium se curvou profundamente, acrescentando um elegante floreio com uma mão.

— Sim, Ó Suserano Sombrio.

Com os lábios se contorcendo, Dmitri esperou com cada célula de seu corpo que Illium encontrasse seu caminho através das pressões esmagadoras da imortalidade e poder, que ele não perdesse o *joie de vivre* que tinha sido uma parte dele desde que ele era novo. Dmitri tinha testemunhado, uma vez, um pequeno bebê anjo de asas azuis cair duro na terra depois de enredar suas asas, sua trajetória de voo antes da queda a de um zangão bêbado. Apesar de correr, Dmitri tinha estado muito longe para pegá-lo.

Quando ele tinha chegado ao local do acidente, esperara encontrar uma criança soluçando e ferida. Machucado, ele tinha estado, uma asa amassada, mas Illium já estava de pé, seus braços machucados e raspados levantados e suas mãos em punhos, o rosto brilhando.

— *Eu voei tão longe! Você viu?*

Dmitri nunca tinha esquecido aquele primeiro encontro com um menino que tinha lhe lembrado do espírito irreprimível de seu próprio filho. A vida de Illium não tinha sido sempre indolor, e tinha deixado cicatrizes, mas nenhuma delas tinha sido tão perigosa quanto o poder agora se reunindo dentro dele. No entanto, a questão não era crítica.

Ainda não.

— Vá embora, Bluebell, — disse ele, uma imagem do menino minúsculo que ele tinha levado para casa, para a mãe frenética naquele dia em primeiro plano na sua mente. — O Suserano Sombrio precisa falar com certo espião.

Andando de volta para a porta, Illium disse.

— Jason está de volta ao país?

— Ele voltou da China na noite passada. — Do território da arcanjo insana que pensava nela mesma como uma deusa. — Conseguiu passar pela fronteira e todo o caminho até a cidadela mais interiorana. — Dmitri não tinha ideia de como, mas era por isso que Jason era espião de Rafael e Dmitri era sua espada e seu segundo.

Um farfalhar de asas anunciou a presença de Jason na porta da varanda.

Era hora de discutir o coração do território inimigo.

\*\*\*\*

Ashwini e Janvier chegaram a clínica veterinária em um tempo relativamente curto, graças a habilidade de Janvier em cortar através do tráfego,

o azul do céu ainda afiado com nuvens laranja-rosa que banhavam tudo em uma luz de perdão. Nada, porém, poderia suavizar o impacto de ver o corpo que os aguardava na pobre clínica, mas limpa em Chinatown.

Sara tinha razão. Este pequeno e indefeso animal precisava da atenção de um caçador, ao invés da do veterinário. Não apenas o Cocker Spaniel estava murcho e sem sangue, sua garganta havia sido devastada como se por um animal selvagem.

— Colocando de lado a perda de sangue, — disse ela ao veterinário, — é possível que estas feridas possam ter sido feito por outro animal maior?

A mulher mestiça e alta, suas feições afiadas e marcantes, empurrou os óculos mais para cima no nariz e arrastou os olhos para fora de Janvier.

— A água suja no ralo onde ele foi encontrado fez um bom trabalho em bagunçar com a ferida, e eu tenho certeza que os ratos têm estado neste menino doce, também. — Ela tocou a mão na emagrecida cabeça do cão. — Não há como dizer quanto tempo ele estava lá embaixo. Poderiam ser dias, poderiam ser semanas. Mesmo que *fosse* um cão perverso...

— Sim, nenhum animal suga para fora cada gota de sangue em seu corpo. — Um arrepio em seus ossos, Ashwini verificou os dentes do Cocker Spaniel, a pele do cão tendo se retraído fortemente para expor a linha da gengiva; o esmalte estava corado e rachado. Mesmo que ele tivesse mordido seu atacante, a evidência já estava muito contaminada para ser de alguma utilidade forense. — Quem o encontrou?

— Um homem sem-teto que paira em torno da área. O coitado estava inconsolável sobre isso. — Um enrijecimento súbito no corpo da veterinária, os olhos piscando por trás das lentes claras de seus óculos. — Ele é inofensivo, tenho certeza de que ele não tem nada a ver com isso.

— Eu não estou planejando caçá-lo. — O que Ashwini estava olhando não era um crime por um mortal. Tinha todas as características de envolvimento imortal, embora ela tivesse que desenterrar informações sobre o tema da



mumificação natural, também, sobre a chance de que fosse uma possibilidade. — Você pode fazer autópsia do corpo?

— Chama-se necropsia quando é um animal, e claro. Se alguém for pagar por isso. — O olhar dela foi de Ashwini para Janvier e voltou. — Como você pode ver, — um aceno em torno da sala de exame pobre, a pintura descascando das paredes e o linóleo usado. — Eu não cobro exatamente muito dos meus clientes, então eu preciso do dinheiro de quem pode pagá-lo.

— A Sociedade vai cobrir isso. Procure por qualquer coisa estranha, além do óbvio.

— Terá que ser amanhã. Prometi a minha filha que eu estaria em casa para o jantar hoje à noite. — A veterinária tirou os óculos para comprimir a ponte do nariz entre o indicador e o polegar. — Com a batalha e tudo, ela precisa da mãe dela.

A garganta de Ashwini ficou grossa; ela sabia de tudo sobre precisar de sua mãe. Tossindo ligeiramente em um esforço para eliminar a obstrução, ela disse.

— Chame-me quando estiver pronto. — Ela realmente não esperava que a veterinária encontrasse algo significativo, mas melhor verificar e certificar-se do que perder um fato crucial. — Você entende que isso é confidencial?

— Eu não estou perto de mexer com a Torre ou a Sociedade por fofocar.

Saindo da clínica poucos minutos depois, Ashwini olhou para Janvier.

— Algum animal já foi infectado com vampirismo alguma vez?

— Não é uma doença, *cher*.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Até onde eu sei, — disse ele, passando-lhe um capacete, — Nenhum animal jamais se tornou um vampiro, mas sou relativamente jovem em termos imortais. Você quer que eu cheque com Dmitri?

— Sim, eu acho que se alguém souber, seria ele.

As coxas dele definidas contra o denim da calça jeans conforme ele montava na moto, Janvier pegou seu próprio capacete.

— O corpo, — ele disse, segurando o olhar dela. — Me lembrou da atrocidade que assistimos durante a batalha.

Um arrepio a percorreu.

— A mim também.

Ashwini, Janvier e Naasir tinham assistido Lijuan enterrar o rosto no pescoço de um dos seus soldados, a boca aberta e os dentes brilhando. Quando ela levantou o rosto para cima, a parte de baixo era uma máscara macabra de vermelho, e ela estava inchada com o poder, suas feridas curadas, enquanto o soldado jazia numa casca morta aos seus pés, um sacrifício voluntário.

— Mas, — Ashwini apontou, — mesmo que Lijuan tenha, de alguma forma, ressuscitado a si mesma desde a batalha, — embora ela não pudesse imaginar como, quando Raphael tinha explodido a vadia louca em pedaços. — Eu não posso ver um arcanjo que considera a si mesma uma deusa alimentando-se de animais. Eu acho que ela preferiria morrer de fome.

Janvier escorregou seu capacete.

— O cachorro também não foi dissecado o suficiente para que isso seja Lijuan.

— Você está certo. — As cascas vazias que evidenciavam as alimentações de Lijuan tinham sido tão frágeis, Naasir tinha esmigalhado um em inúmeros fragmentos quando tentou carregá-lo como evidência. No final, eles tiveram que deixar as cascas onde tinham caído, depois que Ashwini tirou múltiplas fotografias usando seu telefone.

Quando Janvier e Naasir retornaram para o local após a derrota de Lijuan, foi para descobrir que os renascidos tinham debandado, esmagando os restos a pó.

— Qual é a chance de Lijuan *estar* totalmente morta? — Colocando seu capacete, ela subiu na moto atrás de Janvier.

— Baixas, — disse ele sobre o barulho gutural do motor da moto. — Arcanjos não morrem facilmente, e Lijuan é a mais antiga do Cadre, se não incluirmos a mãe de Raphael.

Não eram as notícias que Ashwini queria ouvir. Porque quem diabos sabia o que um arcanjo meio morta poderia fazer, mesmo depois que corpo tenha sido aniquilado?



## Capítulo 5

**E**lena esticou os ombros enquanto sentava no telhado do edifício entregue à Legião, com as pernas penduradas sobre o lado e suas asas descansando contra o concreto áspero da superfície. A posição dava a ela uma visão direta da Torre, suas janelas brilhando com a glória refletida do que prometia ser um pôr do sol deslumbrante.

Agachado ao lado dela estava o Primary, na pose de descanso como uma gárgula distintiva da Legião. Asas arqueadas no alto e um braço apoiado no joelho, ele estava vestido com o que tinha sido preto, mas agora estava empoeirado, o escuro de seu cabelo o mesmo. Ele ainda não era "humano" em qualquer sentido, mas ele não fazia mais os cabelos dela subirem na parte de trás do pescoço.

Na maior parte do tempo.

— Você está cansada.

Elena levantou a mão para arrumar seu rabo de cavalo, seu cabelo úmido do banho rápido que ela tinha tomado, caso contrário ela estaria tão coberta de poeira e areia quanto o Primary.

— Dia agitado. — Ela tinha passado o dia transportando material para facilitar a reparação de um dos arranha-céus periféricos que tinha sido danificado durante a batalha. — Como as modificações deste edifício estão indo?

— Não foi construído para os residentes alados.

O macho estranho e vindo-das-profundeza estava ficando loquaz, ela pensou secamente.

— Sim, há um monte de trabalho a ser feito. — Varandas sem grades tinham que ser adicionadas, paredes internas derrubadas, janelas transformarem-se em portas, o que era seguro e confortável para os mortais e vampiros, era chato e sufocante para os seres alados.

A revisão levaria tempo, mas uma avaliação técnica por uma equipe especializada tinha mostrado que seria ainda mais rápido e mais eficiente modificar um edifício já existente aos requisitos da Legião do que construir um novo a partir do zero.

— Suas pessoas estão lidando bem com isso por agora? — Uma coisa que o Primary tinha dito a eles foi que, embora a Legião não precisasse dormir, seus homens não lidavam bem com estar separados um do outro tão pouco tempo após a sua ascensão.

— Sim. Nós nos reunimos no telhado.

Elena sabia disso. A primeira noite em que ela tinha olhado da Torre à meia-noite e visto as suas formas agachadas, aqueles cabelos na parte de trás do pescoço dela tinham levantado imediatamente. Ela se perguntava se a Legião tinha alguma ideia do quão seriamente *diferentes* eles podiam ser, por vezes.

— Se a neve estiver muito fria, nós podemos organizar...

— O telhado é aceitável.

— Você sente falta do mar?

Uma longa pausa, a resposta em pausa, como se ela tivesse feito a ele uma pergunta que ele não tinha considerado até esse instante.

— Sim... havia paz... e maravilha... mais do que olhos mortais ou imortais... já viram.

Elena não podia fazer nada além de assentir; ela não tinha tido nada além de um vislumbre do domínio da Legião, e tinha sido de beleza assombrosa na interminável escuridão.

— Eu tive outra casa, também, uma vez, — ela contou a ele, apontando para além da Torre. — Um apartamento naquele prédio com o telhado serrilhado.

A resposta do Primary pareceu ilógico, mas ela quase podia ver como ele tinha trabalhado seu caminho até isso.

— Você não é mortal e, ainda assim, você é.

— Eu acho que isso me descreve muito bem. — Inclinando o rosto para o vento acariciante, ela inspirou a miríade de aromas de sua cidade. Uma cidade feita de espírito e coragem e pura mentalidade sangrenta.

Tal como o povo dele.

E então o beijo doce da chuva, o estampido do mar estava na mente dela, as asas magníficas de Raphael em voo enquanto ele decolava da varanda da Torre, onde tinha estado falando com Dmitri e Jason. Respiração em sua garganta com o poder e habilidade do voo dele, Elena não se mexeu. Cinco segundos depois, ele trouxe a si mesmo pairando a poucos metros dela, fazendo a manobra parecer sem esforço quando Elena sabia por experiência própria que segurar-se em suspenso tomava brutal controle muscular.

Vestido com couros de combate sem mangas semelhante ao do Primary, embora o dele fosse um marrom profundo, ele olhou para o líder da Legião.

— Meu segundo deseja falar com você. — Um raio de sol poente atingiu o violento azul-incêndio do complexo e a extraordinária marca que corria do lado direito da testa até o topo da bochecha dele.

Um dragão estilizado, que era o que a mente de Elena havia dito da marca pela primeira vez que a tinha visto como um todo, mas a verdade era que era difícil descrever claramente. O impacto era visceral, como se as linhas irregulares carregassem um poder impossível.

— Majestade. — O Primary decolou em silêncio.

Elena estremeceu.

— Eu não consigo me acostumar com o fato de que as asas deles não farfalham. — A Legião tinha asas mais comparáveis às de morcegos dos que às dos anjos, fortes e com membranas e assustadoramente quietas.

— Elas são construídos para discrição, — Raphael respondeu, o matiz estilhaçado de seus olhos focados apenas nela, o azul tão puro que quase machucava.

*Para casa, hbeebti?*

Tudo nela ressoou ante o incrível poder dessa pergunta, da base que estava por baixo desta. *Casa* era uma verdade para ambos agora.

— Sim, a menos que a situação da droga que você mencionou signifique que nós temos que ficar na Torre. — Ela não gostava de como este tal de Umber soava.

— Dmitri tem as mãos no assunto, e Illium vai tomar a vigilância da noite sobre a Torre, com Aodhan de companhia. — Um brilho de riso nos olhos dele, seu arcanjo que não era mais o ser desumano e glacial que a tinha feito fechar a mão sobre uma lâmina, o sangue dela gotejando quente e vermelho para o telhado da Torre. — Naasir está para chegar esta noite.

Elena fez uma careta. Raphael continuava a recusar-se a dizer a verdade sobre Naasir, o vampiro que era diferente de qualquer outro vampiro que ela já conheceria.

— A vingança será minha, — ela ameaçou. — Eu dormiria com um olho aberto, se fosse você.

O vento cobiçoso empurrou fios da seda obsidiana que era o cabelo dele pela bochecha.

— Eu gostaria de te lembrar de sua própria conclusão que o nosso mordomo não estaria impressionado com os lençóis encharcados de sangue.

As palavras solenes dele surpreenderam-na em um sorriso.

— Estou surpresa que Naasir foi capaz de voltar aqui tão cedo. — O vampiro tinha voltado para Amanat, o território mantido pela mãe de Raphael, Caliane, até duas semanas e meia atrás. — Não precisamos dele para manter um olho sobre as águas no território de Lijuan? — Jason entrava e saía, mas o espião não poderia estar sempre no mesmo lugar.

— Venom tomou o lugar de Naasir temporariamente. — Desta vez, a diversão que tomou forma nos lábios de Rafael foi aguda. — Minha mãe ligou para perguntar o que mais eu tenho no meu jardim zoológico.

Elena bufou, não duvidando do tom mordaz de Caliane.

— Você pode culpá-la? Primeiro você enviou a ela um tigre que come pessoas que ele não gosta, e, em seguida, um vampiro com os olhos e presas de uma víbora. — Ela levantou um dedo. — Ah, e não vamos esquecer a mortal que você mantém como um animal de estimação.

— Minha mãe não te considera meu animal de estimação, Elena. Ela é muito gentil com animais de estimação.

— Oh, ouch!

Diversão desvanecendo, Raphael fechou a distância entre eles para segurar a mandíbula dela.

— Você foi à enfermaria depois do banho.

— Sim. — Tinha se tornado hábito visitá-la um par de vezes por dia. E continuava a aterrorizá-la construir laços com tantos homens e mulheres que poderiam morrer em batalhas por vir, cada morte cortando outro pedaço do seu coração, ela estava lidando com isso um dia, uma amizade, por vez.

— Mood está otimista, — ela disse a Raphael depois de envolver os braços em volta do pescoço dele, — Especialmente desde que Galen deu a ordem que qualquer um remotamente capaz de andar é para estar de pé e ativo *ou mais*. — Os lábios dela se curvaram. — Eu o ouvi amaldiçoar em pelo menos oito línguas



diferentes, ameaçar de assassinato e outras formas mais criativas de vingança por um número grande de, muito suados, anjos e vampiros. — Todos os quais tinham sido feridos ou na Queda ou na luta contra Lijuan. — Meu favorito pessoal tinha a ver com marmelada, aranhas, cordas de escravidão e um barril gigante.

— Então isso é tão bom quanto meu mestre de armas está no Refúgio.

— Como se algo disso iria perturbar Galen. Provavelmente, ele comeria as aranhas e rasgaria as cordas com as próprias mãos. — O anjo, construído como um tanque, era uma força da natureza. — Mas, por baixo das queixas, tudo o que vi foi alívio. Os que estão de pé estão felizes por serem exigidos tão duramente, tratados como os guerreiros que são, e os que ainda não estão se movendo têm uma fonte de diversão e um objetivo.

Raphael passou os braços ao redor da cintura dela e puxou-a para fora de seu poleiro enquanto se virava em um ângulo impossível, sua asa arqueando através da visão dela antes que ele os trouxesse pairando verticalmente.

— Então, esta noite, — disse ele, sua respiração como um beijo nos lábios dela, — O nosso povo está seguro, a cidade está sob vigilância, e eu posso passar a noite com a minha consorte.

Roubando um beijo do arcanjo que era sua própria droga pessoal e muito particular, Elena disse.

— Agora, — e ele a soltou.

Ela abriu as asas, varrendo a brisa fria, a alegria em voar é uma coisa viva dentro dela. O céu era um brilhante show de escarlata e laranja agora, a expansão da neve no Central Park chamejante e os arranha-céus brilhando como pedras preciosas facetadas. Em contraste com a cor selvagem do céu, o ar era cristalino, gélido do frio. Os pulmões dela expandiram-se em puro prazer físico. Então, ela olhou para a esquerda e sentiu sua testa se enrugar.

Raphael tinha mergulhado mais baixo do que ela, e o fogo branco que havia se tornado mais e mais aparente para ela lambeu chamas como o sol sobre as penas dele.

*Você está queimando mais uma vez, e não me diga que é uma ilusão.*

Virando para a direita, Raphael planou acima, em seguida, varreu para baixo de volta ao lado dela.

*Não faz nenhum sentido racional minhas asas ficarem em chamas, qual uso tem um arcanjo que não pode voar?*

*Você está tendo qualquer dificuldade no momento?*

*Não.*

Uma pequena pausa.

*Na verdade, eu estou cortando o vento de forma mais suave do que o habitual.*

Tendo em conta que as competências habituais de Rafael eram fenomenais, aquilo era um ativo sério.

*A borda de sua asa está totalmente envolta em fogo branco por todo o caminho até o seu abrigo secundário, ela disse a ele. Chegue mais perto e por baixo de mim para que eu possa tocar sua asa.*

Elena estava ficando melhor em voar a cada dia que passava, mas esse tipo de manobra estava além dela, atualmente.

Raphael deslocou-se para a posição que ela tinha pedido, parte de sua asa sob a mão dela. Estendendo a mão, ela tocou os dedos no fogo branco.

*Eu posso sentir suas penas abaixo do fogo. Sedosas e fortes e como sempre tinham sido. Mas a chama está brincando por cima dos meus dedos. É fria ao toque e se sente como você.*

Era impossível de explicar, ela podia sentir a chuva e o vento contra as pontas dos dedos, sentir o mar batendo.

Raphael mudou as asas para voar ao lado dela.

*Mais uma vez, temos companhia.*

*Caramba. Eu gostaria que eles usassem sinos ou alguma coisa.*

Ela tinha perdido totalmente os lutadores da Legião que tinham vindo junto a eles, ambos vestidos basicamente em couros pretos de combate, sem mangas.

Quando ela olhou para aquele à sua esquerda foi para encontrá-lo encarando-a.

Cabelo preto e pela dourada, ele tinha olhos pálidos, *pálidos*, aneladas em um azul puro que ecoava o de Raphael, suas asas de um ouro batido onde as penas maiores de voo de um anjo estariam. Em contrapartida, quando as asas do lutador da Legião expandiram-se para fora de suas costas, a textura de couro era um preto idêntico ao preto nas asas de Elena, a cor sangrando em um azul meia-noite que se fundia com o ouro.

Era exatamente a mesma coloração que o Primary tinha, a Legião toda cunhada na mesma máquina de impressão, mas ela sabia que esse não era o Primary. Enquanto o líder da Legião passava um senso de idade terrível, de memória infinita, este lutador parecia estranhamente jovem aos sentidos de Elena. Como se mal tivesse sido formado antes de suas longas eras de Sono nas profundezas.

Erguendo a mão, ela acenou, só para ver o que ele faria. Somente o Primary tinha falado com Elena e Raphael até agora. Interação tal como a que ela teve com ele na cobertura naquele dia era ainda mais rara.

— Olá! — Ela gritou junto com seu aceno.

O lutador da Legião inclinou a cabeça para o lado como um pássaro curioso e balançou-se mais perto. Então ele levantou a mão e fez eco do movimento de Elena. Encantada, ela riu e acenou de volta. Os lábios dele se moviam, como se ele estivesse tentando descobrir como rir ou sorrir. Embora desistisse da tentativa logo depois, ele ficou ao lado dela por todo o Hudson.

*Você quer que eu os mande parar a escolta?*

Elena balançou a cabeça ante a questão de Rafael.

*Eles parecem gostar de fazer isso por alguma razão e é bastante inofensivo.*

A escolta para a casa — se para o Enclave ou para a Torre — tinha começado em silêncio, logo após que os reparos iniciais do pós-batalha estavam completos, e agora era um ritual. *A menos que você esteja planejando puxar-me em uma dança...*

*Você está concordando em ficar nua acima de Manhattan?*

*Não neste século.* Pele aquecendo ante até mesmo a ideia disso, apesar de que nem todo o calor era mortificação, ela voou para o rio. O lutador da Legião desceu com ela e deslizou sobre a água ondulando ao lado dela, uma expressão perplexa no rosto. *Acho que ele está tentando descobrir por que eu iria querer fazer isso.*

*Eu não acho que a Legião entende a alegria.*

Raphael voou para baixo para se juntar a ela, antes que os dois disparassem de volta para cima até quase verticalmente para chegar além do topo do penhasco, no qual estava a casa deles. Os músculos de Elena esticaram-se com a subida, mas ela estava em regozijo ao completar sem vacilar.

— Sim! — Ela jogou seu braço para cima e para baixo enquanto se juntava a Raphael no gramado.

O lutador da Legião pousou ao lado dela, enquanto o parceiro dele desceu ao lado de Raphael. Virando-se para seu arcanjo, ela disse, — Como foi o meu desempenho? — Era uma questão séria.

— Você está inclinando ligeiramente para a esquerda.

— Eu tive essa sensação. Eu não consigo pegar o equilíbrio certo. — Com a testa franzida, ela arrumou suas asas e olhou para o lutador da Legião que tinha acenado para ela. — Alguma dica?

— Você está acostumada a carregar um arco e flecha no lado direito do seu corpo, e você se inclina para equilibrar-se, mesmo quando você não o leva amarrado.

Elena encarou.

*Eu acabei de imaginar isso ou ele falou?*

*Ele falou.*

Raphael voltou sua atenção para o lutador.

— Sua visão é aguda. — Girando para Elena quando o lutador inclinou a cabeça em direção a ele, na forma como a Legião tinha de fazer com Raphael, ele disse. — Você não precisa corrigir a inclinação. Aprenda a estar ciente dela e consciente de como isso afeta o seu equilíbrio quando você não tem o arco e flecha.

Elena assentiu, agradeceu o lutador da Legião, então disse.

— Querem vir para um passeio? — para ele e seu parceiro. — Eu estou indo para a estufa.

*Caçadora da Sociedade, o que você está fazendo?*

*Tentando humanizá-los, por assim dizer. Ela não podia manter-se perturbada por uma força que pertencia tão profundamente a ela e Raphael que o conhecimento era um zumbido em seus ossos. Você não precisaria de algumas dicas se você tivesse estado enterrado no fundo do oceano por milênios?*

— Vou dizer a Montgomery para enviar refrescos para vocês.

Quando Elena girou nos calcanhares para caminhar em direção à estufa, ambos os lutadores da Legião caminharam com ela.

*Hah, ela disse a Rafael, aposto que você não achou que eles iam aceitar meu convite.*

*Você iria ganhar essa aposta.*

Soprando-lhe um beijo por cima do ombro, ela continuou para a estufa. Normalmente, ela tirava a maioria de suas armas uma vez dentro do refúgio quente e úmido, embora ela as mantivesse em fácil acesso, mas hoje ela não tirou uma única faca. Era uma coisa tentar conhecê-los, outro era confiar cegamente em uma força milenar que tinha saído do nada, zumbido nos ossos ou não.

Ela era hiperconsciente dos lutadores silenciosamente em pé, em ambos os lados da porta enquanto ela checava suas plantas. Quando Montgomery, vestido como de costume em um elegante terno preto, uma camisa branca, chegou com uma bandeja de café e pequenas coisas deliciosas, ela disse.

— Eu já te disse o quanto eu te amo, Montgomery?

— Hoje não, minha senhora.

Elena estremeceu interiormente. O mordomo havia se acostumado a chamá-la de ‘Caçadora da Sociedade’ e, então, a batalha havia acontecido e ele tinha revertido.

— O que você trouxe? — Ela perguntou, sabendo que Montgomery já teria notado seu erro.

— Éclairs feito fresco por Sivya, muffins de mirtilo e frutas. — Derramando o café em uma caneca para ela e acrescentando dois açúcares, ele colocou-o no banco dela. — Os senhores gostariam de uma bebida?

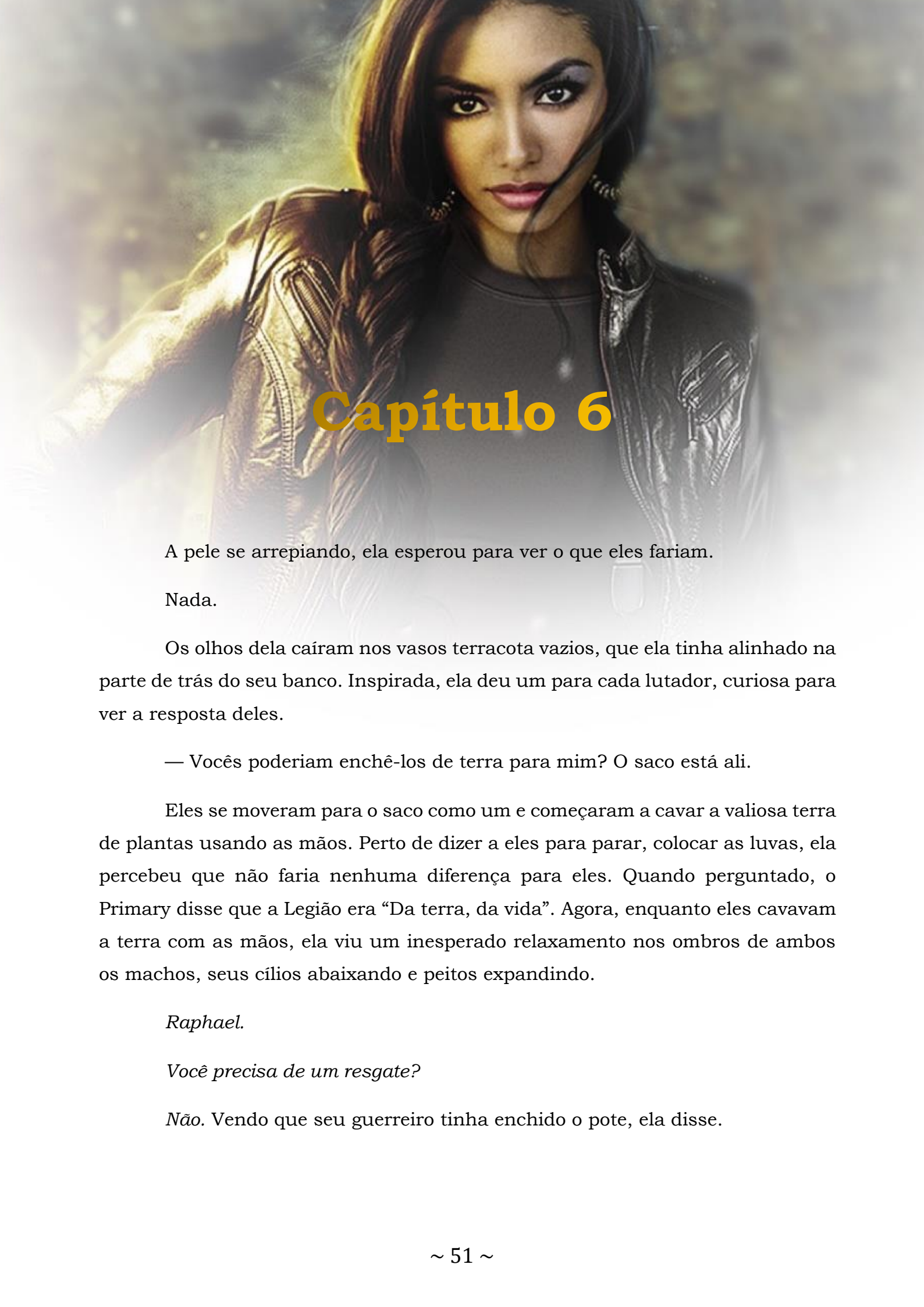
Elena olhou para os lutadores, ergueu a caneca em uma pergunta silenciosa.

Um deles finalmente falou.

— Nós não exigimos combustível.

— Então eu vou deixá-la com o seu trabalho, Caçadora da Sociedade.

Calculando que seus dois hóspedes pudessem ter atingido seu limite quando se tratava de novas experiências, ela voltou para suas plantas... e se tornou ciente de que eles tinham se aproximado dela em silêncio mortal.

A woman with long dark hair and a leather jacket, looking intensely at the camera. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm lighting.

## Capítulo 6

A pele se arrepiando, ela esperou para ver o que eles fariam.

Nada.

Os olhos dela caíram nos vasos terracota vazios, que ela tinha alinhado na parte de trás do seu banco. Inspirada, ela deu um para cada lutador, curiosa para ver a resposta deles.

— Vocês poderiam enchê-los de terra para mim? O saco está ali.

Eles se moveram para o saco como um e começaram a cavar a valiosa terra de plantas usando as mãos. Perto de dizer a eles para parar, colocar as luvas, ela percebeu que não faria nenhuma diferença para eles. Quando perguntado, o Primary disse que a Legião era “Da terra, da vida”. Agora, enquanto eles cavavam a terra com as mãos, ela viu um inesperado relaxamento nos ombros de ambos os machos, seus cílios abaixando e peitos expandindo.

*Raphael.*

*Você precisa de um resgate?*

*Não.* Vendo que seu guerreiro tinha enchido o pote, ela disse.

— Por que você não transfere uma dessas mudas? — Ela indicou o tabuleiro plano e raso no qual ela tinha cultivado várias plantas diferentes.

Conforme ela observava, ele removeu uma com cuidado, colocou-a no vaso depois de cavar um buraco e, então, deu pancadinhas na terra em torno da muda gentilmente.

*Eu acho que nós precisamos criar jardins no prédio da Legião. Parte do telhado, algumas das maiores varandas planejadas, áreas sob o céu, todas elas vão funcionar.*

A resposta de Raphael foi imediata.

*Eles são da terra, devem ser nutridos por isso de alguma forma enquanto eles estão ativos. É por isso que eles estão tão frequentemente no Central Park.*

Isso é o que eu acho, ela disse, vendo o segundo lutador juntar-se ao primeiro, e depois de olhar para ela em busca de permissão, alcançou o tabuleiro de mudas.

*Você é capaz de assumir a tarefa de organizar os jardins?*

*Sim.*

Seria um projeto fascinante, e talvez um em que ela pudesse envolver alguns dos feridos que ainda não estavam prontos para tarefas completas.

— Está feito.

Analisando as plantas lindamente envasadas que os lutadores colocaram na frente dela, ela disse.

— Querem fazer mais?

Foi uma hora depois que ela retornou para casa, tendo deixado os dois homens na estufa, depois de assegurar que eles podiam ficar tanto quanto quisessem. Ela tinha visto movimento através do vidro do lado de fora, as silhuetas das mãos deles tocando as folhas penduradas das samambaias.



Dirigindo-se para as escadas, ela virou-se, então seguiu a pista de Raphael abaixo em seu estúdio. Depois de ter chegado tão perto de nunca mais sentir o toque dele, ela não negava sua necessidade de estar perto de seu arcanjo. A vida era imprevisível, eles podiam não ter uma noite quieta juntos por outra semana ou mês se as coisas ficassem ruins novamente.

— O jantar vai demorar um pouco, — ela disse, deslizando os braços em volta da cintura dele. — Eu decidi te seduzir como entrada.

O gosto erótico e exótico de poeira de anjo nos lábios dela, na pele dela, a resposta silenciosa de Raphael fazendo-a tremer. Ele estava inclinando a cabeça na direção dela quando uma campainha interrompeu o silêncio. Vinha da grande tela de vídeo construída na parede à esquerda de Elena. Havia poucas pessoas que tinham o código direto, mas isso incluía a mãe dele e o Cadre inteiro.

— É Titus, — Raphael disse depois de olhar a identidade de quem ligava.

Freneticamente, Elena limpou o incriminador brilho de pó de anjo dos lábios dele e rosto, em seguida, tentou limpar o dela usando a barra da camisa, enquanto seu corpo continuava a pulsar com o calor sexual.

— Bem?

Esfregando o polegar sobre o lado da boca dela, Raphael alimentou-a com o resto de pó.

— Nós deveríamos permanecer nas sombras.

Elena gemeu, mas puxou as cortinas para bloquear o final do pôr do sol, jogando o estúdio em uma escuridão suave.

— Ok, vá.

Ela nem sempre ficava ao lado dele quando ele respondia tais chamadas, ela não tinha o tipo de poder para estar envolvido nesse nível de política e, francamente, ela não queria isso. A prioridade dela era fazer o que era necessário para apoiar Raphael. Titus, no entanto, poderia estar respondendo à mensagem que ela tinha mandado a ele em seu papel de consorte de Raphael.

— Titus, — Raphael disse quando o outro arcanjo apareceu na tela.

Titus estava vestido como o guerreiro que ele era, seu peitoral brilhante como ouro contra a pele azeviche. Elena sabia que era improvável que a armadura fosse ouro real, mas sim um material mais resistente revestido com uma fina camada do metal precioso. Porque Titus não era um guerreiro jogador; ele era o negócio real. Construído ao longo das mesmas linhas que Galen, as feições dele eram ásperas, sua presença forte.

— Raphael. — Olhos de ônix impenetráveis deslocaram-se para Elena, o tom de voz mais calmo do que ela teria esperado de um homem do tamanho e força dele, o tom ressonante compelindo a atenção dela. — Consorte.

— Estou muito feliz de falar com você, — Elena disse, agradecida pelas instruções que Jessamy tinha dado a ela de como interagir com um arcanjo que era um aliado, mas ainda não um amigo. A última coisa que ela queria fazer era estragar as coisas, quando as alianças que eles faziam agora poderiam ajudar a salvar o mundo durante a guerra por vir. Era uma certeza de que a Arcanjo da China ia levantar de seu sono regenerativo de muito mau humor.

— Eu te agradeço pelo convite, — Titus disse em resposta às suas palavras. — Eu vou me juntar a vocês durante suas celebrações.

*Bem, porcaria.*

Elena tinha estendido o convite com a certeza de que Titus não aceitaria. Tinha sido mais ao longo das linhas de fomento de boa vontade. Os outros arcanjos que ela tinha convidado já tinham enviado seus arrependimentos, incluindo Hannah e Elijah, a quem Elena teria sido feliz de ver, mas como Elena e Raphael, o outro casal precisava estar com os seus agora.

Quanto a Favashi e Astaad, ambos tinham visitas privadas agendadas após a festa de rua.

Sabendo como Neha se sentia sobre Raphael, mas também consciente de que não a convidar seria visto como um insulto, Elena tinha enviado a Rainha das Cobras, dos Venenos, um convite pessoal. A resposta tinha sido friamente

educada, mas tinha sido escrita pela própria Neha, o que Elena percebia que tinha que ser melhor que o silêncio mortal.

Michaela estava permanentemente fora de qualquer lista de hóspedes que Elena fazia, como também o amigo de Lijuan, Charisemnon.

— Estou ansiosa para nos conhecermos pessoalmente, — ela disse a Titus agora, cavando mais das lições de Jessamy. A historiadora e bibliotecária da raça angelical tinha a paciência de um santo, mesmo quando sua pupila fingia entrar em colapso e morrer ante a complexidade entorpecente do protocolo angelical.

— Eu também estarei contente de ver você, Titus, — Raphael disse, sua asa deslizando sobre a dela. — Você conteve a situação com Charisemnon?

Essa situação era a razão pela qual Elena tinha esperado que Titus ficasse perto de seu território. Ele compartilhava uma fronteira terrestre com Charisemnon e os dois arcanjos nunca tinha tido um relacionamento cordial. O constante vai-e-volta dele tinha se transformado em pura agressão quando Charisemnon alinhou-se com Lijuan durante as hostilidades; não só Charisemnon tinha usado sua nova habilidade para criar doença para atacar Nova York, ele tinha começado a enviar transportadores de doenças sobre a fronteira com as terras de Titus.

— Eu tive relatos confirmados de que Charisemnon está doente.

— A mente dele? — Raphael tinha visto seus próprios pais enlouquecerem com a idade, mas Charisemnon era jovem em termos imortais.

— Não. Ele está fisicamente doente. Meus espiões me dizem que ele está acamado, com o corpo coberto de feridas.

— Arcanjos não ficam doentes. — Um fato imutável ao longo da história angelical.

— Parece que Charisemnon está mudando as regras. — Titus colocou as mãos em sua cintura, bíceps salientes. — Eu falei com o meu curandeiro e Keir sobre a possível causa, eles acreditam que ele sobrecarregou sua habilidade e ela se voltou contra ele.

Raphael considerou aquilo.

— Se removermos Lijuan de cena, Charisemnon pareceu ter o dom mais forte instigado pela Cascata.

O outro arcanjo tinha derrubado centenas dos anjos de Raphael em um ataque covarde, deixando cinco mortos e muitos tão brutalmente feridos que tinham sido pouco mais do que torsos sangrando. Levaria meses de excruciante dor antes que o mais jovem se recuperasse, o crime dos Caídos um que Raphael nunca esqueceria. Vingança entre imortais era, muitas vezes, um processo longo e mortal, e Raphael tinha aprendido o valor da paciência há muito tempo.

— Sim. — A expressão de Titus demonstrava prazer severo. — O tolo pestilento agiu muito rápido, foi muito arrogante. Agora, ele paga o preço.

— Há outra possibilidade.

Titus franziu a testa ao ouvir as palavras de Elena, mas deixou claro que ela tinha a sua atenção. Raphael sabia que não era a abordagem usual do arcanjo africano com as mulheres que estavam acasaladas, casadas, ou de outra forma ligadas a um poderoso macho. Não era misoginia. Titus tinha um forte contingente de mulheres em seu exército, incluindo a mãe de Galen, Tanae.

Era que, na mente de Titus, havia dois tipos de mulheres, as guerreiras, e todo o resto. Estas últimas deviam ser mimadas e protegidas e saciadas, mas não levadas a sério. Tinha, Raphael sabia, levado tempo para que Titus aceitasse que Elena não se encaixava na segunda categoria.

Apesar disso, ela permanecia jovem em termos angelicais e não teria tido o poder de prender a atenção de um arcanjo da idade de Titus, se Titus não tivesse ouvido falar de sua coragem e lealdade durante a batalha final contra Lijuan, quando sua caçadora tinha escolhido morrer com ele se isso fosse salvar o seu povo.

— *Ela é uma verdadeira consorte*, — o outro arcanjo disse a Raphael, quando os dois conversaram não muito depois que as tropas de Raphael forçaram as de Lijuan em retirada. — *Você é um homem abençoado.*

Uma verdade absoluta.

— Lijuan, — Elena disse agora. — Era... — uma pausa — é conhecida por dividir o poder com aqueles próximos a ela. Nós vimos isso com seus generais durante a batalha. Eles podiam durar mais tempo, curar mais rapidamente do que os nossos homens e mulheres, mas o impulsiono durava apenas enquanto ela estava ativa.

— Mas dividir o poder com um do Cadre? — A carranca de Titus era como um trovão, os braços cruzados sobre o peito. — Não é possível.

Raphael não tinha tanta certeza.

— Charisemnon não deveria ter sido capaz de causar dano aos Caídos, — ele lembrou a Titus. — Com toda a certeza, ele não deveria ter sido capaz de afetar negativamente os mais antigos e poderosos de meu povo.

— Sim. — A carranca ainda mais pesada, Titus deu um aceno duro. — Vou pensar sobre isso. Mas, como as coisas estão, Charisemnon tem puxado suas tropas de volta para suas próprias fronteiras, e meu exército é mais forte do que o dele, já que ele canibalizou tantos de seus soldados da infantaria, utilizando-os como portadores de doença. — Um sorriso perigoso. — Pode ser o momento para eu causar um tremor de terra ou dois, para lembrar ao vira-lata de que eu não preciso de Lijuan para evoluir minha habilidade.

— Eu ficaria feliz em ver Charisemnon desaparecer em uma caverna sem fundo.

A risada de Titus ressoou através dos alto-falantes, o som enorme e aberto.

— Eu ainda não sou tão forte, mas em breve. — Ainda sorrindo, ele disse, — Você já ouviu falar da mais recente adição de território de Michaela?

— Eu recebi a mensagem dela há uma hora, — Raphael disse, e sentiu a imediato reação negativa de Elena, embora o rosto dela não demonstrasse nada.

*Não há motivo para alarme, Caçadora da Sociedade. Michaela está simplesmente babando pelas terras de Lijuan.*

Em voz alta, ele disse.

— Eu planejo ignorar a demanda dela por uma reunião do Cadre para dividir a terra. — Era muito cedo para declarar Lijuan morta, especialmente quando todas as indicações apontavam para a conclusão oposta.

— Como eu também. — Braços desdobrando, Titus olhou diretamente para Elena. — Estou curioso para experimentar uma ‘Festa de rua’. Eu não ouvi falar de tal coisa.

*Caçadora da Sociedade, a conversa é sua.*

— Vai ser muito diferente de um baile angelical, — ela advertiu com uma franqueza que Raphael sabia que Titus apreciaria. — Tenho certeza de que onde quer que Lijuan esteja, vai fazê-la arfar de horror.

Os dentes de Titus brilharam contra a pele dele.

— Isso não é impedimento! Eu estarei lá, a menos que o filho bastardo de um jumento, na minha fronteira consiga se arrastar para fora do seu leito. Raphael. Consorte. — O arcanjo Africano desligou.

A caçadora de Rafael inclinou para escurecer a tela na frente deles antes de se virar para encará-lo.

— Você me disse que o convite era uma formalidade.

— Você vai gostar de Titus, *hbeebti*. Ele está apto a te pedir para treinar com ele como um sinal de respeito para a sua honra. — Vê-la começando a parecer interessada, ele acrescentou. — Eu teria que recusar em seu nome, é claro, uma vez que Titus não tem sutileza e irá tratá-la como um guerreiro angelical sangrento, arrancando sua cabeça e seus membros no processo.

A boca de Elena se fechou depois de ter caído aberta na primeira parte da sentença dele.

— Você possivelmente pode ter um ponto. — Correndo as mãos através dos cabelos caídos que ela tinha soltado do laço, a sombra semelhante ao fogo branco que ela tinha visto nas asas dele, ela suspirou. — Não é que eu não goste

de Titus. Ele parece bom, do que eu tenho visto dele, mas só quero celebrar a nossa sobrevivência e vitória com nossa cidade e os nossos amigos, não me estressar sobre bancar a anfitriã.

— Então eu conseguirei deixar sua mente mais tranquila. — Ele fechou a mão sobre o arco da asa dela, e acariciou.

Tremendo, ela apertou a mão no peito dele, cílios se abaixando.

Raphael repetiu a carícia íntima. As terminações nervosas naquela parte das asas de um anjo eram altamente sensíveis, e a sensibilidade de Elena tinha crescido ao longo dos meses anteriores, até que ele poderia tê-la desfeita e de pálpebras pesadas na cama com nenhum toque, além deste. Ele mataria sumariamente qualquer outro homem que se atrevesse a tocá-la lá.

— Titus não tem tempo para a formalidade, — ele disse a ela conforme ela caía contra ele. — Ele será o convidado arcangélico mais fácil que você vai hospedar alguma vez, especialmente com a cidade sediando uma celebração na época.

Praticamente ronronando sob o toque dele, levou meio minuto para que ela respondesse.

— Titus gosta de festa?

Raphael riu.

— Sim. Ele vai ter prazer na energia de nossa cidade e seduzir cinco ou dez mulheres muito dispostas no processo.

Os cílios de Elena levantaram-se, as pupilas extremamente dilatadas contra o cinza das suas íris, o aro de prata que anunciava sua imortalidade na penumbra.

— Ele não tem um harém de concubinas?

— Não. — Embora as mulheres vivessem na casa de Titus, elas não eram suas amantes, mas sim àqueles a quem ele tinha dado um porto seguro. — Titus não tem ligações longas. Ele mima a mulher com quem ele está no momento e,

em seguida, avança, contudo, suas amantes parecem sentir apenas afeição por ele. — Raphael tinha visto aquilo em primeira mão, quando ele tinha sido um rapaz quase crescido no exército de Titus, tendo entrado porque sabia que poderia aprender mais com o arcanjo quando se tratava das habilidades de um guerreiro do que poderia com qualquer outro anjo vivo.

Ele tinha aprendido também muito sobre honra, enquanto esteve no exército de Tito.

— Em todos os anos que eu o tenho conhecido, nunca ouvi uma mulher que ele tomou em sua cama denegrir Titus. — E porque ele sabia que iria divertir sua caçadora, ele acrescentou, — Geralmente, elas apenas suspiram ao som do nome dele e perdem sua linha de pensamento.

A risada de Elena foi rouca, sua asa quente e forte sob o toque dele. Ninguém do tipo angélico tinha asas como Elena, a evocativa meia-noite de suas penas fluindo para o mais profunda índigo, que sombreava em azul e a cintilante matiz da aurora, suas primárias como ouro-branco.

— O homem está claramente no jogo. — Gemendo na parte de trás da garganta quando ele aumentou a pressão de suas carícias, ela aninhou-se na curva do pescoço dele.

— Isso é tão bom. Você pode fazê-lo durante toda a noite?

— Se você fizer valer o meu tempo. — Relutantemente parando o toque que dava tanto prazer a ele como fazia com ela, seu corpo duro com a excitação, ele a puxou para fora do quarto. — Montgomery em breve estará à nossa procura para o jantar. Nós não devemos chocá-lo.

— Eu acho que Montgomery não se choca mais a esta altura.

Raphael pegou o olhar do mordomo enquanto eles deixavam o estúdio, o vampiro havia aparecido no corredor quando Raphael abriu a porta do estúdio.

*É uma noite tranquila, Montgomery. Um presente depois da guerra e do caos. Talvez você deva convidar Sivya para uma caminhada ao longo do penhasco.*



Os olhos de Montgomery refletiram angústia alarmada.

*Senhor, eu lhe asseguro, nós não temos...*

*Eu sou um arcanjo, Montgomery. Eu conheço àqueles que são meus.* Ele começou a subir as escadas com Elena. *Ter duas pessoas de minha confiança, pessoas tornando-se uma, não é algo para desdenhar.* Compreendendo a profundidade da lealdade de Montgomery, ele fez a sua aprovação ainda mais clara. *Você tem a minha sanção para cortejá-la, caso haja necessidade.*

Parando no patamar, ele vislumbrou a esperança nervosa na expressão de Montgomery. Era estranho ver o mordomo distinto assim, mas o amor tinha um jeito de fazer de todos eles, mortais. Curvando-se profundamente, Montgomery disse, *Senhor.*

— O que foi aquilo? — Elena perguntou no instante em que eles estavam por trás das portas fechadas do quarto deles. — Eu sei que vocês dois estavam falando.

Observando-a remover suas armas, ele disse.

— Por que você está tão fortemente armada em nossa própria casa? — Ela estava com uma camiseta azul céu com um decote em concha e calças pretas macias que abraçavam a forma dela, os pés descalços. No entanto, de alguma forma, ela conseguiu tirar pelo menos três facas escondidas.

— Huh. — Ela olhou para a faca que tinha puxado de uma bainha de tornozelo. — Hábito, eu acho. — Colocando as armas ordenadamente em uma gaveta de cabeceira, ela disse, — *Então?*

— Montgomery está cortejando Sivya.

— Não! *Sério?*

— Você tem que fingir não perceber, — ele advertiu-a. — Eles ficariam horrorizados em pensar que tenham sido tão negligentes em suas funções para nos alertar sobre suas vidas pessoais.

Elena franziu os lábios, sobrancelhas desenhadas juntas, e começou a tirar a camiseta.

— Mas você notou. — O som saiu ligeiramente abafado.

— Eu sou o soberano deles. Eu estou destinado a notar e ter certeza de que eles não sacrifiquem sua alegria na crença equivocada de que eu iria achar a união deles descortês. — Ele segurou os seios dela depois que ela jogou a camiseta sobre o encosto de uma cadeira, a necessidade de reclamá-la era uma batida no sangue dele.

Ele tinha vindo dentro em uma fração de segundo de inflamar os dois no campo de batalha em uma tentativa final de derrotar o mal de Lijuan, vindo dentro de uma fração de segundo de nunca mais segurar Elena em seus braços. A memória ainda estava crua.

— Como minha consorte, — ele disse, mergulhando a cabeça para pressionar os lábios na curva do ombro dela. — Seu trabalho é perceber quando eles são um par, de modo a assegurar que suas funções não os separem mais que o necessário.

As mãos dela estavam no cabelo dele, seus lábios quentes e úmido contra a linha da mandíbula dele.

— É estranho pensar em Montgomery e casal na mesma frase. — Um pequeno suspiro quando ele puxou um mamilo firmemente enrolado. — Estou convencida de que ele dorme em seu terno.

— Chega de conversa sobre outros, *hbeebti*. É tempo de nossa própria união. — Cada hora, toda hora de paz era um tesouro. Guerra fervia preta e violenta no horizonte, e quando viesse, engoliria o mundo.



## Capítulo 7

O céu estava um cinzento sujo com apenas a mais fraca matiz de laranja na hora que Ashwini e Janvier chegaram ao seu próximo destino, localizado na vizinha do Soho, embora a área tivesse esse nome só até anoitecer. Então, tornava-se o Quarteirão Vampiro. Isso era quando as lojas chiques e cafês pretensiosos fechavam as portas, para serem substituídos por cafês de sangue e clubes de vampiros cheios com o cruel e o bonito.

*Hmm...*

Removendo o capacete depois que Janvier estacionou descendo a rua da casa de dois níveis na borda do Quarteirão, ela disse.

— O cachorro, poderia ser um vampiro que o perdeu.

Ele tirou o próprio capacete e o sedoso cabelo mogno dele caiu. Ela não pode evitar; ela estendeu a mão e raspou as unhas levemente da frente para a parte de trás do couro cabeludo dele, os fios gelados e a textura requintada. Inclinando as costas contra o peito dela, ele fez um som no fundo da garganta.

A respiração dela ficou presa, os seios inchando contra seu sutiã.

Ela queria envolver os braços ao redor dos ombros dele, acariciar com o rosto a linha quente da garganta dele, e lambê-lo todo. Cerrando o punho tão

apertado que as unhas se enterraram nas palmas das mãos, ela desceu da moto e enganchou o capacete ao longo de um guidão. Fazendo o mesmo com o dele, Janvier saiu da poderosa máquina com uma graça preguiçosa que sempre chamava a atenção dela e de qualquer outra fêmea na vizinhança.

— Pode ser, — disse ele, como se a conversa deles nunca houvesse sido interrompida por uma carícia que ela não deveria ter se permitido fazer. — Você sabe que alguns vampiros não batem bem depois de 300 anos ou mais.

A recordação da sensação dele queimando contra a palma da mão dela, Ashwini abriu o zíper da jaqueta para dar as mãos algo para fazer.

— Beber sangue animal faria o quê para um vampiro?

Janvier encostou-se à moto depois de abrir sua própria jaqueta para revelar a fina camiseta branca por baixo. Ele não estava, no entanto, vestindo as lâminas gêmeas que eram suas armas de escolha. Pressionada contra ele na moto, ela não tinha sentido nada além de Janvier, nenhum sinal do coldre entrecruzado que ele normalmente usaria nas costas, sobre a camiseta.

Embora ele não tivesse utilizado as lâminas durante a missão deles em Atlanta, ela tinha se acostumado a vê-las nele desde que ele viera para Nova York.

— Onde estão os seus kukris? — Ela perguntou antes que ele pudesse responder a sua pergunta sobre sangue de animal.

Ele esfregou a parte de trás do pescoço, um rubor nas maçãs do rosto.

— O coldre rompeu esta manhã.

Ashwini mordeu o interior da bochecha em um esforço para combater o seu sorriso. Ela tinha dito a ele para substituir o couro desgastado depois de ver o estado daquilo enquanto ele estivera hospedado na casa dela. Embora as bainhas fossem de metal, para impedir que as lâminas afiadas cortassem, o coldre construído em torno deles tinha que ser suave e flexível o suficiente para não limitar a amplitude de movimento dele.

— Isso é muito ruim.

Atirando para ela um olhar de desconfiança aberta ante a resposta branda, ele deu de ombros.

— Vai demorar uma semana para um artesão especialista fazer uma substituição, uma vez que eu envie a ele o antigo coldre. Eu não tenho nenhuma esperança de conseguir para mim um lugar na agenda do Deacon por pelo menos um ano.

Naquele instante, ele pareceu rabugento e irritado consigo mesmo. Sabendo quão nua ela se sentia sem suas armas favoritas, ela não pode manter o segredo por mais tempo.

— Ou, — ela disse, — Você poderia usar o coldre que Deacon deixou no meu apartamento ontem.

Janvier endireitou-se.

— Para mim?

Cruzando os braços contra o impacto do prazer feroz na voz dele, ela assentiu.

— Ele usou seu velho coldre para fazer um projeto do novo enquanto você estava fora pegando bolo para mim naquele dia. — Ela tinha mandado-o para uma padaria específica e distante apenas por essa razão. — As bainhas devem deslizar bem. — Deacon não cometia erros.

— Mas como? Deacon está ocupado por anos.

— Ele sempre tem tempo para os caçadores. — O marido de Sara tinha sido ele próprio um caçador uma vez.

O sorriso de Janvier foi lento, profundo, e tão dolorosamente real, que pegou o coração dela e se recusou a deixar ir.

— Eu não sou um caçador.

*Mas você é meu.*

Contendo as palavras que ela nunca poderia dizer, não se ela se importasse com isso de qualquer forma, ela fez uma careta.

— Não faça disso um grande caso ou eu vou jogá-lo no Hudson.

Bochechas vincando e a luz do sol no verde bayou de seus olhos, ele sacudiu a cabeça.

— Eu não posso evitar, *cher*.

Ashwini quebrou o contato visual; ela não podia resistir a ele quando ele sorria assim.

— Você estava me contando sobre o que acontece com vampiros que bebem sangue de animais.

— O sangue de animais é muito fraco para fornecer nutrição, — disse ele, sua voz um calor líquido que se infiltrou em cada célula do corpo dela. — Eu me lembro de ter ouvido sobre um vampiro que se alimentou de animais por dois meses depois de ficar perdido nas montanhas. Eles o chamavam *Moitié fou* Billy. Mas desde que estava tão fraco, ele não era perigoso.

Ashwini tinha apanhado o suficiente de francês Cajun por estar próxima a Janvier para saber que ele tinha acabado de indicar que o vampiro tinha ficado meio louco.

— Então, nosso hipotético bebedor de sangue animal pode já estar fora de combate.

Um aceno de cabeça.

— Mas há a dessecação, é antinatural, a menos que o filhote morreu em um ambiente que iria produzir esse resultado.

O telefone de Ashwini apitou naquele instante. Olhando para a tela, ela viu uma mensagem da veterinária.

— A Dra. Shamar decidiu dar outra olhada no cão antes de sair para a noite, e descobriu que ele tinha um chip embutido sob a pele. O tipo de coisa que

os donos colocam para que cães e gatos possam ser identificados se o controle de animais os pegar. — O médico não tinha visto isso durante o primeiro exame porque o chip tinha deslizado entre dois cumes de osso.

— Ela foi capaz de digitalizá-lo e procurou o cão no sistema. Aparentemente, ele desapareceu um par de dias após o final do combate. — Dr. Shamar tinha adicionado uma nota de que ela não fizera nenhuma notificação aos proprietários e não iria fazê-lo até que fosse indicado o contrário. Depois de agradecer a outra mulher, Ashwini olhou para Janvier.

— Isso é tempo suficiente para mumificação natural, mesmo em um meio ambiente ótimo?

Janvier estendeu as mãos.

— Teremos que perguntar a um cientista.

— Honor pode conhecer alguém. — Sua melhor amiga era uma especialista em línguas e história antiga e tinha uma ampla gama de contatos. — Eu vou ligar para ela amanhã. — Guardando o telefone, ela se abraçou contra um súbito vento frio que tinha gosto de neve. — É possível que Lijuan tenha compartilhado sua capacidade de sugar a vida das pessoas com alguém.

Janvier fechou a distância entre eles, o calor do corpo dele uma carícia.

— Era o ás na manga dela. Eu não consigo vê-la doando isso, você pode, *cher*?

— Não. — Fora Naasir que tinha dito a eles que a Arcanjo da China podia compartilhar força com seus generais, mas não era uma transferência permanente. Assim que Lijuan estava fora da equação, esses generais tinham se curvado.

Com as mãos nos quadris, ela meditou outra possibilidade.

— As criações de Lijuan tendem a ser infecciosas. — Os renascidos horríveis da arcanjo tinham sido uma praga. — Apenas... — Ashwini franziu a

testa — Ela não estava criando quando se alimentava. Os sacrifícios acabaram como cascas, então eu acho que estamos de volta à estaca zero sobre isso.

Janvier deslocou-se para pegar o peso de uma nova rajada de vento.

— Vou relatar nossas teorias para Raphael, no entanto. Ele deve ser alertado para a possibilidade de que Lijuan pode ter deixado uma mancha persistente na cidade.

Ashwini levantou as duas sobrancelhas.

— Em Atlanta, você disse que nunca o conhecera, e agora você está tratando-o pelo primeiro nome?

— Eu não o conhecia, então, — disse ele, aquela furtiva e sedutora luz solar ainda em seus olhos. — Os vampiros da minha idade não costumam sempre ter contato pessoal com o arcanjo a quem damos a nossa fidelidade.

— A maioria dos vampiros da sua idade não são tão fortes quanto você. — Ou tão inteligente, tão resistente. Tendo há muito tempo cumprido os termos do seu Contrato, Janvier não tinha que servir a ninguém. Ele escolheu fazê-lo. — Você é um ativo.

— E o senhor — Janvier segurou a bochecha dela — Trata seus ativos bem.

Não querendo entender a mensagem implícita, ela quebrou o contato para se concentrar em um carro ao longe, as luzes de freio brilhantes rubis na luz cinza do crepúsculo.

— Eu vou fazer alguma pesquisa nos Arquivos da Associação, ver se consigo encontrar casos semelhantes.

Janvier começou a caminhar em direção à casa da cidade que era o seu objetivo, sua expressão dizendo a ela que ele via muito.

— Eu vou deixar você saber se Dmitri tiver qualquer ideia. — Metal rangeu quando ele abriu o decorativo portão de ferro forjado que era a fachada do curto caminho para a casa da cidade. — Vamos ver a saúde deste gado primeiro.



Ashwini avaliou a casa da cidade enquanto eles caminhavam, agarrando-se nesta distração da necessidade que era um puxão doloroso na barriga dela. O edifício parecia novo; as paredes brilhavam em um preto elegante, mas a porta estava pintada no mesmo brilhante vermelho-alaranjado que o portão, bem como o batente.

— Lugar legal. — Se você tivesse um milhão ou dez por aí.

— Quer um? — disse o vampiro ao seu lado. — Eu posso comprá-lo, permitir que você viva sem pagar aluguel sob condições.

— Sim? — Ela disse, jogando junto, porque ela só tinha autocontrole até certo ponto quando se tratava de Janvier, e ela não estava prestes a usá-lo para lidar com a paquera dele... não queria acabar com aquilo. — E que condições?

— Eu teria uma chave, é claro. Para ter certeza que você está mantendo a minha propriedade em bom estado de conservação. — Seu olhar inocente provavelmente tinha escrito a queda de pelo menos cem virgens em sua vida.

— Um senhorio tão consciente. Você consertaria o encanamento, também?

— Se você me deixasse colocar meu cano na sua roda. — Maldade pura no sorriso ante o gemido dela, ele ignorou o batente de porta em forma de um leão rosnando para bater os dedos diretamente contra a pintura reluzente.

Ela queria tanto beijá-lo que a ânsia era uma besta feroz dentro dela. O sorriso foi desaparecendo à medida que as pupilas se dilatavam, Janvier foi inclinar o corpo na direção dela quando a porta abriu para trazê-la cara a cara com a última pessoa que ela esperava ver aqui.

— Arvi? — Ela encarou incredulamente para o homem alto com características aquilinas, cabelo preto com pontos prata e pele do tom exato da dela mesma.

Seu irmão a encarou.

— O que você está fazendo aqui?

— Ela está comigo. — Nenhum charme na expressão de Janvier agora, apenas uma intensidade mortal e fria que nunca tinha sido dirigida a Ashwini. — Você não é um do gado.

Arvi recuou.

— Certamente que não. Fui chamado aqui para prestar assistência médica.

— Eu não sabia que você atendia chamadas em casa, — Ashwini disse, seu cérebro funcionando no automático.

— Foi um favor para um amigo. — Ele fixou-a com o quase preto dos olhos dele. — Eu vou te esperar para o jantar na próxima semana.

Ashwini seguiu com o olhar enquanto ele caminhava passando por ela e para o caminho naquela ordem. Ela não o tinha visto por dois meses, mas embora a prata em seu cabelo pudesse ser um toque mais aparente agora, o rosto dele permanecia sem rugas. Arvan Taj era um homem que envelheceria em bonita elegância. E o sorriso dele? Poderia devastar; ela sabia aquilo, apesar de ter visto apenas uma vez desde que ela tinha nove anos.

— É ele, não é? — perguntou Janvier, a voz áspera e a expressão escura. — O menino cuja foto você carrega no seu telefone, o que te machucou.

Ela percebeu que ele tinha pegado a ideia errada, mas a porta foi preenchida com outro corpo antes que ela pudesse corrigi-lo. Os deslumbrantes olhos azul-esverdeados da loira estavam redondos com preocupação até que eles pousaram em Janvier.

— Janni! — Ela saltou nos braços dele.

Pegando-a, ele riu, a dissonante emoção que Ashwini acabara de ouvir em seu tom não mais em evidência quando ele disse.

— *Petite Marie May.*

Cruzando os braços, Ashwini encostou-se a parede enquanto a menina risonha tentava beijar Janvier na boca. Ele desviou-se tão suavemente como fazia com todo o resto, recebendo o beijo na bochecha antes de colocá-la no chão.

— O que você está fazendo aqui, Marie? — Ele perguntou com o que Ashwini reconheceu como verdadeira preocupação. — Da última vez que te vi, você estava determinada em se tornar uma estrela do cinema, *non?*

Marie sorriu, sua expressão tão sincera que era assustador.

— Eu vivo com Giorgio. — Ela passou as mãos pelo seu vestido de renda creme longo, o corpete modesto e as mangas compridas. — Eu sirvo a ele.

— Quando isso aconteceu? — Uma pergunta suave. — Você mal saiu das fraldas.

Os cachos de Marie saltaram quando ela bateu de brincadeira no peito de Janvier, claramente não percebendo o quão zangado ele tinha ficado.

— Janni! Eu vou fazer *dezenove* anos no próximo mês. — Um anel ametista antigo brilhava em seu dedo indicador. — Giorgio e eu nos encontramos nos estúdios, ele é um produtor, sabe.

— Eu vejo. Ele planeja compartilhar seu talento com o mundo?

— Ainda não. — Marie fez uma careta. — Ele diz que eu sou muito jovem para o show e devo ter vinte e um, pelo menos, antes de eu começar. Ele me colocou na mais incrível aula de mestres da atuação, embora.. — um aplauso das mãos dela, o sorriso de volta em alta potência — Então eu vou estar pronta quando for a hora!

Incerta do que pensar deste Giorgio, Ashwini permaneceu em silêncio enquanto Janvier sussurrava no ouvido de Marie, o marrom rico das mechas de seu cabelo deslizando para tocar o ouro do dela. A visão deveria ter deixado Ashwini ciumenta. Isso não aconteceu. Porque a capacidade de Janvier para a lealdade era implacável e ela tinha sua promessa não dita... mesmo embora tivesse feito mais difícil devolver a promessa, independentemente de seu desejo de armazená-lo perto.

O sorriso sendo substituído por uma desvanecida aquarela do anterior, Marie mordeu o lábio inferior, sua boca um rosa perfeito, e olhou por cima do ombro.

— Eu não deveria dizer. — Era um sussurro.

— Marie. — Janvier tocou seu dedo na cremosa pele do rosto dela, um sorriso persuasivo no rosto. — É uma denúncia. Você sabe que eu preciso investigar.

Marie olhou por cima do ombro de novo, em seguida, gesticulou para que ele se aproximasse depois de lançar um olhar cauteloso para Ashwini.

— Não somos todos nós, apenas Brooke. — Seu nariz torceu. — Ela tem estado com Giorgio há mais tempo e ela estava louca porque pensou que Giorgio estava prestando mais atenção em mim e Leisel do que nela, então ela começou a dizer às pessoas que ele estava machucando-a.

Tomando fôlego, Marie continuou.

— Hoje, ela até mesmo se cortou! Agora que Giorgio tem sido tão bom para ela com o médico e tudo, ela está arrependida, mas os rumores já começaram. — É *tão* injusto.

— Eu vou precisar falar com a Brooke.

— Eu vou buscá-la. — Toda a fúria vazou para fora dela tão rapidamente como tinha se construído. — Não se zangue com ela, ok? — Seus olhos imploraram a Janvier. — Ela é louca por Giorgio. Ela pensa...

— O que, *bébé*? — Janvier colocou o cabelo dela atrás da orelha, sua voz suave.

Marie derreteu.

Ele era bom nisso, Ashwini pensou, em fazer as mulheres confiarem nele. O engraçado era, ele nunca tentou seus truques sobre ela, exceto de brincadeira, ambos plenamente consciente de seus motivos e desejos. Muito ao contrário da inocente Marie May.

— Brooke acha que ela está ficando velha, — a menina sussurrou, piscando para conter as lágrimas. — Mesmo embora Giorgio a ame, ela não acredita nele.

Lá estava, uma das razões imutáveis do por que um relacionamento entre uma mortal e um imortal nunca poderia funcionar em longo prazo. O mortal inevitavelmente desapareceria, e mesmo que o amor sobrevivesse, deixaria o imortal quebrado quando sua amante morresse. Especialmente, ela pensou, seus olhos demorando-se em Janvier, quando o imortal era o tipo de homem que sabia como ser leal.

— Silêncio. — Janvier dobrou as pernas para trazer a si mesmo até a altura de Marie. — Eu serei gentil. — Ele puxou a menina em seus braços. — Você sabe que eu não machuco mulheres.

Um aceno brusco, a garganta de Marie se movendo enquanto ela recuava.

— Eu vou encontrar Brooke.

— É só vocês três que servem como a família de sangue de Giorgio?

Sacudindo a cabeça, Marie disse.

— Penelope e Laura o fazem, também.

— Busque todas elas, por favor, Marie.

— Eu vou. Você pode esperar no salão. — Conduzindo-os para a sala, a menina os deixou em uma corrida de doce perfume floral.

Ashwini e Janvier ficaram de pé em silêncio, tensão era um fio esticado que os ligava um ao outro. A decoração cara, mas fria. Paredes brancas, sofás brancos transbordando com almofadas pretas, a pintura na parede uma tela gotejante do vermelho mais escuro, apenas intensificava a coisa silenciosa e *íntima* que pulsava entre eles.

Como se eles houvessem se tornado amantes há muito tempo.



## Capítulo 8

Quando Marie voltou, estava com mais quatro pessoas: uma mulher negra linda com a pele tão orvalhada e suave quanto a de Marie, a quem Ashwini identificou como Leisel, duas morenas de pernas tortas aptas a serem Penelope e Laura, e uma linda mulher de cabelos ruivos com seus vinte e tantos anos com um pequeno curativo sobre a pele pálida de sua bochecha direita. Brooke, a menos que ela estivesse enganada.

Todas as mulheres estavam vestidas em um estilo que Ashwini havia chamado de ‘Costura vampírica’. O vestido de Leisel era seda de cor aqua pesada delimitada por rendas do mesmo tom, o tecido exuberante e o estilo simples brincando com a rica cor da pele dela. Uma pulseira fina circulava seu pulso, o custo provavelmente igual ao salário de Ashwini por uma caçada difícil.

Uma das morenas vestia calças pretas apertadas com uma blusa vermelho-cereja, a barra enfiada dentro do cós da cintura e as mangas cortadas para expor o ouro delicado de sua pele. Em torno do pescoço dela estava com uma intrincada gargantilha de ouro com um pequeno cadeado na frente. Sua companheira morena usava roupas idênticas, exceto que a blusa dela era verde esmeralda e a gargantilha prata.

Um par combinado. Fofo. Ou de revirar o estômago.

Brooke, por sua vez, estava em um vestido adaptado que abraçava suas curvas, o tecido um pêssego pálido listrado com linhas verticais de framboesa. Nenhum laço no vestido, mas ela tinha embainhado as mãos em luvas de renda fina que combinavam exatamente com o pêssego do vestido, seu cabelo torcido em um coque ancorado por pentes de joias.

— Ah, devemos ter bebidas para os nossos convidados! — As palavras vieram do vampiro que tinha seguido as mulheres para a sala. Contra o azul royal de seu casaco de veludo, a pele dele brilhava um branco tão verdadeiro quanto a renda que caía em sua garganta e nos pulsos, os olhos um brilhante topázio e as ondas douradas grossas de seu cabelo brilhando à luz vinda do lustre de cristal acima. Giorgio era um anúncio vivo e respirando da beleza que poderia vir com o vampirismo.

Fez Ashwini pensar no que Janvier pareceria em outros quinhentos anos. Ela não achava que ele alguma vez seria tão lustroso, tão desconfortavelmente perfeito, como com Dmitri, sua aparência áspera era interna e parte do que fazia dele, Janvier. Ela nunca iria querer que ele perdesse o coração do menino nascido no bayou que tinha sido uma vez.

Melancolia ameaçou os rastros daquele pensamento, porque não importava o quê, ela estaria morta há muito tempo, antes que ele ao menos chegasse à idade de Giorgio, que ela estima ser cerca de seis ou sete centenas.

— Janvier. — Giorgio estendeu as duas mãos, a renda acumulando sobre o que parecia ser uma pulseira de identidade cravejada de diamantes em um pulso, um relógio de platina no outro. Outro diamante piscou em sua orelha esquerda. — Já faz muito tempo, *mon ami*.

Acostumada ao charme de Janvier e a tendência de nunca fazer inimigos quando ele podia tão facilmente fazer amigos, Ashwini ficou surpresa quando ele não retornou o gesto, em vez disso dizendo.

— As bebidas não são necessárias, Giorgio. Eu simplesmente preciso falar com Brooke e suas outras mulheres. Sozinho.

O sorriso não escurecendo uma fração, Giorgio colocou o braço em volta Brooke.

— Claro. — Beijando a bochecha ileso dela, ante a carícia possessiva da mão dela sobre o peito dele, ele saiu da sala.

— Ash, — disse Janvier, — Você vai esperar com Marie e as outras enquanto eu falo com Brooke?

— Sem problemas.

\*\*\*\*

No instante em que estava sozinho com Brooke, Janvier focou-se no curativo no alto da bochecha direita dela.

— Você foi ferida.

— Eu fiz isso a mim mesma, — respondeu Brooke sem hesitação, calor sob o pálido creme de sua pele. — Foi tolo e feito em um momento de ressentimento. Estou muito arrependida de ter trazido você até aqui por nada. — Torcendo as mãos na frente dela, ela curvou os ombros para dentro. — Giorgio é um mestre maravilhoso e eu estou envergonhada das minhas ações.

Caminhando para mais perto dela, Janvier reduziu seu tom de voz a mesma gentileza que ele tinha usado em Marie.

— Ninguém vai te fazer mal. — Tanto quanto Janvier estava em causa, o abuso de mulheres era um crime imperdoável. — Você tem a minha proteção. Fale a verdade.

Os olhos de Brooke brilharam molhados, o lábio inferior tremendo. Levantando as mãos, ela as colocou contra o peito de Janvier.

— Eu estou, — ela falou asperamente. — Do fundo do meu coração, eu estou. Se tiver que haver um castigo por desperdiçar o tempo da Torre, eu vou tomá-lo. — Ela inalou uma respiração instável, seu sorriso penetrante. — Meu



Giorgio é inocente de tudo, menos de me amar mesmo quando eu sou tola. — Uma única lágrima bateu na mão de Janvier onde ele segurava a bochecha de Brooke, sua outra bochecha segurando um rastro molhado.

Ela não poderia ter parecido mais romanticamente trágica se tivesse tentado.

Janvier falou com Brooke por mais dez minutos, mas o gado mais velho de Giorgio manteve-se firme em suas afirmações. Liberando-a, ele conversou com Marie, Leisel, Laura e Penélope, uma de cada vez. Todos confirmaram a declaração de Brooke de que ela tinha feito a lesão em si mesma e que Giorgio não maltratava suas mulheres.

As cinco seguraram as mãos quando reunidas novamente, unânimes em sua declaração de que Giorgio era um bom e justo Mestre.

— Nós não somos prisioneiras, Janni, — disse Marie, olhos brilhantes e ingênuos e fervorosos no olhar de Ashwini. — Qualquer uma de nós é livre para fazer o que desejar. Laura está partindo em poucos dias, não está?

A morena assentiu, com um sorriso mordaz.

— Eu vou sentir falta de Giorgio e do resto da minha família de sangue desesperadamente, mas eu estou com saudades de casa. O mestre me comprou um bilhete de primeira classe para Nebraska, e ele diz que vai pagar para eu voltar se eu mudar de ideia.

— Estou pensando em me juntar a ela. — Penelope apertou a mão da amiga, as unhas decoradas em ouro polido com uma pequena constelação de diamantes nos cantos superiores esquerdos. — Pelo menos para uma visita. — Um beijo doce e carinhoso na bochecha de Laura. — Giorgio sabe como somos próximas. Ele se ofereceu para pagar para que eu vá visitá-la.

— Ele nos mima. — As palavras eram de Brooke, mas o sentimento era claramente compartilhado por todas as cinco mulheres.

A devoção estúpida em seus rostos fez a pele de Ashwini se arrepiar.

— Brooke e as outras, — ela disse para Janvier quando eles deixaram a casa da cidade cinco minutos depois. — São tão viciadas quanto aqueles que injetam cocaína. — Nem todo vampiro podia dar prazer com sua mordida, mas a emoção de ter presas na jugular ou na carótida era droga o suficiente para muitos. — Adicionadas ao tipo de beleza de Giorgio, e elas confundem dependência com amor. É como se ele tivesse seu próprio culto em miniatura.

Janvier montou na moto e passou para ela um capacete.

— Vamos montar. Eu preciso tirar toda essa devoção doentia da minha cabeça.

Iniciando o rugido gutural do motor uma vez que ela estava na moto, ele os levou através de Greenwich Village para Chelsea Piers, em seguida, abraçou a borda de Manhattan até que eles alcançaram a Ponte George Washington. Acelerando sobre ela, no escuro inverno que tinha caído enquanto eles estiveram dentro da casa na cidade, ele dirigiu até as falésias do Enclave dos Anjos, sua moto obviamente conhecida o suficiente para que nenhum dos guardas angelicais o detivesse.

Quando ele parou a moto, estava a poucos metros de um penhasco branco de neve, que tinha vista para o rio que eles tinham acabado de atravessar. Ashwini não podia ver nenhuma casa, apenas árvores altas em ambos os lados desta clareira estreita, de modo que ou esta terra não era reclamada ou — mais provavelmente — à beira da linha da propriedade de um anjo. Tirando seu capacete enquanto Janvier removia o dele, ela desceu da moto, colocou o capacete no chão, e caminhou para a beira do penhasco. As luzes de Manhattan brilhavam no outro lado da água que se movia sonolenta e taciturna naquela noite.

Inspirando respirações profundas do frio cortante do ar, ela tentou se livrar da sensação rastejante que sentira dentro da elegante casa de Giorgio na cidade. Nova como a casa estava, ela não tinha pegado nada das paredes, nenhum sussurro de horror incorporador. A reação dela derivava somente a partir de como Janvier tinha colocado, ‘Doente devoção de tudo isso’.

Tendo permanecido na moto, Janvier disse.

— A casa de Giorgio tem pouco a dizer.

Ashwini franziu as sobrancelhas e deslocou-se em seu calcanhar de forma que pudesse ver o rosto dele.

— Você diz isso como se a relação gado-mestre não fosse uma má ideia e ponto final.

— Não é sempre sobre exploração. — Ele inclinou sobre o guidão, a jaqueta de couro com o zíper aberto e o cabelo uma bagunça sexy. — Eu conheço vampiros que tiveram o mesmo gado por décadas. Eles realmente tratam os homens e mulheres como família, são mais leais a eles do que a outros vampiros, lamentam cada um que morre. Alguns dos monumentos mais inesquecíveis que eu tenho visto nos cemitérios de New Orleans são para membros da família de sangue.

— Poderia ser apenas sobre manter a comida feliz.

— Comida não é tão difícil de encontrar, *cher*. — Um dar de ombros fluido. — Vampirismo dá aos antigos uma beleza física impressionante e muitos são também ricos e poderosos. Os mortais são atraídos para eles como moscas, embora sejam os mais velhos do meu tipo que, na maioria das vezes, têm gado.

— Ao contrário de Giorgio, a maioria não vê isso como uma relação sexual ou tratam as pessoas em sua família de sangue como troféus, a aparência física do seu gado, uma consideração não importante. Amizade, carinho, respeito, estas são as chaves. Certa vez, perguntei a um amigo de seiscentos anos por que ele mantinha gado, e ele disse que estava cansado da constante rodada de sedução sem sentido, queria apenas a intimidade e conforto da família em torno dele.

Sentando-se, ele brincou com uma lâmina que deveria ter deslizado de sua bota.

— Você deve lembrar-se que muitos da minha espécie nasceram numa época em que ser uma família era viver em uma única casa, várias gerações uma em cima da outra, recém-nascidos compartilhando quartos com avós, e guerreiros sentados lado a lado com os irmãos mais novos, primos e adotados. Isso é o que

eles procuram recriar, uma vez que os antigos muitas vezes consideram a solidão a pior dor de toda.

As palavras dele pararam Ashwini; ela nunca tinha consideradas as coisas a partir daquele ângulo e fazia uma espécie de sentido de partir o coração.

— Eu cresci assim, — ela encontrou-se dizendo quando, na maior parte do tempo, fazia o seu melhor para não pensar no passado. — Meus avós paternos moravam conosco, assim como uma tia antes que ela se casasse, e outra que tinha passado por um divórcio. Nunca tinha sido tranquilo na casa Taj.

A expressão de Janvier era atenta.

— Então você entende.

— A necessidade de criar uma família? Sim. — Não era isso o que ela tinha feito com a Sociedade quando ela mesma se quebrara em muitas peças para colocar junto novamente? — Mas isso não é o que vimos hoje.

— Não. — Ele olhou na direção da água. — Giorgio trata suas mulheres como bonecas bonitas. Suas para possuir, vestir, enfeitar. Marie May tinha um fogo nela quando eu a conheci, aquele fogo agora está todo focado em Giorgio. Logo ela vai esquecer seus sonhos.

— E quando ela ficar muito velha para ele, ele vai empurrá-la para fora como está fazendo com Laura e Penelope.

— *Oui*. O que elas veem como bondade é simplesmente a forma de Giorgio de criar espaço para novos brinquedos.

Vermelho em sua visão com a memória do bastardo presunçoso que, ficou claro, em breve empurraria a pobre doente de amor Brooke para o canto, ela cruzou os braços.

— Você pode tirar as mais novas?

— Não — Mandíbula apertada, ele disse, — Elas estão acima da idade e a Torre não pode interferir em arranjos domésticos sem causa. — Esse fato claramente não sendo bem aceito por Janvier, ele balançou sua perna fora da

moto e caminhou para ficar ao lado dela. — Vou ligar para Marie amanhã e reiterar que ela e as outras podem vir a mim a qualquer momento, mas não posso fazer nada sobre a escravização mental e emocional delas quando elas vão para isso com os olhos bem abertos.

— Cinco minutos a sós com Brooke, — Ashwini disse. — E eu saberia com certeza se ela estava dizendo a verdade. — Ecos de memória eram os mais fortes em antigos como o anjo Nazarach, mas, com um pouco mais de esforço, Ashwini podia pegá-los daqueles com menos de quatro centenas de idade. A última limitação era o porquê de ela poder continuar a trabalhar como uma caçadora, era extremamente raro a Sociedade ser contratada para caçar um vampiro mais velho. Os anjos normalmente cuidavam de quaisquer problemas nesse nível eles mesmos.

Infelizmente, a limitação não era definitiva. Janvier era sem brilho para ela — tinha sempre sido assim — mas, geralmente, quanto melhor ela conhecia alguém, mais chances tinha de se conectar com eles, independentemente da idade. E de vez em quando, até mesmo um jovem estranho detonaria seus sentidos, arrastando-a para baixo. Era por isso que ela era tão cuidadosa com contato físico.

Janvier correu os dedos pela linha da coluna dela.

— Se você encontrar escuridão nas escravas de sangue de Giorgio, isso vai viver em você para sempre. Não, eu não vou permitir isso.

— Desde quando você tem o direito de me ‘permitir’ qualquer coisa? — Disse ela, virando-se.

Ele agarrou um dos pulsos dela, seu aperto suave, mas inquebrável.

— Quem foi ele?

A resposta dela foi instintiva, sua mente afastando-se da agonia disso tudo.

— Não é da sua conta.

Arrastando-a para si, Janvier segurou o pulso dela contra seu peito, seu coração bombeando constante e forte sob a fina barreira da camiseta, seu corpo tão quente que ela queria esticar-se nele como um gato diante de um fogo.

— Estamos além disso, e você sabe disso. É por isso você tem estado correndo tanto de mim.

— Eu me lembro de caçá-lo, — ela disse, seus dedos traidores enrolando-se no calor dele.

Ele a puxou para mais perto, e a voz dele detinha tantas camadas quando ele falou.

— Eu vejo tanta dor em seus olhos, tanta perda. — Respiração superficial e ombros rígidos, ele sussurrou. — Você o amou tanto?

Naquele instante, ela sabia que poderia lançar um golpe que seria uma marreta para a coisa estranha, sem nome e preciosa entre eles, a ligação que tinha se formado no primeiro dia que eles se conheceram. Ele tinha sorrido para ela enquanto ela encaixava uma flecha no lugar, então soprou um beijo e se moveu com a rápida graça que ela tinha vindo a associar sempre e somente com ele. Ela quase tinha sorrido de volta, antes de se lembrar de que ela estava lá para trazê-lo para enfrentar um anjo muito irado.

Aquele anjo tinha tirado a ordem de caça 72 horas mais tarde, depois de Janvier ficar cooperativo. Ela tinha entrado na residência do anjo para encontrá-lo rindo com Janvier, enquanto o maldito Cajun que tinha a levado para um pântano, antes de escapar com uma esperteza que ela tinha relutantemente admirado, estava deitado em uma poltrona verde intenso, pernas longas caídas para fora. Foi a primeira vez que ele a tinha chamado de *cher*, perguntando-lhe quando eles jogariam novamente.

*Et quand en va rejouer, cher?*

— Eu tenho fotos de toda a minha família no meu telefone, — ela sussurrou, incapaz de destruir a relação deles com a mentira que alteraria para sempre a honestidade em seu núcleo. — Você viu Arvi aquele dia... meu irmão.

Janvier soltou uma respiração dura, um tremor ondulando através do corpo dele.

— Ele é, pelo menos, vinte anos mais velho que você.

— Dezenove, — ela disse. — Eu fui um bebê-tardio. — Um erro, um arrependimento. — Em muitas maneiras, ele foi meu pai. É por isso que ele fala comigo daquele jeito, assume que eu vou fazer o que ele diz.

— Seus pais?

— Você já não invadiu um banco de dados e olhou tudo isso? — Era estúpido evitar a pergunta, mas ela estivera fazendo isso há tanto tempo que era hábito.

O polegar movendo-se sobre a pele dela, Janvier esperou até que ela encontrasse seus olhos para dizer.

— Isso teria sido contra as regras.

Ashwini não podia fingir que não conhecia as regras.

— Minha mãe e meu pai morreram quando eu tinha nove anos.

— Um acidente?

— Sim. Foi quando perdemos a nossa irmã, Tanu, também. — As palavras eram uma mentira envolta em uma devastadora verdade, mas este segredo ela não podia compartilhar. Não hoje. Não até que ela não tivesse mais escolha. — Depois que eles se foram, Arvi veio e tomou conta de tudo. — Ela tinha pensado que ele comandava o mundo, seu inteligente e bonito irmão.

— O amor não causa sombras tais como as que eu vejo em você, minha feroz Ashblade.



## Capítulo 9

Incapaz de suportar a emoção nua nos olhos dele, porque era um espelho da sua própria, ela usou seu treinamento da Sociedade para quebrar o aperto dele. O fato de que ela tinha esperado até agora era outro sinal de perigo, outro aviso.

— Eu não me encaixava, — ela disse, e era tudo que podia dizer naquele momento sem quebrar-se completamente.

Movendo-se para a beira do precipício, a neve esmagada sob suas botas, ela retornou a conversa para o que ela poderia lidar.

— Meu irmão é um neurocirurgião. — Um dos mais reverenciados na profissão. — Dr. Arvan Taj *não* atende chamadas em casa, não para qualquer um. E ele definitivamente não trata gado.

— Giorgio foi uma vez um renomado médico. — As botas de Janvier romperam a crosta de gelo sobre a neve conforme ele ia juntar-se a ela. — Ele foi responsável por um número significativo de avanços em seu tempo e continua a ser respeitado nos círculos médicos. Talvez porque seja só nas últimas quatro décadas que ele tenha escolhido abandonar a sua vocação para perseguir um prazer egoísta que não se importa com quem machuca.

Pegando algo inesperado no tom dele, ela franziu a testa.



— Ele chamou você de *mon ami*. Vocês eram amigos?

— Não, mas houve um tempo em que essas palavras teriam me deixado orgulhoso. — Empurrando uma mão pelos cabelos, ele disse, — Eu passei um mês no château dele nos alpes um longo tempo atrás. Ele estava tendo uma reunião com um número seletivo das melhores mentes do mundo e eu tropecei nisso quando estava encarregado de entregar uma carta importante. — Os olhos distantes, ele abanou a cabeça. — Por alguma razão, ele me convidou para permanecer, embora eu fosse um enviado ignorante, com mero meio século de vampirismo.

— Você sempre foi inteligente. — Era uma chama nele, o desejo de se agarrar a vida com ambas as mãos, absorvendo o conhecimento em mil diferentes fragmentos.

— Estou feliz em saber que você pensa assim, *cher*, uma vez que a sua mente me seduziu muito tempo atrás. — A leve dica de um sorriso tocou seus lábios, Janvier um homem que nunca foi sombrio por muito tempo. — Mas eu estava fora da minha liga lá, os outros ao redor eram cientistas e artistas, filósofos e exploradores. — Um suspiro, a garganta dele arqueando conforme ele olhava um céu noturno tornar-se nebuloso com nuvens. — Pode ser que esses grandes homens e mulheres decidiram que precisavam de uma audiência. Não importa, eu bebi no conhecimento que eles compartilhavam como se isso fosse chuva e minha alma uma planície seca.

Era uma imagem que puxou a alma dela, a fez querer se trancar em um quarto com ele por dias, semanas, meses, apenas para que ela pudesse ouvir das estradas que ele tinha viajado, os lugares que tinha estado, as pessoas que tinha conhecido. Tempo estava escorrendo entre os seus punhos apertados, e tinha tantas coisas que ela ainda não sabia sobre ele.

— Giorgio tinha gado, então? — Ela perguntou através da dor de necessidade.

— Sim, ele sempre teve um olho para a beleza jovem, mas isso é verdade para muitos homens, mortal ou imortal, *non*?

Ashwini assentiu, pensando no septuagenário que vivia no prédio dela, a companheira dele uma ruiva na casa dos trinta.

— Mas, naquela época, — Janvier continuou, — Giorgio tratava as mais velhas de seu gado com amor e respeito, mesmo depois da juventude delas desvanecer-se, durante o meu tempo no château, eu conheci uma que estava em sua sexta década. Para ela, Giorgio era família, e o sentimento era recíproco.

Ashwini não podia conceber a ideia de que o vampiro que eles tinham acabado de deixar tivesse sido, uma vez, um homem tão diferente, um súbito medo sufocando o fôlego dela.

— Não deixe que a imortalidade faça isso com você, — ela sussurrou. — Não deixe isso roubar sua alma.

Olhos verde-musgo sustentaram o olhar dela.

— Outros me disseram que é muito mais fácil ficar humano se você dividir seu coração em dois e der uma parte para outro guardar.

*Dê para mim, ela queria dizer. Eu vou protegê-lo com a minha vida... e vou te dar meu coração em troca.*

Cruzando os braços contra a urgência que acabaria por causar dor a ele de modo tão terrível que seria uma cicatriz permanente, ela quebrou a intimidade escaldante do contato visual para olhar para a deslumbrante Manhattan.

— Eu acho que Arvi poderia fazer um favor para um amigo. Ele e Giorgio provavelmente se conheceram em um baile de gala de caridade ou alguma outra festa black-tie, tornaram-se familiarizados.

O irmão dela sentia-se em casa em tais eventos, o encontro urbano perfeito. Porque, embora Arvi fosse um homem nascido para ser o chefe de uma família, o manto sentado sobre seus ombros como se ele tivesse sido feito para usá-lo, ele nunca havia se casado. Uma década atrás, Ashwini tinha pensado que aquilo estava prestes a mudar, mas a talentosa mulher cirurgiã por quem Arvi, ela estava mortalmente certa, amava apaixonadamente, tinha seguido para

tornar-se noiva de outro homem. Desde então, Arvi tinha jogado. Não combinava com ele, mas ela entendia por que ele fazia isso.

— Você nunca mencionou seu irmão antes. — Janvier acariciou as mechas do cabelo dela com as pontas dos dedos.

Os pequenos puxões em seu couro cabeludo atingindo profundamente dentro dela, Ashwini olhou para uma ventania para ver um esquadrão de anjos passando acima deles em um caminho de voo baixo. Eles mergulharam suas asas como uma unidade enquanto passavam, e ela sabia que Janvier tinha sido visto. Ele levantou a mão livre em reconhecimento assim que uma rajada fresca de vento soprou seu cabelo para trás de seu rosto.

Aquele rosto nunca poderia ser chamado de bonito. Ele tinha muitas pontas. Mas sexy? Sim, Janvier era sexy em todos os sentidos que um homem podia ser sexy. A curva de seus lábios, a sombra escura de pelos em sua mandíbula que dizia que ele não exagerava em ser bonito, o brilho pecaminoso de conhecimento em seus olhos, a maneira preguiçosa que ele se movia, tudo acrescentado a uma embalagem a qual uma mulher teria que exercer força de vontade incrível para repudiar.

A força de vontade de Ashwini estava o tempo todo baixa.

Como se sentisse isso, Janvier deslizou a mão pelas costas dela para enfiar um polegar no bolso traseiro direito dela. Estava empurrando os limites e era o que ele sempre fazia. Se ele, alguma vez, parasse de flertar com ela, uma parte dela morreria.

— Você tem que se reportar para Illium pessoalmente? — Ela perguntou, ignorando a pergunta implícita sobre seu irmão, incapaz de ir lá, de falar sobre a agonia que tanto dividia quanto unia ela e Arvi; ela não podia esquecer a traição dele, e Arvi não podia perdoar o que ele via como a dela.

— Eu posso ligar para dar a informação. — O olhar de Janvier era agudo, mas suas palavras fáceis. — Você?

— Vou fazer o mesmo.

Separando-se para extremos opostos do penhasco, ela ligou para Sara enquanto ele contatava a Illium.

Ashwini atualizou a Diretora da Sociedade com os detalhes, então disse

— Meus instintos estão gritando que o cão é um prenúncio de que o pior está por vir. — O sentimento não tinha nada a ver com suas habilidades mais incomuns; era puro instinto de caçadora. — Eu vou manter um olho na área, trabalhar com meus contatos para ver se eu posso conseguir alguma informação.

— Eu não estou te colocando em uma caça ativa por mais duas semanas, pelo menos, — Sara respondeu. — Então tome esse tempo e mantenha-me informada. Sem heroísmo. — Era um comando. — Eu malditamente não pretendo assistir agentes funerários colocarem outro do meu povo no chão.

Tinha havido demasiados funerais depois da batalha que tinha trovejado no ar, nos telhados e ao longo das ruas de Manhattan. Caçadores, vampiros, anjos... a onda de morte tinha sido indiscriminada, a dor deixada em seu rastro uma sombra pesada que coloria a ordem de Sara naquela noite.

— Anotado, — Ashwini disse para a outra mulher antes de desligar.

Então ela virou, olhou para o homem que caminhava em direção a ela, o cabelo bagunçado pelo vento e o sorriso um convite, e soube que estava a cerca de dez segundos longe de fazer o que poderia ser o pior erro da vida de ambos.

\*\*\*\*

**J**anvier queria Ashwini. Ele a tinha querido desde o primeiro encontro deles no luxuriante pântano verde e úmido do cipreste, a pele dela coberta de suor e libélulas zumbindo no ar. Tinha tomado todo o controle que ele tinha para não tentar seduzi-la ali mesmo, o desejo de lambar o forte gosto salgado dela conforme ele dirigia o pênis em seu corpo em uma ânsia súbita e violenta.

O fato de que ela tinha uma besta apontada no intestino dele não tinha desanimado sua luxúria, apenas a intensificado, mas a luxúria tinha sido apenas

o começo. Cada vez que eles se trombavam, ele tinha aprendido um pouco mais sobre sua Ashblade, até que, ter o corpo dela já não seria o suficiente. Janvier queria tudo da talentosa, complicada e qualificada mulher na frente dele.

Incluindo a confiança dela.

Hoje, os ricos olhos castanhos que ele tinha visto rindo, enfurecidos, divertidos, estavam tristes e quebradiços. Um pequeno empurrão e ele sabia que ela ia permitir a sedução, lhe permitiria usar seu corpo para fazê-la esquecer da dor que vivia nela, aquela coisa enorme e terrível demais para um mortal possuir. Ele poderia beijá-la, saboreá-la em um esforço para amenizar a necessidade dentro dele, mesmo empurrar seu pênis tão profundamente nela que ela gritaria. E quando acabasse, ele teria destruído a coisa mais linda que ele encontrara, que ele *sentira*, em toda a eternidade.

— É uma grande noite para uma longa viagem, — ele disse antes que ela pudesse falar. — Nenhum vento real, e eu posso lidar com qualquer neve que cair. Você está no jogo?

Uma pausa demorada, aqueles olhos misteriosos trancados no rosto dele.

Os nervos dele esticaram-se tensos; Janvier não sabia se ele tinha a força para recusar se ela lhe fizesse uma oferta diferente, mesmo sabendo que seria um erro devastador. Ela era o seu calcanhar de Aquiles, sua loucura pessoal e luminosa.

— Sim, — ela disse por fim. — Vamos lá.

Agarrando o capacete que ele tinha comprado especialmente para ela e que ele nunca emprestava a ninguém mais, ele o colocou nela com as próprias mãos, descendo a viseira resistente ao nevoeiro para proteger o rosto dela. Então, fechando o zíper de sua jaqueta depois de olhar para Ash e certificar-se de que a dela estava fechada, ele colocou seu capacete e montou na moto. Ela hesitou por um segundo antes de balançar-se atrás dele, longa e suave e a mais complexa e fascinante criatura que ele já conhecera.

Não interrompendo o silêncio que tinha caído entre eles, ele dirigiu pela estreita estrada de acesso ao penhasco com cuidado; ele podia ter uma camada temerária, mas apesar de sua coragem e determinação, Ash era mortal. Se ele acelerasse a moto, ela poderia morrer. Seu estômago apertado, sua espinha se fechando.

*Apenas mais algumas décadas. Então, será hora de um novo caçador te perseguir.*

Ela tinha dito aquilo para ele na primeira vez que ela lhe pedira ajuda. Eles tinham ido para o território de Nazarach, sobrevivido ao sádico anjo, compartilhado uma promessa decadente de um beijo em uma plataforma de trem antes que ela o deixasse, seu selvagem vendaval em forma de amante. Porque ela *era* muito bem sua amante, mesmo que eles nunca tivessem estado pele com pele. A ideia de estar com qualquer outra mulher depois que ele a conheceria tinha estado simplesmente fora de questão.

Ele não podia — não *poderia* — deixá-la morrer. Não a tempestade impetuosa que era ela.

A luz sairia do mundo se ela fosse embora.

O único impedimento para ela tornar-se quase imortal era a própria resistência de Ash ante a ideia. Raphael tinha estado ciente de Ash desde muito antes do fatídico encontro de Janvier com ela naquele pântano; o arcanjo ficaria mais do que feliz por ter uma mulher com as habilidades dela em sua Torre. De alguma forma, Janvier tinha que fazer Ash ver que viver centenas, talvez milhares, de anos não seria o pesadelo que ela imaginava.

Uma vez fora do Enclave, ele virou a moto na direção do Adirondacks. O vento da noite assobiava por eles e outros veículos ultrapassavam à esquerda porque ele mantinha a velocidade baixa, a neve nos lados da estrada brilhantes no feixe de seu farol quando passaram pelas áreas mais povoadas, as silhuetas das árvores limpas contra a noite.

Agitando o microfone e o sistema de alto-falante embutido em seu capacete com uma inclinação de cabeça, ele disse.

— Há algo sobre ir para um passeio com uma mulher bonita envolta em de mim.

Ela levou um par de segundos para entender o sistema do lado dela.

— Desde quando uma mão em seu ombro é estar 'envolta ao seu redor'?

A velha tristeza e mais velha mágoa que ele tinha sentido nela desde o instante em que ela estivera cara-a-cara com seu irmão ainda estava lá, mas ele podia ouvir sua Ash surgindo dali.

— Ah, talvez eu esteja simplesmente entregando-me a uma fantasia. Tolo homem que eu sou.

Um bufo soou atrás dele... mas, então, ela passou os braços ao redor do corpo dele, pressionando seu peito rente às costas dele, a força de seu aperto fazendo-o sentir possuído, tomado. O contato aliviou a antiga e potente necessidade dentro dele o suficiente para que seu peito não mais doesse, ar enchendo seus pulmões novamente.

— Então, eu peço e recebo. Você está em um humor generoso.

— Não fique muito convencido, cuddlebunny<sup>7</sup>.

O sorriso dele era brilhante.

— O que é um cuddlebunny? — Ele perguntou, genuinamente curioso.

— Você, no momento. Sexy, *non*?

Ele adorava quando ela brincava com ele.

— *Oui*, se isso faz você se aconchegar tão perto.

A risada foi rouca, e era tudo o que ele precisava ouvir.

\*\*\*\*\*

---

<sup>7</sup> a pessoa que você se aconchega, como em um namorado ou namorada. Ou Alguém que é bom para abraçar, implicações sexuais ou não, mas geralmente não. tem conotações bonitas.

Eles rodaram por horas, fazendo uma pausa de vez em quando para esticar as pernas ou admirar uma vista ou para Ashwini conseguir algum café quente dentro dela.

— Eu vou conseguir uma sobrecarga de cafeína neste ritmo, — ela apontou na segunda vez que Janvier fez uma rápida parada em uma lanchonete, a neve que tinha começado a cair suave e bonita não desafiava a habilidade de Janvier em lidar com a moto.

— Faça minha vontade, *cher*. Eu não te quero congelada. — Um sorriso perverso. — Eu gosto de seu sangue correndo quente.

— Pare de pensar sobre o meu sangue.

— Agora você pede o impossível do seu cuddlebunny.

Com cada milha que passava, cada palavra brincalhona dele, Ashwini sentia cada vez mais da tensão causada pelo encontro inesperado com Arvi esvaindo-se... e cada vez mais de seu coração caindo nas mãos do homem que tinha visto as fraturas nela e dera-lhe risadas para curá-la.

O que ela iria fazer sobre isso, sobre eles? Já não parecia tão simples quanto manter um segredo, manter distância. Porque, conforme comprovado pela sua posição atual, esta última tinha provado ser um fracasso *espetacular*, e a antiga parecia uma traição a tudo o que eles tinham se tornado um para o outro.

— Naasir está certo, — ela disse quando Janvier parou a moto em um posto de gasolina em seu caminho de volta a Manhattan, o ar limpo da neve mais uma vez.

Tirando o capacete, Janvier olhou por cima do ombro para ela.

— Sobre o quê?

— Sobre as pessoas fazendo as coisas muito complicadas para... — Um zumbido alto interrompeu suas palavras. — Espere, — ela disse, seu coração



batendo em suas costelas, porque a decisão sobre o que dizer a Janvier poderia ter acabado de ter sido tomado por ela.

No entanto, a chamada tarde da noite não era da Casa Banli.

— É Sara. — Ashwini sentiu o sangue gelar; a Diretora da Sociedade não estaria ligando para ela quinze minutos depois das onze a menos que houvesse um sério problema. — Sara, o que aconteceu?

— Policiais acabaram de entrar em contato comigo. Eles têm um corpo que marcaram como negócios da Sociedade. Pela descrição, está na mesma condição do cachorro.

Ashwini tinha se preparado para más notícias, mas as palavras de Sara bateram o ar para fora dela, no entanto.

— Maldição. — Enrolando sua mão contra o ombro de Janvier, ela fechou os olhos por um segundo antes de sacudi-los abertos. — Eu vou lidar com isso.

— Você não está em condição de caçar, Ash. Você sabe disso.

Janvier bateu na coxa dela e fez um movimento para que ela cobrisse o telefone para que eles pudessem falar.

— Um segundo, Sara.

— Eu não pude ouvi-la claramente, — Janvier disse assim que ela bloqueou o receptor. — Mas ela disse um corpo conectado ao cachorro? — Ante o assentir dela, o rosto dele ficou sombrio. — A cidade não precisa disso agora, tão pouco tempo depois da batalha. Mal começou a se curar.

— Você está oferecendo a assistência da Torre?

— De jeito nenhum que a Torre não iria envolver-se, — ele apontou. — A Sociedade teria de informar isto para Dmitri mais cedo ou mais tarde. Poderíamos muito bem trabalhar juntos desde o início.

Ashwini não podia discutir com ele, este não era um caso normal da Sociedade.

— Eu tenho assistência da Torre, — ela disse a Sara. Irritada como ela estava sobre ter que lutar para fazer seu trabalho, ela também sabia que a Diretora da Sociedade estava certa; ela não estava em condição física para lidar com isso sozinha. Seria estúpido não ter suporte no caso de as coisas darem errado.

— Janvier? — Sara perguntou.

— Sim. — Ela contou o que ele tinha dito sobre o estado psicológico da cidade.

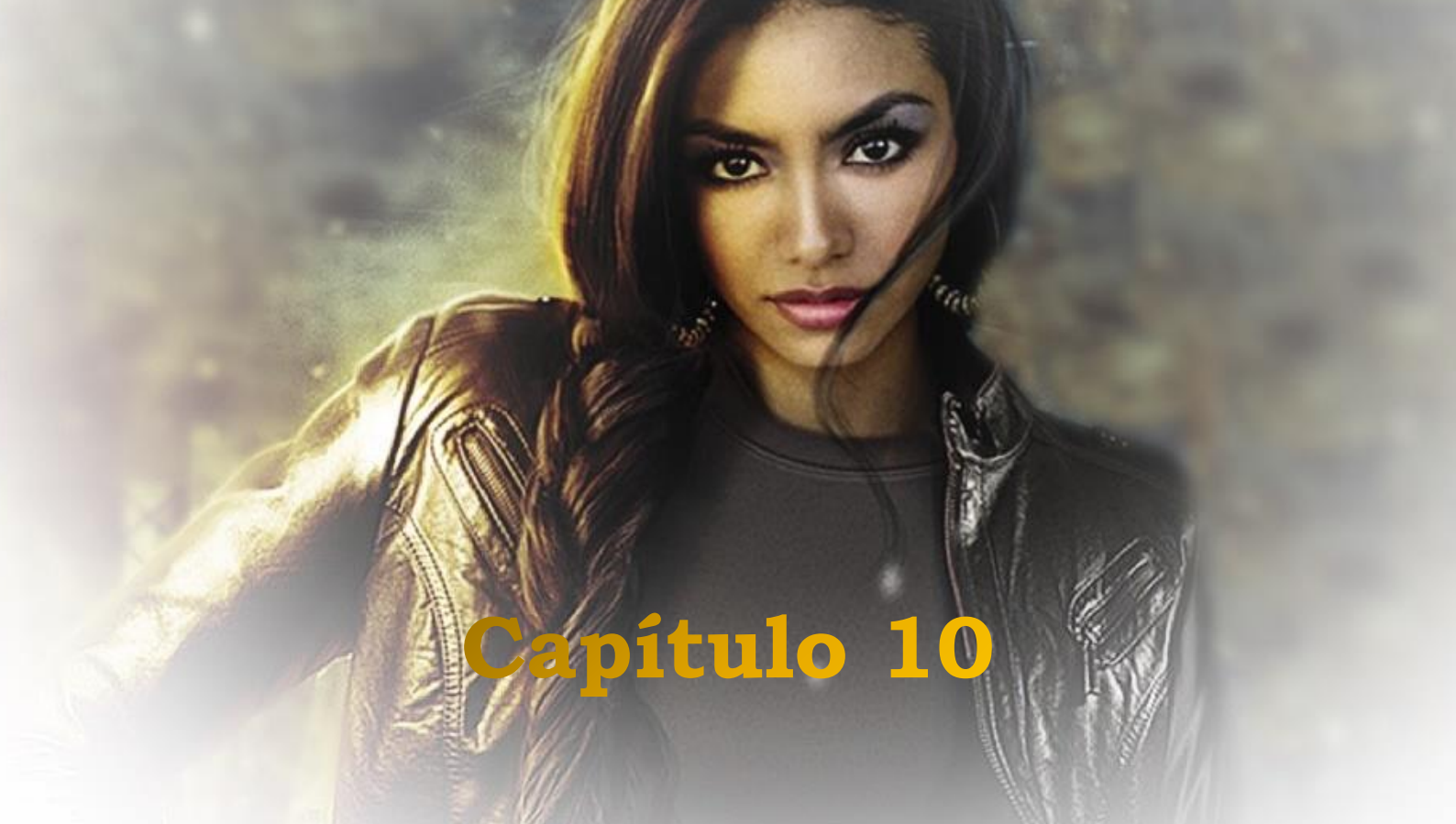
— Ele tem um ponto. — Um fraco som de batida veio através da conexão, Sara provavelmente tamborilando a caneta contra a mesa. — Presumo que Janvier vai passar os detalhes para Dmitri?

— Sim.

— Tudo bem. Vou entrar em contato com Dmitri pela manhã, resolver nosso plano de ação, mas por agora, trabalhe sob a suposição de que a investigação precisa voar sob o radar.

— Então o caso é meu?

— Eu vou dizer a polícia para segurar a cena para você.



## Capítulo 10

Ashwini e Janvier chegaram a Manhattan em metade do tempo que deveria ter tomado. Foi o passeio mais emocionante da vida dela, a moto em movimento tão suave quanto uma fita de água ao longo de um canal bem-revestido. Seda pura, aço e velocidade.

Aquela alegria foi substituída pela brilhante e dura raiva no instante em que chegaram à cena.

A vítima havia sido encontrada em uma lixeira atrás de um restaurante localizado oficialmente na Pequena Itália. Na realidade, isso envolvia a borda mais distante do Quarteirão Vampiro. Uma rua acima desta tranquila, e os clubes eram questionáveis na melhor das hipóteses, mortais na pior.

A última vez que ela tinha estado na área — Perseguindo um vampiro que tinha pulado para fora de seu Contrato e decidido se esconder no lado sombrio da cidade — ela tinha entrado em um desses clubes e se deparado com uma feliz viciada desmaiada no colo de um bem vestido e elegante vampiro com um toque de vermelho em seus olhos. Ele tinha empurrado as mini lantejoulas da viciada para fora de seu ombro, sua mão moldando o peito nu dela enquanto ele bebia de seu pescoço.

Outro vampiro homem tinha suas presas enterradas na parte interna da coxa dela.

Ashwini sabia que ela estava perdendo seu tempo, mas ela os tinha feito parar, então esperara até que a mulher estivesse consciente. Nesse ponto, a viciada tinha chamado Ash de uma cadela que precisava ser fodida. Então, ela tinha espalhado suas pernas lascivamente para revelar que não usava calcinha, e empurrou um dos vampiros para entre as coxas dela, dizendo-lhe para se alimentar. Seus olhos tinham rolado para trás em sua cabeça um instante depois, gritos orgásticos arrancados da garganta dela.

Uma semana depois, Ashwini tinha visto o rosto da mesma mulher em um boletim da Sociedade. Ela tinha sido encontrada drenada, sugada até o inferno. Entristecida, mas não surpresa, Ashwini havia dito ao caçador no caso sobre os vampiros que ela tinha visto com a vítima. Acabou que os dois tinham estado em São Francisco na época, a viciada morta por outro dos seus clientes.

Essa era apenas a ponta do iceberg.

Certas partes do Quarteirão Vampiro eram um mercado de carne. Para sangue, para sexo, para dor. Nem tudo disso nos cantos escuros. Dois dos mais perigosos clubes do Quarteirão eram também os mais sofisticados e exclusivos, atendendo a uma altamente seleta clientela. Vampiros velhos, *antigos*, que já não gostavam de nada tranquilo.

A Sociedade fazia o seu melhor para manter um olho nas coisas, mas os caçadores não eram os irmãos mais velhos de ninguém, e se a carne entrava e queria ser comida, não era da conta de ninguém além da dos adultos envolvidos.

Menores eram outra história.

A pele de Ashwini contorceu-se ante a memória do relatório que tinha sido parte do arquivo que tinha recebido quando entrara para a Academia aos dezesseis, a Sociedade tinha uma política de garantir que todos os seus alunos estavam plenamente conscientes do mundo em que eles estariam se movendo se completassem seu treinamento.

Os alunos mais jovens recebiam dados revisados, os quais suas mentes podiam lidar no momento, com mais seguindo conforme eles cresciam. Aprendizes mais velhos, em contraste, recebiam os fatos duros. Naquele caso nunca esquecido, o vampiro em questão tinha sido enviado para uma prisão especial para quase imortais e condenado a ter sua pele esfolada uma vez a cada 14 dias, sem anestesia, a ferramenta utilizada tendo de ser um chicote ou um bisturi.

Aparentemente, ele tinha que escolher qual ferramenta era usado cada e toda vez. Se isso não fosse aterrorizante o suficiente, uma vez por mês, os carcereiros cortavam a língua e o genital dele em específica punição ao fato de que ele caçava crianças. O tempo era calculado para ser precisamente o suficiente para tudo crescer de volta, dada a idade dele, e para ele ter dois dias de perfeita saúde.

*Quarenta e oito horas para temer o que está para vir*, Janvier dissera a ela uma vez enquanto eles estavam discutindo punição no reino de imortais e quase-imortais. *É um homem estúpido, de fato, aquele que procura quebrar a lei, quando a pena está nas mãos de Dmitri.*

Liberdade condicional não era sequer uma possibilidade até que o vampiro tivesse servido cem anos.

Tanto quanto Ashwini estava preocupada, era a perfeita punição. O vampiro tinha estado fodendo e chupando um menino de treze anos e uma menina de doze, ambos tendo sido criados no agregado familiar dele, filhos dos servos. Em vez de proteger os inocentes que o tinham admirado, ele tinha usado a confiança deles e dos pais deles para abusar sistemicamente.

Ele tinha até mesmo adestrado as vítimas ao ponto em que elas acreditavam que o abuso era uma parte normal da vida.

As duas crianças tinham sido danificadas em um nível tão profundo que Ashwini sabia que o prognóstico para a futura saúde psicológica deles tinha sido sombrio, na melhor das hipóteses. Ela tinha ouvido rumores de que foi uma das raras vezes que Raphael tinha pessoalmente se envolvido na vida dos mortais, isso tinha sido muito antes de Elena se tornar sua consorte.

De acordo com os rumores, ele tinha feito algo com a mente das crianças que permitiu que elas se curassem. Ashwini sempre tinha esperado que o boato fosse verdadeiro, que as crianças tinham superado aquilo, estavam vivendo vidas seguras e felizes como os adultos que seriam agora... e que nenhum outro monstro tivesse invadido a existência deles.

Como aquele que tinha caçado esta vítima.

A mulher — que não estava mais na caçamba de lixo, mas fora colocada em uma lona sobre a neve fresca caída ao lado dela, uma toalha branca protegendo-a da exposição — não era uma criança. Isso ficou claro quando Ashwini e Janvier levantaram uma ponta da toalha de mesa para olhar por baixo com a ajuda da lanterna de alta potência que ela tinha pegado emprestada de um dos dois policiais que haviam respondido ao relato de um corpo.

— Eu sabia que era um caso da Sociedade assim que eu vi, — o membro mais velho da dupla tinha dito, o cabelo cinza dela usado em um coque arrumado na parte de trás da cabeça e sua respiração congelando no ar. — As coisas que eu tenho visto neste trabalho, você pensaria que eu seria imune a surpresas. Nunca me deparei com nada como isso antes, no entanto.

A vítima, seu cabelo como palha despojada de cor, não era uma múmia total, tinha alguma forma nela. O suficiente para que Ashwini pudesse dizer que o rosto dela tinha a estrutura óssea de um adulto e os seios tinham se desenvolvido além da adolescência. Sua altura parecia estar perto de 1,65cm e, com a pele ao redor da boca tendo recuado, a dentição dela era clara e testemunhava a sua humanidade. Sem presas, nem mesmo como as de bebê. As marcas no corpo dela eram miríades. A luz refletia o brilhante branco de cicatrizes de muito tempo, afundadas no fresco roxo-verde de novos machucados, e estava rasgada pela bagunça que tinha sido a garganta dela.

Alguém tinha machucado esta mulher durante um longo período de tempo.

Raiva pulsando em seu intestino, Ashwini sabia que quaisquer exames complementares teriam que esperar pela clareza fria do necrotério da Sociedade.

— Por que vocês a moveram? — Ela perguntou à patrulheira mais velha.

O companheiro dela, jovem e vigoroso e com um toque verde em torno do nariz, estava de guarda na entrada do beco/porta que atendia a parte de trás dos negócios ao longo deste trecho.

— Não fui eu, minha senhora. — Uma sutil sacudidela da cabeça dela. — O dono do restaurante, ele a tinha tirado antes que chegássemos aqui. O nome dele é Tony Rocco.

Olhando por trás do policial uniformizado, Ashwini avaliou o homem pequeno e de aparência sólida com os olhos vermelhos que estava na porta traseira aberta do restaurante. Ela se levantou, dando sinal verde aos técnicos que estavam esperando para acessar a cena do crime. Os dois não eram da Sociedade, mas tinham trabalhado para e com eles em casos anteriores e podiam ser confiáveis em não vazarem nada para a mídia.

— Obrigado por terem vindo tão tarde, gente, — ela disse antes de caminhar até Tony Rocco.

Janvier ficou para trás, conversando em voz baixa com os técnicos.

— Senhor, — ela disse ao chegar até o dono do restaurante. — Meu nome é Ash. Eu estou com a Sociedade.

Ele não pediu para ver a identidade dela, apenas balançou a cabeça, seu cabelo espesso do mesmo preto profundo que seu bigode bem tratado, sua pele pastosa com o choque.

— Eu não podia deixá-la ali, como lixo. Eu sei que não devo tocar se encontrar algo assim, mas eu simplesmente não pude. — O lábio inferior dele tremeu, sua voz rouca. — Ela é a menininha de alguém.

Pelo menos, Ashwini pensou, a vítima tinha tido isto, um momento de cuidado, de humanidade depois do horror.

— Eu entendo, senhor Rocco, — ela disse, mantendo a voz suave. — Mas você pode me dizer como a encontrou? Havia lixo em cima dela?

Em vez de responder, ele se virou na porta de entrada para chamar alguém.

— Coby!

Um adolescente desengonçado com a mesma estrutura facial de Tony, mas com uns centímetros a mais de altura e a pele vários tons mais escuros, apareceu atrás do homem mais velho.

— Sim, Pai?

— Mostre as fotos para a senhora.

O adolescente pegou seu telefone, tocou a tela para abrir seus arquivos de fotos, então o entregou a Ashwini.

— Eu assisto séries de crime... mas eu nunca esperei ver qualquer coisa real. — O pomo de Adão dele balançou. — Eu fiz o Pai esperar um minuto antes de tirá-la. Eu o ajudei então, mesmo sabendo que nós não deveríamos.

Segurando a mão de seu pai como ele devia ter feito quando mais novo, Coby piscou rapidamente, e acrescentou.

— Ela estava apenas jogada. Eu não sabia que as pessoas faziam isso de verdade. Eu pensei que eles inventavam esse material para TV. — A voz dele tremeu.

Ashwini conhecera um monte de gente ruim em sua linha de trabalho, mortal e imortal. Alguns eram estúpidos e violentos, outros ruins e cruéis, uma percentagem egoísta e narcisista. Então, ela conhecia pessoas como Coby e seu pai e renovava sua fé no mundo.

— Obrigada. — Encaminhando para si mesma as fotos do telefone do menino e apagando as cópias dele de modo que Coby não teria que fazê-lo ele mesmo, ela disse. — Vocês costumam colocar o lixo para fora em torno do horário em que ela foi encontrada?

Tony Rocco assentiu depois de colocar o braço em torno de seu filho e abraçou o adolescente de lado.



— Sim. Nós limpamos para a manhã seguinte e...

— Teria sido por volta das onze, — Coby disse quando seu pai parou, a voz do homem mais velho tragada pela dor.

— Alguma outra pessoa usa esta lixeira?

— Moradores de rua mergulham na lixeira de vez em quando, — Coby disse. — Mas nós tentamos dar-lhes sobras para que eles não precisem fazer isso. — Outra tragada irregular, mas o garoto continuou. — Está tão frio agora que eles não vêm à noite mais. Na maior parte das vezes, somos nós e o lugar ao lado, só que eles estavam fechados hoje.

O pai de Coby apontou um dedo trêmulo na direção dos sacos de lixo pretos no chão ao lado da lixeira.

— Quem faz isso? — Dobrando a mão em um punho, ele bateu-a contra seu coração. — Quem apenas joga fora um ser humano?

Ashwini não tinha resposta para ele.

— Vocês vieram aqui fora mais cedo hoje?

— Eu vim, — disse Coby. — Eu faço a limpeza depois do horário de pico do almoço. Teria sido por volta das duas e meia, três no mais tardar. — Ele esfregou as mãos sobre os braços cobertos pelo suéter. — Ela não estava na lixeira e eu não vi ninguém ao redor.

Ashwini fez uma nota para verificar câmeras de vigilância em qualquer lugar nas proximidades, os policiais já tinham verificado que o restaurante não tinha uma. Ela não tinha muitas esperanças; a área não era rica o suficiente para câmeras serem automaticamente instaladas, mas não dominada pelo crime o suficiente para que a vigilância fosse um pré-requisito para o seguro. Aqui, vizinhos cuidavam uns dos outros, mas a maioria dos lugares teriam fechado pelo menos uma hora antes, e enquanto este restaurante intrometia-se no Quarteirão Vampiro, não estava em uma rota popular de pedestres em direção a clubes, tornando duvidoso que ela seria capaz de localizar quaisquer testemunhas oculares.

Tudo isso contribuiu para lhe dizer que a pessoa que tinha escolhido esta lixeira conhecia bem a área; ele ou ela era um morador local ou vivia nas proximidades. Infelizmente, isso a deixava com uma enorme piscina de suspeitos. Encontrando os olhos escuros de Coby e, em seguida, os de Tony, ela disse.

— Algum de vocês lembra se havia outras pegadas na neve quando saíram esta noite? As suas próprias de antes?

— Não, havia neve fresca, com marcas apenas de patas de gato, — respondeu Coby. — Eu lembro, porque eu estava parado na porta e pensei sobre como seria fazer uma impressionante decoração para um bolo, gravuras minúsculas de patas em glacê branco, talvez um gato sentado na borda. — Ele começou a sorrir, mas desapareceu em um batimento cardíaco mais tarde. — Isso foi antes...

O pai estendeu a mão para dar um tapinha rosto do menino.

— Não, você não deixe que ninguém roube seus sonhos, especialmente algum pedaço de escória que feriria uma mulher dessa maneira. — Puxando o rosto do filho com as mãos em suas bochechas, Tony disse. — Nós vamos assar esse bolo e vamos compartilhá-lo com os nossos clientes amanhã, celebrar a vida desta mulher, dar a ela algo melhor do que a feiura de sua morte.

Esperando até que seu filho tivesse assentido em resposta as suas palavras empáticas, Rocco olhou para Ashwini.

— Se ela não tiver família, nós vamos cuidar de seu funeral, para ter certeza de que ela será tratada corretamente.

— Obrigada, — ela disse, consciente de que seria um sacrifício monetário para o que parecia ser uma pequena empresa familiar. — Vou entrar em contato com você uma vez que saibamos as informações dela e os detalhes de quando o patologista irá liberar seu corpo. — Seria em cinzas, o estado do corpo da mulher muito explosivo para arriscar mais exposição.

Tony assentiu e levou seu filho embora.

— Eu vou deixar a porta aberta, — ele disse sobre o ombro. — Se alguém precisar de café, é só entrar.

A policial mais velha aceitou a oferta em nome de si mesma e de seu parceiro, ambos tendo estado ali por mais de uma hora. Agitando a cabeça quando o policial parou na porta para verificar se Ashwini queria um pouco, ela caminhou até Janvier e mostrou-lhe as fotos que Coby tinha tirado.

— Ela foi despejada em algum momento entre duas e meia da tarde e onze horas da noite, quando o menino a descobriu. Nós podemos estreitar esse tempo se descobirmos quando nevou nesta área depois das duas e trinta.

Janvier devolveu o telefone dela, sua raiva uma película de gelo sobre o verde dos olhos.

— Antes de fazermos qualquer outra coisa, — ele disse, a voz rígida com o controle. — Temos que nos certificar de que notícias sobre a condição do corpo não vão se espalhar. Ela merece o melhor, mas isso poderia afetar todo um território.

Ashwini normalmente não tinha tempo para política, mas esta situação política particular poderia rapidamente se tornar mortal; os arcanjos estavam todos observando Nova York por quaisquer sinais frescos de fraqueza. Mais, como Janvier tinha salientado anteriormente, a cidade tinha apenas começado a se curar de suas perdas. Mais um chute poderia rasgar as feridas abertas novamente.

— A policial mais velha me disse que não comunicou por rádio quaisquer detalhes, apenas o fato de que eles haviam encontrado uma mulher falecida. — Ashwini tinha um sério respeito pela oficial e seu pensamento rápido em contatar a Sociedade usando seu telefone em vez de o rádio. — Com esta localização, ninguém ouvindo teria assumido que ela era uma alimentação doce que atendia um dos clubes periféricos. A mídia não vai responder a qualquer coisa tão "rotineiro" como a morte de uma alimentação doce.

Os voluntários da doce alimentação — homens e mulheres — eram parte do mundo cinza. Luz não penetrava naquele mundo e era um sobre o qual pessoas

“Comuns” não gostavam de pensar. Uma vez perdidos, as pessoas no mundo cinza eram esquecidas, e isso era ao mesmo tempo triste e uma feia acusação para a sociedade.

Desta vez, no entanto, aquela atitude insensível iria trabalhar a favor deles.

— Isso deixa o dono do restaurante e o filho dele, — disse Janvier, com os olhos na porta aberta através da qual a policial mais velha tinha saído um par de minutos mais cedo com duas canecas fumegantes de café. Ambos os oficiais de patrulha estavam, agora, no final aberto da passagem de serviço. — O menino tinha as fotos.

Ashwini franziu a testa. Sim, ela tinha excluído as imagens, mas Coby tinha tido muito tempo para enviar cópias por e-mail para si mesmo, ou para outra pessoa.

— Eu vou falar com eles, — disse ela, bastante certa de que o adolescente não era o tipo de alavancar fama através de atrocidades.

— Não. — Despojado de qualquer indício de charme, a expressão de Janvier expunha a vontade implacável do âmago de sua natureza. — Nós vamos conversar com o menino e seu pai juntos.

— Estas são pessoas boas. — Ashwini cruzou os braços. — Eles não precisam ser aterrorizados em troca de terem sido honestos o suficiente para recolher o corpo, quando eles poderiam ter permitido que os lixeiros o pegassem, sem explicações. — Onde Coby e seu pai tinham visto uma pessoa, muitos outros teriam visto lixo.

Janvier tocou a mandíbula dela com os dedos, um toque frio e um pouco áspero que acabou antes que ela pudesse protestar.

— O medo é o que mantém os mortais vivos em um mundo de predadores. — O que não foi dito é que ele era um dos predadores.

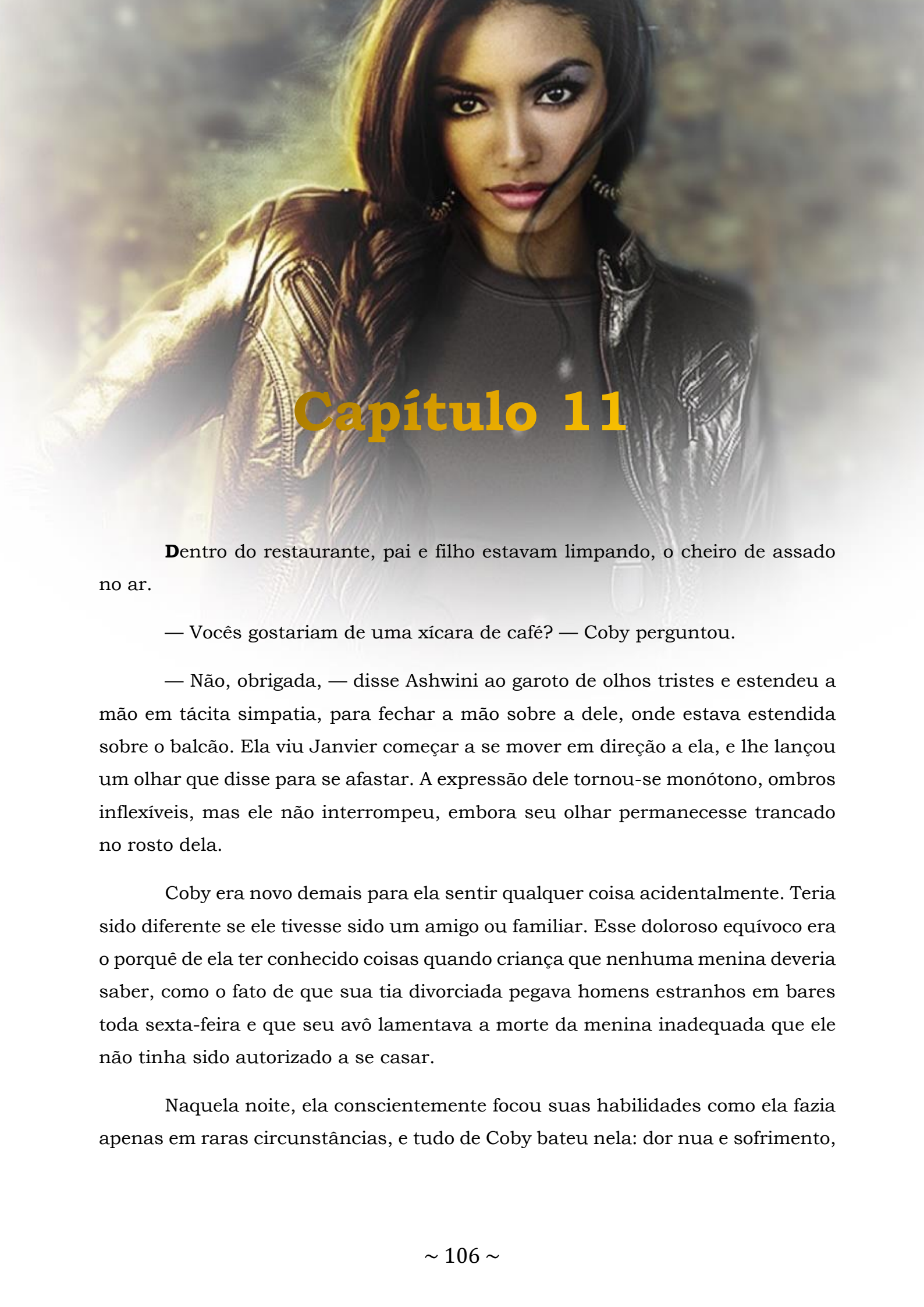
Ashwini sempre soubera aquilo, sempre tinha visto os estratos complexos dele, porque o charme? Era real, também.

— Eu lido com a conversa. — Tomando um minuto para falar com os técnicos na cena do crime para se certificar de que a vítima seria transportada para o necrotério da Sociedade tão rápido quanto possível, ela foi em direção ao restaurante.

— Você não a quer aqui fora no frio, — Janvier disse, parando-a na porta do corredor.

Ashwini não negou seu impulso irracional, mas visceral. Ninguém deveria ter que jazer no frio escuro, depois de ter sido tão brutalmente torturado.

— Vamos lá, — ela disse, forçando os olhos para longe do corpo tão emagrecido que mal fazia uma ondulação debaixo da toalha de mesa que era sua mortalha, — Vamos fazer isso.



## Capítulo 11

Dentro do restaurante, pai e filho estavam limpando, o cheiro de assado no ar.

— Vocês gostariam de uma xícara de café? — Coby perguntou.

— Não, obrigada, — disse Ashwini ao garoto de olhos tristes e estendeu a mão em tácita simpatia, para fechar a mão sobre a dele, onde estava estendida sobre o balcão. Ela viu Janvier começar a se mover em direção a ela, e lhe lançou um olhar que disse para se afastar. A expressão dele tornou-se monótono, ombros inflexíveis, mas ele não interrompeu, embora seu olhar permanecesse trancado no rosto dela.

Coby era novo demais para ela sentir qualquer coisa acidentalmente. Teria sido diferente se ele tivesse sido um amigo ou familiar. Esse doloroso equívoco era o porquê de ela ter conhecido coisas quando criança que nenhuma menina deveria saber, como o fato de que sua tia divorciada pegava homens estranhos em bares toda sexta-feira e que seu avô lamentava a morte da menina inadequada que ele não tinha sido autorizado a se casar.

Naquela noite, ela conscientemente focou suas habilidades como ela fazia apenas em raras circunstâncias, e tudo de Coby bateu nela: dor nua e sofrimento,

amor por uma garota e pela família dele, o horror e a compaixão que ele sentiu ao ver o corpo, preocupação por seu pai... tantas peças da alma do adolescente.

Ashwini não gostava de se afogar na vida de outra pessoa, tinha medo de que um dia ela iria afundar e não encontraria seu caminho para fora. Mas ela não queria que Coby estivesse ferido, não queria que Janvier se tornasse um monstro para o menino e seu pai. Assim, ela ignorou o medo, encontrou o que precisava em relação a ambos, as memórias do menino sobre o pai o suficiente para reforçar sua impressão sobre o homem.

Quebrando o contato, ela disse.

— Obrigado pelo que você fez hoje.

Olhos brilhando, o adolescente olhou para longe, enquanto seu pai permitiu que as lágrimas caíssem.

— Por favor, não mencione os detalhes do que você viu a ninguém.

— Eu não quero nunca colocar esse pesadelo na cabeça de ninguém, — disse Tony ante o aceno brusco de seu filho.

Janvier manteve-se em silêncio até que eles estivessem do lado de fora e longe o suficiente dos oficiais da patrulha para que não fossem ouvidos. Quando ele falou, sua voz vibrava com fúria.

— Você abriu-se a tudo na cabeça do menino.

— Sim, eu fiz. — Tinha sido uma violação, mas ela disse à sua consciência que ela tinha salvado Coby de uma violação muito maior. Caso a Torre sequer *pensasse* que Coby ou seu pai tinham — ou iriam — divulgar qualquer informação, a represália seria glacialmente fria, sombriamente aterradora.

— Eu tenho sobrevivido a coisas muito pior do que as memórias de um menino doce e seu pai. — Uma vez, um anjo tinha agarrado seu pulso, torcido em um esforço para trazê-la perto para que pudesse ter um “Gosto” dela. Ela enfiara uma pesada faca de caça no olho dele, porque realmente não havia maneira de escapar de um anjo daquela idade, exceto com surpresa, velocidade e esperteza.

Ela tinha escapado com muito esforço e com tanto da vida do assustador entulhado em sua cabeça, que ela tinha vomitado no instante em que estava em um esconderijo.

— Você pode ter vivido mais de 200 anos, — ela disse para Janvier. — Mas eu não acho que você conheça a profundidade da crueldade e horror que alguns Imortais são capazes de fazer.

O maxilar se movendo, Janvier ergueu as mãos como se para agarrar os braços dela, mas deixou-as cair no meio do caminho.

— Você me enfurece. — Ela não tinha nenhum cuidado consigo mesma. Ele a tinha visto em agonia após o inevitável contato com um imortal antigo e pervertido, nunca em público, é claro, nunca onde qualquer um pudesse ver a fraqueza.

Janvier tinha simplesmente estado lá por acaso e ele a conhecia bem o suficiente para pegar os sinais de dor que ela era tão boa em esconder. Então, ele tinha projetado a sua saída, a colocado em uma sala onde ela podia entrar em colapso, as mãos agarradas ao estômago. Ele nunca se sentira tão inútil como quando ele teve que vê-la sofrer sem ser capaz de fazer uma fodida coisa sobre isso.

Agora, ela plantou os pés em uma posição combativa, as mãos nos quadris.

— Sim, bem, você está me enfurecendo de volta.

Os dois ficaram em silêncio conforme o carro do necrotério estacionou, o corpo carregado nele com cuidado, as portas fechadas. Os técnicos da cena do crime continuaram a trabalhar, mas era óbvio que eles não estavam conseguindo muito.

No entanto, isso não era a prioridade de Janvier no momento.

— Você assumiu um risco perigoso.

— Ele é um *menino*. Não havia horror nele, apenas tristeza.



Janvier sabia que ela não tinha dado a ele o direito, mas ele tomou de qualquer maneira, aproximando-se para agarrar o lado do pescoço dela com a mão, deslocando o corpo para perto do dela.

— Você não sabia disso quando você tocou nele. — Ele estava com tanta raiva dela por se colocar nessa posição. — Você não sabia o que iria entrar em sua cabeça, *sorcière*.

— Eu te disse — os olhos dela queimaram nele, cheios de mil segredos — Bruxas eram queimadas na fogueira. Eu sou apenas uma mulher.

Uma mulher que via através do véu que as pessoas colocavam entre si e o mundo, que poderia despir mentiras para revelar o coração da escuridão que vivia dentro de mortais e imortais... e para quem imortais eram o inimigo de sua sanidade. Ele passou o polegar sobre o pulso dela, mas ela não estava mais lá por mais tempo, tendo escapado do aperto dele com a esperteza de uma caçadora.

Caminhando para os técnicos, ela se agachou para falar com eles, claramente esperando encontrar algo, embora ela tivesse que saber que as chances eram baixas. Criminosos podiam ser estúpidos, mas Janvier não achava que esta era uma das vezes. Havia algo de muito *frio* em jogar um ser humano no lixo. Seria preciso uma alma de gelo para fazer isso e ir embora, e alguém tão desprovido de sentimento cobriria seus rastros com a mesma frieza calculada.

Mais uma vez, ele pensou em Lijuan e em como o Arcanjo da China tinha se alimentado de suas tropas. Naasir tinha passado por uma luta brutal para conseguir falar com Raphael sobre a capacidade da arcanja inimiga de regenerar-se usando a força da vida dos outros, tinha acabado com as costas praticamente abertas com cortes. Ainda por trás das linhas do inimigo, Ashwini e Janvier tinham trabalhado para abrandar as forças hostis da maneira que podiam.

— *Ela é sua?*

Naasir tinha perguntado, os olhos de prata reluzindo contra o rico marrom de sua pele.

— *Toque-a e descubra.*

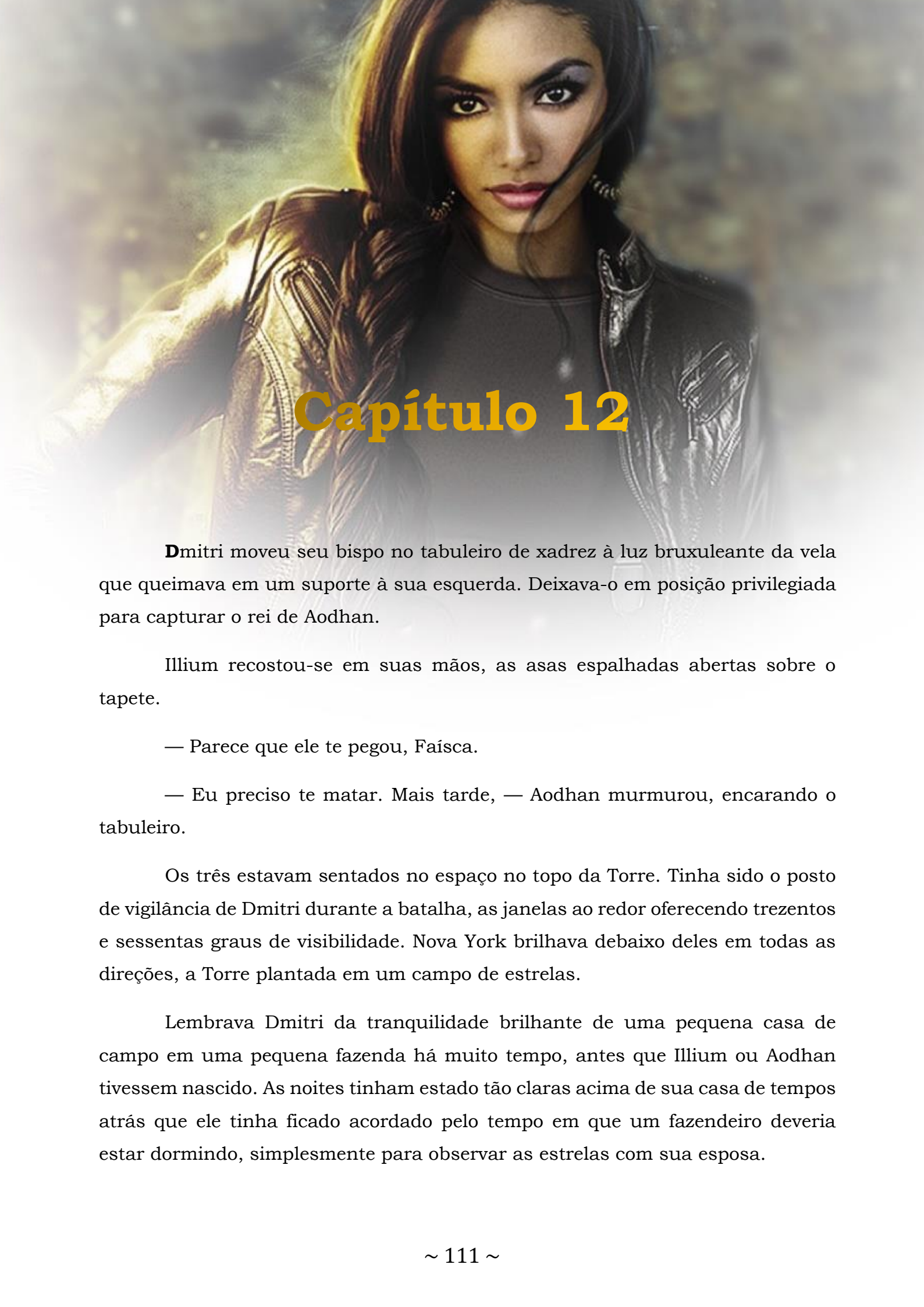
— *É melhor se apressar, Cajun.*

Janvier estava indo tão rápido quanto ousava, mas ele temia que não fosse rápido o suficiente. Ashwini era uma caçadora; periculosidade era uma parte normal dos contratos de caçadores por uma razão. E se — quando — a guerra viesse para a cidade novamente, ela lutaria contra o inimigo ao lado dele. O corte diagonal através do torso dela nas horas finais desta batalha tinha chegado muito perto de entalhar o coração e perfurar outros órgãos internos. A morte poderia tê-la roubado dele se o vampiro que a atacara tivesse mudado de posição um centímetro antes de golpear.

Desafio furioso queimou sob a pele dele.

Ele tinha assistido a todos que ele já amara morrer de velhice. Eles tinham querido ir, tendo vivido uma vida contente feliz, e ele não tinha tentado forçá-los a continuar, a candidatar-se a uma chance de vampirismo e vida quase imortal. Ele era muito egoísta para ter esse entendimento quando se tratava de Ashwini; ele não iria assistir sua estrela ir embora.

Ela não.

A woman with long, dark, wavy hair and a black leather jacket is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm, golden light. The title 'Capítulo 12' is overlaid in a large, bold, orange font.

## Capítulo 12

**D**mitri moveu seu bispo no tabuleiro de xadrez à luz bruxuleante da vela que queimava em um suporte à sua esquerda. Deixava-o em posição privilegiada para capturar o rei de Aodhan.

Illium recostou-se em suas mãos, as asas espalhadas abertas sobre o tapete.

— Parece que ele te pegou, Faísca.

— Eu preciso te matar. Mais tarde, — Aodhan murmurou, encarando o tabuleiro.

Os três estavam sentados no espaço no topo da Torre. Tinha sido o posto de vigilância de Dmitri durante a batalha, as janelas ao redor oferecendo trezentos e sessentas graus de visibilidade. Nova York brilhava debaixo deles em todas as direções, a Torre plantada em um campo de estrelas.

Lembrava Dmitri da tranquilidade brilhante de uma pequena casa de campo em uma pequena fazenda há muito tempo, antes que Illium ou Aodhan tivessem nascido. As noites tinham estado tão claras acima de sua casa de tempos atrás que ele tinha ficado acordado pelo tempo em que um fazendeiro deveria estar dormindo, simplesmente para observar as estrelas com sua esposa.

A memória do sorriso de Ingrede, seu beijo sob a luz das estrelas, já não machucava o coração dele. Porque seu coração tinha voltado para ele. Ela tinha mudado e ele também, mas eles eram quem precisavam ser um para o outro.

Honor adorava aquele espaço e muitas vezes lhe fazia companhia quando ele tinha que fazer a vigilância da Torre à noite. Naquela noite, porém, ela estava trabalhando em um documento histórico intrigante no apartamento deles, tendo risonhamente dito a ele para divertir-se com os “Meninos”. Os “Meninos” eram os dois anjos letais com ele — um esparramado à esquerda dele, o outro franzindo a testa em concentração na sua frente.

O espaço não tinha móveis, os três estavam sentados no chão.

Não que fosse espartano agora que não era mais uma sala de guerra. O chão estava coberto por um fino tapete persa que Dmitri tirara do armazém pessoal, tendo escolhido aquilo uma centena de anos antes, em um mercado ao longo da antiga Rota da Seda. Tinha sido feito à mão por um talentoso artesão, as cores vermelho rubi e amarelo ouro com toques de azul meia-noite.

Em cima dele estavam as grandes almofadas de várias cores que Montgomery tinha trazido do armazém onde ele guardava tantas coisas, que Dmitri não tinha ideia do inventário. Aquele era um domínio estritamente de Montgomery, exceto quando o mordomo se ofendia com a forma que outro imortal estava tratando uma obra de arte inestimável e decidia "realocá-la" para seu próprio cuidado.

Felizmente, Dmitri tivera que lidar com aquilo apenas uma vez. Ele tinha levado três horas no armazém para desenterrar a estátua de uma deusa das artes eróticas de 10 centímetros de altura. A peça fora requintada o suficiente para motivar Dmitri a se oferecer para comprá-la do vampiro que a possuía, mas o homem não se desfaria de seu tesouro até uma década atrás. Nesse ponto, Dmitri tinha colocado a estátua na sala de estar privada de Montgomery na casa Enclave.

Na maioria das vezes, o mordomo exibia seus itens roubados na casa de Raphael, e o arcanjo tinha a certeza de fazer com que cada peça fosse tranquilamente reunida com seu dono. Muitos homens — anjo, vampiro, ou

humano — teriam dispensado um servo com tais pecados, mas Montgomery era tão leal a Raphael quanto qualquer um dos Sete, e o Sire compreendia o valor dessa lealdade.

— *Uma falha não tira o valor de um homem*, — Raphael já havia dito para Dmitri. — *Caso contrário, eu teria sido descartado há muito tempo.*

Agora, Illium comia as tâmaras açucaradas que Montgomery tinha fornecido, os doces faziam parte de uma bandeja de alimentos que tentaria qualquer apetite. Estendendo a mão, Dmitri pegou uma única uva, desfrutando o sabor doce e fresco, e imaginando-se oferecendo o gosto de seus lábios a Honor.

— Tâmaras? — Illium disse com um brilho nos olhos.

Dmitri ignorou a tigela de madeira pintada que o anjo estendeu.

— Eu vou ajudar Aodhan a te matar, depois que eu te torturar fazendo você beber champanhe enquanto escuta Mozart. — O anjo de asas azuis odiava ambas as coisas.

Illium sorriu, sem medo da ira combinada de Dmitri e Aodhan.

— Não me diga que você ainda está com o coração partido por causa de Favashi, — ele disse, citando a arcanjo que tinha grandes plantações de tâmaras em suas terras. — Eu não vou acreditar em você, eu admito que não tinha nem mesmo um brilho nos olhos da minha mãe durante a sua cooperação com a adorável Arcanjo da Pérsia, mas eu tenho visto vocês juntos desde então, e você nunca olhou para ela da maneira que você olha para Honor.

— Illium está certo nisso, Dmitri. Honor é o seu coração. — Os olhos cristalinos de Aodhan refrataram no rosto de Dmitri em incontáveis fragmentos, as ranhuras finas ao redor da boca do anjo, o único sinal da dor que ele continuava a suportar enquanto seus ferimentos saravam.

A ferida no pescoço tinha fechado primeiro, seu corpo imortal concentrando os esforços na ameaça mais perigosa. Sua asa danificada tinha sido a próxima, mas enquanto Aodhan podia voar distâncias curtas, e tinha sido

encorajado a fazê-lo pelos curandeiros para reforçar o fraco novo músculo, levaria mais algumas semanas antes que ele pudesse retornar ao estado de pleno voo.

Seus ossos quebrados tinham curado, mas o braço esquerdo, como a lesão menor em termos imortais, só tinha regenerado parcialmente até a região do cotovelo nesta fase. Estava coberto atualmente por uma camisa branca de mangas longas em deferência ao fato de que o frio podia, às vezes, retardar a cura por desviar recursos do corpo para geração de calor.

O poder nas veias de Aodhan mostrava que ele tivesse se curado em tal velocidade. A maioria dos anjos na idade dele ainda estaria limitados a cama, a recuperação contada em meses, não semanas. A melhor notícia, no entanto, não tinha nada a ver com a saúde física de Aodhan. Não, tinha a ver com uma cicatrização lenta, mas profunda, da alma.

A voz de Illium invadiu a avaliação de Dmitri sobre o anjo ferido.

— Eu acho que nosso honrado segundo está em choque. Por que a memória da mão de aço em uma luva de veludo que é Favashi faz você ranger os dentes?

— Não é a memória de Favashi que me exaspera. — Dmitri fez uma careta. — É a memória da minha própria estupidez. — A mulher arcanjo quase tinha o manipulado para tornar-se sua arma pessoal.

Dmitri não tinha nenhuma objeção em ser a arma da pessoa que amava, ele era letal e havia honra em proteger aquilo que era precioso para o coração e para a alma. Ele tinha um problema com ser usado como um tolo.

— Levei muito tempo para enxergar as maquinações dela. — Ele comeu outra uva. — Pelo menos Michaela mostra seu interesse próprio e narcisismo abertamente, enquanto Favashi finge ser bondosa e graciosa enquanto tem a alma de uma cobra.

Aodhan balançou a cabeça.

— Ela não fez nada que um arcanjo homem não faria na tentativa de garantir um forte imortal para sua corte. É errado que você a compare com Michaela.

Dmitri sabia que Aodhan estava certo; a política imortal não permitia qualquer coisa além de crueldade para sobreviver. Na verdade, Favashi e Michaela tinham pouco em comum além de seu gênero. Ainda, toda a ideia de manipular imortais fortes em serviço continuava a irritá-lo.

— Todos nós servimos Raphael de nossa espontânea e livre vontade. Você pensaria que a lição seria clara.

Com cabelos brilhando como diamantes mesmo na luz apagada, Aodhan disse.

— Você se esquece, Dmitri. Raphael ainda é considerada jovem. Nós somos uma experiência, muitos dos mais antigos espera que você em particular levante-se e se rebele a qualquer dia.

Aodhan tinha sido sempre mais próximo de Illium, Dmitri com mais de 500 anos de idade quando Aodhan nasceu. Assim, ele não tinha percebido até agora, o quanto tinha sentido falta do anjo. Aodhan sempre tinha visto o mundo através de uma lente incisiva, algo que era visível na sua arte.

— Às vezes, — Dmitri disse. — Eu acho que nunca vou entender a espécie angelical. — Há mil anos, ele tinha estado ao lado de Raphael, com pequenos desvios ao longo do caminho e ainda, as pessoas se recusavam a acreditar que a relação deles não era apenas a de um arcanjo e seu segundo, mas uma amizade.

— Você não está sozinho, — disse Aodhan. — Eu acho que alguns dos antigos tornaram-se tão conservadores, tão abrigados dentro de seu círculo de amigos de mentes parecidas, que eles já não crescem. Eles são como as borboletas que Lijuan manteve fixadas às paredes.

Em contraste, Raphael morava no centro de uma das cidades mais vibrantes do mundo, seus Sete viajavam pelos continentes em uma base regular,

e, criticamente, Dmitri e seu Sire tinham se apaixonado por mulheres extraordinárias as quais a raça angélica não compreendia verdadeiramente.

Um anjo velho tinha dito.

— *Sua esposa é bela,* — para Dmitri, com um olhar confuso no rosto. — *Mas por que você se casou com ela? Ela não teria servido melhor como uma concubina?*

A única razão que Dmitri não tinha acabado com a vida do outro homem ali mesmo, tinha sido a verdadeira confusão na pergunta. O anjo não tinha nenhuma compreensão do amor, e aquilo era uma tragédia tão terrível que Dmitri não poderia oferecer nenhuma punição mais severa. Amor lhe tinha destruído uma vez, mas também tinha dado a ele as maiores alegrias de sua vida.

A memória dos rostos doces de seus filhos podia ser dolorosa além do suportável, mas nenhum mal jamais poderia roubar a alegria suave que foi o eco sensorial de segurá-los nos braços, da risada de Misha e os gorgolejantes sorrisos de Caterina. E então viera Honor, trazendo com ela uma luz incandescente.

— Eu acho que você está certo sobre os laços de abrigo dos antigos, — ele disse ao anjo em frente a ele. — Agora, Faísca, você está pretendendo se mover ou admite a derrota?

Aodhan era, em muitos aspectos, o de temperamento mais tranquilo de todos os Sete. Então, quando ele olhou para cima com os olhos brilhando e poder crepitando na ponta dos dedos, foi uma visão inesperada. Especialmente tendo em conta a provocação brincalhona. Então o anjo sorriu lentamente e moveu uma única peça no tabuleiro.

— Xequê Mate.

Dmitri olhou para baixo, incrédulo.

— Não, — ele disse, tentando descobrir como Aodhan tinha feito o impossível.



— Pronto, pronto, — disse uma nova voz. — Você pode me vencer e se sentir melhor sobre suas habilidades.

Todos os três olharam para cima e resmungaram várias imprecações, as de Illium as mais criativas bem-vindas. Naasir mostrou os dentes em retorno, olhos de prata refletindo a luz das velas.

— Como diabos você entrou na cidade sem alertar qualquer um dos sentinelos? — Dmitri havia colocado toda a equipe de segurança, bem como a população guerreira geral, em estado de alerta. Desta vez, ele também tinha alertado a Sociedade para estar vigilante, seu respeito pelas habilidades deles tendo crescido durante o curso da batalha.

Era tudo parte de um jogo que Naasir tinha estado fazendo com os outros Sete por séculos. Como criança, quando ele tinha sido trazido pela primeira vez para a fortaleza de Raphael, ele tendia a ficar em espera embaixo da mesa de Dmitri ou descendo do topo das estantes na biblioteca da fortaleza, rindo como um maníaco quando ele era encontrado ou quando capturava sua “Presa”.

Naasir tinha sido pequeno naquela época, tão pequeno quanto Misha tinha sido quando morrera. Quatro anos em termos humanos, mas ele tinha vivido três décadas até então. Ainda assim, ele tinha sido uma criança. Feral, mas uma criança de qualquer forma, e o jogo era uma das poucas coisas que ele fazia que estava livre da raiva de dentro de seu pequeno corpo. Então, Dmitri tinha deixado que ele jogasse, Raphael de acordo com essa decisão.

Conforme Naasir cresceu de bebê para menino, ele tinha achado engraçado esgueirar-se para lugares onde ele não deveria estar, em uma ocasião memorável, ele decidira infiltrar-se na sala de jantar de Lijuan. Aparentemente, ele estivera sentado à cabeceira da mesa fingindo comer um gato de estimação vivo quando a Arcanjo da China o descobrira. Lijuan, relativamente normal naquela época, tinha achado o incidente engraçado, e Naasir tinha escapado com vida.

Tinha sido uma das poucas vezes que Dmitri tinha brigado duro com ele, conseguindo martelar na cabeça dele que Lijuan e os outros no Cadre eram

perigosos. Ele nunca esquecera o que Naasir lhe dissera quando Dmitri gritou que ele não tinha a intenção de enterrar outra criança e que Naasir precisava ter cuidado por sua vida.

— *Eu sou uma pessoa, Dmitri? Você vai ficar triste se eu morrer?*

Embora ele tivesse se tornado endurecido e cruel, a pergunta inocente havia abalado ele.

— *Sim,* — ele dissera, tão honesto em sua resposta quanto Naasir tinha sido na sua pergunta. — *Você é uma pessoa. Você é Naasir. Eu vou perder um pedaço de mim se você morrer e é uma parte que eu nunca vou ter de volta.*

Naasir o tinha encarado por um longo tempo antes de vir abraçá-lo.

— *Ok, Dmitri. Sinto muito. Eu não sabia que eu era uma pessoa antes.*

Como um resultado do fato de que Naasir tinha crescido sob os cuidados de Dmitri, a relação deles era diferente do relacionamento que ele tinha com os outros Sete. Naasir ainda obedecia cada ordem sua, ainda lhe fazia perguntas que um filho poderia perguntar a um pai. Dmitri frequentemente pensava que a porção de humanidade que tinha sobrevivido nele até que ele encontrara Honor, tinha sobrevivido por causa do menino minúsculo e feral, com olhos de prata que tinha corrido para vê-lo quando ele retornava para o Refúgio depois de uma ausência.

Da mesma forma que Misha tinha corrido para ele depois de suas viagens para o mercado.

Tinha rasgado seu coração em pedaços cada vez que Naasir fazia o mesmo, mas Dmitri tinha apanhado-o nos braços sem falhar, incapaz de machucar o espírito do menino selvagem que não sabia que Dmitri, não tinha coração, ou esperança.

Aquele menino nunca tinha perdido seu prazer em seu jogo favorito.

Nestes dias, Naasir gostava de esgueirar-se em cidades e territórios. Não só a propensão o tornava o melhor explorador nas forças de Raphael, mas as

habilidades de Naasir eram um excelente teste das defesas de uma cidade. O fato de que isso o divertia era um bônus.

Descendo para o tapete em um movimento tão gracioso quanto os de um gato, o vampiro que não era completamente um vampiro agarrou uma grande bandeja que continha um frango inteiro.

— A sentinela no edifício com as luzes azuis quase me pegou, — disse ele, arrancando uma coxa, depois cheirando a carne e fazendo uma careta. — Ela é boa.

— Nós temos buracos em nossas defesas? Se sim, eles têm que ser imediatamente bloqueados.

— Só se o explorador for alguém melhor do que eu.

Dmitri relaxou. As habilidades de Naasir na infiltração secreta eram incomparáveis, parte da razão pela qual ele liderou o pequeno grupo de sabotadores durante a batalha.

— Acabei de receber uma mensagem de Janvier. — Tinha vindo enquanto ele falava com Aodhan sobre a incapacidade da raça angélica compreender certas verdades. — Ele está vindo nesta direção. — As notícias, o vampiro tinha indicado, eram ruins.

— A caçadora dele está com o Cajun?

— Não esta noite.

Tendo comido toda a coxa, Naasir triturou o osso de uma forma que fez Illium e Dmitri estremecerem.

— Um dia, — Illium disse, — Você vai conseguir um fragmento de osso preso na sua garganta.

Naasir deu de ombros e arrancou a outra coxa.

— Vamos jogar xadrez.

— Da última vez que jogamos xadrez, — Illium respondeu secamente, — Você jogou as peças por uma janela do Refúgio para dentro do desfiladeiro.

— Estou melhor nisso agora. — Naasir rosnou, mas não era raiva, simplesmente uma ênfase em suas palavras. — Caliane está tentando me civilizar.

Tendo aceitado o pedaço de carne que Naasir estendeu, como um leão compartilhando com um filhote, Illium disse.

— Como isso está progredindo?

Naasir deu um pouco de carne para Aodhan também. Ele nunca fazia isso com Dmitri porque, em sua mente, Dmitri era outro predador que ficaria insultado pela oferta. Dmitri perguntou-se, se Illium e Aodhan percebiam que Naasir os via como filhotes mais jovens que tinham de ser alimentados pelo predador do topo. Ele fazia o mesmo com Venom. Não com Jason ou Galen, no entanto. Jason, como Dmitri, tinha sido um adulto quando Naasir era uma criança. Galen não era muito mais velho do que Naasir em termos angelicais, mas os dois nunca tinham conhecido um ao outro quando crianças.

— Eu disse a Caliane que tentar me civilizar é como tentar civilizar um gato selvagem, — Naasir disse com um encolher de ombros. — Nós fingimos que gostamos de pessoas até que ficamos com fome e queremos carne fresca. — Um olhar ao redor, com um brilho nos olhos. — Eu, honestamente, gosto de todos vocês. Eu não tenho pensado sobre comer vocês há pelo menos dois séculos.

Aodhan olhou para o vampiro.

— Estou aliviado, — ele disse em um tom tão sério quanto o de Naasir.

— Realmente, Faísca? — Naasir moveu-se para fora do caminho com velocidade de mercúrio antes que o bispo muito bem mirado de Aodhan tivesse o atingido bem no centro da testa, o riso do vampiro tão selvagem e alegre como quando ele fora um menino que tinha conseguido assustar Dmitri agarrando a perna dele por debaixo da mesa.

Dmitri estava resgatando o bispo quando Janvier apareceu na porta. Naasir o arrastou para um abraço com tapas nas costas, o vampiro mais jovem

devolvendo o abraço tão entusiasmamente quanto. Quando eles se separaram, Naasir deu uma fungada em Janvier.

— Você tem o cheiro da nossa caçadora. Onde ela está?

— Descansando. — O sorriso de Janvier desvaneceu. — Eu tenho algumas más notícias.



## Capítulo 13

Ashwini sabia que deveria ficar em casa, dormir, mas seu corpo não estava doendo, enquanto seu coração estava em agonia. Depois de dar a Janvier o coldre que tinha feito para ele, ela esperou até que ele fosse embora antes de sair de seu apartamento de novo, tendo providenciado o empréstimo de um carro do primo de seu porteiro como ela fizera um par de vezes antes. Ela imaginou que o dinheiro podia muito bem ir para um jovem casal criando uma família quanto para um aluguel.

— Obrigado, — ela disse quando o loiro atarracado entregou as chaves. — Eu estava planejando pular no metrô para ir até sua casa, mas Nic disse-me que você já estava a caminho.

— Eu precisava dirigir e não era como se eu estivesse adormecido. — Bocejando, o macho de vinte e poucos anos alongou-se, ossos estalando um após o outro. — De qualquer forma, é melhor eu voltar para casa antes da minha esposa decidir se divorciar de mim por deixá-la sozinha com o bebê. — Uma risada bem-humorada. — Os pulmões dela vêm da mãe dela, sem dúvidas sobre isso.

Ashwini franziu a testa quando ele se virou para caminhar para a estação de metrô mais próxima.

— Venha comigo, — ela disse. — Eu vou deixá-lo lá no meu caminho.

Ele coçou a cabeça.

— Tem certeza? Você pagou por isso justamente, mais do que o justo.

— Não vai me tirar do meu caminho, — ela mentiu. — A companhia seria boa.

— Nesse caso, eu não vou dizer não.

Ele *era* uma boa companhia. Agradável e apaixonado por sua esposa e bebê. Escutando enquanto ele falava sobre as duas a distraiu pelo tempo que levou para dirigir até apartamento dele. Uma vez lá, ela o viu parar na frente da varanda para acenar para a silhueta de uma mulher em uma janela do terceiro andar, os braços balançando um bebê.

Ashwini ficou lá por mais um minuto e ela nem sequer sabia o porquê, até que viu a mudança na silhueta, uma forma masculina se juntou a mãe e o filho, encorpado e com braços em torno dos dois. Puxando os olhos para longe de uma cena que nunca seria parte de sua própria vida, ela partiu.

Era estúpido fazer isso, ela sabia disso. Uma vez que ela estivesse fora de Manhattan, a viagem levaria 80 minutos ou mais, o mesmo para voltar, e ela planejava acordar cedo para assistir à autópsia. Mas uma noite sem sono não iria matá-la, e seu intestino pulsava com o puxão sem remorso que ela sentia apenas durante os piores episódios, quando nem medicamentos nem terapia lutariam contra os monstros. Estranhamente, a voz de Ashwini, lendo um pedaço de literatura clássica, tinha se provado o melhor remédio quando as coisas começavam a ir ladeira abaixo... como estava acontecendo com mais e mais frequência.

Ela chegou ao seu destino apenas uma hora e meia mais tarde, foi recebido por um enfermeiro familiar, seu cabelo vermelho em um estilo simples de penteado. Toda a equipe sênior sabia que Ashwini tinha permissão para visitar a qualquer momento.

O rosto de Carl tornou claro que os instintos dela não a tinham decepcionado.

— Quão ruim? — Ela perguntou.

— Extremidade mais grave da escala.

— Alguém não autorizado entrou no quarto?

Balançando a cabeça, Carl disse.

— Eu chequei duas vezes. Os episódios estão simplesmente ficando piores, Ash.

Era um fato que ela admitia para si própria há três meses.

— Você disse para Arvi? — Ao contrário dela, ele se recusava a enfrentar a verdade que mesmo um cego podia ver.

— Sim. Ele está aqui, mas você sabe que sua voz é a única que parece ajudar. — Os olhos azuis tristes contra a palidez de sua pele sardenta, ele estendeu as mãos, as palmas para fora. — Eu teria te chamado, mas era tão tarde e com a sua lesão...

— Está tudo bem, Carl. — Deixando o enfermeiro em sua estação, ela caminhou pelo carpete cinza espesso do corredor em direção à suíte de esquina, as paredes em torno dela com elegantes peças de arte penduradas, e a janela arqueada no final do andar. Permitia que a luz solar entrasse durante o dia, enquanto mostrava o labirinto de cercas que era parte dos jardins extensos.

Hoje à noite, revelava apenas escuridão infernal.

O livro estava esperando por ela na pequena mesa do corredor ao lado da porta fechada, o revestimento à prova de som tão bom que ela não podia ouvir nada além dali.

Arvi estava sentado em uma cadeira ao lado da mesa. Sua cabeça estava entre as mãos, os ombros caídos e o branco de sua camisa de negócios esticado em toda a amplitude. Ele sempre tinha parecido tão grande para ela, maior que a vida. No entanto, ele era apenas um homem, um homem que estava sofrendo. Ela estendeu a mão para tocá-lo, fechou a mão em um punho antes que pudesse fazer contato.



Virando-se, ela pegou o livro... e a mão de Arvi fechou sobre seu pulso, o couro da jaqueta dela isolando o contato pele com pele que poderia tê-la mergulhado na vida de seu irmão e seus segredos contra a vontade dela. Peito pesado com mil coisas não ditas, ela virou-se para olhar para ele.

Quando os ombros dele se sacudiram, um som áspero escapando de sua garganta, ela se virou completamente e segurou a cabeça dele contra seu estômago enquanto ele chorava. Suas próprias lágrimas estavam trancadas por dentro dela, atadas com medo e raiva e perda. Mas ela segurou Arvi enquanto ele chorava, seu forte e determinado irmão mais velho que não podia corrigir essa única coisa que tinha mudado tudo.

O passado. O presente. O futuro.

*Janvier.*

Ele poderia ter sido o futuro dela em outro mundo, outro tempo, quando as lágrimas ásperas de Arvi não demonstrassem tristeza pura e os nós dentro dela não fossem formados de uma terrível e inevitável verdade. Porque Ashwini nunca permitiria a si mesma ser aquela do outro lado da porta trancada.

Não importasse o que.

\*\*\*\*\*

Raphael desceu as escadas muito depois da meia-noite, sua cidade envolta em uma escuridão de veludo sem lua, enquanto sua consorte dormia pacificamente na cama deles. Ela estivera dormindo com a mão sobre o coração dele até que ele se levantou. Embora Elena tivesse ido para a cama cansada, mas feliz, e ele não esperasse que os pesadelos a atormentassem, ele não gostava de deixá-la nas horas crepusculares. Contudo, Dmitri tinha feito contato direto, e seu Segundo não interrompia Raphael a essas horas para trivialidades.

*Uma mulher está morta, Dmitri tinha dito a ele, e seu corpo carrega dicas da mão de Lijuan. Janvier está a caminho do Enclave para te dar um relatório.*

Fúria gelada preenchia Raphael com o pensamento da arcanjo que tinha procurado machucar o povo dele em sua sede de poder. Ele não queria nenhuma mancha dela em seu território. Esse pensamento predominando sua mente, ele virou-se na parte inferior das escadas e fez seu caminho para a biblioteca.

O homem que estava de frente para as portas de vidro deslizantes que davam para o rio Hudson, e além dele, os milhões de pontos de luz que era Manhattan, manteve-se como um lutador, sua postura leve. Ele usava uma camiseta branca e, sobre ela, um coldre que cruzava as costas dele. Aquele coldre não era o marrom que Raphael já havia notado; o couro flexível deste, era de cor dourada, as lâminas que ali estavam distintivas.

Aquelas lâminas tinham sido letais em combate.

Raphael era bem consciente de que Janvier, juntamente com Naasir e Ashwini, tinha feito muito mais atrás das linhas Inimigas do que era conhecido mesmo entre suas próprias tropas. Os três tinham uma maneira de fazer com que tudo parecesse um jogo, de não ser levado a sério. Um número das ações deles durante a batalha poderiam ter parecido tolas para os outros, mas ele tinha visto o cálculo estratégico por trás delas — distrair, irritar ou frustrar o inimigo em um momento crítico poderia ser um ataque tão mortal quanto um golpe cortante com uma espada.

Virando no instante em que Raphael entrou na sala, Janvier colocou as mãos atrás das costas, alterando a sua posição para a de um soldado com seu soberano.

— Sire.

— Janvier.

O outro homem não hesitou, dando-lhe um relatório rápido e limpo da descoberta da noite.

— Enquanto o estado final do corpo da vítima aponta para Lijuan, — ele acrescentou. — As cicatrizes e contusões apontam para abuso de longo prazo. Como as coisas são, todos nós sabemos que Lijuan não pode já ter se regenerado.

Mesmo que tivesse, dificilmente ela estaria interessada em perambular pelas ruas, atacando animais e mulheres, mas eu também não consigo ver Lijuan compartilhando este poder em particular.

Raphael tinha testemunhado Lijuan se despedaçar em mil cacos e, independentemente de suas tentativas de convencer o mundo de que ela era uma deusa, ele estava certo de que ela precisava do corpo físico. Ele tinha ferido aquele corpo múltiplas vezes durante a batalha e a única razão pela qual ela tinha sido capaz de curar tão rapidamente as feridas era porque ela tinha se alimentado da força da vida de seus soldados.

E para isso, ela precisava de sua boca.

Mesmo um arcanjo não podia regenerar a boca sem antes regenerar o cérebro e todos os sistemas do organismo que mantinham aquele cérebro vivo. Lijuan não estava morta, disso ele não tinha dúvida, mas ela também não era uma deusa. Levaria um tempo considerável para que ela reparasse sua forma física, especialmente tendo em conta que ele a tinha destruído usando uma combinação de fogo selvagem e fogo angélico.

O primeiro era um novo presente nascido da Cascade, e que tinha provado ter um efeito debilitante em Lijuan. Raphael não tinha mencionado isso para ninguém, além de Elena e Dmitri, mas ele acreditava que o fogo selvagem causou danos que levariam Lijuan a tomar muito mais tempo do que o habitual para recuperar-se.

— Você está certo sobre ela não compartilhar esta habilidade, — ele disse a Janvier. — Ela está muito acostumada a controlar o seu povo através da coleira do que distribuir poder, é muito gananciosa. Você disse que essa vítima não estava uma casca vazia como as que você testemunhou na batalha?

— Não, ela ainda tinha um senso de humanidade e de carne sobre ela, o suficiente para que pudéssemos imediatamente identificá-la como mulher.

Considerando que as vítimas de Lijuan tinham estado tão murchas em si mesmas, determinar o gênero tinha sido impossível a partir de uma verificação visual das fotografias de alta-resolução que a caçadora de Janvier tinha tirado. A

equipe sombra tinha reportado que todos os três foram incapazes de fazer a determinação na cena do crime, também, com exceção, é claro, daqueles que eles tinham pessoalmente testemunhado serem consumidos.

— Marcas de presas? — Um vampiro poderia concebivelmente drenar uma vítima de todo o seu sangue, dado um período de tempo suficientemente longo.

— Sim, mas não no local da ferida fatal na garganta. Havia muito dano para determinar o que causou aquele ferimento, semelhante ao cão, ela pareceu que tinha sido roída.

Isso não excluía os vampiros; poderia ser um dos Feitos que tinha cedido a sede de sangue, rasgado e despedaçado e mastigado a carne enquanto se alimentava.

— A situação pode ser contida? — Raphael tinha que ser implacável; uma mortal tinha perdido a vida e merecia justiça, mas essa justiça não podia acontecer em cena pública. Não dessa vez.

— Estou confiante de que Ash e eu podemos lidar com isto silenciosamente, com a ajuda da Sociedade e da Torre se necessário. As duas testemunhas, os oficiais que responderam e os técnicos da cena do crime podem ser confiados para manterem-se em silêncio.

Antes de Elena, Raphael teria tido cem por cento de certeza daquilo limpando as memórias das pessoas envolvidas, mas agora ele tinha visto os mortais através dos olhos dela, entendido que essas pessoas eram amigos e colegas dela e que ela iria protegê-los. Porque memórias eram o que fazia uma pessoa.

*Eu preferiria morrer como Elena a viver como uma sombra.*

O eco do que ela tinha dito a ele logo depois da primeira vez que eles se encontraram, junto com as palavras apaixonadas antes da batalha, não o fizeram nada menos implacável quando se tratava de sua cidade, mas ele considerava outras opções antes de tomar esta medida em particular.

— Eu vou pedir a Dmitri para colocar em vigilância toda a comunicação deles como contingência. — Ganância podia afundar seus ganchos nas pessoas mais inesperadas, e esta informação tinha valor para a mídia. — Você espera descobrir qualquer outra informação hoje à noite?

— *Non*. Esta hora da noite significa que vamos ter de explorar outras vias na manhã que está vindo. — O ritmo lânguido da voz de Janvier desmentia a borda dura nos olhos dele. — Até mesmo as impressões digitais da vítima não podem ser utilizadas para procurar sua identidade até que o patologista reidrate as pontas dos dedos dela.

— Cuide dela, Janvier, — disse Raphael. — Eu não vou ter os mortais do meu território sendo caçados. — A vida humana podia ser como uma centelha fugaz de um vagalume em comparação com a extensão infinita da vida de um anjo, mas agora Raphael sabia que a luz deles podia queimar tão brilhante que tinha força para vencer o gelo da eternidade.

— Sire.

Caminhando para uma pequena mesa de cerejeira na qual estava um decanter de cristal facetado e seis copos, Raphael derramou duas medidas do líquido âmbar cuidadosamente envelhecido do decanter. Ele entregou um dos copos para Janvier e disse:

— Suas lâminas são da terra de Neha. — O Cajun, como todos chamavam Janvier, era agora uma de suas pessoas de confiança, mas eles não tinham entre eles a relação que Raphael tinha com seus Sete.

Isso era de se esperar. Janvier não tinha passado de seu terceiro século ainda, mesmo Venom, o mais novo dos Sete, tinham mais de um século do que o vampiro com o bayou em sua voz. No entanto, Raphael viu em Janvier a mesma coisa que tinha visto em Venom, em Aodhan, em Illium, e nos outros Sete: Cajun tinha honra tão profundamente tecida em seus ossos que seria preciso um desastre para quebrar isto.

Dmitri não tinha perdido isso mesmo durante os piores anos de sua existência.

— Sim. — Janvier tomou a bebida, sua postura relaxando agora que o relatório estava terminado. — Neha as deu para mim quando eu deixei a corte dela, disse que ela tinha um sentimento que eu estaria entrando em apuros, e que ela gostava da minha sagacidade muito para ouvir que eu tinha perdido minha cabeça porque não tinha armas adequadas. — Alcançando as costas, o vampiro retirou uma lâmina distintamente curvada num movimento suave, estendeu o punho da arma na direção de Raphael.

Ele tomou-a, testou o peso e a leveza. Era mais pesado do que parecia quando Janvier a usava. Esse peso, juntamente com a borda afiada, explicava como Cajun era capaz de arrancar cabeças com um único golpe. Curiosamente, no entanto, a arma parecia decorativa à primeira vista, o osso esculpido no punho interno com pequenas pedras que brilhavam lindamente, puxando o olhar para longe da morte afiada da própria lâmina.

— Neha te favoreceu. — Mais do que Raphael tinha percebido. Porque ele reconheceu a mão de obra por trás das lâminas de Janvier agora que ele havia manipulado. — Estas foram criadas pelo próprio Rhys, se não estou enganado. — O confiável general de Neha, um homem que tinha sido um fabricante de armas em sua juventude, e até os dias de hoje fazia lâminas famosas por sua força e manuseamento.

Dizia-se que ele só criava um novo conjunto uma vez a cada década.

Janvier pegou a lâmina de volta e deslizou-a na bainha especialmente projetada.

— Rhys é responsável por grande parte da minha habilidade no kukri.

— E, como Venom, você mantém esses laços. — O membro mais jovem de seus Sete tinha sido Feito pela própria Rainha de Venenos. — Ele consegue fazer-se bem-vindo nas terras dela, mesmo quando Neha carrega um rancor contra mim.

— Talvez seja por isso que ela é conhecida por se referir a nós dois como Charme e Malícia. — Um leve sorriso. — Eu nunca descobri qual de nós é o quê.

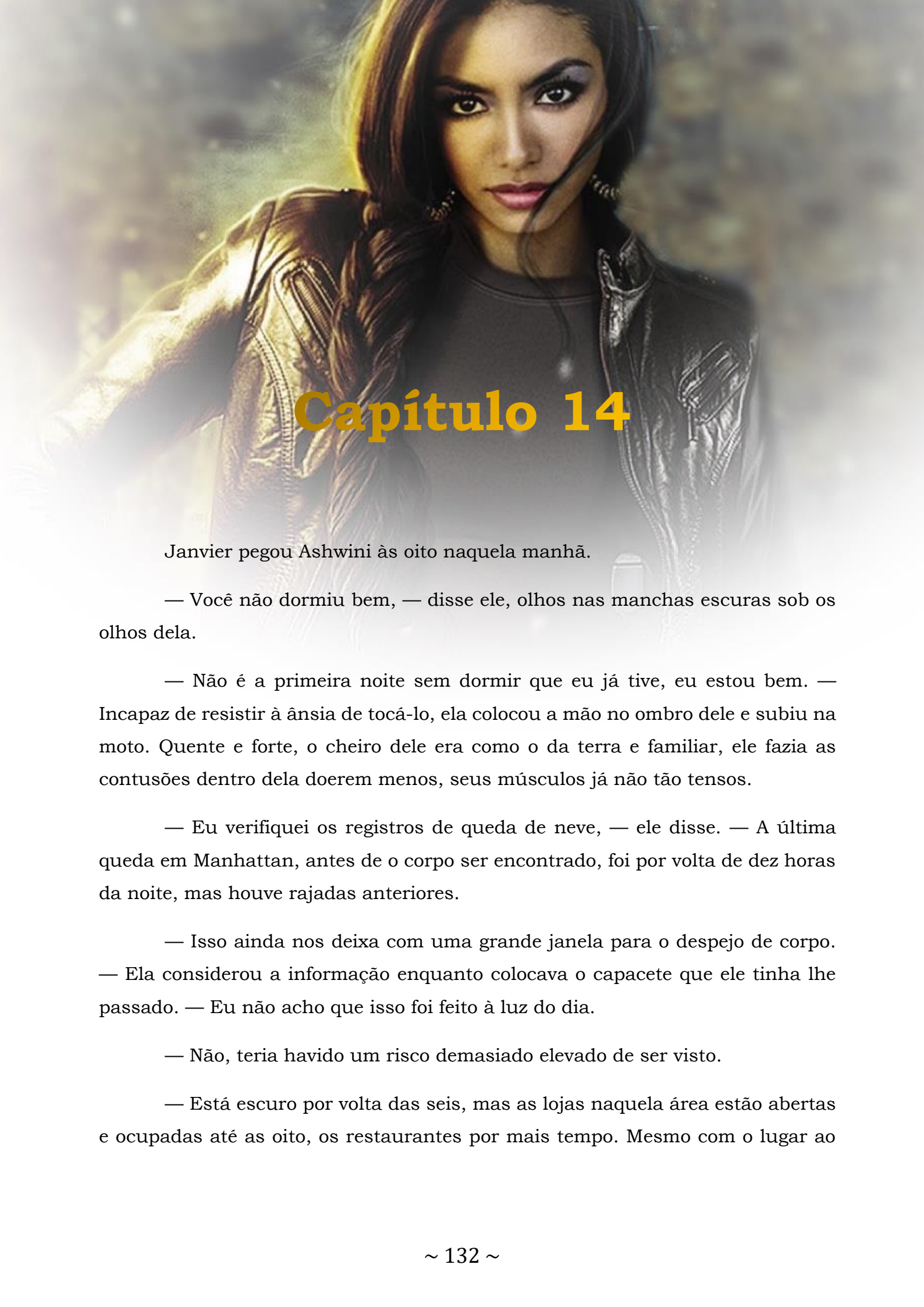
Eles falaram por mais alguns minutos antes que Raphael andasse com o vampiro para a porta da frente.

— Sire. — Janvier fez uma pausa na porta depois de colocar a jaqueta de couro que ele tinha deixado com Montgomery, o vermelho brilhante de sua moto visível atrás dele. — Ash... a Criação dela ainda está...

— Ela está limpa. — Tinha estado por um número de anos, desde que as habilidades dela chamaram a atenção da Torre pela primeira vez, o sangue dela secretamente obtido e testado para a compatibilidade com o processo que levava ao vampirismo. — Mas, Janvier — ele segurou o olhar do outro homem. — Ela não mostrou nenhuma inclinação para aceitar a oferta silenciosamente feita a ela.

Janvier apertou a mandíbula, desviou o olhar antes de encarar Raphael mais uma vez, um vazio desolador no seu olhar.

— Essa é a coisa... eu não acho que nada poderia convencê-la a escolher uma vida entre os imortais.



## Capítulo 14

Janvier pegou Ashwini às oito naquela manhã.

— Você não dormiu bem, — disse ele, olhos nas manchas escuras sob os olhos dela.

— Não é a primeira noite sem dormir que eu já tive, eu estou bem. — Incapaz de resistir à ânsia de tocá-lo, ela colocou a mão no ombro dele e subiu na moto. Quente e forte, o cheiro dele era como o da terra e familiar, ele fazia as contusões dentro dela doerem menos, seus músculos já não tão tensos.

— Eu verifiquei os registros de queda de neve, — ele disse. — A última queda em Manhattan, antes de o corpo ser encontrado, foi por volta de dez horas da noite, mas houve rajadas anteriores.

— Isso ainda nos deixa com uma grande janela para o despejo de corpo. — Ela considerou a informação enquanto colocava o capacete que ele tinha lhe passado. — Eu não acho que isso foi feito à luz do dia.

— Não, teria havido um risco demasiado elevado de ser visto.

— Está escuro por volta das seis, mas as lojas naquela área estão abertas e ocupadas até as oito, os restaurantes por mais tempo. Mesmo com o lugar ao



lado de Rocco estando fechado no momento, eu apostaria que o corpo foi despejado muito perto das dez.

— Eu concordo. — Ele acariciou a coxa dela.

Ela não protestou; havia algo mais suave do que sexy naquele toque e fechou a garganta dela.

— A autópsia vai começar logo, — ela conseguiu dizer, antes de colocar a mão no ombro dele novamente. — Vamos lá.

— Não há uma gota de sangue deixada nela, — o patologista confirmou 30 minutos depois no exame do corpo. — Mas se isso foi um vampiro, ele é o comedor mais bagunceiro que eu já vi. Eu vou fazer cortes transversais na garganta dela, mas não tenho muita esperança de encontrar feridas profundas no tecido que confirmem as presas.

— Os outros ferimentos? — Perguntou Janvier, ecoando os pensamentos de Ashwini.

— Abuso de longo prazo. — O patologista apontou para um conjunto de cicatrizes no peito da vítima. — Tem *pelo menos* três meses, embora eu me arrisco a dizer que foram feitos ainda mais cedo. E tenho certeza de que vocês notaram as marcas de presas em outros lugares no corpo. Quem se alimentou dela não se incomodou em selar as feridas, exceto sobre as principais veias e artérias, e até lá, ele ou ela só fez o mínimo necessário para parar o sangramento.

A melhor amiga de Ashwini havia sido sequestrada e mantida refém por um grupo de vampiros predatórios por dois longos meses. Honor sobrevivera, mas tinha sido brutalizada. Ashwini nunca iria esquecer as feridas no corpo de sua amiga quando eles a tinham encontrado, o desespero nos olhos verde da meia-noite de Honor. Um pouco mais e ela poderia ter perdido sua amiga para sempre.

A mulher na mesa de aço em frente a ela não tinha sido encontrada a tempo, os monstros machucaram-a terrivelmente antes de matá-la.

*Vou buscar justiça para você*, ela prometeu silenciosamente, antes de olhar para o patologista novamente.

— Você foi capaz de confirmar quando ela morreu?

— É o melhor palpite nesta fase, mas a partir dos sinais de decomposição no tecido que ela tem, eu diria que foi na última semana.

— Quaisquer marcas distintivas no corpo dela?

— Tatuagem em seu tornozelo esquerdo exterior do que parece um golfinho cor de arco-íris. Isso tem de ser incomum.

Usando seu telefone, Ashwini tirou uma foto da imagem com o patologista segurando a pele esticada. Franzziu-se em si mesma logo depois que ele soltou, e a visão era ao mesmo tempo triste e enfurecedora. Ninguém tinha o direito de tratar outro ser como se eles não tivessem valor.

— *Isto é para o seu próprio bem.*

— *Mas, Arvi...*

— *Sem argumentos. Essa... coisa dentro de você, nunca vai permitir que você seja normal. Os médicos vão mudar isso.*

Sacudindo a memória da maior traição de sua vida, ela assistiu com cuidado enquanto o patologista virava a casca lamentável do corpo para verificar as costas da vítima.

— Nenhuma outra tatuagem ou cicatrizes distintivas, — o médico disse após virá-la para frente novamente. — Mas há algo mais que vocês deveriam saber.

Ashwini franziu a testa quando o homem pegou uma mão mole.

— Esse pulso não estava quebrado quando ela foi carregada para o transporte.

— Exatamente. — O patologista pegou o outro braço da vítima. — Sinto muito ter que fazer isso, mas você precisa ver quão ruim é. — Com um murmúrio silencioso que Ashwini não entendeu, mas que pareceu ser dirigido para a mulher

na mesa de autópsia, o patologista estalou a ulna como se fosse madeira flutuante.

Janvier assobiou uma respiração.

— Todos os ossos dela estão tão fracos?

— Eu vou fazer verificações para confirmar, mas sim. Eles estão porosos ao ponto de que eu quebrei o pulso ao fazer um exame inicial. — Colocando o braço da vítima para baixo suavemente, ele disse. — Os dentes estão rachados, e a pele dela é tão delicada como papel. Veja como o fragmento de osso passou direto.

Piedade e raiva entrelaçavam-se dentro de Ashwini.

— Mais alguma coisa? — Ela disse, lutando para manter seu nível de voz.

— Ainda não. Vou transmitir-lhe os resultados do exame de sangue e qualquer outra evidência forense.

— As impressões digitais dela poderiam acelerar a identificação significativamente, — disse Janvier, ranhuras brancas nos cantos da boca dele.

— Eu vou começar a analisá-las imediatamente.

Agradecendo o patologista, Ashwini saiu do necrotério para a frescura do corredor branco vazio de todas as outras vidas. Era estranho; toda vez que ela vinha para o necrotério, era para sair para este frio tranquilo e, ainda assim, isso nunca falhava em perturbá-la, apesar do fato de que, para a habilidade dela, o local era quase pacífico. Os mortos mantinham seus segredos.

Avançando através do silêncio, ela não fez referência ao que o patologista tinha mostrado a eles; não havia nada a dizer, a raiva de Janvier tão quente quanto a dela própria.

— Mandei a imagem da tatuagem para o computador da equipe da Sociedade, e pedi a eles para executar uma pesquisa em todas as bases de dados possíveis. Eles vão fazer o mesmo assim que tivermos as impressões digitais, em parceria com a equipe da Torre.

— E o rosto? — Janvier fechou o zíper da jaqueta assim que eles saíram para a neve leve que tinha começado a cair. — A Torre tem acesso a um artista que pode reconstruí-lo.

Fechando sua própria jaqueta e levantando a gola, ela disse. — Ele, ou ela, pode fazer isso sem o crânio? Eu não quero arrancar a pele que a vítima ainda tem. — Ela devia ser permitida aquela dignidade, pelo menos.

— Eu vou perguntar, — disse Janvier, não questionando sua escolha irracional. — Pode ser possível com scans de alta resolução e raios-X.

Quando ele foi entregar-lhe um capacete, ela sacudiu a cabeça.

— Eu estou indo a pé para a Sociedade, ver se eu posso pegar algum rumor útil dos outros caçadores. — Seus irmãos podiam ter visto ou ouvido algo útil sem perceber o seu significado. — Eu também vou passar nos outros negócios na área perto do restaurante, ver se alguém tem filmagens de segurança ou estava por lá ontem à noite.

— Eu posso acompanhá-la.

— Não, acho que é melhor eu fazer isso sozinha. Mesmo uma pitada de interesse da Torre e as pessoas começam a ficar nervosas, para não mencionar que sua presença vai levantar questões. — Ashwini, por outro lado, poderia explicar sua presença dizendo que estava fazendo um favor para um amigo policial a fim de amenizar o tédio de estar em licença médica obrigatória.

Guardando o capacete, Janvier montou sua moto.

— Quando você vai me contar sobre o seu irmão, *cher*? — Ele perguntou em uma voz tão escura e misterioso quanto as águas lentas na terra que ele chamava de lar.

Os pensamentos de Ashwini preencheram-se com o terrível segredo que ela carregava por tanto tempo. Ele tinha que saber, isso se tornara claro para ela durante seu passeio... mas, ela não tinha coragem de enfrentar a dor nesta manhã fria, enquanto a pós-imagem da morte permanecia em suas retinas.

— Hoje não, — ela sussurrou.

\*\*\*\*

**A**ssistindo Ash caminhar para longe no véu de neve, longo e flexível e sozinha, Janvier lutou contra o desejo de trazê-la de volta, exigir sua confiança. Isso não o ajudaria em nada. Ela estava ferida profundamente por dentro e, como qualquer criatura ferida, iria atacar em um esforço para se proteger. Não só isso, na tentativa de forçá-la, ele perderia a fé que ela já tinha nele.

E sua Ashblade oferecia aquela fé com a cautela de quem tinha tido, uma vez, o presente que aquilo era, traído.

Acelerando o motor, ele se obrigou a partir. Ele poderia ter nascido em uma época em que um homem protegia sua mulher do mundo, mas ele vinha do tempo de um mundo em mudança e, ao contrário de alguns vampiros de sua geração, ele não se apegava à nostalgia do que fora uma vez, preferindo abraçar o novo mundo sem nunca esquecer seu passado.

Ash morreria se fosse enjaulada.

Mesmo que a gaiola fosse construída com amor e uma necessidade dedicada de protegê-la de danos.

Diante daquela imagem feia, ele dirigiu através das ruas com foco implacável, levando a moto diretamente para a garagem subterrânea da Torre. Ele sabia que tinha passado por pelo menos cinco níveis de segurança pelo tempo que estacionou, segurança que a maioria das pessoas nunca vislumbrava. Avançando para o elevador depois, ele não pulou em surpresa quando Naasir caiu do teto para ficar ao lado dele, tendo estado com seus sentidos abertos para o vampiro.

Pés descalços sob a calça jeans e o incongruente suéter suave preto com gola V que ele vestia sobre uma camisa azul pálido com as mangas aparecendo, ele disse.

— Você não trouxe nossa caçadora?

Naasir tinha um charme feral que atraía mulheres para ele, fossem elas mortais, vampiras, ou anjos. Janvier tinha visto mais de uma experiente imortal fazer papel de tola por causa dele. Mas, apesar da forma como o vampiro gostava de cutucar Janvier de vez em quando, o interesse dele em Ash não era romântico ou sexual, a possessividade que ele mostrava mais comparável a que ele exibia com Raphael e os Sete.

— Ela está na Academia da Sociedade. — Tentando tirar da mente a velha dor que tinha vislumbrado nos olhos de Ash antes que ela se afastasse, ele testou a textura do suéter de Naasir. — Isso é caxemira?

— E daí? — Um grunhido. — Está frio aqui. Eu não gosto do frio, e a moça da loja disse que isso me manteria aquecido.

Janvier foi momentaneamente distraído de seus pensamentos pela ideia de Naasir fazendo compras em uma das lojas de departamento exclusiva que vendia esse tipo de roupa; as lojas estavam abertas todas as horas para atender a uma clientela imortal. Ele tinha um palpite de que o vampiro tinha entrado na primeira loja de roupas que tinha visto quando o frio começou a apertar.

— A mulher na loja também te disse que sapatos poderiam ajudar?

— Eu vou usá-los quando for lá fora. — Naasir levantou o braço para esfregar a manga contra o lado de seu rosto, demonstrando seu prazer com a textura. — Por que Ash está na Academia? Ela deveria estar aqui. Ela é uma de nós.

— Ela discorda. — A imortalidade não era atrativa para ela da forma que era para muitos, e Janvier não podia culpá-la. — Você sabe o que ela pode fazer, imagine-a vivendo no mundo de imortais.

Naasir tomou seu tempo para pensar sobre aquelas palavras.

— Eu não sei como consertar isso, — ele disse finalmente, seus olhos de prata em Janvier. — Isto é ruim, Cajun. Eu não quero ver Ash morrer.

Dor torceu no intestino dele com a ideia disso.

— Eu não tenho uma resposta, também. — As próprias coisas que faziam Ash quem ela era também eram as mesmas coisas que faziam a imortalidade uma má escolha para ela. Janvier sabia em seus ossos que ela tinha a força para lidar com os desafios, mas ele não tinha certeza de como convencê-la disso.

Naasir estreitou os olhos enquanto as portas do elevador se abriram, e decolou em direção às escadas. Quando Janvier saiu no andar da Torre em que estava o escritório de Dmitri, alto, *alto* acima da cidade, foi para ver Naasir vindo através da porta no outro lado. O rosto do vampiro estava bombeado com energia, seu cabelo caindo em torno de seu rosto, mas ele não estava nem sem fôlego.

— Corrida estúpida, — o outro homem rosnou. — Você não correu.

— Sim, mas eu deveria. — Ele tinha muita energia dentro de sua pele, muito *desejo* reprimido. — Eu vou correr com você mais tarde.

Eles caminharam juntos até o escritório de Dmitri. O segundo Raphael e o líder dos Sete estava de pé em frente a grande parede de vidro atrás de sua mesa que dava para Manhattan, a mão cobrindo o rosto de sua esposa. Vestida com jeans pretos combinando com uma jaqueta preta ajustada sobre uma blusa da cor de framboesas frescas, Honor St. Nicholas riu para o marido. Os olhos dela eram de um intenso verde escuro que lembravam a Janvier de uma selva de sombra que ele tinha atravessado uma vez como mensageiro, o cabelo dela um macio ébano.

A melhor amiga de Ashwini viera através da transformação para o vampirismo com uma luminosa beleza física que a maioria dos vampiros levava centenas de anos para conseguir. A aparência física dela, no entanto, não era o que a fazia bela para Janvier. Era a maneira como ela olhava para Dmitri. Ninguém no mundo poderia duvidar da lealdade dela ao vampiro letal, os sentimentos expostos claramente.

Ouvindo Janvier e Naasir na porta, ela olhou na direção deles.

— Oh, olhe para você! — Puro deleite na expressão dela.

Janvier encarou enquanto Naasir abaixou a cabeça, as mãos nos bolsos da calça jeans. Ele estava *corando*? Impossível. Naasir não corava. Mas o vampiro ficou no lugar enquanto Honor fechou a distância entre eles para passar as mãos sobre os ombros dele.

— Combina com você, — ela disse com carinho aberto.

Naasir tirou as mãos dos bolsos em resposta e colocou seus braços em torno de Honor. Então, ele segurou-a, esfregando a bochecha contra o cabelo dela, com os olhos fechados. Era raro ver o vampiro tão tranquilamente contente. Janvier sabia que Naasir estava hospedado na suíte de Honor e Dmitri na Torre, ele não gostava de viver sozinho, evitava seus próprios aposentos. Ele também tinha ficado com o casal os dois dias em que permaneceu na cidade após a batalha final.

Ficou claro que ele tinha criado uma ligação com Honor durante seu tempo juntos.

A caçadora o abraçou de volta com o mesmo calor, sem medo, embora ela tivesse que saber que estava sendo segurada por um predador. Não, Janvier percebeu, isso não estava certo. Apesar do fato de que os braços de Naasir estavam ao redor da parte superior do corpo dela, os dela ao redor da cintura dela, era Honor quem estava segurando. Naasir havia sutilmente cedido o controle do abraço.

Janvier olhou para Dmitri, viu uma intensidade de emoção no rosto dele que fez o seu próprio coração apertar. Ele nunca pensara realmente sobre o fato de que Dmitri tinha mais de mil anos de idade, o outro homem era tão bem ajustado neste tempo. Hoje, no entanto, ele sentiu a dor da memória dentro de Dmitri, o peso de uma história que tinha deixado cicatrizes na alma dele, e ele pensou novamente em Ash, no dom que poderia afogá-la no passado de um estranho.

Ao lado dele, Honor recuou e, levantando-se na ponta dos pés, acariciou o corte irregular do cabelo de Naasir para fora do rosto dele.



— Eu tenho que ir. Estou ensinando uma classe na Academia da Sociedade. — Puxando-o para baixo, ela o beijou na bochecha. — Eu não sabia que você já tinha comprado roupas, então eu peguei algumas coisas para você mais cedo esta manhã. Eu coloquei os pacotes no seu quarto.

O barulho que vinha do peito de Naasir estava tão perto de um ronronar que Janvier não tinha certeza de que não tinha imaginado isso. Enviando a Janvier um sorriso caloroso e para Dmitri um olhar muito mais afetuoso, Honor saiu.

O estranho, bonito, e inesperado momento terminou com a saída dela.

Dmitri fez sinal para os dois saírem com ele para a varanda, a leve queda de neve tendo acabado para deixar a cidade brilhando sob um cristalino sol de inverno.

— Conte-me sobre a autópsia.

— Mostrou uma tatuagem que pode nos ajudar a rastrear a identidade da vítima se a pesquisa da impressão digital falhar, — disse Janvier, e então compartilhou os detalhes da fraqueza nos ossos, na pele. — No entanto, o patologista também confirmou a presença de mordidas de presas, bem como o abuso de longo prazo que suspeitávamos.

— Assim, enquanto os ossos ecoam o que Lijuan fazia com seus sacrifícios, a natureza do abuso de longo tempo parece-nos empurrar para longe dela.

— Sim, ela comeu o seu povo de uma só vez, — Naasir disse, depois de ter agachado na beira da plataforma sem grade, os pés descalços na fina camada de neve que tinha ajuntado na superfície plana. Ele olhou para a cidade abaixo em fascinação desenfreada.

Ninguém que não o conhecia jamais iria esperar tal comportamento. Janvier tinha visto o vampiro atuar perfeitamente “Normal”, mesmo parecer sofisticado, culto, e arrogante, como poderia ser esperado de um homem de sua idade e força, mas era tudo o que aquilo era, uma atuação.

— É como colocar outra pele, — Naasir dissera a ele pouco depois de seu primeiro encontro cento e vinte e cinco anos ou mais atrás. — A pele não é minha e coça até que eu a tire.

Naasir só usava aquelas peles ao redor de pessoas que ele ou não gostava ou ainda estava pensando sobre isso. Este último poderia tomar um instante ou um ano. Janvier nunca tivera que lidar com o vampiro em qualquer pele, além da dele próprio, ele conhecera Naasir em um bar vampiro sem nome na Bolívia. Para encurtar uma longa história, eles tinham criado o inferno, móveis quebrados e algumas mandíbulas, e saído disso amigos que entendiam a selvageria no outro.

— *Eu gosto de você, Cajun. — Um vislumbre de presas brilhantes. — Para onde você vai daqui?*

— *Eu tenho que entregar uma proposta de 'você vai ser meu primeiro e único concubina' de uma anjo para um vampiro.*

— *Você vai pedir a esse vampiro para ser uma concubina em nome de outra pessoa? Por que?*

— *Porque eu sou um imbecil, estúpido que perdeu uma aposta, mas este Cajun não volta atrás em sua palavra. Então, eu vou bancar o cupido. Eu só tenho que encontrar o filho da puta na chuva maldita da floresta em primeiro lugar; ele está lambendo suas feridas após uma briga de amantes.*

Os olhos de Naasir tinham se iluminado e Janvier tinha terminado com um companheiro em sua caça. Eles tinham localizado o vampiro e Janvier tinha entregado sua mensagem — ante a risada silenciosa de Naasir — e, então, escoltado o macho feliz de volta para a sua anjo arrependida. Não foi a primeira vez que os dois tinham acabado jogando ou trabalhando em conjunto; fora através de Naasir que Janvier tinha chegado a ver Raphael não simplesmente como um arcanjo, mas como um homem a quem ele ficaria orgulhoso de dar sua lealdade.

Agora, ele se aproximou de onde o vampiro estava agachado, mas em vez de olhar para baixo na fila de tráfego muito abaixo, ele virou a cabeça na direção da Academia da Sociedade.

— Eu vou continuar a trabalhar com Ash, desenterrar tudo o que pudermos sobre a vítima, puxar todos os fios possíveis que poderiam nos levar ao assassino.

Dmitri deslocou-se para ficar do outro lado de Naasir.

— Eu também preciso que você mantenha um olho sobre a comunidade de vampiros do chão. Com Illium ocupado executando treinos, ele não tem tanto tempo para se mover nessa arena.

— Eu preciso procurar qualquer problema específico?

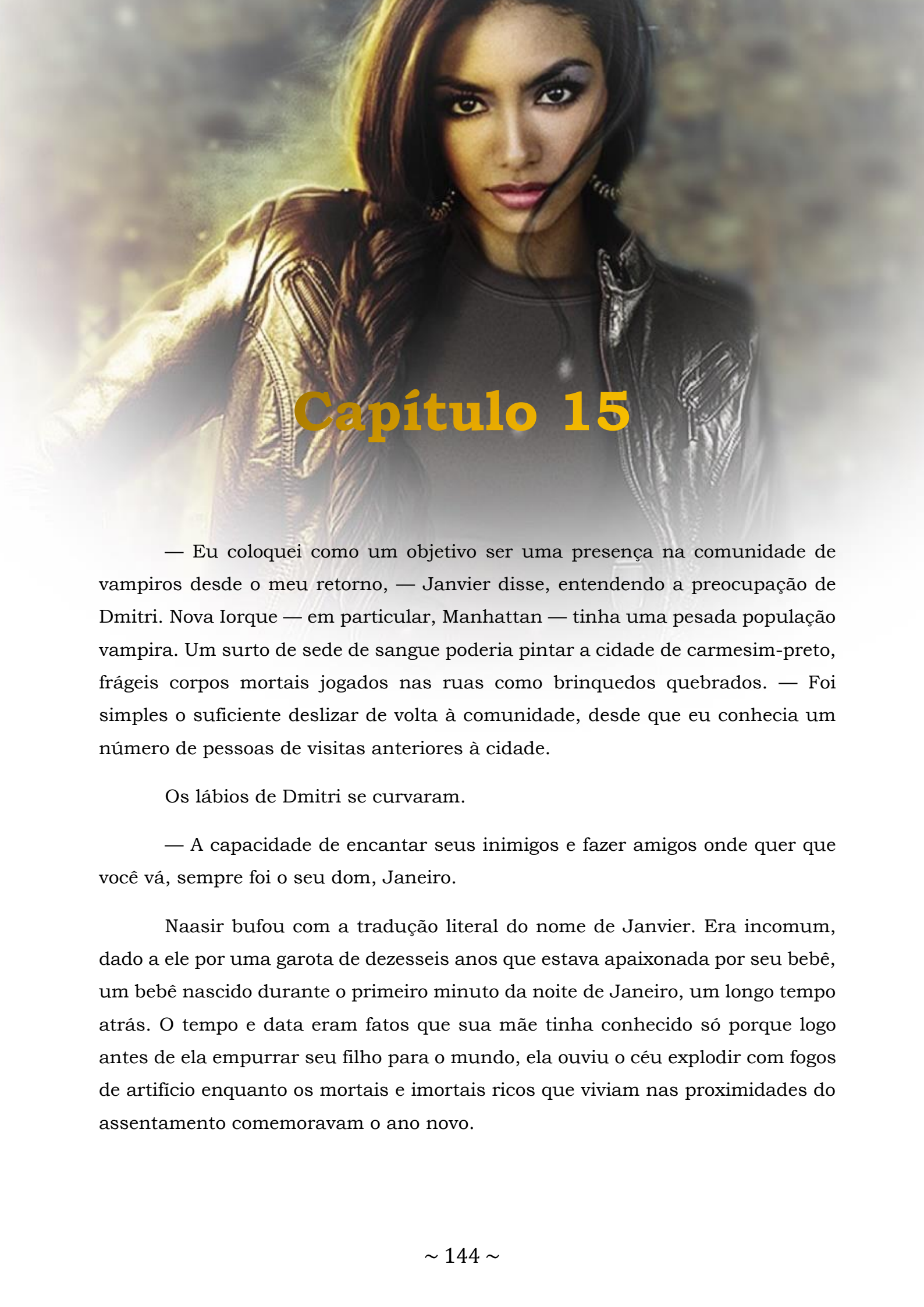
— Se você ouvir qualquer coisa sobre uma droga chamada Umber, passe a informação para mim imediatamente. — O vampiro deu-lhe um breve relato sobre a droga antes de acrescentar. — Em termos mais gerais, os Feitos estão cientes de que a Torre está ocupada com uma série de outros assuntos no momento.

Os olhos de Dmitri seguiram um lutador da Legião vindo para aterrissar no telhado do arranha-céu que estava sendo modificado para a utilização deles.

— Reparos, a Legião, a situação política arcangélico, estão sugando recursos humanos e atenção. E você conhece nossa espécie.

*Sim.* Vampiros eram predadores, as garras da fome por sangue existindo logo abaixo da superfície da pele deles. Janvier tinha aprendido a controlá-la há muito tempo, bem como Dmitri, mas isso não significava que não estava lá. Ser um vampiro não era uma escolha cosmética; afetava as células do próprio corpo, alterando permanentemente sua química interna.

Sede de sangue, se permitido em rédea solta, poderia transformar um vampiro em uma máquina voraz de matar.



## Capítulo 15

— Eu coloquei como um objetivo ser uma presença na comunidade de vampiros desde o meu retorno, — Janvier disse, entendendo a preocupação de Dmitri. Nova Iorque — em particular, Manhattan — tinha uma pesada população vampira. Um surto de sede de sangue poderia pintar a cidade de carmesim-preto, frágeis corpos mortais jogados nas ruas como brinquedos quebrados. — Foi simples o suficiente deslizar de volta à comunidade, desde que eu conhecia um número de pessoas de visitas anteriores à cidade.

Os lábios de Dmitri se curvaram.

— A capacidade de encantar seus inimigos e fazer amigos onde quer que você vá, sempre foi o seu dom, Janeiro.

Naasir bufou com a tradução literal do nome de Janvier. Era incomum, dado a ele por uma garota de dezesseis anos que estava apaixonada por seu bebê, um bebê nascido durante o primeiro minuto da noite de Janeiro, um longo tempo atrás. O tempo e data eram fatos que sua mãe tinha conhecido só porque logo antes de ela empurrar seu filho para o mundo, ela ouviu o céu explodir com fogos de artifício enquanto os mortais e imortais ricos que viviam nas proximidades do assentamento comemoravam o ano novo.

Aquela menina doce e romântica tinha o adorado até o dia em que morreu como uma mulher pequena e enrugada que vivera uma vida gloriosa.

— *Meu Janvier. Meu presente de ano novo. — Mãos quentes e suaves em seu rosto, um sorriso brilhante que não se desvaneceu nem um pouco em todas as décadas da vida dela. — Estou tão orgulhosa de você.*

Aquecido pela memória preciosa, ele sorriu para Dmitri.

— Pelo menos as pessoas não correm gritando quando me veem chegando. — O outro vampiro era simplesmente demasiado velho para esconder totalmente a profundidade letal de seu poder.

— Você acha que eu poderia saltar para o chão daqui? — Perguntou Naasir em tom de conversa.

— Não, — respondeu Dmitri. — Eu teria que raspar você com uma pá.

Naasir franziu a testa, olhou para a distante rua da cidade.

— Uma pena.

Às vezes, nem mesmo Janvier sabia se Naasir estava brincando ou fazendo uma pergunta séria.

— Se você não precisa de mim para lidar com qualquer outra coisa imediatamente, eu vou visitar os feridos. — Ele tinha adquirido o hábito de visitar, atualizando os homens e mulheres caídas com notícias do mundo exterior, o tipo de coisa que os faziam rir ou gemer.

— Eu vou verificar os clubes de vampiros esta noite, — acrescentou. — Ter uma ideia das coisas. — Se as pesquisas do computador sobre a tatuagem e impressões digitais não dessem resultado, os clubes também seriam um bom ponto de partida quando se tratava de rastrear a identidade da vítima dele e de Ash.

Assim que o nome dela se formou em sua mente, era como se os últimos minutos não tivessem existido. Ele estava de volta à rua coberta de neve fora do

necrotério, vendo a mulher que ele tinha esperado duas vidas para encontrar, afastar-se dele.

\*\*\*\*

**P**onderando sobre a tensão que ele tinha visto no rosto de Janvier antes que o Cajun partisse, Dmitri virou para o vampiro que permanecera. Naasir era incomparável, o único de seu tipo na história conhecida. Ele também era perigoso para si mesmo às vezes, com tão pouco senso de autopreservação quanto um menino de quatro anos de idade.

— Se você quebrar seu crânio caindo, — ele ressaltou. — Você não vai poder jantar com Elena e Raphael hoje à noite.

Naasir ergueu a cabeça, os olhos brilhando.

— Jantar?

— Sim, você foi convidado para o Enclave. Elena gostaria de te dar as boas-vindas de volta à cidade.

Naasir se arrastou para longe da borda uma fração.

— Eu quero ir para o jantar, — ele disse decisivamente. — Haverá carne adequada?

— Montgomery vai garantir que você se alimente. — Ele estava severamente tentado a aparecer no jantar ele mesmo, só para ver a reação de Elena ante os hábitos alimentares incomuns de Naasir. — Conte-me sobre Amanat. — A cidade perdida que subiu para a superfície depois de uma eternidade era a casa da Antiga Caliane, mãe de Raphael e um poder instável.

— Duas vezes por semana, — disse Naasir. — Caliane reduz o escudo que protege a cidade para que seu povo possa sair. Eles fazem isso em pequenos rebanhos, com medo e se agarrando uns aos outros. — Não havia julgamento nas

palavras. — Pode levar meses para eles superarem o medo semeado pela perda de um dos seus.

Dmitri não ficou surpreso. Caliane era forte, mas as pessoas que tinham vindo com ela em seu longo sono eram seres gentis e cultos, sem nenhuma real capacidade de se proteger.

— O território de Lijuan?

— Eu fui capaz de me infiltrar sem ser detectado depois que Jason me deu os dados com antecedência.

Dmitri já tinha recebido o relatório de Jason, mas o espião se concentrara na política, bem como sobre qualquer notícia do paradeiro de Lijuan, enquanto Naasir tinha sido dirigido a prestar atenção na população.

— O povo dela está sob o domínio de um atordoado tipo de choque, — disse o vampiro. — Mas não há desespero, não ao nível que deveria haver. Eles estão esperando, e ergindo santuários, onde eles se ajoelham e rezam pela rápida recuperação de Lijuan.

— Maldição. — Dmitri tinha esperança de que Raphael tivesse conseguido matá-la, apesar da própria crença de Raphael no contrário.

*Matar um arcanjo, Raphael tinha dito, sempre foi uma tarefa difícil. Matar um Antigo pode ser impossível, e embora Lijuan não seja uma Antiga, ela está perto o suficiente disso para que eu acredite que será preciso um extraordinário evento para eliminá-la.*

— Eu tenho pensado em vários métodos para matá-la, — disse Naasir. — Infelizmente, ela continua se regenerando, mesmo na minha imaginação.

Esse era o ponto crucial. Se nada podia erradicar a ameaça de Lijuan, o inferno entraria em erupção na Terra.

— Partilhe as suas ideias com o senhor. — Naasir não pensava como o resto deles, tinha vindo com manobras surpreendentes antes.

— Eu preciso levar um presente para Elena? Isso é a coisa a se fazer?

Dmitri lutou contra a vontade de dizer-lhe que sim. A ideia de Naasir de um presente tendia a ser interessante, na melhor das hipóteses.

— Faça o que é natural. Nem o senhor, nem sua consorte esperam que nós sejamos nada exceto quem e o que somos. — Esse fato estava no cerne do motivo pelo qual ele servia Raphael; não havia necessidade de fingimento.

— Vou levar um presente, — disse Naasir após um minuto. — É o que Jessamy me ensinou a fazer quando convidado para um jantar especial na casa de alguém.

Dmitri imaginou se Honor se importaria caso ele mudasse os planos deles e se convidasse os dois para jantar no Enclave.

\*\*\*\*\*

— Está viva!

Ashwini apontou o dedo para Demarco.

— Eu não atirei em ninguém esta semana.

O loiro-marrom entremeado do cabelo dele mais no lado marrom agora, dada a luz solar do inverno, o caçador irreprimível saltou sobre uma mesa no salão de jantar da Academia para agarrar os ombros dela e apertar. Era a forma dele de dar um abraço nela, a maior parte dos caçadores que eram seus amigos mais próximos sabia que ela tinha problemas com muito contato físico.

Inclinando-se para frente, ela o abraçou. Ele era parte de sua família e ela entendia o valor de tal lealdade e afeto de uma forma que ninguém que não tivesse perdido uma família podia. Tudo tinha ido errado há muito tempo, e agora não havia nenhuma maneira de arrumar a família na qual ela tinha nascido. Mas ela poderia fazer isso; ela podia aferrar-se à família que ela tinha criado.

— Você vai ensinar hoje? — Ela perguntou quando recuou.



Demarco sacudiu o dedo em um dos brincos dela, os círculos de bronze fazendo um sibilo metálico baixo.

— Acabei de fazer uma lição de estratégia um a um com um aluno mais velho. — Ele a guiou para onde ele estivera sentado com uma xícara de café e um muffin de banana com lascas de chocolate metade comido, os dois desviando para o balcão para que ela pudesse pegar um muffin e um leite com chocolate para si mesma.

Eles tinham acabado de sentar quando Honor caminhou até eles.

— Eu pensei que tinha visto seu nome na lousa, — Demarco disse. — Você não deveria estar em aula?

— Eu adiei por quinze minutos para dar tempo aos estudantes de se trocar e descansar depois de uma sessão de combate que durou mais tempo. — Ela deslizou na cadeira ao lado de Ashwini, cutucando o ombro de Ash com o dela em um olá antes de surrupiar um pedaço de chocolate do prato de Demarco. — Mmm. — Ela suspirou, fechando os olhos. — Eu não me importo com quão velha eu fique, eu nunca vou perder o gosto por chocolate.

— Eu pensei que Dmitri desse sangue bom? — Demarco sorriu tolamente.

— Eu vou assassinar Ellie, — disse Honor, suas bochechas quentes.

— Não culpe a Ellie. — Ashwini deu a sua amiga um pedaço de chocolate de seu próprio muffin. — Você começa a gaguejar cada vez que um de nós pergunta sobre beber sangue. — Honor era a primeira caçadora que eles conheciam que tinha se tornado um vampiro e, família sendo a família, eles estavam intrometidos como o inferno sobre a experiência.

— Então, — Demarco acrescentou, — Você ganha este incrível tom de vermelho e parece perder a capacidade de formar palavras.

— Cala a boca.

Rindo, Ashwini tomou um gole de leite. Ela estava feliz em ver a amiga tão viva e vibrante. Dmitri podia ser um pouco bastardo, mas ele trouxera Honor de

volta do mundo sombrio em que ela existira após o inferno de seu cativeiro e, por isso, o vampiro tinha uma amiga em Ashwini.

— Dmitri mencionou o caso em que estou trabalhando? — Ela perguntou a sua amiga, tateando seu caminho antes de mencionar os detalhes. A última coisa que ela queria fazer era arrastar Honor de volta para o horror a que ela tinha sobrevivido.

— Sim. — A pele de Honor esticou sobre seus ossos, sua voz vibrando com retida emoção quando ela disse. — Eu espero que Raphael frite o bastardo ruim depois que você o pegar.

Demarco inclinou para frente e baixou a voz.

— Qual é o caso?

Tranquilizada pela ira de Honor, significava que sua amiga não estava em um estado psicológico ruim, Ashwini contou a ele. Ela sabia que ele não iria falar com ninguém sobre isso, a menos que ela desse autorização.

— Algum de vocês ouviu qualquer coisa que pode ajudar?

— Eu gostaria de ter, — disse Honor, sua fúria uma vibração debaixo de sua pele. — Mas eu não tenho realmente estado nas ruas desde que voltei; na maior parte eu dou aulas e, volto à Torre para ajudar Dmitri a lidar com a Legião. De vez em quando, o Primary vem falar comigo em uma língua antiga que eu estudei, mas nunca esperei ouvir. É fascinante.

Ashwini estremeceu com o pensamento do exército alado que aparecera do nada. A maioria das pessoas assumia que os lutadores tinham surgido de um complexo segredo que pertencia a Raphael. Ash sabia que aquilo era errado, muito, *muito* errado. Mesmo à distância, eles exalavam um sentimento de tempo que era uma pressão esmagadora contra os sentidos dela.

Às vezes, parecia como se todo o oceano estivesse em cima dela, o peso disso ao mesmo tempo vasto e estranhamente libertador. A última vez que ela tinha acordado sem fôlego daquele sonho em particular, ela saíra em sua pequena varanda para ver um lutador da Legião sentado no parapeito.

Ele a tinha encarado. Ela o encarara, os pelos subindo em seus braços.

Um instante depois, ele voou para longe, suas asas como as de um morcego silenciosas no céu coberto pela noite.

Demarco bateu com o dedo sobre a mesa, o som puxando-a de volta da memória do encontro surreal.

— Ransom estava dizendo algo sobre seus amigos de rua terem notado uma vibração estranha nos clubes. Você devia falar com ele.

— Eu estava esperando que ele estivesse aqui. — Como um ex-menino de rua, Ransom tinha contatos que o resto deles não podia acessar, e com a perna dele atualmente engessada, o que significava que ele não podia caçar ativamente, ele tinha sido redirecionado como Instrutor da Academia por um tempo.

Demarco desviou o olhar, olhando através das janelas para a neve que tinha começado a cair novamente, os flocos mais gordos e pesados do que quando Ashwini entrara.

— Ele tirou o dia de folga.

Ashwini pegou o olhar de Honor. Virando-se para Demarco, elas disseram,.

— Cuspa, — em uníssono.

— Merda. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Eu não posso. Ele vai me esfolar. Vocês vão saber hoje à noite.

Eles treinaram sua melhor carranca de “Fale ou morra” nele, mas ele cruzou os braços e estreitou os olhos. Ashwini conhecia aquele olhar. Ele não ia ceder.

— Tudo bem, — ela murmurou. — Mas é melhor você ter uma desculpa malditamente boa para esconder isso de nós.

— Confie em mim. — Sorrindo, ele descruzou os braços, todo charmoso, mas enquanto ela sentia a afeição de um amigo por ele, o sorriso dele não fazia nada por ela como mulher.

Não como o sorriso de certo vampiro.

— Falando em segredos, — Demarco falou lentamente, — Você e o Cajun...

Ashwini bateu uma lâmina na mesa na frente do outro caçador, deixou-a tremendo em uma posição vertical.

— Cuidado, Dem — Honor riu — Ou você pode acabar como comida de cachorro.

O outro caçador ergueu as mãos.

— Era uma pergunta inocente.

— *De qualquer forma*, — disse Ashwini incisivamente, — Se você ouvir qualquer coisa que possa ser útil, me passe. — Ela imaginou que Ellie já tinha a informação via Raphael.

— Tudo bem. — Demarco olhou para o relógio. — Tenho que ir. Tenho que pegar um vampiro que decidiu pular fora de seu Contrato.

Ashwini e Honor olharam para ele.

— E você estava aqui sentado comendo um muffin? — Honor perguntou em um tom pasmo. — Uma coleta não é um pouco mais, eu não sei, importante?

— O gênio reservou uma passagem de ônibus. Juro por Deus, — disse Demarco, abotoando sua jaqueta de veludo marrom pálido com pedaços de couro marrom mais escuro na altura dos cotovelos. — Sob o nome de Bill Smith.

Ashwini revirou os olhos.

— Eu acho que é melhor que John Smith.

— Não, esse é o nome real dele. Além disso, uma vez que ele foi bom o suficiente para fornecer identificação com foto quando fez a reserva, eu sei que é meu alvo. — Ele pegou um cachecol de lã azul intenso e envolveu-o em volta do pescoço duas vezes. — Eu sei o que você está pensando, que ele está me despistando, mas eu fiz minha pesquisa. Bill Smith é um contador que age de acordo.

— Então por que ele está tentando saltar fora de seu contrato? — Só os idiotas, os iludidos, e os arrogantes tentavam enganar os anjos. Especialmente quando as punições resultantes eram conhecidas por serem impiedosas. Ashwini teria ficado com pena dos vampiros que ela trazia de volta para enfrentar punição, exceto que ninguém *tinha* que escolher o vampirismo. Uma vez que você fechasse esse negócio, porém, era sua responsabilidade mantê-lo.

Afinal de contas, não havia como voltar atrás quando se tratava de quase-imortalidade conferida em retorno a cem anos de serviços Contratados.

— Bill Smith pensa que encontrou uma brecha, — Demarco respondeu com um rolar de seus próprios olhos. — Isso de acordo com a carta certificada que ele deixou ao anjo dele. E pode haver uma mulher envolvida. Não há sempre? — Um olhar desolado. — Nós, pobres homens, não temos uma chance. — As luvas postas, ele saiu com uma rápida saudação risonha, prometendo-lhes enviar uma mensagem se ele, de fato, pegasse Bill Smith na estação de ônibus.

Sozinha com Honor, Ashwini disse.

— Deixando Dmitri dando bom sangue de lado, como a coisa de vampira está indo? — Elas tinham conversado depois do retorno de Honor à cidade, mas sua amiga continuava a se ajustar a sua nova vida.

— É um pouco estranho, perceber que eu não sou mais humana. Eu esqueço o tempo todo e, em seguida, algo me lembra e eu passo pela surpresa de tudo novamente. — Ela roubou um gole do leite com chocolate de Ashwini. — Mas ninguém está me tratado de forma diferente, na Sociedade, quero dizer. Eu estava preocupada com isso, sabe?

— Idiota. — A única forma de um caçador ou caçadora perder seu direito à lealdade de seus irmãos era se ele ou ela os traísse. — Você percebe que agora você vai ser uma caçadora pela eternidade?

O sorriso de Honor tornou seus olhos uma incrível sombra de joias de tirar o fôlego, sua imortalidade inconfundível naquele instante.

— Estou feliz, Ash. Mais feliz do que eu já fui. Dmitri... — Um aceno de cabeça. — Eu não tenho as palavras.

— Você não precisa delas. — Ashwini tinha sentido a conexão profunda da alma entre Honor e Dmitri na primeira vez que ela os viu juntos. Como se duas metades quebradas de um todo tivessem encontrado o seu caminho para a outra, e no processo, tivessem curado as fraturas um do outro.

Às vezes, ela pensava que Janvier poderia fazer o mesmo por ela, se ela o deixasse entrar.

Honor fechou a mão sobre a de Ashwini onde ela estava sobre a mesa, as duas tendo sido amigas tempo o suficiente para que a outra mulher não fosse ameaçada por suas habilidades. Ashwini, por sua vez, não tinha nenhum problema lidando com o toque de Honor. Mesmo com o horror que ela sofrera, Honor era Honor, nenhuma surpresa feia, apenas uma *velha* alma. Os pesadelos que a tinham atormentado no rescaldo de seu sequestro estavam há muito sumidos, vencidos por um espírito feroz que tinha escolhido amor sobre as trevas.

— É uma coisa maravilhosa, Ash... e você pode ter isso com Janvier. Ele adora você.

— Eu sei. — Foi um som áspero, a necessidade dentro dela um imenso vazio.

Ela o adorava também.

E por causa disso, ela tinha que encontrar uma maneira de dizer a verdade a ele.



## Capítulo 16

De pé no telhado do arranha-céu da Legião, a neve tendo passado, Elena olhou para a arquiteta com formação em engenharia estrutural que tinha a tarefa de converter o prédio nas especificações da Legião.

— Você pode fazer algo com o telhado para que possamos inserir uma claraboia?

Torcendo seus lábios, a deslumbrante vampira magra com a pele cor de ébano chamada Maeve olhou para baixo, para a superfície plana.

— Eu poderia, mas se você está querendo maximizar a luz natural, eu acho melhor tirar todo o telhado e substituí-lo com vidro.

— Podemos fazer isso? — Adrenalina correu através de Elena. — Estruturalmente, eu quero dizer?

— Não vejo por que não. — O sotaque de Maeve era tão Manhattan moderna, suas roupas tão tendência, como o caleidoscópio de cores que era o casaco assimétrico e estruturado até o tornozelo que ela usava, que ninguém que não soubesse teria imaginado que ela tivesse nascido em outro continente mais de quinhentos anos atrás.

A mulher, com suas bochechas altas e formidáveis e o cabelo curto em cachos, tinha usado os anos para se tornar multi-qualificada e era considerada uma das melhores em sua linha de trabalho.

— A única coisa é, — Maeve continuou. — Eu teria que trabalhar com tolerância de peso, a Legião pode não ser capaz de se reunir ali em grupos grandes.

Elena olhou para o Primary, de pé em silêncio à sua direita.

— Preferências?

— Vidro. — A borda azul em torno da íris dele parecia queimar na luz de inverno gelada. — Se pudermos nos reunir em um lugar na terra, nós não precisamos do telhado.

— Então, — Elena disse, — Nós fazemos todo o alpendre uma caixa de vidro.

— Com janelas do chão ao teto, desenhadas para serem abertas de modo que a Legião poderia voar para dentro e para fora, embora tivessem que descobrir como conservar o calor no inverno para as plantas.

— Não.

Maeve piscou para a interjeição do Primary.

— Não?

— Você pode fazer o jardim mais profundo?

— Você quer dizer fundir dois ou mais andares?

Um breve assentir.

— Sim, — disse a outra mulher lentamente. — Mas eu acho que o que vai funcionar melhor é se nós não tomarmos todo o piso entre os dois níveis, ao invés disso, podemos cortá-lo em partes. — Ela fez um esboço em seu tablet usando uma caneta. — Vê, como isto?



O esboço mostrou um interior oco com bordas saindo das paredes no que parecia ser uma formação aleatória em três andares, mas Elena rapidamente percebeu que a colocação dessas bordas significava que a luz seria maximizada, criando várias áreas para jardins, bem como locais de pouso para a Legião.

— Brilhante.

O Primary tocou o esboço.

— Sim. O edifício inteiro pode ser assim?

Maeve soltou um suspiro, suas mãos espremendo o tablet.

— Uau. Ok, eu vou ter que fazer mais pesquisas sobre os aspectos estruturais do edifício para responder a essa pergunta. — Ela estava fazendo notas frenéticas enquanto falava. — Os três andares superiores, no entanto, são um sim definitivo.

Elena estava maravilhosamente surpreendida com a ideia de um arranha-céu se transformar em uma estufa gigante, seu interior uma árvore de ramificação através do qual um ser alado poderia tecer todo o caminho até o teto. Ela cruzou os dedos para que Maeve fosse capaz de chegar a uma solução.

— Nós poderíamos muito bem começar nos três pisos superiores, então, — disse ela, depois de olhar para o Primary para ver se ele concordava. — Maeve, eu sei sobre plantas, mas o edifício vai ser o seu jogo.

— Eu estou nisso.

Deixando a outra mulher para falar com a equipe dela, Elena levou o Primary para um armazém com suprimentos de jardinagem, onde ela organizou a entrega de vasos, solo, luzes artificiais para crescimento, e outros artigos. A próxima parada deles foi uma estufa.

Duas horas depois, plantas e suprimentos suficientes tinham sido entregues para que ela colocasse a Legião para trabalhar. Levaria tempo para as modificações nos andares superiores ser concluída; nesse ínterim, ela decidira

transformar o primeiro andar inteiro em um lugar onde plantas poderiam florescer e a Legião pudesse descansar.

Elena entendia a necessidade de um refúgio, um lugar seguro.

Com o consentimento e aconselhamento de Maeve, os lutadores alados já haviam derrubado paredes que não sustentavam o prédio, abrindo o espaço. Eles também tinham arrancado o tapete e limpado o chão, e por isso estava liso. Tudo isso desde as seis daquela manhã.

Conforme ela ajudava a equipar esse andar para que tivesse calor e umidade adequada, então mostrava aos lutadores da Legião como lidar com as plantas mais delicadas, ela começou a sentir seu próprio corpo relaxar. O prazer deles na terra era transcendente, a paz assombrosa disso envolvendo-a em suas asas... até que a pele dela ondulou com um calafrio, seu coração perfurando sua caixa torácica.

Ela podia ouvi-los, o eco de sussurros que, juntos, era uma mente criada de centenas; era um som estrondoso e esmagador dentro de seu crânio, como uma onda batendo dentro de uma caverna.

— Parem, — ela disse ofegante.

Silêncio.

O Primary estava na frente dela segundos mais tarde.

— A consorte não deseja se juntar à nossa conversa?

Isso foi quando Elena entendeu que as vozes tinham sido um convite.

— Um de cada vez, — disse ela, não tendo certeza exatamente do que ela estava fazendo, mas sentindo uma estranha sensação de... vulnerabilidade em torno dela. — Eu quero conhecer vocês um de cada vez.

Um farfalhar de consternação soou.

— Nós somos um, — disse o Primary. — Somos a Legião.

— Isto, — disse ela, passando as mãos sobre a árvore mandarina em miniatura na frente dela, — é um. Os sistemas de raízes, o tronco, os ramos, as folhas, todos eles agem em conjunto com um objetivo. No entanto, nem uma das folhas é *exatamente* a mesma. Vocês podem ser um sem ser cópias idênticas.

Sussurros baixos, a Legião tentou ser silenciosa em benefício dela. Foi cortado quando o Primary olhou ao redor da sala. Retornando seu olhar para Elena, ele disse.

— Vamos considerar a ideia de ser um sem ser um.

Elena tinha certeza de que a Legião continuou sua discussão sussurrada muito depois de ela ter saído no final da tarde. Tinha sido estranho estar em uma sala silenciosa quando ela sabia que um acalorado debate estava acontecendo entre seus habitantes.

Tendo tomado banho e se trocado na Torre, ela voou sob os raios do sol se pondo, mais do que pronta para ir para casa, estar com Raphael e seus amigos. Ela só tinha estado no ar por alguns segundos quando recebeu uma mensagem de Demarco.

*Você me deve cinquenta dólares. Bill Smith estava esperando pacientemente na fila para o ônibus dele.*

Ela não podia acreditar nisso; quando eles tinham se encontrado essa manhã em seu mútuo lugar de café favorito, e ele tinha compartilhado seu plano para apanhar o vampiro, ela disse que ele estava perdendo tempo. — *Mostra o que eu sei*, — ela murmurou e enviou a ele uma resposta antes de deslizar seu telefone em um bolso com zíper.

*Arcanjo?*

Ela disse, incerta de que ela o alcançaria. Ele tinha levado um esquadrão especialista sobre o mar para praticar manobras. Agora, mais do que nunca, as defesas da Torre tinham de ser herméticas. Nova York não podia parecer uma presa ferida para as forças hostis que assistiam. Por outro lado, o povo deles

estava cansado. Era por isso que Dmitri tinha balanceado os exercícios para que cada lutador tivesse mais dias de folga do que o habitual em rotação.

O vento varreu sua mente, molhado com a chuva e o mar sem fim.

*Eu estarei em casa em breve, hbeebti. Naasir disse que vai se comportar, se ele chegar primeiro.*

*Bem, ele prometeu não me comer, então já é alguma coisa.*

Illium apareceu em um voo com ela enquanto a risada de Raphael persistia em sua mente, enquanto sua escolta da Legião sobrevoava longe o suficiente para que fosse discreto. Dobrando as asas ligeiramente para que ela pudesse conversar com o anjo de asas azuis ao lado dela, os filamentos de prata nas asas deles pegando a luz fraca, ela disse.

— Você vem para o jantar, também?

Era estranho. Ela tinha inicialmente convidado Naasir, Janvier e Ash. A pequena equipe havia se tornado uma unidade unida durante os combates e ela sabia que Naasir ainda não tinha tido a chance de conversar com Ash. Todos os três tinham aceitado o convite, mas a coisa estranha era, de repente, cada membro dos Sete, que estava na vizinhança tinha a noite de folga para se juntar a eles.

Os olhos dourados de Illium brilharam sob o preto azulado de seus cílios.

— Ah sim, eu definitivamente estou indo para o jantar.

Elena não era uma idiota.

— O que você está esperando que Naasir irá fazer?

Illium mergulhou em direção à água em uma velocidade de tirar o fôlego, veio para cima em um ângulo agudo.

— O rumor é, — disse ele. — Naasir está te trazendo um presente.

Aquilo não soava ameaçador... até que ela considerou de quem eles estavam falando.

Illium subiu em direção ao sol antes que pudesse questioná-lo sobre as inclinações para o presente de Naasir.

Elena manteve um voo para casa mais preguiçoso. Montgomery havia prometido a ela o duplo de bolo de chocolate e, qualquer que fosse o presente de Naasir, não poderia se comparar ao duplo bolo de chocolate do mordomo. Montgomery o fazia ele mesmo a partir do zero, guardava a receita como um dragão com seu tesouro.

Quando o telefone dela tocou, ela atendeu com um sorriso.

— Eu estava à espera de ouvir você, — ela disse a sua irmã mais nova, Eva. — Como foi o exame?

— Não foi tão duro quanto meus amigos e eu pensamos que seria, — Eve disse, a voz exuberante, e as duas caíram em uma conversa fácil.

Aterrissando no gramado coberto de neve da casa dela e de Raphael no Enclave não muito tempo depois que ela e Eva disseram adeus, ela observou Illium descer rápido e elegante. Aodhan caiu do céu em um ritmo mais lento, a inicial luz da noite o rompendo em faíscas deslumbrantes.

— Como está a asa? — Ela perguntou, tendo notado a correção de última hora que ele tinha feito para não tombar para os lados.

— Fraqueza significativa, mas eu devo continuar exercitando nesta fase do processo de cura. — Ele estendeu ambas as asas para fora em toda a sua amplitude, e dobrou-as de novo.

Nunca, ela pensou, ela se acostumaria com a impossibilidade de Aodhan, com as penas e cabelo que pareciam revestido com diamantes que refratavam a luz em estilhaços infinitos.

— Apenas certifique-se de não forçar muito. — Caçadores e o pessoal da Torre, ambos se irritavam ao serem reprimidos. Aodhan não tinha mencionado dor, mas ela sabia que tinha de ser ruim.

A capacidade imortal para sobreviver a feridas brutais vinha com um preço agonizante.

— Não se preocupe, Ellie. — Illium bateu um punho delicadamente na mandíbula de Aodhan, sua pele ouro quente contra o alabastro tocado pelo sol da pele de Aodhan. — Eu empurrei Keir sobre ele há dois dias quando ele se recusou a ouvir a razão. Você não viu um puxão de orelha até que veja Keir dando um. — Um estremecimento. — Pobre Faísca.

Aodhan fez algo que ela não pegou completamente e, de repente, Illium estava no chão, deitado de costas na neve. O olhar chocado em seu rosto era quase tão bom quanto o aplicadamente inexpressivo de Aodhan.

— Vamos ir para dentro, Elena?

— Que tal ajudar-me primeiro? — Illium fez uma careta e levantou uma mão. — Agora minha costa está toda molhada.

Aodhan arrastou-o para cima com o braço bom.

— Pobre Bluebell.

Os lábios de Elena se contraíram. Estava começando a ficar claro por que Aodhan e Illium haviam se tornado amigos. Aodhan podia ser quieto, mas ele podia lidar com o anjo de asas azul, que continuava a ser a única pessoa que Aodhan poderia suportar tocá-lo. Elena não sabia o que havia traumatizado Aodhan àquela profundidade visceral, mas ela conhecia a batalha silenciosa que ele lutava a cada dia.

— *Suas cicatrizes existem, mas é a sua coragem que te define.*

Ela dissera aquilo para ele uma semana atrás, recebera um olhar penetrante em troca da assombrada fratura do olhar dele.

— *Estou com medo, cada instante, de que a escuridão vai me puxar de volta para ela.*

— *Mas você continua, Aodhan. Qualquer tolo pode saltar de surpresa no perigo, você sabe exatamente o risco que você está tomando, e ainda assim aqui está você.*

Na frente dela, ele limpou a neve das penas de Illium e disse.

— Da próxima vez que você me chamar de Faísca, eu estou despejando-o no Hudson.

— Eu sei nadar.

— Vamos lá, — disse Elena com um sorriso. — Montgomery esta esperando.

Os três deles tinham acabado de tomar os primeiros passos em direção a casa, quando houve um estremecer do vento. Jason e Mahiya aterrissaram à direita de Illium um segundo depois. As asas pretas do espião eram dramáticas contra o branco da neve, sua tatuagem facial vívida mesmo à luz cinza, mas eram as asas espetaculares de Mahiya que chamavam a atenção. Verde e azul selvagem com pinceladas de preto, o padrão era semelhante ao modelo de um pavão.

— Elena, — disse Mahiya com o sorriso gentil que mantinha um brilho interno. — Obrigada por nos convidar para jantar em um prazo tão curto. Eu receio que nós não poderíamos resistir à tentação.

— Eu estou começando a me preocupar com a ideia de Naasir de um presente.

Jason agitou-se.

— Certa vez, ele trouxe para um anjo um balde de piranhas e disse ao anjo para enfiar a mão dentro para recuperar seu presente.

— Mas ele não gostava do anjo, — Illium interferiu. — Então você deve estar segura. Eu não sei por que o anjo em questão lamentou com todos sobre isso, ele só perdeu alguns dedos.

— Pelo menos não há nenhum lugar para Naasir encontrar um javali selvagem vivo por aqui. — Isso veio de Aodhan, Illium assentindo sabiamente ao lado dele. — Em defesa dele, disseram a ele para trazer carne para o fogo.

— Puxa, não tentem me tranquilizar todos de uma vez. — Levando-os para dentro, ela descobriu que Montgomery tinha colocado uma mesa na sala de jantar formal.

Elena e Raphael não usavam normalmente aquela sala para qualquer coisa, além de reuniões com arcanjos ou outros indivíduos altamente classificados, porque era muito grande. No entanto, assumia um ar diferente com tantos dos Sete presentes. Eles espalharam-se sobre os elegantes móveis, escavaram na comida de Montgomery, falavam com a facilidade de homens que tinha conhecido um ao outro por séculos.

Esse sentimento só se intensificou quando Dmitri dirigiu seu Ferrari reluzente para a porta da frente, Honor no banco do passageiro. Raphael retornou para casa quase no mesmo instante, e o burburinho das conversas e risos cresceu para encher a casa. Quinze minutos depois, Illium tinha persuadido uma Mahiya corando em uma dança com ele no centro da sala, enquanto Aodhan e Dmitri jogavam uma partida de xadrez usando um inestimável conjunto esculpido à mão colocado em uma mesa de revestimento antigo.

Honor, por outro lado, tinha caminhado para examinar a pintura magnífica do Refúgio na parede oposta, e Jason ficou conversando com Raphael enquanto eles observavam Dmitri e Aodhan tentando pensar a frente um do outro.

Os únicos faltando eram as pessoas que ela tinha originalmente convidado.

— Alguém perguntou a Naasir se ele precisava de uma carona? — Com Janvier e Ash ela não estava preocupada, uma vez que ambos eram moradores, e eles estavam em um caso, cujos detalhes frios Raphael tinha compartilhado com ela.

Maldita Lijuan. Elena estava pronta para que a arcanjo louca *morresse* e ficasse morta.



— Naasir disse que estava vindo com Janvier e sua caçadora. — Illium girou Mahiya de volta para ele nessas palavras, as pontas de ouro laranja da túnica até a panturrilha que ela usava sobre leggings pretas de algodão voando em um círculo ondulante.

O ronronar gutural de um poderoso motor soou então, e Elena virou para as grandes janelas que davam para a garagem para ver um carro reluzente como uma pantera negra parando ao lado da Ferrari de Dmitri.

— Uau.

Enquanto ela observava, a porta do lado do motorista foi empurrada para cima ao mesmo tempo em que a do passageiro. Ash saiu de um lado, Janvier do outro... e isso foi quando ela percebeu que Naasir estava agachado em cima do carro.



## Capítulo 17

Ashwini saiu do carro incrível que Janvier tinha conduzido depois de ligar para ela e oferecer-lhe uma carona. Ainda lutando com o que ela tinha que dizer a ele, ela deveria ter dito não, mas tinha sentido falta dele. Além disso, eles tinham que conversar. As impressões digitais tinham sido um fracasso, bem como sua tentativa de rastrear testemunhas e fitas de vigilância. Ela também tinha falado com um professor que Honor dissera que era confiável, sua especialidade a mumificação.

O macho de cabelos brancos tinha lido o relatório interino da autópsia, então encarado as fotos anexadas um tempo considerável, antes de dizer conclusivamente.

— *Não é natural. Não só o dano severo em nível celular é incompatível com isso, e com o processo normal de mumificação, a aparência do cadáver está toda errada no contexto da sua provável idade, os ossos e os dentes frágeis mais ainda.*

Janvier tinha estado ocupado, também. Ele passou seu tempo conversando com a comunidade vampírica do “Dia”, e enquanto ele tivesse pegado uma vibração nervosa, ele pensou que tinha mais a ver com o rescaldo da batalha do que com a vítima deles.

— Vamos aproveitar este jantar, — ele disse depois de os dois trocarem informações. — Os clubes não vão encher até cerca das onze horas, e eu não consigo pensar em qualquer outra forma de avançar neste momento.

Nem Ashwini.

Agora, ela acariciou a pintura do carro dele, o preto segurando um leve brilho que fazia o carro parecer uma sombra viva.

— Eu não posso acreditar que você tinha isso todo esse tempo.

Ele dissera a ela que tinha estado estacionado em Louisiana, e que ele contratara um caminhão especial para deixá-lo em Nova York.

— Ninguém, — ele disse. — A dirige, além de mim.

Ashwini podia entender seu ar cobiçoso. Esta era uma máquina de sexy.

— Quanto custou? — Ela nunca tinha pensado em Janvier como rico, mas ele tinha que ser, ele era muito, muito inteligente, e os vampiros inteligentes sempre acabavam ricos.

— Não se preocupe, *cher*. — Um sotaque preguiçoso que a lambia como um beijo de corpo inteiro. — Eu posso te manter no estilo ao qual eu pretendo que você se acostume.

— Belos sonhos você tem, docinho. — Ela deu um tapinha na bochecha dele, para um sorriso nele, antes de alcançar o interior do carro na zona dos pés onde ela tinha armazenado o presente que Naasir comprara para Elena. Ela mal podia esperar para ver o olhar no rosto de sua companheira caçadora. — Aqui, — ela disse, com cuidado para manter o corpo na direção das janelas conforme ela o passava para o vampiro.

Suas mãos se tocaram quando ele pegou o presente, mas a habilidade dela apenas reagiu com um encolher de ombros perplexo. Não sabia o que fazer com Naasir, o que estava bom para ela. O vazio permitia que ela fosse amiga dele sem preocupações.

Olhando para ele, ela balançou a cabeça.

Mesmo que ele tivesse andado em cima do carro — aquele maníaco — a prata pesada do cabelo dele tinha caído para trás em torno de seu rosto em fios cortados retos com uma aspereza que lhe convinha, e ele parecia muito mais civilizado do que ela esperava. Ele estava usando calças e camisa pretas, com um casaco preto de comprimento até o tornozelo, a sombra forte jogando seu cabelo e os olhos em foco agudo.

Janvier, pelo contrário, estava em jeans e um fino suéter cor de aveia abaixo de sua surrada jaqueta de couro. Ela podia ver a borda de uma camiseta branca por baixo do suéter. Em volta do pescoço dele estava um cachecol de tricô borgonha com uma lã misturada. Ela tinha enviado isso para ele depois da operação de Atlanta, e esta não era a primeira vez que ela tinha visto em volta do pescoço dele, se ele usava um cachecol, era este.

Como ela usava o pingente de safira que ele tinha dado a ela. Direto contra sua pele.

— É melhor você ir primeiro, — Janvier disse a Naasir. — Montgomery está abrindo a porta.

Embalando seu presente protetoramente em seus braços, Naasir caminhou até a porta.

— Olá, Montgomery.

— É um prazer tê-lo aqui, senhor. — O acento rico do mordomo demonstrava afeto real.

— Eu prometo não arranhar os móveis.

— Isso seria muito bem-vindo, — Montgomery respondeu, sem uma variação em seu tom irlandês. — Senhor, Caçadora da Sociedade.

Acenando uma saudação, Ashwini entrou para encontrar Elena e Raphael indo em direção a eles. Ela continuava a ter problemas em compreender como Elena podia confiar a si mesma a alguém tão mortal e cruel. Olhos de um excruciante azul puro e cabelo de um preto mais escuro do que a meia-noite, o

Arcanjo de Nova York não era de nenhuma forma humano, o poder que pulsava dele uma tempestade violenta.

Um toque na parte inferior das costas dela, a mão de Janvier ancorando-a no presente quando ela teria sido sugada para dentro do vórtice que era os mais de mil anos da vida de Raphael, a habilidade dela se estendendo em direção a ele como uma criança com medo do fogo, mas querendo tocá-lo de qualquer maneira. Tomando uma respiração que era irregular dentro dela, ela não disse a Janvier para quebrar o contato, o calor do corpo dele um talismã contra sua própria mente fora de controle.

Na frente deles, Naasir baixou a cabeça.

— Sire, Consorte.

\*\*\*

**E**lena suspirou de alívio em silêncio quando ela percebeu que Naasir estava segurando nada mais perigoso do que um vaso de plantas, o pote envolto em folha bonita.

— É bom ver você, Naasir, — ela disse, tocando a mente de Raphael com a dela ao mesmo tempo.

*Os outros ficarão decepcionados. Eu acho que eles estavam esperando algo escandaloso.*

— Isto é para você. — Naasir entregou-lhe a planta. — Eu agradeço o convite gracioso para sua casa.

Os cabelos levantaram na parte de trás do pescoço dela ante a civilidade primitiva das palavras, o cheiro de tigre em caçada nele em desacordo com o vampiro sofisticado que estava a frente dela.

— Obrigada, — ela conseguiu dizer, perguntando-se se ela o tinha ofendido de alguma forma. Instinto disse a ela que Naasir era educada desse jeito apenas com pessoas de quem ele não gostava.

— Se Jessamy perguntar, diga a ela que eu segui as regras. — Um sorriso feral.

*Oh.*

— Eu vou. — Olhando para baixo, ela se concentrou na planta em seus braços. Era incomum, o coração vermelho das vagens abertos alinhados com o que pareciam ser pequenas farpas. Intrigada, ela tocou um dedo cuidadoso no vermelho... e aquilo tentou comê-la.

Naasir riu quando ela pulou, mas não era uma risada maldosa. Chegando ao lado dela, ele disse.

— Levei horas e horas para encontrar uma em sua cidade. — Orgulho em cada palavra, ele correu seu dedo sobre outra vagem aberta.

Quando a flor estalou seus dentes para ele, ele estalou seus próprios.

— Ela só come coisas pequenas.

Elena estava além de fascinada.

— Como insetos?

Os olhos dele se iluminaram ante o interesse óbvio dela, e Naasir assentiu.

— Se você a colocar em sua estufa, ela vai comer todos os insetos que incomodam suas outras plantas.

Elena não tinha certeza de que existia quaisquer insetos em sua estufa.

*Raphael, de onde tiramos comida para esta planta?*

Ela nunca teve um convidado carnívoro em sua estufa antes.

*O presente é seu, minha caçadora.*

*Muito obrigada.*

Mas ela permaneceu fascinada pela planta tão única quanto o vampiro que a tinha dado a ela.

— Devemos ir colocá-la na estufa agora, para ficar no quente?

Naasir assentiu.

— Ela é como eu; não gosta do frio.

Primeiro, porém, Elena levou-a para dentro para mostrar aos outros. O presente foi um sucesso.

Indo para fora depois, passado por um imperturbável Montgomery, Elena não se incomodou em colocar seu casaco. Estava congelando lá fora, mas a estufa não estava longe. Naasir rondava ao lado dela, suas narinas dilatadas com os aromas frios, o ar amargo da noite.

— Caliane está sozinha, — ele disse sem aviso prévio.

Elena quase tropeçou. Endireitando-se, ela continuou ao longo do caminho iluminado para a estufa, as lâmpadas de crescimento dentro dando um brilho acolhedor.

— Sozinha?

Os fios de prata do cabelo de Naasir moveram-se como o mercúrio líquido quando ele balançou a cabeça.

— Quando ela viveu no mundo antes, Raphael estava nas proximidades. Agora, ele está longe dela, através de um oceano, e o tempo que ela teve com ele no baile não aliviou sua necessidade.

Se havia uma coisa sobre Caliane que Elena nunca tinha duvidado era do amor da Antiga por seu filho.

— Ela pode deixar o território dela nesse momento? — Amanat estava há um piscar de olhos longe da terra natal de Lijuan em termos angélicos.

— Pode ser o melhor momento. O povo de Lijuan está concentrado no interno, eles levantaram as defesas e estão agachados atrás delas.

— Eu vou falar com Raphael. — A ideia de ter sua sogra Antiga para uma visita não a fazia exatamente querer pular de alegria, mas Caliane parecera estar amolecendo em relação a ela durante sua última reunião, então talvez não fosse ser tão ruim. Talvez. — Obrigada por me dizer.

Naasir pressionou o nariz contra o vidro da estufa antes de segui-la para dentro. Ela acomodou a planta carnívora longe das demais, incerta de que ela não decidiria mudar de dieta, e virou-se para encontrar o vampiro em pé no corredor com uma carranca preocupada no rosto.

— Tem certeza de que você vai ter insetos suficientes?

— Sim. Eu vou cuidar dela, eu prometo. — Uma planta era uma planta, mesmo que esta tivesse uma dieta um pouco diferente. — Eu gosto de plantas. — E as plantas gostavam dela... mais e mais nos dias de hoje. Ela conseguira trazer uma samambaia incrivelmente delicada de volta à vida depois que ela a entrou em colapso, em moles fios castanhos, como resultado de seu abandono durante a batalha.

Então, novamente, a recuperação da planta tinha sido, provavelmente, pura sorte.

Estava saudável e feliz e verde à direita, ao lado de um alegre amor perfeito que tinha atraído Naasir. O vampiro tocou as pétalas roxas macias da flor, acariciando como se ele gostasse da textura aveludada.

— Aqui, — ela disse, mostrando outra planta para ele. — Você pode comê-la. — Cortando uma flor, ela deu a ele.

Ele mordeu com cuidado e mastigou.

— Eu não entendo por que as pessoas comem plantas, — foi sua sucinta resposta, mas ele terminou de comer a flor enquanto se dirigiam de volta. — Nós vamos treinar?



— Eu estive ansiosa por isso. — Veloz e pouco ortodoxo, ele seria um excelente adversário com quem aprender. — Embora nós vamos ter que ter regras básicas.

Ele fez uma careta.

— Você disse que era permitido trapacear.

— E é... para mim. Raphael é um arcanjo. Você é um vampiro secular. — Elena não tinha certeza da idade exata de Naasir, mas ela tinha a sensação de que tinha que ser em torno da marca de seiscentos ou setecentos anos. — Eu não sou tão forte quanto você. — Raphael tinha dito que ela tinha que ser brusca com Naasir.

*Ele é altamente inteligente, mas ele fica frustrado com muita sutileza. Isso não significa que ele não é capaz de entendê-la, mas ele fica irritado com pessoas que forcem tais sutilezas sobre ele.*

Hoje à noite, Naasir olhou para ela com os olhos prata que detinham tanta selvageria que os sentidos dela continuavam dizendo-lhe que ele não era nada conhecido, nada entendido.

— Eu poderia quebrar o seu pescoço sem esforço, — ele disse, como se simplesmente declarasse um fato. — O sire não gostaria disso.

— Nem eu. — A resposta seca dela o fez sorrir, mostrando as presas. — Eu acho que devemos treinar um pouco para que você possa avaliar a sua força contra a minha. — Elena gostava de praticar com aqueles mais fortes do que ela; era a única maneira de melhorar. Seus inimigos com certeza não facilitariam para ela porque era significativamente mais fraca do que a maioria dos anjos adultos.

Mas, ela tinha que ser esperta sobre isso. Não adiantava ser muito orgulhosa e acabar morta porque Naasir não percebeu que não estava lidando com um anjo guerreiro da sua idade.

— Que tal amanhã?

— Vou perguntar a Janvier se ele e sua caçadora precisam de ajuda com a sua caça.

Elena sentiu o corpo tenso novamente com o horror do que tinha sido feito com a vítima da Pequena Itália, com a ideia do que Lijuan podia, de alguma forma, ter deixado uma mancha em sua cidade.

— Eu realmente desejo que a bruxa má desse um mergulho direto para o inferno.

— Raphael te contou que uma vez eu tentei mordê-la?

— Não. — Olhos se alargando, ela se virou para encará-lo. — O que aconteceu?

— Eu era uma criança. Ela riu, porque pensou que eu estava brincando. — Ele deu de ombros. — Eu não estava, eu queria matá-la porque ela cheirava a carne ruim. *Errado.*

— Nesse caso, — Elena disse. — Nós vamos ser melhores amigos logo.

Naasir colocou seu braço em volta do pescoço dela, seus dentes muito afiados perto do ouvido dela enquanto ele dizia.

— Você cheira bem, Ellie. — Uma pequena mordida, mais brincalhona do que séria. — Você acha que Janvier cheira a caçadora dele?

Elena sorriu ante o sussurro e decidiu deixar de lado os pensamentos sobre Lijuan e a morte que a arcanjo insana deixava em seu rastro. Hoje, a noite era sobre lealdade, amizade, e sobre os laços que ligava todos eles uns aos outros, anjos, vampiros e mortais.

— Espero que sim.

\*\*\*\*

**J**anvier assistiu Ashwini empoleirar-se no braço da cadeira onde Honor estava sentada, as pernas longas de Ash vestidas com calça jeans preta e os olhos brilhantes enquanto ela ouvia algo que Mahiya estava dizendo às duas. Sua caçadora parecia de bom humor, apesar de sua falta de sucesso em desenterrar uma pista, mas ele sentira a tensão gritante nela quando eles entraram na casa. Outros poderiam ter identificado a resposta dela como medo ante a proximidade com um arcanjo, mas ele sabia a verdade.

Era a história que Raphael carregava em seus ossos. Com mil e quinhentos anos de idade — uma ou duas décadas a mais ou a menos — Raphael era jovem em relação aos outros arcanjos. Havia rumores de que Lijuan tinha dez mil anos de idade, enquanto ninguém sabia a verdadeira idade de Caliane; Janvier tinha ouvido palpites que iam de 250 mil anos de idade para o dobro disso. Ele não podia imaginar viver tanto tempo, fazia com que ele entendesse melhor por que os anjos mais velhos escolhiam dormir por eras e por que alguns vampiros se instalaram em uma tranquila noite.

— Você olha para ela como um homem só olha para uma mulher em sua vida, seja ele mortal ou imortal.

Janvier encontrou o olhar do arcanjo, o poder nele atordoante.

— Nunca houve, nem nunca haverá, ninguém como ela.

— Tais presentes não aparecem muitas vezes, — Raphael disse, sua atenção em Ash. — Na minha vida, eu conheci três outras como ela: mortais que precisavam de tempo além de uma vida humana para permitir que seus dons crescessem para o seu pleno potencial.

— Elas estão vivas? — Janvier perguntou, sabendo que os anjos gostavam de ter certeza que os raros e talentosos sobrevivessem até a eternidade.

Janvier uma vez tinha sido enviado em uma missão para localizar um compositor recluso que residia em um castelo no fundo das montanhas do Cáucaso. A comissão tinha vindo durante seus anos como um agente livre e tinha levado o selo de Astaad, Favashi, e, inesperadamente, Titus. Todos os três arcanjos tinham amado os trabalhos do compositor com tanta paixão que tinham

oferecido transformá-lo em Feito sem necessidade de um Contrato de cem anos. Tudo o que ele teria que fazer era continuar a criar suas sinfonias, preencher o mundo com música.

Uma oferta extraordinária, mas ainda assim o compositor tinha recusado.

— *Minha música, — ele disse, com os olhos contendo uma faísca que Janvier tinha visto apenas nos dotados e nos loucos, — é preciosa porque é tocada com a minha mortalidade. Se eu me tornasse um homem com vida eterna, eu já não serei capaz de criar o que traz aos arcanjos tanta alegria. Eu me tornaria uma sombra, morto por dentro, mesmo enquanto eu vivesse para sempre.*

Assim, ele não se surpreendeu quando Raphael disse.

— Dois morreram, tendo escolhido uma existência mortal apesar de todas as tentações postas aos pés deles. Um reside no território de Nimra, em uma parte pacífica do bayou.

Janvier percebeu que ele sabia exatamente de quem Raphael estava falando.

— Silvan. — Com quinhentos anos de idade, o vampiro tinha um nível de poder que muitas vezes iludia os que tinham o dobro de sua idade. Apesar disso, ele preferia uma vida de solidão a qualquer posição mais lucrativa e influente. — Aqueles da minha família que vivem na área dizem que ele pode caminhar em sonhos.

— Você vai ter que perguntar a Silvan se deseja a verdade.

— Talvez eu vá, na próxima vez que partilhamos café de chicória nas docas fora da casa dele.

Os lábios de Raphael se curvaram.

— É verdade, então, Cajun. Você conhece todos?

— Esse é meu trabalho. — Ser aquele que ninguém temia e todos acolhiam. A tarefa antes tinha sido de Illium, mas Bluebell era agora um poder, um fato que nenhuma quantidade de charme poderia esconder.

— Você é muito bom no que faz. — As palavras de um arcanjo a um de seus homens. — Quanto a sua caçadora, eu acho que você sabe que as probabilidades não estão a seu favor. Aqueles nascidos com sentidos mais profundos geralmente recusam a chance de imortalidade por razões que não podemos compreender.

Infelizmente, Janvier compreendia as razões de Ashwini muito bem. Ela tinha se tornado mais forte ao longo dos últimos doze meses, suas reações mais intensas. Ela já vivia na borda do “Normal”. Ela temia o que se tornaria se abraçasse a imortalidade. Janvier sabia tão então, quanto ela era extraordinária agora, mas ela não via dessa forma.

— O patologista nos ligou mais cedo, — ele disse, mudando de assunto para evitar que sua mente girasse em círculos. — Ele completou a análise do tecido profundo ou tanto quanto era possível dado o estado dos restos mortais. E disse que a vítima mostra sinais conclusivos de ser uma doadora de longo prazo.

Se um vampiro era cuidadoso, até mesmo um doador contínuo estaria sem cicatrizes. Caso Janvier alguma vez experimentasse o sangue de Ash, ele lamperia sobre a ferida para se certificar de que se curaria limpamente, a menos que ele *quisesse* que ela levasse sua marca. Sua respiração ficou presa diante dessa ideia, seu abdômen apertando-se. Tê-la não só oferecendo a ele sua veia, mas com o consentimento para usar o sinal da posse dele, era um sonho tão grande que ele sabia que poderia nunca se tornar realidade.

Nem todos os vampiros, no entanto, eram cuidadosos com o doador. Isso levava à formação de cicatriz *debaixo* do tecido da pele nas partes mais utilizadas. Não só era ruim para o doador, mas, com o tempo, tornava-se mais difícil para o vampiro se alimentar. Os principais locais de presas na vítima de Little Italy tinham sido tão profundamente cicatrizados que o patologista notou que era possível que ela tivesse se tornado inútil como doadora. Isso poderia ser a razão pela qual ela tinha sido morta e jogada fora com o lixo, mas ainda não explicava a dessecação.

— Ash e eu, — ele disse a Raphael. — Estamos indo para os clubes no Quarteirão depois do jantar para ver se descobrimos a identidade da vítima. —

Embora não houvesse nenhuma garantia de que ela tinha frequentado os clubes, era um bom ponto de partida, dada a quantidade de vampiros que encontravam seus doadores de longo prazo pela primeira vez no Quarteirão. — Também vai me dar uma chance de me conectar com os Feitos que preferem as horas da noite.

— Mantenha-se em contato regular com Dmitri. — Uma ordem. — Se Lijuan realmente deixou uma mancha em nossa cidade, eu não quero que nenhum de vocês dois sejam vítimas disso.

Ash olhou para cima naquele momento, a misteriosa escuridão de seus olhos indo direto para Janvier. A risada desapareceu, mas a ligação entre eles... continuava a pulsar inabalável.

— Não, — disse Janvier. — Eu não vou tomar qualquer risco desnecessário.



## Capítulo 18

Elena demorou meia hora no jantar para perceber que um pouco do vinho na mesa era vermelho sangue, como em vermelho sangue *real*, e que os churrasquinhos que Naasir estava comendo ao lado dela eram compostos de cubos de carne temperada, mas crua.

Ela poderia viver com isso. Feral como ele era, havia algo tanto inocente quanto descontroladamente charmoso sobre Naasir. Ele realmente era como um tigre selvagem; ele poderia morder a mão dela, mas apenas se ela o ameaçasse. Pelo menos agora que ele tinha decidido não fazer dela uma refeição.

Naquele instante, ele cutucou seu prato na direção de Ash, que estava sentada do outro lado dele. Elena observou, perguntando-se o que a outra caçadora faria. Sem piscar, Ash estendeu a mão e pegou um pedaço da carne cozida que Naasir tinha ignorado em favor dos cubos crus. Naasir sorriu e continuou a comer.

Ash claramente conhecia as maneiras do vampiro melhor do que Elena. Não era uma surpresa, dado que a equipe de três “Sombras” tinha passado dias atrás das linhas inimigas com apenas uns aos outros como companhia.

— Dê-me uma pista, — ela disse quando Naasir olhou para ela.

— De quê? — Ele arrancou um pedaço de carne, mastigou com prazer.

— Do que você é, — ela disse, sua curiosidade tão aguda agora quanto tinha sido no primeiro instante em que ela reconheceu que ele não era um vampiro normal, em qualquer sentido. Ela tinha problemas em pensar nele como um vampiro em tudo; ele podia beber sangue, mas, como sua dieta mostrava, dificilmente era suficiente para sustentá-lo.

Naasir sorriu e tomou um gole do rico líquido vermelho em sua taça de vinho.

— Você pode me perguntar sete questões.

Apanhando o sorriso de Ash do outro lado dele, Elena considerou quão fortemente ele a fazia pensar em um gato grande — um gato divertido nesse momento — e decidiu amarrá-lo.

— Você vai responder?

— Sim.

Ela não estava prestes a cair nisso.

— Você vai responder a verdade?

Naasir mostrou suas presas para ela.

— Eu te darei pelo menos duas respostas verdadeiras.

Elena decidiu que aquilo era melhor do que nada.

— Você é o único de sua espécie? — Ela perguntou, consciente não só de Ash, mas dos outros escutando em torno deles.

— Sim.

Ela examinou os extraordinários olhos dele, seu meio sorriso astuto, a postura de seu corpo — e não teve absolutamente nenhuma ideia se ele estava mentindo ou não. Droga.

— Você nasceu ou foi Feito?

— Ambos.



Angulando os ombros para encará-lo enquanto Illium sacudiu com risos do outro lado da mesa, ela disse.

— Você é parte da família tigre? — O perfume dele, era tão selvagem que ela quase podia sentir a selva, quase ver o capim onde um listrado predador poderia se esconder.

Naasir inclinou tão perto que o nariz dele roçou o dela.

— Não, — ele disse com um estalar brincalhão dos dentes.

Elena queria estrangulá-lo. Era impossível decifrar sua expressão, separar a verdade da mentira, mas ela não estava prestes a desistir.

— Você é um vampiro?

Ele bebeu profundamente do sangue em seu copo, o rubi escuro rodando com segredos.

— Não.

— Eu acho que eu poderia ser levada a te morder, — ela murmurou. — Forte.

Naasir rosnou, mas seus olhos estavam rindo.

— Suficiente?

— Não. Eu tenho três perguntas sobrando. — Atirando um olhar de morte para Dmitri quando ele perguntou se ela precisava de ajuda, toda falsa solicitude, ela voltou sua atenção para Naasir. — Você realmente come pessoas?

— Só se eu não gostar delas, ou se estiver com muita fome. — Uma declaração solene.

Lembrando-se do que ele uma vez dissera a ela sobre o anjo que o tinha Feito, embora ela tivesse certeza de que ele não tinha sido Feito em qualquer forma comum, bem como o que ele dissera sobre Lijuan cheirando como carne ruim, ela percebeu que aquilo era uma verdade.

— Você tem garras? — Todos os vampiros podiam estender suas unhas, alguns mais do que outros. Era parte do que lhes permitia escalar tão bem. Mas durante a batalha, quando ela tinha enfaixado as feridas de Naasir, ela pensou ter vislumbrado uma habilidade mais perigosa pelo canto do olho. — Eu não quero dizer as garras normais de vampiro. Garras *reais*.

Pousando o copo, Naasir espalhou sua mão entre eles. Seus dedos eram longos e fortes, sua pele aquele exuberante e rico com um tom de ouro... e onde as unhas dele tinham estado, de repente ela viu garras perversamente curvadas como poderiam parecer nas patas de um tigre. Elas desapareceram um piscar de olhos mais tarde, e ela quase podia imaginar que tinha sido uma ilusão.

— Verdade, — ela sussurrou, pegando a mão dele para examinar as unhas quando ele não pareceu se importar. Ela quase perguntou onde as garras tinham ido, uma vez que não havia nenhum vestígio delas, mas não queria desperdiçar uma pergunta.

— Faça isso, Ellie, — Ash disse do outro lado dele, estendendo a mão para coçar de brincadeira a nuca de Naasir, o cabelo dele roçando a pele dela.

Ele fez um som estrondoso na parte de trás de sua garganta, olhos se fechando.

Elena copiou a ação de Ash na mão dele, conseguiu outro ronronar antes que ele levantasse os cílios lindos e *verdadeiramente* pratas para dizer.

— Última pergunta.

— Você muda de forma? — As palavras dela fizeram Illium irromper em gargalhadas, mas Elena não se envergonhou. Lendas tinham que começar em algum lugar. Por que não com Naasir?

— Claro, — ele respondeu, em seguida, virou o corpo para a direita e enrolou o braço em seu peito. — Veja, eu acabei de mudar de forma.

Fazendo um movimento de estrangulamento com as mãos que o fez jogar a cabeça para trás e rir em alegria aberta, Elena sentiu o beijo limpo do mar, da chuva em sua mente.

*Eu vejo que você e Naasir estão se tornando amigos.*

*O que foi que eu disse a você sobre este seu novo senso de humor?*

Ela deu uma mordida em seu jantar, que ela tinha ignorado enquanto questionava Naasir.

*Eu estava falando somente a verdade. Naasir está atualmente brincando com o seu cabelo.*

*Ele provavelmente quer me escalpelar e usar meu cabelo como um troféu.*

*Verdade.*

Elena olhou para cima, os olhos apertados para o arcanjo muito divertido do outro lado da mesa.

*Eu vou querer tanto, ficar quites com você por isso.*

Puxões em seu couro cabeludo no mesmo instante, como se Naasir estivesse enrolando os fios em torno de seu dedo, e então os soltando.

Ela virou-se, com a intenção de dizer a ele para parar, mas então ela viu o rosto dele. Ele parecia... absorto. Como um gato com uma bola de fios. Ela não se importava que ele tivesse dito não à pergunta sobre o tigre, havia algo distintamente felino sobre ele. Especialmente desde que ele tinha, aparentemente, convencido Ash a coçar a nuca dele novamente enquanto ele brincava seu jogo com o cabelo de Elena, as pálpebras dos olhos dele pesadas em êxtase.

Ela iria descobrir a verdade sobre ele, mesmo que levasse o resto da eternidade.

\*\*\*

**J**anvier viu Ash correr as unhas carinhosamente pelo pescoço de Naasir e lembrou-se da primeira vez que ela tinha feito isso. Tinha sido cerca de trinta

minutos depois de conhecer Naasir. Onde ele era frio e distante com a maioria das pessoas novas, Naasir já havia decidido que ele gostava da “Caçadora de Janvier”, tendo mantido o controle das interações deles ao longo dos anos.

Como resultado, ele tinha agido em seu estado normal.

Em vez de ficar assustada com o comportamento de Naasir, Ash tinha se dado com ele desde o início, não fazendo nenhum esforço para evitar o contato físico que o outro homem gostava de fazer.

*— Ele é diferente, — ela disse com um místico encolher de ombros quando Janvier perguntou a ela sobre isso. — É difícil de explicar, mas o que eu sinto dele não é nada que me perturbe. Eu não tenho certeza se entendo a maior parte disso.*

Poucos minutos depois daquilo, enquanto os três tinham estado agachados em um acesso oculto do túnel em que eles estavam se preparando para entrar na batalha, ela estendera a mão e distraidamente arranhara a nuca de Naasir.

Janvier, tendo anteriormente visto quão ferozmente Naasir podia reagir ao contato indesejado, estivera pronto para lutar pela vida dela, mas o outro homem tinha inclinado a cabeça por mais. A expressão de espanto de Ash quando ela percebeu o que estava fazendo havia desaparecido em afetuosa perplexidade, e Janvier percebeu que ela tinha reagido a uma necessidade não articulada no outro homem.

A amizade dela com Naasir era tão aberta e livre de sombras quanto o relacionamento de Janvier com ela não era. Tanta coisa permanecia não dita entre eles, mas dizê-las não resolveria nada. Ash sabia que ele a amava, sempre a amaria. Qualquer coisa que ela quisesse, ele daria a ela... exceto pela mortalidade dela.

Ele esperara mais de duzentos anos por ela. Como ela poderia pedir a ele para apenas deixá-la ir?

## **Alimentação**

Os olhos dela estavam encharcados de terror.

*Levantando uma mão, aquele-que-esperava acariciou sua bochecha enquanto a garganta dela trabalhava, o grito engolido pelo miasma pungente de seu medo.*

*— Não esta noite. — Um som áspero, a garganta daquilo uma ruína. — Eu já me alimentei. — A fome vinha muitas vezes, mas aquele-que-esperava tinha aprendido a disciplinar essa necessidade voraz, porque sem disciplina se tornaria um escravo desses impulsos em vez de o mestre deles.*

*Por isso, aquilo pressionou sua boca contra a dela em um beijo que a fez gemer, os lábios rachados e finos como papel contra o dela. Os dela tinham sido suaves uma vez, já não eram mais. Uma pena.*

*Liberando a mandíbula dela, aquele-que-esperava sorriu e puxou um último esboço do ar atado com o medo antes de remover a tentação de vista.*

*— Em breve, — prometeu conforme a madeira obscurecia o rosto dela. — Em breve.*



## Capítulo 19

Janvier estava encostado na parede perto da janela, terminando a última gota de sangue da sua taça de vinho, quando Ash o encontrou em torno das dez e meia aquela noite. Vestida com aqueles elegantes jeans pretos combinados com ankle boots vermelhas que tinham um salto fino, sua camisa preta de mangas compridas enfiada na calça jeans e aberta na garganta apenas o suficiente para dar um vislumbre de pele, ela parecia sexy e perigosa e dele.

Os brincos nas orelhas dela eram uma cascata de argolas criadas com minúsculas contas laranja, amarela, e vermelha; o cinto ao redor dos quadris tendo uma fivela quadrada simples de prata reluzente. E o cabelo dela, aquele cabelo glorioso, era uma cachoeira pelas costas. Ele queria envolver a mão nele, arquear a garganta dela, afundar suas presas nela.

Marcá-la.

— Nós devíamos ir embora, — ela disse, comendo uma garfada de bolo fofo de chocolate em seu prato.

Janvier colocou sua fome possessiva em contenção e roubou um pouco do glacê com um dedo.

— Alguma notícia das equipes dos computadores?

— Não. Eles acessaram tudo para identificá-la, através da tatuagem e através de relatórios de pessoas desaparecidas. — Ela golpeou o bolo com o garfo com força desnecessária. — Não é uma surpresa. Com o que sabemos dos sinais de alimentação no corpo dela, ela provavelmente vivia com seu assassino.

— Nós vamos encontrá-lo, *cher*.

— Sim, nós vamos. — Uma afirmação absoluta enquanto ela terminava o bolo.

Ele não pode evitar. Inclinando-se, ele pegou uma migalha agarrada ao lábio inferior dela e trouxe-a para a boca dele. Chupando o dedo, ele disse.

— Mmm, doce.

O corpo dela tinha ficado duro com o contato, e agora ela se moveu com uma sacudidela incomum para colocar o garfo e o pires em uma mesa de lado.

— Vamos lá.

Não era a resposta que ele estivera esperando, mas também não era a de luz e paquera que ele tinha começado a achar cada vez mais insatisfatória. Ele adorava brincar com Ash, mas não quando ela estava usando esse jogo para mantê-lo à distância. Este, pelo menos, era um sinal de que ele tinha violado a armadura que ela usava para segurá-lo na borda.

— Qualquer clube em especial que você queira visitar primeiro? — Ele perguntou, depois de entrar no carro e ligar o motor.

— Eu digo que devemos começar por baixo e ir subindo pelo caminho. Nós não temos nenhuma maneira de saber se ela era bonita o suficiente para ser convidada para os clubes exclusivos. — Beleza falava nos clubes, especialmente se a alimentação sexual estava envolvida. — Mas se ela tivesse sido uma cliente regular em um desses lugares, ou em Erotique. — O clube de mais elite na cidade e localizado fora do Quarteirão. — Seu desaparecimento teria criado mais ondas.

— Eu não ouvi qualquer rumor de tal desaparecimento, — Janvier confirmou.

— Seu contato teve algum sucesso na reconstrução do rosto dela?

— Sim, eu recebi a imagem durante o jantar. Não tem nenhuma vida nela, então teremos que ser criteriosos na forma em que vamos utilizá-la. — Janvier bateu um dedo sobre o volante, as ruas sombreadas e escuras em torno deles. — Ela tinha que estar em uma relação um a um.

— Por quê?

— Você viu na casa de Giorgio como o gado se apega um ao outro. Se a vítima fosse parte de um grupo, suas colegas de casa teriam relatado o seu desaparecimento, mesmo se o vampiro dela não o fizesse.

— A menos que ela tenha dito a eles que estava deixando-o, e ele a raptou após permitir que ela — e elas — acreditassem que ele iria deixá-la ir. Você sabe quantas vezes isso acontece em relações mortais abusivas. Qualquer motivo de porquê deve ser diferente para imortais?

O rosto sombrio, Janvier disse.

— Não.

Expirando um sopro com a feiura sombria disso, ela passou a mão pelos cabelos, tendo o deixado soltos esta noite. No entanto, uma vez que ela não queria ninguém passando os dedos através dele nos clubes — era assustador como muitas pessoas pensavam que isso era aceitável — ela o pegou e começou a trançá-lo apertado em seu crânio.

— A situação com Giorgio está me aborrecendo. Você não acha que a nossa vítima poderia ter sido parte do harém dele, não é?

Janvier balançou a cabeça.

— Eu verifiquei — todo o gado dele está contabilizado, mesmo aquelas que saem do ninho depois de se tornarem muito velhas. — Aversão coloria o tom dele. — O uso de Giorgio para mulheres, aparentemente, para antes do assassinato.

— Droga, ele fazia um suspeito tão bom e adulator. — Ela amarrou sua trança e considerou trocar suas botas vermelhas de salto alto para as botas de



caçador que tinha deixado no carro. Ela decidiu ficar com os saltos desde que isto era sobre se misturar nos clubes.

— E você, *cher*, você sentiu eco de qualquer memória perturbadora na casa dele?

— Não, mas é nova. A única vez que eu tive uma reação esmagadora a um lugar, ao invés de a uma pessoa, foi na casa de Nazarach. — Um arrepio a percorreu. — Eu realmente pego uma dica disso de vez em quando com casas mais antigas, mas nada como os gritos nas paredes dele.

Janvier correu os dedos pela bochecha dela, a carícia afugentando o arrepio e envolvendo outro conjunto de correntes em torno de seu coração.

— Mesmo na Torre, — ela disse através do nó na garganta, — Eu não pego nada. Poderia ser porque é continuamente modernizada.

— Ou talvez, — disse Janvier. — A razão é que está cheia de tantas almas diferentes, ao invés de alguém que domina todos em uma reverência encolhido.

Ashwini podia ver aquilo; Raphael era implacável, mas ele reunia homens e mulheres fortes em volta dele. Ellie, por exemplo, nunca tinha abandonado qualquer um em sua vida, e Dmitri não era exatamente um sopro de creme. Então, havia Janvier. Ele tinha a capacidade de dobrar-se, seu temperamento lento para a ira, mas ele também era muito seu próprio homem. Ela sabia que se alguma vez chegasse a isso, Janvier se afastaria da Torre, em vez de ir contra seus princípios.

— Quanto a Giorgio, — Janvier disse. — Eu não estou convencido de que ele não está machucando seu gado. — As mãos dele apertaram o volante antes que ele parecesse fazer-se, conscientemente, afrouxar seu aperto. — Tenho pessoas mantendo um olho na situação, havia apenas algo muito doentiamente doce sobre tudo isso.

— Como uma esposa abusada que tem sido encantada para perdoar e esquecer. — O estômago de Ashwini revirou. Ela sabia muito bem o que era querer acreditar nas promessas de alguém que ela amava. — A fase da lua de mel, eu chamo isso. Antes do próximo golpe.

Janvier atirou um olhar duro e perigoso para ela antes de voltar os olhos para a estrada.

— Ninguém te machucará.

Ela ouviu a raiva protetora e, por baixo disso, uma espécie de choque atordoado.

— Ninguém nunca me bateu, — ela esclareceu. — Exceto, é claro, durante meu trabalho como caçadora. — Então, tudo era justo.

Os ombros rígidos de Janvier não relaxaram.

— Você acha que eu não te conheço bem o suficiente para ver através disso?

De repente, o espaço entre eles não existia, a intimidade tão cegante como quando ele tinha escovado a migalha para fora do lábio dela.

— Eu não falo sobre isso. — Tentava nem pensar nisso, embora ver Arvi no dia anterior tivesse agitado a dor dela de volta.

*Não, Ashwini, ela disse a si mesma, seja brutalmente honesta. A razão pela qual você não pode encontrar uma maneira de dizer tudo a Janvier é que vai quebrar você se ele te olhar com piedade nos olhos.*

O carro avançou pela estrada, uma peça elegante da noite.

— Quando eu era menino, — Janvier disse no silêncio que tinha crescido muito pesado, muito escuro. — Eu costumava trabalhar para um homem que pescava caranguejos e os vendia para outros. Era uma maneira de ganhar um pouco de dinheiro para a minha família, ajudar a minha mãe a sustentar minhas irmãs pequenas.

Ashwini virou-se em seu assento, compelida pela veia íntima da memória, afeto e tristeza na voz dele.

— Quantas irmãs você teve? — Ela se surpreendeu ao perceber que não sabia isso sobre ele quando tinham conversado tantas vezes, confiado um no outro tão profundamente.

— Duas. — Um sorriso que vinhou as bochechas dele. — Amelie chegou ao mesmo tempo em que um trovão em um dia chuvoso, Jöelle um ano ou mais depois no meio da noite, as duas berrando, com os rostos vermelhos, e minúsculas. — Tendo chegado à margem do Quarteirão Vampiro, ele dirigiu até o pequeno estacionamento atrás de uma cafeteria de sangue, após primeiro desbloquear o portão pressionando um código no teclado da entrada.

Ele estacionou, desligou o motor, em seguida virou-se para ela, um braço apoiado no volante.

— Meu pai morreu em um acidente madeireiro quando Amelie e Joelle tinham apenas dois e três anos, por isso era apenas os quatro de nós até que minha mãe se casou novamente sete anos mais tarde.

Significando que ele efetivamente se tornara o chefe de sua casa por aqueles sete anos.

— Quantos anos você tinha quando começou a trabalhar?

— As datas não eram tão bem anotadas então, você entende, docinho? Mas eu era velho o suficiente. Sete ou oito.

— Tão jovem?

— Não era nada incomum, não naquele tempo. — Um encolher de ombros. — O homem para o qual eu trabalhava, ele costumava me bater se eu não me movesse rápido o suficiente; ele me chutava pelo menos uma vez por dia. Eu nunca esqueci o sentimento de impotência que experimentei como um menino preso em uma posição de poder nenhum contra um adversário maior e mais forte.

O sangue quente e as mãos em punhos, Ashwini teve de lembrar a si mesma que ele não tinha sido aquele menino pequeno e indefeso por um longo tempo.

— Você pensaria que eu aprendi minha lição, — ele continuou. — Mas nós dois sabemos que, mais tarde, eu fiz a decisão de entrar em outra situação na qual eu não detinha o poder, a partir do que eu, na época, pensei que era o amor. — Ele sorriu, como se para a loucura disso. — Eu era tão novo, tão inexperiente nos caminhos do mundo, e Shamiya era sensual, bonita e ela me disse contos incríveis de terras muito além do bayou.

Um aceno da cabeça dele.

— Foi uma combinação mortal que veio para o jovem inquieto que eu era então, a fome por aventura um desejo em minha alma, especialmente quando ela disse tantas palavras doces para mim. Eu não entendia que eu estava no auge da paixão, e que ela estava apenas brincando.

Ashwini podia visualizar isso, ver o jovem homem que ele tinha sido, com fome de experimentar a vida e provar a si mesmo.

— Ela te ajudou a se tornar um Candidato? — Uma pessoa não poderia simplesmente pedir para ser um vampiro; ele ou ela tinha de ser escolhido.

— Sim. Ela me levou para a corte de Neha, onde ela era uma favorita. — Ele riu. — Eu nunca fiquei tão doente quanto eu estava naquela viagem. As águas do bayou não batiam e rolavam como o oceano fazia, como se tentasse tirar um inseto de suas costas.

A ideia da longa viagem, as coisas que ele devia ter visto, fizeram mil perguntas formarem-se na língua dela, mas ela estava ainda mais fascinada por esse vislumbre mais profundo do caminho dele para o vampirismo.

— Shamiya deve ter sentido algo por você para passar por todos esses problemas, — ela disse, incapaz de imaginar como qualquer mulher poderia ser tão descuidada e jogar fora a lealdade de um homem como Janvier. — Mesmo como uma favorita, ela ainda tinha de fazer uma petição para Neha. — E a Rainha de Venenos era uma arcanjo, tão cruel e tão mortal quanto Raphael.

— Ela sentiu o que uma criança sente por um novo brinquedo. — Ele falou as palavras sem rancor. — Eu era diferente o suficiente, com a minha falta de

sofisticação, fui novo, brilhante e divertido por um período. Eu, por outro lado, acreditava que estava nas garras de uma grande paixão — rindo de si mesmo, revirando os olhos. — E assim como um tolo, eu desisti de quiabo por sangue. — Não havia nenhuma recriminação no olhar dele, nada além de um humor carinhoso dirigido ao jovem que ele tinha sido uma vez.

Ashwini tinha perguntado uma vez se ele ainda amava Shamiya. A resposta dele havia ressoado profundamente com ela.

*Uma pergunta boba, cher. Você sabe que o amor não pode sobreviver onde não há luz.*

Hoje à noite, ela viu que ele não apenas tinha seguido em frente vidas atrás, mas não guardava qualquer rancor.

— Você já a viu de novo? — Ela perguntou, curiosa. — Shamiya, quero dizer.

— *Oui*, muitas vezes. Ela é tão irresponsável e inconstante como sempre foi, enquanto eu não sou mais jovem e impressionável. Eu a superei na infância do meu Contrato. — Os olhos dele prenderam-se nos dela. — Mas antes que eu crescesse no homem que sou hoje, fui aquele menino a mercê de um bruto, e aquele jovem sem sofisticação, abandonado no pátio da Rainha de Venenos. Eu tenho experiência em estar sob o controle de outros.

Ashwini sabia que como aquele menino pequeno, aquele jovem idealista já tinha há muito longe. Janvier tinha sobrevivido tanto a sua infância quanto a traição da mulher que o havia atraído para o vampirismo, saído disso um homem forte e inteligente que jamais voltaria a permitir-se ser impotente.

Exceto que... essa era *exatamente* a posição em que ela o colocaria uma vez que contasse tudo a ele. E não dizer a ele não era mais uma opção.

— Suas irmãs? — Ela disse, optando por concentrar-se no bem e não na escuridão; haveria tempo de sobra para o último. — Você continuou a apoiá-las depois que se tornou um vampiro? — A resposta não era realmente um mistério para ela. Ela sabia quem ele era.

— Era minha tarefa como irmão mais velho, — ele disse simplesmente, permitindo que Ashwini direcionasse a conversa de volta para a família dele. — Embora Amelie e Joelle tenham se casado jovens, com homens orgulhosos que não aceitariam minha ajuda e isso, também, é certo. Para minha mãe, eu fui capaz de fazer um bom negócio.

— O marido dela não protestou?

— *Oui*, é claro. — Uma risada. — Mas há uma diferença entre um filho que deseja facilitar a vida de sua mãe e um irmão mais velho que deseja o mesmo para suas irmãs casadas, *non?* Meu padrasto sabia que ele não tinha nenhuma chance, e ele era um homem bom, entendia que eu tinha sido o chefe da família muito antes de ele entrar em cena. Nós nunca fomos pai e filho, mas éramos bons amigos.

— Eu não sabia que os vampiros podiam ganhar renda no início de seu Contrato. — Ela sempre tinha acreditado que era mais um caso de servidão legal.

— Depende do anjo, mas lealdade e uma vontade de aprender e trabalhar duro para além de simplesmente cumprir o acordado no Contrato são geralmente recompensados. — O ritmo da voz dele carregava um sotaque Cajun pesado agora, algumas de suas palavras não *exatamente* em Inglês. — Para um jovem de bayou, essas recompensas eram surpreendentes. Eu era capaz de conseguir para minha mãe qualquer coisa que ela precisasse, ajudar os meus sobrinhos e sobrinhas com sua educação.

Ashwini sabia que eles deveriam sair, começar a caminhar para os clubes, mas ela queria saber muito mais, poderia ouvi-lo falar para sempre.

— Amelie e Jöelle, — ela disse, roubando mais um minuto, — Seus casamentos foram felizes?

Aquele maravilhoso sorriso profundo vincado no rosto novamente.

— Minhas irmãs cresceram mulheres fortes que comandavam suas casas com mãos de ferro, seus maridos eram bastante indulgentes e contentes com isso.

— Amor visível, os olhos dele quentes com a memória. — Elas criaram um legado de filhos, netos e bisnetos.

— Mas mesmo quando elas eram mulheres velhas que viveram essas vidas, *cher* — orgulho cru em cada palavra — Elas agiam como minhas irmãs pequenas quando eu as visitava. — O sorriso dele desapareceu em ternura comovente, a tristeza temperada pelo tempo. — Elas se jogavam contra o meu peito e queixavam-se para mim de tudo e de nada, enquanto eu as segurava como tinha feito desde que elas eram bebês com rostos sujos e tinham uma centena de beijos para seu irmão.

— ‘Janvier’, elas diriam, aquele Arnaud, ele é um *saleau* preguiçoso. Ele se senta sobre seu traseiro o dia inteiro, enquanto seu *pa-pere* carrega e busca. E você ouviu o que Colette fez? Ela colocou uma *cunja* naquele *Jolie jeune fille* que eu disse que você devia casar’. — Uma rouquidão em sua voz. — Não importava quando eu ia, elas sempre tinham espaço em sua mesa para mim, e uma centena de histórias para contar.

Ashwini quase podia ver isso: ele, eternamente jovem e forte, segurando suas frágeis irmãs mortais protetoramente em seu abraço. Até que um dia, não houve mais queixas, sem mais histórias. Estendendo a mão, ela o confortou da mesma maneira que ele tinha feito com ela tantas vezes, os nós dos dedos roçando a bochecha dele em um toque que dizia que ele não estava sozinho.

Ele tomou sua mão, pressionou seus lábios nos nós dos dedos dela antes de liberá-la.

— Você ficou em contato com qualquer um dos seus descendentes? — Ela perguntou, o nome dele escrito tão profundamente em seu coração que nunca seria apagado.

Ele riu, e o som foi grande, caloroso e exuberante.

— *Cher*, eu seria caçado e dado para alimentar um jacaré se perdesse um único evento da família. Seus descendentes são tão ferozes quanto minhas irmãs eram, e tão gloriosos quanto. Vou levá-la no próximo *fais do-do* ou eu vou dizer

que estamos chegando e vai ser a desculpa que eles precisam para uma festa. Então você vai ver que família selvagem, eu chamo de minha.

Ashwini tinha sabido que alguns vampiros mantinham contato com os descendentes de sua família original, mas ela nunca conhecera nenhum que falasse de sua família com tanto carinho. Para a maioria, a perda dos antigos parecia superar o deleite do novo. Ou eles se tornavam demasiado desumanos para encontrar felicidade em conexões familiares.

— Eu estou pronta para um bom *fais do-do*. Contanto que você não tenha dito a eles contos sobre mim.

— Confie em mim, docinho, você já é uma favorita. Minha família pensa que eu preciso de alguém para me colocar no meu lugar.

Era tão tentador ficar ali, conversar e rir e flertar, isolados do mundo e da realidade, mas esta noite seu tempo não era deles. Pertencia a uma mulher cuja vida tinha sido roubada com insensível crueldade.

Eles saíram sem qualquer necessidade de discutir o ponto.

— Seu carro de luxo estará a salvo aqui? — Era uma obra de arte em máquina. — Você não quer colocá-lo em um dos estacionamentos maiores com segurança?

— Elena possui uma parte da cafeteria de sangue ali, — ele disse a ela, para sua surpresa. — Ela configurou este lote para qualquer um da Sociedade ou da Torre que precise usá-lo nesta parte da cidade, tem segurança top de linha. Sua Sociedade não lhe informou?

Ashwini estremeceu.

— O memorando deve estar na minha caixa da Sociedade. Não tenho verificado há um tempo. — Palavras nunca tinham sido suas amigas. — Eu sou disléxica. Tive ajuda tarde, e enquanto eu posso ler bem se eu colocar minha mente nisso, não é a coisa relaxante para mim como é para os outros.



Janvier trancou o portão atrás deles e eles começaram a caminhar na direção dos clubes.

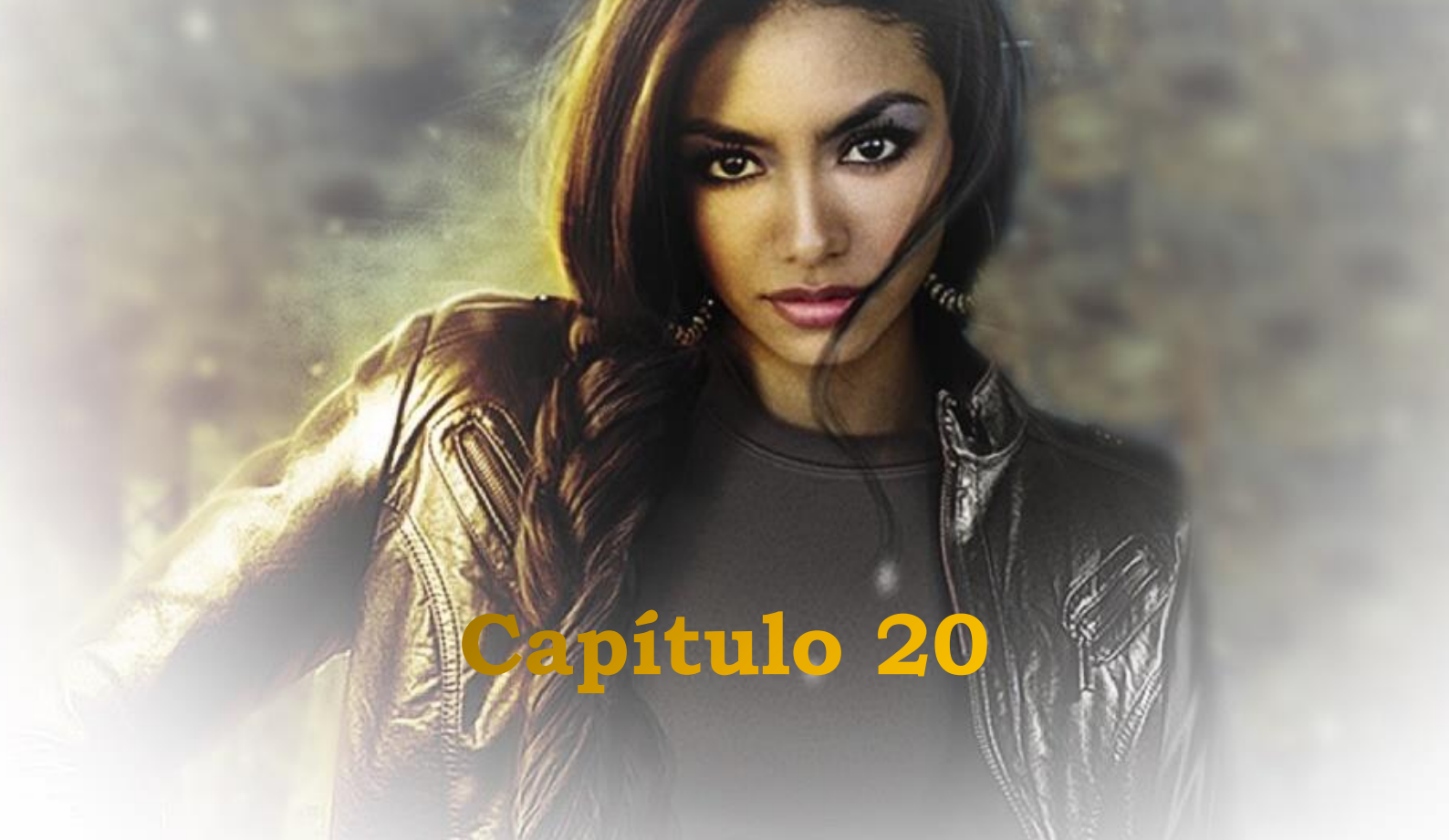
— Eu não aprendi a ler até que eu estava na Corte de Neha.

— Deve ter sido difícil.

— Sim, mas há um estudioso na corte de Neha que é muito paciente.

Tantos pedaços dele que ela estava vendo nesta noite, e ela sabia o porquê. Ele estava tomando o primeiro passo, o primeiro risco, sendo o corajoso. Ashwini não tinha certeza de que ela tinha a coragem de segui-lo, de tomar os passos que levariam a uma confissão que, uma vez feita, mudaria tudo. Mas ela também não queria menosprezar a confiança dele, retendo a própria. Se era perigoso ou não, certo ou errado, eles estavam além disso.

— Minha família, — ela começou, — é muito acadêmica.



## Capítulo 20

— Meu pai era um professor de filosofia; minha mãe, de literatura, com ênfase em textos do sul da Ásia, — ela disse, o coração doendo. — Você sabe que meu irmão é um neurocirurgião. — Não importava a dor entre eles, Ashwini era ferozmente orgulhosa das realizações de Arvi. Ele poderia ter permitido que a agonia com a qual ele tinha nascido o esmagasse, ao invés disso, ele tinha usado como um impulso para se tornar o melhor em seu campo.

Ela só desejava que ele tivesse escolhido qualquer especialidade, menos aquela relacionada com o cérebro. Arvi usava sua própria habilidade como um chicote cortante com o qual ele se autoflagelava, sempre à procura de uma resposta, uma “Correção”, e voltando vazio.

— Uma tia é uma assistente jurídica, — ela continuou. — O outro, um estrategista político. Meus primos completam a gama, desde engenheiros a psicólogos até pesquisadores biomédicos. — Brilhar, este o era o lema não oficial da família.

Até mesmo a rebelde no grupo, a risonha ovelha negra que todo mundo amava e Ashwini queria crescer para ser, tinha sido uma brilhante estudiosa de línguas. Tanu tinha intercedido por Ashwini mais de uma vez, mas a irmã dela tinha sido muito mais velha, com sua própria vida. Longe, na faculdade, quando

os problemas de Ashwini com a palavra escrita se tornaram aparentes, Tanu não tinha estado lá para mitigar as consequências em casa.

— Meus pais estavam impacientes comigo, pensavam que eu era preguiçosa, não me esforçava o bastante. — Como uma criança confusa que não conseguia entender por que estava sendo punida, por ser proibida de assistir as aulas de dança que curavam cada ferida dentro dela, ela ficaria acordada a noite toda tentando aprender a ler as letras que ficavam todas confusas em sua cabeça.

— Eles eram pessoas instruídas. — A carranca de Janvier estava pesado. — Eles não deveriam ter sabido?

— É engraçado como as pessoas realmente inteligentes têm os buracos mais incomuns em sua visão e percepção de mundo. — Para a mãe de Ashwini, essa mulher supremamente inteligente que estava em torno das palavras todo dia, a leitura era uma alegria, uma *fuga* maravilhosa, e ela tinha sido incapaz de compreender o fato de que era uma luta para sua filha.

— Havia orgulho, também. — Vendo um sinal intermitente que dizia que a referida parte do Quarteirão tinha sido inundada pela explosão de uma adutora, Ashwini e Janvier pegaram um ligeiro desvio. — A ideia de pedir ajuda, de eu sendo vista como diferente... — Como adulta, ela veio a entender que este último tinha sido o cerne da questão, toda a sua família tentando desesperadamente evitar olhar para a luz ofuscante e eviscerante da verdade.

— Orgulho muitas vezes leva a ações tolas.

— Sim. — Ela tinha o orgulho Taj, também, e sabia disso. — De qualquer forma, eu estava ficando desesperadamente para trás na escola antes que um professor percebesse o que estava errado e me conseguisse ajuda. — Desenterrando um sorriso, ela disse. — Eu ainda amo os livros, no entanto. Ouço uma tonelada em áudio.

— Que tal se eu agir como seu narrador pessoal? — Janvier fechou a mão em torno da dela. — Minha voz não é tão ruim.

A voz dele era sexo cru e mel derretido. Ashwini não tinha certeza de que iria compreender uma palavra da história real, se ele lesse para ela.

— Parece que nós acabamos no lado exclusivo depois de tudo. — Quebrando o aperto de mãos por hábito, ela acenou para o clube aparecendo à frente.

O desvio lhes tinha canalizado para o final oposto do Quarteirão a partir da cafeteria de sangue.

— Poderíamos muito bem começar por aqui.

O Clube Masque era a definição de exclusivo, e de perigoso. Era o centro do Mercado de Carne, um grupo de clubes que servia para os apetites mais escuros da sofisticada classe alta dos vampiros. O sinal do Clube de Masque para a fila mortal fazia o direcionamento do clube claro. Dizia *Carne Fresca*.

Ashwini podia ver pelo menos cinquenta peças de “Carnes” esperançosas na linha.

A maioria seria mandada embora. Os seguranças permitiam apenas os espetacularmente belos ou aqueles escolhidos a dedo por um dos VIPs no interior. Os esperançosos eram uniformemente jovens e brilhantes e bonitos, sua carne em exposição, apesar do frio, os homens inclusive. Esqueça as microssaias e tops de sutiã; um modelo masculino com lábios carnudos e maçãs do rosto acentuadas estava usando shorts curtos e glitter no corpo com botas de motociclista.

A visão a fez querer tremer.

— Eu sinto como se estivesse vestida para uma nevasca em comparação com a Central Hipotermica ali.

Janvier contraiu o lábio para a exibição.

— Sangue frio é tão pouco atraente. — Ignorando a fila e os olhos voltados em sua direção por mais de um sócio do clube, ele andou em linha reta até o segurança.

Ashwini sabia que o charme de Janvier poderia ser letal, mas ela não esperava que o segurança abrisse a porta à primeira vista.

— Uau, — ela disse enquanto eles caminhavam para o corredor pintado de preto e iluminado com luzes azuladas que criavam profundas poças de sombra, o som martelante de música vibrando através do assoalho. — Você é um VMI?

— VMI?

— Vampiro Muito Importante.

— *Mais oui, ma belle.* — Piscando, ele virou para direita e disse. — Dispa-se, docinho.

Percebendo que eles estavam no guardador de casacos, e sim, um lugar tão exclusivo *teria* um guardador de casacos, ela deu à menina atrás do balcão sua roupa exterior, enquanto Janvier tirou a jaqueta, tendo deixado seu suéter e cachecol no carro. Ela não usava nenhuma arma visível por educação ao estar na casa de Ellie, embora ela tivesse certeza que Ellie não teria se importado, mas isso significava que não havia nenhuma pergunta estranha.

Não que a garota do guardador de casacos — toda palavras ofegantes e lábios molhados — tivesse mesmo notado Ashwini, exceto como um aborrecimento em sua tentativa de seduzir um Janvier divertido.

— Tão acostumado a mulheres jogando-se em você que toma isso como normal? — Ela murmurou depois que eles se moveram de volta para o corredor, utilizando a chance de desfazer um par de botões extras em sua camisa para melhor se encaixar na vibração.

Janvier, de alguma forma conseguindo fazer uma simples camiseta branca parecer incrivelmente sexy, o cabelo desgrenhado como em acabei-de-sair-da-cama, encolheu os ombros.

— É um fardo, *cher*, mas um que eu suporto. — Os olhos dele pousaram sobre a pele revelada no pescoço dela, sua voz áspera quando ele falou de novo. — Você está vestida como um convite.

— Janvier, eu estou vestindo mais roupas do que toda a 'carne fresca' junta.

Inclinando perto da sua orelha, a respiração quente, ele passou o braço em volta da cintura dela, a mão possessiva no quadril.

— Faz os homens quererem te desembrulhar, ser o único a ver o que está dentro. — Ele puxou para fora a corrente que segurava o pingente, os nós dos dedos roçando através do esterno dela. — Ele fica exatamente entre seus seios, — ele disse em um gemido rouco antes de colocá-lo de volta dentro da camisa. — Eu não quero nenhum outro homem pensando nisso, além de mim.

Os mamilos dela estavam, de repente, dolorosamente apertados, a calcinha úmida. Instinto primitivo lhe disse para escorregar para fora do domínio dele se ela tinha alguma esperança de salvar seus escudos. Ela não fez. Era tarde demais para isso. Era também a decisão certa para garantir justiça para a vítima deles. Porque isto era um clube de vampiros e Janvier era uma commodity conhecida.

Ela também era, mas nem sempre da melhor maneira. Ela já tinha visto um vampiro que tinha sido arrastado para casa para o seu anjo. Tinha sido três anos atrás, mas os vampiros tendiam a ter memória boa sobre coisas assim.

Apoiando o braço no ombro de Janvier, cotovelo dobrado, ela tomou a pista de dança. Estava banhada em luz pulsante de vários tons muito escuros para ser verdadeiramente confortável para os olhos mortais, mas aquilo era perfeito para os vampiros mais velhos. A vista era, de outra forma, relativamente comum. Mulheres tensas e tonificadas e homens bonitos dançavam sexy e flexivelmente, em um esforço para atrair a atenção dos aparentemente entediados, mas fisicamente deslumbrantes vampiros que, ocasionalmente, selecionavam um do rebanho.

Ela bateu o pé distraidamente com a batida. Dançar estava em seu sangue há tanto tempo quanto ela podia se lembrar, mas não tinha dançado em qualquer lugar, além de dentro de seu apartamento, por muito tempo. Isso não mudaria

neste clube. Porque enquanto a pista de dança era normal o suficiente, o que estava acima não era.

O mezanino era basicamente uma grande varanda ao redor que dava para a pista de dança. Mesas e assentos estavam dispostas em grupos íntimos naquele nível, as escadas até o mezanino guardada por seguranças que, mais uma vez, deixavam subir apenas os escolhidos.

Em termos de clubes, não era especialmente anormal.

No entanto, suspensos imediatamente abaixo do mezanino, pelo que pareciam cabos de aço, em cada um dos quatro cantos, estava uma parede de vidro transparente. Paredes de vidro, com cerca de um metro de altura, cresciam da grande folha plana em todos os quatro lados, criando uma caixa rasa sem topo. Na caixa de vidro estava um show ao vivo.

Agora mesmo, a partir do que ela podia dizer, dois vampiros do sexo masculino vestidos completamente com rendas e couro, suas camisas espumas de cor branca e suas calças de couro pretas tão apertadas que pareciam pintadas, estavam se alimentando de um mortal rasgado que ou estava nu ou vestindo apenas algo que cobria as genitais. Em seguida, os dois vampiros jogaram o mortal no vidro à frente dele e ela não teve que adivinhar mais.

Ela podia ver cada polegada dele, incluindo o vermelho bombástico de sua ereção.

Um dos vampiros, o de cabelo lustroso e loiro, deitou-se de lado junto com o doador, puxando para cima a cabeça do doador pelo cabelo para beijá-lo longa e profundamente. Quando ele liberou o macho sem fôlego com o beijo, foi para ver uma vampira mulher com cabelo da cor de um corvo que tinha entrado na caixa. Ela assumiu o beijo, enquanto o segundo vampiro masculino assistia.

Palavras foram ditas que fizeram a mulher sorrir, suas venenosas unhas vermelhas sobre a garganta do doador. Em seguida, a vampira loira acariciou com os longos dedos brancos as costas do homem... e, então, empurrou-o para baixo à sua direita em seu pênis distendido conforme o segundo vampiro afundou suas presas na coxa do doador. A mulher foi para a garganta no mesmo instante.

O doador gritou, gotas de sangue ondulando no vidro, mas Ashwini não viu terror no rosto dele, apenas êxtase sexual nu.

Ela olhou para longe antes que acabasse testemunhando ele jorrar seu sêmen contra o vidro. Não que ela tivesse certeza de que o show iria parar por aí. Nudez não era necessária para alimentação, de modo que o doador tinha provavelmente se voluntariado para o sexo público ou dor ou ambos. Não era a ideia dela de um bom tempo, mas ela não estava prestes a julgar, desde que tudo fosse consensual.

— Bem, — ela murmurou para Janvier, deslocando a mão para brincar com o cabelo na nuca dele. — Você vem sempre aqui? — Não parecia o tipo de coisa dele, mas talvez ele tivesse uma mania que ela não conhecia.

Ele subiu e desceu a mão no quadril dela.

— Só para que eu possa manter meus contatos. — Os lábios dele roçaram seu ouvido enquanto ele falava, a música muito alta para permitir qualquer outra coisa. — Para mim, me alimentar de um parceiro é uma coisa privada. Como é foder. — Ele mordeu a orelha dela com dentes afiados, o contato enviando um choque direto para o calor entre as pernas dela. — Não para exibição pública, mas para ser saboreado em silenciosa intimidade.

O corpo dela estava tão primitivo que ela mal resistiu ao desejo de empurrá-lo em um canto escuro e montá-lo até a inconsciência.

— Vou ao banheiro. — Era o melhor lugar para encontrar mortais entre as danças ou doações, especialmente se ela queria ter uma conversa real.

A mão de Janvier escorregou baixo o suficiente para que ele estivesse agora oficialmente — e muito possessivamente — segurando a bunda dela.

— Eu vou ter certeza de que os seguranças saibam que devem deixá-la subir se nos separarmos. Ninguém deve incomodá-la aqui, mas se alguém o fizer, sintase livre para cortar a pessoa em filetes.

— Eu não preciso de sua permissão para isso, — ela disse, então se inclinou para mordê-lo na mandíbula.



Ele sacudiu-se, a mão apertando convulsivamente.

— Aqui — coração acelerado, a respiração superficial — Agora ninguém vai te incomodar também, a menos que queiram ser cortados em filetes.

Andando para longe ante a visão do sorriso crescente e calorosamente sexy, ela sentiu sua pele corar. O que tinha começado como uma ironia ligeira frente a possessividade crescente dele, tinha ao invés disso, traído a ela própria. Irritada consigo mesma por sua incapacidade de limitar-se as suas armas até que ela tivesse dito tudo a ele, ela rosnou para um vampiro que foi fazer uma jogada nela.

Os olhos dele brilharam, mas ela já tinha puxado uma lâmina e a tinha na virilha dele.

— Eu não sou uma doadora.

Ele ficou ereto entre um batimento cardíaco e o próximo.

— Eu sei. Eu não ia me alimentar sem permissão, mestra. Por favor, me machuque. Por favor.

— Oh, pelo amor de Cristo. — Aparentemente, ela tinha conseguido encontrar o único vampiro neste lugar que queria ser presa, em vez de predador. — Já que você pediu docemente, — ela disse e cortou a lâmina através da coxa dele, cuidando para não fazer nada além de picá-lo. Os olhos dele rolaram em sua cabeça.

Deixando-o tremendo em êxtase, ela abriu a porta para o banheiro das mulheres. Era tão luxuoso e elegante quanto esperava. Em frente a ela, estava uma grande área com espelhos em todas as paredes e assentos curvos em vermelho luxuoso. Várias mulheres estavam sentadas nos sofás vermelhos sem encosto, retocando sua maquiagem, conversando como amigas, ou, em um caso, cheirando cocaína. Aparentemente, ser carne fresca não era suficiente; esta queria ser carne fresca alta.

Atravessando a segunda porta, para a seção com as cabines, ela entrou em uma, dando descarga depois de uma pausa razoável antes de sair e lavar as

mãos, tudo para manter a ficção de que ela era apenas outra mortal, em uma noite fora com seu amante vampiro. Era improvável que qualquer um dos humanos fosse reconhecê-la como uma caçadora, e mesmo se eles reconhecessem, não havia nenhuma lei que dizia que caçadores não podiam ter encontros com vampiros.

— Droga, — ela murmurou depois de voltar à área de estar, fazendo um show de procurar em seus bolsos ao lado de uma morena linda e roliça que estava afofando os cabelos.

— Você perdeu a sua identidade? — A morena perguntou com uma doçura que fez Ashwini querer pegá-la e tirá-la dali o mais rápido possível.

— Não, eu esqueci meu batom.

Sua nova amiga abriu a bolsinha de ouro reluzente e tirou um tubo.

— Você pode pegar o meu emprestado. Apenas limpe isso com um lenço de papel e use seu dedo. — Um olhar avaliador. — Eu acho que a cor combinaria.

— Oh, obrigada. — Ela se sentou ao lado da menina... e notou a marca de mordida em seu pescoço. Dois círculos minúsculos, juntamente com uma boa contusão em desenvolvimento. — Você já doou hoje à noite, — ela disse com um sorriso, enquanto pegava um lenço do distribuidor.

— Oh, eu estou com Rupert. — A mulher suspirou, olhos castanhos sonhadores. — Ele é tão bom para mim. Olhe. — Ela mexeu os dedos para chamar atenção para a grande pedra em seu dedo indicador.

Bem, pelo menos ela tinha proteção.

— Isso é que é um anel. — Ashwini tomou a mão, examinou a joia. — Ele deve estar mesmo na sua.

— Ele está. — Um sorriso brilhante. — Bem como o vampiro com quem você veio está na sua. — A morena acenou com a mão na frente do rosto. — Deus, fale sobre *fofo*.

Ashwini não achava que Janvier era *fofo* — ele era muito sexy para ser fofo — mas ela seguiu com aquilo.

— Sim, ele não é ruim, — ela disse com um sorriso que implicava todos os tipos de coisas.

A outra mulher guinchou.

— Oh, isso é tão quente. Rupert e eu não fizemos, você sabe, porque ele é antiquado, mas eu estou esperando que hoje à noite...

Ashwini decidiu que ela poderia gostar desse vampiro chamado Rupert.

— Isso é bom, — ela disse. — Que ele se preocupe o suficiente com você para esperar.

— Ele realmente se preocupa.

Tendo passado o batom com o dedo, ela limpou o tubo novamente e devolveu. — Obrigada.

— De nada.

— Vocês são regulares aqui?

— Nós costumamos vir uma ou duas vezes por semana, — a menina disse, colocando as coisas em sua bolsinha. — Você quer nos encontrar? Podemos trocar números. Eu sou Lacey, a propósito.

— Ash. — Ela pegou o número do Lacey porque contatos eram contatos e porque ela gostou da morena doce. — Eu vou te ligar se nós voltarmos aqui, mas eu queria saber se você conhecia outra doadora.

— Oh, quem?

Ashwini decidiu mesmo sendo contra, mostrar a imagem que ela tinha enviado para seu telefone a partir do de Janvier durante a vinda. Obviamente não era de uma pessoa viva e esta investigação era tudo sobre sutileza.

— Eu estou perguntando para um amigo que é vampiro. Eles tiveram a coisa de uma noite, você sabe.

O rosto de Lacey desenhou-se em linhas de desaprovação que teriam feito uma professora do século XVIII orgulhosa.

— Tantas garotas fazem isso, mas eu sou uma menina de relacionamentos. Sem me espalhar por aí. Eu até disse a Rupert na primeira vez que nos encontramos, que se ele estava atrás de apenas uma rápida alimentação e sexo, ele poderia encontrar outra menina. — As bochechas fizeram covinhas. — Mas meu Rupert é um cavalheiro.

Ashwini escondeu um sorriso. Estava tornando-se claro que Lacey e Rupert eram um par perfeito.

— Bem, — ela disse, esperando que estes dois ficassem juntos. — Meu amigo nunca chegou a pegar o nome dela, mas ela tinha uma tatuagem como essa em seu tornozelo.

Ela mostrou a Lacey a imagem da tatuagem, tendo feito os técnicos da Sociedade trabalharem nela, de forma que agora parecia ser uma imagem que ela tinha baixado da Internet. Mais fácil do que tentar explicar por que seu “Amigo” teria uma foto de tatuagem da menina, mas não de seu rosto.

— Você já viu isso antes?

Lacey franziu a testa, e balançou a cabeça.

— Mas você deveria perguntar a Flynn. Ele conhece *todo mundo*, eu juro. — Levantando-se, ela disse. — Venha, eu vou apresentá-la.

— Obrigada. — Ela seguiu a morena para fora da porta, mantendo um olho aberto para Janvier.

Seu Cajun não estava no primeiro andar. Quando ela subiu as escadas com Lacey, foi para vê-lo esparramado em um dos grupos de sofás do mezanino, conversando com uma vampira de cabelo vermelho e pele como creme, seu corpo derramado em um vestido de noite preto com um decote pronunciado. Acomodado

no centro dos seios impressionantes estava um diamante que brilhava mesmo na luz suave dali.

Mas isso não era o que mantinha a atenção de Ashwini. Era o fato de que a ruiva tinha seus lábios no ouvido de Janvier, sua mão acariciando a coxa dele, e o braço dele em volta dos ombros dela.



## Capítulo 21

— Ali está ele, Flynn! — Lacey gritou para o negro de queixo quadrado, que imediatamente se dirigia para eles. Vestindo um jeans e uma camiseta branca para fora da calça, as mangas enroladas mostrando os fortes antebraços, um relógio pesado era sua única decoração, ele não se encaixava na atmosfera hedonista da Marque, exceto pelo fato que ele tinha a aparência de uma estrela do cinema ou um modelo.

Ele e Lacey apertaram um ao outro como velhos amigos.

— Essa é minha amiga, Ash, — Lacey disse quando eles se separaram, seu rosto simpático. — Ela está como aquele super vampire fofo que está sentada com Adele.

Pescoço picando ao sentir os olhos de Janvier nela embora estivesse de costas para ele, Ashwini não podia evitar o abraço de Flynn. As bochechas do homem tocaram as suas enquanto ele a segurou firme e o contato fez sua habilidade vir a vida, como fazia sem aviso inúmeras vezes mesmo, com pessoas tão jovens. Mas a bofetada resultante do conhecimento não era nada que ela não pudesse lidar. Vivida e forte com uma pitada de escuridão, Flynn era mais perigoso do que Lacey, mas isso era uma questão de comparações. Um filhote de cachorrinho seria mais perigoso do que Lacey.

— Ash está à procura de um doador que ligou-se a uma amiga dela. — Lacey disse com um franzir de seus lábios. — Você conhece uma garota com uma tatuagem como essa? Ash, mostre a ele a foto.

Flynn olhou a fotografia por quase meio minuto, uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Eu estou quase certo que eu vi ela, mas não aqui. Ela foi mais discreta. — Ele devolveu o telefone de Ashwini. — Eu acho que ela costumava ir ao Hinge, mas isso foi a um tempo atrás. Eu não tenho ido lá a um ano.

— É claro que não. — Lacey enganchou seu braço através do seu, suas covinhas espreitando para fora. — Como se Ko deixaria você ir lá. — Seus olhos se arregalaram no segundo seguinte, seu olhar focado além do ombro de Ashwini. Ela não precisava virar-se para saber que Janvier estava atrás dela.

— *Cher*, — ele deslizou seu braço ao redor de sua cintura — Apresente-me aos seus belos amigos.

Lacey riu, corando encantadoramente, enquanto o aperto de mão de Flynn foi amigável.

— Ah, Rubert. — Janvier disse quando Lacey dissesse-lhe o nome de seu vampiro. — Ele é um bom homem. Tente não tirar vantagem dele.

— Oh, eu nunca iria. — Lacey com covinhas de novo, enamorou-se adoravelmente. — Você conhece Ko também?

— Benita Ko?

Flynn assentiu.

— Sim, eu conheço Benita. Diga-lhe que Javier disse oi. — Ele apertou o quadril de Ash. — Eu sinto-me inquieto essa noite, doce. Vamos caminhar do lado de fora, encontrar outro bar.

Ashwini disse boa-noite para Lacey e Flynn, ambos dando-lhe um polegar para cima quando Javier momentaneamente afastou o olhar para longe.

— Você não me disse que Ko era uma boa mulher, — ela disse uma vez que eles estavam do lado de fora, em roupas de inverno novamente.

— Ko é uma sádica, — Javier murmurou. — Porém a respiração de Flynn engatou quando eu apliquei mais pressão sob sua mão, o bastante para causar uma pequena dor, parece que ele deve ser um masoquista. Portanto, os dois são uma combinação perfeita.

Ashwini percebeu que ele estava falando sobre sadismo no contexto sexual, ao invés da relação de personalidade de Ko. Ou talvez fosse ambos, desde que ele claramente não estava criticando sobre o estilo de vida em si.

— Ela é uma sádica fora do quarto, também?

— Sim, ela pode ser desagradável. — Um encolher de ombros. — Mas ela apenas tem um doador por vez e o trata bem. Quanto tempo o garoto disse que ele tem estado com ela?

— Um ano — implícito.

— Então, é improvável que ela seja aquela que nós procuramos, mas eu farei alguma escavação, verei se seu gosto alterou.

— Por que os imortais têm fixação em sexo e dor? É triste que eles não pareçam ver nada mais que a vida tem a oferecer.

— Minha querida Ashblade, sua visão é distorcida. Você vê os Feitos que patrocinam tais lugares porque ali é onde seu trabalho leva você.

— Vampiros do subúrbio?

— Completos com minivans e cercas brancas.

— Flynn, — ela disse, colocando a conversa de volta nos trilhos, — penso que nossa vítima possa ter ido para Hinge em algum momento do passado.

— Adele, é quem mantém um olho em tudo em seu estabelecimento, é certo que a garota não era uma regular, do modo que é Hinge.



— Você pareceu amigável com ela, — Ashwini disse antes que ela pudesse parar a si mesma. Descobriu que enquanto com a ingênua Marie May não tinha colocado para funcionar o seu ciúme, a linda e experiente Adele tinha virado o disco para um vermelho ardente.

— Eu sou. Ela é uma criatura exuberante e sensual, Adele, — Janvier disse, seus lábios curvando-se como se ele falasse de uma experiência íntima e pessoal.

— Se você for para o exagerado e óbvio. — Deus, ela precisava grampear sua boca fechada.

Deleite aberto em sua expressão.

— Eu disse a você, eu vou para o único e o perigoso.

Percebendo que ele a estava provocando de propósito, ela deu-lhe uma cotovelada.

Ele tocou seus dedos em sua nuca, enrolando sua mão gentilmente ao redor quando ela não o afastou.

— Seu corpo estava vibrando como música o tempo todo que nós estávamos no clube. Vamos dançar essa noite?

— Vamos ver o que nós descobrimos primeiro. — Dançar com Javier não seria como dançar com sigo mesma ou com qualquer outro homem. Dançar com Janvier seria um prelúdio para sexo. Ele tocaria e acariciaria, sussurrando coisas em seu ouvido enquanto ele flertava com ambos, seu corpo e sua mente. Com sua determinação já cada vez mais em terreno movediço, Ashwini não tinha confiança em sua habilidade para resistir a ele.

Ele ligou seus dedos com os dela. Teimoso Cajun. Dessa vez, porém, ela não se livrou dele. Quando ele disparou para ela um sorriso afetado, ela deu-lhe um olhar escuro.

— Não fique muito cheio de si.

Erguendo sua mão para sua boca, ele pressionou um beijo nos nós dos dedos, o contato dos lábios com a pele, desde que ela tinha esquecido suas luvas hoje à noite.

— Você dançava quando criança? — Em seu aceno de cabeça, ele disse. — Que tipo de dançarina você é?

— Balé.

Ele parou na estrada.

— *Dit mon la verite!*<sup>8</sup>

Ela concedeu-lhe um sorriso, ele parecia tão comicamente atordado.

— *É* a verdade. Minha mãe deu-me a primeira aula quando eu tinha três anos. Eu acho que era para dar-me uma atividade extracurricular para colocar em uma admissão de faculdade mais tarde, mas eu adorava isso.

Janvier sacudiu sua cabeça, desalojando vários flocos de neve errantes que tinham caído do céu.

— Eu não posso imaginar você como uma pequena fada em um tutu, mas como uma bailarina de longas pernas, sim.

— Eu tinha toda a intenção de tornar-me uma dançarina profissional. — Elevando-se através do ar livre e desencadeado.

— Mas... — Ela encolheu os ombros.

Seus olhos tornaram-se solenes.

— Uma bailarina profissional não pode sempre dançar sozinha e deve frequentemente estar em contato próximo com seu parceiro.

— Sim. — Ela apertou seus dedos nos dele, decidindo que talvez, possivelmente, ela podia se acostumar a segurar as mãos. Se fosse com Janvier. Somente ele.

---

<sup>8</sup> Do francês “Diga-me a verdade!”

— Mas isso não quebrou o meu coração, — ela disse-lhe com absoluta honestidade. — Até o momento, que eu aceitei que o contato constante exacerbava minhas habilidades, eu sabia que não poderia ser uma dançarina profissional por outras razões. Você sabe quanta porcaria eles tomam dos coreógrafos e diretores antes que eles fiquem famosos o suficiente para fazer birra e fazer o que eles querem?

— Você não faria birra. — O tom de Janvier era sério, seu sorriso em seus olhos. — Você acabaria atirando na pessoa que fosse irritante com você.

— Eu estava tentando fazer exatamente isso durante meus anos finais visando o profissional, — ela admitiu. — Então eu percebi que não queria fama. Eu somente queria dançar, e eu podia fazer isso sozinha.

— Onde você dançava? — Janvier conduzia ela na descida dos degraus estreitos da caverna feita pelo homem que era Hinge.

— Isso é só para eu saber. — Ela não estava pronta para ele ser seu público, ela não tinha escudos quando dançava, ela estava nua de uma maneira que não estaria nem mesmo se tirasse cada peça de roupa de seu corpo.

— Janvier! Aqui para fazer o *misère*<sup>9</sup>, meu amigo?

Olhando para cima, para a declaração que ela não podia entender, ela encontrou-se encarando uma parede sólida de um homem com cabelo preto ondulado em seu crânio, sua pele cheia de marcas pelas cicatrizes de acne e seus olhos cinza esverdeados que prendiam sua atenção e a mantinham se Javier não estivesse em sua vida. Esse era um homem que nunca quereria uma companhia feminina.

— Eu nunca criei problema para Louis. — Janvier sorriu e, soltando a mão dela, intercambiando tapinhas nas costas na segurança com o abraço.

---

<sup>9</sup> Miserável em francês.

Ashwini tinha visto ele fazer a mesma coisa com outro homem uma vez, durante a operação Atlanta. Então ela viu a diferença. Com Callan, tinha sido para o show. Dessa vez era genuína, afeição pulsando fora de ambos os homens.

— Esta é Ash. — Janvier a puxou de volta e pegou sua mão quando os dois se separaram.

— *Sua Ash?* — O sorriso enorme, Louis teria a abraçado se Javier não deslizesse entre eles e ela não recuaria. Em vez de ficar insultado, o outro homem sorriu e disse algo mais no dialeto que compartilhava com Janvier.

Ashwini pegou o tom, sabia que ele estava enervando Janvier sobre ser ciumento.

— Eu acho que você está tomando suposições, Louis, — ela disse. — Eu não decidi ainda se mantenho ele ou o atiro aos jacarés.

Louis colocou uma mão sobre seu coração.

— Janvier, *mon ami*<sup>10</sup>, eu estou apaixonado. Como eu vejo, você está carregando suas lâminas hoje, eu acho que eu posso levar para você.

— Eu não sou perigoso, — Janvier curvou seu braço ao redor de sua cintura. — O que você pode nos dizer sobre Hinge?

— É um mercado de carne, mas mais seguro do que Masque. — Sua expressão tornando claro que não significava muito. — Eu posso recomendar um clube com música melhor.

— Nós não estamos aqui para dançar, — Janvier disse ao seu amigo. — Nós estamos procurando por uma garota com uma tatuagem em seu tornozelo. *Cher?*

Puxando seu telefone, ela segurou ele para Louis.

— Yep, — ele disse depois de um par de segundos. — Eu acho que eu a tenho visto aqui. Lembro-me da tatuagem porque os pés são a primeira coisa que

---

<sup>10</sup> Meu amigo.

eu vejo quando as pessoas descem os degraus. Não sei seu nome ou lembro muito mais sobre ela, mas poderia ser uma das frequentadoras.

— Você pode apontar os regulares?

— Certo. — Louis encarrou seu relógio. — Eu tenho uma pausa em dez minutos. Eu me juntarei a vocês.

Não havia guardador de orupa dentro da Hinge, então eles tiraram seus casacos e tomaram um lugar no banquinho do bar aberto enquanto pediam bebidas. Ashwini não tinha a intenção de consumir a sua, mas com a capacidade acelerada de processar álcool de Janvier, isso seria fácil o bastante para cobrir.

Seu celular vibrou em seu bolso apenas quando o barman colocou as bebidas em frente a eles com um cintilar de presas, flertando com ela. Deslizando seu telefone para fora de seu bolso, ela leu a mensagem e teve que engolir de volta um grito de alegria. Quando ela olhou para cima, estava vendo Janvier olhar para seu próprio telefone, um sorriso de seu rosto.

— Ransom? — Ela sabia que os dois homens eram amigos, frequentemente saindo para passear juntos.

— Yep. — O sorriso de Janvier aumentou quando ele devolveu o telefone para seu bolso. — Ele finalmente fez isso, pediu a sua bibliotecária para se casar com ele.

— E ela disse sim! — Ashwini enviou uma mensagem de felicitações de volta.

Os olhos de Janvier permaneceram nela depois que ela retornou seu telefone para seu bolso.

— E sobre você? — Ele murmurou, inclinando-se para seu ouvido para falar sobre a música, sua mão na parte de baixo de suas costas e o calor de seu corpo um acaricia lânguida sobre sua pele. — Você alguma vez dirá sim?

Agarrando seu controle pelas unhas, ela muito deliberadamente trouxe sua mistura de vodka para seus lábios, forçando uma distância entre eles.

— Eu vejo duas mulheres que podem ser doadoras. — O copo estava gelado contra sua palma, mas nada fez para relaxar o calor sobre seu corpo. — Alguns hematomas fracos de mordidas nelas.

Janvier envolveu seu braço ao redor de sua frente quando ela passou por ele em seu caminho para as mulheres. Ele pressionou um beijo em sua bochecha antes que ela pudesse evitar isso. Rangendo os dentes contra a ânsia de puxá-lo para ela, tomando aquela boca deliciosa, ela ao menos moveu seus lábios para seu ouvido... e mordeu duro o bastante sobre seu lóbulo para deixar uma marca.

Ele sibilou.

— Você percebe que muitos vampiros consideram dor como preliminares? — Respiração quente contra ela, os músculos em seus braços flexionando para manter ela perto.

— Você não. — Deslizando para fora de seu agarre, ela andou para começar uma conversa com seus alvos.

A conversa provou ser um fracasso, embora parecesse que Janvier estava tendo algum sucesso com o barman. Louis juntou-se aos dois homens não muito tempo depois, e ela decidiu voltar.

O ombro de um vampiro bateu nela em seu caminho, sua mão deslizando sobre a dela. Devia ter sido nada, o contato era tão fugaz... mas desencadeou uma avalanche de pesadelos que inundou seus sentidos, ameaçando derrubá-la. Gritos, ele tinha *gritos* entro dele. Pernas trêmulas e estômago ameaçando revoltar-se, ela estendeu a mão para firmar-se contra o bar, mas ao invés do frio, duro da borda da pedra, ela sentiu um corpo quente e tensionado.

Deslizando seus braços ao redor dela com uma graça preguiçosa que desmentia a tensão em seu corpo, Janvier aninhou seu corpo ao del.

— Eu peguei você, — ele murmurou. — Finja que você não pode obter o bastante de mim, *cher*.

Ela queria devolver uma resposta rápida, fazer pouco caso disto, mas seu coração estava batendo tão forte e seus nervos tremendo. Circulando seus braços

ao redor da cintura de Janvier, ela agarrou-se a sólida força dele, enfiando sua cabeça contra seu pescoço. Sua respiração vindo em paradas espasmódicas, suas mãos apertando sua camiseta enquanto ele murmurava coisas que ela não ouvia através do barulho em seus ouvidos, mas que ela sabia que faria parecer que eles estavam entregando-se a uma demonstração pública de afeto. Enjoativo, mas normal.

Sua visão eventualmente clareando para o ponto em que ela podia ver Louis os observando, um sorriso enfeitando seu rosto. Os outros homens estavam a vários pés de distância, onde Janvier devia ter estado antes que ele se movesse para interceptá-la. Engolindo em seco, ela tomou uma respiração profunda e o aroma de Janvier encheu seus pulmões: primitivo, terroso e masculino.

Seu peito estremecendo, ela esfregou seu nariz contra seu pescoço no momento de fraqueza antes de erguer sua cabeça.

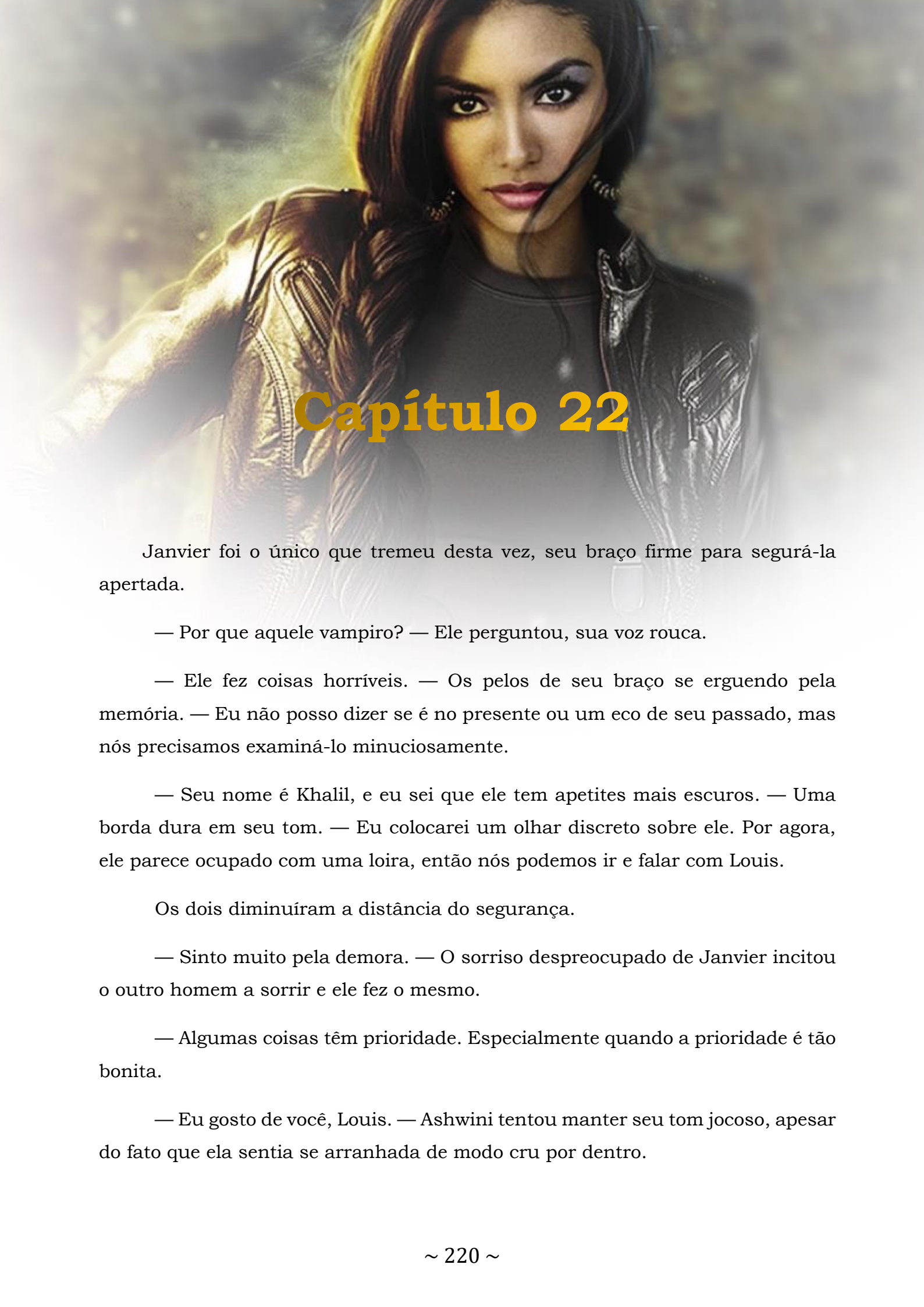
— *Merci.*

Ele afastou uma mecha de cabelo que tinha se soltado se sua trança, a enrolando na lateral de seu rosto.

— Sem agradecimento entre nós, Ashwini. Sem ponderação.

As coisas que ele dizia. As coisas que ele *queria dizer*.

Liberando seu aperto do algodão se sua camiseta, ela deslizou as mãos em eu cabelo, puxando sua cabeça, e beijando-o suave e doce e com toda a devastadora emoção dentro dela. Isso durou um fragmento fugaz de tempo e mudou o mundo.



## Capítulo 22

Janvier foi o único que tremeu desta vez, seu braço firme para segurá-la apertada.

— Por que aquele vampiro? — Ele perguntou, sua voz rouca.

— Ele fez coisas horríveis. — Os pelos de seu braço se erguendo pela memória. — Eu não posso dizer se é no presente ou um eco de seu passado, mas nós precisamos examiná-lo minuciosamente.

— Seu nome é Khalil, e eu sei que ele tem apetites mais escuros. — Uma borda dura em seu tom. — Eu colocarei um olhar discreto sobre ele. Por agora, ele parece ocupado com uma loira, então nós podemos ir e falar com Louis.

Os dois diminuíram a distância do segurança.

— Sinto muito pela demora. — O sorriso despreocupado de Janvier incitou o outro homem a sorrir e ele fez o mesmo.

— Algumas coisas têm prioridade. Especialmente quando a prioridade é tão bonita.

— Eu gosto de você, Louis. — Ashwini tentou manter seu tom jocoso, apesar do fato que ela sentia se arranhada de modo cru por dentro.



— Se você alguma vez decidir contra esse imprestável rato do pântano, você sabe onde você pode me encontrar, — Louis deslizou seus olhos um sussurro direto. — A morena no mini macacão de lantejoulas verde, loiras gêmeas, e o cara barbeado e musculoso. Doadores regulares aqui. Quarteto íntimo. Altas chances que eles tenham cruzado caminhos com sua garota.

Ashwini secretamente verificou o grupo, pegando-as ao darem uma avaliação gananciosa em Janvier. Nada surpreendente. Ele poderia não estar vestido em couro e renda e veludo, nem ter a beleza afiada dos vampiros antigos, mas Janvier era 1,91 m de puro sexo indulgente. Ele não estava tentando projetar aquilo no momento, sua atratividade sexual era inata, criada por sua confiança, a ágil força de seu corpo, o sorriso preguiçoso que dizia que ele conhecia cada pecado e tinha inventado alguns novos.

— Janvier, — ela disse, dando um passo longe dele, a perda do contato uma dor. — Nós estamos prestes a ter uma luta. Eu estarei saindo com Louis.

Uma sobrancelha erguida.

— Será uma luta apaixonada?

— Eu poderia golpeá-lo, mas eu acho que me conformarei o chamando de bastardo após Louis deixar escapar as novidades de sua personalidade mulherenga.

Suspirando, Janvier disse.

— Todos os quatro?

— Eles acham que você é delicioso. — Ela tentou não achar sua não entusiasmada expressão adorável e falhou. — Eu sou o entrave.

— Me resgate em quinze?

— Nós veremos.

Louis gentilmente disse algo a sua direita em seguida, e ela virou-se para Janvier.

— Eu não posso acreditar que você fez isso! — Ela empurrou o peito dele, o músculo quente debaixo flexionando sob seu toque. — Seu pedaço de lodo de vampiro! Eu te odeio!

— *Bébé*. — Janvier estendeu seus braços, a voz de bajulação. — Não foi nada, todas fo...

— É isso! — Ela intercalou um alto grito dramático furioso ao invés de atirar uma bebida em seu rosto. — Nós acabamos! Vá provar outra pessoa, seu bastardo!

\*\*\*

Janvier observou Ashwini afastar-se, seus quadris movendo-se provocadoramente sob o encaixe confortável de seu jean.

— Cuide dela, — ele disse calmamente para seu amigo. — Ela é minha eternidade, Louis.

— Como você disse, ela pode cuidar de si mesma, — o outro homem replicou, — mas eu mantereí um olho nela no caso dela precisar de apoio. — Pegando a jaqueta de Ash após Janvier delizar seus olhos para ela, Louis saiu depois dela.

Virando-se para o bar, Janvier encontrou o barman dando-lhe um olhar simpático.

— Mulheres, — o homem mais jovem disse com um encolher de ombros. — Ela era seriamente sexy, embora. O tipo perigoso de sexy.

Sim, sua Ashblade era perigosa.

A mulher de cabelos escuros sentou ao lado dele, seu corpo vestindo um macacão verde brilhante mal terminando em seu traseiro, era um gatinho choramingando em comparação.

Fingindo não a ver, ele bebericou sua bebida. Era um uísque de puro malte, um rico e texturizado.

Não havia a menor chance contra a selvageria intoxicante que era o sabor de sua caçadora.

Seu beijo mais cedo o tinha balançado, o escravizado. Ele não estava surpreso pela resposta de seu corpo, ele sabia a um longo tempo que Ash pertencia a ele e sempre pertenceria. Ele apenas tinha que a convencer a reclamá-lo, marcá-lo. Um beijo público? Inferno, sim, ele tinha que tomar isso como um primeiro passo.

— Oi.

Levando seu tempo para responder a sudação suave, ele encontrou a si mesmo olhando para um par de olhos marrons, redondos e maquiados com delineador verde e preto, sua maçã do rosto afiada sob a brilhante pele marrom e seu cabelo folhas de ébano.

— Oi. — Ele manteve seu tom deliberadamente frio, lendo-a como se ele seria um livro aberto, a gatinha, parecia querer brincar com um lobo.

Afundando seus dentes em seu gordo lábio inferior, o gloss que ela usava um brilho molhado, ela deslizou sua mão em cima de seu bíceps.

— Eu vi sua namorada sair.

Quando ele não se livrou dela, ela deu um passo perto o bastante, que seus peitos pressionaram seu corpo, seus dedos curvando-se ao redor da parte superior ao mesmo dele.

— Ela não trata você direito.

— Ela é passional. — Uma mulher que amava e lutava com seu coração e sua alma, sem restrições e furiosamente honesta.

— Eu posso ser passional. — Um convite rouco. — E eu tenho amigos.

Deslocando seu rosto para o grupo na direção em que ela balançou sua cabeça, os outros três acomodados em um íntimo assento na área, ele encontrou sorrisos sedutores apontando em sua direção.

— Seus amigos são complacentes?

Ele inclinou para trás, seus cotovelos apoiados no bar.

— Oh, sim. — A gatinha passou os dedos sobre a pulsação em seu pescoço.  
— Muito.

Janvier achou sua tentativa de manipulação divertida; ela claramente não tinha ideia de exatamente quão grande era o lobo que ela tinha se aproximado.

— Eu não me aproximo de reivindicados.

— Nós não estamos com ninguém. — Um giro de cabelo, ambas as mãos agora segurando em cada um de seus bíceps. — Nós gostamos de nossa liberdade.

Traduzindo, eles gostavam das altas presas nas veias, mas na verdade não queriam entrar em um relacionamento com um quase imortal. Permitindo seus lábios curvarem-se dentro de um sorriso ligeiramente predatório que fez a respiração da mulher engatar, suas pupilas dilatarem, ele se endireitou com a bebida em sua mão e caminhou com ela para seus amigos.

Eles deixaram um banquinho para ele entre as gêmeas que eram fantasia de Louis. Ele devia ter o convidado, mas ele não fez. Ele não queria ninguém o apalpando, macho ou fêmea. A decepção que ele estava fingindo não alterava a verdade de sua natureza, Janvier tinha se dado para Ash e era isso. Jogando duro para chegar, ele esparramou-se em uma das cadeiras em meio as gêmeas, o doador do sexo masculino a sua direita. Macacão verde empoleirando-se no braço de seu assento, as sedosas coxas ao alcance sem esforço.

Ele não alcançou, não acariciou, mas sua atitude fria parecia fazer o quarteto mais ansioso para agradar. Em pouco tempo, o grupo inteiro estava agrupado ao redor dele, sem fôlego e excitados e prontos para ir com ele para dentro de uma das cabines privadas nos fundos.

— A menos que você queira se alimentar aqui, — a loira à esquerda disse em um tom abafado. — Isso está ok, também.

— Só que eles não permitem nudez no piso principal, — a outra loira adicionou, sua palma em seu peito sobre a decote do bustiê do incongruente laço branco inocente. — Nós gostaríamos de agradar você em todos os sentidos.

O branco pálido da pele do macho preenchido com um rubor de cor quando Janvier encarou.

— Você está tão complacente e ansioso?

Um assentir imediato.

— Qualquer coisa que você quiser.

Colocando seus óculos, Janvier forçou a si mesmo para colocar sua mão em sua coxa exibida para ele, embora estivesse mais tentado a dizer ao grupo para dar o fora dessa vida que eles estavam. Não era um estilo de vida aleatório de presa e foda que preocupava ele, era o fato de que um vampiro forte poderia incapacitar todos os quatro dentro de segundos. Janvier poderia fazer isso antes que um grito escapasse de uma garganta sequer. Ele não achava que eles entendiam isso, acreditando que estava seguro em grupo.

Era uma ignorância que ele retificaria antes que saísse, especialmente dado quantos vampiros ele tinha notado na sala cujas tendências ecoavam as de Khalil. O mercado de carnes de Louis estava se tornando mais mortal com a cada minuto passando, o zumbido da sede de sangue abaixo da superfície, problemática.

— Sim. — O som sedutor do fundo da garganta da garota ao lado dele. — Nós estamos prontos para ser seus brinquedos. Devo pedir ao barman a chave da cabine?

— Eu acho que ninguém lhe ensinou o valor da paciência, — ele disse em um ronronar de um tom profundo que tinha as loiras se contorcendo e os machos eretos sob suas calças. — Ninguém alguma vez passou umas horas com vocês? Tomando um gole de cada vez, prolongando o prazer até que uma parte é insanidade, e outra parte é dor?

— Não, — as loiras respiravam.

— Nós... nós poderíamos ir para um hotel se você quiser. — Esguichando, a garota de macacão verde colocou sua mão sobre a dele e esfregou seu polegar gentilmente através do dorso de sua mão.

Janvier lutou contra o impulso de puxar de volta, ele não queria ficar conhecido como disponível. Ele não estava disponível, não tinha estado desde o dia que encontrou Ash, e ele queria que o mundo inteiro soubesse disso. Mas ele era leal a Torre e também a Raphael, e este crime ameaçava a estabilidade da cidade. Mas, ele sabia que sua caçadora não descansaria facilmente até que eles dessem a sua vítima a dignidade de um nome.

Então ele jogou o jogo, movendo a conversa em direção a vítima sem alertar os quatro doadores de sua intenção. Ele os fez acreditar que ela tinha o alimentado da última vez que tinha estado neste clube, que ele não conseguia lembrar completamente seu nome, insinuando que eles tinham estado muito envolvidos em outras coisas para se preocuparem com a troca de tais informações mundanas.

Foi o homem que disse.

— Eu acho que você se refere a Felicity. — Ele ficou de joelhos ao lado da poltrona de Janvier, colocando sua mão sobre o próprio joelho de Janvier. — Eu estava com ela quando ela fez a tatuagem um par de anos atrás. Eu fiz uma, também. Veja? — Ele contraiu os músculos para mostrá-la.

— É um excelente trabalho. — Janvier examinou o dragão azul esverdeado, para o prazer do rapaz. O rapaz não voltou para seu assento depois, inclinando-se contra a perna de Janvier como um afetuoso animal de estimação.

Alguns dos vampiros antigos tratavam seus doadores exatamente assim. Giorgio, Janvier pensou, provavelmente adorava ter suas mulheres prestando homenagem aos seus pés. Infelizmente para este grupo, Janvier nunca tinha estado confortável com tal subserviência, não encontrando prazer na fraqueza, embora ele não sentisse nada contra eles.

As pessoas eram quem elas eram, alguns fortes, alguns fracos.

Então ele correu seus dedos sobre o ombro do rapaz, cuidadoso para evitar a pele exibida por sua camisa. Ele poderia ter rejeitado o rapaz e seus amigos, duramente, mas Janvier não via o ponto nisso; ele não chutava gatinhos ou cachorrinhos, então porque ele faria o mesmo com aquelas inofensivas criaturas? Embora dizia respeito a ele como muitas das criaturas mortais que ele tinha visto nos clubes caíam para esses tipos de personalidade.

Isso devia ser um fato que ele teria para discutir com Dmitri, se os vampiros que ficavam ligados com tais homens e mulheres submissos eram cuidados por eles, isso era uma coisa, mas se eles eram abusados por eles.... Então de novo, a torre não interferia nos casos de adultos a menos que as regras fossem quebradas. E, inocentes ou não, esse grupo e outros como eles, escolhiam a emoção dos clubes.

Como o gado escolhiam dar livremente de seu sangue.

Ninguém, entretanto, escolhia ser assassinado e jogado fora como um pedaço de lixo.

— Felicity? — Ele disse enquanto o rapaz fechava sua mão ao redor da batata da perna de Janvier, fechando os olhos. — Um nome bonito para uma garota bonita.

— Eu acho. — Uma das gêmeas loiras torceu seus lábios. — Mas ela realmente não sabia como festejar.

— Seu último nome era Johnson! — A outra loira adicionou com um sorriso orgulhoso. — Eu acabei de lembrar.

— Felicity Johnson. *Merci*<sup>11</sup>.

— Oh, mas ela não doa mais. — Macacão verde disse mais uma vez, ciúme como um punhal apunhalando em seus olhos.

---

<sup>11</sup> Obrigada em francês.

Essa aqui é a primeira loira, ele pensou, podem eventualmente, desenvolver garras. Se elas sobreviverem.

— Nós não a temos visto em meses. — A mão sobre a coxa de Janvier flexionou, a garota virou-se em direção a ele. — Eu meio que não acredito sobre seu namorado rico, mas então porque ela pararia de vir, se isso não fosse verdade?

— Hum. — Janvier não entregou sua reação do que podia ser sua primeira pista sólida. — Quem era esse homem? — Ele falou arrastadamente. — Eu devo conhecê-lo.

Os quatro pareciam inexpressivos. Descobriu que nenhum deles jamais tinha conhecido o namorado e Felicity tinha feito segredo sobre ele ao ponto que eles não tinham qualquer detalhe dele, além do fato de que era um vampiro rico. Isto era decepcionante, mas o nome Felicity era mais do que ele tinha quando ele e Ash tinham entrado neste bar.

Parecendo relaxar na poltrona, ele deixou a conversa à deriva, perguntando se Ash estava planejando deixá-lo se livrar sozinho. Ele podia, mas se sentiria exatamente como se abusando de pequenas criaturas vulneráveis que tinham entregue a ele sua confiança. Decidindo tomar o tempo dando aqueles quatro uma pequena lição de segurança, ele disse.

— Vocês todos são bonitos. — Suas palavras fizeram eles sorrirem radiantemente, tentando chegar ainda mais perto. — Seria uma vergonha se vocês fossem danificados. Nem todos os vampiros apreciam que alguns tesouros devem ser manuseados com cuidado.

— Nós nunca saímos com alguém sem verificar com os outros, — uma das loiras disse, vindo para ficar de joelhos em frente a ele, seu queixo apoiado em seu joelho, suas mãos em suas coxas.

— E, — a outra loira adicionou. — Louis nós dá um sinal se o vampiro é um dos maus.

Mais inteligentes do que ele tinha imaginado.



— Bom. — Ele colocou seu polegar em um lado da mesa. — Mas vocês precisam lembrar uma outra coisa.

— O quê? — Todos os quatro disseram mais uma vez.

Ele tinha sua mão ao redor da garganta das loiras tão rápido que os outros dois congelaram.

— Essa minha espécie, — ele sussurrou, soltando suas gargantas com um gentil escovar de seu polegar sobre cada coluna esguia, — não é humana.

Peito arfante, uma das loiras o encarou, terror em seus olhos.

— Você moveu-se tão *rápido*. Eu nem mesmo vi.

— Eu poderia paralisar vocês em dois batimentos cardíacos, ter os quatro de vocês nocauteados e impotentes diante de mim. — Ele estava feliz de ver as loiras engolindo em seco e revirando-se em seu sofá. — Eu poderia violar vocês se eu desejasse, compartilhar vocês com meus amigos, então atirá-los nus e indefesos na rua, para a misericórdia de alguém que quisesse usá-los. Confiem em mim, há vários vampiros nessa sala nesse instante, capazes de fazer exatamente isso.

Tremendo, a garota usando o macacão o encarou, sua pulsação balbuciante em seu pescoço.

— Não, eu não acredito em você.

— Você alguma vez alimentou Khalil? — Em seus acenos, ele disse. — Ele uma vez rasgou a caixa torácica de uma mulher para se alimentar diretamente de seu coração. — A horrorosa verdade disso era que a mulher tinha sido uma de seu castelo que tinha se oferecido para o prazer de seu mestre em qualquer forma que ele quisesse. — Ela estava consciente nesse momento. Eu ouvi ela gritar e gritar e gritar.

— Oh, Deus. — Lágrimas molharam os olhos das loiras, e a garota de macacão verde afastou-se sutilmente.

Eles assentiram imediatamente.

— Então, — ele disse, — vocês devem ser muito, muito cuidadosos. *Oui*<sup>12</sup>?

— Há sede de sangue no ar, — ele continuou, capaz de ver Khalil alimentando-se de uma mulher disposta a 10 pés de distância, o vampiro tinha empurrado sua mão debaixo da blusa para apertar violentamente seu peito.

— Avise seus amigos que mesmo vampiros previamente confiáveis podem tornar-se um risco.

Dmitri tinha de ser informado sobre isso; quanto mais tempo Janvier ficava sentado ali, mais seus instintos diziam a ele que o sangue estava fervendo na superfície. Ainda não era crítico, mas estaria dentro de dias se não lidassem com as decisões brutais.

Um farfalhar em seus pés.

— Eu nunca tinha encontrado um vampiro como você, — o rapaz disse, seu coração em seus olhos quando ele olhou para cima de sua posição curvada contra a perna de Janvier. — Se você está procurando por um doador a longo prazo...

Janvier pegou um brilho de Ash seguindo de volta para o bar.

— Você merece um amante que estimará você, — ele disse ao rapaz, sendo tão gentil quanto era capaz de ser. — Eu receio que eu estou bastante ligado a caçadora preste a chegar a nós.

Os quatro pareciam cervos pegos nos faróis quando Ash concentrou-se sobre eles.

— Você não pode nem mesmo durar cinco minutos! — Ela gritou quando chegou a ele. Seus olhos mudaram para a garota usando macacão, seu sorriso uma lâmina afiada. — Você gostaria que eu separasse sua cabeça de seu corpo, doçura?

— N-não?

— Então eu sugiro que você se afaste de meu homem.

---

<sup>12</sup> Sim, em francês.

Macacão levantou-se e então fizeram os outros, enquanto Janvier revelava sua reivindicação. Era dramático, mas foi legal ouvir as palavras de qualquer forma.

— *Bébé*, — ele disse, deliberadamente usando o termo de novo porque isso totalmente não se encaixava com sua caçadora, a divertiria. — Nós estávamos apenas tendo uma bebida juntos.

— Sim, — o homem disse, olhando para Ash em pura reverência. — Você pode sentar conosco.

Ash apontou um dedo para o rapaz, em seguida para as loiras, então para Macacão.

— Afastem-se. Agora.

O grupo moveu-se extremamente rápido.

— Você é magnífica, — Janvier sussurrou. — Eu acho que meus amigos iriam para casa tão felizes com você quanto comigo.

— O que agora? — Ela murmurou quando ele levantou para colocar suas mãos em seus lábios, seus braços ainda agressivamente cruzados.

— Eu te seduzo a me perdoar.



## Capítulo 23

Janvier estava morrendo de vontade de experimentar o gosto e a sensação da pele de Ash, mas como ela mesma disse, intimidade não deveria ser tomada levianamente. Assim, ele a acariciou, mas não disse palavras quentes e eróticas que ele tanto queria. Ao invés disso, começou a recitar os nomes de todas as bebidas disponíveis no bar, usando seu tom de voz mais sexy.

— Pare com isso. — Ela disse, com os lábios apertados enquanto lutava para não rir.

Ele queria que ela risse com ele enquanto faziam sexo, queria brincar com seu corpo.

— Acha que já foi seduzida o suficiente?

— Conseguiu descobrir o nome dela?

— Felicity Johnson.

— Então sim, fui seduzida o suficiente.

A neve caía quando foram para fora de novo, mas não havia vento, o mundo era como uma serena folha em branco. Antes de qualquer coisa, ele fez uma ligação para torre, ele enviaria uma vampira altamente treinada em combate para ficar de olho nos vampiros que frequentavam os clubes de dança das proximidades. Emaya se prontificou imediatamente quando disse para ficar de olho em Khalil. Janvier

teria preferido fazer ele mesmo, mas Khalil já o tinha visto no clube, ele desconfiaria imediatamente se visse Janvier e Ash por ali outra vez. Khalil também sabia quem era Janvier, mas era improvável que ele conhecesse Emaya, e se conheceu, não deve ter prestado atenção. A escultural Emaya era mais parecida com Ash do que com as belezas roliças e submissas pela qual Khalil parecia ter preferência.

— Você está sozinha? — Perguntou a ela.

— Não. Mateo está comigo.

— Ótimo — Se Khalil estivesse por trás do assassinato, então obviamente ele havia se tornado ainda mais sádico com o passar dos anos, mas Emaya e Mateo conseguiriam derrubá-lo caso ele se tornar-se violento. — Fiquem juntos, não o deixe desconfiar que está sendo observado, contatem-me com um relatório completo assim que ele retornar para casa.

Se Khalil era o assassino, ele era inteligente demais para escolher uma vítima que pudesse ser ligada a ele, por tanto, qualquer mulher que ele levasse para casa esta noite estaria a salvo, ao menos da morte. Ainda haveria tortura, mas Khalil tinha sabia como encontrar vítimas voluntárias, embora tais voluntários nem sempre estivessem cientes da real extensão do que lhes aguardava. Empurrando o fato desagradável para o fundo da mente, Janvier falou:

— Eu quero saber com quem ele fala, o que faz e tudo o que for incomum em seu comportamento.

— Entendido.

— A qualquer sinal de problema, ligue imediatamente para mim ou para a Torre.

— Farei isso, mas toda minha equipe de combate está fora esta noite vigiando o perímetro, por tanto, temos bastante apoio de segurança nas proximidades caso seja necessário.

Relaxando, Javier esperou até que o outro casal chegasse, caso Khalil saísse neste ínterim. Ele passou o tempo provocando Ash sobre seu aparente interesse pelos brinquedos eróticos na vitrine. Ela riu e, com seu telefone, tirou diversas fotos dos itens antes de mandar algumas mensagens.

Percebeu quanto Mateo e Emaya chegaram, e enviou mensagens a Torre alertando Dmitri para a situação em curso. Acrescentou também que a sede de sangue parecia estar aumentando, mas que no momento não estava em estado crítico.

*Isso pode ser um resíduo do choque da batalha. Acho que devemos contatar os líderes vampiros amanhã para que possam apertar o cerco.*

A sede de sangue poderia não ser perigosa no momento, mas dê-lhe alguns dias e poderia se transformar numa carnificina.

Javnier já havia entrado numa cidade esperando fazer uma parada de descanso antes de entregar uma mensagem só para encontrar todos os cantos do pequeno povoado com restos pegajosos de sangue vermelho ferrugem, e os dois vampiros residentes alimentando-se como glutões no cadáver quente, e nu de uma mulher que havia sido amante de um deles. Ele havia executado os dois imediatamente. Era o único modo de conter o abate.

A resposta de Dmitri apareceu em seu telefone.

*Obtive o mesmo relatório de dois seniores que temos vigiando a área dos vampiros. A Torre os tem espalhados em todos os clubes para manter um olho sobre isso até que possamos falar com os líderes.*

Satisfeito pelo modo como a situação estava sendo tratada, Janvier disse:

— Podemos ir agora, docinho.

— Graças a Deus. — Ash guardou seu telefone com um gemido. — Há uma quantidade muito limitada de vibradores que brilham no escuro para que eu possa ficar olhando tanto tempo parecendo interessada.

Rindo, ele percorreu sua trança com os dedos.

— Não acho que devemos ir a mais clubes esta noite, já temos o nome de Felicity, e mais perguntas podem levantar suspeitas. — Eles tinham que achar um equilíbrio entre fazer a investigação e permanecer sob o radar.

— Concordo.

— Não arranque minha cabeça fora, *cher*, mas você está com dor? — Ele tocou o próprio peito de modo a indicar sua cicatriz, incapaz de esquecer o quanto

ela havia sangrado em seus braços, o quão próximo esteve de perdê-la. Já havia acordado encharcado de suor e ofegante, mais de uma vez com este mesmo pesadelo.

— Estou bem. Hoje fiz muitas perguntas, mas nenhum esforço físico de verdade.

Javier a havia observado com cuidado durante toda noite, não havia detectado nenhuma indicação de dor de seu ferimento, então, aceitou suas palavras, e se afastaram pela calçada enquanto delicados flocos de neve caíam do céu.

— Amo a neve, — disse Ash, com um suspiro. — Atrapalha um rastreamento quando cai, mas dá ao mundo um ar tão pacífico.

Ele observou as pequenas sombras que seus cílios faziam na bochecha, para ele, ela se tornava cada vez mais bonita com o passar dos anos. Pegando as luvas que colocou no bolso antes de levá-la para o jantar, ele disse:

— Coloque isto. — Eram do tamanho dela, as tinha comprado, pois muitas vezes, a via sem luvas.

Inclinando a cabeça, ela o encarou com olhos escuros que pareciam ver tudo.

— Percebi algo sobre você hoje, Janvier.

Ele esperou para ouvir o que ela dizia.

— Você gosta de cuidar das pessoas.

— Isso é algo ruim? — Ele não poderia mudar algo que era parte de sua natureza elementar, era parte dele.

— Não. — Um calor se espalhou pelo corpo de Ash, enquanto aceitava as luvas e as colocava em suas mãos geladas. Era estranho ser cuidada e valorizada de tal modo, ele havia transformado sua confusão e medo inicial em ternura, era um grande presente. — A maioria dos caçadores podem cuidar de si mesmos.

— Assim como a maioria dos vampiros com minha força, — disse ele com a confiança que o deixava tão atraente. — Isso não significa que eu não ficaria muito satisfeito se você mostrasse cuidado com este Cajun.

Ashwini lembrou da maneira como ele olhou para ela depois do beijo no bar, pegou um fraco vislumbre de um sorriso que não combinava com a sombra em seus olhos, e soube que tudo estava dando errado. Na tentativa de protegê-lo, ela o estava rejeitando.

— Janvier?

— Sim?

— Estou guardando um segredo de você, um terrível e enorme, segredo. Algo muito ruim. — E lá se foi, ela havia jogado tudo para fora.

Ele parou na sombra de um dos clubes, sua expressão sombria.

— Vai me contar esse segredo?

— Não posso. — Ele pareceu irritado, ela tinha medo que isso mudaria tudo entre eles, a covardia fez sua garganta fechar. — Mas você tem o direito de saber, e quando descobrir, vai me odiar por permitir que nossa relação tenha chegado tão longe.

— Ashwini, eu sou seu. — Ele diz em total descrença. — É impossível eu te odiar.

Seu coração já em frágil estado ameaçou se despedaçar.

— Você não sabe o que estou escondendo de você.

— Eu não preciso saber disso para ver que nenhum de nós tem controle sobre o que acontece entre nós. É como se isso tivesse seu próprio temperamento, e uma vontade implacável. — Ele arrastou uma mão pelo cabelo, e começou a andar de novo, suas próximas palavras continham uma raiva tão calorosa que poderia fazer a neve derreter. — O único modo disso morrer seria se você me repudiasse.

Parando de novo, agora nos limites do bairro, ele se virou para enfrentá-la.

— É isso que quer fazer? — Seu tom era cru, suas mãos se fechando e punhos. — Dizer que não me quer?

— Você é um idiota. — Puxando-o para si através das lapelas de sua jaqueta, ela o beijou com furiosa frustração. — Estou tentando protegê-lo. — Ela o soltou e voltou a andar.



Ele a alcançou, a paixão brilhando em seus olhos.

— Bem, não faça isso. Sou um vampiro grande o suficiente. Posso lidar com qualquer segredo, desde que você seja minha.

— Dane-se. — Ela colocou a mão direita na mão esquerda dele. — Você vai se arrepender disso.

Ele apertou os dedos ao redor dos dela, guardando, descaradamente possessivo.

— Nunca irei me arrepender de você!

Ashwini nunca iria se arrepender dele também.

E ela sabia. Não havia mais espaço para segredos, mas ela poderia roubar um pouco mais de tempo.

Ela tinha que dizer a ele, mostrar-lhe tudo.

Forçando o peso do que estava por acontecer para trás de sua mente, ela disse:

— Mandei o nome de Felicity para Ransom, caso seus contatos de rua saibam de algo. Também coloquei num programa de rastreamento, ele irá vasculhar todas as bases de dados atrás de informações.

Antes, ela teria pedido isso a Vivek, que tinha sido um cavalheiro solitário por um longo tempo, disponível 24 horas por dia, sete dias por semana. Ele sabia tudo, ou ao menos assim parecia, mas isto era passado.

— Como Vivek está? — Ela perguntou a Janvier. — Você já o viu? — O Caçador da Associação havia optado pelo vampirismo não para ter uma vida eterna, mas porque eventualmente, iria devolver-lhe o uso de seu corpo paralisado.

— Não, — Janvier disse com uma expressão escura. — Entretanto, ele pediu privacidade durante sua transformação, nem Elena está autorizada a vê-lo.

Ela conseguia entender porque Vivek não queria que seus amigos o vissem, enquanto estava fraco e indefeso; paralisado ou não, ele sempre fora uma força a ser reconhecida.

— Só quero saber se alguém está cuidando dele. Nunca soube de qualquer humano sendo transformado depois de sofrer ferimentos tão devastadores.

— O próprio Keir está acompanhando seu progresso.

Ashwini conheceu Keir após a batalha. Ela tinha sido cuidada por médicos humanos, mas o curador angelical chegou inesperadamente em seu apartamento dois dias depois dela ter colocado Janvier para fora. Com os olhos de um marrom quente, e um rosto delicadamente bonito, o cabelo preto lustroso e o corpo esbelto de um garoto, Keir tinha aparecido inacreditavelmente jovem, mesmo assim seus olhos mostravam que ele possuía uma nobre e antiga alma.

— Já passou da hora de vir ver você, — ele disse com uma pequena inclinação de cabeça.

Assombrada, ela o convidou a entrar, e ofereceu-lhe uma xicara de chá de ervas ao invés de café.

Sua resposta foi um sorriso e as palavras:

— Sim, é claro que é o que eu gostaria.

A coisa mais incompreensível era que ela não tinha tocado Keir nem mesmo uma vez, e ainda assim sabia que ele iria gostar mais do chá, assim como sabia que ele estava exausto do trabalho que estava fazendo com os feridos na Torre. Então lhe ofereceu um lugar para descansar e, para sua surpresa, ele aceitou, fechando os olhos e cochilando tranquilamente em sua poltrona favorita.

Tinha sido estranho ver as asas angelicais de um marrom drapeado com dourado descansando sobre seu mobiliário, ter alguém dessa idade e poder em seu espaço de vida.

— Keir, — Ela disse para Janvier, os dois quase tendo chegado ao carro, — ele é tão velho. — O tipo de idade que ela sempre temera. — Mas ele não me deixou desconfortável. Na verdade, ele me deixou tranquila, ele é tão gentil e centrado.

Ela sabia que Keir tinha uma incrível profundidade dentro de si, camadas intrincadas de dor e pesar que compunham qualquer vida, mas não havia crueldade, nenhum horror que ela geralmente associava a imortalidade.

Janvier afastou um pequeno floco de neve que se agarrara a seus cílios.

— O sábio que me ensinou a ler, — disse ele depois que chegaram no estacionamento e entraram no carro. — Contou que havia feito o mesmo por Keir quando ele era um garoto. Disse que ele era o anjo mais sábio que já havia conhecido, uma velha alma, renascida em um novo corpo.

— Sim. Lijuan se gabava de que havia evoluído para um próximo plano de existência, mas acho que quem fez isso foi Keir. — O curador era algo melhor do que este mundo, seu núcleo feito de pura luz.

Encontrar o olhar de Janvier foi difícil.

— Não vou discutir com você quanto a isso.

Tirando as luvas e a jaqueta no calor do carro, Ashwini olhou para a paisagem levemente salpicada com neve enquanto eles deixavam o bairro. A cidade brilhava através do branco e era como se estivessem viajando dentro de um globo de neve, como o que Arvi tinha dado a ela quando tinha sete anos. Ela o havia quebrado acidentalmente na manhã do dia em que ele a levou para o lugar onde eles tentaram “consertá-la”; e Arvi apenas olhou para os cacos com uma estranha expressão.

Na época, ela pensou que ele estava irritado. Agora, ela se perguntou se, apenas por um instante, ele percebeu que o que ele estava fazendo poderia irremediavelmente quebrar a irmã que o adorava.

— Ashwini?

— Gostaria de ir a um lugar? — Ela perguntou ao vampiro com os olhos verde musgo, que tinha há muito tempo marcado sua alma e cujo coração ela estava prestes a quebrar, assim como havia quebrado o globo de neve. — Tenho que te mostrar uma coisa.

\*\*\*\*

Seguindo as instruções de Ash, Janvier deixou a cidade e a neve para trás. Os pneus que atualmente estavam no carro foram projetados para o inverno, então a viagem foi tranquila, apesar da queda ocasional de gelo. Ele já estava dirigido por aproximadamente uma hora em estradas escuras e quase vazias quando ela fez

um sinal indicando uma estrada lateral, os dois estiveram em silêncio durante todo esse tempo.

A estrada era bem cuidada, embora não fosse particularmente bem iluminada. Janvier não tinha a visão sobrenatural que vinha depois de séculos de vampirismo, então baixou a velocidade, caso alguma pessoa do outro lado fosse idiota o bastante para achar que ele ou ela poderiam ver no escuro.

Felizmente, eles passaram apenas por dois outros veículos ao longo dos próximos 20 minutos.

— Vire quando ver uma placa à esquerda.

Os faróis do carro refletiram na placa cor creme com letras pretas e ele se viu descendo por uma estrada cheia de carvalhos com galhos nus ladeando ambos os lados e que aparentemente levava a uma propriedade privada.

— *Cher*, — ele disse odiando a dor que observava em seu silêncio. — Estou vendo portões.

— Eu tenho o código de acesso. — Ela deu a ele o código e ele o digitou no painel que ficava ao lado do motorista.

Cinco minutos depois, luzes brilharam a distância, uma casa de tijolos que lembrava uma mansão georgiana tomou forma no meio da noite entre as silhuetas negras das árvores. A estrada acabava numa curva circular, que rodeava o que parecia ser uma fonte, embora fosse difícil dizer a distância.

— Pare aqui.

Sem discutir com Ash, ele parou o carro a alguma distância da casa e desligou o motor e os faróis.

— Que lugar é este?

Ash saiu. Logo em seguida, ele a encontrou na frente do carro... onde ela pegou sua mão e segurou com força.

— É chamado de Banli House, — ela sussurrou. — Eles não possuem um site, nem qualquer informação online. É um daqueles lugares tão exclusivos que você precisa conhecer alguém para poder entrar.

Os tendões de Janvier ficaram tensos, os olhos da mandíbula moendo uns contra os outros.

— Na época, meu irmão era apenas um jovem médico, — ela disse, — mas nossa família era rica, estabelecida. Um dos amigos de meus pais deve ter recomendada este lugar quando... quando as coisas deram errado. — Sua respiração formou nuvens no ar quando ela inalou. — Os ricos costumam enviar seus filhos e filhas viciados em drogas para ficarem sóbrios, mas a Banli House é um centro médico e psiquiátrico plenamente credenciado para cuidar dos piores tipos de embarços.

Sua mão estava tão apertada que se ele fosse humano, ela teria deixado marcas. Janvier queria colocar uma centena de sangrentas contusões sobre o homem responsável pelo horror que ecoava em sua voz.

— Arvi a enviou para este lugar.

— Eu tinha apenas quinze anos. Ele me trouxe pessoalmente, me disse que os médicos iriam ajudar. — Uma lágrima correu pela bochecha dela partindo o coração de Janvier. — Eu queria tanto ser normal para ele. — Seus olhos se encontraram, enormes e escuros. — Ele era meu irmão mais velho e, não importa como, sempre iria cuidar de mim. — Com a voz embargada ela piscou rapidamente. — A pior coisa é que ele realmente acreditava que iria dar certo.

— *Cher*. — Ele se virou para envolver o outro braço em torno dela, abraçando-a contra ele, sua indomável Ash que lutava contra anjos e vampiros centenas de anos mais velhos nunca desmoronava.

— Eles me drogaram, — disse ela com a voz grossa. — Para me fazer sentir melhor, isso é o que disseram. Havia mais, outros tipos de ‘terapia’. Eles me amarram numa cama quando eu resisti, e então me encheram de drogas novamente.

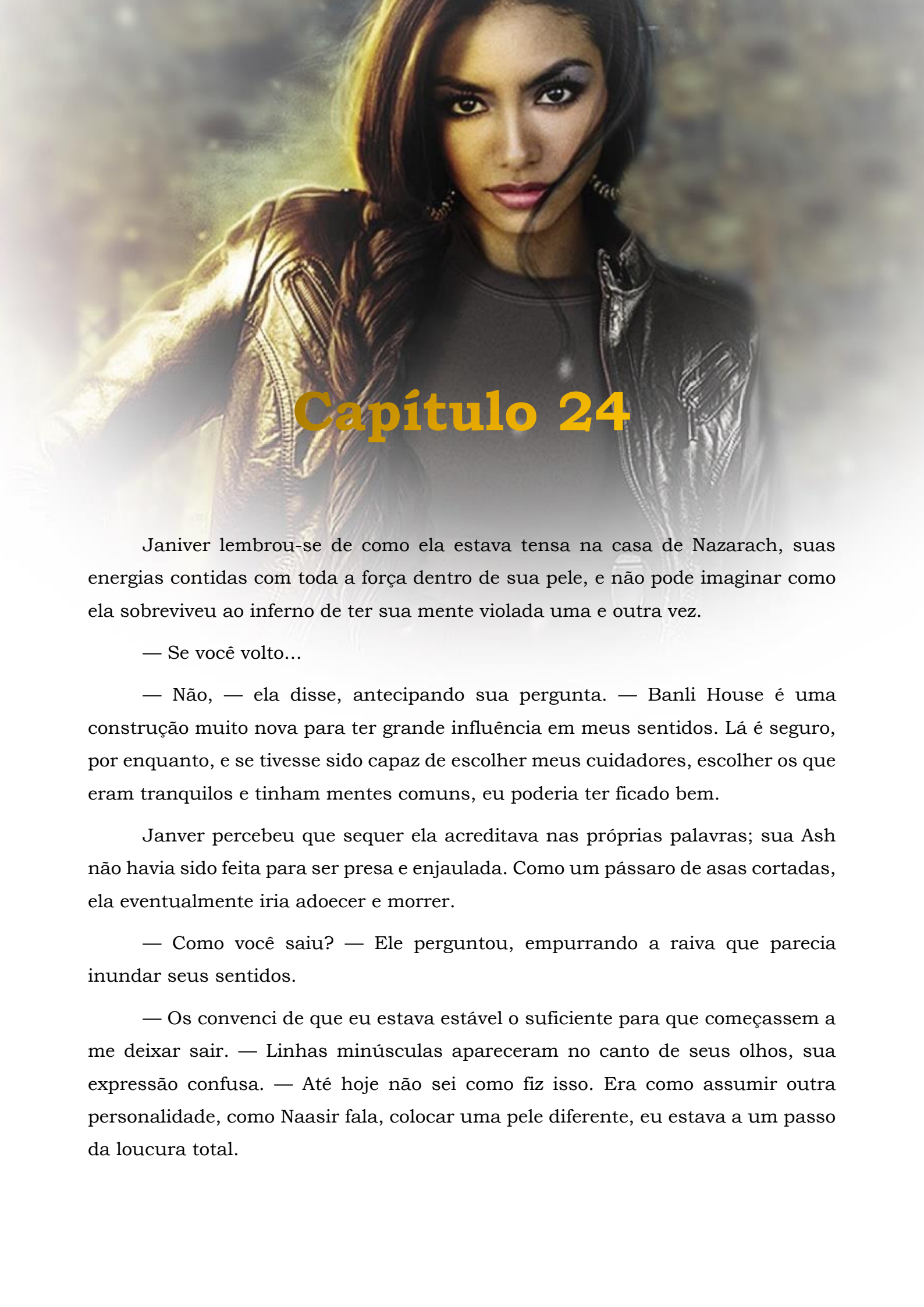
Tomando uma trêmula e profunda respiração, ela se afastou, mas não quebrou o aperto de mão, seus olhos fixos sobre Banli House. Era seu pesadelo, ele pensou, seu para ser vencido. E ela faria isso com os ombros retos e a cabeça erguida.

Ele estava fodidamente maravilhado por ela.

— Tantas pessoas me tocaram e eu não podia fazer nada para detê-los. Enfermeiros, médicos, enfermeiros. O suficiente para que eu começasse a entrar em sintonia com eles. — Ela enxugou uma lágrima que havia escorrido e olhou firmemente para casa. — Às vezes, eles eram legais, tentavam me acalmar durante um ataque de pânico depois de eu ter sido amarrada, mas isso só piorava as coisas, pelos menos três da minha equipe haviam cuidado de criminosos doentes mentais, tinham coisas horríveis em suas cabeças.

Seus dedos flexionaram, apertando sua mão novamente.

— Eu estava me afogando em suas vidas e isso estava me enlouquecendo, mas eu tinha que fingir que a terapia estava funcionando, que eu estava ficando melhor. Mesmo quando dormia, eu não podia me deixar ir muito profundamente, eu tinha que permanecer acordada o suficiente para lutar contra os pesadelos. Eu fiquei lá por cinco meses.

A woman with long, dark, wavy hair and a black leather jacket is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm, golden light. The title 'Capítulo 24' is overlaid in a large, bold, yellow font.

## Capítulo 24

Janiver lembrou-se de como ela estava tensa na casa de Nazarach, suas energias contidas com toda a força dentro de sua pele, e não pode imaginar como ela sobreviveu ao inferno de ter sua mente violada uma e outra vez.

— Se você volto...

— Não, — ela disse, antecipando sua pergunta. — Banli House é uma construção muito nova para ter grande influência em meus sentidos. Lá é seguro, por enquanto, e se tivesse sido capaz de escolher meus cuidadores, escolher os que eram tranquilos e tinham mentes comuns, eu poderia ter ficado bem.

Janver percebeu que sequer ela acreditava nas próprias palavras; sua Ash não havia sido feita para ser presa e enjaulada. Como um pássaro de asas cortadas, ela eventualmente iria adoecer e morrer.

— Como você saiu? — Ele perguntou, empurrando a raiva que parecia inundar seus sentidos.

— Os convenci de que eu estava estável o suficiente para que começassem a me deixar sair. — Linhas minúsculas apareceram no canto de seus olhos, sua expressão confusa. — Até hoje não sei como fiz isso. Era como assumir outra personalidade, como Naasir fala, colocar uma pele diferente, eu estava a um passo da loucura total.

— Mas mesmo assim você foi forte.

Um rápido e inesperado sorriso surgiu.

— Sim, eu fui. — O sorriso desapareceu rápido demais, os olhos atraídos para Banli House novamente. — Eu quis correr na primeira vez que vislumbrei a liberdade, mas lutei contra isso. Sabia que eles estavam me observando. — Fazendo uma pausa, ela levantou sus mãos e esfregou o rosto contra a parte de trás da dele.

Foi como um soco direito de seu coração.

— Então, eu fiz o que eles esperavam que eu fizesse, — ela disse depois de abaixar as mãos novamente. — Eu tomava banhos de sol, lia livros assim como todo viciado que estava passando por uma desintoxicação. Após um tempo, a equipe parou de me vigiar tão de perto. Logo depois, tarde da noite, após a chamada final para a cama eu empurrei uma janela que havia conseguido arrombar, e corri.

Janvier apertou a mandíbula, todo o seu corpo tremendo com a tempestade dentro dele.

— Onde seu irmão estava, durante todo o tempo que passou aqui? — Perguntou, sabendo que jamais poderia agir civilizadamente com o homem outra vez.

— Não o culpe, Janvier, — disse ela, para sua surpresa. — Posso não conseguir perdô-lo, mas sei porque ele fez isso.

— Não se pode desculpar tal abandono. — Ele teria morrido por suas irmãs, teria matado por elas. — É papel do irmão proteger.

— Aí é que está. — Um sussurro de dor. — Na cabeça dele, era exatamente isso o que estava fazendo. — Ela apoiou a cabeça em seu ombro. — Até vir para cá, eu não entendia porque ele não conseguia ficar perto de mim depois que comecei a descobrir coisas que não deveria, uma vez, quando eu tinha 11 anos corri para ele, com medo das coisas feias que tinha vislumbrado na mente de um professor que acabou por ser um pedófilo.

A dor em sua voz quando falou da rejeição de seu irmão parecia antiga, e a muito aceita.



— Neste último, Arvi não me decepcionou. Ele fez o professor ser investigado, e o homem acabou atrás das grades. — Janvier apertou sua mão. — Meu irmão não é uma má pessoa. Ele só... acho melhor te mostrar porque Arvi é do jeito que é.... por que eu sou do jeito que sou. — Seus olhos foram para casa. — Nós temos que entrar.

\*\*\*\*

Banli House pareceu crescer aos olhos de Ashwini a medida em que se aproximavam, como uma besta inchada de olhos brilhantes.

Não, ela pensou, forçando os músculos da mandíbula a relaxarem, consciente de que estava se deixando levar pelo olhar da menina confusa e assustada que havia sido uma vez. Banli House não era uma besta. Era apenas um esconderijo criado pelos ricos para esconder seus problemas onde o mundo não poderia vê-los.

Janvier parou o carro suavemente perto das escadas que levavam a entrada. Havia plantas dos dois lados da escada, pequenas flores cuidadas nelas e uma porta com a parte de cima de vidro em forma de leque permitindo que a luz entrasse.

— Parece tão aconchegante e convidativo, não é? — Ela disse enquanto bloqueava o velho pânico que ameaçava tomar conta.

Nunca era fácil atravessar aquelas portas. Mas se ela não fizesse isso, o medo iria ganhar, seria dono dela.

Janvier apoiou o braço na parte de trás de seu assento.

— Este lugar feriu você. Não precisamos entrar, se não quiser.

— Não. Isso é importante.

— Então irei com você.

Ashiwini passou os olhos sobre ele; não havia qualquer arma visível, mas ela sabia que ele estava armado.

— Fique atento com suas armas.

Sem questionar sua instrução, Janiver deu um pequeno aceno com a cabeça.

A porta da frente de Banli House se abriu quando eles saíram do carro, e viu que Carl estava de plantão esta noite. Cabelo cortado, dentes brancos e retos, pele cremosa e traços simétricos, a enfermeira era tão atraente quanto qualquer outro membro da equipe. Ashwini sempre achou isso estranho. O que os proprietários pensavam? Que as pessoas ricas não queriam se desfazer de seus embaraços, onde estes embaraços podiam entrar em contato com pessoas pouco atraentes?

— Ash, — disse a enfermeira quando chegou perto. — É bom ver você novamente tão cedo.

— Ela está acordada? — Ashwini sabia a resposta, mesmo enquanto fazia a pergunta; a mulher que ela tinha vindo visitar sempre tinha sido uma coruja da noite... o tempo “normal” tinha pouco significado para ela agora. Ela dormia e acordava em seus próprios horários.

Carl assentiu, seus olhos indo para Janvier.

— Devo colocar seu convidado na lista?

— Temporariamente. — Não havia qualquer garantia de que Janvier fosse “seguro”, neste contexto, nem mesmo Ashwini poderia ser considerada assim.

Levando-os através do corredor, Carl parou em frente à porta de uma suíte. Esta suíte tinha uma adorável sala de estar privada e um quarto que dava para o jardim. Também tinha as paredes acolchoadas e era desprovida de qualquer coisa que pudesse ser usada como arma.

A mobília antiga havia sido aparafusada ao piso de madeira, os lençóis substituídos por cobertores finos que não poderiam ser rasgados e transformados em cordas, as flores frescas eram colocadas em vasos de plástico que não poderiam ser quebrados e usados para cortar os pulsos. Entretanto, quando Carl abriu a porta após ter dado uma batida educada e recebido um — Entre, — do outro lado, as modificações não eram imediatamente visíveis.

Essa era uma das razões pelas quais a Banli House era tão cara.

— Seus sapatos, — Carl lembrou.

Ela se virou para Janvier, tendo esquecido essa rotina em meio a todo o sentimento de perda que muitas vezes a atingia quando vinha aqui.

— Você tem que tirá-los. — Sapatos podem danificar o estofamento.

Janvier passou a mão sobre seu cabelo, de uma maneira estranhamente suave que fez seu coração apertar, antes de se curvar para desamarrar as botas enquanto ela tirava os próprios saltos. Ambos os colocaram do lado direito da porta.

Então, Ashwini olhou para o verde bayou de seus olhos uma última vez, bebendo a forma como ele se sentia sobre ela neste instante, antes que tudo mudasse... e levou-o para dentro.

Carl não entrou com eles, mas ela sabia que iria permanecer por perto caso fosse necessário administrar um desativo. Ashiwini poderia dizer que o sedativo não seria necessário aquela noite assim que colocou as vistas na mulher sentada perto da janela, com um sorriso sereno do rosto.

Assim que viu Ashwini, ela se virou e estendeu a mão. Era uma versão feminina de Arvi, os cabelos castanho escuros eram espessos e brilhantes, com alguns poucos fios de prata.

— Ashi, — Ela disse, usando o apelido de infância que Ashwini não ouvia de mais ninguém.

— Olá, Tanu. — Ashwini se acomodou na cadeira em frente à sua irmã mais velha.

Os olhos escuros de Tanu foram para trás dela.

— Quem é esse?

— Janvier. — Ela olhou para ele antes de voltar seu olhar para a irmã que havia sido arrancada de sua vida quando Ash tinha apenas nove anos. — Ele é meu.

— Bom. — Ela disse para Janvier com a mordacidade que havia colocado tantos homens aos seus pés antes que caíssem duros por ela. — Você me parece bem nutrido, então suponho que tenha um emprego?

— Costumo ser pago em uísque.

A resposta arrastada de Janvier fez os lábios de Tanu se curvarem para cima.

— Tome cuidado com este, irmãzinha. — As duas últimas palavras foram ditas na língua que tinha crescido falando com seus avós. — Ele parece do tipo que rouba sua virtude e foge pela janela ao nascer do sol.

Ashwini se surpreendeu com a própria gargalhada.

— Talvez seja eu quem vá roubar a virtude dele.

— Não acho que Janvier tenha qualquer uma. — Os olhos de Tanu dançaram naquele instante, mostrando a beleza efervescente que a havia feito ganhar três propostas de casamento de membros de uma mesma família.

Janvier puxou a trança de Ashwini.

— Você não avisou que eu iria enfrentar um escrutínio tão severo, *Cher*.

Tanu não riu, ao invés disso linhas verticais de formaram entre suas sobrancelhas.

— Onde Arvi está? Eu digo a ele para não trabalhar até tão tarde, mas meu gêmeo numa ouve.

Ashwini sentiu Janvier tencionar atrás dela quando começou a entender a verdadeira dimensão da tragédia.

— Você conhece Arvi, — ela disse. — Aposto que ele colocou os olhos em alguma equação não resolvida antes de sair e deve estar tentando resolvê-la até agora. — Tal suposição tinha uma grande chance de estar certa. Seu irmão passou mais tempo de sua vida em Banli House do que na casa dos próprios pais.

— Isso é bem possível. — Suspirando, sua irmã esfregou a têmpora. — Deus, essa dor de cabeça.

Ashwini não se ofereceu para buscar um remédio. O regime de drogas de sua irmã era milimetricamente calculado para não a tornar uma viciada, ou uma catatônica. Ashwini odiava que Tanu tomasse eles, mas sem as drogas, sua irmã se tornava uma maníaca, propensa a automutilação, pesadelos e alucinações que a deixava aos gritos.

O objetivo da medicação era dar o maior tempo possível de clareza durante suas horas acordadas. Afinal, Banli House era uma instalação de alta classe, e levavam suas responsabilidades a sério. Se Ashwini não houvesse sido internada aqui na adolescência, ela poderia ter achado o ambiente relaxante.

Janvier se moveu por trás da cadeira de Ashwini.

— Talvez eu possa ajudar. — Ele disse se colocando em frente a Tanu e pressionou os dedos em suas próprias têmporas em um padrão incomum. — Tente fazer assim.

Copiando seus movimentos, Tanu suspirou.

— Onde você aprendeu isso?

— Minha *ma mère*, minha avó. Às vezes, o moderno nem sempre é o melhor, *oui?*

— *Oiu*. — Tanu riu e deu um tapinha no rosto dele, sem qualquer indicação de tensão no próprio rosto com o contato. — Sim, você é definitivamente um problema. Um belo problema. — Seus olhos se encontraram com os de Ashwini. — Você deveria acorrentá-lo a cama.

— Provavelmente ele guarda as chaves das algemas sob a língua.

O olhar vivaz de Tanu ficou embaçado na frente dos olhos de Ashwini, sua mente virando-se para a janela que dava para a noite.

— Eu posso ouvi-los.

— Tanu. — Ashwini tocou sua irmã sobre o joelho.

Mas Tanushree Taj não a estava ouvindo, não estava sequer ciente da presença dela e de Janvier, perdida na cacofonia de vozes fantasmagóricas que a seguiam dia e noite.

Esfregando os nós dos dedos sobre a dor que pesava em seu peito, Ashwini colocou a mão no ombro de Janvier, e disse:

— Nós devemos ir, ela pode ficar assim por horas, às vezes dias. — Uma vez, Ashwini havia retornado de uma caçada para encontrar a irmã ligada a um tubo de alimentação, pois havia ficado catatônica por dois dias inteiros.

Arvi estava sentado à cabeceira de Tanu, com a voz rouca de tentar convencê-la a retornar ao mundo.

— *Por favor, Tanu. Não sei como fazer isso sem você. Por favor, Tanu. Por favor.*

Sua garganta fechou com a força da memória, ela não estava pronta para intensa e dolorosa ternura que viu nos olhos de Janvier, quando ele se virou para ela... não havia qualquer piedade. Nenhum horror. Ele olhava para ela como sempre fazia quando estava se sentindo protetor, e isso a fez querer cair em seus braços e pedir para nunca a deixar ir.

Permitindo-o puxá-la para cima, já que ele estava de pé, ela deixou Tanu com um leve adeus.

— Ela se foi, — disse a Carl enquanto ela e Janvier colocavam os sapatos de volta. — Por favor, fique de olho dela. — As vozes deixavam Tanu em agonia, a tal ponto que a sedação era o único modo de fazê-la ter paz.

— Eu sempre olho. — A enfermeira foi com eles até a porta da frente. — Sua irmã tem ficado ausente mais e mais vezes. Você teve sorte esta noite.

— Poderia me ligar a próxima vez que ela estiver lúcida? Gostaria de passar mais tempo com ela. — Antes que não houvesse mais tempo. — Mas só se Arvi não estiver aqui. — Não importava sua própria necessidade de ver Tanu, Ashwini não roubaria o tempo de Arvi com sua irmã gêmea. Os dois jamais a fizeram se sentir nada além de incluída quando era criança, mas nada poderia mudar o fato de que tinham sido irmãos por 19 anos antes dela entrar em cena.

Ao contrário de alguns gêmeos fraternos masculino/feminino, Arvi e Tanu nunca se afastaram, apesar de cada um ter sua própria vida. Tanu havia ido para uma universidade diferente, sua vida social era um turbilhão. Arvi, pelo contrário, havia se enterrado na escola de medicina, tendo namoradas firmes, enquanto os namorados de Tanu mudavam constantemente.

No entanto, quando os dois voltavam para casa durante a férias, era óbvio que tinham mantido contato. Faziam comentários sobre pequenos incidentes nas vidas um do outro, riam de piadas secretas, provocavam-se mutuamente sem piedade sobre suas vidas amorosas, era como se completassem uma ao outro.

A única vez que Ashwini tinha visto Arvi rir verdadeiramente nos últimos dezoito anos e meio, foi o dia quando ela chegou e havia encontrado Tanu coerente e parecendo consigo mesma. Sua irmã estava dobrada em um ataque de risos, a cabeça de Arvi jogada para trás com alegria desenfreada enquanto estava sentado no chão, de costas para a janela. Quando Ashwini havia recuado, Arvi a tinha chamado para entrar, com verdadeiro afeto em sua voz.

Ashwini havia entrado, toda a dor que os separava enterrada sob a maravilha daquele instante atemporal, quanto tudo era como deveria ser. Seu irmão a tinha abraçado, com o braço ao lado de seu pescoço, e por uma hora mágica, os três haviam sido como antes, Ashwini tranquila e feliz só de estar no mesmo quarto que seus irmãos mais velhos enquanto discutiam e faziam piada de tudo.

— Claro que ligarei. — O eco da voz de Carl dilacerou a memória. — Pedirei para a enfermeira do turno do dia para fazer o mesmo. — Ela abriu a porta da frente. — Até a próxima.

Saindo com um aceno de cabeça, ela inalou o ar fresco da noite em respirações profundas. Era como se o estrangulamento em torno de sua garganta tivesse finalmente soltado, seus pulmões expandindo, agradecido. Ela odiava Banli House tanto quanto ela amava Tanu.

— Vamos sair daqui.

Janvier os levou de volta, não diretamente para Manhattan, mas para o Enclave do Anjo, onde ele havia deixado sua moto. Saindo do carro, os dois caminharam até a borda das falésias e sentaram-se, ignorando a neve, com as pernas penduradas sobre o rio Hudson que fluía suave e profunda abaixo deles.

O horizonte de Manhattan brilhava a distância, a Torre era como uma lança de luz. Seu brilho refletia nas asas dos anjos que voavam para dentro e para fora, transformando os arranha-céus ao redor em deslumbrantes espelhos.

— Toda vez que vou para Banli House, — disse Ashwini, — sinto vontade de derrubá-la, levar minha irmã para um lugar melhor. A coisa é, não há lugar melhor.

Inclusive Arvi tinha aceitado isso.

Tanu era cuidada em Banli House, tinha amigos entre os outros residentes de longa duração. Nunca foi maltratada, a equipe era extremamente escrupulosa no cumprimento das regras sobre não fazer contato físico com ela, a menos que ela o iniciasse, ou fosse absolutamente necessário. Quando chegou, apenas um pequeno grupo de pessoas eram autorizadas a tocá-la, todas cujas mentes não fariam mal a Tanu.

Se ninguém da lista estivesse disponível, Banli House chamava Ashwini ou Arvi. E quando Tanu estava lúcida, a equipe dava a ela acesso ao que ela desejasse, seja a liberdade de caminhar na floresta atrás da casa, comer alguma refeição especial, ou passar horas pintando uma grande tela.

Uma vez, ela havia surpreendido Arvi com uma ligação para almoçarem juntos. Mas isso tinha sido há muito tempo. Tanu não deixava a casa agora, não confiava em si mesma para ser coerente e racional por tempo o suficiente. As vozes eram muito barulhentas.

Janvier segurou o olhar dela.

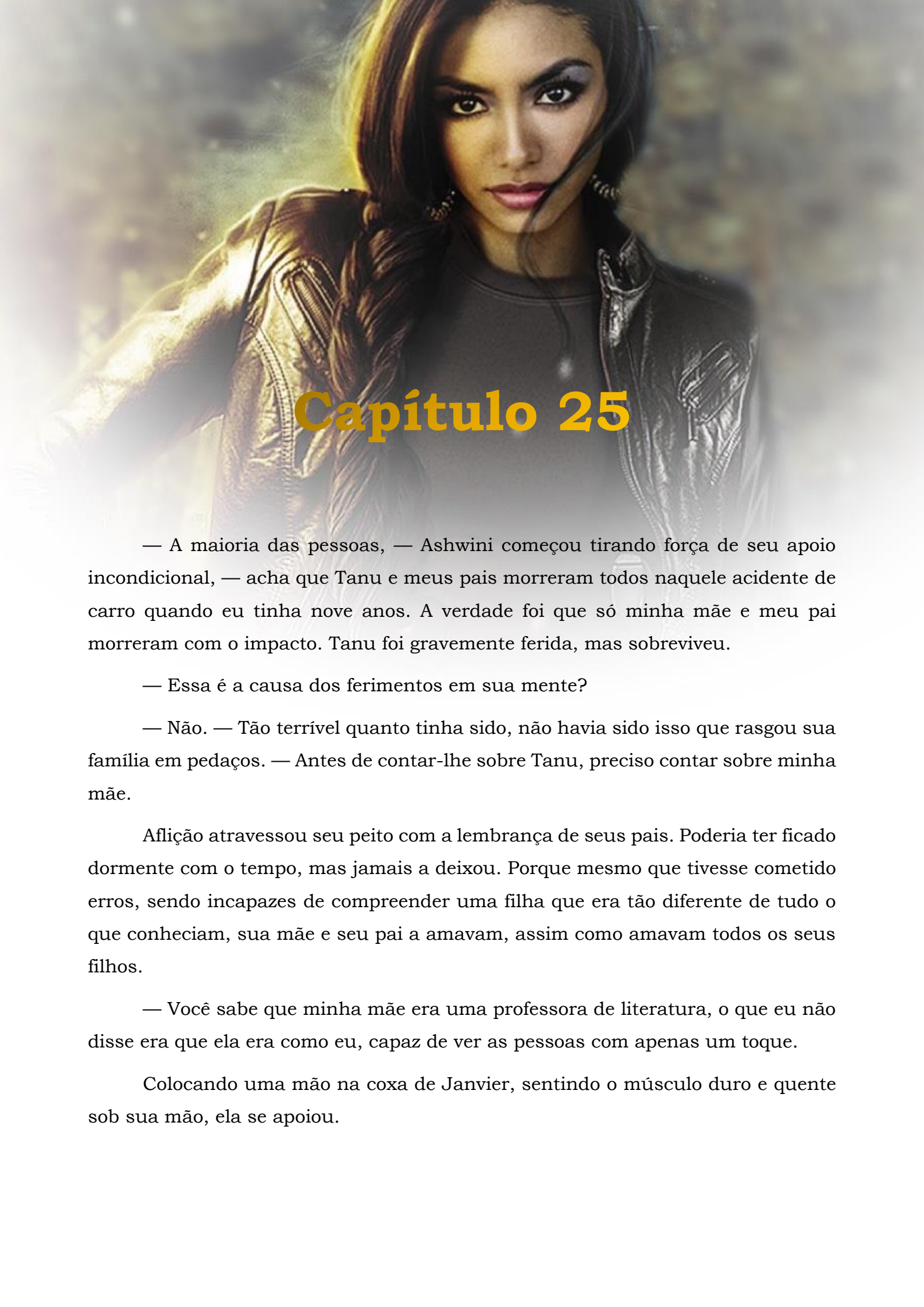
— Sua irmã parecia em paz.

— Às vezes eu quase posso acreditar nisso, mas — ela balançou a cabeça, e disse. — Tenho que começar do início.

Janvier virou-se de lado, colocando uma de suas pernas por trás dela, seu joelho dobrado para que ela pudesse se inclinar contra ele, e sua mão quente em sua nuca.

— Sou todo ouvidos.





## Capítulo 25

— A maioria das pessoas, — Ashwini começou tirando força de seu apoio incondicional, — acha que Tanu e meus pais morreram todos naquele acidente de carro quando eu tinha nove anos. A verdade foi que só minha mãe e meu pai morreram com o impacto. Tanu foi gravemente ferida, mas sobreviveu.

— Essa é a causa dos ferimentos em sua mente?

— Não. — Tão terrível quanto tinha sido, não havia sido isso que rasgou sua família em pedaços. — Antes de contar-lhe sobre Tanu, preciso contar sobre minha mãe.

Aflicção atravessou seu peito com a lembrança de seus pais. Poderia ter ficado dormente com o tempo, mas jamais a deixou. Porque mesmo que tivesse cometido erros, sendo incapazes de compreender uma filha que era tão diferente de tudo o que conheciam, sua mãe e seu pai a amavam, assim como amavam todos os seus filhos.

— Você sabe que minha mãe era uma professora de literatura, o que eu não disse era que ela era como eu, capaz de ver as pessoas com apenas um toque.

Colocando uma mão na coxa de Janvier, sentindo o músculo duro e quente sob sua mão, ela se apoiou.

— Tanu tinha isso também. Ninguém em nossa família jamais reconheceu, e mesmo que ocasionalmente brincassem sobre saber coisas que não deviam. Havia sempre uma pontinha de medo que na época eu não conseguia entender.

— Espere. — Janvier correu o polegar sobre sua nuca, uma carranca em seu rosto. — Você e sua irmã estiveram naquele lugar ao mesmo tempo?

Ashwini balançou a cabeça.

— Ela foi transferida para uma filial quando fui morar lá. Porque cresci acreditando que ela estava morta, então decidiram que encontrar-me de repente, cara-a-cara com ela seria um choque grande demais. Todos pensavam que ela era instável.

— Mas a coisa era, duas das pessoas que interagiam regularmente comigo, já haviam tocado Tanu, também. Pensei que tinha começado a ficar louca quando via flashes dela viva. — Isso a havia convencido a tomar as medicações que a faziam se sentir confusa e perdida.

Ao contrário de Tanu, ela não precisava das drogas. A medicação tinha simplesmente piorado as coisas.

— Então, — ela continuou. — Percebi que só tinha esses flashes perto de certas pessoas e tudo começou a fazer um terrível sentido.

Ela havia confrontado Arvi, assim que esteve livre de Banli House, e deixou claro que sabia a verdade.

— Eventualmente Arvi me disse que Tanu tinha tido um surto psicótico um mês antes do acidente de carro e havia passado sete dias sob guarda psiquiátrica. Ela dizia que as vozes não a deixavam sozinha.

Ashwini sequer podia imaginar a dor que Arvi deve ter sentido enquanto via sua vívida e brilhante irmã se desintegrar bem na sua frente. Porque o surto psicótico não poderia ser o primeiro sinal, Arvi e Tanu eram muito próximos para isso passar despercebido. Ashwini apostaria sua vida que Arvi havia tentando desesperadamente salvar Tanu, que ele realmente lutou para salvá-la. Mas Tanu já havia se perdido.

— Aparentemente, assim que minha irmã conseguiu se mover depois do acidente, entrou no banheiro do hospital e tentou cortar os pulsos.

Janvier engoliu um xingamento. Ele sabia que nunca poderia perdoar Arvan Taj pelo que ele havia feito com Ash, mas ele compreendia as cicatrizes no coração do homem que tomou a terrível decisão de internar uma adolescente que havia sido apenas um pouco diferente. Ele deve ter achado que a história iria se repetir.

— Arvi levou Tanu para Banli House por um tempo após a tentativa de suicídio. — Ash olhou para água, mas ele percebeu que seu olhar estava muito além. — Pensou que seria um ambiente melhor para ela do que a enfermaria de um hospital, mas a estadia que era para ser temporária foi se estendendo. Toda vez que pensavam que ela estava melhor, ela de repente ficava aos gritos, tendo convulsões ou tentava prejudicar a si mesma.

— Não entendo porque o fato dela ter sobrevivido foi escondido de você. Seu sofrimento deve ter sido terrível. — Saudável ou doente, Tanu ainda era irmã de Ash, e sua caçadora claramente a amava muito.

— Tanu não queria que eu a visse deste jeito, — disse Ash, sua voz áspera. — Logo depois do seu primeiro surto psicótico, ela pediu a Arvi que se ela fosse ficar internada, era para me dizer que ela estava morta. — Inspirando profundos goles de ar, ela agarrou sua coxa com mais força. — E quando houve o acidente de carro... Arvi apenas disse que ela morreu após complicações inesperadas.

Uma mentira, Janvier percebeu, que uma criança de coração partido não teria nenhuma razão para não acreditar.

— Nem Tanu nem Arvi me disseram isso, — Ash continuou com a voz carregada de dor, — mas creio que eles queriam me dar uma folha em branco, sem preconceitos quanto ao meu futuro, a capacidade de Tanu era mais forte do que a da minha mãe havia sido, e minha mãe também havia começado a apresentar sinais de doença mental nos meses antes do acidente. — Agonia entremeava cada palavra sua. — Eu estava destinada a ser a única a superar isso, mas no final, aconteceu de eu ser a mais forte de todas nós.

Sentindo-se tonto, Janvier viu que ele estava errado, que até o momento ele não tinha ideia do medo que Ash tinha da imortalidade.

— Você acredita que quanto mais velha você fica, mais chances tem de se tornar como ela. — E a loucura de um vampiro poderia durar uma eternidade.

— É uma certeza dentro do nosso histórico. O primeiro surto de Tanu ocorreu quando ela tinha vinte e oito anos e eu só estou a seis meses de completar essa idade. — Um longo suspiro. — É por isso que sempre incentivei os outros caçadores a me verem como um pouco excêntrica, meio louca. — Seu sorriso era fraco. — Não que eu não seja, mas achei que assim seria mais fácil esconder os primeiros sinais de degeneração.

Recusando-se a ouvir mais, Janvier a puxou contra seu peito, o paletó aberto. Ela veio, movendo as pernas para se deitar ao longo da borda do penhasco, a cabeça apoiada em seu ombro e um braço em volta dele enquanto observavam o horizonte.

— Duas mulheres em uma família não é igual a um padrão inevitável, — ele disse, sentindo o coração rasgar com a ideia de perder sua ashblade para mesma doença que havia consumido sua irmã. — Você mesma disse que sua habilidade é mais forte que a dela, ainda assim, você não mostra nem um sintoma apesar de estar tão próxima da idade de quando ela teve o primeiro surto.

Ash deu um beijo em seu peito, queimando-o através do tecido de sua camisa.

— Posso sentir a escuridão me cercando, sussurrando coisas feias e viciosas em meus ouvidos. Ela está vindo.

— Não. Eu não vou aceitar isso. — Ele esperou por ela por mais de 200 anos, e agora ela estava dizendo que poderia perdê-la num piscar de olhos? Não.

— Eu rastreei os registros médicos da minha avó materna.

O sangue de Janvier se transformou em gelo.

— Nunca soube nada dela, — disse Ash. — Minha mãe tinha 21 anos quando ela morreu. O que ela não disse foi que minha avó passou 15 anos dentro de uma instituição psiquiátrica.

Ele balançou a cabeça em muda negação, mas Ash não havia concluído.

— Foi muito mais difícil encontrar a de minha bisavó, mas finalmente encontrei uma de suas amigas da juventude. — Sua respiração estava irregular, o corpo rígido contra o seu, e ele soube que ela lutava contra a mesma raiva, dor e sentimento de perda que o tinha em suas garras. — Ela disse que minha bisavó se enforcou quando tinha cerca de quarenta anos, dizendo que os fantasmas não iriam deixá-la, assim como não haviam deixado sua mãe.

Ele sabia o que estava tentando dizer, mas não queria entender.

— Sinto muito, Janvier. Eu deveria ter parado antes...

— Não diga isso. Não se atreva a dizer isso. — Ele a esmagou contra ele. — Você sempre será minha. — Seus olhos ardiam, o peito doía tanto que ele sentia como se seu coração iria estourar. — Seja por um ano, ou por um século, isso não diminui o que temos um com o outro.

Ash não discordou dele, o beijo que ela pressionou contra o pulso acelerado de seu pescoço foi de uma ternura agonizante.

— Eu sou sua. — Seus dedos tremiam encontra os curvava ao redor de seu pescoço. — Sempre fui sua.

Ele não conseguiu falar por um longo tempo, e quando ficou pronto, precisava ver seu rosto. Soltando-a para que pudesse se sentar, ele disse:

— Não há mais muros, não há mais distância. — Ele queria sacudi-la por esconder isso dele por tanto tempo, apenas para protegê-lo às custas da vida que poderiam ter tido juntos. — E entre nós, jamais haverá um pedido de desculpas.

Sua tempestuosidade era bela e feroz, ele segurava seu rosto com as mãos, observando a face forte, orgulhosa e tão extremamente brilhante que era impossível imaginá-la sendo engolida por um crepúsculo de pesadelo. Poder, “sem paredes, sem distâncias”. Cada palavra era crua.

— Você está na minha alma Janvier.

Ele queria dizer o mesmo, mas sua garganta estava muito grossa, muito preenchida com a raiva dentro dele.

Ash não iria deixá-lo desviar o olhar, não permitiria que ele escondesse sua fúria.

— Eu quero uma promessa também.

— Qualquer coisa. — Ele cortaria suas veias por ela, se fosse isso que ela queria.

— Se vamos fazer isso, faremos plenamente. — A escuridão em seus olhos o segurou no lugar. — Viveremos o hoje, sem ficarmos de luto pelo amanhã que ainda não chegou, não iremos permitir que a raiva nos afogue.

Ele apertou a mandíbula, olhou em direção a água, mas se o Hudson tinha uma resposta para ele, estava escondida na escuridão de seda.

— Janvier. — Dedos teceram o caminho através de seus cabelos, os braços de sua Ashblade rodearam seu pescoço. — Quero jogar com você, assim como sempre jogamos. Sem regras, nem travas. Não me trate como algo quebrado. Não faça isso.

Como poderia dizer não a isso? Ele jamais seria capaz de lhe negar qualquer coisa.

— Pleno e profundo, — ele prometeu, e foi a promessa mais difícil que já teve que fazer na vida, a raiva dentro dele querendo envolver sua pele. — Irei te mostrar coisas que a farão rir em delírio, gritar de paixão e chorar de alegria.

Ash sorriu de felicidade, e ele se assustou ao lembrar-se das primeiras palavras que havia dito a ela, numa plataforma de trem, onde eles tinham compartilhado o primeiro beijo que foi como um feixe de luz perfurando a opressiva escuridão. E naquele instante, ele percebeu algo fundamental: sua Ash jamais se permitiria ser presa por sua própria mente. Ela era uma caçadora, uma mulher que dançava com o perigo a cada trabalho. Quando sentisse as sombras começarem a dominá-la, ela sairia para uma caça e não voltaria para casa, deixando-o com as memórias de uma bela amante que tinha morrido fazendo o que amava.

Sem a angustia como a que ela e seu irmão sofreram ao ver Tanu se deteriorar.

Sem perda persistente e agonizante. Apenas um corte limpo e afiado.

O que ela não sabia era que ele iria com ela, fazendo ele mesmo um corte limpo e afiado. Ele já havia vivido por 200 anos, e os melhores deles haviam sido os quatro que viveu quando Ash entrou em sua vida.

A ideia de voltar a uma existência onde ela não existia? Não iria conseguir. Nunca quis ser um vampiro para viver para sempre. Ele fez isso, pois acreditava que havia encontrado seu amor, embora tenha descoberto mais tarde que era apenas uma falsa promessa. Isso, isso que eles tinham, era amor. O tipo que mudava um homem para sempre.

Se ele sobrevivesse a Ash, ele não seria o mesmo Janvier, seria um homem sem coração, sendo que este seria enterrado com ela. Com o tempo, ele se tornaria como os imortais que ele tanto desprezava, aquelas para quem a vida não tinha nenhum significado, e que iria fazer qualquer crueldade num esforço inútil para sentir novamente.

Isso não iria acontecer, pois o pouco tempo de vida que restava a Ash, também seria o seu.

\*\*\*\*

Ashwini sabia que, apesar da promessa que ele exigira dela, Janvier não esperava ficar em seu apartamento naquela noite. Ele tinha muita honra para querer se aproveitar de seu estado emocional, mas ela precisava dele, queria viver avidamente cada instante que tivessem juntos, agora que não havia segredos entre eles.

— Vou levá-la para cima, — ele disse depois de estacionado seu carro num local ilegal em frente ao seu prédio.

Pegando as chaves quando passaram pela porta, ela as jogou para o porteiro e então lhe estendeu uma gorjeta generosa.

— Você pode colocar o carro numa vaga do estacionamento subterrâneo que ninguém esteja usando? — Já que não tinha um carro, ela não pagava por uma vaga.

— Sem problemas. — Nic piscou um olho para ela. — A senhora Beachum está nos Hamptons.

— Obrigado, Nic. — Sem olhar para Janvier, ela caminhou para os elevadores.

— Ash...

— Não quero perder mais tempo. — Ela olhou para ele com intensidade brilhando em seus olhos, permitindo-lhe ver os nervos, pele quente e suada deslizando uma pela outra, músculos tensos, ela estava pronta para explodir de necessidade. — Eu quero viver, quero beijá-lo, brincar com você, te amar.

Ele fechou os olhos e estremeceu.

— Sou egoísta demais quando se trata de você, *Cher*, não vou tentar convencê-la do contrário.

Ashwini ficou na ponta dos pés e apertou os lábios na borda afiada de sua mandíbula.

— Bom, — ela sussurrou, seu corpo já cantarolando pela proximidade.

\*\*\*

Entrando no apartamento de Ash, após a rápida viagem de elevador que não havia dado tempo suficiente para que sua cabeça, que no momento parecia girar e tropejar, resolver qualquer coisa. Janvier retirou a jaqueta lentamente jogando-a na parte de trás de um de seus sofás. Ela fez a mesma coisa e se inclinou para tirar a botas de salto alto que ficavam na altura dos tornozelos. Ele se agachou para tirar suas próprias botas, em seguida observou-a caminhar até a parede de vidro que proporcionava uma vista impressionante da cidade.

Seu coração havia sido ferido esta noite, mas ele não queria estar em qualquer outro lugar que não aqui, com ela, com sua amante. Mesmo que ele não fosse fazer nada mais do que amá-la, em uma vida que duraria um piscar de olhos. Quando seu telefone tocou, ele quase ignorou a mensagem, mas Ash virou-se e,



em seu rosto, ele viu o lembrete de que não importa o que, seus deveres estavam acima de tudo.

— Khalil, — ele disse depois de ler a mensagem. — Parece que resolveu ter uma noite de farra no Masque. Emaya e Mateo não conseguiram entrar, mas um vampiro que está fazendo vigilância para a Torre já estava lá dentro quando Khalil chegou, ele relatou que Khalil cansou de saciar seus apetites na plataforma de vidro, e reservou uma “sala de jogos”, quer algo mais íntimo esta noite.

— O Masque não tem protocolos de segurança para proteger os clientes nas salas de jogos?

— A segurança de Adele monitora todos os quartos através de uma transmissão ao vivo. — Ele encontrou seu olhar. — Este monstro parece estar ocupado por esta noite, e nós não iremos ouvir nada das equipes de monitoramento acerca da identidade da vítima. Então, *cher*, acho que a noite é nossa.

Ela estendeu a mão.

Atrás dela, a neve caindo suavizava as arestas duras de Nova York, fazendo a Torre parecer um feixe borrado de luz, e os outros edifícios eram como sombras luminosas. Era o cenário perfeito para moldar sua beleza, sua resistência em frente a probabilidades impossíveis. Quando ele a alcançou, ela o levou para a privacidade de seu quarto, o mundo além deles foi bloqueado no segundo em que fecharam as cortinas sobre as portas da varada.

Tinha sonhado com este momento pelo que parecia uma eternidade, e agora que ele estava aqui, ele se sentia como um garoto inexperiente com sua primeira mulher.

— Você tem certeza? — Ele não poderia suportar a ideia dela se arrepender. Seus olhos o perfuraram.

— Oh, sim. — Uma mão se moveu para acariciar sua nuca. — Toque-me.

Geralmente ela era tão segura de si, flertava com tanta facilidade e respondia de modo tão afiado que ele havia se esquecido o quanto sua habilidade a restringia sexualmente.

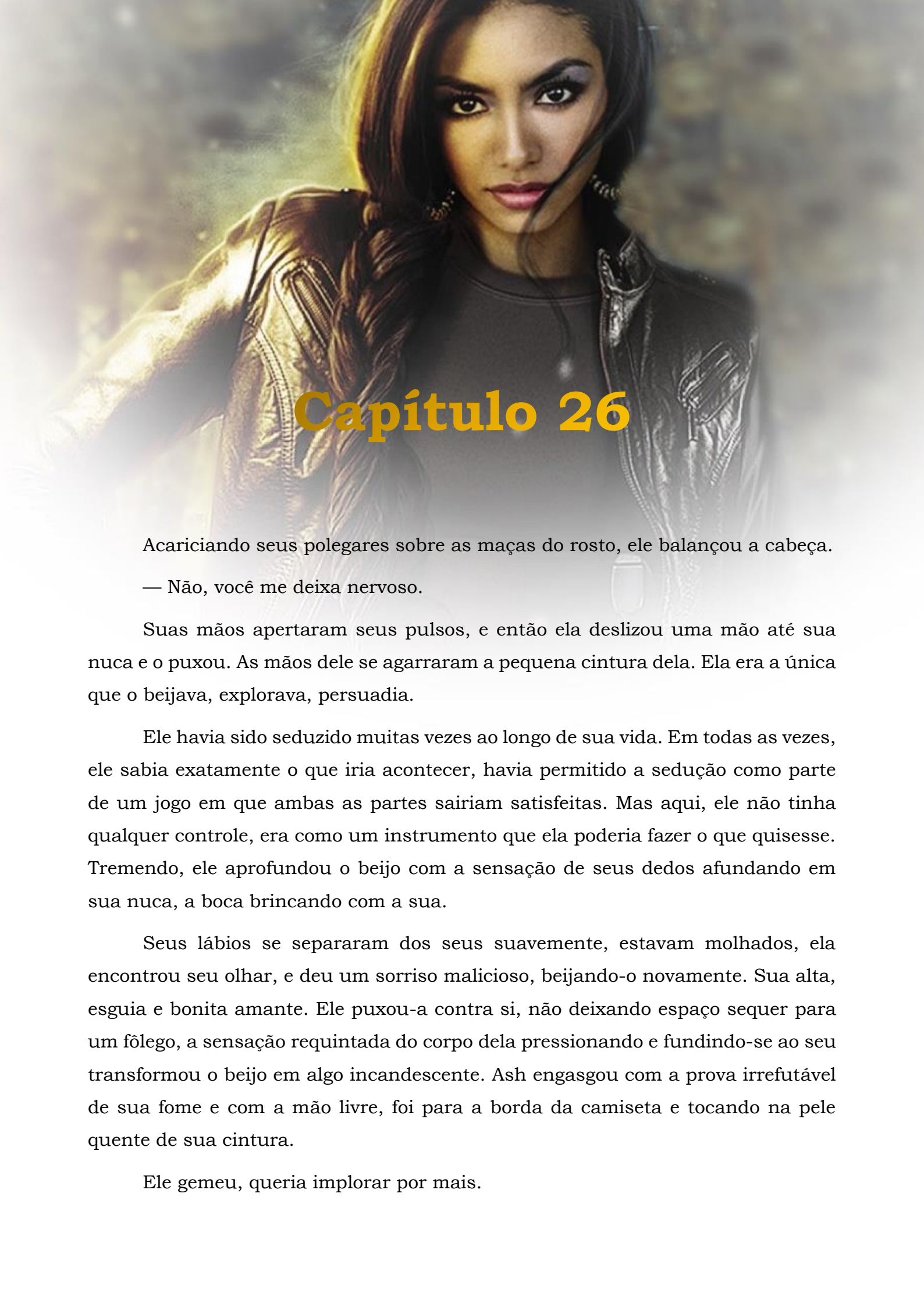
— *Cher*. — Seus dedos tremiam quando ele segurou seu rosto.

Seus lábios se arquearam, ela fechou as mãos sobre seus pulsos.

— Não se preocupe querido. — Havia provocação em sua voz, embora suas pupilas estivessem tão dilatadas, que haviam transformado seus olhos em poços de trevas nas quais ele poderia cair para sempre. — Nunca fui capaz de conseguir tocar alguém o suficiente para ficar nua, mas isso não quer dizer que eu seja inocente.

— Eu não sei o que fazer. — Ele disse sentindo-se perdido, abalado e escravizado.

— Se você tentar me convencer de que é virgem. — Seus olhos se estreitaram.  
— Eu vou pegar a minha besta.



## Capítulo 26

Acariciando seus polegares sobre as maçãs do rosto, ele balançou a cabeça.

— Não, você me deixa nervoso.

Suas mãos apertaram seus pulsos, e então ela deslizou uma mão até sua nuca e o puxou. As mãos dele se agarraram a pequena cintura dela. Ela era a única que o beijava, explorava, persuadia.

Ele havia sido seduzido muitas vezes ao longo de sua vida. Em todas as vezes, ele sabia exatamente o que iria acontecer, havia permitido a sedução como parte de um jogo em que ambas as partes sairiam satisfeitas. Mas aqui, ele não tinha qualquer controle, era como um instrumento que ela poderia fazer o que quisesse. Tremendo, ele aprofundou o beijo com a sensação de seus dedos afundando em sua nuca, a boca brincando com a sua.

Seus lábios se separaram dos seus suavemente, estavam molhados, ela encontrou seu olhar, e deu um sorriso malicioso, beijando-o novamente. Sua alta, esguia e bonita amante. Ele puxou-a contra si, não deixando espaço sequer para um fôlego, a sensação requintada do corpo dela pressionando e fundindo-se ao seu transformou o beijo em algo incandescente. Ash engasgou com a prova irrefutável de sua fome e com a mão livre, foi para a borda da camiseta e tocando na pele quente de sua cintura.

Ele gemeu, queria implorar por mais.

— Eu poderia me acostumar a ter você realizando todos os meus desejos. — Ela ergueu os cílios, movendo os lábios contra o deles, o ar entre eles estava escaldante.

Ele conseguiu encontrar um pouco de equilíbrio com sua suave provocação.

— Tenha piedade, *cher*, Sou apenas um homem e você é... você. — Um pensamento nauseante acertou-o em cheio, quase fazendo-o dobrar os joelhos. — Sou sua única opção? É por isso?

— Conheci outros homens que não podia ler, — ela disse antes que ele pudesse completar a pergunta. — Uma pequena parte da população tem essa capacidade. — Cada palavra era pontuada com um beijo, como se ela estivesse pressionando o sabor dele.

Ele gostava de ser provado, apreciado, ser seduzido de uma forma que ele não sabia que poderia ser.

— Até beijei alguns deles, tanto a título de curiosidade, tanto porque todo mundo gosta de ser tocado. Até eu. — Outro beijo, uma mordidinha em seus lábios inferior. — Mas quando você cresce hiperconsciente de nada de toque, é difícil tratar o sexo como uma simples liberação física.

Sua possessividade pareceu ter ouvido a declaração escondida nas palavras dela, e ele a agarrou com mãos avarentas. E então ela o estava beijando de novo e seus pensamentos de estilhaçaram. Movendo sua mão para envolver o delicado pescoço, sua outra mão ocupando a parte inferior de suas costas, e ele cedeu à paixão que sempre queimou como brasa incandescente entre eles.

Sua respiração saiu entrecortada e a o batimento cardíaco irregular, quando ela beijou ao longo de sua mandíbula e para baixo de sua garganta. Ele envolveu a mão no cabelo dela enquanto ela lambia sua pele, fazendo um ruído de apreciação na parte de trás da garganta, e então repetiu o movimento. Seu corpo estremeceu, seus quadris esfregavam o pênis rígido contra ela. Espremendo sua nuca, ela repetiu a ação, e em seguida ele explodiu. Tremores percorreram seu corpo. Ele a puxou para cima, suas bocas se uniram em uma necessidade crua que fechou suas garras em torno de seu coração e puxou.

— Vamos devagar, — Ash sussurrou roucamente quando se afastaram. — Quero fazer cada coisa suja e impertinente que nunca tive a oportunidade de fazer. — O sorrisinho malicioso retornou ao seu rosto. — Acredito que você deve conhecer alguns pecados que poderia me ensinar.

Ele pensou que seu pênis iria rachar ao meio, bom que ele era um cara acostumado a frustração. Teria sido traição ter ficado com qualquer mulher depois de conhece-la, não importava que fossem inimigos. Um homem sabia quando encontrava sua mulher.

— Esperei anos para ser um professor para você.

Ela deu uma risada rouca e feminina, e passou os dedos possessivos por seu peito.

Ele a beijou levando a mão para baixo e segurando sua bunda ao mesmo tempo. Gemendo, ela se esfregou contra ele. Ele manteve-se segurando-a enquanto apertava a carne dura que ele tinha vontade de morder. Também queria morder a veia em seu pescoço, a dobra de seu cotovelo, seu pulso, sua coxa, isso por uma razão bem diferente: queria beber dela ao mesmo tempo que ela chegava ao orgasmo.

Nem todos os vampiros podiam proporcionar prazer com sua mordida, mas Janvier foi capaz de fazer isso desde o primeiro dia em que acordou para imortalidade.

— Quero te fazer gozar, — ele disse contra a boca inchada por seus beijos. — Quero empurrar meus dedos dentro de você. — Peito arfante, línguas enredadas. — Bombear forte e profundamente, seu cheiro permeando o ar e seus seios à mostra para que eu possa agarrá-los que nem estou fazendo com sua bunda.

— Deus, — ela mordeu o lábio inferior. — Amo o jeito como fala.

Instigando-o beijo por beijo, Ash o fez perder a fala, ele estremeceu quando ela correu os dentes por seu pescoço. Um instante depois, ele teve a chance e mergulhou a cabeça raspando a pele delicada de seu pescoço com os próprios dentes. Sentiu quando sua mão apertou sua nuca.

— Janvier.

— Eu te provarei quando estiver nua, doce e suada. Se lembra? — Dissera isso quando prometera se alimentar dela, era tanto um lembrete para si mesmo, quanto para Ash. Suas presas doíam, seu pênis estava rígido como pedra, cada célula de seu corpo clamava para sentir o gosto da mulher em seus braços. Para ele, alimentar-se de um humano não era algo automaticamente sexual, mas com ela, com ela seria algo maior.

Com olhos sonolentos, Ash raspou a ponta das unhas sobre a pele da parte inferior de suas costas.

— Eu te dou permissão.

Ela congelou, a criatura sedenta de sangue dentro dele estava ao mesmo tempo salivando e temendo que tivesse imaginado essa resposta. —

Não brinque com um homem desesperado.

Ela deu um riso pecaminoso, íntimo.

— Apenas um pouco, — ela sussurrou, os lábios curvados para cima, o corpo quente resvalando contra o seu enquanto ela ficava na ponta dos pés para se encaixar em sua ereção. — Apenas o suficiente para deixá-lo louco.

— Isso é torturada, — acusou, enquanto lutava para mão empurrá-la para o chão ou a parede e enfiar seu pênis do centro molhado e apertado de seu corpo. — Porra, não posso esperar mais.

Mergulhando a cabeça para o sorriso inebriante que ela ostentava, sentia seu pulso bater tão forte que era como um rugido em seus ouvidos. Lentamente, lambeu o ponto onde o pulso dela corria por debaixo da pele. Ele não seria apressado, não iria devorá-la, queria saboreá-la como o vinho raro que ela era, um vintage que era de sua reserva particular.

Uma mão espalmou a bunda dela e a outra se enredou em seu cabelo, segurou-a contra si e chupou o local onde seu pescoço que fez suas presas empurrarem contra seu lábio inferior, o desejo era algo perto do insuportável. Ash deu um gemido muito feminino e ondulou o corpo contra o dele. Sua boca encheu de água, o cérebro estava quase entrando em curto circuito.

Mordiscando-a, mas não o suficiente para romper a ele, ele perguntou novamente para ter certeza de que ela estava certa disso.

— Sim? — A pergunta saiu como um grunhido, a fome batendo em suas veias.

— Sim.

Ele afundou as presas em sua carne, sentiu ela empurrar contra ele, mas não havia nenhum silvo de dor, nada além de sua pulsação fora de controle. Até mesmo vampiros que não tinham a capacidade de dar prazer com sua mordida conseguiam aliviar a dor da entrada. Claro, alguns gostavam de fazer doer, e alguns doadores gostavam da sensação afiada da dor. Mas Janvier não pensava em machucar suas Ashblade; ele bombeou uma porção da droga que dava prazer em seu corpo, uma que seu corpo produzia naturalmente antes de qualquer alimentação.

Não muito, apenas um leve toque. Ele queria que ela se viciasse nele, não em sua mordida.

Então, tornou-se impossível pensar. O sabor dela subiu em sua cabeça, a sede de sangue tornou-se feroz dentro dele, estremecendo com um prazer tão intenso que ele quase caiu de joelhos. Ele queria se deitar em cima dela, em uma cama confortável e exuberante, e saboreá-la por mais meia hora, degustar e beijar sua amante enquanto introduzia seu pênis lentamente dentro e fora dela.

Ele queria beber e beber.

Quebrando o contato antes da sede dominar sua mente e fazer dele um glutão, lambeu as marcas, garantindo que elas se curassem devagar o suficiente para que os outros soubessem que ela era sua. Excitando-se com o pensamento, ele lambeu de novo, sentindo o sangue quente e pesado de suas veias zumbir em sua cabeça.

— Você é viciante.

Ele sentiu suas nádegas apertarem sob sua mão, a respiração pesada.

— Jesus, você é poderoso.

Percebendo que a havia trazia muito perto de um orgasmo, ele lambeu suas marcas novamente.

— Eu deveria fazê-la sofrer assim como está fazendo comigo. — Apesar de sua ameaça, ele se moveu para colocar a coxa entre as delas.

Incitando-a a montar sua coxa e amaldiçoando suas roupas, ele afundou as presas nela mais uma vez. Ele fez com que não doesse, mas não bombeou a química que proporcionava prazer.

Suas costas se arquearam na dupla onda de sensações, seu grito quebrando no ar.

Retraindo as presas antes que tomasse mais do que ela estava dando, lambeu a ferida uma e outra vez enquanto a balançava contra sua coxa. Suas unhas cravaram em sua nuca, e fez o prazer dentro dele desnudar os dentes e mordê-lo até os ossos. A besta sanguinária o estava segurando com suas garras, mas ele se sentia bem. Poderia ser paciente agora que finalmente a tinha em seus braços. Poderia fingir que era um ser racional por algum tempo.

Amolecendo após as últimas ondas de êxtase, Ash o apertou e virou e virou a cabeça em seu pescoço, beijando seu pulso, seus braços se envolvendo com força ao seu redor. Se ele já não fosse dela, teria sido naquele momento. Segurando-a tão próxima, se afogou em seu perfume, em seu calor, em sua mulher.

\*\*\*

Ashwini já havia pensado várias vezes em como seria fazer sexo, principalmente porque nunca experimentou, e ainda tinha um Cajun que era como sexo sobre pernas flertando impiedosamente com ela. Mas a única coisa que jamais havia imaginado, é que se sentiria tão realizada, e tomada por uma devoção tão feroz que podia sentir isso em todos os seus ossos.

— Não me solte, — ela sussurrou, com a voz embargada. — Não me solte.



— Não irei. — Andando para trás e levando-a consigo numa tranquila exibição de força, ele deixou-se cair na cama. E então apertou-a, empurrando com força entre suas pernas, e trancando o corpo ao redor dela.

Enfiando a cabeça sob seu queixo, ela inalou o cheiro dele, o calor dele, e de repente sentiu-se em suspenso, pois sabia que depois daquilo nunca mais seria a mesma.

— Não acho que sou tão forte, Janvier. Não sei se posso ir mais longe. — Ela poderia ter lhe dado apenas sexo, mas a maneira como ele a abraçava a estava destruindo, fazendo-a querer quebrar a promessa que ela havia arrancado dele.

A mão de Janvier se curvou sobre sua nuca.

— Eu poderia te abraçar por toda a eternidade.

Fechando os olhos ao ouvir essa agridoce promessa, Ashwini apenas se envolveu em torno dele, e quando o sono chegou, ela se entregou a isso, sentindo mais quente e mais segura do que jamais havia se sentido. Entretanto, a escuridão ainda rastejava pelas bordas de sua mente, mostrando-lhe coisas que ela não queria saber, não queria ver.

*Um vampiro com a pele um tom mais escuro que a dela, com um cavanhaque negro em seu queixo e o cabelo penteado para trás, rente ao crânio, desceu o chicote sobre a pele alva de uma mulher aos gritos, vergões sendo riscados em seus seios e estômago.*

*No entanto, quando o vampiro usou o punho do chicote para fodê-la, o grito que saiu da mulher era de puro prazer. Com as pálpebras pesadas, ela pediu para soltá-la das cordas. Ele riu, e fez o que ela havia pedido, então, ela se arrastou para humilhar-se a seus pés, implorando por mais prazer.*

— Mestre, por favor.

*Rindo novamente, ele colocou a bota contra seu ombro e a empurrou para o chão, onde pisou em sua garganta mantendo-a presa, enquanto beijava uma garota de pele dourada com seios jovens e maduros e inocência brilhando em seus olhos. Ela não devia ter mais que dezesseis anos e usava apenas uma fina corrente de ouro*

*em sua cintura. Fechando a mão em torno de sua garganta, o homem de olhos escuros começou a apertar.*

*O rosto da garota tornou-se rosa, depois vermelho, os olhos se arregalaram. Quando ela arranhou seu braço em pânico, ele sorriu antes de beijá-la, mas continuou a apertar. Rapidamente, ela ficou mole em seus braços e ele usou seu apertado sobre ela para jogá-la na cama rodeada por cortinas negras no centro da sala. Puxando a mulher do chão para cima, ele terminou de desamarrá-la e em seguida fodeu sua boca, com uma viciosa falta de cuidado antes de chutá-la nas costelas.*

*Ela enrolou-se numa bola, os olhos cheios de lágrimas ao mesmo tempo em que o olhava com absoluta adoração. Mas ele a ignorou e foi para a garota flácida e sem vida jogada sobre a cama. Cobrindo-a com seu corpo, ele começou a se alimentar, a garganta movendo-se em goles profundos, os quadris ondulando de modo que dizia que ele não estava apenas se alimentando.*

— Não! — Ashwini acordou com um grito, e pegou o telefone que Janvier havia deixado sobre a mesa de cabeceira. — Ligue para os espões da Torre. — Ela disse para Janvier que havia acordado junto com ela. — Descubra o que Khalil fez com a garota.

Sem questionar, Janvier fez a ligação.

— Adele já havia entrado na sala após o segurança alertá-la. — Ele disse com um semblante sombrio, assim que a conversa terminou. — A garota está mal, mas ainda está viva. O espião disse que ela tem apenas vinte, e é uma cliente regular do Masque, uma extremamente popular pelo fato de parecer tão jovem.

Mesmo com coração batendo acelerado e a pele úmida, Ashwini não rompeu o contato visual com Janvier.

— Ela sabia que estava prestes a ser sufocada até a morte, e logo depois estuprada, quando entrou naquele quarto com Khalil?

— Ultimamente, ele tem jogado com pessoas com gostos em comum. — Janvier colocou o telefone de volta na mesa, seus movimentos estavam duros, a voz áspera. — Não posso falar nada quando adultos optam por explorar os extremos

de sua sexualidade, mas antigamente, quando os costumes eram diferentes, o alvo de Khalil eram os verdadeiramente inocentes.

Ashwini ouviu um raro tom de raiva na voz de Janvier.

— Você conhece alguém que ele tenha machucado?

— Uma garota do bayou, ela tinha talvez quatorze anos e estava impressionada por ter um vampiro tão rico mostrando interesse por ela. Seis meses após ela ter fugido de casa para ficar com ele, ela voltou, era uma peça oca, viciada em ópio e quebrada por dentro. — Sua voz tremia. — Um ano depois, ela se matou, seus pais me disseram que Khalil havia lhe dito que era apenas lixo, que servia para um pouco de diversão, mas não para manter.

— Filho da puta. — Seus olhos se estreitaram, ela se concentrou no Janvier havia dito. — Ele usou especificamente a palavra “lixo”?

— Ou algo muito semelhante. — Janvier a envolveu ao seu redor novamente. — Mas eu não colocaria toda minha fé nisso de fosse você, *cher*. Muitos vampiros velhos veem os humanos como coisas descartáveis. Mas Khalil é cruel o suficiente para fazer o que foi feito a Felicity, assim como o dinheiro e a inteligência para esconder suas perversões mortais. O mantereí sob vigilância.

— Talvez você não precise de espões, — Ashwini murmurou. — Acho que criei um link de vigilância direta em sua vida, com apenas um toque. — Ela bateu a cabeça contra seu peito. — Eu não me importo com pesadelos, mas esses sonhos eróticos de sua vida fazem minha mão coçar para pegar uma arma.

Apertando a parte de trás de seu pescoço, Janvier se moveu até ficar em cima dela. Seu beijo era molhado, o delicioso peso de seu corpo e a pele quente fizeram seu sangue inflamar.

— Não sou um sonho erótico, mas talvez este pobre Cajun possa ser uma boa distração?

Ashwini fingiu pensar sobre o assunto.

— Seria melhor se você tirasse sua camisa.

Janvier fez isso imediatamente, sentando-se escarranchado em cima dela, então disse:

— Digo o mesmo. — Era um desafio.

Sem esquecer sua promessa de jamais se privariam ao que tinham que viver juntos, Ashwini tirou a própria camisa. Mas permaneceu vestida com um sutiã meia taça, preto com bolinhas amarelas nas bordas. Janvier fez uma careta e percorreu sua cicatriz com o dedo, e ela disse:

— Estou feliz que o vampiro que fez isso esteja morto.

A carranca de Janvier transformou-se num sorriso de pura satisfação.

— Você ouviu quando a cabeça dele rolou pelas escadas? Pum, splat, baque, splat.

Rindo da conversa bizarra que apenas eles dois poderiam ter na cama, ela levou as mãos para trás e abriu o sutiã.

Ela não tinha muita certeza de como ele acabou em cima dela. Tudo que lembrava era dele descendo, e logo em seguida os dois estavam se beijando, tocando, sussurrando e levando um ao outro a loucura. Ele espalmou seus seios com nítida possessividade e chupou o mamilo. Ela passou as unhas em suas costas e sugou a pele de seu pescoço, o que o fez friccionar o pênis na união entre suas coxas e chamá-la de bruxa.

Seu riso se transformou num gemido, quando ele fez algo muito impertinente envolvendo suas presas e seu mamilo. Ela mordeu seus bíceps, e ele revidou dando um sopro de hálito frio sobre o mamilo molhado de saliva, provocando-a sem piedade até que ela inverteu suas posições e fez o mesmo com ele, naquele momento o gosto masculino do sal de sua pele ganhou o status de sobremesa favorita.

O jeans dele se foi. Assim como o dela.

Ambos estavam ofegantes, suados e satisfeitos quando caíram novamente no sono.

E desta vez, ela descansou pacificamente, as visões distantes, ao menos por aquela noite.



## Capítulo 27

Ashwini acordou de manhã cedo, escutando o canto dos pássaros e enrolada em um homem. Ela sabia imediatamente quem era, já que só havia um homem no mundo com quem ela consideraria “se enrolar”. Afastando-se cautelosamente, ela olhou para o rosto de Janvier, apenas para encontrá-lo encarando-a.

— Olá, — ela disse, enquanto sentia a possessividade fundir-se em suas veias.

— Seu telefone tocou, — ele disse, com olhos sonolentos enquanto envolvia o braço ao redor de sua cintura. — Provavelmente foi isso que te acordou.

Movendo-se em seu braço de modo que ele a segurasse por trás, com o peito pressionado contra suas costas, ela ergueu a mão até o telefone.

— É da equipe de TI da associação. Sobre Felicity Johnson.

— Huuum?

O som baixo e murmurante, fez ela sorrir antes de voltar para a feiura do que havia sido aquela vítima.

— Eles localizaram um registro seu de cerca de 12 meses atrás, ela estava num trabalho de baixa remuneração, mas logo depois ela sumiu. Não retornou para receber seus direitos, não pagou impostos, nem usou seu seguro saúde.

— Me dê meu telefone.

— Está do seu lado da cama. Preguiçoso.

Ele mordeu seu ombro.

— Não provoque.

Rindo, ela virou para pegar o telefone e ele aproveitou para sugar seu mamilo para dentro da boca. Ela engasgou e caiu para trás.

— Espertinho.

Ostentando um sorriso orgulhoso, ele deslizou a mão até sua caixa torácica.

— Sempre. — Pegando o telefone, ele fez uma ligação.

Seu cabelo estava caído em cima da testa, os olhos ainda sonolentos, a voz lânguida. E ele era dela. Ele sabia de tudo, e ainda assim escolheu ser seu. Era um presente que ela seguraria com toda a força de sua alma.

— O pessoal da Torre achou a mesma coisa? — Ela perguntou após ele desligar.

— *Oui*. — Ele colocou o braço ao redor dela novamente. — Parece que teremos de resolver isso a moda antiga.

Ela parou sua resposta quando o telefone dele tocou novamente. Desta vez, o que ele ouviu o fez franzir a testa e entrar em modo de alerta.

— Tenho que ir para resolver uma questão da Torre. — Ele disse depois de desligar. — Vou ligar assim que terminar. — Com um beijo forte, sua mão acariciou seu corpo novamente.

Coisas desconhecidas rondaram seu coração quando ela o assistiu passar pela porta dois minutos depois. Nunca havia pensado em si mesma como uma mulher que precisava de um homem, mas talvez fosse porque jamais tivesse tido um homem que precisasse dela também. Já estava com saudades.

Quando estava se virando para ir tomar um banho, uma batida na porta a fez retornar. Mesmo sem olhar pelo o olho mágico, ela sabia que era Janvier. Sem dizer uma palavra, ele segurou seu rosto e a beijou com sofreguidão, uma mão enredando-se em seus cabelos e a outra pressionando seus corpos juntos. Ela

envolveu os braços ao redor de seu pescoço e apertou-se com força contra ele, sua fina camiseta não proporcionava qualquer barreira contra suas carícias.

\*\*\*

— Ok, — ele disse quando se afastaram para tomar fôlego, suas respirações arfantes, — realmente tenho que ir agora, *cher*. — Apesar de suas palavras, Janvier beijou Ash novamente, sentindo que era quase impossível conseguir deixá-la. Sentindo-se como se estivesse deixando metade de seu coração para trás.

— Nós conseguimos fazer isso. — Ash disse, com as mãos acariciando seus olhos. — Os adolescentes fazem isso o tempo todo, não é?

— Sim, — ele disse, embora soubesse que o que havia entre eles era muito mais antigo, muito mais intenso do que qualquer coisa gerenciável como simples luxúria hormonal. Mesmo que só estivessem juntos de verdade agora, sempre tinham sido um casal, pois assim que se conheceram, eles estavam perto um do outro mais frequentemente do que não. — Tenho que voltar para o clube Masque.

Ashwini franziu o cenho.

— Por quê?

— Não sei. O relatório veio de Trace, a ligação estava muito confusa para eu entender, exceto pelo nome do clube. — Ele se forçou a soltá-la. — Descubra o que puder sobre Felicity. Vou ligar assim que souber o que está acontecendo no Masque. — Desta vez, ele foi até a saída de emergência e desceu pelas escadas, da última vez esperar pelo elevador foi um teste muito difícil para seu autocontrole.

— Fique atento em relação a Khalil! — Ash gritou atrás deles.

— Eu irei! — Ele gritou de volta.

Entretanto, quando chegou no Masque após uma rápida passada na Torre para pegar seus kukris, ele descobriu que Kahlil não era a ameaça. Trace estava do lado de fora do clube com Adele pressionando um pano encharcado de sangue contra seu pescoço. Gotas escarlates pontilhavam a neve, apesar dos esforços da proprietária do clube para estancar o sangue.

— Eu estou bem. — Disse o magro homem quando Janvier se aproximou, sua voz adquirindo um tom úmido pelo sangue em sua boca. — A situação lá dentro se descontrolou quando Rupert entrou em sede de sangue e ficou muito mais forte do que deveria. — Ele tossiu, espirrando sangue na neve e afastou o pano do pescoço. As marcas de garra em sua garganta eram tão profundas que ele esteve muito perto de ter sua espinha arrancada, sorte que ele era velho o suficiente para ter sobrevivido a isso.

— Você ligou para a Torre?

Trace confirmou com a cabeça, seus olhos verdes estavam escuros pela dor, mas continuavam lívidos.

— É apenas um vampiro, eu sabia que Naasir conseguiria derrubá-lo. Ele já está a caminho.

Foi uma boa decisão, Trace ter chamado apenas um membro da Torre, ainda mais quando os recursos estavam tão escassos.

— Alguma vítima, ou refém?

— O clube já estava quase vazio. — Adele disse, aceitando uma garrafa de sangue de uma curvilínea mulher hispânica que correu pela rua com uma caixa cheia deles, suas elegantes calças pretas, o colete de veludo azul contra a camisa branca deixando claro que ela era uma residente do quarteirão. — Beba, Trace.

Enquanto o vampiro bebia, na tentativa de acelerar sua recuperação, Adele continuou a falar, a pele cremosa geralmente impecável estava manchada de sangue.

— Só estavam os clientes dos quartos privados, e eles foram trancados automaticamente lá dentro quando ativei o alarme do térreo.

— Isso não é bom. — Janvier retirou seus kukris, as lâminas curvadas se acomodando como uma extensão de seu corpo.

— Realmente não. — Adele deu outra garrafa de sangue a Trace. — Há mortais e imortais dentro dos quartos, e você sabe como sede de sangue pode se espalhar rapidamente. Khalil tinha um olhar estranho em seus olhos ontem à noite, não gostei daquilo, por isso fiquei pessoalmente vigiando os monitores.



Rupert. O nome finalmente penetrou sua mente.

*Merde.*

— A mulher dele, — Janvier disse. — Uma morena rechonchuda e bonita? — Ele vasculhou sua memória em busca do nome dela. — Lacey.

— Morta. — Trace respondeu, limpando a boca com a parte de trás da mão. — Ele rasgou sua garganta na nossa frente, no início parecia que os dois estavam transando, ele deve ter tapado sua boca para abafar os gritos.

— Eu não estava prestando atenção nele. — A angústia de Adele era nítida, a dona do clube tinha um coração estranhamente mole, ainda mais para alguém que tinha um estabelecimento como aquele. — Quer dizer, era Rupert. Sua maior perversão era utilizar os quartos privados do Masque quando sabia estar sendo monitorado. Poderia ser um pouco exibicionista, mas ele nunca machucou qualquer mulher; e esta, ele realmente adorava. Essa noite era a primeira vez deles juntos.

Trace retirou a tampa de uma terceira garrafa.

— Não havia como salvá-la, ele estava quebrando a porta antes mesmo de Adele bloquear os quartos. — Suas palavras seguintes foram duras. — Pensei que poderia derrubá-lo, mas ele estava muito mais rápido e forte do que deveria. De modo algum, alguém como Rupert poderia me vencer, e muito menos me jogar do mezanino até o andar de baixo como ele fez.

Janvier já havia visto um vampiro com sede de sangue dar um salto impossível através de um canyon, quase como se estivesse voando. No entanto, a grande maioria deles, entrava numa escravidão se sangue após a primeira alimentação, um estado de torpor que os tornavam bastante fáceis de caçar. Não parecia que Rupert fazia parte do último grupo.

— Tem como entrar no clube sem ser pelo corredor? — Ele ficaria vulnerável lá, o espaço estreito o impossibilitando de utilizar suas lâminas.

Neste momento, Naasir pulou do telhado, aparentemente ele havia corrido até o local, através de sua “estrada do céu” como ele gostava de dizer, o que significava que ele correu através dos telhados dos edifícios.

— Tem uma claraboia, — ele disse a Janvier enquanto empurrava o cabelo para trás.

Adele se agitou.

— É feita de vidro reforçado. Você não conseguirá quebra-lo.

Guardando suas duas armas, Janvier encontrou os olhos de Naasir, deu-lhe um aceno de cabeça, e então começaram a subir, o outro vampiro liderando o caminho. Quando chegaram à claraboia coberta de neve, Naasir levantou as mãos e bateu com duas garras, deixando longos sulcos na superfície. Janvier usou o cabo de uma kukri para aprofundar os arranhões e logo depois os dois recuaram e correram para pular em cima da claraboia, que se quebrou numa chuva de vidro que cortou a pele de ambos.

Se erguendo, Janvier viu Naasir fixado no chão pelo geralmente civilizado Rupert, que rosnava em cima dele como uma besta voraz. Seu rosto transformado numa máscara de sangue. Naasir deveria ter sido capaz de afastá-lo sem problemas, exceto que parecia que Rupert havia empurrado Naasir em cima de um grande caco de vidro que o havia deixado literalmente empalado no chão.

Janvier registrou tudo isso em apenas uma fração de segundo. Se posicionando, jogou uma de suas lâminas num movimento rotativo que havia aprendido em sua estadia na corte de Neha. A kukri letalmente afiada e perfeitamente equilibrada girou como uma das estrelas de arremesso de Ash e parou num baque trêmulo na parede atrás de Rupert. Cujas cabeça tombou para fora de seu corpo apenas um segundo depois, a lâmina havia feito um corte totalmente limpo.

Rosnando, Naasir o empurrou para longe, o sangue do vampiro havia jorrado por todo seu corpo.

— Por que você fez isso? — Ele rosnou, puxando-se fora do caco de vidro com irritação estampada em seu rosto. — Eu estava prestes a quebrar o pescoço dele.

— De nada, — Janvier disse, puxando a lâmina da parede. Limpou-a na perna de seus jeans, mas não colocou de volta na bainha. Como Adele havia dito, sede de sangue pode se espalhar numa velocidade alucinante. — Ele te feriu gravemente? — Pelo que ele tinha visto, o vidro trespassou o corpo de Naasir, mas

não havia atingido nenhum órgão vital. Deve ter sido o choque da lesão repentina que o impediu de reagir com a rapidez de costume.

Naasir respondeu com um rosnado.

— A camisa que Honor comprou para mim está rasgada e suja de sangue.

Isso significava que o outro vampiro estava bem, Janvier foi até a sala de controle de Adele seguido por Naasir e observou todas as telas. Dois dos vampiros estavam andando de um lado para o outro, parecendo inquietos, mas Khalil parecia sob controle, suas mulheres ilesas. Batendo no botão de desbloqueio, Janvier olhou para Naasir.

— Seria bom você demonstrar a eles o que uma possível sede de sangue pode acarretar. E se possível, e suas feridas permitirem, eu gostaria que você seguisse Khalil.

Naasir lhe deu um aceno de cabeça e um sorriso feroz.

— Não me importaria em comer o fígado de Khalil. Espero que ele me dê uma desculpa para fazer isso.

Sabendo que Khalil jamais enfrentaria o vampiro de olhos prateados diretamente, Janvier se voltou para Rupert.

— Droga, o que diabos aconteceu com você? — O culto colecionador de arte, tinha sido um bom homem, assim como Janvier tinha dito na noite anterior, mas quando examinou Rupert de perto, viu que ele estava usando um colar de intestinos.

Pressionando o punho contra à boca para controlar o fluxo de palavras que subiu por sua garganta, Janvier se obrigou a caminhar até o quarto privado com os lençóis encharcados de sangue que havia visto pelas câmeras de vigilância. Ele não viu Lacey imediatamente. Apenas o brilho do anel em seu dedo indicava que ela havia sido jogada no chão ao lado da cama, sua mão sendo a única parte visível.

Quando se aproximou, imediatamente desejou não ter feito. A doce e sorridente mulher que havia dito orgulhosamente que pertencia a Rupert, havia sido estripada. Pelo estado do rosto de Rupert, parecia que o vampiro havia

mastigado sua barriga com as presas, logo em seguida arrancado os intestinos com as mãos, sua mandíbula estava quebrada, a língua arrancada.

Isso não fazia sentido. Nenhum.

Até que Janvier pisou em algo que pareceu escorregar na sola de sua bota. Franzindo o cenho, ele se abaixou e achou o que parecia ser um pequeno saco de plástico. Não havia nada dentro, mas ele sabia o que os testes iriam revelar.

— Umber.

\*\*\*\*\*

Ashwini se encontrou com Ransom na academia da Associação meia hora depois que Janvier deixou seu apartamento. O outro caçador havia respondido a mensagem pedindo uma reunião mais cedo do que ela esperava, e agora os dois estavam sentados na fileira mais baixa da arquibancada que dava para o campo de treinamento ao ar livre. A perna de Ransom, com o gesso completamente coberto com assinaturas, inclusive a sua, estava apoiada sobre uma tábua que havia encontrado para proteger da neve, e as muletas estavam ao lado dele.

O campo de treinamento a frente deles estava uma grande bagunça de neve suja e gelo picado, depois do treinamento da manhã. A associação nunca limpava o local, e nem colocava proteção contra o vento e a chuva. O treinamento sempre acontecia sem importar as condições meteorológicas.

— Lembro de Bracken acabando comigo aqui num inverno, enquanto caía granizo do céu acertando meu rosto e minha cabeça. — Ela estremeceu com a lembrança. — Porra, aquilo doeu.

— Isso não é nada, — Ransom. — Teve um ano, que tivemos uma tempestade categoria três, chuva, ventos fortes, estilhaços e mesmo assim ele fez meu grupo completar todo o treino.

— Por favor. Uma vez, eu tive que lutar com Bracken dentro de uma inundação, a água chegava até minhas coxas.

Ransom bufou.

— Na minha época teve uma chuva de gatos caindo com as garras de fora.

Os dois se entreolharam e começaram a rir. Este era um ritual entre os caçadores que se formaram na academia nos últimos vinte anos, contar histórias cada vez piores sobre as aulas de Bracken. As sessões ao ar livre eram obrigatórias em todos os estágios de formação, mas o pior do treinamento, principalmente os que eram feitos a céu aberto durante os piores tempos, eram reservados para o último ano, pois vampiros tinham muito mais resistência a estas intempéries que os humanos.

— Um caçador que vacila com a visão de um pouco de neve... — Ashwini começou.

— ...é um caçador que rapidamente estará agradavelmente deitado num lugar quente, escuro e muito quieto, — Ransom terminou, e depois em uma imitação histérica do treinador físico da academia, acrescentou: — É isso que você quer, princesinha? É? Pois eu acho que não. Agora se mexa!

Eles riram novamente.

— Se ele viesse aqui agora, — Ransom disse. — E me dissesse para dar uma centena de voltas na área de treino com minhas muletas, eu diria ‘sim, senhor’, e começaria a me mover.

— Eu também, — Ashwini admitiu, — Acho que ele é uma das poucas pessoas no mundo de quem eu realmente tenho medo.

— Apenas idiotas não sentem medo de Bracken.

— Saki parece não ter medo dele.

— Eles fazem sexo regularmente. Uma opção inválida para nós. — Ransom bebeu um pouco do café que trouxe consigo para fora. — Então, Felicity Johnson.

— Conseguiu descobrir alguma coisa sobre ela? Sabemos que era uma frequentadora de clubes que desapareceu depois de se juntar a um vampiro rico.

Ransom pegou um donut dos quatro que ela havia conseguido salvar dos outros caçadores que estava ali mais cedo para preparar as sessões de treinamento. Ele mordeu, mastigou e engoliu antes de responder.

— Esta parte está certa, — ele disse. — Algumas das meninas que trabalham nas ruas disseram que ela trabalhou junto com elas por uns dois meses, isso foi cerca de um ano atrás.

O que se encaixava, com ela procurando vampiros que saiam do estilo baunilha.

— Cafetão?

— Não, mas as meninas disseram que ela gostava de atenção masculina, e que ela procurava constantemente sua aprovação. — Dando um gole no café, ele continuou. — Ela evitava cafetões, porque não queria ficar naquela vida a longo prazo, saiu rapidamente quando percebeu que os Johns poderiam machucá-la de verdade se ela não tivesse um protetor. Dizem que ela trabalhou um tempo limpando mesas, e às vezes contava os centavos, mas não voltou para as ruas.

— Ela sabia que se fosse mais profundamente, — Ashwini disse, começando a entender a mente da vítima, — ela ficaria presa nisso para sempre.

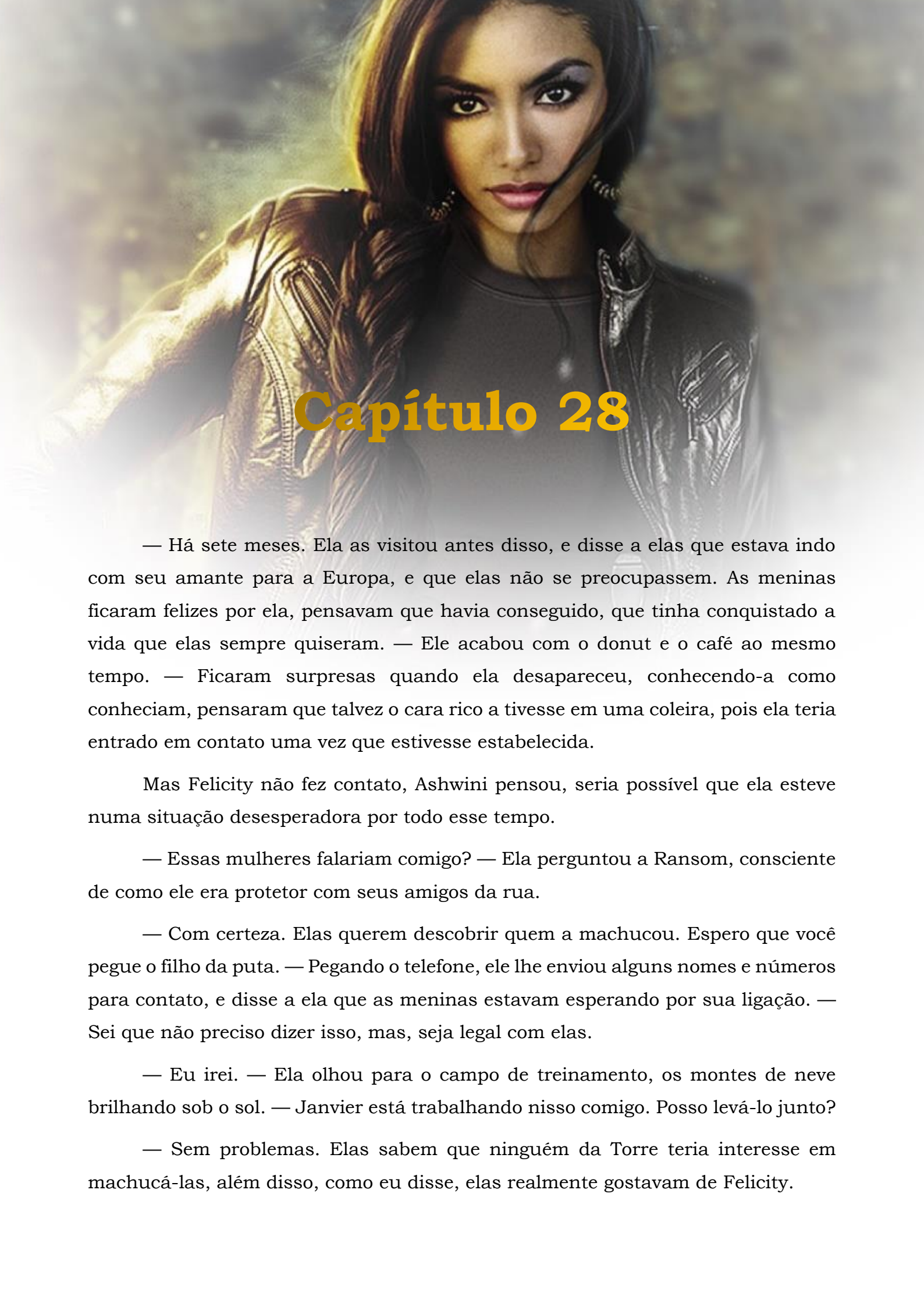
Ransom concordou com a cabeça.

— As meninas que trabalham nisso tem uma vida dura. Não tem como sair disso, quando seu passado está estampado em seu corpo e rosto. A coisa é, nenhuma das mulheres com quem conversei tinham nada de ruim para falar sobre Felicity. Ela saiu, mas nunca se esqueceu de suas amigas.

— Ela ficou de babá para uma das mulheres umas duas ou três vezes, e quando ela arrumou um amante rico, emprestou dinheiro a uma delas para que pudesse pegar um avião para atender uma emergência familiar fora da cidade.

Era uma boa pessoa, e fiel também.

— Quando foi a última vez que tiveram contato com ela?

A woman with long, dark, wavy hair and a black leather jacket is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The title 'Capítulo 28' is overlaid in a bold, yellow, sans-serif font.

## Capítulo 28

— Há sete meses. Ela as visitou antes disso, e disse a elas que estava indo com seu amante para a Europa, e que elas não se preocupassem. As meninas ficaram felizes por ela, pensavam que havia conseguido, que tinha conquistado a vida que elas sempre quiseram. — Ele acabou com o donut e o café ao mesmo tempo. — Ficaram surpresas quando ela desapareceu, conhecendo-a como conheciam, pensaram que talvez o cara rico a tivesse em uma coleira, pois ela teria entrado em contato uma vez que estivesse estabelecida.

Mas Felicity não fez contato, Ashwini pensou, seria possível que ela estivesse numa situação desesperadora por todo esse tempo.

— Essas mulheres falaria comigo? — Ela perguntou a Ransom, consciente de como ele era protetor com seus amigos da rua.

— Com certeza. Elas querem descobrir quem a machucou. Espero que você pegue o filho da puta. — Pegando o telefone, ele lhe enviou alguns nomes e números para contato, e disse a ela que as meninas estavam esperando por sua ligação. — Sei que não preciso dizer isso, mas, seja legal com elas.

— Eu irei. — Ela olhou para o campo de treinamento, os montes de neve brilhando sob o sol. — Janvier está trabalhando nisso comigo. Posso levá-lo junto?

— Sem problemas. Elas sabem que ninguém da Torre teria interesse em machucá-las, além disso, como eu disse, elas realmente gostavam de Felicity.

Ashwini se ajeitou e esticou o pescoço. Isso revelava muito sobre sua vítima.

— Então, — ela disse após alguns minutos de silêncio confortável. — Porque voltou tão cedo? Pensei que você é Nyree estivessem celebrando. Espero não ter estragado a festa.

— Não, vi sua mensagem depois da celebração. Tenho tempo de ler as chamadas enquanto Nyree recupera o fôlego. — Um brilho apareceu em seus olhos, seu rosto bonito, feliz e presunçoso. — Duas bibliotecárias do lugar onde ela trabalha tiveram gripe, ela precisou cobri-las. Eu iria dar aula esta tarde, mas troquei com Demarco pela aula da manhã, para poder ir buscar Nyree quando ela estiver saindo.

— É melhor me convidar para seu casamento.

— Está brincando? — Ransom sorriu. — Pretendo dar uma festa de arromba. Merda, eu vou me casar! — Ele balançou a cabeça, como um cão sacudindo a água do corpo. — Eu quero fazê-la feliz.

Ciente de seu antigo histórico amoroso, Ashwini apertou o ombro de Ransom.

— Estou feliz por você.

●\*\*\*

Uma hora mais tarde ela, encontrou Janvier no pequeno armazém onde ficava o café sangue que Ellie havia virado sócia. O Sangue por Menos, ficava fechado de dia, mas havia um empregado que recebia os doadores de sangue. O vampiro atarracado que se parecia mais com um professor, do que com alguém que trabalha num café, os levou para uma sala e prometeu trazer as três mulheres quando elas chegassem.

Ashwini tinha escolhido aquele lugar, porque não queria deixar as mulheres numa posição desconfortável caso fossem vistas conversando. Não havia nada de estranho em uma garota que trabalhava nas ruas tentando ganhar um dinheiro extra com doação de sangue. Mas no momento, sua atenção estava completamente



focada em Janvier. Sulcos profundos marcavam os cantos de sua boca, os olhos sem brilho.

Tocando sua mandíbula com os dedos, na luz fria do café sangue, ela perguntou?

— O que foi? O que há de errado? — Só então ela percebeu que ele tinha tomado banho e trocado de roupa. Suas lâminas presas nas bainhas de suas costas, ele usava uma camiseta preta, uma jaqueta e um cachecol da mesma cor, se destacando contra a cor vinho tinto do sofá.

— Sente-se aqui.

Assim que se sentaram, ele pegou uma de suas mãos e lhe contou do horror que havia enfrentando no Masque naquela manhã.

— Lacey? — O choque a fez congelar; não conseguia acreditar que a mulher doce e amigável que estava adoravelmente apaixonada por seu amante tinha ido embora, assassinada pelas mãos do mesmo. — Você tem certeza?

— Sinto muito, *cher*. Gostaria de poder lhe dizer que ela não sentiu dor, mas isso seria uma mentira.

Se sentindo incapaz de processar o horror de tudo aquilo, ela se concentrou nele, dando um beijo em sua têmpora e passando a mão por suas costas.

— Sinto muito que tenha tido que ver isso.

Inclinando para frente com os ombros tensos, ele soltou um suspiro.

— Está parecendo cada vez mais que esta droga foi criada para causar justamente este efeito.

Ashwini apenas escutou Janvier. Ela sabia como ele era protetor com as mulheres, e que ele estava revisando todos os detalhes da noite anterior, se perguntando se poderia ter evitado isso.

— Rupert era uma boa pessoa até tomar essa droga. — Ela lembrou, enquanto pensava no quanto havia gostado do vampiro apenas ouvindo Lacey descrevê-lo. — Ele fez a escolha de usar esta droga. Ninguém, sequer Raphael poderia tê-lo parado a menos que ele estivesse na mesma sala no instante em que Rupert decidiu usar Umber.

Janvier colocou a mão sobre sua coxa.

— Obrigado, — ele disse após um minuto. — Eu precisava escutar isso, você espera matar vampiros como Khalil, mas este...

Ela enrolou a mão em torno de seu braço e colocou a cabeça em seu ombro. Lacey havia morrido em terrível agonia, mas morreu como uma mulher que amou. Ashwini sabia, que de tudo, a maior dor teria sido a traição de Rupert. O coração de Lacey havia se quebrado antes do corpo.

— Ela era tão inocente, Janvier.

Ele se moveu para colocar os braços ao seu redor, e pressionou os lábios em seu cabelo.

— Às vezes, esqueço que já não sou humano. Bastante vezes.

Ashwini não estava disposta a ignorar isso. Erguendo a cabeça e imobilizando-o com o olhar, ela lhe deu um olhar sincero.

— A humanidade, é o que fazemos dela. — Ela tinha visto muitas coisas horríveis feitas por mortais, para acreditar que eles eram livres da mancha do mal. — Você está triste por Lacey e por Rupert. E irritado com mortes que não eram para acontecer; — Duas chamas que haviam sido apagadas porque alguém decidira criar um veneno sedutor. — Esta é a humanidade em que você vive.

Ela viu sua garganta engolir convulsivamente, havia aros vermelhos ao redor dos seus olhos.

— Venha cá, — ele disse, por fim. — Preciso te abraçar.

Ela o abraçou em silêncio e permaneceram assim até ouvirem vozes vindo da parte de trás do café. Rompendo o contato relutantemente, os dois se levantaram antes de Aaliyah, Carys e Sina entrem na sala.

Era óbvio que Carys, a loira com frios olhos azuis e sardas polvilhadas na ponte de seu nariz, era a líder. Aaliyah, de pele escura, com altura de modelo e ossos delicados, tinha a voz suave e pesada pela tristeza. Já Sina era um contraste gritante com as duas, com o cabelo verde e uma franja reta que parava logo acima dos olhos oblíquos, um rosto largo e pele clara, ela sorria facilmente, mas este não chegava aos seus olhos.

— Por favor, — disse Janvier após o empregado do café apresentá-las. — Sentem-se.

As mulheres pareceram hesitar, mas logo em seguida se sentaram lado a lado no sofá de frente para Ashwini e Janvier. Quando o empregado do café entrou trazendo uma bandeja com suco de laranja e biscoitos, as mulheres ergueram as sobrancelhas. Ashwini se levantou, agradeceu ao vampiro, e sussurrou um pedido em seu ouvido. Logo depois, ele trouxe uma pequena garrafa de sangue.

Desta vez, o sorriso de Sina parecia questionador.

— A maioria das pessoas não percebem que sou uma vampira.

— Sou uma caçadora. — Mesmo assim, ela havia levado um minuto para detectar as presas de Sina, eram as menores que ela já vira, pequenas o suficiente para serem confundidas com caninos humanos.

— Minhas presas funcionam perfeitamente, caso esteja se perguntando. — Disse a vampira dando outro sorriso, antes de abrir a garrafa de sangue e tomar um gole. As outras meninas abriram suas garrafas de suco. — É só uma coisa genética estranha.

Ashwini não externou a outra pergunta que gostaria de ter feito, mas ela e Janvier se entreolharam, e decidiram que era melhor discutir aquilo mais tarde. Então, ela resolveu mostrar as mulheres o desenho do rosto da vítima.

— Esta é a amiga de vocês?

— Ela nunca pareceu tão quieta, sempre movia as mãos enquanto falava. Aquilo sempre me deixava louca. — Sua voz parecia dura, numa tentativa desesperada para esconder as próprias emoções, Carys afastou a foto. — O cabelo dela era loiro escuro, não loiro claro, mas sim, esta é Felicity. Grandes olhos verdes azulados e tudo o mais.

Tendo finalmente confirmado a identidade da vítima, Ashwini perguntou as meninas sobre as informações que haviam compartilhado com Ransom. Depois disso, ela disse:

— Vocês lembram exatamente quando foi que ela começou a falar sobre este novo namorado?

Sina franziu o cenho.

— Oito meses atrás.

— Você parece ter certeza disso. — Ashwini disse.

— Porque ela me contou no dia do meu aniversário. Nós quatro saímos para beber. E ela estava explodindo de alegria. Vocês se lembram?

As outras mulheres assentiram com a cabeça.

Aaliyah falou logo em seguida.

— Algumas semanas depois, Felicity nos contou que seu namorado a estava levando para Europa para fazer compras em Paris, Milão, Roma. Ela sempre amou revistas de moda.

Carys passou os dedos pelo colarinho de pele sintética do casaco que ia até a altura das coxas, como se esta fosse sua pedra de salvação.

— Ela nunca antes teve dinheiro para gastar com tais coisas, mas ela ficava feliz de apenas olhá-las.

— Vocês sabem qual o meio de transporte que ela usou para ir para Europa?  
— Ashwini inclinou para frente, os antebraços apoiados nas coxas.

Todas elas negaram com um aceno de cabeça.

— Não, ela apenas disse que a viagem era para breve. — Sina revirou os olhos e apertou os dentes. — Esta foi a última vez que nós a vimos, cerca de sete meses atrás. Acha que isso ajuda?

— Iremos verificar os registros das companhias aéreas. — Ashwini apostaria todo seu dinheiro que Felicity jamais havia deixado o país, a promessa de viagem para a Europa apenas uma mentira para criar uma pista falsa.

— Vocês sabem onde a amiga de vocês morava antes de encontrar um namorado? — Janvier perguntou enquanto empurrava o pratinho de biscoitos em direção a Aaliyah e recebeu um pequeno sorriso em troca.

— Sim. — Carys lhes deu um endereço de uma área particularmente desagradável no Queens.

— Felicity nunca lhes disse o nome de seu namorado, onde ele morava, ou algo do tipo? — Ashwini perguntou apenas para ter certeza. — Até mesmo a cor de seus cabelos.

Carys e Sina negaram, mas Aaliyah se endireitou de repente.

— Uma vez, ela disse que iria se mudar para uma agradável casa no Quarter, e que iria me convidar para tomar um café com bolos e teríamos que usar chapéus extravagantes e dizer ‘oh sim, meu querido e “te vejo em breve”, assim como fazem as vadias ricas. — Piscando diversas vezes seguidas, Aaliyah sussurrou: — Nós rimos muito disso.

Era uma pista frágil, mas traçava uma seta direta para o Bairro.

— Você se lembra de mais alguma coisa?

— Não, mas eu perguntei porque ela nunca mostrou o cara rico dela para a gente, você sabe, as escondidas.

— Aaliyah! — A o queixo de Sina caiu. — Você nunca nos contou isso.

— Eu não queria fazer Felicity se sentir mal porque o homem dela parecia ser um idiota de primeira categoria. — Usando a manga do casaco preto para enxugar as lágrimas, ela continuou. — O idiota disse que se ela dissesse a alguém que os dois estavam envolvidos antes que ele a levasse as compras, “para disfarçar sua origem”, tudo estaria acabado. E Felicity o queria tanto, que resolveu não arriscar contando dele para nós.

Fazendo uma pausa, Aaliyah acrescentou.

— Era estranho. Felicity nunca teve um cafetão, mas lembrando de tudo, esse cara entrou na cabeça dela exatamente como esses caras fazem, nos fazendo acreditar que sabiam de tudo.

Eles as faziam acreditar que eram onipresentes, Ashwini pensou, com o estômago fervendo de raiva, e que se ele foi cruel, era por culpa de Felicity. Maldito desgraçado.

— Tudo o que lhes contamos, não vai ser o suficiente para pegar ele, não é? — Carys perguntou se inclinando um pouco para frente.

— Você nos deu um ponto de partida, afinal sabemos agora quando isso começou. — Ashwini foi sincera com as mulheres, não queria desrespeitá-las enfeitando a realidade. — Qualquer coisinha, nos leva mais perto de saber o que aconteceu com ela.

— Será que você poderia... — Sina respirou fundo, os seios quase pulando para fora do decote que ela usava por debaixo da jaqueta rosa escuro. — Você vai nos contar quando descobrir?

— Eu prometo.

— Nós não temos muito dinheiro. — Carys disse erguendo o queixo e alinhando os ombros. — Mas queremos lhe dar uma lápide e um enterro digno. Ela não tinha família, foi criada num orfanato depois que seus avós morreram numa enchente quando ainda era criança.

Ashwini não ficou nem um pouco surpresa que o assassino de Felicity tenha escolhido uma presa sem família, tão ferida e com tanta fome de amor que estava disposta a se anular apenas para conseguir isso.

— O homem cujo o filho descobriu o corpo também que ajudar. — Ela disse para as mulheres enquanto pegava seu telefone. — Ele é um bom homem, talvez vocês possam trabalhar juntos e organizar um bom funeral para Felicity assim que seu corpo for liberado.

Cinco minutos depois, as meninas saíram com o número de contato de Tony Rocco, e Ashwini estava no carro de Janvier, pois havia ido encontrá-los de metro. Quando eles saíram, ela finalmente externou o que a estava incomodando.

— Como pode uma vampira ser forçada a trabalhar nas ruas? — Ela nunca pensou que sequer poderia haver tal possibilidade.

— Não, — disse Janvier. — Certas coisas são expressamente proibidas nos termos do contrato, entre elas a venda do corpo para a obtenção de lucros. O tamanho da punição não vale a pena o risco. Claro, isso não significa que elas estejam protegidas de abusos e maus tratos.

Ashwini lembrou-se do que havia visto na corte de Nazarach, das suas mulheres de joelhos, uma de cada lado do anjo, seus rostos pálidos, músculos trêmulos com os vestidos de noite de alta costura.

— Você está falando de Simone e Monique?

— Não. As duas fizeram suas camas, assim como Sina pode ter feito também.

— Ele parou atrás de um carro com uma pintura negra reluzente, que estava ao lado de um pequeno parque. — Ela tem cerca de cento e cinquenta anos.

— Isso significa que ao menos ela recebeu algum pagamento quando terminou o contrato. — Mesmo que um vampiro recebesse o valor mínimo obrigatório, ainda teria que ser suficiente para sustentá-lo por pelo menos um ano.

Dando a volta no carro, Janvier diss.

— Vampiros não são imunes as más decisões, ou má sorte. — Sua voz ainda carregava a lembrança sombria da carnificina que havia presenciado aquela manhã, da má decisão que havia posto um fim a duas vidas. — Também há a possibilidade dela ter escolhido viver assim, para alguns, cem anos já é uma vida demasiado longa, e acaba se tornando aborrecida. Ela pode ter alguma coisa por entrar em carros com homens estranhos que vão utilizar seu corpo sem saber que ela é muito fisicamente superior a eles.

Toda vez que Ashwini pensava que havia entendido a humanidade, ela descobria que nem sua habilidade poderia prever do que eram realmente capazes.

— O bastardo inventou essa viagem para Europa com Felicity para despistar.

— Também acho. Ele sabia que ela iria se gabar para suas amigas.

— Ela estava tão animada por estar tão perto de realizar seus sonhos. — Em sua mente, ela já formava uma imagem mental de Felicity, uma mulher vulnerável e leal aos seus amigos, que era motivada pela esperança de um futuro melhor. — Logo depois, ele a sequestrou e a machucou.

— Ela morreu faz pouco tempo. — As palavras de Janvier a sacudiram. — Ele a teve por meses.

— Quando encontrarmos este filho da puta, irei pessoalmente pregar suas bolas no chão, antes de cortá-las fora com uma faca cega.

— Creio que terá de entrar na fila, *cher*. — Ele deu um sorriso fraco. — Mas talvez, eu possa dividir a tarefa com você.

\*\*\*\*

Dmitri parou no centro do clube Masque e considerou o relatório que Janvier lhe deu. O Cajun havia estado na Torre por rápidos quinze minutos para tomar banho e trocar de roupa antes de ir se encontrar com sua caçadora, mas havia sido o suficiente.

— A situação com o risco de sede de sangue não era urgente na noite passada, — ele disse, com a voz mais grossa do que Dmitri jamais o tinha escutado falar. — Mas esta manhã, tudo mudou.

Dmitri concordava com a avaliação do outro macho. Ele assistiu a gravação das câmeras de segurança de Adele, vermelho tingiu os olhos dos dois vampiros presos nas salas privadas. Ele também havia sentido a energia obscura no ar enquanto andava calmamente em direção ao clube ao longo do bairro: uma mistura viciosa do arranhão do medo e emoção.

As ações rápidas de Trance, Janvier e Naasir tinham tomado para lhe dar com Rupert havia criado o medo, mas a violenta emoção da sede do sangue ainda permeava o ar e estava se tornando mais espreça a cada segundo. A luta com Lijuan havia desencadeado a agressão numa grande parte dos feitos, e agora eles queriam se render a estes impulsos ao invés de lhe dar com as consequências da guerra.

— Dmitri. — Os longos cabelos ruivos de Adele escovaram com o topo de sua bunda enquanto ela caminhava em sua direção, suas roupas sofisticadas não fazendo nada para esconder sua natureza territorialista. — O que pretende fazer sobre isso?

Ele deu um meio sorriso; sempre havia gostado de Adele, ainda mais agora que a havia visto lutar com fúria sombria contra os vermes de Lijuan.

— Vi você se mover como uma guerreira, Adele. — O cabelo trançado ao redor de sua cabeça, sua arma um machado de guerra que havia aniquilado vários do



renascidos. — Porque prefere gerenciar este antro de iniquidade, ao invés de fazer parte da Torre?

Adele bufou.

— Esqueceu, Dmitri, que te conheci há 500 anos, através do pecado, sexo e dor, e que você parecia gostar bastante deles?

Sim, eu gostava, Dmitri pensou, mas esta não era bem a palavra certa. Ele se afogava nas sensações, num esforço inútil para esquecer a perda que havia transformado seu coração numa polpa sangrenta, deixando seu peito oco e tomado pela escuridão. Mas Adele não conhecia seu passado, não havia ganhado este direito.

— Quero que entre em contato com todos os líderes vampiros do território. — Os de fora que haviam vindo para participar da luta, os que se pareciam com eles e estavam a ponto de escorregar da frágil coleira que mantinha sua sanidade. — Lhes diga para estarem na Torre até as seis horas. — Era um risco marcar um encontro para tão tarde, mas ele esperava que a convocações servisse para esfriar o sangue fervendo pela sede de sangue. — Atrasos são fortemente desencorajados.

Adele ergueu uma sobrancelha.

— Pretende aterrorizá-los, Dmitri?

Dmitri sabia como ser cruel, era seu trufo. Mas a situação atual, exigia medidas mais extremas.

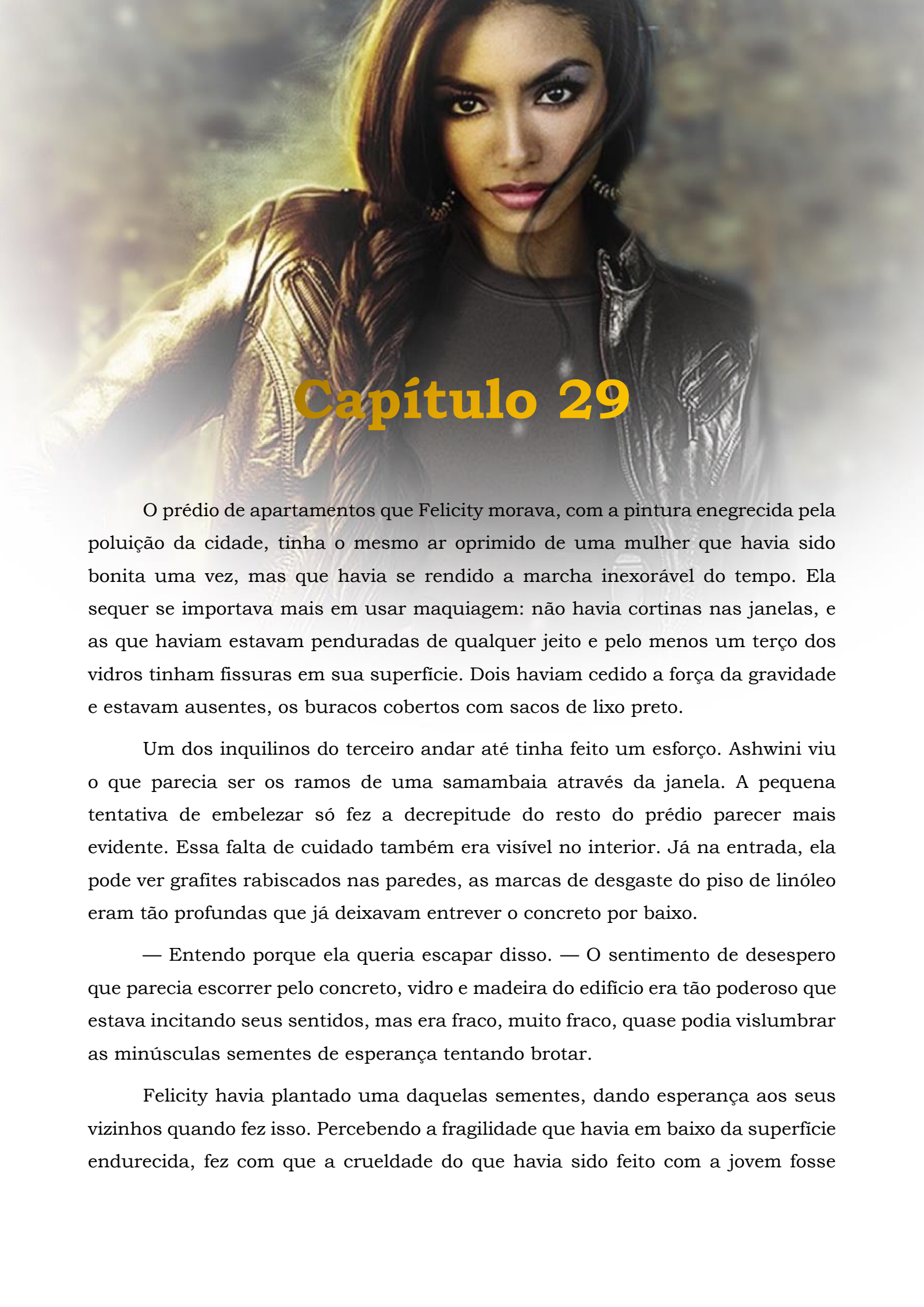
— Eles não iram se encontrar comigo Adele, foi Raphael quem convocou a reunião. — Ele havia falado com Raphael na noite anterior, quando os primeiros relatórios chegaram e recebeu sinal verde para tomar esta decisão caso fosse necessário, pois o arcanjo que era seu amigo, poderia causar o mais terrível pavor em todos os mortais e imortais.

— Parece, — Dmitri ronronou quando viu Adele empalidecer — que vocês precisam ser lembrados que a Torre está vigiando.

A voz de Adele mal era audível.

— Quem vai morrer hoje à noite? — Ela perguntou num sussurro.

— Todos aqueles que esqueceram quem é o maior predador desta cidade.



## Capítulo 29

O prédio de apartamentos que Felicity morava, com a pintura enegrecida pela poluição da cidade, tinha o mesmo ar oprimido de uma mulher que havia sido bonita uma vez, mas que havia se rendido a marcha inexorável do tempo. Ela sequer se importava mais em usar maquiagem: não havia cortinas nas janelas, e as que haviam estavam penduradas de qualquer jeito e pelo menos um terço dos vidros tinham fissuras em sua superfície. Dois haviam cedido a força da gravidade e estavam ausentes, os buracos cobertos com sacos de lixo preto.

Um dos inquilinos do terceiro andar até tinha feito um esforço. Ashwini viu o que parecia ser os ramos de uma samambaia através da janela. A pequena tentativa de embelezar só fez a decrepitude do resto do prédio parecer mais evidente. Essa falta de cuidado também era visível no interior. Já na entrada, ela pode ver grafites rabiscados nas paredes, as marcas de desgaste do piso de linóleo eram tão profundas que já deixavam entrever o concreto por baixo.

— Entendo porque ela queria escapar disso. — O sentimento de desespero que parecia escorrer pelo concreto, vidro e madeira do edifício era tão poderoso que estava incitando seus sentidos, mas era fraco, muito fraco, quase podia vislumbrar as minúsculas sementes de esperança tentando brotar.

Felicity havia plantado uma daquelas sementes, dando esperança aos seus vizinhos quando fez isso. Percebendo a fragilidade que havia em baixo da superfície endurecida, fez com que a crueldade do que havia sido feito com a jovem fosse

ainda pior. O monstro não só havia roubado sua vida, ele tinha brincado com sua alma.

— O responsável pela tortura e morte de Felicity merece queimar em cada círculo do inferno.

— Vamos garantir que ele, ou ela, acabe assando por um longo, longo tempo.  
— Janvier apontou para a esquerda, e a julgar pela quantidade de tinta, não era para a pichação da palavra “Fodaçe”. Seria engraçado se não fosse trágico. Abaixo da profanidade com erros ortográficos, estava escrito a palavra “escritório” e uma seta apontando para o corredor.

— Não tenho muita esperança de que haja alguém no escritório, — disse Janvier. — Mas o mundo pode ser uma caixinha de surpresas, às vezes.

— Sim, a maioria delas do estilo desagradável ou mortal. — Andando com ele através do corredor estreito, Ashwini desceu as escadas mal iluminadas que levavam um nível abaixo. Em frente a ela surgiu uma porta fechada com inúmeros panfletos publicitários colados na superfície, indicando promoções de lojas de pessoas que lutavam para criar uma comunidade naquele lugar sem esperança, e pequenos cartazes de procura a animais desaparecidos. Erguendo a mão, ela bateu na porta com os nós dos dedos.

Para seu espanto, a porta se abriu imediatamente para revelar um cara grande e barbudo, com a pele tão branca que ficou claro que tomar banhos de sol não era seu passatempo favorito.

— Sim? — Ele fez uma careta quando Ashwini mostrar sua identificação. — Então você é uma caçadora. Qual vampiro desprezível veio se esconder aqui?

Esperto, pensou. Talvez ele possa ser de alguma ajuda.

— Não estou à procura de um vampiro, — ela disse, — quero fazer algumas perguntas sobre uma ex inquilina sua.

O homem, que parecia estar na casa dos trinta, coçou a barriga. Seu tamanho indicava que ele tinha um grande amor pela cerveja e pelo fast food.

— Tudo bem, entrem. — Se afastando da porta, ele indicou para que entrassem no escritório ocupado por uma televisão que mostrava a reprise de uma

série criminal, um sofá mole com os estofos presos por um zíper, uma mesa soterrada sobre pilhas de papéis e várias cadeiras raquíticas de metal.

Ele desligou a TV e diss.

— Você quer sentar?

Não tendo certeza se as cadeiras iriam suportar seu pelo, Ashwini balançou a cabeça.

— Você é o síndico? — Perguntou apenas para confirmar, pelo que sabia, ele poderia muito bem ser o dono do lugar.

Estendendo a mão, ele coçou o queixo, desta vez, ela pode ouvir o som áspero da barba deslizando sobre a pele.

— Ah, sim, fui eleito tem mais ou menos dez anos. — Ele disse. — Meu nome é Seth. Estou fazendo meu segundo doutorado, por tanto é o emprego perfeito, especialmente porque ganhei um ganho nos fundos. — Ele fez uma careta. — Faço o que posso para consertar as coisas, mas os proprietários não me dão muito dinheiro, então tenho que deixar as coisas não essenciais de lado, como as pichações. — Ele esfregou a mão no rosto e respirou fundo. — Mas acho que você não veio aqui para me ouvir reclamar. Qual é o nome do inquilino.

— Felicity Johnson.

Seu rosto animado pareceu congelar, visivelmente alterado.

— Ah, não, algo aconteceu com ela, não é? Eu sabia que ela nunca iria deixar Taffy assim.

— Temo que ela tenha sido assassinada. — Ashwini procurou por quaisquer sinais de culpa quando deu a notícia, mas tudo o que viu foi dor.

— Quem faria uma coisa dessas? — Ele perguntou perplexo. — Ela não poderia fazer mal a ninguém.

— Então você se lembra dela, — disse Janvier, enquanto se encontrava na porta que ele havia fechado atrás de si.

— Sim, ela era uma menina doce e realmente legal. — Seu rosto já muito branco empalideceu ainda mais, e seu corpo pareceu oscilar antes dele se sentar na mesa atrás dele. — Tem certeza de que é ela?

— Ainda não fomos capazes de encontrar nenhum DNA ou impressão digital, — Ashwini disse mais suavemente do que teria dito antes de testemunhas a reação dele, — mas sim, acreditamos que seja ela. — Era esperar muito que o quarto que Felicity ocupava estivesse desocupado, mas se Seth havia guardando seu contrato de arrendamento, talvez fosse possível recuperar as digitais.

— A maioria dos inquilinos de um lugar como este, — disse o síndico olhando para a mesa transbordante, — estão tão zangados com a vida que só querem arrumar alguém para culpar, e eu sou um alvo fácil. Mas não para Felicity, com ela, não era assim. — Ele deu um sorriso trêmulo. — Quando eu consertei a porta do seu apartamento, ela assou muffins para mim. Eu nunca tinha comido bolos recém assados antes.

Outro vislumbre de quem Felicity havia sido, outra pontada de fúria contra a pessoa que havia acabado com uma mulher tão maravilhosa.

— Quem é Taffy?

— Oh, Taffy, era o gato dela.

Decidindo arriscar, Ashwini sentou em uma das cadeiras e apoiou os braços.

— A quanto tempo Felicity foi embora?

— Bem, faz mais ou menos oito meses que ela começou a se ausentar por um dia, ou dois. Ela me pedia para olhar Taffy, às vezes, isso é tudo o que eu sei.

Isso se encaixava com o relato de Sina, de quando Felicity havia começado a namorar o rico misterioso.

— Continue.

— Então ela começou a se ausentar mais e mais. — Ele engoliu em seco, sua voz rouca. — Imaginei que ela tinha desistido de seu contrato, mas ela não fez isso, ela voltava algumas vezes, mas isso foi cerca de seis meses atrás.

Mais um mês, estamos um mês mais perto, Ashwini pensou sentindo uma onda de exultação, mas não ousou interromper o relato do homem a sua frente.

— As últimas duas vezes que eu a vi, com talvez umas duas semanas de intervalo, — disse Seth com um olhar sombrio, — ela não parecia bem. Veja, a coisa com Felicity é que não importa o quão ruim ela estivesse, quão terrível era sua situação... — Ele parou um segundo, depois recomeçou. — Eu lhe dava uma folga de vez em quando, dando mais tempo para ela pagar o aluguel, pois eu sei que ela iria dar um jeito de pagar.

Ela balançou a cabeça.

— De qualquer modo, o que quero dizer é que ela estava sempre feliz, sabe? Como um coelhinho saltitando, ou algo do tipo. Toda enérgica e falante. — Seus ombros começaram a tremer, de repente lágrimas rolaram por seu rosto. Seus soluços eram altos, duros, reais, como se uma represa houvesse estourado sem aviso prévio.

Janvier tocou o cabelo dela, antes que pudesse chegar ao homem perturbado, e em seguida se aproximou segurando o ombro de Seth. Ele só soltou quando o outro homem voltou a se acalmar.

— Desculpe, — o síndico falou ainda ofegante, e levantou a barra da camiseta para limpar o rosto. — Eu tinha esperança de que ela estivesse vivendo uma vida maravilhosa, dentro de um iate no mediterrâneo, ou algo assim, mas eu sabia, sempre soube que ela nunca deixaria Taffy.

Um miado soou logo em seguida. Um pequeno gato cinzento deslizou pela porta e saltou em cima da mesa. O rosto de Seth enrugou novamente ao ver o gato, mas ele se recompôs e deu um suspiro trêmulo.

— Esta é Taffy, — ele disse antes do gato pular em seu colo. — Ela é tão doce quanto Felicity. Nunca fui um cara que gosta muito de gatos, mas quando Felicity não voltou. — Ele deu de ombros e acariciou o animal.

— Sinto muito. — Palavras não era o suficiente, mas era tudo o que poderia oferecer até que encontrasse a pessoa que tinha machucado Felicity.

— Eu quero ajudar. — Seth disse, levantando a cabeça e limpando os olhos com a parte de trás da mão. — Eu nunca vi Felicity triste antes. Mas nas duas últimas vezes, era como se ela... estivesse desaparecendo. Como se alguém tivesse roubado seu espírito. — Uma veia pulsou em sua têmpora. — Perguntei de seu

namorado estava batendo nela, mas ela disse que ele tinha apenas tomado muito sangue.

— Então, — Ashwini disse, analisando o que ele havia dito. — Ela não voltou a viver aqui, mas também não veio buscar Taffy?

— Ela disse que seu namorado não gostava de gatos. Eu disse que não valia a pena desistir de Taffy por causa de um homem, mas ela apenas riu. — Ele acariciou o gato novamente, a ação parecendo confortá-lo. — Nunca entendi porque ela ainda mantinha o apartamento, era desperdício de dinheiro. Ela sabia que eu iria cuidar de Taffy se ela precisasse. Espero que ela saiba.

— Acho que ela sabia. — Para Ashwini, as ações de Felicity diziam que a mulher se sentia segura aqui, e que tinha dúvidas suficientes sobre sua nova vida para agarrar-se a esta segurança tanto quanto podia. — Consegue se lembrar da data exata da última vez que a viu?

— Não, mas eu posso encontrar. — Abrindo um grande caderno preto que continha tantas anotações que ela não entendia como ele poderia encontrar qualquer coisa ali. — Não, isso foi quebrado, — ele disse quando Ashwini perguntou sobre o contrato de arrendamento. — Você gostaria de olhar as coisas dela ao invés disso?

O coração de Ashwini acelerou.

— Você as guardou? — Os pertences de Felicity certamente ofereceriam todo o DNA e impressões digitais que precisavam.

— O dono do lugar vendeu a maior parte para pagar o aluguel depois que ela não voltou, — Seth disse, — Mas eu fui lá antes e salvei o que eu sabia que era importante para ela. Alguns móveis que ela comprou no Exército da Boa Vontade, algumas roupas e livros.

— Seria útil de pudéssemos levar as coisas de Felicity conosco.

Em resposta a Ashwini, ele se levantou e foi até uma sala que ficava atrás do escritório e retornou de lá com uma caixa.

— Eu escondi aqui, para o dono não descobrir que eu o peguei. — Seu rosto se fechou novamente. — Eu esperava que ela voltasse.

Ele colocou a pequena caixa lamentavelmente sobre a mesa em frente a Ashwini, e depois sentou-se, e esfregou a cabeça de Taffy com os nós dos dedos, quando o gato saltou de volta para seu colo.

— Depois que você terminar, você poderia talvez, me dar a foto com a moldura vermelha? É de nós dois, quando fomos a um jogo de futebol com alguns amigos.

Foi então que ela entendeu a nota de lamento e angustia sob a tristeza. Era amor. Felicity havia sido profundamente amada e jamais havia reconhecido, ou talvez tivesse, mas foi incapaz de retribuir por motivos próprios. As pessoas nem sempre gostavam de quem deveriam, de quem era realmente bom para eles.

— Terei certeza que esta foto volte para você. — Ela disse.

— O funeral dela...

— Conhece Sina, Carys e Aaliyah?

Ele acenou com a cabeça.

— Vou falar com elas, cuidaremos de Felicity.

Tantas vidas, Ashwini pensou, Felicity havia tocado tantas vidas.

Incapaz de deixar Seth ali sozinha, com um gato no colo e lágrimas nos olhos, ela perguntou.

— Você tem alguma família na cidade? Amigos?

— Sim, — ele respondeu com voz áspera. — Mas eu preciso ficar sozinho agora. Preciso tentar entender.

Ashwini não teve coragem de dizer que não havia como compreender isso. Deixando-o com sua dor, ela ficou em silêncio até colocar a caixa com os poucos pertences de Felicity dentro do carro. A primeira parada depois disso foi no laboratório forense da Sociedade, onde um técnico olhou a caixa e pegou uma foto com moldura preta, que parecia ser uma boa superfície de impressões.

A foto era de Felicity em pé em cima de um telhado, com os braços erguidos e os pés afastados enquanto olhava em direção a Torre. Uma clássica foto turística, e ela parecia jovem e cheia de esperança.



O técnico forense também pegou uma pequena escova de madeira com o cabo esculpido.

— Talvez possamos usar os fios de cabelo no exame de DNA... sim, sim, podemos, o folículo ainda está ligado. — O homem começou a puxar meticulosamente fio por fio para fora da escova.

Enquanto isso, uma mulher pegou várias molduras de fotos, um número grande demais para ser apenas de Felicity e Seth. Mas algumas combinaram com a imagem do corpo encontrado. Para confirmar, a tecnóloga também pegou um crachá de uma loja de fast food com o rosto e o nome de Felicity.

— É ela, sem dúvida.

O DNA só iria dar a confirmação final, mas na mente de Ashwini não havia sombra de dúvidas de que a vítima era Felicity Johnson.

Pegando o resto dos pertences de Felicity, ela se virou para Janvier.

— Vamos para algum lugar que seja bonito, para podermos ver isso. — Parecia um insulto a Felicity analisar isso no ambiente frio e clínico onde estavam.

— Eu conheço um lugar, — disse Janvier enquanto voltava para o carro.

Observando a cidade passar através da janela, o chão coberto de neve em uns lugares e limpos em outros, ela se manteve em silêncio. Não havia necessidade de falar. Ela tinha visto a mesma tristeza sombria que pesava em seu coração, estampada no rosto de Janvier. Quando ele virou para o estacionamento de um parque perto do Mercado Chelsea, pensando que talvez ele quisesse parar para comprar um café, ela se surpreendeu quando ele virou para o parque.

Linhas férreas que originalmente haviam sido usadas para passagem de trens de carga, foram transformadas em espaços verdes. Nos dias de verões, centenas de Nova-iorquinos vinham pegar um pouco de sol, dar um passeio, ou simplesmente sair. Não era um lugar popular apenas entre os vampiros e mortais. Anjos também gostavam de passear por ali, e muitas vezes se sentavam nos trilhos especialmente reforçados, deixando suas asas pairarem ao lado. Ashwini já tinha visto dois deles observando o fluxo de táxis amarelos enquanto comiam sorvete,

quando um menino de sete anos se inclinou no parapeito próximo a eles e começou a fazer um milhão de perguntas.

Um longo campo gramado, flores silvestres e trepadeiras criavam uma escultura verde transformando a linha férrea suspensa num paraíso da jardinagem. Também havia pássaros e borboletas, e suas canções que enchiam o ar nos dias ensolarados de verão.

Naquele dia, a luz do sol não havia conseguido banir a neve que se acumulara nos bancos de madeira, com as pessoas gostavam de se sentar quando o clima estava quente. Mesmo assim, o lugar ainda era bonito, cercado pelo coração pulsante da cidade. Os jardineiros permitiram que as plantas e árvores crescessem livremente no inverno, de modo que, ao invés de folhas estéreis de um parque bem cuidado, havia gramíneas ondulantes que tinha ultrapassado a camada de neve com coragem e resiliência, e galhos de árvores nus contra o céu.

Janvier colocou a caixa com as coisas de Felicity em cima de um pequeno bloco de madeira depois de limpar a neve, e depois caminhou em direção a uma árvore no centro do jardim.

— Venha cá, *cher*. Veja isso.

Juntando-se a Janvier em baixo da árvore, ela ofegou. Havia uma delicada escultura que estava parcialmente escondida sob a neve. Minúsculas fadas de bronze saíam através de um pequeno buraco escavado no tronco, todas na ponta dos pés e em prontidão para assustar os amigos que estavam conversando. Cada escultura tinha uma requintada riqueza de detalhes, todas com características únicas.

— Como sabia que isso estava aqui? — Ela perguntou sentindo o coração doer devido a efêmera beleza da peça, provavelmente os visitantes que descobrissem aquilo não iriam resistir a levar uma peça ou duas para casa.

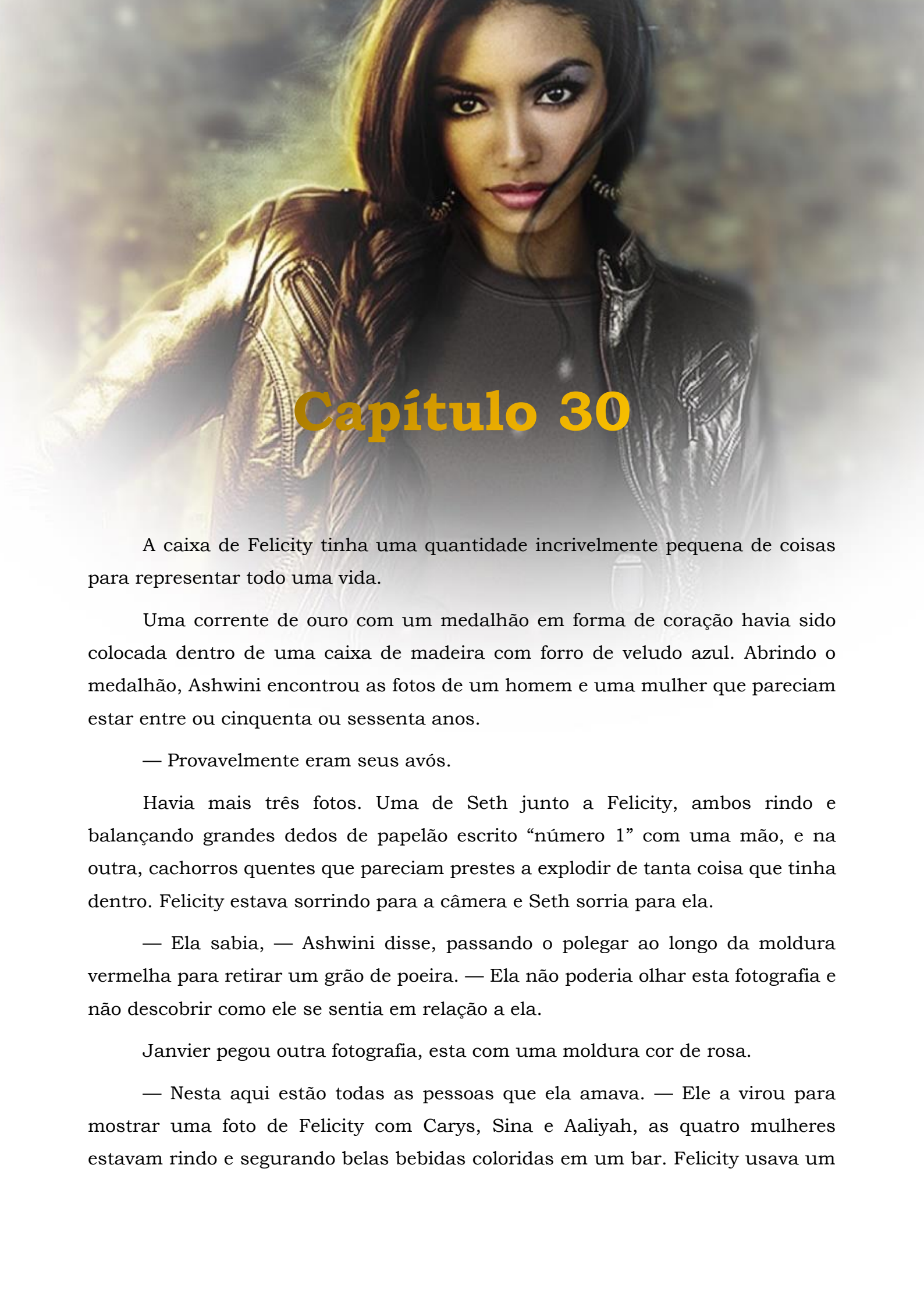
— Foi Aodhan que fez. — Janvier respondeu. — Ele a colocou aqui faz três noites com a ajuda de Illium. Segundo ele, são pequenas faíscas de risos eternizadas em bronze, destinadas a viajarem a qualquer lugar onde elas serão necessárias. — Pegando uma fada que estava sentada com o queixo apoiado nas mãos, o pequeno o rostinho expressando alegria para o mundo ao seu redor, ele

entregou para Ashwini. — Para quando Felicity for colocada para descansar. Acho que este se adapta bem a uma mulher que nunca foi triste.

Ashwini sentiu uma onda de crua emoção lhe atravessar e beijou sua bochecha antes de colocar a minúscula peça no próprio bolso, se certificando que o rosto da fada ficasse do lado de fora para que continuasse a admirar o mundo. Logo em seguida, limpando a neve dos bancos, se sentaram em frente à mesa de madeira um em frente do outro.

Apesar dos altos edifícios ao redor, Ashwini não se sentia sufocada. Os sons fragmentados do tráfego, carros, buzinas e conversas que vagavam até eles a partir do outro lado da rua, somaram-se ao sopro do ar e as sombras das asas de um esquadrão angelical que passava por cima deles naquele exato momento. Tudo aquilo parecia gritar a palavra “liberdade”. Aquele era um ótimo lugar para visitar o passado de Felicity, para ver quem ela era antes que um monstro decidisse tratá-la como algo descartável.

Ashwini ergueu a tampa da caixa.

A woman with long, dark, wavy hair and a black leather jacket is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm, golden light. The title 'Capítulo 30' is overlaid in a bold, yellow, serif font.

## Capítulo 30

A caixa de Felicity tinha uma quantidade incrivelmente pequena de coisas para representar todo uma vida.

Uma corrente de ouro com um medalhão em forma de coração havia sido colocada dentro de uma caixa de madeira com forro de veludo azul. Abrindo o medalhão, Ashwini encontrou as fotos de um homem e uma mulher que pareciam estar entre ou cinquenta ou sessenta anos.

— Provavelmente eram seus avós.

Havia mais três fotos. Uma de Seth junto a Felicity, ambos rindo e balançando grandes dedos de papelão escrito “número 1” com uma mão, e na outra, cachorros quentes que pareciam prestes a explodir de tanta coisa que tinha dentro. Felicity estava sorrindo para a câmera e Seth sorria para ela.

— Ela sabia, — Ashwini disse, passando o polegar ao longo da moldura vermelha para retirar um grão de poeira. — Ela não poderia olhar esta fotografia e não descobrir como ele se sentia em relação a ela.

Janvier pegou outra fotografia, esta com uma moldura cor de rosa.

— Nesta aqui estão todas as pessoas que ela amava. — Ele a virou para mostrar uma foto de Felicity com Carys, Sina e Aaliyah, as quatro mulheres estavam rindo e segurando belas bebidas coloridas em um bar. Felicity usava um

vestido branco colado ao corpo e tinha um lenço de seda amarela com borboletas roxas em torno do pescoço. Ela parecia jovem, bonita e feliz.

A última fotografia era do mesmo casal de idosos do medalhão. Ashwini observou o trator do fundo, atrás um campo de terra que se perdia no horizonte, uma pá no canto do quadro, raios de sol que banhavam o rosto das duas pessoas sorridentes na imagem.

— Ela era uma menina do campo.

Os olhos de Janvier transformaram-se em pedras de malaquita, duros e gelados.

— Uma que veio para cidade em busca de uma vida melhor, e encontrar um homem que lhe oferecesse a segurança que desejava.

— Mas ao invés disso, ela encontrou um predador. — Era uma história mais comum do que se imaginava, haviam inúmeros predadores, sejam humanos ou imortais. Mas isso não significava que cada uma daquelas vítimas não merecesse justiça.

Sua determinação se firmando ainda mais, Ashwini voltou sua atenção para a caixa. A pequena estatueta de um gato atrás de uma bola, estava lascada no canto, um bule de chá branco pintado com pequenas e belas flores azuis, e uma caneta de uma rede de hotéis em cima de uma caixa com inúmeros papéis. Colocando a caixa de lado para ver mais tarde, Ashwini e Janvier continuaram a vasculhar.

Haviam enfeites baratos que pareciam ter valor sentimental para Felicity, mas que ela havia ficado com vergonha de levar para seu novo “lar”. Pelo que Ashwini sabia da personalidade de Felicity até o momento, esta vergonha havia sido instigada pelo outro.

A mulher que havia sido alegre, esperançosa e saltitante como um coelho, que planejava convidar suas antigas colegas de trabalho para um chá no quarteirão dos vampiros, não teria sentindo vergonha alguma de si mesma, não se não houvesse pressão externa.

— Então, é só isso, — disse Janvier removendo dois livros da caixa.

Não havia anotações na orelha, ou pedaços de papel escondidos entre as páginas.

— A caixa de sapatos, — ela disse na esperança de que Felicity havia deixando um fio para puxar, qualquer trilha, por mais frágil que fosse o que ela pudesse seguir.

— Ela não mantinha uma lista de supermercado adequada. — Ashwini mostrou a Janvier um lembrete de compras que Felicity havia rabiscado na página arrancada de uma revista. — Mas ela era compulsiva com suas finanças. — Este estavam numa pilha organizada presa por um elástico.

— Quando se é pobre, — Janvier disse, — a pessoa não esquece do valor do dinheiro.

Ashwini passou o dedo pelo elástico.

— Nunca fui pobre, a não ser durante o tempo em que estivesse por mim mesma. — Ela sempre iria se lembrar do dia em que saiu correndo de Banli House, fugindo do horror usando apenas frágeis chinelos que não fizeram anda para protegê-la dos quilômetros de cascalho e asfalto. As solas dos seus pés haviam ficado ensanguentada, pequenas pedras enfiadas em sua carne.

Mas a dor não havia importado. Tinha encontrado uma estrada escura e vazia e acenado para um caminhão pedindo carona, pensando enquanto subia na cabine, que naquele momento sua vida estava em suas próprias mãos. Ou pior, naquele momento ela acreditava que morrer nas mãos de um motorista de caminhão psicopata, era melhor do que acabar insana entre as paredes de Banli House.

Para sua sorte, o motorista não era um psicopata. Era apenas um homem solitário que gostava de conversar e que não havia visto nenhuma razão para não lhe dar uma carona até a casa de sua avó fora do estado. Naturalmente, Ashwini não tinha nenhuma avó fora do estado, mas essa havia sido a primeira história que conseguiu inventar.

— Aos quinze anos, e completamente sozinha, *cher*. — Janvier disse. — Acho que você sabe bem o que significa pobreza.

Ashwini lembrou de como tinha conseguido um trabalho lavando louças do restaurante onde o caminhoneiro a havia deixado. Seu salário era pago em refeições. Tinha dormido na floresta nas proximidades, e três dias depois havia ido embora, com medo de que não estivesse longe o suficiente. E ela havia conseguido ajuda dos motoristas que paravam para comer, pela primeira vez utilizando suas habilidades para separar os bons dos maus. E os bons, a levaram longe o suficiente para que ela se sentisse segura.

— O engraçado nisso, — ela disse com os olhos fixos na caixa de sapato. — É que eu fugi na direção contrária à de Felicity.

— Você foi para o campo?

Ashwini assentiu.

— Uma vez, eu vi um documentário que dizia que grandes pomares estavam sempre contratando pessoas para colheita de frutas. — Ela tinha planejado sua fuga para o verão, sabendo que não daria certo caso fizesse isso no inverno. — Eu me mudei e trabalhei muito duro, eu vivia no celeiro para economizar dinheiro para quando chegasse o inverno. Eu entrava quando todos iam para suas casas, e sai antes que os agricultores acordassem.

— Vai me dizer como foi parar na Sociedad? — Janvier perguntou num tom escuro e sedutor que a seduzia e a persuadia, fazendo-a se sentir viva.

Ashwini deixou o som afundar em seus ossos enquanto mergulhava em seu passado.

— Eu já estava a três meses nesta vida, quando Saki me encontrou no celeiro de seus pais. Ela foi uma das mulheres mais severas que já conheci. — Toda força afiada e paciência, — mas ao invés de me expulsar, ela sentou-se num fardo de feno e perguntou porque eu acreditava que viver daquele jeito era melhor que estar em casa.

Janvier a observava com silenciosa intensidade.

— Você disse a verdade.

— Sim. — Ela não sabia até hoje porque tinha resolvido contar, mas aquela conversa havia mudado o rumo da sua vida. — Ela me falou sobre a Sociedad,

disse que minha independência e resiliência me dariam uma vantagem. Havia sido uma escolha fácil. Era a primeira vez em minha vida que alguém me dizia que eu poderia ser boa em algo sem que precisasse mudar quem eu era. Parecia bom demais para ser verdade, e eu tinha certeza que iriam me rejeitar, mas isso não aconteceu. — Sua máscara de desafio havia rachado quando foi aceita, e a deixou exposta a visão aguçada de Saki. Foi quando a mulher lhe ensinou a primeira regra da Sociedade.

— *Seus companheiros caçadores sempre protegeriam sua retaguarda, e nunca usariam o que sabiam contra ela.*

— Eu tinha medo de voltar para Nova York para participar da Sociedade, medo que Arvi fosse me colocar de volta em Banli House. Mas eu também me sentia como se tivesse perdido meu irmão. — O amor nunca era simples. Ela poderia ao mesmo tempo odiar e amar Arvi. Uma vez ela tentou se convencer de que não sentia nada, mas a mentira havia sido grande demais para carregar. — Mas apenas o psicólogo da Sociedade poderia dar o aval para me internar novamente. Então eu fui para lá, e fiz tudo ao meu alcance para ser uma adolescente normal.

— E seu irmão? — Janvier perguntou suavemente. — Você foi encontrá-lo depois de retornar?

A mente de Ashwini voltou para aquele instante de tantos anos atrás, quando Arvi havia entrado na sala de conferência do QG da Sociedade. Nunca esqueceria do olhar selvagem em seus olhos, o cabelo bagunçado e a mandíbula sombreada pela barba grossa.

Ele parou no meio da sala a meio caminho de onde ela estava, o peito arfando, e falou:

— *Você está segura. Está viva.*

O alívio agonizante daquelas palavras ficaria gravado na mente de Ashwini para sempre.

— *Sim,* — ela sussurrou apertando a mão na parte de trás de uma cadeira enquanto observava o enorme abismo que havia sido criado entre os dois. Ela queria correr para seus braços, ao mesmo tempo que queria gritar e socá-lo,



impulsos igualmente poderosos que se chocavam um contra o outro e grudaram seus pés no chão. — *Eu teria morrido naquele lugar.*

Arvi tinha se encolhido.

— *Eu estava tentando te salvar.*

— *Eu sei.* — Graças a Saki, ela sabia que ele a havia denunciado como pessoa desaparecida, tinha contratado inúmeros detetives particulares na tentativa de encontrá-la. E não havia sido apenas isso, ele foi pessoalmente conversar com cada motorista de ônibus ou trem que pudesse encontrar, na esperança de que alguém se lembrasse dela. O que a havia feito chorar, apesar de toda a raiva e confusão em seu peito.

A expressão de Arvi havia sido desoladora.

— *Eu não poderia ter feito diferente.*

Essa havia sido a última vez que os dois falaram sobre quando ele a internou em Banli House.

— Sim, — ela disse a Janvier agora. — Eu vi Arvi. — Ela engoliu a bola que havia se formado em sua garganta. — Ele foi me ver, — ela disse, incapaz de enfrentar o emaranhado de emoções incitadas pela memória. — Mas não tentou readquirir minha guarda.

Sentindo-se segura contra a ameaça de ser novamente internada, Ashwini tinha se dedicado aos estudos da Sociedade, determinada a esquecer completamente a outra parte de si mesma. Havia descoberto a verdade sobre o que acontecera a Tanu e a sua mãe um mês após seu retorno, quando decidira enfrentar Arvi sobre isso. E havia visto seu “dom” como uma maldição, não queria mais fazer parte daquela família.

— Só quando fiz dezenove anos, que aceitei quem eu era e o que tenho dentro de mim. — Ela estava observando Tanu através do vidro de uma porta fechada quando isso aconteceu, e jurou que jamais se permitiria ser presa, percebendo que até o momento havia prendido a si mesma.

O sorriso de Janvier era fraco, seus olhos estavam escuros.

— Tanta história em tão pouco tempo de vida. Um dia você vai me contar o resto.

Ashwini deu de ombros.

— Tive mais sorte do que um milhão de outras pessoas.

— E os predadores? — Janvier perguntou num tom tranquilo, mas seus ombros estavam tensos. — Você deve ter sido uma garota muito bonita, alta, esguia, frágil.

— Eu estava mais para suja e raquítica. — Não que tais coisas fossem impedimentos para monstros. — Eu tive problemas uma vez, ironicamente não havia sido com pessoas estranhas, mas sim com dois trabalhadores agrícolas que conheci durante o verão.

Um homem a havia encurralado num galpão de secagem vazio que ela estava usando para dormir, enquanto o outro a tinha agarrado nos campos quando ela tinha cometido o erro de ser a última a sair.

— Mas eu já havia sido um animal encurralado uma vez, — ela disse para o vampiro que tinha a morte estampada em seus olhos agora. — Eu ainda tinha aquela força feroz dentro de mim, junto com facas que havia comprado com o meu primeiro salário.

A expressão de Janvier não amoleceu.

— Estes homens não criaram problemas para você, depois que os machucou?

— Eles poderiam ter feito, mas eu fugi em trens de carga que iam para outro estado nos dois casos. Sabia que não podia vencê-los. — Ela tinha se sentido desamparada, mas seu instinto de sobrevivência foi maior que seu orgulho.

— De repente, sinto uma forte compulsão para fazer uma visita a essas áreas.

— Não há necessidade. Voltei quando já tinha me tornado uma caçadora treinada. Eles não vão incomodar nenhuma outra garota. — Janvier ergueu uma sobrancelha, e ela disse. — Eles não estão mortos.

— Bom. — Ele disse com um sorriso lento e perigoso, antes de inclinar a cabeça em direção aos papéis. — Os documentos são de sete meses atrás, o que significa que ela não fez nenhum durante o último mês em que Seth a viu.

— Ela não podia, acho que nesta altura ela já era completamente dependente do desgraçado que a matou.

Estreitando os olhos, Janvier lhe estendeu um ticket que estava guardado em os documentos financeiros.

— É uma entrada para ópera. Creio que Felicity não tinha dinheiro para pagar algo assim.

Ashwini pegou e verificou o código de barras.

— Podemos verificar isso.

Concordando, Janvier voltou aos documentos financeiros, enquanto ela vasculhava outros pedaços de papeis.

— Seus registros mostram que sua renda diminuiu ao longo das últimas cinco semanas, — ele disse alguns minutos depois. — Pelo que eu posso ver, foi exatamente na época em que ela parou de fazer serviços de limpeza.

Ashwini lhe entregou um ingresso para uma exposição de arte. Sem códigos de barras, não tinham como perseguir quem havia comprado há seis meses e meio atrás. Colocando aquilo de lado, ela disse.

— Ele a convenceu a desistir, mas foi generoso com ela. — Ele pagava coisas para ela, mas não lhe dava independência financeira. — Parece algo que um abusador faria.

— Controle disfarçado de cuidado. — Os músculos da face de Janvier se moveram. — Ele já fez isso antes. Parece saber como fazer isso suavemente.

— Sim. — A constatação de que Felicity não havia sido a primeira, as outras vítimas tendo sido esquecidas, a deixou furiosa. — Opera, museu, outro recibo para um estilista. — Ela franziu a testa e olhou para o valor. — Cinco mil pagos em dinheiro. — Foi apenas um modo de enredar Felicity mais fundo em sua teia. Cinco mil não é nada para um vampiro antigo e rico.

— Ou um vampiro antigo que não gosta dos novos métodos de pagamento, — Janvier disse, — ou um jovem exibido.

— Eu apostaria em um vampiro antigo que sabia exatamente o que estava fazendo, ele sabe ser paciente, mas porque estamos nos limitando aos vampiros?

— Ela ergueu uma sobrancelha. — Anjos também podem ser bastante perversos.  
— Nazarach havia lhe ensinado isso. — Poderia haver um anjo por trás disto, um que estava usando um vampiro para fazer o serviço sujo.

— Irei investigar discretamente, ver se há algum anjo conhecido por ter preferências que poderiam chegar a esse tipo de feiura. — Abrindo um extrato bancário que ainda estava dentro do envelope, como se tivesse chegado depois que Felicity havia partido, ele parou. — Ela comprou algo em uma loja que é extremamente cara para uma mulher tão pobre. Estourou o cartão de crédito, e este cartão foi pago na íntegra apenas algumas semanas depois.

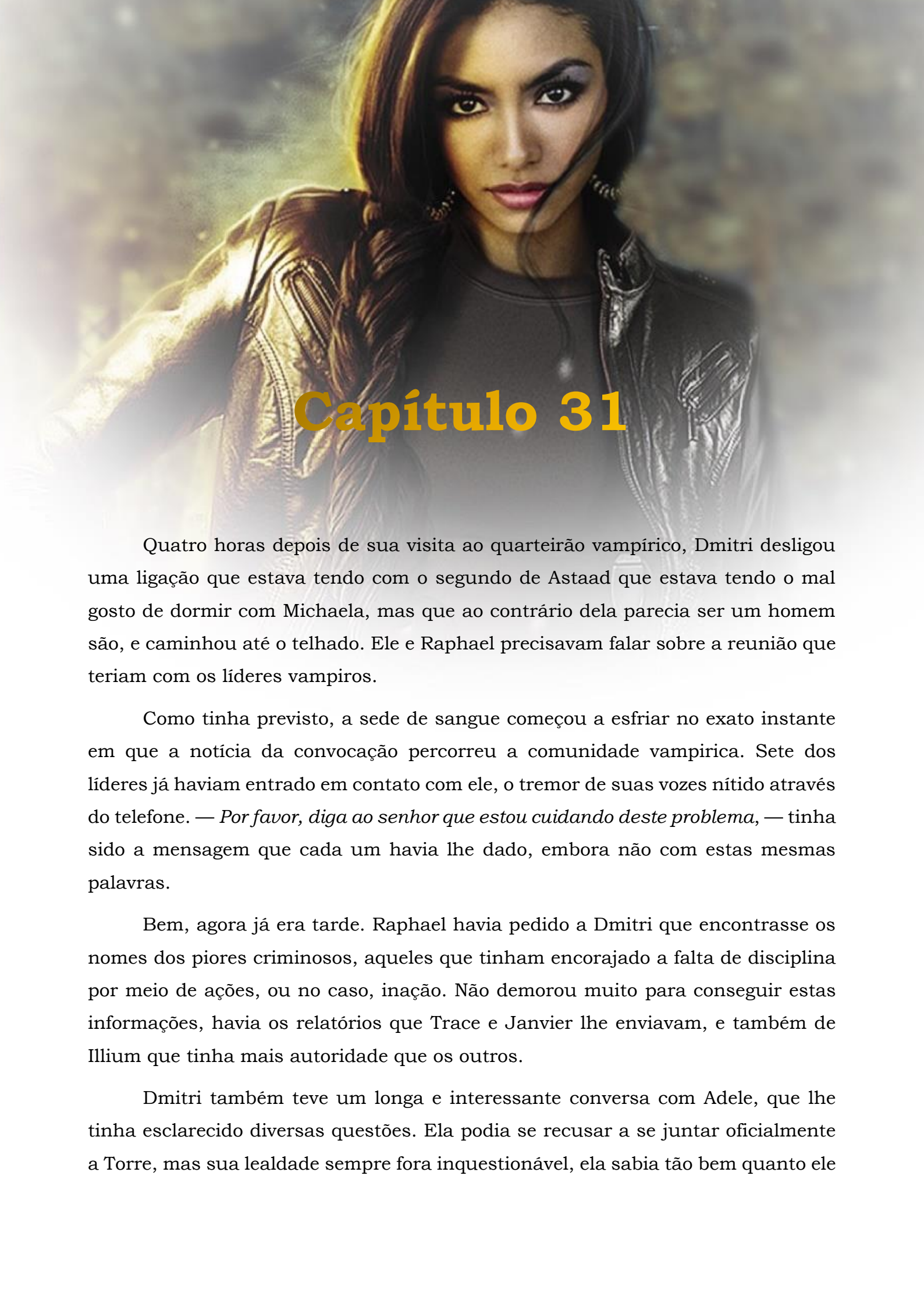
Ashwini olhou para o extrato, viu o nome do produto e olhou para um outdoor colado na parede de um edifício próximo.

— Foi um relógio masculino, — ela disse, o sangue rugindo em seus ouvidos.  
— Ela comprou um presente para o canalha.

Janvier seguiu seu olhar.

— Ele é frio e calculista. Sabe que bancos podem ser piores que policiais, e por isso garantiu que ninguém viesse a sua procura.

— Mas uma loja como esta, — ela disse enquanto lutava contra sua raiva, — com certeza tem câmeras de vigilância. — Talvez, apenas talvez, o monstro tenha ido com Felicity quando ela comprou o presente.



## Capítulo 31

Quatro horas depois de sua visita ao quartirão vampírico, Dmitri desligou uma ligação que estava tendo com o segundo de Astaad que estava tendo o mal gosto de dormir com Michaela, mas que ao contrário dela parecia ser um homem são, e caminhou até o telhado. Ele e Raphael precisavam falar sobre a reunião que teriam com os líderes vampiros.

Como tinha previsto, a sede de sangue começou a esfriar no exato instante em que a notícia da convocação percorreu a comunidade vampirica. Sete dos líderes já haviam entrado em contato com ele, o tremor de suas vozes nítido através do telefone. — *Por favor, diga ao senhor que estou cuidando deste problema,* — tinha sido a mensagem que cada um havia lhe dado, embora não com estas mesmas palavras.

Bem, agora já era tarde. Raphael havia pedido a Dmitri que encontrasse os nomes dos piores criminosos, aqueles que tinham encorajado a falta de disciplina por meio de ações, ou no caso, inação. Não demorou muito para conseguir estas informações, havia os relatórios que Trace e Janvier lhe enviavam, e também de Illium que tinha mais autoridade que os outros.

Dmitri também teve um longa e interessante conversa com Adele, que lhe tinha esclarecido diversas questões. Ela podia se recusar a se juntar oficialmente a Torre, mas sua lealdade sempre fora inquestionável, ela sabia tão bem quanto ele

que uma vez que se cometia um crime, não era possível se evitar uma punição. Mesmo que Raphael não fosse um ser caprichoso, e brutal sem qualquer motivo, ele também tinha que ser implacável quando se tratava de manter a ordem em seu território.

Sede de sangue significava carnificina. E isso era inaceitável.

No entanto, quando Dmitri saiu do elevador, entrando no hall envidraçado que o rodeava, ficou surpreso ao ver Elena e Naasir do outro lado. Eles estavam usando o telhado como campo de treinamento e batendo um no outro sem restrições. Não, percebeu depois de observar atentamente, isso não era verdade. Naasir não estava se movendo com sequer metade da velocidade com que geralmente de movia.

Não porque ele havia se ferido naquela manhã, mesmo que tenha sido grave, não era muita coisa para um vampiro com sua força e idade. Não, era porque os dois estavam apenas avaliando a força um do outro.

— Ela o chama de coisa tigre.

Dmitri virou-se para o arcanjo que estava atrás dele. Raphael não utilizava elevadores, o que significa que ele veio pelas escadas. O que também era altamente incomum. Dmitri supôs que ele não quis interromper a sessão de treinamento.

— Bem, ela parece estar certa. — Naasir era uma criatura única e terrível. — Ele disse algumas verdades a ela durante o jantar.

Os lábios de Raphael se curvaram enquanto mantinha os olhos fixos em Elena e Naasir. Eles estavam próximos agora, as adagas de Elena movendo-se rapidamente enquanto Naasir movia-se com graça e rapidez, era fascinante de assistir. Venon era mais rápido, mas se movia com a sinuosidade irregular de uma víbora. Já os movimentos de Naasir eram fluidos, felinos, estranhamente furtivos e ferozes.

— Ela parece estar aguentando, isso é admirável. — Ela já tinha cortado a garganta de Dmitri uma vez, em uma rua lotada de Manhattan, o que significava que a caçadora tinha notáveis habilidades, mas ela estava lutando contra um vampiro de seiscentos anos e não tinha para onde correr. — Naasir está ciente de

que ela ainda não é completamente imortal? — O outro homem não iria machucá-la de propósito, mas seria bom ele saber de modo a poder tomar cuidado.

— Sim, — o sorriso de Raphael se aprofundou. — Mesmo com a necessidade de se conter, ele está rindo. Você sabe o que isso significa.

— Ele está se divertindo. — Havia um número extremamente limitado de pessoas que podiam colocar um sorriso no rosto de Naasir, especialmente em uma sessão de treinamento. — É porque ela é tão imprevisível quanto ele. Não há regras, apenas instinto. — Isso equilibrava o fato de que Elena não era forte o suficiente para receber golpes com força total.

— As sessões com Janvier melhoraram esse aspecto de suas habilidades de combate corpo a corpo.

— Bom. — Havia sido Dmitri quem recomendara que Elena treinasse com Janvier. O Cajun era um lutador de rua infernal e Elena precisava de todas as habilidades que pudesse aprender; havia um número considerável de pessoas que gostariam de vê-la morta. Afinal de contas, ela era a manifestação viva do coração de Raphael.

Ainda observando a sessão de treinamento, ele enfiou as mãos nos bolsos de suas calças pretas.

— Trace entrou em contato. — O elegante vampiro, com preferências por arte e poesia, havia se recuperado o suficiente para vigiar Khalil durante algumas horas. Este último havia retornado ao Emaya algumas horas atrás e estava sendo vigiado por Mateo. — Ele encontrou um traficante de Umber, infelizmente parece que a cabeça do homem foi separada do corpo na noite passada.

— Trace acredita que seu fornecedor não gostou do fato de que ele não conseguiu manter a boca fechada, e eu concordo com esta teoria. — Quem quer que estivesse por trás disso, não queria se tornar conhecido, muito menos que seu nome chegasse a Torre. — O traficante era apenas um canalha de baixo nível, provavelmente escolhido por ter contato com vampiros ricos e entediados. Não acho que vamos encontrar qualquer coisa que nos leve ao fornecedor.

A expressão de Raphael se alterou para um foco impiedoso que apenas um membro do Cadre poderia ter.

— A aparição desta droga não é uma coincidência.

— Sim. Ainda estão com medo do que pode acontecer a seguir. — Havia sido um choque de ver a primeira batalha nos céus de Nova York. — Este é um sentimento restrito geralmente aos covardes que se esconderam ao invés de lutar. — Dmitri havia ficado feliz por não ter que lidar com tais inúteis e patéticos durante a batalha. — Lamento sobre Rupert. Ele lutou com coragem. Deve ter tomado o Umber em um momento de loucura.

— E a execução deve arrefecer a procura pela droga?

— Apenas um pouco. Mas para alguns, o incidente apenas emprestou um encanto mortal ao negócio. — Um jogo de Roleta Russa, a sede de sangue a distância de apenas uma amostra de Umber. — Se não pararmos o fornecimento, com certeza haverá mais incidentes.

Os olhos de Raphael foram até Elena quando ela conseguiu atingir a coxa de Naasir, mas sua asa foi torcida no processo.

— Um erro, — ele murmurou. — Ela não fará isso de novo.

Eles assistiram a luta por um minuto antes de voltar a conversa.

— É possível que este seja um plano de Charisemnon, ou outro membro do Cadre para enfraquecer a cidade. — O negro do cabelo de Raphael adquiria um brilho azulado com a luz que entrava pela vidraça. — Conversei com Keir, e ele me disse que uma droga com efeitos tão violentos em vampiros não pode ter sido fabricada com produtos químicos conhecidos.

Dmitri concordava, principalmente porque seus próprios laboratórios estavam tendo dificuldades para analisar o composto.

— Os últimos testes indicaram que é feito de elementos orgânicos e não fabricados, mas não conseguem distinguir o que é.

— Jason?

— Ele está questionando seu agente sobre o Umber, ele deve ter um relatório para nós hoje a noite, a partir de outro quadrante. Mas até o momento, o Umber parece ser um problema local. — Cruzando os braços, Dmitri encontrou o azul intenso dos olhos de Raphael. — Dos líderes vampiros, Severin e Anais são os



piores criminosos. Ambos têm se alimentando violentamente em público pelas últimas semanas. — Não é um crime em si, mas uma péssima escolha devido a situação atual.

Os dois sabiam que seus atos iriam encorajar e incitar os outros.

— Parece que Anais e Severin desejam ser meus convidados. Arrume-lhes acomodações após a reunião, — disse Raphael, num tom gelado. — Nós três teremos uma conversa particular assim que eu resolver este assunto com o Cadre.

— Michaela realmente está insistindo em dividir o território de Lijuan.

— Sim, e agora Charisemnon está ameaçando entrar em guerra contra ela. Ninguém está levando isso a sério, mas é algo que precisa ser resolvido.

— Você irá para o Refúgio? — Aquele era considerado um terreno neutro, a casa dos anjos crianças, e um santuário para os jovens que haviam sofrido as lesões mais graves durante a ofensiva de Lijuan. Galen e Venon haviam sido forçados a defender a fortaleza de Raphael localizada no refúgio, contra possíveis ataques.

— É seguro, — Raphael respondeu. — Michaela não irá cometer o mesmo erro de Lijuan. Ela é muito astuta e inteligente, onde Lijuan era apenas arrogante.

Dmitri entendia a diferença. Uma lutava através do poder, a outra através de jogos e manipulações.

— De qualquer modo, Michaela é o animal politicamente perfeito. Tão viciosamente manipuladora que venderia a própria mãe para ganhar pontos.

— É por isso que você é meu segundo, Dmitri.

— Eu estava falando com Dahariel mais cedo, não consigo imaginar porque um homem tão inteligente poderia ir para cama com alguém como ela.

— Você lhe disse, que como uma viúva negra, ela tem o hábito de sepultar os homens que a tocam.

Dmitri sentiu os lábios puxarem para cima.

— Posso ter lembrado de um arcanjo da Bizantina a muito tempo morto, ou de Uram que faleceu recentemente. — Ele apontou para além da janela, onde

Naasir empurrava Elena até a beira do telhado. — Talvez você devesse intervir. — Uma queda poderia esmagá-la contra a lateral da Torre.

— Não, acho que não.

Elena deu um rasteira em Naasir um segundo depois, e voltou para o centro do telhado. Ela respirava com dificuldade, Naasir rosnava. Se erguendo, ele a agarrou com raiva aparentemente disciplinada. Elena estava no chão com a mão de Naasir pressionando sua garganta um segundo mais tarde.

Ela bateu a mão na superfície dura e fria e soltando-a, Naasir estendeu a mão para ajudá-la a se erguer. Para Naasir, este era um grande elogio, significava que ele considerava o adversário digno suficiente para continuar a luta. Caso contrário, ele já estaria indo embora.

— Naasir não vai querer voltar. — O outro homem poderia trabalhar melhor que todos os outros sete, mas sua natureza se rebelava contra o isolamento a longo prazo de sua família. — Venon não é forte o suficiente para assumir permanentemente seu lugar em Amanat e precisamos de todos os outros aqui. Isso significa que dos sete, o único que estaria livre seria Naasir, e ele já esteve assim pelos últimos dez meses.

— Naasir pode não querer ir, — disse Raphael, — mas ele irá mesmo assim. — A confiança do arcanjo em seus homens era absoluta. — Ele entende a necessidade.

— Será que ele ao menos tem uma amante? — Naasir não se dava bem com a falta de contato físico, principalmente quando estava separado de Raphael e dos outros sete, e sua parceira em Amanat, embora fosse letal, tinha uma devoção que não se entregava aos prazeres da carne.

Diversão atravessou o rosto do Arcanjo de Nova York quando ele olhou para o homem que tinha sido amigo de Dmitri por muitos anos.

— Ele é uma criatura selvagem em uma cidade elegante e civilizada. Você acha que ele teria chance?

— Ele deve estar se afogando em mulheres disputando sua atenção.

— Não é de se admirar que Caliane esteja tentando civilizá-lo.

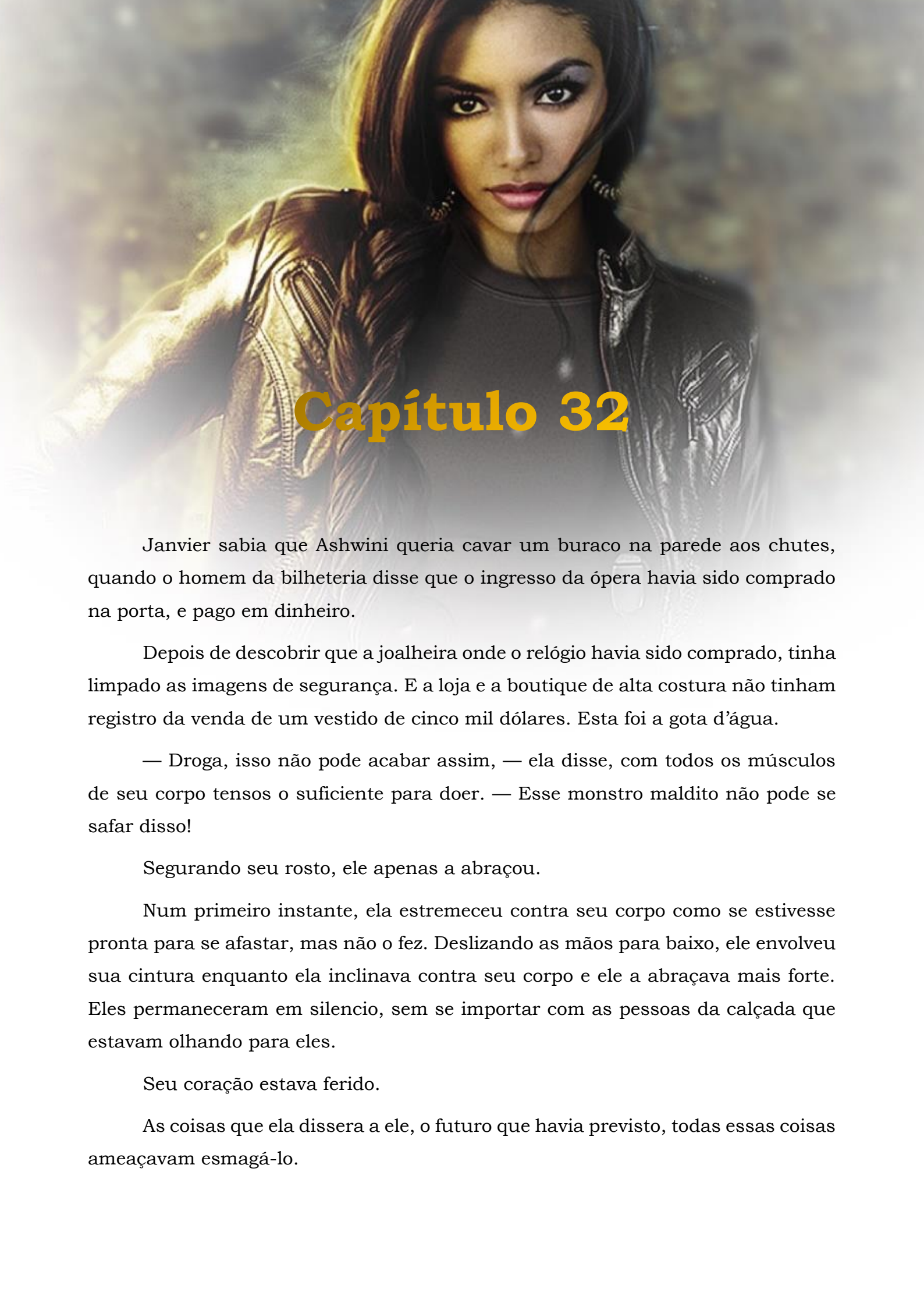
— Sua mãe deve temer que ele faça uma de suas donzelas cair em tentação.

— Eu já aliviei sua preocupação. Naasir gosta de um lanche doce e amável, mas quando ele escolher uma companheira, ela será uma criatura feroz com garras tão sangrentas e um coração tão selvagem quanto o dele.

Rindo, porque Raphael estava certo, Dmitri observou enquanto Naasir pegava as facas de Elena e fingia não saber o que fazer com elas, apenas para fazer Elena lhe mostrar como.

— Tenha cuidado Raphael, — ele disse, sabendo da lealdade absoluta de Naasir. — A coisa tigre está flertando com sua consorte.

— Claro que está. — Assim como ele, ela também é uma criatura feroz com um coração selvagem. Raphael empurrou a porta, a mão dele se erguendo para pegar a faca que Elena jogou em sua direção.



## Capítulo 32

Janvier sabia que Ashwini queria cavar um buraco na parede aos chutes, quando o homem da bilheteria disse que o ingresso da ópera havia sido comprado na porta, e pago em dinheiro.

Depois de descobrir que a joalheira onde o relógio havia sido comprado, tinha limpado as imagens de segurança. E a loja e a boutique de alta costura não tinham registro da venda de um vestido de cinco mil dólares. Esta foi a gota d'água.

— Droga, isso não pode acabar assim, — ela disse, com todos os músculos de seu corpo tensos o suficiente para doer. — Esse monstro maldito não pode se safar disso!

Segurando seu rosto, ele apenas a abraçou.

Num primeiro instante, ela estremeceu contra seu corpo como se estivesse pronta para se afastar, mas não o fez. Deslizando as mãos para baixo, ele envolveu sua cintura enquanto ela inclinava contra seu corpo e ele a abraçava mais forte. Eles permaneceram em silêncio, sem se importar com as pessoas da calçada que estavam olhando para eles.

Seu coração estava ferido.

As coisas que ela dissera a ele, o futuro que havia previsto, todas essas coisas ameaçavam esmagá-lo.

Viva o hoje, ele se lembrou. Mesmo que não pudesse ter isso para sempre, ele iria aproveitar cada último segundo das chamas da mente inteligente de sua Ashblade.

— Vamos caminhar, — ela disse quando recuou após beijá-lo inesperadamente na garganta. — Vamos limpar nossas mentes e tentar encontrar algum caminho que não consideramos antes. — Então, para seu deleite, ela estendeu o cachecol que estava prestes a cair do pescoço dele.

Ela fez uma careta quando viu seu sorriso.

— Sem mãos dadas.

Claro que foi exatamente isso que ele fez. Não para provocá-la, mas sim porque gostava de sentir suas palmas das mãos juntas, especialmente quando ela fechava os dedos em torno dos dele e os puxou até os lábios. Era como voltar para casa.

Eles passaram por turistas, empresários, e ocasionalmente por mães com carrinhos de bebê, proprietários de restaurantes tentando convencê-los a entraram para uma refeição, vendedores ambulantes chamando-os para verem relógios que eram uma “imitação genuína” e “falsas” bolsas de grife. Era caótico e barulhento, isto era Nova Iorque.

— Eu não tinha certeza se iria gostar de viver nesta cidade, — ele disse depois de alguns momentos. — Entretanto, a loucura daqui tem um jeito próprio de conquistar uma pessoa.

— Mas você sente saudades do bayou, não é? — Os olhos ricos e escuros viam diretamente dentro de seu coração, o que era direito dela. — Aquela velha cabana para onde eu te segui uma vez...

— Você quer dizer, o lugar onde você ameaçou me enterrar num buraco e em seguida jogar formigas de fogo em cima de mim?

Ashwini sorriu para o vampiro, que foi a única pessoa que já conseguiu arrancar esse comportamento dela. Naquele dia no bayou, ele havia atendido a porta com os pés descalços e usando apenas uma calça jeans com o botão aberto, o corpo preguiçosamente relaxado enquanto ele se apoiava no batente da porta da

casa cercada por água por quase todos os lados. Os ciprestes meio submersos da água eram exuberantes, com uma folhagem carregada de musgo espanhol, úmido e espeço, uma paisagem de beleza sobrenatural.

Musgo verde e brilhante, havia crescido nas laterais da cabana, transformando-a numa parte do pântano, e a direita, ela podia ver uma rede pendurada entre duas árvores submersas, mas alto o suficiente para não tocar a água. Em qualquer outra hora, ela teria subido na rede e soltado um suspiro, desfrutando do prazer de assistir o movimento da água no pântano, lento e sinuoso como uma mulher tentando seduzir.

Mas logo em seguida, seu único desejo era atirar na barriga de Janvier.

— Você me fez andar pelo pântano durante semanas, — ela murmurou agora. — Então, assim que eu tinha te encontrado, você fez as pazes com o anjo que você tinha chateado. — Também não tinha sido a primeira vez que ele fizera isso. — Você sabia o quanto me irritava quando você fazia isso?

Levantando suas mãos unidas, ele deu um beijo nos dedos dela.

— Eu estava apenas te cortejando.

— Apenas alguém com muito senso de humor consideraria aquilo como um flerte. — Ela mesma era uma dessas pessoas, pois confessava que havia se divertido bastante quando não estava com vontade de matá-lo. — Eu ia perguntar se aquela era sua casa.

— Sim, é perto de onde eu cresci. — Ela o viu olhar de soslaio para um ladrão de rua que os estava observando, e de repente, o adolescente de cabelo encaracolado e pele machada, decidiu que tinha algo muito urgente para fazer do outro lado da rua. — É um lugar simples, tranquilo. Não há coisa como pressa naquele lugar.

— Sim. — Ela poderia se imaginar relaxando com ele naquele lugar, afastando todas as preocupações do mundo. — Nós vamos lá assim que isso acabar. Assim que Felicity puder descansar em paz.

Para ela, os olhos de Janvier eram uma lembrança de sua terra natal, seu sotaque evocava a exuberância quente e úmida do pântano enquanto ele dizia.

— Sim, depois que Felicity puder descansar.

Eles continuaram andando sem rumo, o ar frio em seus pulmões, o sol brilhando no céu azul de inverno. Quando o telefone de Ashwini tocou, ela o retirou do bolso da jaqueta.

— A Sociedade verificou que todas as contas dela foram fechadas, e nossos contatos no banco disseram que ela fez isso pessoalmente.

— O assassino a convenceu a fazer isso, — Janvier disse com absoluta certeza. — Lhe disse que iria cuidar dela, que se ela o amava de verdade, faria o que ele estava pedindo.

Ashwini podia imaginar o bastardo, convencendo Felicity exatamente assim. Exceto... — Ela manteve o apartamento o quanto podia, e não desistiu do gato, — ele disse lentamente. — Eu poderia apostar que ela deixou uma conta em algum lugar.

— Ou, — Janvier disse, — deixou dinheiro com alguém que ela confiava.

— Não, — Ashwini balançou a cabeça. — Ele já havia se afastado de seus amigos a essa altura. Pedirei para os hackers da Sociedade pesquisarem em todas as instituições bancárias possíveis.

Ela mandou a mensagem, mas não tinha esperanças de que eles pudessem encontrar algo que o levassem ao assassino de Felicity, mesmo com duas tentativas de manter certa independência, era claro que no final, a jovem havia se tornado completamente dependente de seu “amante”. Provavelmente ela foi trancafiada logo depois de ter sido vista pela última vez, sem que pudesse ter acesso ao dinheiro que havia conseguido esconder.

— Pretendo conversar com os serviços das casas de anjos e vampiros que possam ser capazes de tal crueldade, — Janvier disse, seu cabelo se agitando com a brisa. — Muitas vezes, eles estão conscientes de mais do que os mestres possam desconfiar.

Esta era uma boa ideia.

— Eu poderia ajudar com isso. Posso entrar em contato com vampiros mais jovens, geralmente estes trabalham como servos.

— Vamos fazer uma lista antes de começar. — Ele ficou em silêncio por um minuto. — *Cher*, algo que Aaliyah disse está me incomodando.

— Sobre o modo como o vampiro mandou Felicity não contar sobre eles até que ela tivesse passado por uma “reforma”? — Isso também esteve roendo a parte de trás de sua mente por um tempo.

— Exatamente. Acredito que ela não tenha feito parte oficialmente dos gados deste vampiro, ele a fez acreditar que se ela fosse boa o suficiente, o agradasse bastante, então poderia se tornar uma das escolhidas. — Suas palavras eram afiadas. — Neste meio tempo, ele deve ter se encontrado com ela longe de seus locais habituais, onde haveria poucas chances de serem vistos juntos.

Quanto mais Ashwini aprendia sobre o homem que havia torturado e matado Felicity depois de ter esmagado seu espírito, mais ela o odiava.

— Isso coloca um monte de gente na lista de suspeitos. E ainda nos resta a questão de como ele pode causar ferimentos tão assustadoramente parecidos com os resultados da alimentação de Lijuan. — Mas vale a pena interrogar os servos, eles podem ter notado se uma mulher desconhecida apareceu alguma vez.

Janvier passou a mão pelo cabelo.

— Gostaria que não estivéssemos tão ligados a esta investigação. Alguém deve tê-la visto com ele em algum momento, se pudéssemos sair por aí perguntando.

Enquanto ele dizia as palavras, seus olhos pousaram numa criança risonha que acabara de puxar a mãe para ir olhar uma vitrine, depois olhou para um grupo de mulheres sentadas em torno de uma mesa em um café próximo, as cabeças inclinadas e rindo devido a algum segredo.

— Mas para fazer justiça a Felicity, teríamos de rasgar as feridas de uma cidade que ainda não parou de sangrar.

Ashwini não tinha uma resposta para isso, encontrava-se tão dividida quanto ele.

\*\*\*\*



Oito horas depois, manter os detalhes da morte de Felicity em segredo já não era um problema.

\*\*\*

Tendo se separado de Janvier para seguir com o plano de interrogar os servos que trabalhavam na casa dos imortais mais ricos e cruéis, Ashwini correu para a UTI no hospital para ver uma mulher que havia sofrido um espancamento.

— Onde está ela? — Sua voz saiu em um ofego, seu coração batendo a mil, ela recebeu a ligação enquanto estava na Sociedade fazendo um relatório para Sara, havia decidido ir a pé ao invés de enfrentar o tráfego caótico da cidade.

— Em uma sala no final do corredor. — A jaqueta de Janvier estava aberta sobre a camisetas preta, o cachecol tinha sumido. — Por aqui.

Ela começou a andar ao seu lado.

— Você falou com ela?

Ele acenou com a cabeça.

— Os médicos estão com ela. De qualquer modo, acho que ela vai reagir melhor a uma mulher neste momento.

Dolorosamente consciente do que Janvier não havia dito, do tipo de tortura que a mulher deve ter passado pelas mãos de um homem, Ashwini encontrou o olhar do anjo que montava guarda ao lado da porta fechada no final do corredor, asas azuis prateadas pressionadas contra a parede.

— Você a trouxe aqui?

— Sim, — Illium respondeu, seus olhos dourados estavam mais frios do que Ashwini jamais tinha visto. — Ela gritou pelo Central Park, nua e depois caiu no chão.

— Jesus. — Ashwini pensou no frio intenso, em toda a neve. — Ela tem hipotermia?

— Houve um início de congelamento, mas fui buscá-la logo após terem a visto .

— O que significa que ela tinha sido abandonada em algum lugar próximo, abandonada perto o suficiente do tráfego para conseguir ajuda. — Não para o bem dela, Ashwini pensou, mas sim porque aquele monstro sádico queria virar notícia de primeira página. Eram oito horas agora, o que significava que ele tinha despejado a vítima quando as pessoas estavam saindo do trabalho, ou saindo para jantar.

— Há marcas de pneus que vão do início ao final da rua. — Janvier disse, respondendo à pergunta que ela estava prestes a fazer.

— Ótimo, — ela murmurou. — Há câmeras de segurança?

— Alertei as equipes da Torre e da Sociedade a irem atrás de quaisquer pistas que pudessem encontrar, — Janvier disse. — Até agora não encontraram nada.

Ashwini colocou a mão sobre a barriga.

— É muito ruim?

Illium tinha entreaberto os lábios para responder quando a porta foi aberta por dentro por um vampiro alto e magro, com cabelo de cor castanho claro, características aristocráticas e pele clara. Ele usava roupas verdes, e tinha uma prancheta na mão.

— Ela perdeu mais da metade do sangue do corpo, — ele disse enquanto passava a mão pelo cabelo, deixando-o em pé. — Mas isso não explica sua aparência. Nunca vi nada igual e eu sou médico há séculos.

Ashwini poderia sentir a idade do vampiro pressionando contra sua pele, ele devia ter ao menos 700 anos de idade.

— Há algo que possa nos dizer?

— Nada que seja útil.

Em seguida outro médico saiu, desta vez uma mulher humana, seu cabelo prateado contrastava com o marrom profundo de sua pele.

— Pobre menina. — Pressionando o nariz entre o indicador e o polegar, ela olhou para todos que estavam a sua volta. — Um de vocês poderá entrar, mas tivemos de sedá-la para fazê-la parar de gritar, então não sei se ela conseguirá dizer alguma coisa.

Janvier e Illium ficaram do lado de fora e Ashwini entrou. Fechando a porta atrás de si com um leve ruído, preparando-se para o que poderia ver, ela se voltou para a cama. Eles colocaram a vítima em um quarto privado, com uma vista para as estrelas caídas que eram as luzes da cidade a noite. Entretanto, a mulher na cama não estava preocupada com a vista.

Ela estava deitada de costas, olhando para o teto com olhos castanhos puxados nas laterais, e que pareciam estranhamente embaçados. As maçãs do rosto afiadas ,naquele momento empurravam dolorosamente contra sua pele. Os olhos por si só já seriam o suficiente para lhe proporcionar uma beleza felina, deslumbrante e sensual. Sua única falha, se é que poderia ser descrita assim, era a marca de nascença que cobria o lado esquerdo de seu rosto e parte do pescoço, a cor escura como vinho do porto.

Mais uma vez, o assassino havia escolhido uma mulher que era um alvo fácil, alguém que havia sido ferida o suficiente pelo restante do mundo para simplesmente ignorar os sinais de perigo na esperança de obter amor e segurança.

Seu rosto havia colocado um alvo em si mesma, a maior parte de sua pele estava branca como papel, e aquela distância parecia como couro. Ashwini sabia que isto era uma ilusão, no final seria tão fina e frágil quanto Felicity havia sido. As unhas da mulher estavam rachadas e quebradas, o rosto macerado, o cabelo preto parecia muito fino, parecia que apenas um toque poderia transformá-la em pó.

Um curativo cobria sua garganta, a carne abaixo com certeza havia sido rasgada uma e outra vez.

Quando Ashwini ergueu o lençol delicadamente, ela viu hematomas e marcas de mordida em cada centímetro de pele exposta pela fina camisola do hospital. Entretanto, era onde a semelhança com Felicity terminava. Onde Felicity havia sido

uma casca mumificada, aquela ainda tinha um pouco de sangue no corpo e carne em seus ossos. Como se tivesse escapado antes que o processo estivesse completo.

Ashwini estava certa ao pensar que ele havia feito isso de propósito.

Soltando o lençol, tomando cuidado para não mexer com os fios da IV que saiam da mulher, ela disse:

— Eu sou Ash. Meu trabalho é descobrir quem fez isso com você. Por favor, me ajude.

Nenhuma resposta.

Sem desanimar, ela pegou uma cadeira no canto e se sentou ao lado da cama. Então começou a falar sobre Felicity e sobre o que tinham encontrado até o momento.

— Isso, — ela disse ao final, — a mesma coisa que este desgraçado fez com você, ele fez para Felicity, isso não é certo, ele precisa ser parado.

Nada.

Ashwini não tinha certeza sequer de que ela havia piscado durante todo o tempo em que esteve falando. Pensando que talvez a mulher simplesmente não pudesse responder, que estava quebrada demais para poder falar, Ashwini se levantou da cadeira. Entretanto, quando estava prestes a deixar o quarto algo chamou sua atenção.

Nenhuma mudança, nem mesmo um sussurro, mesmo assim...

Ela voltou para a cama e olhou para a mão frágil e emaciada que estava a centímetros dela. Ela não tinha visto quando subiu o lençol.

— Fale comigo, — Ashwini sussurrou, mas a mulher continuou a olhar para o teto.

Entretanto, a mão dela estava ali, em frente a Ashwini, como um convite.

Sentindo a garganta fechar e a pele esquentar, ela flexionou os dedos da própria mão. Seus instintos gritavam que ela tinha permissão, que a mulher presa a casca em que havia se transformado aquele corpo estava gritando com ela numa frequência que ninguém mais poderia ouvir. Mesmo assim, ela hesitou. Não seria

a mesma coisa que havia sido com o antigo e sábio Keir, nem como o adolescente que havia descoberto Felicity.

Quem quer que essa mulher tenha sido uma vez, agora carregava um terror infinito em suas veias.

Ashwini nunca havia dito a Honor, mas após seu rapto, seu corpo havia emitido gritos ensurdecedores de um terror que havia inundado Ashwini. Ela tinha vomitado várias vezes devido a força desta energia , mas todas as noites, ela se sentava ao seu lado no hospital, independentemente de tudo, com a mão entrelaçada junto a de sua melhor amiga.

Honor tinha sobrevivido aquela vil escuridão, ela precisava que Ashwini fosse forte o suficiente para lutar com seus ecos, para estar ao lado dela.

Assim como esta mulher fazia agora.

— Eu estou aqui, — disse Ashwini... E tocou as costas das mãos na mulher com a ponta dos dedos.



## Capítulo 33

O contato foi como um soco em seu estômago, feito por um punho de ferro frio, que expulsou todo o ar de seu corpo. Em seguida vieram as náuseas amarradas ao pânico esmagador que a fez querer se enrolar como uma bola no canto do quarto e se balançar até esquecer de tudo. Quebrando o contato, ela apoiou as mãos na cama e puxou goles desesperados de ar.

— *Cher.*

Ela sentiu Janvier entrar, seu tom estava carregado de preocupação.

— Não consigo fazer isso. — Sua voz era como vidro quebrado, áspera e irregular. — Não sei como ultrapassar o terror dela.

Movendo-se para tão perto que o calor de seu corpo lambeu a pele dela, Janvier pegou uma de suas mãos e a levou para a boca de uma forma que estava se tornando muito familiar. O beijo foi suave, como uma lenta e preguiçosa sedução, e não tinha nada a ver com a feiura que estava consumido a vítima. O prazer suave afastou as náuseas, acalmando sua frequência cardíaca.

Erguendo suas mãos juntas, ela esfregou o rosto com a palma de sua mão.

— E se eu ficar? — Ele perguntou. — Será que meu toque pode servir como uma âncora?

— Não sei dizer. — Aquele era um território inexplorado. — Tentei minimizar isso durante toda minha vida. É raro que eu sinta coisas boas, a maior parte é sempre maldade e crueldade. Então, eu prefiro não ver.

— Não é algo do qual deva se envergonhar. Ninguém quer viver numa vida atolada de terror.

Como ele fazia isso? Como podia ver tão facilmente o que ela sentia?

— Às vezes, acredito que me tornei uma caçadora para poder aliviar meu sentimento de vergonha, — ela sussurrou. — Que eu fui atrás de um inimigo físico, porque não consigo enfrentar isso.

— Entretanto, — Janvier disse, — Já ouvi histórias de outros caçadores dizendo que você salvou suas vidas, os advertindo para levar armas extras, ou alguém para dar suporte quando as informações da inteligência diziam que não era preciso.

— Isso é diferente. De vez em quando eu sei o que vai acontecer.

— E quando isso ocorre não há pesadelos? Você não paga qualquer preço para ter este conhecimento?

Ashwini não pode segurar seu olhar. Porque sempre havia tido sonhos antes de dar cada uma dessas advertências aos outros caçadores, os sonhos a haviam deixando encharcada de suor, o coração batendo tão rápido e forte que tinha lhe causado dor.

— Fique, — ela disse, sua confiança nele tão grande, que era como se fizesse parte de sua alma. — Se... Se eu parecer estar perto de gritar, me puxe para longe. — Era seu medo mais secreto, que a loucura a sugasse antes que ela soubesse que estava lá.

— Eu já te deixei alguma vez? Hmm? — Ele deu sorriso lento, que fez seu coração doer. — Mesmo quando você tentou me jogar num pântano lotado de sangue sugas?

— Não, tenho certeza que era um poço cheio de esterco fresco de elefante.

— Ah, sim, eu precisava ter certeza. — Outro beijo nos nós de seus dedos.

Mais equilibrada devido a brincadeira, ela apertou seus dedos, e em seguida, estendeu a outra mão e fechou com cuidado sobre a parte exposta do braço da vítima.

Mais uma vez, o impacto foi como um picador de gelo enfiado no cérebro. Cada segundo do terror e da dor que a vítima havia sofrido, tudo concentrado naquela força brutal e agonizante. Sentindo a mão que Janvier segurava apertado, enquanto a que estava na vítima continuava suave, Ashwini tentou ver através dos gritos, mas era muito viscoso, muito alto.

Uma gota de suor se formou em sua têmpora, e começou a deslizar para baixo. Seu estômago ameaçou se rebelar. E sufocando o desejo com pura força de vontade, ela estremeceu e pensou em Janvier, da caça através do pântano que a havia deixado suja e mal-humorada, mordida pelo que pareciam ser milhares de mosquitos, sem esquecer os outros insetos.

A memória íntima abriu caminho através dos gritos furiosos, uma fita estreita criando uma estrada verde musgo. Isso não afastou o pânico e o terror, mas as emoções formaram uma parede turva de terrível feiura em ambos os lados da estrada, pronta para fechar e sufocá-la, caso ela falhasse no teste. Puxando respirações superficiais, Ashwini pisou na estrada e começou a percorrê-la. Em seguida, sentiu-se cair num espiral de revirar o estômago, que parecia rir e zombar dela.

Ashwini pegou uma de suas adagas. Ninguém jamais iria aprisioná-la outra vez. Cortando a escuridão em pedaços ela saiu.

— Oh!

A mulher que havia estado imóvel na cama de hospital não era como ela se lembrava, mas como ela deveria ter sido: um rosto deslumbrante, de beleza única, altura média e cheia de curva, com cabelo preto caindo como seda até a cintura.

— Olá, — Ashwini disse. — Eu estava procurando por você.

— Nós não temos muito tempo, eu não posso...

— Não — Ashwini estendeu a mão, pegando a dela — você consegue passar isso.



O sorriso da mulher era triste, mas ao mesmo tempo resoluto, os ombros firmes.

— Não, não quero ficar, não quero viver. Não após o que ele me fez.

Lembrando-se da concha vazia sobre a cama, seus ossos frágeis como os de um pássaro, seu coração batendo sobre o toque de Ashwini e os olhos vazios. Ela entendeu que esta mulher não voltaria a viver, mesmo que seu corpo sobrevivesse.

— Você tem certeza?

— Sim. — Os dedos da vítima ficaram mais finos... Não, na verdade foram desaparecendo. — Não há tempo suficiente.

— Diga-me o nome dele. — Ashwini lutou para segurá-la por mais um batimento cardíaco. — Da pessoa que te machucou.

— Não consigo me lembrar. — Ela disse sem sofrimento, como se já estivesse muito além disso. — Mas eu lembro meu nome. É Lilli Ying. Eu tenho um pai e uma mãe. Por favor, diga a eles que eu não sofri.

Aquilo seria mentira, mas uma que Ashwini falaria como se fosse verdade.

— Eu prometo. Você pode me dizer alguma coisa sobre a pessoa que te feriu?

— O primeiro monstro queria nos causar dor. Isso lhe dava prazer sexual. — Uma fugaz centelha de medo trespassou a paz, mas foi rapidamente apagada. — Mas então, veio o outro, e ele foi muito pior. — Sua visão esmaeceu num sussurro distante. — O outro tinha asas, e bebeu a vida diretamente de mim.

— Espere, não vá! — Ashwini sentia como se estivesse tentando segurar a névoa. — Preciso de uma pista para poder encontrar estes monstros. Qualquer coisa. Qualquer coisa!

A sombra da vítima inclinou a cabeça, e olhou para ela sem qualquer expressão. Mas então, ela disse:

— O lugar onde nos trancaram cheirava a amendoim. Era estranho, me fazia ter vontade de comer bolinhos de manteiga de amendoim. Isso, amendoim. Era um grande lugar que cheirava a amendoim. — Ela se dissipou no ar, suas palavras mais como uma memória do que como um pensamento. — Eu tenho que ir.

— Para onde? — Ashwini perguntou, era a questão que assombrava todos os gritos que ela havia tocado no mundo, toda a dor que ela havia testemunhado. — É um bom lugar?

Sua única resposta foi um sonoro grito que pareceu despedaçar o mundo em um milhão de cacos brilhantes.

\*\*\*

Janvier segurou o peso de Ashwini facilmente quando ela caiu para trás. Alarmes soaram ao redor deles, o monitor cardíaco mostrou uma linha reta. Mas a mulher na cama... Ela tinha um sorriso no rosto, um movimento muscular que surgiu pouco antes dos alarmes apitarem em pânico.

Ele segurou Ash quando os médicos retornaram, ele a escutou dizer.

— Não, deixe-a ir, — com uma voz tão rouca, que ele só ouviu porque sua respiração atingiu seu queixo com estas palavras. — Ela quer ir.

Janvier deu a ordem em voz alto e, quando os médicos hesitaram, ele disse:

— Eu assumo total responsabilidade. Dê-lhe a paz que ela deseja.

Foi a médica mortal que afastou a mão do médico vampiro.

— Ele está certo. Ela sofreu um trauma grande demais. Iremos apenas prolongar sua dor se nós a ressuscitarmos.

Com os ombros caídos, o médico vampiro estendeu a mão e desligou as máquinas.

Os alarmes silenciaram, o único som que Janvier escutava era a respiração superficial de Ash. Esforçando-se para erguer as pálpebras e falhando, sua Ashblade abria os lábios e falou novamente.

— Ela disse que cheirava a Ame... — O corpo dela desabou, sua mente ferida tendo perdido a batalha contra a inconsciência.

Envolvendo um braço em torno de sua cintura, ele a segurou na posição vertical, para que ninguém percebesse que ela estava desmaiada. No corredor, ele

não pediu para Illium transportá-la voando. O anjo de asas azuis era um homem que Janvier confiaria as costas a qualquer momento, mas ele também era um ser com centenas de anos de idade, com memórias que Janvier não sabia se causaria mais dor em Ash, mesmo que ela estivesse inconsciente.

— Você pode ficar aqui e requisitar uma autópsia completa no corpo da vítima? — Ele perguntou ao outro homem. — Leve-a até o necrotério da Sociedade e para o patologista que examinou Felicity.

— Farei isso. — Ele ergueu os olhos dourados até o corpo amolecido de Ash e o suor que brilhava em sua pele. — Você precisa de uma carona?

Balançando a cabeça, Janvier disse:

— Avise a Dmitri que estarei fora da área até que eu entre em contato.

Illium apenas acenou com a cabeça.

Trinta segundos mais tarde, Janvier entrou com Ash no elevador. Apertando o botão da garagem, ele disse.

— Estamos quase lá, *cher*. — Por algum motivo, ele fora de carro para fazer os interrogatórios, mesmo quando uma simples moto teria facilitando as coisas, uma coisa na qual ele iria pensar mais tarde. — Não que eu esteja reclamando de ter você colada a mim.

— Há — A voz de Ash soava bêbada e fraca, as palavras eram arrastadas. — Sua mão...

— Você a esmagou em pedaços, — ele disse contra sua têmpora, mantendo suas emoções num controle rígido. — Agora você vai ter que beijá-la todinha, centímetro por centímetro.

Não houve resposta, seu corpo perdeu toda a tensão novamente. Balançando-a em seus braços, ele saiu do elevador e caminhou direto para seu carro.

Nunca a havia visto deste jeito, e ele odiava isso. Não era para ela estar assim, tão quieta e sem vida. Ash era sempre selvagem e perversa. Arrancando com o carro após fixá-la com o cinto de segurança, ele dirigiu não para seu espaçoso apartamento na Torre, mas para a casa dela. Ela se sentiria mais confortável na

própria casa, e, verdade seja dita, ele também. A Torre não cheirava a casa para ele. Não tinha o cheiro dela.

Chegando ao seu prédio, ele estacionou no mesmo lugar que o porteiro tinha usado na noite anterior. Levou mais dois minutos para leva-la até o elevador e entrar em seu apartamento depois que encontrou a chave que ele sabia que ela sempre levava no bolso esquerdo da calça jeans. Colocando-a na cama, ele tirou sua jaqueta e suas botas, assim como as armas.

— Este não é o modo como eu estava imaginando tirar sua roupa, — ele disse para preencher o silêncio que era como viciosas garras de metal em seu coração.

Não, ele jamais iria sobreviver a morte dela.

Sua pele parecia ligeiramente febril quando ele verificou, mas a respiração estava estável.

Janvier não estava disposto a arriscar. Ele ligou para o médico da Sociedade que chegou a sua porta em cerca de sete minutos. Tirando a jaqueta de motociclista e soltando o capacete sobre o tapete, o macho corpulento começou a examiná-la.

— Seus sinais vitais estão estáveis. — Ele lançou um olhar penetrante para Janvier assim que fez o pronunciamento. — Sara me enviou, porque fui eu quem costurou Ash da última vez, eu sei o quanto ela pode aguentar ou não. Se for isso que causou o desmaio, nós iremos monitorá-la e ver o que acontece.

— Eu posso fazer isso.

O médico não discutiu com Janvier, apenas lhe mostrou como verificar os sinais vitais, e depois disse:

— Eu não estarei muito longe daqui. — Ele lançou um olhar duro para Janvier. — Me chame a qualquer momento que achar que ela está em perigo.

Após o homem sair, Janvier tirou as botas empurrando com a ponta dos pés, logo depois a jaqueta e a lâmina do coldre, e também o cinto para garantir que a fivela não a incomodasse. Um instante depois, ele se enrolou ao seu redor. Ashwini era sempre tão vívida, que às vezes, ele se esquecia de que ela era tão frágil quanto qualquer mortal, e hoje, ele não pôde deixar de notar que mesmo com os músculos

tonificados que a faziam parecer tão bonita e perigosa, seus membros eram muito finos, seus ossos frágeis demais, muito quebráveis ante a força de um vampiro.

E sua mente...

Deslizando o braço por baixo de sua cabeça, e afastando a ideia de um destino que ele se recusava acreditar que havia sido gravado em pedra, ele desfez sua trança para deixá-la mais confortável, enquanto murmurava palavras numa língua que havia falado apenas quando era um menino, magro, faminto e selvagem.

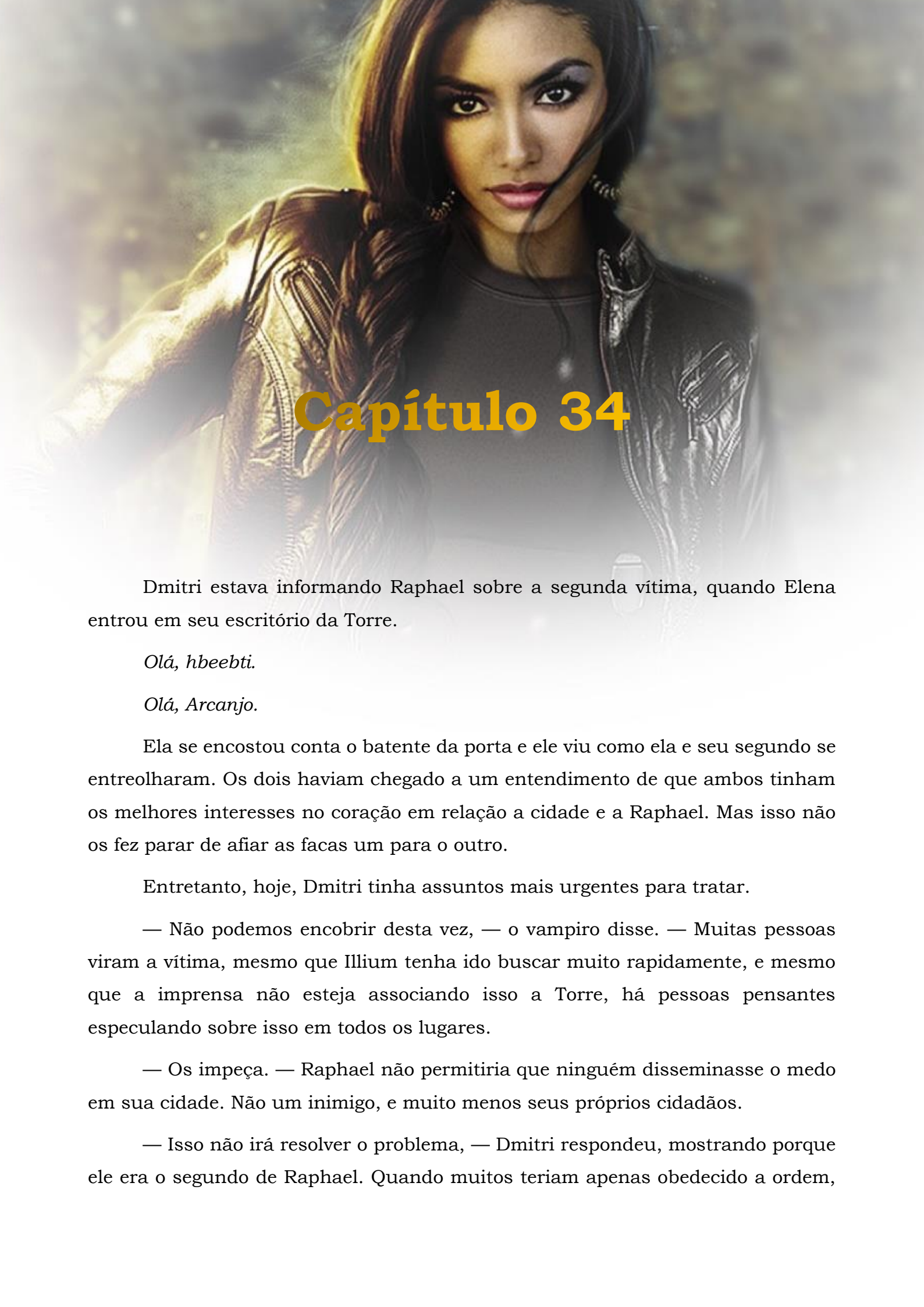
— A primeira vez que te vi, você estava apontando uma besta em minha direção, e estava fazendo uma cara de quem estava realmente puta da vida.

Aquela era uma das suas lembranças favoritas: ela estava com a bochecha manchada de óleo, a blusa verde oliva completamente sujas, e as botas de combate afastadas uma da outra, e calças cargo pretas escondendo suas longas pernas. Ele imediatamente quis envolver a mão em seu rabo de cavalo e puxar sua cabeça para trás arqueando sua garganta e lhe dar um beijo de sangue que enviaria uma carga de prazer erótico por ambos os seus corpos.

— Nunca senti tanto desejo, — ele disse, acariciando seu braço até entrelaçar os dedos com os dela. — Poderia ter devorado você, mesmo que com isso eu ganhassem algumas flechadas. — Ele riu. — Imagine se você tivesse me permitido te seduzir ali mesmo, *cher*.

Ela não fez nenhum movimento, a sua têmpora estava úmida e isso foi o suficiente para fazer com que uma bola de medo caísse em seu estômago.

— Não vá. — Foi um apelo duro, colocando sua alma e seu coração aos seus pés. — Por favor, não vá. Não agora que estamos juntos. Não ainda. Não tão cedo.

A woman with long dark hair and a leather jacket, looking intensely at the camera. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm lighting.

## Capítulo 34

Dmitri estava informando Raphael sobre a segunda vítima, quando Elena entrou em seu escritório da Torre.

*Olá, hbeebti.*

*Olá, Arcanjo.*

Ela se encostou contra o batente da porta e ele viu como ela e seu segundo se entreolharam. Os dois haviam chegado a um entendimento de que ambos tinham os melhores interesses no coração em relação a cidade e a Raphael. Mas isso não os fez parar de afiar as facas um para o outro.

Entretanto, hoje, Dmitri tinha assuntos mais urgentes para tratar.

— Não podemos encobrir desta vez, — o vampiro disse. — Muitas pessoas viram a vítima, mesmo que Illium tenha ido buscar muito rapidamente, e mesmo que a imprensa não esteja associando isso a Torre, há pessoas pensantes especulando sobre isso em todos os lugares.

— Os impeça. — Raphael não permitiria que ninguém disseminasse o medo em sua cidade. Não um inimigo, e muito menos seus próprios cidadãos.

— Isso não irá resolver o problema, — Dmitri respondeu, mostrando porque ele era o segundo de Raphael. Quando muitos teriam apenas obedecido a ordem,

Dmitri tinha a confiança e a inteligência para contestar as decisões de Raphael quando via que era necessário. — Os rumores continuarão a circular sob a superfície, e isso só causará mais estragos.

— Tem alguma sugestão?

— Nenhuma.

— Você tem alguma ideia, consorte? — Raphael perguntou a caçadora que estava parada em pé, com os braços cruzados e as asas para trás, na postura que Galen havia lhe ensinado. Elena diria que isso era resultado dos ensinamentos de seu mestre de armas. Mas ele sabia que era porque ela tinha a postura natural de uma guerreira.

Seus lábios se contraíram ante sua formalidade.

— Eu estava a ponto de sugerir que contassem a verdade.

A expressão de Dmitri foi nitidamente sardônica.

— A Torre não sai por aí contando seus problemas.

Revirando os olhos, Elena atravessou a sala de estar com as mãos nos quadris, parando ao lado de Raphael.

— Não estou sugerindo fazer um jornal diário de notícias da Torre. Mas qual é o mal de mostrar que nossos inimigos estão tentando usar técnicas para perturbar a cidade?

Raphael havia acompanhado a mudança do tempo. Ao contrário de muitos anjos antigos, ele não olhava com desdém para o mundo moderno, sempre acreditando que tudo o que era antigo era melhor. Sua Torre era totalmente integrada com a tecnologia atual, com Illium sendo o responsável para que isso sempre se mantivesse assim. O anjo de asas azuis era fascinado pela tecnologia mortal e imortal, e tinha o tipo de mente ágil que poderia processar rapidamente novos conceitos.

Por tanto, Raphael não havia ficado preso a “idade da pedra”, como tinha ouvido Illium murmurar sobre alguns outros anjos e vampiros. Entretanto, ele sempre acreditara que era mais seguro manter os mortais ignorantes sobre os detalhes sangrentos do mundo imortal. A ironia do fato de que ele estava em pé ao

lado de dois ex-mortais que haviam tomado seu coração, um como sua mulher e outro como seu melhor amigo, não passou despercebida por ele.

Mas era um fato que os mortais jamais estariam seguros em seu mundo.

Sua amizade com Dmitri havia lhe custado a família, fazendo o vampiro passar mil anos numa espécie de purgatório. Elena tinha quebrado as costas quando Raphael a envolveu em um problema imortal, seu corpo sangrando, como se ela fosse uma boneca quebrada em seus braços. Sem o beijo da imortalidade, a luz de sua caçadora teria sido extinta naquele dia violento acima de Manhattan, quando ele lutou contra Uram.

— Os seres humanos, — ele disse. — Não podem se acostumar a exigir uma resposta da Torre e consegui-la.

Os olhos de Elena, que eram cinzas rodeados por um aro prateado que mostravam sua crescente imortalidade, estavam abertos e sem sombras quando encontraram os seus.

— Eu sei.

Os dois sempre haviam discutido sobre seus pontos de vista, um advindo de um coração mortal, e o outro de uma mente imortal. Mas esta já não era uma grande briga.

— Então, porque sugeriu dizer-lhes a verdade? — Ele perguntou, consciente de que a capacidade de sua consorte de entender as pessoas daquela cidade muitas vezes era melhor que a sua.

— Porque se fizermos isso direito, isso pode trabalhar ao nosso favor. — Ela bateu o pé, franzindo a testa. — Eu acho que Dmitri tem que chamar os dois repórteres que ficaram aqui durante a batalha, os dois arriscaram suas próprias vidas para cobrir isso, aliás, eles fizeram a Torre parecer muito bem.

Dmitri balançou a cabeça lentamente.

— Terei uma conversa com eles, trazê-los para cá, moldar a história do modo como desejamos.

— Não sei se a manipulação será necessária, — Elena rebateu. — A cidade está do nosso lado. Dê-lhes uma prova de que a Torre sabe disso.



— Vamos experimentar. — Raphael disse a Dmitri. — O Cascade nos fará ter que tomar muitas decisões como estas, por isso devemos começar a ver como isso pode funcionar.

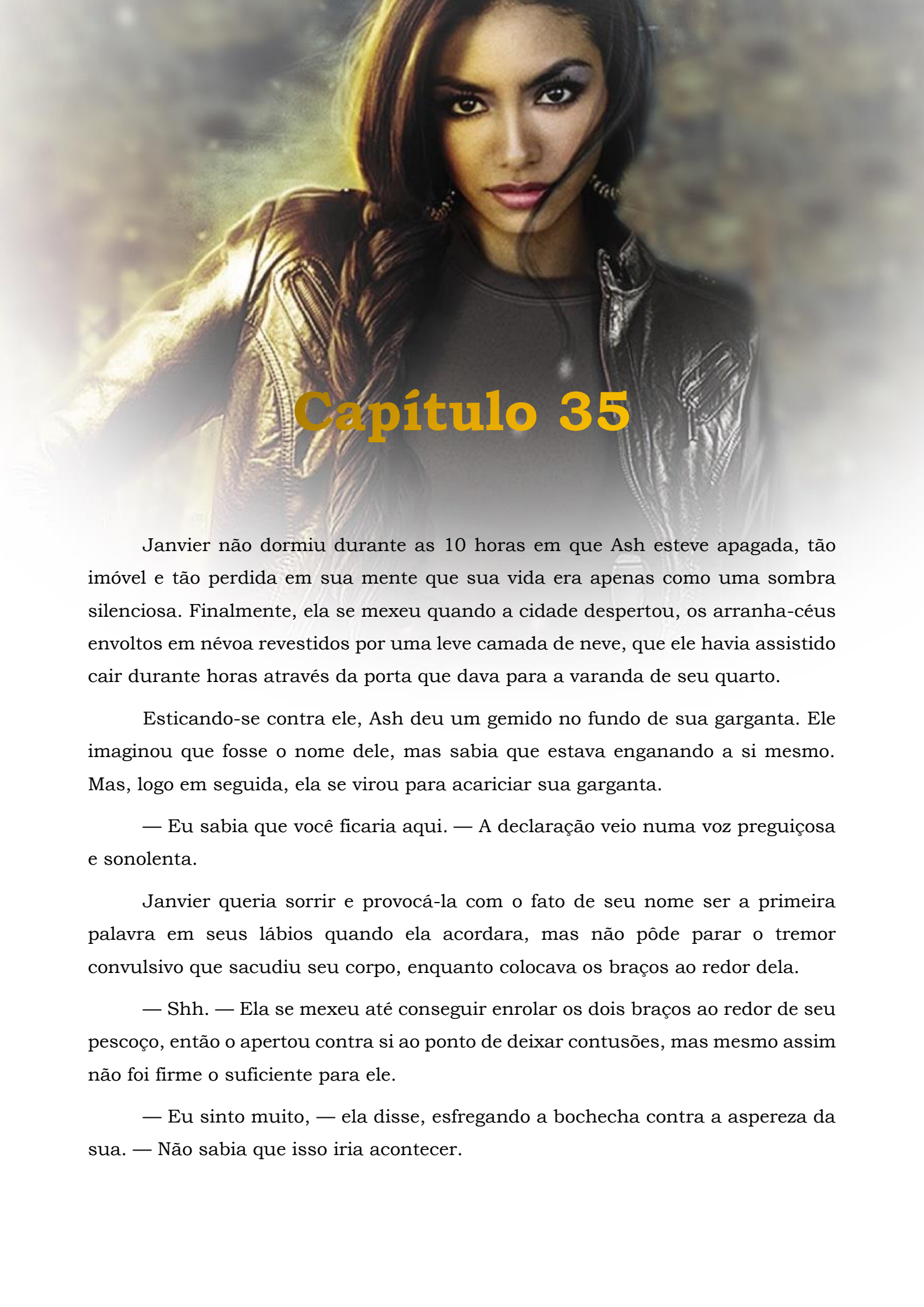
Uma hora mais tarde, a notícia que começou a circular, era de que a mulher encontrada do Central Park, havia sido vítima de uma tentativa covarde de seus inimigos de atrapalhar a recuperação da cidade. Embora ninguém na Torre aparecesse para confirmar a notícia, a Legião fez um sobrevoo impressionante por toda a cidade aquela noite, acompanhados por dois esquadrões completos liderados por Illium.

Meia hora depois, seu segundo disse a Raphael que o humor da mídia havia mudado de medo, para orgulhosa indignação.

— Ninguém tem mais coragem de bater de frente conosco, — Dmitri disse, resumindo o conteúdo de um artigo. — Isso resume o rumo das coisas. — Colocando o telefone novamente no bolso e foi se posicionar ao lado de Raphael na borda de uma varanda no alta da Torre. — Elena estava certa.

— Olha, Dmitri, você nem derreteu quando disse isso.

Seu segundo riu e o som era um que ele ainda tinha que se familiarizar depois de passar mil anos sem ouvi-lo. Não era apenas sua cidade que estava se curando, Raphael pensou, seus olhos foram atraídos para a luz refratada que indicava a presença de Aodhan nos céus; o seu povo também estava. E tudo havia começado com uma única vulnerável mortal, que não aceitou que só porque ele era um arcanjo, ele estava sempre certo.



## Capítulo 35

Janvier não dormiu durante as 10 horas em que Ash esteve apagada, tão imóvel e tão perdida em sua mente que sua vida era apenas como uma sombra silenciosa. Finalmente, ela se mexeu quando a cidade despertou, os arranha-céus envoltos em névoa revestidos por uma leve camada de neve, que ele havia assistido cair durante horas através da porta que dava para a varanda de seu quarto.

Esticando-se contra ele, Ash deu um gemido no fundo de sua garganta. Ele imaginou que fosse o nome dele, mas sabia que estava enganando a si mesmo. Mas, logo em seguida, ela se virou para acariciar sua garganta.

— Eu sabia que você ficaria aqui. — A declaração veio numa voz preguiçosa e sonolenta.

Janvier queria sorrir e provocá-la com o fato de seu nome ser a primeira palavra em seus lábios quando ela acordara, mas não pôde parar o tremor convulsivo que sacudiu seu corpo, enquanto colocava os braços ao redor dela.

— Shh. — Ela se mexeu até conseguir enrolar os dois braços ao redor de seu pescoço, então o apertou contra si ao ponto de deixar contusões, mas mesmo assim não foi firme o suficiente para ele.

— Eu sinto muito, — ela disse, esfregando a bochecha contra a aspereza da sua. — Não sabia que isso iria acontecer.

Ela não conseguia falar, a mão que o esteve sufocando durante as duas últimas dez horas que foram excruciantemente lentas, ainda não o havia libertado.

Ash continuou a murmurar desculpas, pressionando beijos suaves e inesperados ao longo de sua mandíbula.

— *Mujhe maaf kardo na, cher.*

O dialeto familiar, rompeu o medo e aliviou a sensação de estrangulamento, ele parou de sentir como se houvessem pedras dentro de seus pulmões. Se movendo para se apoiar no antebraço, ele enfiou a mão em seu cabelo.

— O que eu disse sobre desculpas?

Ele nunca mais esqueceria a angustia daquelas dez horas sem fim, mas também não esqueceria o sorriso pecaminosamente deslumbrante quando ela disse:

— Não estou mais com sono.

Alegria pura percorreu seu sangue, e ele a levantou para cima dele, o cabelo solto criando uma cortina de seda preta em torno de seus rostos enquanto bebiam um do outro.

— De onde foi que você surgiu? — Ash sussurrou com reverência. — Eu não estava procurando você.

— Você está planejando me dar o fora?

— Nunca.

Ouvir aquela única palavra foi melhor do que qualquer declaração de amor.

Descendo, ela colocou a cabeça em seu peito, sem discutir quando ele começou a passar os dedos por entre seus cabelos.

— não me lembro do que disse no hospital. Eu te falei sobre os amendoins?

— Você tentou dizer alguma coisa, mas não chegou a concluir a sentença.

— Droga. — Ela se sentou. — Lilli me falou... — ela fez uma pausa quando sua voz falou e apertou as mãos nas laterais do corpo. — Este era o nome dela. Lilli Ying.

— Eu não vou esquecer. — Ele poderia não conseguir tirar a agonia que seu dom trazia a ela, mas poderia ajudar a lembrar os nomes dos perdidos. — O que Lilli disse?

— Que ela sentia cheiro de amendoins em seu cativeiro, e que o lugar onde ela era mantida era grande.

Afastando sua necessidade de continuar a abraçá-la, Janvier pegou o telefone. — Vou pedir para a equipe de TI criar uma lista com possíveis localizações.

— Ótimo. — Ela enfiou os dedos pelos cabelos tirando-os da frente de seu rosto. — Vou atualizar Sara, e depois tomar um banho.

Ele a assistiu sair da cama e quando levantou pareceu oscilar. Ele foi para lado dela com velocidade vampira, mas quando chegou ela estendeu a mão.

— Dê só um segundo.

Erguendo-se com cuidado, ela disse:

— Só estou um pouco tonta, mas já me senti assim antes. Muito líquido, um pouco de proteína e ficarei bem. — Nuvens negras cobriram sua expressão. — Agora é Felicity quem precisa de ajuda. Lilli se foi, mas não acho que o mesmo aconteceu com Felicity. — Ela esfregou o punho sobre o peito, os olhos como poços sombrios que observavam uma outra realidade. — Precisamos lhe dar justiça, precisamos lhe dar paz.

\*\*\*\*

Janvier levou pouco minutos para tomar banho e colocar roupas limpas quando chegaram na Torre. Decidida a esperar por ele, já que as equipes de TI não haviam lhe dado nada ainda, Ashwini olhou para a cidade através das janelas panorâmicas de sua sala de estar.

Ficou maravilhada quando viu um anjo deslizando a apenas centímetros de distância da janela, com as asas plenamente abertas. Essas asas eram tão brilhantes que chegavam a ferir os olhos, como se pó de diamante houvesse sido salpicado por cada filamento de suas penas.

Aodhan.

Não importa que houvesse escuridão, elas eram menos do que a beleza física e as habilidades de voo daqueles seres. Aodhan sumiu de vista no mesmo instante que Janvier saiu do quarto, o cabelo úmido e a mandíbula raspada. O celular dos dois vibraram ao mesmo tempo, o que significa que a TI deve ter mandando a lista preliminar.

Pegando uma garrafa de sangue da geladeira, Janvier a levou para o andar que comportava a área de TI da Torre.

— Porque você está bebendo sangue barato? — Ela perguntou dando uma risada ao ver o rótulo: Sangue por Menos.

Ele lhe atirou um olhar ameaçador.

— Você sabe porquê.

— Puxando o saco da consorte do patrão? — Ashwini fez uma falsa expressão de decepção. — Eu esperava mais de você.

— Engraçadinha. Estou apenas sendo solidário. — Carrancudo, ele bebeu metade da garrafa. — Ninguém quer que o primeiro negócio de Elena vá a falência. E de qualquer modo, — ele disse um pouco na defensiva, — esta garrafa é da linha premium.

— Tudo bem. — Encantada com a ideia de todos esses vampiros durões da Torre indo comprar sangue em um café ao invés de tomar na própria fonte, ela se ergueu na ponta dos pés e tocou sua mandíbula com os lábios. Seu sorriso devastador foi a recompensa e reacendeu a chama da culpa dentro dela, uma que ela apagou com a mesma rapidez.

Viva o hoje. Essa foi a promessa que tinham feito um para o outro, e era uma que pretendia manter. Viver o hoje, e não antecipando uma terrível degeneração mental que a guardava no futuro.

Segundos depois, eles entraram na central de TI. Os técnicos da Sociedade já haviam sido acionados e estavam trabalhando em conjunto com os daqui para criar uma lista de possíveis locais. Illium e Dmitri estavam em uma mesa de vidro grande no centro e acenaram para eles se aproximarem.

— Eu falei com a diretora da Sociedade, — Dmitri disse quando chegaram a mesa. — Ela está reunindo mais equipes para apurar mais possíveis localizações.

— Até o momento temos dez. — Illium apontou para os X's desenhados no mapa sobre a mesa. — Seis deles são de menor importância, quer porque o cheiro já deveria ter se dissipado, quer por serem muito distantes. Lugares como cinemas ou fábricas antigas.

— Se você estiver certo sobre o autor do crime ser arrogante e presunçoso, — Janvier disse para Ashwini, — e acho que você está, então ele iria querer um local que ele pudesse controlar. Onde seria seu reino.

— Algo que ele ache adequado para sua riqueza e com a imagem que ele faz de si mesmo. — Ashwini não conseguia imaginá-lo ficando satisfeito com um velho cinema mofado, ou uma fábrica, a menos que ele tenha reformado o local. — Há qualquer sinal que estes seis tenham sido reformados nos últimos anos? — Ela perguntou, sabendo que tinha que pesquisar todos os aspectos possíveis, não havia como saber a quanto tempo o desgraçado vinha fazendo isso. Mesmo cinco anos poderia ser uma janela de tempo muito pequena, mas eles tinham que começar de algum lugar.

Illium disse aos técnicos para pesquisar sobre isso, em seguida, se moveu para as outras quatro propriedades.

— Esta aqui, — ele disse, apontando para um X localizado no Harlem, suas asas presas firmemente contra suas costas formando uma cascata impressionante de cor. — É um restaurante que fechou tem uns três meses.

— Seu diferencial, — Dmitri continuou, — era dar a todos os clientes um pequeno frasco de manteiga de amendoim feito a mão.

Ashwini se lembrou de ter ido uma vez neste restaurante com Demarco. A comida era horrível. Nem a manteiga de amendoim salvava.

— Três meses é um tempo muito curto, a não ser que o abuso tenha começado em outro lugar.

— E quanto a estes dois? — Janvier pressionou os dedos nos X's duplos não muito longe do porto onde Raphael havia explodido e afundado um navio cheio com os renascidos de Lijuan.

— São armazéns do mesmo proprietário, — os olhos dourados de Illium brilharam. — Giorgio.

A pele de Ashwini se arrepiou, mas ela sabia que não podia fazer um julgamento precipitado. Muitos dos imortais gostavam de prazeres que pareciam perversos para aqueles que ainda possuíam um pinga de humanidade. Mas seus cabelos estavam se arrepiando devido a imagem da “perfeita” lavagem cerebral que Giorgio havia feito em seu harém. O homem era um mestre da manipulação.

O suficiente para prender mulheres vulneráveis que podiam acreditar que ele seria bom para elas.

— Os armazéns estão ativos no momento, — Dmitri acrescentou, — mas os técnicos descobriram um fato interessante, apenas metade de sua capacidade tem sido utilizada.

Ashwini cruzou os braços.

— Então, a outra parte pode estar vazia?

— Ou um está em plena atividade, e o outro só é utilizado o suficiente para dar cobertura a outras coisas. — Janvier apontou. — O espaço extra pode ter sido transformado numa grotesca “sala de jogos”.

Isso fazia sentido. Porque correr o risco de esconder mulheres numa área residencial, quando o armazém do porto era barulhento o suficiente para oferecer-lhe cobertura durante o dia? E a noite, exceto pela segurança noturno a área ficava vazia. Giorgio pode ter reformado uma parte de acordo com suas preferências antes de trancafiar suas vítimas.

A prisão perfeita dentro de uma distância relativamente curta do quarteirão vampiro.

— Ele faz importação de amendoins, ou quaisquer itens que tenham este cheiro? — Janvier perguntou, a tensão em seus ombros dizendo-lhe que seus instintos gritavam exatamente o mesmo que ela.

— Sim, — Dmitri ergueu um tablete da mesa e lhe entregou. — Ele não é o único que importa estes bens. Mas os outros importadores utilizam armazéns compartilhados entre várias empresas.

— E este último? — Colocando o tablete sobre a mesa, Janvier bateu em cima do X.

— É uma fábrica de médio porte que embala amendoins. Foi fechada a um ano atrás pelos proprietários. — Ele trouxe a imagens através da mesa de vidro e só naquele momento Ashwini percebeu que não era apenas uma mesa simples. — A fábrica também tem espaço suficiente para que o assassino pudesse criar uma sala privada lá dentro e Khalil é um dos financiadores do empreendimento.

Janvier assobiou ao escutar o nome do vampiro sádico, mas balançou a cabeça.

— Nós iremos verificar esta fábrica, mas todas as minhas fichas estão em Giorgio. Khalil pode ser viciosamente sádico, mas ele nunca poderia ser considerado um homem astuto.

Sim, esta era a palavra certa. Havia uma astúcia cruel por trás disso tudo, uma sensação de que o monstro estava rindo de suas vítimas, e tal atitude mesquinha se ajustava a casa brilhante de Giorgio, a falsa bondade, e ao rebanho devotado de gados. E havia algo mais, algo que ela tinha visto e esquecido completamente, algo muito importante.

Ela ouviu Dmitri mencionar que Trace tinha encontrado um traficante na mesma área, um homem que tinha traficado Umber. Era uma coincidência grande demais para ser verdade. Mas não havia sido isso que prendeu sua atenção.

Felicity estava sussurrando para ela.

E o que ela disse mudou tudo.

— O relógio! — Uma raiva violenta as trespassou, fazendo uma voz tremer. — Janvier, quando interrogamos Giorgio, o bastardo estava usando o relógio que Felicity lhe comprou. — Não havia prestado atenção nisso, era apenas parte de seu traje. — Ele estava zombando de nós já naquele momento.



A resposta de Janvier foi uma infinidade de xingamentos em Cajun tão fortes que pareciam transformar o ar.

As coisas aconteceram muito rapidamente depois disso. Dmitri autorizou usar qualquer força necessário para trazer Giorgio e resgatar outras reféns. Um esquadrão com os homens de Illium e outros da Legião iriam fornecer apoio aéreo. Enquanto isso, Dmitri se uniria a Sara para procurar nas outras propriedades caso Giorgio não fosse o assassino.

\*\*\*

Ashwini estava acostumada a trabalhar sozinha durante a maior parte do tempo, mas não teve qualquer dificuldade a se integrar a uma equipe. Especialmente quando esta equipe era composta por ela, Janvier e Naasir. Eles conheciam o ritmo um do outro, poderiam prever suas decisões com precisão quase total em milésimos de segundo e fazer correções de curso caso fosse necessário.

Agora, os três estavam a caminho dos armazéns suspeitos enquanto outra equipe limpava a casa de Giorgio. Se ele estivesse lá, eles o levariam sob custódia. Ashwini não se importava como, naquele momento, ela só queria que o bastardo pagasse, mas sua primeira prioridade era resgatar qualquer mulher que ele mantivesse presa.

Estacionando o carro a uma certa distância, a fim de permanecerem discretos, já que não queriam que Giorgio assassinasse suas vítimas num acesso de raiva, os três percorreram o resto do caminho a pé.

— Vão para cima, — ela disse aos dois homens.

Sorrindo, Naasir pulou em um telhado com grande graça que era quase magnético. Mas não tão atraente quanto o salto fluido de Janvier.

Ela puxou para baixo a touca que estava usando para esconder o cabelo, depois de sujar o rosto, e fez os óculos de sol remendados deslizarem por seu nariz, antes de enfiar as mãos dentro de um casaco preto e esfarrapado que ia até os pés. Um jovem vampiro da Torre tinha retirado aquela roupa Deus sabia de aonde.

Em seus pés, ela levava um tênis rasgado. Ela odiava ficar sem botas, mas elas eram utilizadas especialmente por caçadores ou militares, o que a denunciaria mesmo a distância. Era algo que Saki lhe tinha ensinado após ela ser aceita na Associação.

— *Eram os sapatos e os relógios de pulso que mais entregavam as pessoas.*

Então ela mudou tudo, transformando-se apenas em uma moradora de rua à procura de um lugar para fugir do frio. Uma criatura lamentável e nem um pouco intimidante. Quando ela se aproximou do primeiro armazém tentou ir pela parte de trás e como isso não foi possível, tentou abrir a porta, enquanto resmungava baixinho apenas para efeito.

A porta foi aberta de repente por dentro, e um vampiro musculoso do outro lado, vestindo um uniforme azul marinho, sua pele tão branca que chegava a ser assustador.

— Saia! — Ele a empurrou pelo ombro com força suficiente para machucar, enquanto outro corpo se movia nas sombras atrás dele. — Saia, seu verme pestilento.

Permitindo-se tropeçar e cair na calçada de concreto, ela estendeu as mãos vestidas com luvas rasgadas.

— Desculpe, desculpe. Não sabia que estava ocupado.

A porta se fechou.

Levantando-se, ela colocou as mãos sobre os ouvidos enquanto balançava e tentou a mesma coisa no outro armazém. Desta vez, mais discretamente, fazendo parecer que ela estava com medo de ser pega. Mas não havia tido nenhuma reação, nenhum som vindo da local.

Seguindo seus instintos, ela disse:

— Primeiro armazém, — para o pequeno microfone ligado a gola de seu casaco. — Tem dois guardas vampiros armados com fuzis e possivelmente facas. — Pegando a arma do bolso de seu casaco, e ativando o silenciador, ela o segurou ao lado do corpo já que a manga no casaco era longa o suficiente para esconder

isso. — Não vi ou ouvi qualquer coisa que me poderia sugerir que há mais guardas, mas se prepararem caso houver.

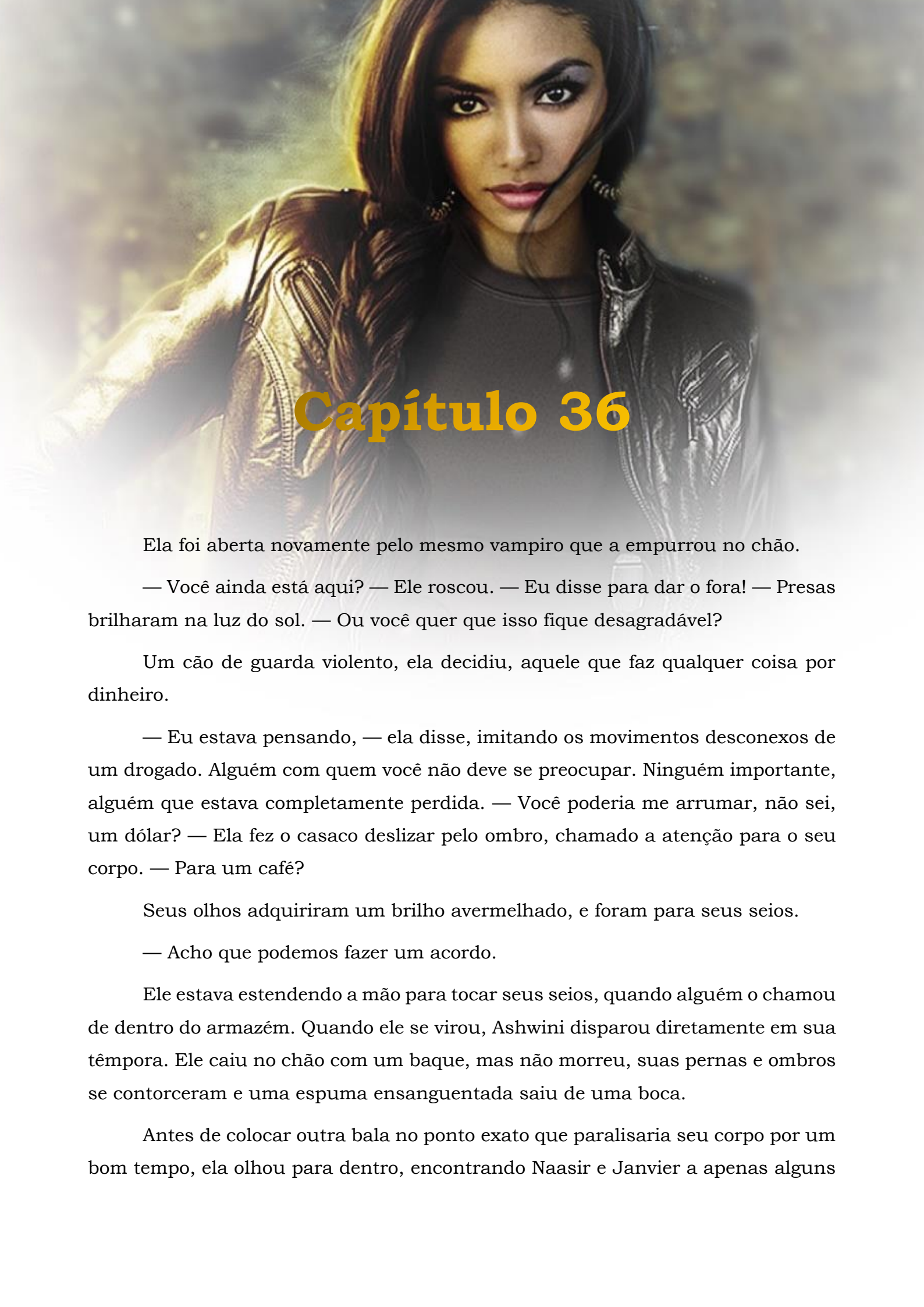
A voz de Naasir veio através do receptor em seu ouvido.

— Eu vou ouvir. — Um minuto depois. — Eu ouço riso masculino, e movimento, mas é bem pequeno. Não há mais que dois ou três homens. Todo seu gado estava em casa, exceto uma mulher chamada Brooke, esta saiu com ele tem cerca de três horas.

O sangue de Ashwini correu mais rápido. Havia uma boa chance do filho da puta estar dentro do armazém e de que Brooke estivesse com ele. Não só ela tinha manchado seu nome, mas havia atraído a atenção da Torre, isso era o suficiente para Giorgio atacar uma mulher que estava diretamente ligada a ele.

— Nos dê um minuto, — ela disse a Dmitri e Illium, então sinalizou para Naasir e Janvier.

Silenciosos como fantasmas, os dois homens percorreram todo o telhado e pularam para a parte de trás do armazém, enquanto ela caminhava de volta para frente. Andando lentamente e resmungando para lhe dar tempo de entrar em posição, ela sorrateiramente desabotoou o casaco para a expor a fina camiseta que usava por baixo antes de bater na porta novamente.



## Capítulo 36

Ela foi aberta novamente pelo mesmo vampiro que a empurrou no chão.

— Você ainda está aqui? — Ele roscou. — Eu disse para dar o fora! — Presas brilharam na luz do sol. — Ou você quer que isso fique desagradável?

Um cão de guarda violento, ela decidiu, aquele que faz qualquer coisa por dinheiro.

— Eu estava pensando, — ela disse, imitando os movimentos desconexos de um drogado. Alguém com quem você não deve se preocupar. Ninguém importante, alguém que estava completamente perdida. — Você poderia me arrumar, não sei, um dólar? — Ela fez o casaco deslizar pelo ombro, chamado a atenção para o seu corpo. — Para um café?

Seus olhos adquiriram um brilho avermelhado, e foram para seus seios.

— Acho que podemos fazer um acordo.

Ele estava estendendo a mão para tocar seus seios, quando alguém o chamou de dentro do armazém. Quando ele se virou, Ashwini disparou diretamente em sua têmpora. Ele caiu no chão com um baque, mas não morreu, suas pernas e ombros se contorceram e uma espuma ensanguentada saiu de uma boca.

Antes de colocar outra bala no ponto exato que paralisaria seu corpo por um bom tempo, ela olhou para dentro, encontrando Naasir e Janvier a apenas alguns

metros de distância. Parecia que os guardas tinham ido jogar poker em uma mesa perto da entrada. Naasir tinha cortado cuidadosamente a garganta de um guarda. O macho estava seriamente machucado, mas sobreviveria para enfrentar a justiça da Torre. Janvier, por outro lado, tinha o outro vampiro de joelhos, suas kukris contra a pele escura da garganta do outro homem.

Uma vez que eles precisavam que apenas um deles estivesse consciente e capaz de falar, ela colocou a bala na espinha do primeiro vampiro, e contatou Illium.

— Temos tudo sob controle, — ela disse, passando por cima do corpo do guarda e indo até Janvier. — Leve seu esquadrão para verificar o segundo armazém antes de seu juntar a nós.

— Considere isso feito.

A sua frente, Janvier pegou seu prisioneiro e afastou suas lâminas.

— Está vendo aquele ali? O Naasir? Ele está com fome. Não faça nada estúpido a não se que queira que ele vá atrás de você.

Naasir gentilmente deu seu sorriso mais feroz.

Arregalando os olhos, o guarda assentiu.

Juntos, os três mais o prisioneiro foram para dentro do armazém e viram um corredor no centro, estantes e caixas de cada lado. Algo bastante normal. Até chegarem ao centro.

À esquerda havia diversos produtos, incluindo diversas caixas localizadas a uma curta distância de onde o estoque terminava. Entretanto, à direita, o estoque era ininterrupto, mas os produtos estavam guardados a poucos metros de profundidade. Mais para trás, haviam cortinas diáfanas que Naasir empurrou relevando um tapete preto de pelúcia.

No tapete, havia uma cama de dossel com lençóis de cetim amarrotados. Era equipado com algemas de couro, e com cortinas cor de damasco e preto, que havia sido amarrada para os lados com cordas douradas que terminava em bordas franjadas. Duas grandes poltronas estofadas com tecido vermelho escuro estavam próximas, em um ângulo que forneceria aos ocupantes uma boa visão da cama.

Uma daquelas poltronas tinha um encosto próprio para acomodar asas.

Ao lado de cada uma, havia uma pequena mesa redonda de madeira entalhada com desenhos e outro de pés curvos.

Fúria queimou em seu sangue, Ashwini caminhou até a cama e tocou os lençóis. Frio. Mas mesmo que ela não pudesse ver contra o cetim preto, ela podia sentir o cheiro do sangue, a leve viscosidade impregnada contra a ponta dos dedos. Virando para encarar o guarda, ela perguntou:

— Onde estão as mulheres?

Quando o homem se recusou a falar, Janvier o colocou de joelhos e levou a Kukri até sua garganta antes do guarda sequer respirar.

— Oops, — Janvier disse, gostas de vermelho começando a brotar da pele do homem onde a lâmina estava apoiada. — Acho que estou um pouco instável hoje. — Seu sorriso era tão frio, que ela teria ficado surpresa caso não soubesse que ele odiava homens que feriam mulheres.

Ashwini sabia que as vítimas estavam aqui, mas o armazém era enorme. O local estava escuro, que haviam prateleiras grandes o suficiente para armazenar gaiolas onde coubessem um ser humano e levaria um tempo considerável para procurar. A julgar pelos lençóis manchados de sangue na cama, uma mulher poderia morrer até lá.

— Onde elas estão, seu pedaço de merda? — Ela andou a passos largos e bateu com a coronha da arma na têmpora do guarda quando asas azuis prateadas apareceram em sua visão periférica. — Diga!

— Se eu fosse você responderia, — Janvier demorou a remover a lâmina da garganta do homem. — Ela pode resolver puxar o gatilho.

— Eu tenho mais medo dele do que de você, — o guarda disse enquanto tremia como o covarde que era.

Ashwini em seu humor atual, sabia que poderia mudar isso rapidamente, mas Naasir congelou, suas narinas dilatadas.

— Eu sei onde elas estão. — Ele saiu correndo em direção as grandes caixas de madeira que ela tinha visto.

Não, ela pensou e começou a correr também.

Janvier veio bem ao lado dela, deixando o guarda para Illium.

— Ash!

Virando-se sem diminuir a velocidade, ela pegou o pé de cabra que Janvier havia pego das prateleiras vazias. Ele também pegou um martelo que estava deitado pouco depois para bater na ponta do pé-de-cabra.

Naasir já estava usando suas garras para arrancar as tábuas de uma caixa, sua força era algo feroz. Ela foi para o segundo, enquanto Janvier foi para o terceiro. Três da legião chegaram dois segundos depois, e juntaram-se a eles.

Ashwini pedia através de cada respiração que Naasir estivesse errado, que eles não achariam nada mais interessante do que produtos de importação, mas ela podia sentir o mesmo cheiro que Lilli havia descrito, e agora entendia porque o cheiro havia feito uma impressão tão forte na mulher torturada.

— Essas caixas eram utilizadas para estocar amendoim, — ela disse, enquanto usava o pé de cabra para arrancar a tábua.

Naasir rosnou alto o suficiente para fazer até os mais minúsculos de seus pelos arrepiarem, e jogando a tábua de lado, ele pegou uma mulher magra que estava dentro da caixa que havia destruído. Colocando-a nos braços de um dos da Legião, ele disse.

— Voe! — Todos os membros da equipe tinham sido informados de onde levar todos os feridos que encontrassem ali.

Ashwini agora sabia que as caixas não estavam vazias, e renovou seus esforços, Naasir vindo até ela para ajudar. Ela levou apenas meio segundo para arrancar as tábuas o suficiente para que pudessem ver a mulher. Pressionando os dedos contra a garganta da vítima, Ashwini orou para achar algum batimento cardíaco. Não havia nada. Não, espere. Ali estava. Seu alívio foi tão grande que ela pensou que fosse desmaiar.

— Ela está viva! — Ela gritou, ao mesmo tempo em que Janvier gritava o mesmo.

O choque do reconhecimento foi imediato.

— Está tudo bem, — ela disse para Brooke. — Você está segura agora. — Seu corpo nu estava machucado e ensanguentado, um dos olhos fechados devido ao inchaço, seus lábios abertos por um corte, entretanto, a mulher de cabelos castanhos ainda estava inteira. — vamos levá-la a um hospital.

Brooke estava em choque, os olhos vidrados em contraste com os olhos pálidos, mas ela se esforçou para falar.

— Giorgio, me machucou...

— Nós iremos pegá-lo, — Ashwini prometeu. — Reserve suas forças.

Ignorando suas palavras, Brooke continuou a falar.

— O M-monstro, ele está vigiando.

Luzes e sirenes piscaram na porta do armazém.

— Janvier! — Ashwini gritou. — Me ajuda a levá-la para a ambulância. — Ela podia ter esperado por um bombeiro, mas não queria agravar quaisquer lesões que Brooke houvesse sofrido demorando, e com a mulher ferida que havia desmaiado em seus braços, ela não ficaria traumatizada por entrar em contato com um macho.

Janvier levantou Brooke delicadamente em seus braços.

— Pronto, *cher*.

Sabendo que ele cuidaria dela, Ashwini virou-se para se certificar de que todas as caixas tinham sido abertas e não havia mais vítimas.

Quando Janvier voltou, ele, Ashwini, Naasir e Illium cruzaram as informações que tinham. Brooke não era a única que havia estado consciente. A garota que Naasir havia resgatado primeiro também tinha conseguido falar.

— Monstro, — Naasir repetiu, com a violência brilhando em seus olhos de tal maneira, que Ashwini percebeu que seus olhos realmente refletiam a luz, como qualquer outro felino, como o tigre que ele era. — Ela ficava repetindo a palavra “monstro”. Pensei que estava confusa, falando de mim.

— A segunda poltrona, — Ashwini disse, — ela tinha um encosto próprio para acomodar asas.



— Um parceiro angelical explica a dissecação, — Illium respondeu parecendo sombrio. — Há casos do surgimento de habilidades precoces em nossa espécie.

— Temos que verificar este armazém centímetro por centímetro. — A voz de Janvier tinha perdido sua qualidade musical, e havia se tornado dura e implacável. — Penas na casa de Giorgio, poderiam pertencer a convidados angelicais inocentes, mas aqui, qualquer pena certamente será de seu parceiro.

Sem perder tempo, eles caminharam até a ponta do armazém para formar uma fila e todos começaram a procurar. Quer dizer, nem todos. Alguns combatentes da legião, embora fossem muito bons com habilidades de voo e de combate, ainda não estavam aptos para exercerem atividades mais delicadas. Ao menos não ainda.

Usando lanternas de alta potência, os da Legião sobrevoavam o armazém iluminando as áreas escuras entre as prateleiras e ela já estava quase na outra extremidade do lugar quando Janvier disse para eles pararem.

Localizado a cerca de dois metros a esquerda, Ashwini o viu pegar uma pena do chão.

— Pena, — ele disse, com exultação feroz em sua voz. — Vermelha.

— Vermelha?

Pelo que ela sabia, não havia anjos com asas vermelhas na cidade, mas ela não era uma especialista. Muitos anjos devem ter pequenas penas vermelhas no interior de suas asas, por exemplo.

— Você sabe de quem poderia ser? — As cores das asas dos anjos tendem a ser muito diferentes umas das outras. Ninguém em Nova Iorque jamais confundiria Illium com Raphael, ou Jason com Aodhan.

— Na verdade, não. — Janvier se levantou, entregando a pena para Illium. — Você sabe de quem poderia ser?

Uma expressão gelada desceu pela expressão de Illium.

— Só há duas opções que fazem sentido.

— Vermelho, — Naasir disse, com um rosnado baixo em sua voz. — É uma cor muito incomum entre os anjos. — Seus olhos encontraram os de Illium. — Xi e Cornelius.

A mente de Ashiwi voltou as memórias de asas listradas de cinza e vermelho vivo.

— Não acho que foi Xi...

— Um dos generais de Lijuan? — Illium conclui. — Sim.

Naasir falou novamente.

— Ele não é o mais velho, nem o mais poderoso, mas é muito favorecido devido a sua inteligência.

— Cornelius, — Illium acrescentou, — é um general de classificação baixa. A maior parte de suas asas são cor de creme, exceto pelo arco superior onde há pernas vermelhas espalhadas.

— Illium!

Virando-se para a porta, Ashwini viu um vampiro magro de cabelo negro, com um lenço ao redor do pescoço indo na direção deles. Ele deve ter chegado na área pouco antes deles, ela percebeu que aquele era Trace quando Janvier o apresentou.

Sua voz estava rouca quando ele falou.

— Eu tinha um palpite, já que Giorgio é um estudioso de ciências. Procurei ao redor do armazém; — Trace abriu a palma da mão. Nela havia um minúsculo saco fechado com alguns grânulos cristalino de cor marrom avermelhada.

Ashwini reconheceu o que era pela descrição que Janvier havia feito da nova droga vampírica, que havia sido o motivo do assassinato brutal de Lacey.

— Fornecimento ou criação? — Illium perguntou depois de pegar o saco.

— Criação. Encontrei ferramentas. Nada elaborado, mas o suficiente. — Trace olhou ao redor. — Giorgio separou sua operação de drogas, de seus jogos sádicos. — Uma expressão de desgosto cobriu seu rosto. — O outro armazém estava todo arrumado para produção de mais.

— Veja se pode descobrir mais alguma coisa sobre a origem da droga. — Illium disse, passando entre os quatro que estavam ali. — Eu irei alertar Raphael que Xi ou Cornelius ainda estão na cidade, ou eles retornaram depois que o resto das forças de Lijuan recuaram.

Tecnicamente, o anjo não poderia dar ordens a Ashwini, mas este era um pedido que ela não poderia recusar. Porém, antes de irem, procuraram mais uma vez pelo armazém e encontraram outra pena, esta com um toque sutil de creme. Ainda assim, ela verificou duas vezes com Naasir e Janvier, recebendo a mesma resposta.

E com isso eles afunilaram seu alvo para um só: Cornelius.

— Eles tomaram cuidado, — Janvier disse, colocando a mão na parte inferior de suas costas. — Devem ter pego todas as penas maiores.

— Não, — ela olhou para a pequena pena enquanto Naasir ligava para Illium para lhe dar as novas informações. — Eles não tinham razão alguma para serem cuidadosos. Giorgio tinha tanta certeza de que não seria pego, que usou um armazém em seu próprio nome. Há algo de errado com esta pena. — Segurando-a com cuidado ela o colocou na palma da mão e caminhou para fora na luz do sol. — Você pode ver?

Primeiro Janvier, então Naasir, e até mesmo Trace, e ninguém via nada de errado com a pena, e quando ela olhava para ela em suas mãos, também não podia. Mas assim que ela o tocava, ela conseguia sentir, havia algo errado.

— Então há algo de errado com Cornelius, — ela disse, sentindo a pele se arrepiar. — Algo muito, muito errado.

Deslizando a pena em seu bolso, ela olhou ao redor a procura de um saco plástico, encontrando cheio de tecidos, ela caminhou em direção aos homens no outro armazém.

Era idêntico ao primeiro, em tamanho e forma, mas a iluminação era muito melhor, a primeira parte cheia com o que pareciam ser produtos normais. Eles abriram algumas caixas para ter certeza, e encontraram especiarias exóticas para serem vendidas no mercado de luxo, antiguidades, rolos de seda.

Entretanto, atrás do armazém, havia uma sala com uma única janela. Havia uma placa escrito “escritório” na porta, e à primeira vista, era exatamente o que dizia ser. Arquivos de metal altos, uma mesa, notas fiscais, um telefone. Havia até mesmo uma pequena pia atrás dos armários, assim como um fogão de acampamento.

Era sob esta pia que Trace tinha encontrado uma caixa de plástico transparente onde havia uma tigela de aço, uma seringa suja, uma pequena colher, e o que parecia ser um monte de cristais de açúcar comum ao lado de mais sacolinhas ziplock. Colocando tudo em cima da pia, Trace disse:

— Ou o gerente que geria este armazém era completamente alheio as atividades do seu chefe, ou era o cozinheiro.

— O saco que eu encontrei estava esmagado sob a tigela, deve ter sido do último lote que eles fizeram. — Ele segurou uma seringa mostrando-lhe o resíduo castanho do interior antes de baixá-lo de volta. — Honestamente, não tenho muita certeza de como eles estavam fazendo isso, mas acredito que precisavam de água, e de um fogão. Mas as matérias-primas, não estão aqui.

Naasir cheirou o ar.

— Sinto o cheiro de sangue.

Franzindo a testa, Ashwini, Janvier e Trace se espalharam, a procura de qualquer evidência de que alguém havia sido machucado aqui.

— Não vejo nenhum sangue, — ela disse, — Janvier?

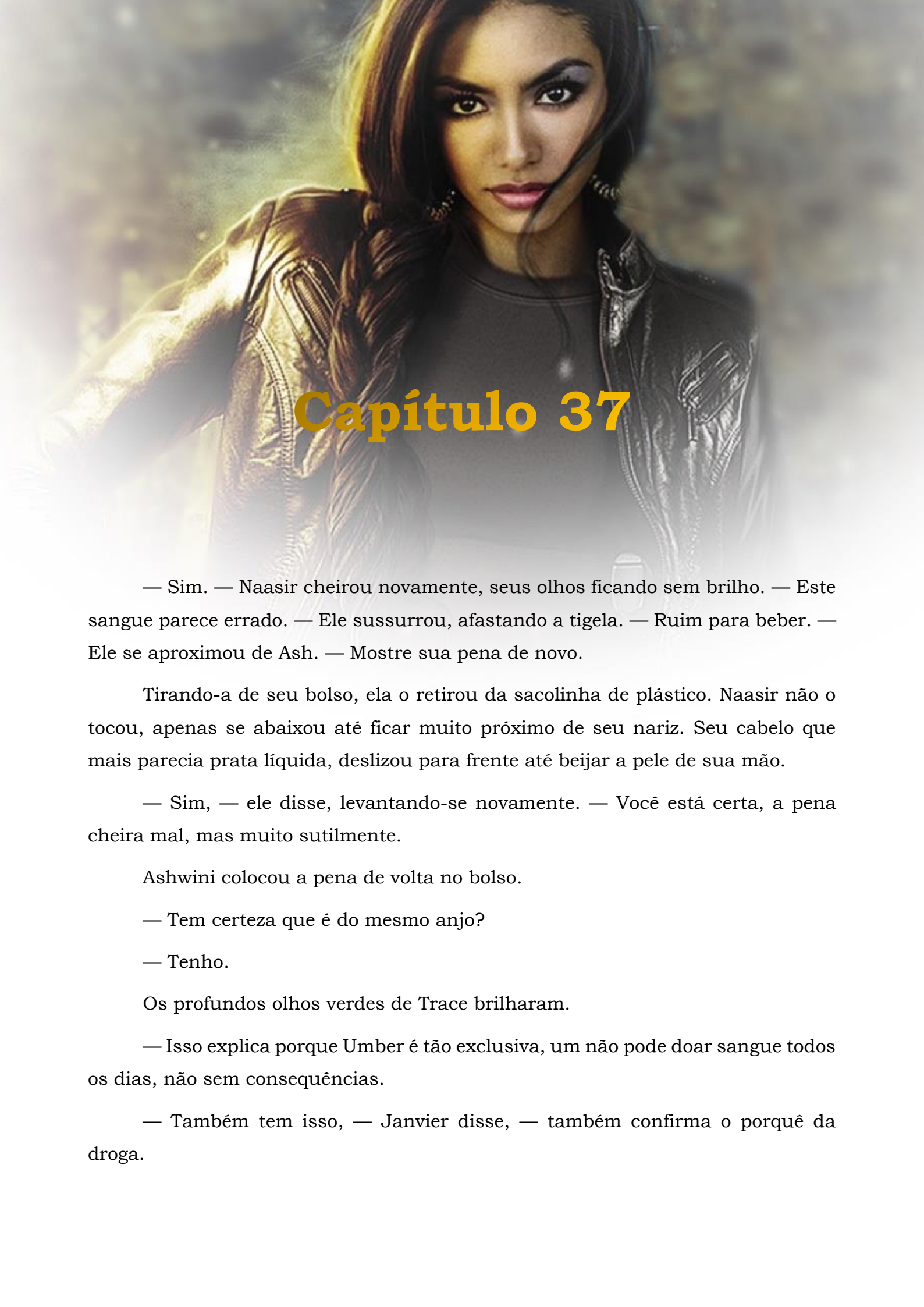
— Nada aqui, também.

A resposta de Trace foi a mesma.

Naasir cheirou o ar novamente, caminhando até a pia e colocou o nariz sobre a tigela.

— Sangue, — ele disse com certeza em sua voz. — Sangue forte. Sangue de anjo.

— Eles criaram uma droga a partir de sangue de anjo? — Ashwini apenas olhou para os selvagens olhos prateados de Naasir.

A woman with long, dark, wavy hair and a black leather jacket is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm, golden light. The title 'Capítulo 37' is overlaid in a bold, yellow, serif font.

## Capítulo 37

— Sim. — Naasir cheirou novamente, seus olhos ficando sem brilho. — Este sangue parece errado. — Ele sussurrou, afastando a tigela. — Ruim para beber. — Ele se aproximou de Ash. — Mostre sua pena de novo.

Tirando-a de seu bolso, ela o retirou da sacolinha de plástico. Naasir não o tocou, apenas se abaixou até ficar muito próximo de seu nariz. Seu cabelo que mais parecia prata líquida, deslizou para frente até beijar a pele de sua mão.

— Sim, — ele disse, levantando-se novamente. — Você está certa, a pena cheira mal, mas muito sutilmente.

Ashwini colocou a pena de volta no bolso.

— Tem certeza que é do mesmo anjo?

— Tenho.

Os profundos olhos verdes de Trace brilharam.

— Isso explica porque Umber é tão exclusiva, um não pode doar sangue todos os dias, não sem consequências.

— Também tem isso, — Janvier disse, — também confirma o porquê da droga.

— Eles sintetizaram o veneno. — Naasir disse, seu rosto ficando muito concentrado e suas características ferais sendo deixadas em segundo plano. — O objetivo sempre foi o de matar e causar sede de sangue.

— Sim. — Trace olhou para parede, sua mente claramente trabalhando. — Ou eles estão adicionando algo no sangue, ou o sangue do próprio anjo é venenoso. Pelo que você disse sobre o cheiro da pena, aposto mais no último.

Isso deixava em aberto a questão de como o sangue havia sido envenenado. E como Cornelius, bem, ele era um protegido de Lijuan, um que a Arcanjo da China havia criado. Não seria exagero esperar que ela houvesse “abençoado” seus asseclas com suas habilidades, tendo aquele veneno como cortesia.

— Você pode rastrear este cheiro? — Ela perguntou a Naasir.

— Sim, — ele disse. — Mas não há nenhum rastro fresco, e o que havia a neve apagou. Vamos precisar encontrar um novo ponto de partida.

— Poderíamos muito bem começar pela casa de Giorgio, — Janvier disse. — Ash, Naasir e eu podemos fazer isso. Trace, você pode levar isso até a Torre. — Ele fez um gesto em direção a parafernália de drogas. — isso precisa ser testado.

— Irei o mais rápido que posso.

Deixando o vampiro no armazém, uma série da Legião de guardas sobre ambos os armazéns, os três foram diretamente para o quartirão vampírico fazer uma visita a casa de Giorgio. Tendo permissão para entrar pelos guardas que Giorgio deixara na entrada, eles decidiram começar por cima e depois ir para baixo.

Ashwini notou, que a decoração da casa da cidade, era muito mais moderna que os veludos e rendas que Giorgio brindava a si mesmo e ao seu gado.

Claro, o lugar era tão luxuoso quanto. Lençóis de algodão egípcio de mil fios, cortinas de grife, balcões de mármore no banheiro, luminárias polidas até refletirem perfeitamente. Ashwini encontrou diversas evidências de que as mulheres eram bem-vindas ao quarto principal, pois encontrou bem mais de um par de calcinhas perdido por ali.

Sem tocar a calcinha e jogar as meias finas com rendas costuradas no topo de lado, Ashwini bateu na parede para verificar se havia compartimentos ocultos.

Não encontrou nada, os outros dois homens não encontraram. Naasir sacudiu a cabeça quando eles se encontraram no corredor do andar de baixo, e depois se separaram para procurar no andar inferior.

— Não senti o cheiro aqui.

— Giorgio tem outras propriedades. — Ela examinou as informações que haviam sido mandadas pela equipe de TI da Sociedade/Torre para seu celular. — Pequenas casas para alugar, ações de um hotel...

— O cão mumificado, — Janvier lembrou a ela. — Talvez o anjo tenha ficado naquela área por um tempo. E caso isso tenha ocorrido, metade daquele bairro pertence a Giorgio. E eu não acredito que ele colocaria seu hóspede num lugar onde ele não tivesse completo domínio.

Ashwini franziu a testa.

— Bem, boa parte dos locais desta lista são daquele bairro.

Os três resolveram verificar primeiramente o hotel, que era o lugar mais próximo, independente disso, Dmitri e Sara já haviam enviado equipes para limpar os outros locais.

\*\*\*\*

Oito horas de buscas infrutíferas depois, Ashwini chutou o saco de areia na academia da Sociedade. Ela estava jogando sua frustração naquele saco desde que a última residência conhecida de Giorgio havia sido verificada fazia quarenta e cinco minutos, mas até o momento aquilo não estava funcionando.

Não só o anjo com asas cor de creme salpicadas de vermelho desapareceu no ar, como ninguém do bairro onde o cachorro havia sido encontrado o viu. Somado a isso, tinha o fato de que Giorgio também desapareceu, deixando todo seu gado para trás, tanto que pareciam perplexas e desesperadas. Todas ficaram genuinamente chateadas quando Ashwini as entrevistou.

Aparentemente, até mesmo os bastardos psicopatas tinham seus fãs.

Quanto aos guardas vampiros do armazém, que eram apenas brutamontes violentos que Giorgio não tinha compartilhado nada de seus planos com eles. A única tarefa deles era guardar aquela câmara de tortura revoltante quando não estava sendo utilizado. Quando ele chegava, ele deixava os cães de guarda do lado de fora do armazém.

Ninguém jamais havia visto o rosto do anjo, ao menos não de acordo com o guarda que podia falar, o parceiro de Giorgio sempre estava coberto por um manto preto, com o capuz cobrindo suas feições. O guarda disse que assumiu que era apenas outro vampiro, porque não havia nenhum sinal de asas sob o manto. Isso, é claro, devia ser impossível. O guarda também havia admitido ter se aproveitado das cativas, assim como os outros dois.

Socando o saco com fúria renovada, com as mãos protegidas por luvas de boxe, ela girou para pegar impulso para um chute. O saco oscilou, expondo a forma magra do ombro encostado contra a parede do outro lado. Parando o saco com as duas mãos, o peito arfante, ela disse:

— Como você entrou aqui? — Ele não era um estudante, instrutor ou caçador. Neste momento, eles estavam completamente sozinhos, todos os estudantes tinham ido jantar.

— Sou um instrutor, *cher*. — Ele disse enquanto se aproximava.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Verdade. — Ele ergueu as mãos antes de segurar o saco e mantê-lo firme, enquanto ela dava mais alguns socos. — Eu ofereci meus serviços para os alunos do último ano.

— Você se voluntariou para ser uma presa? — Todos os alunos tinham que completar com sucesso uma “caça” antes de se formar. — Normalmente um de nós faz isso.

— Não que você não seja absolutamente brilhante, minha querida e tortuosa Ash, mas você não é uma vampira. Nós temos nossos truques.



— E você tem mais que a maioria. — Janvier foi o único vampiro que já havia chegado perto de despistá-la em uma caçada. — Quantas vezes eu já peguei você até agora?

— Todas as vezes, — ele disse. — Mas não estou aqui para destruir sua confiança, e sim para fazê-los trabalhar duro e melhorarem seus desempenhos, e todos eles têm feito isso.

Naquele instante, ele parecia com qualquer outro caçador, orgulhoso e ao mesmo tempo preocupado com seus alunos, precisando ter a certeza de que estava dando-lhes as ferramentas certas para sobreviverem no mundo. Ferramentas que as vítimas de Giorgio nunca tinham tido.

— Nós estamos num beco sem saída, não estamos? — Ela fez uma série rápida e socos e pontapés.

Os olhos verde musgo de Janvier escureceram e ele segurou o saco para ele parar de girar.

— Sim, mas todos os anjos e vampiros da cidade foram alertados sobre o que devem procurar. Nem Giorgio, nem Cordelius serão capazes de mostrar a cara sem serem pegos. Precisamos de algo para fazê-los sair.

Ela sabia que ele estava certo. Mesmo que Giorgio tivesse um grande estoque de sangue, isso não iria durar para sempre. E se eles encontrassem Giorgio, encontrariam também o anjo.

— Eu odeio esperar, — ela disse, embora não houvesse qualquer outra opção naquele momento. O contador forense da Sociedade estava junto ao contato da Torre analisando todas as finanças de Giorgio. Se o vampiro tinha escondido qualquer imóvel ou criado empresas de fachada, os dois iriam encontrar. Todas as suas contas também haviam sido grampeadas, de modo que se ele usasse qualquer uma delas a Torre seria alertada imediatamente.

Ashwini sabia que ela não poderia justificar Felicity, Lilli, e as outras se não mantivesse sua cabeça no lugar quando a informação chegasse. Controlando sua respiração com esforço, ela tirou as luvas.

— Tenho que tomar banho, — ela disse. — Você irá me levar para jantar depois que eu deixar meu equipamento em casa.

— E então você será o meu jantar?

Sua pele brilhou quando se lembrou de como sua mordida era potente, ela disse.

— Se comporte hoje e irei pensar no seu caso.

Sua risada perversa a acompanhou até o chuveiro, fazendo com que parte das suas frustrações a deixassem. Mas não todas. Nada poderia fazer isso até que eles caçassem o assassino por trás da tortura e morte daquelas jovens esperançosas, mas ao menos agora, ela conseguia respirar direito, conseguia pensar... Se lembrar que ela também tinha uma vida.

Viver o hoje.

Saindo do vestiário após o banho, levando uma mochila no ombro, ela encontrou Janvier conversando com Ransom. O outro caçador estava de muletas, mas vestia roupas de ginástica, o que significava que ele havia vindo para levantar pesos. Seu cabelo estava puxado em uma trança de raiz apertada. Passando rapidamente por ele, ela disse:

— Penteado bonito.

— Foi Nyree quem fez. — Ele deu um sorriso de pura satisfação.

Ela nunca havia imaginado ver Ransom caído por uma mulher um dia. Era bonito.

— Então, quando vai ser o casamento?

— Ainda não decidimos, mas não vai demorar muito. Se é para fazer, é melhor fazer logo. — Ele olhou dela para Janvier. — mas então...

A careta dela fez seu sorriso aumentar.

— Tenham um bom jantar! — Ele gritou enquanto se distanciavam, alto o suficiente para que todos os presentes na academia ouvissem. — Me ligue se você precisar de alguma dica de como fazer sacanagem em cima de uma moto.

Seus companheiros caçadores vaiaram e assobiaram.

Ao invés de dar uma resposta rápida como ela teria feito antes, Ashwini apenas virou e agarrando a jaqueta de Janvier, o puxou para reivindicar sua boca num beijo profundo, possessivo e molhado, que fez todos na academia gritarem. Quando ela o soltou, ele parecia ter sido atingido por um taco de beisebol da cabeça. Agarrando sua mão, ela ignorou o tumulto e se dirigiu até a porta.

Ela não disse nada até chagarem na moto, ela pendurou a mochila nas costas e subiu atrás dele. Em seguida, ele inclinou para ela e colocou a mão em sua coxa.

— *Merci, cher.*

Ela envolveu os braços ao redor de seu pescoço, sendo que sua posição na moto lhe dava uma altura extra.

— Eu deveria ter feito isso a muito tempo. — E agora, ela o havia reivindicado publicamente como dela.

— Você ainda não estava pronta para isso, e este é um momento que eu jamais vou esquecer. — Colocando o próprio capacete e ajustando o dela, ele deu partida na moto.

O tráfego era intenso, mas eles foram rápidos, graças a condução suicida de Janvier. Ela teria achado que este era um comportamento imprudente se ele fosse um homem menos capaz. Mas com ele, aquilo era simplesmente emocionante, e eles chegaram ao seu apartamento não muito tempo depois, bambos, rindo e brincando.

Quando eles entraram, Janvier a empurrou contra a parede e a beijou, segurando a nuca dele com uma mão, ela enganchou a perna em seu quadril e enfiou as mãos em seus cabelos, afundando-se em seu calor. Era tão bom tocar e ser tocada, mas não era só isso. Era bom porque era com ele.

Seu homem.

Ele a beijou com um meio sorriso no rosto, e parecia que a luz do sol havia sido injetada em seu sangue. Lambendo seus lábios, assim como ele havia feito com ela, e depois ela mordeu seu lábio inferior.

— Como estou me saindo.

— Acho que você precisa de muita prática. — Um brilho passou por seus olhos. — E eu insisto que seja comigo.

Ela o mordeu novamente, antes de sugar o lábio e sacudir a língua sobre a sensual punição.

— Não reclame se ficar cansado. — Voltando a beijá-lo com um sorriso que ecoava o seu, ela bebeu de seu gosto. — Gosto de beijar você meu cuddlebunny.

Seus ombros tremeram. As presas de Janvier raspavam seus lábios levemente, e ele deslizou as mãos por baixo de sua bunda.

— Eu aceito ser seu cuddlebunny, se você aceitar minhas regras. Elas envolvem você e seu sangue.

— Fechado. — Rindo, ela observou seu sorriso, e logo depois estavam se beijando novamente. Suas respirações ficaram mais rápidas, o aperto no corpo mais forte, mais quente. A pele queimando sob seu toque. Ele tirou a jaqueta e a jogou no chão. Ashwini passou as mãos por suas costas, e tocou o couro do coldre. — Seus punhais, — ela murmurou, beijando seu queixo e pescoço.

Os músculos de Janvier se moveram, quando ele cruzou os braços para alcançar as costas. Logo depois houve o brilho da lâmina, e em seguida o baque quando elas foram enterradas na parede uma de cada lado de sua cabeça. Ela riu suavemente.

— Você irá tampar estes buracos.

— Será um prazer. — Ele beijou seu pescoço enquanto ela abria a fivela que se fechava sobre seu peito, e empurrou o coldre por seus ombros musculosos. Às vezes, ela esquecia do quanto ele era forte, mas com ele tão perto, era impossível fazer isso, sentindo cada um dos músculos fluídos sob a pele.

As bainhas do coldre bateram com um baque surdo contra o tapete.

Chupando seu pescoço, Janvier empurrou a arma que ela usava no coldre da coxa.

— Você vai atirar em mim se eu tocar sua arma?

— Não hoje.

Suas bochechas vincaram lindamente quando a risada masculina ecoou pela sala. Incapaz de resistir, ela puxou sua cabeça e exigiu outro beijo. Ele deu a ela, mas depois se afastou.

— Não pretendo levar um tiro acidental nas joias da família, *cher*.

— Oh, não! Isso seria terrível. — Ela puxou sua camiseta e deslizou as mãos pelos cumes duros de seu abdômen.

— Você não está ajudando. — Ele gemeu, mas conseguiu pegar a arma do coldre. Certificando-se que a trava de segurança estava no lugar, ele colocou em cima de uma mesa.

— Não, não. — Ela o empurrou. — Aqui, não.

Ao invés de reclamar, ele a soltou e usou a oportunidade para tirar a camiseta dela. Assim que entraram no quarto, ela colocou a arma na mesa de cabeceira, e o viu tirar suas botas, meias e depois começou a desfazer o cinto, deixando um rastro de itens descartados atrás dele, enquanto ela o seguia. Sua boca encheu de água. Deus, ele era sexy com o cabelo todo bagunçado e seus lábios molhado por seus beijos, e o corpo maravilhoso amostra apenas para seus olhos.

Puxando o cinto, ele finalmente o deixou cair no chão.

Ela se aproximou, colocou as mãos em sua cintura, e então desceu para beijar seu umbigo, e depois logo acima do botão de sua calça jeans.

Ele disse algumas palavras de sua língua nativa, enfiou as mãos em seus cabelos e estremeceu.

— Não faça isso, *cher*. Se não eu vou passar vergonha.

Subindo lentamente, beijo por beijo, ela tocou sua boca com a dela. Ele a empurrou contra ele, a ereção empurrando contra seu abdômen e o corpo ficando mais quente a cada pulsar. Ela deslizou as mãos sobre ele, amando a sensação de sua pele, seu cheiro. Ele cheirava a... Janvier. Quente, masculino e apenas ele, apenas Janvier.

Quando ela abaixou as mãos e o acariciou por cima do jeans, ele interrompeu o beijo e pressionou a testa contra a dela, sua respiração saindo tensa.

— Ashwini. — Ele disse num sussurrou rouco. — Não tenho como me defender de você.

Ela estava completamente seduzida, embriagada. Querendo senti-lo em sua mão, ela puxou o zíper para baixo, sentindo-o estremecer de prazer com cada toque.

— Você está sem cueca. — Ela puxou o lóbulo de sua orelha com os dentes. — Por que isso não me surpreende?

Agarrando a parte de trás do pescoço dela, ele a beijou de novo enquanto ela fechava os dedos ao redor do calor grosso de sua ereção. Seu pênis estava duro como ferro, mas sua pele era tão gostosa, tão delicada. Fascinada, sentindo o próprio sangue martelar por suas veias, escaldante a ponto de entrar em ebulição, ela acariciou delicadamente a ponta sentindo a humidade e a espalhou sobre a cabeça sentindo-o ficar ainda mais duro sob sua mão.

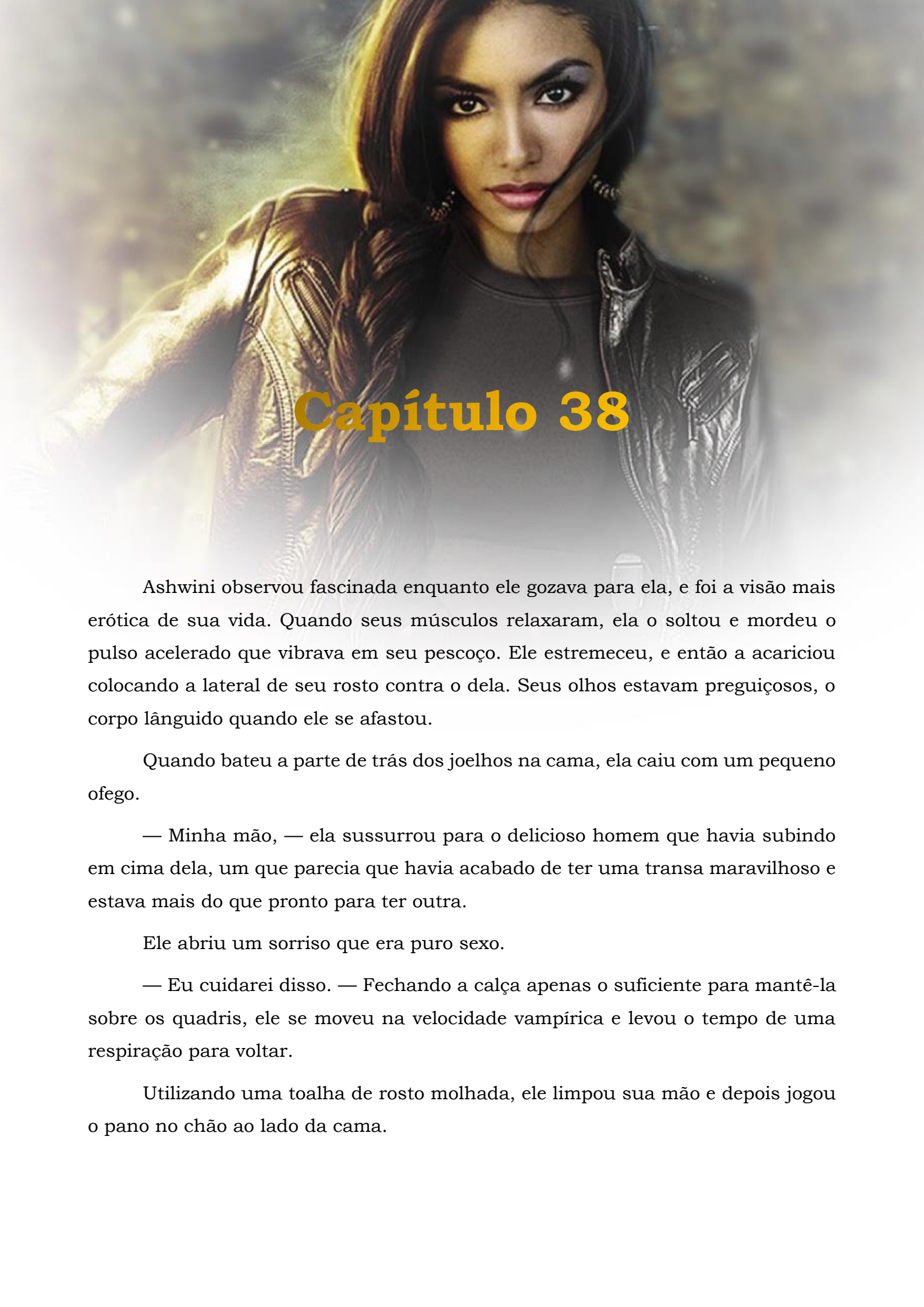
— Mais forte. — Ele pediu num sussurro áspero contra sua orelha.

— Não quero te machucar.

Ele riu.

— Há uma razão para o orgasmo ser chamado de *la petite mort*. — Fechando a mão sobre a dela, ele lhe conduziu no ritmo áspero que ela jamais teria imaginado que ele gostasse. Mas já que ele tinha pedido...

Quando ela provou ser uma boa aluna, ele a soltou com um gemido e envolveu os dedos entre seus cabelos, trazendo-a para um beijo profundo e cru. Ele não sabia o que mais mexia com sua cabeça, sua boca ou a mão em seu pênis. Porém, ela sabia exatamente o que deveria fazer, e o fez tão rápido e forte que ele por fim interrompeu o beijo e jogou a cabeça para trás, os tendões de seu pescoço esticado enquanto seus quadris bombeavam seu punho.



## Capítulo 38

Ashwini observou fascinada enquanto ele gozava para ela, e foi a visão mais erótica de sua vida. Quando seus músculos relaxaram, ela o soltou e mordeu o pulso acelerado que vibrava em seu pescoço. Ele estremeceu, e então a acariciou colocando a lateral de seu rosto contra o dela. Seus olhos estavam preguiçosos, o corpo lânguido quando ele se afastou.

Quando bateu a parte de trás dos joelhos na cama, ela caiu com um pequeno ofego.

— Minha mão, — ela sussurrou para o delicioso homem que havia subindo em cima dela, um que parecia que havia acabado de ter uma transa maravilhoso e estava mais do que pronto para ter outra.

Ele abriu um sorriso que era puro sexo.

— Eu cuidarei disso. — Fechando a calça apenas o suficiente para mantê-la sobre os quadris, ele se moveu na velocidade vampírica e levou o tempo de uma respiração para voltar.

Utilizando uma toalha de rosto molhada, ele limpou sua mão e depois jogou o pano no chão ao lado da cama.

— Não sou sempre tão... civilizado, — ele disse enquanto erguia suas pernas para retirar a botas. — Acha que gostaria de me ver derramar em sua pele? — Beijando seu tornozelo, ele devolveu uma perna para cama e ergueu a outra.

Ashwini ofegou, observando os músculos de seu abdômen se moverem, flexionando e relaxando enquanto ele retirava sua bota e meia. Ela olhou para cima, e sorriu, ele se colocou entre suas coxas empurrando as palmas das mãos contra cada lado dela. Descendo sem esforço, os bíceps tensos, ele passou a língua pelos lábios molhado em evidente provocação.

— Está com calor, querida?

— Sim.

— Então, acho que você deve tirar este casaco.

— Não é desse tipo de calor que estou falando. — Ela sentiu como se seu corpo estivesse derretendo de dentro para fora. Entretanto, quando ele se ergueu novamente, ela tirou a jaqueta, assim como o fino top ficando apenas de sutiã.

Janvier se moveu naquela bela e perigosa velocidade novamente, envolvendo sua cintura com as mãos antes dela tirar alguns fios de cabelo que havia caído sobre o rosto dele. Pegando-a, ele a colocou mais para trás na cama, de modo que suas pernas não estivessem penduradas na lateral.

Ela deveria ter medo ante a prova de sua força física. Sem armas, ela jamais poderia derrotá-lo. Mas ela não sentia medo, não de Janvier, nunca. Ela o abraçou quando ele se juntou a ela na cama, os ombros bloqueando a luz que entrava no quarto. Com seu jeans precariamente pendurado em seus quadris, ela tinha toda aquela bela carne masculina para explorar com as mãos enquanto lambia sua garganta.

Apoiando-se na cama com um antebraço, ele puxou a taça do sutiã para baixo. Seus seios eram de um tamanho médio, ela sabia que jamais ganharia um concurso de garota da camiseta molhada. Mas Janvier gemeu e baixou a cabeça para chupar não só o mamilo, mas cada centímetro de seu seio.

Suas costas se arquearam, e ela teve de levar as mãos a boca para abafar o grito enquanto ele continuava a chupar. Cada sugada quente e úmida viajava



diretamente para seu núcleo. Sua calcinha estava tão molhada que ela podia sentir a umidade começando a molhar seu jeans. Mas isso não importava. Segurando-o contra si, ela ondulou o corpo em direção ao seu, numa tentativa de se esfregar em seu delicioso pênis.

Quando ele ergueu a cabeça, ela desesperadamente disse:

— Não.

Dando um último beijo em seu mamilo, ele fixou sua atenção no outro seio e foi tão bom quanto. Os músculos de sua barriga tremiam e ela envolveu as penas ao redor dele.

— *Janvier*.

— Deixe-me, *ma belle sorcière*.

Ela se entregou, permitindo-lhe fazer o que quisesse, e quando ele finalmente ergueu a cabeça, ela ofegava com tanta força que não tinha fôlego para formar qualquer palavra. Janvier acariciou suas costelas com as mãos, em seguida, levou as mãos para trás desfazendo o fecho do sutiã. Isso pareceu muito difícil com ela deitada de costas, então ele sorriu.

— Farei de outro jeito. — Então, com um puxão, rasgou o sutiã de seu corpo deixando a parte de cima do corpo dela completamente nua para ele.

Acariciando-a do ombro a coxa, ele beijou sua boca e queixo enquanto sussurrava palavras doces e sujas em seu ouvido, fazendo que seus quadris subissem buscando os dele, mesmo antes dele abrir sua calça jeans e enfiar a mão dentro de sua calcinha. O choque do contato a teria levantado da cama, se ele não a estivesse presa sob o próprio corpo.

— Tão molhada para mim, *cher*. — A respiração dele estava tão ofegante quanto a dela, e terminou suas palavras com um beijo. — Você me faz perder a cabeça.

A mente de Ash havia entrado num caos de sensações, ela agarrou seus ombros, e incapaz de resistir à tentação, olhou para baixo. A visão de suas mãos entre as coxas, e o antebraço musculoso polvilhado com finos pelos lhe arrancou um gemido. Ela precisava de seu beijo, precisava encontrar uma âncora naquele

turbilhão. Ele abaixou a cabeça, e deu a ela o que ela precisava, sem que fosse preciso dizer nada.

Dez segundos depois, quando ele retirou a mão, ela cravou as unhas em seus ombros.

— Eu quero te ver. — Ele foi para a parte de baixo da cama, parando para deixar beijos ao longo de seu corpo, ele enfiou os dedos nas laterais e sua calça e a tirou junto com a calcinha num puxão forte. Jogando-os no chão, ele se ajoelhou entre suas coxas, segurando seus joelhos e os empurrando até deixá-la completamente aberta.

Os dedos de Ashwini se fechando sobre os lençóis, ela o observou enquanto ele a olhava. Suas pálpebras estavam pesadas, as bochechas coradas e a respiração irregular. E quando levou os olhos para baixo, viu que ele parecia densamente apertado, o botão de sua calça fazendo um péssimo trabalho em conter sua ereção.

— Tire sua calça. — Ela queria vê-lo também, queria que cada centímetro dele tocasse cada centímetro dela.

— Daqui a pouco. — Deslizando a mão entre suas coxas, ele começou a acariciá-la levemente. Uma e outra vez, até que sua pele comesse a suar e ela levantasse os quadris em direção ao seu toque, entregue a um prazer tão intenso, que podia sentir uma tempestade elétrica se formando sob sua pele.

Ele retirou a mão.

Ela ameaçou matá-lo das maneiras mais criativas.

O sorriso de resposta de Janvier a deixou sem palavras. Quando ela o mordia, ele a beijava, e seu sorriso aumentou ainda mais. Ash envolveu as pernas ao redor de seus quadris, mas isso não pareceu adiantar. Ele desceu sobre seu corpo, e então...

O grito que saiu da boca de Ash quando ele envolveu seu clitóris com os lábios foi fraco, pois seus pulmões estavam completamente desprovidos de ar. Ele chupou com força, comendo-a como se ela fosse o melhor dos doces, e a tempestade dentro dela explodiu. Sua mente estilhaçou enquanto ela se entregava... e ele continuou a beijá-la, longas e lentas lambidas, pequenas sugadas, movimentos

ligeiros que a fizeram cavalgar onda a após onda de prazer por um tempo tão longo que ela se sentiu completamente desossada quando terminou, seus músculos trêmulos.

Pressionando um beijo contra a parte interna de sua coxa, Janvier se levantou, e por fim, tirou a própria calça.

Lindo, ela pensou, mas não chegou a dizer, pois sua mente ainda estava mergulhada na mais requintada e erótica agonia que ela já havia sentido.

— Você é linda, Ashblade.

Ela franziu o cenho, mas então ele foi em sua direção e ela tinha coisas mais importantes para pensar. Como o fato de seu corpo nu sobre o dela, parecer ainda melhor do que ela se lembrava, todo calor e força masculina, sua pele como seda sob suas possessivas mãos.

Esfregando-se contra ela, Janvier estendeu a mão para acariciá-la novamente. Ela estremeceu, ainda estava muito sensível, mas não de um modo ruim.

— Sim, — ela murmurou antes mesmo dele fazer a pergunta.

Ele a beijou novamente e desta vez ela manteve os olhos abertos. A intimidade disso era esmagadora. Ash estremeceu quando ele deslizou o dedo dentro dela, mas não quebrou o contato visual. Nem ele... então ele colocou outro dedo, espalhando-os levemente dentro dela, curvando-os e a acariciando lenta e profundamente.

Sentindo a tempestade voltar a se formar novamente, ela acariciou sua bochecha.

— Quero você comigo.

Virando a cabeça, ele beijou a palma da mão.

Seu coração apertou.

Ela correu os dedos por seus cabelos e foi para nuca quando ele tirou a mão de entre suas pernas e mudou de posição. Quando deslizou a palma no interior de sua coxa esquerda, ela o deixou empurrá-la abrindo mais, e então ele estava enfiando seu pênis. Ela gemeu com a sensação dele empurrando dentro dela, a

cabeça de seu pênis grande o suficiente para que ela o sentisse em toda plenitude, seus músculos esticando num esforço para acomodá-lo.

Um pequeno som escapou de sua garganta. Ele ficou imóvel.

Envolvendo as pernas ao redor de seus quadris, ela se ergueu.

— Te quero dentro de mim. — Beijou seus lábios, bochechas e garganta enquanto segurava o rosto dele com as duas mãos. — Preciso de você.

— Ashwini. — Ele enterrou os dedos em seu quadril antes de respirar fundo e empurrar.

Doeu, mas aquela era uma dor boa.

Ele deslizou mais um centímetro e ambos ofegaram... então ele começou a recuar. Mas empurrou de volta antes que ela pudesse reclamar, indo um centímetro mais fundo. Então mais uma vez, e novamente. No instante em que ele já havia dado a ela o quinto acidente vascular cerebral, a pontada de desconforto havia desaparecido e havia sobrado somente o prazer. Seus músculos apertaram ao redor dele, e ela o ouviu xingar, logo em seguida todo e qualquer pensamento escapou de sua mente.

Apenas o calor do sexo e o corpo de Janvier empurrando dentro e fora dela, a boca voraz e os olhos abertos. Ela entregou a ele sua alma, e em troca pegou a dele, e de repente, tudo se encaixou em seu devido lugar.

\*\*\*

Mais tarde aquela noite, Elena pousou no telhado da Torre, depois de ajudar outro caçador com uma vampira recém transformada que havia se mostrado ser uma fugitiva imprevisível. A pequena e escorregadia mulher, era rápida ao entrar e sair de becos através da cidade com a agilidade de uma acrobata, o que aparentemente ela havia sido antes. Elena ficou realmente impressionada com ela, ainda mais ao ouvir sua resposta quando ela foi capturada.

— *Eu nunca deveria ter escutado Bill,* — a pequena corredora disse com cara de nojo. — *Tem uma brecha no contrato, só se for na bunda dele* — ela disse

imitando uma voz masculina. — *E agora, adivinhem, minha bunda é que vai ser entregue de brinde para aquele anjo idiota!*

Ela gostaria de saber quantos alvos eles já haviam caçado e que havia sido enganados com a mentira da “brecha”. Elena estendeu sua mente até Raphael.

*Arcanjo?*

Nenhuma resposta.

Franzindo o cenho, pois ela acreditava que ele ainda estava na Torre, ela entrou em seu escritório apenas para encontrá-lo vazio. Sua próxima parada foi no escritório de Dmitri. O vampiro estava usando uma calça jeans preta e camiseta preta, o cabelo bagunçado como se tivesse passado a mão por ele diversas vezes. Não havia dúvida de que Dmitri era um homem lindo e sexy. Também não havia dúvida que ele gostava de dor e de sangue um pouco mais do que o normal.

Seu relacionamento com Honor foi algo que deixou Elena surpresa, principalmente porque era óbvio que Dmitri amava sua esposa. Ele não via mais ninguém quando Honor estava na mesma sala, seus olhos escuros fixos apenas nela. Qualquer um que se atrevesse a machucar a outra caçadora provavelmente estaria morto num curto período de tempo, isso após uma boa tortura.

— Ellie, — disse ele, enrolando uma mecha de perfume em torno de seus sentidos.

Champanhe, pele quente e a promessa do mais agonizante pecado.

Enrijecendo os músculos contra o impacto, pois ela sabia muito bem que ele fazia isso só para implicar, ela cerrou os dentes até que a primeira onda passasse.

— Você tem um relatório das vítimas que a equipe de Ashwini encontrou?

Ele acenou com a cabeça, seu semblante de repente sombrio.

— Uma se chama Brooke, ela tem alguns ossos quebrados e ferimentos internos, mas suas chances de sobrevivência são bem melhores do que as que serviram de alimento para Cornelius.

— Tudo bem, e quem é Cornelius? — Ela gostava de se manter informada, apesar de ter outras funções. O pedido de ajuda de seu amigo caçador tendo chegado havia só 45 minutos, o resto do dia ela havia passado apenas voando sobre

Nova Iorque. Raphael havia pedido a ela para pegar um esquadrão da Legião e ir visitar os líderes vampiros bem comportados.

Era uma indicação de que o modo como mantinham o controle de seu povo havia sido notado, e um lembrete de que a Torre estava sempre observando.

Tendo visto um vampiro em sede de sangue em ação algumas vezes como caçadora, ela sabia que o massacre era revoltante, Elena não via problemas em fazer todo o possível para proteger sua cidade de um banho de sangue. E os homens e mulheres que haviam sido reunidos hoje na Torre, estavam a apenas um passo disso. Principalmente Anais e Severin, que estavam detidos na Torre, incentivando o pavor de todos aqueles que haviam ficado cara a cara com um furioso Raphael no dia anterior, e este medo, havia se espalhado como um incêndio.

Elena havia tranquilizado os líderes vampiros que Raphael tinha notado que estavam cumprindo suas funções como era devido, e dizendo que não havia risco de eles serem chamados para uma reunião particular com o arcanjo. Sua mera presença, e o fato de que conhecia seus nomes, tinha sido mais que o suficiente para mostrar a força de Raphael, ao mesmo tempo em que os fizeram se sentir valorizados.

Os músculos de suas asas doíam devido as longas horas de voo, seu corpo estava exausto, mas tinha valido a pena reforçar a calma da cidade. Toda a cidade estava livre de qualquer indício de sede de sangue, antes mesmo dela ter recebido a chamada do caçador. Seus colegas da Sociedade tinham começado a utilizá-las em incidentes específicos, onde uma vista aérea seria útil e ao mesmo tempo dava a Elena uma função ali, mesmo que ela passasse a maior parte do tempo cuidando de negócios da Torre.

Porém, sua alma de caçadora desejava poder ajudar Ash e Janvier, a feiura do que eles haviam descoberto a tinha enfurecido. Ninguém tinha direito de fazer isso com outro ser vivo, de sentir prazer com o terror do outro.

— Meu instinto diz que é Cornelius, — Dmitri respondeu, colocando a pasta com o relatório na mesa. — E tudo parece se encaixar muito bem, a forma como as vítimas estão magras, as penas cor creme mescladas com vermelho, o fato de que Giorgio passou meio século na corte de Lijuan no início de seu contrato. Eu soube

deste último faz pouco tempo. — Ele apoiou as mãos na cintura e levantou uma sobrancelha. — Mas Janvier e a caçadora já estão investigando isso. O que mais posso fazer por você, estimada consorte?

Seus dedos coçaram para alcançar uma lâmina.

— Você viu Raphael?

— Ah. — Ele se aproximou. — Acredito que uma de suas favoritas veio fazer uma visita a ele.

— Se você me disser que Michaela está aqui, teria que te esfaquear por ser o mensageiro. — Raphael havia escoltado a outra arcanjo pessoalmente para fora de seu território antes da batalha de Nova Iorque, depois que Michaela fingiu estar grávida apenas para ganhar sua simpatia, ou por qualquer outro motivo maquiavélico que não havia dado certo.

— Você diz as coisas mais excitante, Ellie. — Sua voz foi apenas um ronronar, antes que os aromas ao seu redor se tornassem inebriantes o suficiente para sufocá-la.

— Dmitri, pare de testar Ellie. — Aparecendo atrás de Elena, Honor cutucou seu marido com uma carranca no rosto. — O que acha que está fazendo com ela?

Envolvendo um braço ao redor dos ombros de Honor, Dmitri a abraçou.

— Estou ajudando-a a manter-se forte. — Seus olhos observavam Elena fixamente, sem piscar, assim como um predador. — Sua susceptibilidade ao perfume dos vampiros é uma fraqueza que ainda não descobriram, mas um dia eles vão.

Elena gostaria de discordar, mas Dmitri estava certo, mesmo que ele fosse um bastardo. Forçando o ar de volta a seus pulmões, ela perguntou:

— Desembucha. Quem está aqui?

— Caliane.

Sua mente simplesmente se recusou a registrar isso. Assim como a de Honor, a julgar por seu queixo caído.

— Caliane? — Ambas perguntaram em uníssono.

— Sim.

— Mas ela vive a um oceano de distância! — Elena disse desesperada. — Ela não pode simplesmente deixar sua cidade e voar por aí. — Elena tinha falado com Raphael sobre o relatório de Naasir, sobre a solidão de Caliane, mas ele não lhe falou nada sobre sua mãe os visitando tão cedo. — E o que aconteceu com o escudo que protege seu povo? Os generais de Lijuan estão a apenas um curto vôo de distância.

— Parece que a mãe de Raphael tem seus segredos, assim como qualquer antigo. — Disse Dmitri com um fraco sorriso em sua boca. — Entrei em contato com Venon, e parece que o escudo está ativo, e ele sequer sabia que ela havia saído até que eu ligasse para ele. Caliane disse a seu povo que ficaria recolhida com suas donzelas por alguns dias.

Elena esfregou o rosto.

— Oh, meu Deus, — ela gemeu. — Minha sogra veio fazer uma visita e a casa sequer está preparada! Ela está aqui?

Descaradamente divertido, Dmitri respondeu:

— Ela foi vista por um guarda quando estava se aproximando, Raphael voou até o oceano para acompanhá-la pelo resto do caminho. Você tem pelo menos uma hora para alertar Montgomery para que ele prepare uma suíte. — Os tentáculos de seu perfume se retraíram, o vampiro parecia estar com pena dela. — Confie em seu mordomo.

Aquele era um ótimo conselho, mesmo vindo de quem vinha.

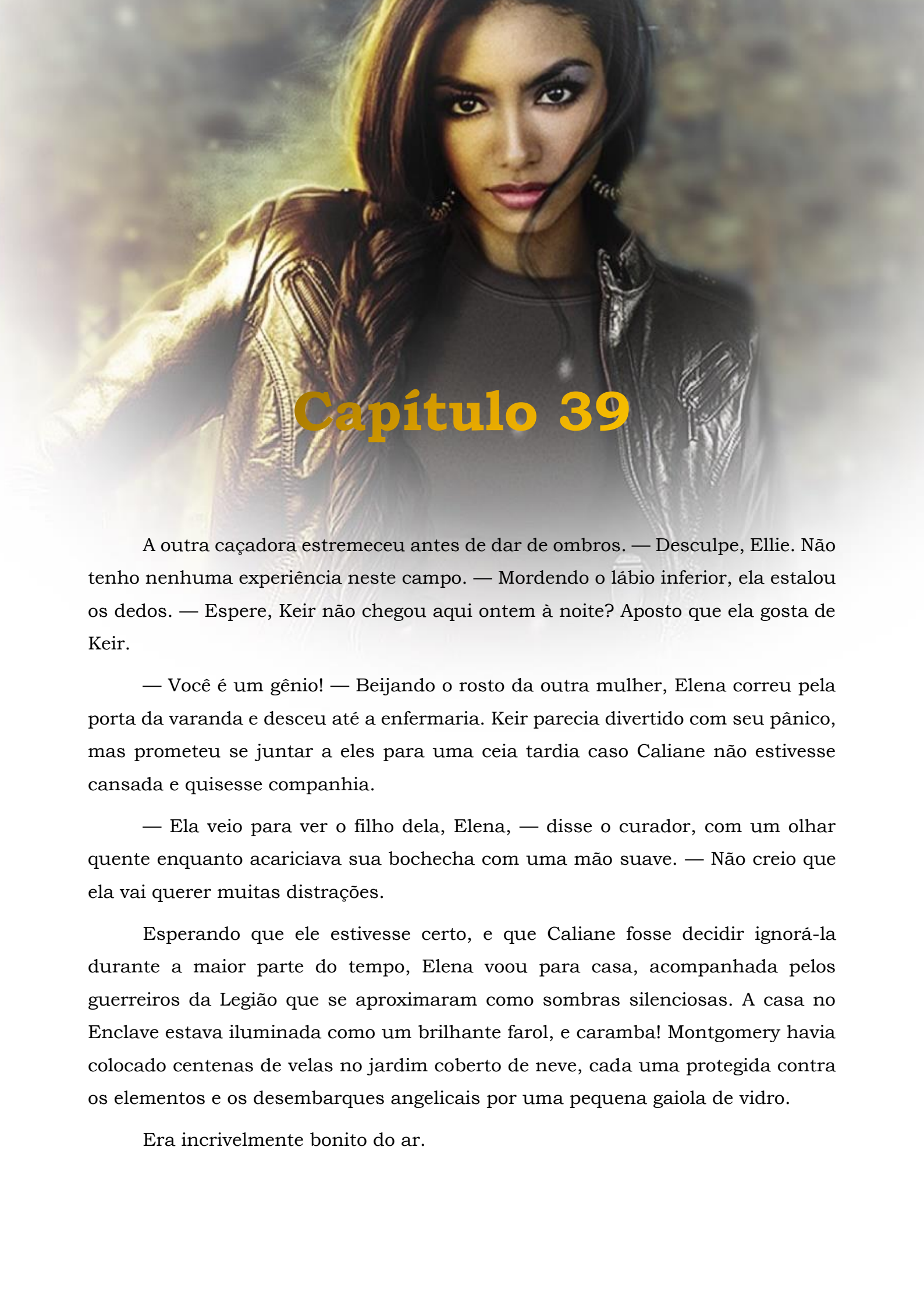
— Preciso ir para casa para trocar de roupa. — Ela estava toda suja de sangue e de graxa já que a caça a acrobata a havia levado até um ferro-velho. — Porque você não ligou mais cedo para me avisar?

— O senhor disse que te avisar com uma hora de antecedência seria o suficiente. É todo o tempo do qual precisa.

De acordo com quem? Elena queria gritar.

— Droga Honor, o que eu faço com uma sogra que é uma antiga e que pensa que sou um inseto? — Um que havia infestado a vida do amado filho de Caliane.



A woman with long dark hair and a leather jacket, looking intensely at the camera. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm lighting.

## Capítulo 39

A outra caçadora estremeceu antes de dar de ombros. — Desculpe, Ellie. Não tenho nenhuma experiência neste campo. — Mordendo o lábio inferior, ela estalou os dedos. — Espere, Keir não chegou aqui ontem à noite? Aposto que ela gosta de Keir.

— Você é um gênio! — Beijando o rosto da outra mulher, Elena correu pela porta da varanda e desceu até a enfermaria. Keir parecia divertido com seu pânico, mas prometeu se juntar a eles para uma ceia tardia caso Caliane não estivesse cansada e quisesse companhia.

— Ela veio para ver o filho dela, Elena, — disse o curador, com um olhar quente enquanto acariciava sua bochecha com uma mão suave. — Não creio que ela vai querer muitas distrações.

Esperando que ele estivesse certo, e que Caliane fosse decidir ignorá-la durante a maior parte do tempo, Elena voou para casa, acompanhada pelos guerreiros da Legião que se aproximaram como sombras silenciosas. A casa no Enclave estava iluminada como um brilhante farol, e caramba! Montgomery havia colocado centenas de velas no jardim coberto de neve, cada uma protegida contra os elementos e os desembarques angelicais por uma pequena gaiola de vidro.

Era incrivelmente bonito do ar.

Pousando na área circular que havia sido demarcada pelas velas, Elena entrou para encontrar a casa em polvorosa. Ele sempre fora altamente eficiente, mas todos os empregados sempre exerciam funções específicas, raramente aparecendo na frente dela. Na verdade, ela nunca tinha visto um fio de cabelo fora do lugar em Montgomery.

— Caçadora da Sociedade, — ele disse com um semblante aliviado, — tomei a liberdade de mandar preparar um dos seus vestidos.

— Perfeito, muito obrigada. — Elena subiu as escadas de dois em dois, enquanto Montgomery vinha atrás dela. — Há algo em que eu possa ajudar?

— Preparei os quartos azuis para Lady Caliane e Sivya está garantindo que ela tenha uma abundância de comidas para escolher. — Ele disse enquanto entrava com ela nos aposentos de Raphael e a ajudava a retirar suas armas.

Besta, facas, estrelas de arremesso que Ash lhe dera, os pálidos de cabelo laminados que haviam sido um presente de Mahiya. Embora geralmente ela fizesse questão de limpar e guardar tudo ordenadamente, desta vez ela deixou tudo em uma pilha sobre a mesa, e então começou a tirar as botas.

— Parece que você tem tudo sobre controle. — Ela franziu o cenho enquanto tentava pensar como uma consorte. — Prepare-lhe um banho, para que esteja pronto e da temperatura certa para quando ela chegar. Ela teve uma longa viagem.

— Claro.

— E pegue algumas plantas e flores da estufa, — ela disse lembrando-se dos exuberantes jardins de Amanat. — Coloque-os em sua suíte e no banheiro.

— Farei isso agora.

— E quanto a roupas? — Elena ergueu a cabeça. — Se ela veio sozinha, talvez ela não tenha trazido nada. — As roupas de Elena não caberiam nela, sendo que Caliane era mais baixa e tinha mais curvas.

Montgomery pareceu ficar verde por um momento, mas se recompôs numa velocidade impressionante.

— Entrarei em contato com um alfaiate. Ele deve ter alguma peça adequada que possa ser rapidamente ajustada, e o farei trabalhar a noite inteira para produzir outros. — O mordomo fechou a porta atrás de si.

Tirando suas roupas, Elena se banhou na velocidade da luz, então colocou o vestido que Montgomery havia escolhido. Era de um tecido branco e assombrosamente brilhante, e confortável, ao menos tanto quanto um vestido poderia ser. Sendo que era uma faixa de tecido que ia de seu pescoço até a cintura, e a saia possuía quatro fendas na altura dos quadris.

A sobreposição preservava sua modéstia, ao mesmo tempo que a permitia caminhar livremente e lutar. A parte de trás era aberta para acomodar suas asas. Ela normalmente não gostava de mostrar tanta pele, mas aquilo funcionava já que a parte da frente era comportada, e honestamente, ela estava feliz por não ter que lidar com quaisquer tiras ou botões ao redor de suas asas naquele momento. Um botão prendia a parte da frente ao redor de seu pescoço, sendo escondido pelo tecido discretamente.

Montgomery merecia um aumento.

Escovando o cabelo, ela o prendeu num coque que Sara havia lhe ensinado, então o prendeu com os palitos laminados de Mahiya.

Se sentia nua estando tão desarmada, mas sabia que não poderia se carregar de armas para receber sua sogra, ao invés disso ela tinha que arrumar coragem. Então, abrindo a caixa de joias que havia sobre a penteadeira. Seu olhar encontrou a bela adaga que Raphael lhe dera. O punho e a bainha incrustado de pedras preciosas, ela parecia um objeto decorativo, mas poderia cortar até o osso se usada corretamente.

Sim, seu amante a conhecia muito bem.

— Eu te amo, Arcanjo, — Ela disse enquanto colocava a baixa preta e macia em torno de seu braço, com a lâmina cintilando em delicioso contraste com o branco de seu vestido.

Ela colocou pequenos brincos de diamantes em suas orelhas, passou uma pouco de maquiagem, sem saber o que mais fazer, bem, aquilo teria que bastar. Correndo para a próxima coisa urgente em sua lista, ela fez uma vídeo chamada

para Jessamy. A anjo esbelta, de cabelo castanho avermelhado, arregalou os olhos quando Elena lhe contou o que estava prestes a acontecer.

— Esta é uma situação bastante incomum, Ellie. — A outra mulher disse antes de começar a procurar rapidamente entre seus livros. — Você estará recebendo um antigo que é mãe do seu consorte, mas que também é um arcanjo. — Linhas de preocupação marcaram sua testa. — Isso tudo complica a ordem natural das coisas.

— Me ajude, Jess, — Elena implorou. — É a primeira visita dela a nossa casa. — Caliane havia dormido por mais de mil anos, voltando a consciência apenas a um ano atrás, durante o primeiro ataque de Lijuan a Raphael. Desde então, a mãe de Raphael havia permanecido dentro da cidade perdida que havia surgido com ela, cuidando do bem-estar de seu povo.

Elena passou a mão sobre o rosto.

— É fundamental que eu dê uma boa impressão. — Não porque ela se importasse com a aprovação de Caliane, mas sim porque ela era a mãe de Raphael.

Se sua própria mãe voltasse, se de algum modo ela pudesse atravessar o véu da morte, ela pensou com uma onda de dor que jamais a havia deixado, Elena gostaria que ela e Raphael se dessem bem, e gostassem um do outro. Era bastante improvável que isso acontecesse, mas, pelo menos, as duas poderiam ter uma relação cordial pelos próximos, o que, dez mil anos ou mais?

— Isso terá que servir, — Jessamy murmurou. — É um conto sobre como um arcanjo mais jovem tem de cumprimentar um antigo. Você não é um arcanjo, mas como consorte de Raphael, você carrega o status por associação.

Cinco minutos de instruções rápidas depois, Elena desceu as escadas, as sandálias que combinavam com o vestido em uma de suas mãos. Deixando-os na porta, ela foi para cozinha para encontrar uma espécie de caos controlado. Esperando uma pausa no movimento frenético, ela disse:

— Obrigado a todos. Sei que isso vai significar muito para Raphael ter sua mãe bem acolhida.

Cada um dos rostos exibiu um sorriso, o estresse parecendo dissolver no ar.

Ela fez questão de agradecer a Montgomery pessoalmente também. Talvez ela não soubesse exatamente como ser uma consorte, mas sabia que os membros da equipe funcionavam melhor quando tinha seu trabalho reconhecido. E essas pessoas não faziam parte apenas de uma equipe, elas também faziam parte de sua família.

Logo em seguida sentiu a chuva, e o mar batendo em sua mente.

*Caçadora da Sociedade, estou lhe dando um aviso com cinco minutos de antecedência, logo estaremos aí.*

Um aviso com cinco horas seria bem melhor. Ela deslizou os pés nas sandálias e se dirigiu para fora, andando pelo tapete preto que Montgomery havia colocado levando até a área de pouso.

*Quando chegar em casa, iremos discutir sobre a sua ideia de um tempo adequado para preparação.*

Embora ela tivesse que admitir que estivera tão ocupada correndo para arrumar as coisas, que não teve nenhum tempo para se sentir ansiosa.

Um beijo ecoou por sua mente.

*Não queria atrapalhar sua diversão na caça do vampiro fugitivo.*

*E o que é esse novo senso de humor agora, heim?*

Consciente de Montgomery caminhando rapidamente e parando vários metros atrás a sua esquerda, ela olhou em direção a Manhattan.

As asas de Raphael eram identificáveis tanto por sua envergadura, quanto por sua cor, o fogo branco fazendo um contraste deslumbrante contra o céu noturno. E Caliane vinha ao seu lado, muito menor, mas com o mesmo requintado controle de voo.

Um esquadrão completo voava logo atrás.

Dmitri deve ter organizado uma escolta de boas-vindas, mas esta escolta permaneceu do outro lado do Hudson, e apenas Raphael e Caliane pousaram na frente dela. Com os mesmos olhos excruciantemente azuis e cabelos negros, não havia dúvidas de que eram mãe e filho.

— Lady Caliane, — Elena disse, dando um passo para frente com as duas mãos estendidas como Jessamy havia decidido que seria aceitável. — Você é bem vinda a nossa casa.

Parte dela estava esperando que a antiga, vestindo uma roupa de viagem de couro vermelho, mas que mantinha uma postura tão régia quanto sempre, rejeitasse seu cumprimento. Estava pronta para fingir que não se importava, apenas para manter a paz. Mas os dedos de Caliane se fecharam sobre os seus, o poder antigo zumbindo pelos ossos de Elena.

— Agradeço sua generosidade, — Caliane respondeu antes de soltar sua mão. — Deveria ter avisado de minha viagem com antecedência.

— Esta é a casa de seu filho, — Ela disse com sinceridade. — Você sempre será bem-vinda.

Os olhos de Raphael encontraram os dela.

*Você é muito gentil com minha mãe, hbeebti. Acho que ela está envergonhada por seu comportamento impulsivo agora que chegou aqui.*

*Obrigado por perceber.*

Sorrindo para Caliane, Elena apontou a casa.

— Todos aqui estão animados para conhecê-la.

Caliane hesitou por um segundo, mas depois começou a andar ao seu lado. Quando Elena apresentou Montgomery e os outros membros da equipe que ficaram em filas para serem apresentados um por um, a mãe de Raphael foi nada menos que graciosa.

Depois disso, ela mostrou os aposentos preparados para Caliane, e cruzando os dedos para que Montgomery tivesse conseguido arranjar um vestido de última hora, Elena disse:

— Por favor, fique à vontade. Estaremos te esperando na biblioteca. A sala de jantar é demasiado grande para um jantar em família.

— Consorte. — O olhar de Caliane era intenso, sua expressão ilegível.

A mão de Elena apertou a maçaneta da porta, os cabelos de sua nuca se arrepiando. A parte primitiva de seu cérebro que reconhecia Caliane como uma ameaça, gritava para ela correr.

— Lady Caliane?

— Esta casa... ela tem coração. Estou feliz por meu filho viver em um lugar assim.

Sem saber se este era um elogio, ou apenas uma declaração, Elena inclinou a cabeça e saiu, deixando a antiga se preparar para o banho. Ela deu um suspiro aliviado apenas quando chegou em seus próprios aposentos. Andando até os braços de Raphael, ela deixou que ele envolvesse as próprias asas ao redor dela e os dois apenas ficaram lá, prontos para enfrentar aquela extraordinária visita, do mesmo modo que enfrentavam todo o resto: juntos.

\*\*\*

Ashwini sonhou com Felicity e acordou com o rosto da jovem mulher fixo em sua mente. Ela sentia-se frustrada além da compreensão, sabendo que Giorgio e Cornelius ainda estavam livres para praticar suas perversões. Saindo da cama para encontrar Janvier na varanda falando ao celular, ela colocou uma camiseta grande, meias grossas em seus pés, e depois foi até ele para abraçá-lo por trás.

Ele estava usando apenas uma calça jeans, e apesar do frio intenso na manhã, seu corpo estava quente contra o dela. Virando-se, ele passou um braço em volta de seus ombros, enquanto falava com Dmitri.

— Giorgio tem uma ligação com Lijuan, — ele falou para ela antes de retornar à ligação.

Ela podia ver em seu olhar que não tinham obtido nenhuma nova pista. Sufocando a vontade de gritar para o céu, ela beijou seu peito, em seguida foi para dentro para tomar um banho e se vestir. Estava prendendo seu cabelo num rabo de cavalo quando ouviu o som de asas se aproximando. Olhando através das portas

da janela, teve apenas tempo para pegar um vislumbre do brilho das asas de Aodhan.

Janvier entrou carregando uma mochila alguns instantes depois.

— Roupas limpas.

— Qual é exatamente sua relação com ele, que o cara até serve como entregador para você? — Ela perguntou, confusa ante a ideia de estar com um homem que poderia pedir a ajuda de anjos do mesmo modo que ela podia pedir ajuda a outros caçadores.

Indo para o banheiro, ele piscou.

— Minha curiosa e perigosa Ashblade. Isto é entre eu e faísca.

Sentindo-se feliz apesar de estar ansiosa sobre o fato de Felicity não conseguir seguir em frente, pois ainda não havia lhe sido feito justiça, ela o deixou no banheiro e foi para cozinha preparar um café.

— Não vou desistir, — ela disse para o fantasma da mulher que havia sido punida apenas por ter esperança de um futuro melhor. — Os idiotas de merda vão pagar. Eu prometo isso a você.

Um sopro invernal tocou sua pele, sua respiração de repente formado nuvens no ar, seus pulmões lutaram para lidar com o frio repentino, mas em seguida o agradável calor preencheu a sala, e ela soube que Felicity havia ido embora.

O beijo em sua nuca dez minutos depois, foi acompanhado pelo cheiro fresco e limpo de sabão e homem. Ela ergueu seu café, já tendo comido algumas torradas antes.

— Quer um pouco?

Ele assentiu com a cabeça antes de tomar um gole, absorvendo o gosto com tanto prazer e sensualidade que ela sentiu a parte de baixo de seu corpo apertar. Esta manhã a química entre eles estava mais forte do que nunca, com seus corpos já cientes do que cada um era capaz de fazer com o outro.

Permitindo a si mesma percorrê-lo com o olhar, ela passou os dedos pelo queixo dele.



— Quando foi a última vez que se alimentou? — Ela colocou a caneca de café de lado.

— Não irei desmaiar, *cher*. — Ele abriu um sorriso lento. — Posso pegar uma garrafa na Torre.

Ela puxou a manga de sua camiseta preta de gola V, e mostrou o pulso erguendo-o para seus lábios. Suas pálpebras ficaram pesadas e seu peito se expandiu numa profunda respiração.

— Você não tem que fazer isso.

— Eu sei. — Ela acariciou seu pescoço com os dedos, e se inclinou para ele, alinhando seus corpos juntos.

Estremecendo, ele segurou seu pulso, um beijo sobre a pele delicada sobre o sangue que batia rapidamente. Em seguida, ele a lambeu fazendo-a suspirar enquanto sentia todo seu sangue se acumular naquele ponto específico. Seus mamilos ficaram duros, quase perfurando o sutiã em minúsculos prontos.

Nos olhos dele, brilharam uma mistura de possessividade, puro sexo e lânguida afeição, fazendo seu estômago se dobrar em nós e admitir que estava fazendo aquilo por mais que simples obrigação.

— Agora. — Ela disse num tom rouco.

Dando um sorriso pecaminoso, ele finalmente perfurou sua carne.

Ele baixou os cílios, e ela observou sua garganta se mover enquanto ele se alimentava... do sangue dela. Suas pernas tremeram, e ela se moveu buscando apoio no balcão. Ele a seguiu, uma mão indo até a parte inferior de suas costas para acariciá-la levemente, enquanto continuava a se alimentar.

Ele não estava tomando muito sangue, ela percebeu com a parte de sua mente que não estava embriagada. A maior parte do que ele precisava, ele havia bebido nos primeiros dois goles, no momento, ele bebia apenas por puro prazer. Ela gostava disso. A excitação se construía rapidamente dentro dela, formando um punho de energia ao redor de sua barriga. Era diferente de sexo, não tão íntimo, mas aquele era Janvier. Deslizando os dedos sobre sua blusa para acariciar a pele, ele ergueu os cílios, conectando seus olhos com os dela, e o mundo explodiu.

Estremecendo com as ondas do orgasmo, ela abriu os olhos que nem lembrava de ter fechado e o viu lambe a ferida até fechá-la. Ele fez isso várias vezes, até que ela não conseguiu ver nenhuma ferida além de pequenos furos que desapareceriam até o fim do dia. Satisfeito.

Ela mordiscou o polegar e disse:

— Devo confessar que esse não é um jeito ruim de começar a manhã. — Sim, ele a havia revirado de dentro para fora, mas ele não estava tão controlado quanto parecia, a prova disso era a ereção que pressionava agressivamente contra o zíper de seus jeans. — Talvez na próxima vez, devamos fazer antes de sair da cama.

— Eu concordo. — Ele se esfregou contra ela e gemeu. — Temos que...

Os celulares dos dois tocaram ao mesmo tempo. As mensagens eram idênticas:

*A vítima está acordada. Quer falar com vocês.*

Animados com a notícia os dois foram imediatamente para o hospital, sem mais conversa. Foi Brooke que tinha acordado e se encontrava estável o suficiente para falar. O medo da mulher brutalizada pairava pelo ar com um gosto metálico, mas quando ela agarrou sua mão, Ashwini não protestou.

Os músculos de sua barriga se apertaram quando a enxurrada de pânico e dor a atingiu, fazendo a náusea subir por sua garganta. Ela fixou os olhos nos castanhos e assustados de Brooke.

— Você é forte, — ela disse. — Aqueles canalhas não esperavam por isso.

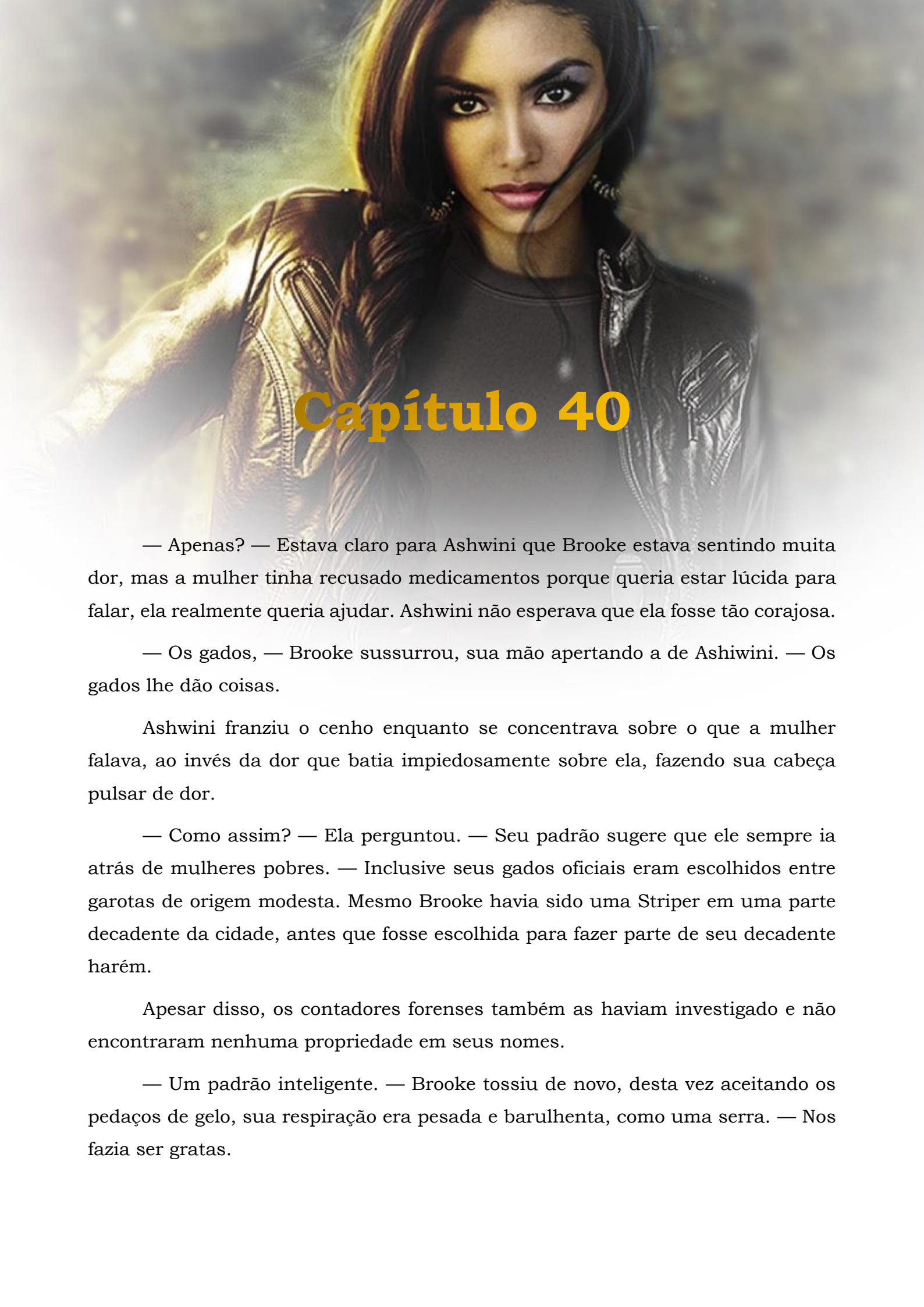
O sorriso que Brooke abriu logo se transformou numa careta quando ela esticou muito os músculos faciais.

— Você não os encontr... — Ela tossiu, mas recusou as pedras de gelo que Ashwini lhe ofereceu do copo em cima da mesa de cabeceira.

— Não, — Ashwini respondeu colocando o copo de volta na mesa. — Não os encontramos ainda, mas faremos isso. Você conhece algum lugar que Giorgio poderia usar como esconderijo? — Pegando o celular ela lhe mostrou a lista de propriedades.

— Nessa lista estão todos eles. — Suas palavras eram sussurros quase inaudíveis.

— Você tem todos eles. — Raspagem, palavras quase inaudíveis. — Apenas...

A woman with long, dark, wavy hair and a black leather jacket is looking directly at the camera with a serious expression. The background is a soft, out-of-focus landscape with warm, golden light. The title 'Capítulo 40' is overlaid in a bold, yellow, sans-serif font.

## Capítulo 40

— Apenas? — Estava claro para Ashwini que Brooke estava sentindo muita dor, mas a mulher tinha recusado medicamentos porque queria estar lúcida para falar, ela realmente queria ajudar. Ashwini não esperava que ela fosse tão corajosa.

— Os gados, — Brooke sussurrou, sua mão apertando a de Ashwini. — Os gados lhe dão coisas.

Ashwini franziu o cenho enquanto se concentrava sobre o que a mulher falava, ao invés da dor que batia impiedosamente sobre ela, fazendo sua cabeça pulsar de dor.

— Como assim? — Ela perguntou. — Seu padrão sugere que ele sempre ia atrás de mulheres pobres. — Inclusive seus gados oficiais eram escolhidos entre garotas de origem modesta. Mesmo Brooke havia sido uma Striper em uma parte decadente da cidade, antes que fosse escolhida para fazer parte de seu decadente harém.

Apesar disso, os contadores forenses também as haviam investigado e não encontraram nenhuma propriedade em seus nomes.

— Um padrão inteligente. — Brooke tossiu de novo, desta vez aceitando os pedaços de gelo, sua respiração era pesada e barulhenta, como uma serra. — Nos fazia ser gratas.

— Ele é um predador. — Ashwini apertou a mão da mulher. — Ele teve centenas de anos para aprimorar suas habilidades. Nunca se culpe pelo que ele fez com você.

Ela lhe deu um aceno trêmulo.

— O-obrigada, eu precisava ouvir isso. — A mulher parecia prestes a perder a consciência, mas piscou rapidamente conseguindo se manter acordada. — Seus gados eram todos pobres, mas Penelope recebeu uma herança...

— Herança?

Ela acenou fracamente.

— Sua tia era muito rica, e lhe deixou tudo, cinco anos atrás. — Sua respiração se tornou ainda mais barulhenta, e ela apertou ainda mais a mão de Ashwini. Sua garganta estava seca demais para falar, então ela lhe deu mais gelo. — Sua tia não gostava de Giorgio, — Brooke conseguiu dizer com clareza desta vez, seus olhos tão brilhantes que era óbvio que ela estava lutando para poder dizer tudo o que sabia. — A casa estava sob uma guarda jurídica especial, sendo que ela poderia usá-la até a morte, mas não tinha nenhum direito... — Uma onda de tosses a afogou novamente.

Com a mente agitada, Ashwini perguntou:

— Ela pode utilizar a casa, mas não pode vendê-la ou transferi-la enquanto estiver com Giorgio? — Esta devia ser a razão para a propriedade não ter aparecido nas pesquisas. O nome de Penelope não estava na escritura da casa.

Brooke assentiu.

— As outras meninas não sabem sobre isso. — Ela inspirou dolorosamente. — Não as machuque.

— Não se preocupe, elas não serão punidas pelos crimes de Giorgio. E Brooke... muito obrigada. O que você acabou de fazer mudou tudo.

O sorriso de Brooke foi apenas uma sombra, seus olhos finalmente se fecharam.

Deixando a mulher dormir depois de soltar sua mão, Ashwini saiu para encontrar Janvier a esperando no corredor do hospital... e cambaleou, teria caído de joelhos se Janvier não a tivesse pegado.

— Me dê um minuto, — ela disse, segurando-se nele enquanto deixava seu calor aquecer as camadas de gelo que tinha se formado em suas veias.

— Você tem todo o tempo que precisar. — Sua voz estava rouca e dura como aço, ele apertou os lábios sobre sua têmpora.

Ela gostaria de poder ficar em seus braços para sempre, mas ela tinha feito uma promessa para Felicity, Brooke, Lilli e todas as outras vítimas.

Após um minuto, ela se afastou, a náusea tendo descido para um nível tolerável, então o beijou antes de se voltar para enfrentar todo o horror que a esperava.

— Penelope, — ela disse, enquanto mandava uma mensagem para a equipe de TI. — Ela tem acesso a uma propriedade. — Dizendo tudo o que sabia para o técnico que a atendeu, ela os colocou numa busca frenética por informações. — Encontre sua tia, e vocês encontraram a casa.

Ela mal tinha desligado quando o nome de Carys apareceu em seu telefone.

— Duas meninas estão sumidas, — a mulher disse a Ashwini. — Elas receberam uma ligação ontem à noite, disseram que iam visitar um cliente rico, um que talvez se transformasse num bem feitor que as levaria para morar numa casa no Quarter.

Um nó se formou na barriga de Ashwini com a estranha semelhança disso com o que tinham falado com Felicity.

— E apenas durante a noite? — Ela disse tentando não tirar conclusões precipitadas. — Isso é muito incomum?

— Sim, quando Bridget e Marte fazem pernoite, elas nos avisam. É assim que protegemos umas as outras.

— Me mande fotos delas. Tem algo mais que você acha que pode nos ajudar?

Houve uma pausa.

— Você realmente vai ajudá-las? Está levando isso a sério?

Sem saber como respondeu, Ashwini disse:

— E por que não iria? Você não me parece alguém que mentiria sobre algo assim.

— E eu não sou, mas geralmente policiais não levam a sério casos de prostitutas desaparecidas.

— Não sou policial.

— Sim, você é uma caçadora. — Aquilo soou como um elogio. — Ransom nos disse que você era confiável. — Um sussurro soou ao fundo. — Ok, eu conversei com as meninas, assim como alguns caras que trabalham na área, as garotas foram buscadas por um SUV preto, com vidros escuros. Mas não tinha um cara lá dentro, mas sim uma mulher. Me descreveram ela como uma morena de vinte e tantos anos e boa aparência. Uma das garotas disse que ela parecia estar coberta de ou...

— Ouro e diamantes?

— Sim, você conhece a cadela?

— Sim, conheço a cadela. — Desligando após ter certeza de que Carys não tinha nenhuma outra informação, ela se voltou para Janvier e lhe contou o que Carys havia lhe passado. — Penelope sempre soube o que Giorgio fazia. As outras se apaixonaram pela atuação de “somos todas irmãs”. Mas então, havia a mulher corajosa que agora estava na cama de um hospital, uma cujo único crime foi ter amado um monstro.

Sequer Dmitri havia pensado em vigiar o gado, seu objetivo era fazê-las ficarem seguras e para isso as havia colocado em um hotel. Teria sido bem simples para Penelope fugir.

— Aposto que era ela quem atraía mulheres para ele, sendo a motorista. Por isso nunca tinham visto Giorgio com Felicity.

Os olhos de Janvier brilharam.

Ele não precisou dizer, ela entendia muito bem a raiva fria que os consumia até os ossos. Ashwini adicionou o SUV preto, as informações que havia mandando

a equipe de TI. Não era muito, mas se Giorgio, ou uma das garotas tivessem um SUV registrado em seu nome, poderia lhes dar uma maneira de pegar o filho da puta.

Os resultados da busca chegaram três minutos depois. A tia tinha duas propriedades, ambas enquadradas num estatuto jurídico que impedia Penelope de vendê-los.

— Apostamos na propriedade da Lower East Side, — disse o técnico, enquanto ela e Janvier chegavam a sua moto. — É mais perto do hospital.

— Naasir disse que irá verificar a que está na Uppe West Side, Illium está com ele.

— Lhes diga para nos ligar caso não encontrem nada. — Desligando, ela passou o endereço para Janvier e os dois arrancaram.

Assim que eles chegaram estacionando a uma quadra da casa de três andares que tinha sido da tia de Penelope, havia outra mensagem no celular.

— Um SUV foi registrado no nome de Marie em maio deste ano. — Janvier falou enquanto descia na moto. — A Sociedade deu um alerta. — A notícia havia sido espalhada entre os policiais, pessoal da Torre e todos os caçadores nas proximidades.

Depois de pendurar seus capacetes em cada lado dos guidões, Janvier disse:

— Não acho que isso será necessário.

Seguindo seu olhar, Ashwini viu:

— Puta merda. — Um SUV preto com vidros escurecidos estava estacionado em frente à casa.

Aquilo não podia ser uma coincidência.

— Não podemos esperar, — ela disse, — ele já esteve com as duas mulheres por horas.

— Vamos pela frente ou por trás? — Janvier perguntou, enviando um pedido de apoio urgente.

Ela olhou para o prédio.



— Sabe aquela coisa de escalada que você faz? Você poderia ir até a janela do terceiro andar e descobrir um jeito de entrar?

Janvier seguiu seu olhar até a janela fechada, mas não pareceu particularmente seguro quando disse:

— Vai ser brincadeira de criança.

— Você entra, então começa a descer. Vou entrar pela porta da frente. — Ela percebeu sua carranca e sacudiu a cabeça; — Vou fingir que estou aqui para ver Penelope, me certificar de que ela está bem após o trauma de descobrir os crimes de Giorgio.

— Ainda é muito arriscado. — Ashwini sorriu. Assim como Janvier. Logo depois os dois se separaram.

Ela andou pela calçada e subiu os degraus que levavam a porta da frente da casa, enquanto Janvier seguia para esquerda, para subir pelo canto. Até o momento que ela tocou a campainha, ela viu que ele já havia escalado a casa.

Quando ninguém atendeu no primeiro toque, ela se inclinou sobre a porta, tentando parecer irritada para a câmera de vigilância que estava ao lado da porta. Enquanto isso, seu estômago se agitava, seu dom captando uma energia tão horrível que ela teve que forçá-la para trás de sua mente, ou então não seria capaz de lutar. Olhando para o relógio com a persistente falta de resposta, ela pegou o celular e ligou para Penelope. Ela ouviu o toque soando dentro da casa antes de ser silenciado. A porta foi aberta cinco segundos depois.

Ela não usava uma gargantilha de outro, ou uma blusa de seda daquela vez. Mas utilizava um hobbie azul ricamente bordado.

— Oh, oi! — A morena disse com os olhos brilhantes e o rosto corado. — Desculpe a demora, — ela deu uma pequena risada. — Estava depilando minhas pernas.

Ashwini não olhou para baixo para verificar, apenas sorriu, como se tivesse engolido a desculpa.

— Eu queria checar você, — ela disse, querendo saber se o psicopata sádico estava escondido na escuridão do corredor atrás dela. — Brooke nos disse que você poderia estar aqui, quando não a encontramos no hotel com as outras.

A boca de Penelope se abriu com a menção do nome de Brooke, mas ela se recuperou rapidamente.

— Oh, espero não estar em apuros, eu queria estar em minha casa. — Ela abriu a porta um pouco mais. — Você pode avisar as outras que estou bem. E Brooke, como está? — Um brilho duro passou por seus olhos. — Ela vai ficar bem?

— Sim, os médicos disseram que ela vai se recuperar rapidamente. — Ashwini deu um tapinha nos tijolos ao lado da porta. — Esta é uma bela casa.

— Não é? Minha tia que deixou para mim. — Seu lábio inferior tremeu, e Penelope envolveu os braços em torno de si mesma, suas unhas douradas em contraste com o azul escuro do hobbie. — Não posso acreditar que Giorgio fez essas coisas, machucar Brooke. Eu o amava tanto.

Ela era uma mentirosa patológica, Ashwini pensou. E também havia dado um passo para fora da porta, tendo seguido Ashwini instintivamente quando ela se moveu. Ainda sorrindo, Ashwini se inclinou em direção a ela e disse.

— Eu poderia abrir um buraco do tamanho de meu punho na sua barriga, antes mesmo de você gritar.

Penelope paralisou em meio a uma respiração, sua boca se abrindo e fechando como se ela fosse um baiacu.

Mantendo-se próxima de modo a bloquear o rosto de Penelope das câmeras, ela disse.

— É Giorgio que está ali dentro? — Ela enfiou a arma contra a cintura de Penelope quando a outra mulher não respondeu suficientemente rápido. Com a memória do terror no rosto de Brooke ainda fresca em sua memória, ela se sentia muito pouco misericordiosa.

— S-sim.

— E quem mais?

Seus lábios se torceram com nojo. ~

— Nada além de suas prostitutas que peguei na rua.

Ashwini puxou a trava de segurança.

— Não minta para mim. Não gosto de você e não hesitarei em colocar uma bala na sua cara bonita.

A presunção sumiu do rosto de Penelope e ela choramingou.

— Você não pode fazer isso.

— Posso alegar autodefesa. Em quem você acha que a Sociedade acreditaria? Em mim, ou numa viciada que traiu todas as suas irmãs?

— Brooke não é minha irmã! É um pedaço de lixo que envergonhou o mestre.

— Vou te dar uma última chance. — Ashwini empurrou a arma com força suficiente para machucar, sua voz saiu gelada. — Quem mais está dentro da casa?

Arrepios percorreram sua pele quando Penelope falou.

— O outro metre, — ela sussurrou. — O antigo.

— Quem está vigiando as câmeras?

— O mestre, — ela disse, — ele já deve ter te visto. — Ela começou a sorrir.

Aswini estendeu a mão como se quisesse abraçar Penelope e empurrou dois dedos num ponto específico de seu pescoço. Ela viu os olhos da morena se arregalarem, um barulho de vômito escapou de sua garganta antes dela cair. Colocando um braço ao redor da mulher atordoada, ela desistiu de qualquer tentativa de entrar furtivamente e empurrou a porta abrindo-a totalmente, não havia ninguém à espreita.

Ela jogou uma Penelope gemendo no chão do corredor, e tirou o cinto do elaborado roupão da mulher, usando-o para amarrar os pulsos e os pés juntos atrás de duas costas. Cortando uma faixa do Hobbie ela o usou para amordaçá-la.

— Não te quero gritando por seu precioso Giorgio antes do tempo. — Ela murmurou. E verificou Penelope, tendo certeza de que ela pudesse respirar.

Ela levou menos de um minuto para fazer tudo isso, e arrepios percorram sua pele durante todo o tempo, mas ela sabia que Giorgio era muito covarde para vir diretamente para ela. Não, o bastardo imbecil ficaria escondido em algum lugar,

pronto para emboscá-la assim como havia emboscado as outras mulheres que havia confiado nele.

Ignorando os punhais que Penelope lhe lançava com os olhos, ela guardou a adaga que havia usado para fazer a mordação, e tirou uma segunda arma de seu tornozelo. Agora ela tinha uma pistola em cada mão, quando andou em direção a primeira porta fechada naquele piso.

\*\*\*\*

Tendo escalado a lateral da casa, Janvier chegou a janela de estilo antiquado e olhou através da abertura das cortinas, confirmando que o lugar estava vazio. Poderia ter quebrado a vidraça para entrar, mas o barulho poderia alertar alguém de sua presença, então utilizou um truque que havia aprendido com um ladrão de joias, e ao invés de quebrar os vidros, foi nas dobradiças, usando uma adaga afiada e a força vampírica.

Agarrando a janela quando ela caiu, ele a abaixou silenciosamente para o chão, então deslizou seus kukris da bainha, um em cada mão quando seus pés tocaram o tapete do quarto. Apurando a audição para ver se escutava algo sobre os movimentos de Ash, examinou o quarto encontrando-o relativamente vazio, embora houvessem alguns apetrechos femininos no lugar.

Incluindo um lenço amarelo com belas borboletas roxas pendurado para fora de uma gaveta.

Ele se lembrou imediatamente da foto de Felicity com suas amigas, todas com coquetéis nas mãos... e Felicity usando um lenço exatamente assim no pescoço.

Aquele devia ser o lugar onde ela, Lilli e as outras vítimas ficavam antes de serem colocadas nas caixas do armazém. Uma casa do Quarteirão vampírico, suficientemente boa para enganar aquelas moças. Reprimindo uma onda subida de raiva, ele deu uma olhada ao redor para se certificar de que não estava perdendo alguma coisa, e depois saiu para o corredor.

Quando abriu a primeira porta a esquerda, encontrou um banheiro. Este também estava vazio. Assim como o quarto próximo a ele. Aquele quarto tinha uma pequena varanda decorativa que dava para um beco. Era pequena e poderia ser um bom ponto de fuga. Isso o deixava com o lado direito do corredor.

Havia duas portas, e a primeira estava trancada. Guardando uma de suas lâminas, ele pegou um pequeno fio de metal em seu bolso, outro truque que aprendera com seu amigo ladrão. Dez segundos depois, ouviu um pequeno clique que lhe informou que havia conseguido. O som foi minúsculo, mas Janvier sabia que para alguns vampiros mais antigos, aquele som teria sido surpreendentemente alto. Puxando o fio, ele aguardou, tentando escutar algum som atrás da porta.

Havia sons, mas eles pareciam estranhos, abafados.

Com muito cuidado ele empurrou a porta aberta, mantendo o corpo fora do caminho. Quando não ouve mais nenhum som, ele a abriu totalmente e bateu as costas contra o corredor novamente.

Escutou mais sons abafados, desta vez mais altos.

Ele olhou, vendo uma mulher com as mãos e pés amarrados, sua boca preenchida com um tecido e seu cabelo cacheado num emaranhado contra o carpete cinza. Terror súbito apareceu em seu rosto pálido e suado, o pavor vibrava em seus olhos. Levando um dedo aos lábios, ele verificou o resto do quarto e não encontrou nenhuma pessoa. Olhando para o corredor para garantir mais uma vez que não havia ninguém, se aproximou da mulher.

— Eu vou desamarrar você, — ele disse calmamente. — Mas se você chorar, ou fizer qualquer tipo de barulho, não poderia fazer isso. — Ela não sabia que Giorgio tinha guardas próximos, e Cornelius era um anjo poderoso, mesmo sem Lijuan para alimentá-lo com sua força. — Balance a cabeça se tiver me entendido.

Ela acenou freneticamente.

Janvier tirou a mordaca primeiro. E ela cumpriu a promessa de permanecer em silêncio.

— Minha amiga, Marta, — ela sussurrou com a boca seca e os lábios rachado. — A morena que nos trouxe aqui a levou embora.

— Vamos encontrá-la. — Cortando suas cordas, ele a levou para o quarto com varanda, a encontrando trancada a cadeado. Levou preciosos segundos para abrir a fechadura, mas quando as abriu percebeu que seu palpite estava certo: Tinha um grande cano ao lado que descia até o chão. Oxidado, mas sem estar perigosamente desgastado.

Tirando sua jaqueta de couro, ele a entregou a mulher cujo nome era Bridget. Seus jeans apertados e botas de cano curto protegeriam suas pernas do frio, mas ela usava apenas um sutiã na parte de cima.

— Vou te ajudar a descer por este cano. — Pensando em suas mãos sobre o metal gelado, ele se lembrou que as luvas de Ash estava em sua jaqueta, a mandou colocá-las. — Desça tão silenciosamente quanto puder.

— E quanto a Marta? — Ela perguntou após limpar as lágrimas do rosto com as costas das mãos, manchando ainda mais sua maquiagem. Seus olhos mostravam mais raiva do que medo.

— Irei buscá-la. Mas vai ser melhor se eu não tiver que me preocupar em te proteger também. — Acenando com a cabeça, ela colocou as luvas.

— Devo chamar a polícia quando eu descer?

— Eles já estão a caminho. Você consegue pilotar uma moto? — Quando ela negou, ele disse. — Então apenas desça a rua e se esconda atrás da casa na esquina. — Havia notado que ela estava vazia enquanto vinha. — A equipe de apoio chegará dentro de poucos minutos.

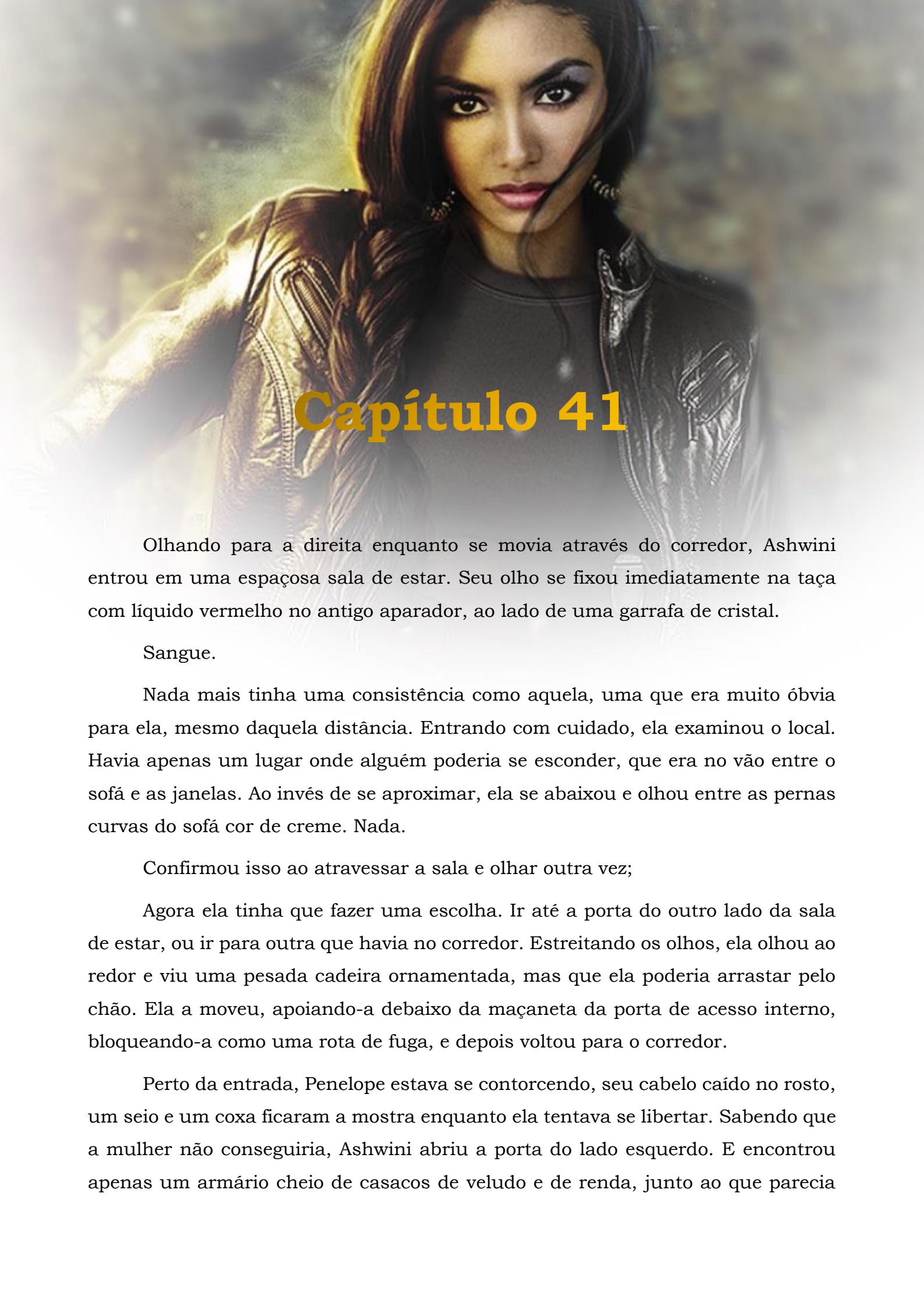
Ela não falou novamente até que ele a ajudou a sair da varanda e se segurou no cano.

— Por favor, ajude minha amiga.

— Eu vou. — Aguardando apenas o suficiente para se certificar que ela agarrava firmemente o tubo, ele voltou para o corredor e olhou rapidamente nos outros quartos. A última porta a direita era o quarto principal, com uma opulenta decoração masculina. A mesma colônia que ele havia sentido na casa de Giorgio permeava o ar, havia um lenço sobre a cama e uma camisa com renda nos punhos sobre as costas de uma cadeira.

Entretanto, nenhum sinal do próprio Giorgio.

Ele começou a descer as escadas para o segundo andar.



## Capítulo 41

Olhando para a direita enquanto se movia através do corredor, Ashwini entrou em uma espaçosa sala de estar. Seu olho se fixou imediatamente na taça com líquido vermelho no antigo aparador, ao lado de uma garrafa de cristal.

Sangue.

Nada mais tinha uma consistência como aquela, uma que era muito óbvia para ela, mesmo daquela distância. Entrando com cuidado, ela examinou o local. Havia apenas um lugar onde alguém poderia se esconder, que era no vão entre o sofá e as janelas. Ao invés de se aproximar, ela se abaixou e olhou entre as pernas curvas do sofá cor de creme. Nada.

Confirmou isso ao atravessar a sala e olhar outra vez;

Agora ela tinha que fazer uma escolha. Ir até a porta do outro lado da sala de estar, ou ir para outra que havia no corredor. Estreitando os olhos, ela olhou ao redor e viu uma pesada cadeira ornamentada, mas que ela poderia arrastar pelo chão. Ela a moveu, apoiando-a debaixo da maçaneta da porta de acesso interno, bloqueando-a como uma rota de fuga, e depois voltou para o corredor.

Perto da entrada, Penelope estava se contorcendo, seu cabelo caído no rosto, um seio e um coxa ficaram a mostra enquanto ela tentava se libertar. Sabendo que a mulher não conseguiria, Ashwini abriu a porta do lado esquerdo. E encontrou apenas um armário cheio de casacos de veludo e de renda, junto ao que parecia



ser uma capa preta com capuz. Fechando-o, ela verificou os outros dois quartos à esquerda, mantendo um olho na porta de acesso da sala de estar.

A primeira porta à esquerda, era uma espécie de sala de recreação, com uma televisão e móveis surpreendentemente mais descontraídos. Provavelmente feito para entreter as mulheres. No outro quarto havia um vaso sanitário com uma pintura extravagante no teto. O que lhe deixava o último quarto, e ela tinha uma intuição mortal de que havia alguém ali, ela se dirigiu até porta.

Enquanto andava, trocou suas armas pelas facas. Elas faziam bem menos barulho e não alertaria ninguém na casa. Então, ela abriu a porta recebendo um ataque de um vampiro sobrenaturalmente bonito com cabelos dourados. Mas Giorgio não estava acostumado a lutar por sua própria vida. Ele se jogou para onde seu corpo deveria estar e não para onde ele realmente estava.

Ela estava agachada e se ergueu enfiando a faca em seu estômago antes que ele pudesse parar sua corrida desenfreada. Seu sangue se espalhou numa mancha escarlate sobre a camisa branca. Sabendo o quão rápido um vampiro de sua idade poderia se livrar de uma ferida na barriga, ela empurrou uma segunda faca diretamente em seu coração segundos após a primeira, e em seguida esfaqueou seu pescoço com uma terceira lâmina.

Ela cortou sua jugular, fazendo o sangue jorrar salpicando as paredes do que acabara por ser a cozinha, mas mesmo assim ele continuou avançando, balbuciando algo que se parecia com ‘prostituta’.

— Prefiro ser uma prostituta do que um merdinha sádico como você, — ela respondeu pegando outra faca de seu cinto, enfiando-a em seu cérebro atrás da orelha esquerda, antes de torcê-la.

Um olhar de choque atravessou o rosto de Giorgio antes dele desabar.

Ashwini sabia que ele não estava morto, tomara toda as precauções para que isso não acontecesse. Ela queria que Giorgio enfrentasse a justiça imortal. Uma que duraria muitos anos. A lâmina em seu cérebro o deixaria desacordado por ao menos um dia, mas preferia não se arriscar. Por tudo o que ele sabia, Giorgio era parte renascido e voltaria a vida assim que ela virasse as costas.

Invadindo a cozinha, ela foi em busca de facas de carbono que enfiou em cada uma de suas palmas. Ombros e antebraços, tomando cuidado para não entrar em contato com sua pele. Depois de enfiar o cutelo em sua coxa, quebrando um osso, ela fez a mesma coisa com o fêmur.

Ao contrário de Giorgio, ela não tinha prazer em machucar os outros. Sua única motivação era mantê-lo no lugar. Exceto pelas duas últimas lâminas que utilizou.

— Isto, é pelas mulheres que já machucou, — ela disse antes de prender seus testículos no chão, com as facas que cortaram facilmente através das calças. — Espero que essa porra doa para caramba quando você acordar.

Julgando que ele estava realmente preso, ela levantou e foi para o corredor novamente.

O barulho das sirenes lhe diziam que a equipe de apoio chegaria muito antes que Giorgio tivesse qualquer chance de acordar. Subindo as escadas com passos silenciosos até o segundo andar, ela viu Janvier descendo no terceiro. Quando ergueu a cabeça, ele disse:

— Uma das garotas já está segura, — ele disse num tom baixo antes de apontar para o sangue em sua jaqueta.

— É de Giorgio.

Coçando a mandíbula com os dedos, ele olhou para o corredor.

— Se Cornelius estiver aqui, ele deve estar neste andar.

— Ele está. — Ela poderia sentir a feiura permeando o ar, mesmo ali, como um cheiro velho e acre. Lutando contra o mal-estar em seu estômago, ela pegou suas pistolas. Facas não eram eficazes contra um anjo, mas um cérebro cheio de chumbo poderia atrasá-lo antes de Janvier poder decapitá-lo.

Eles percorreram o corredor lado a lado, verificando dois quartos antes do estômago de Ashwini revirar, indicando que estavam no caminho certo. Se comunicando com Janvier com apenas um olhar, ela não discutiu quando ele acenou para ela abrir a porta para que ele pudesse entrar primeiro. Sendo um

vampiro, ele tinha mais chances de sobreviver a um anjo puto da vida, do que ela. E ela tinha mais chances de mantê-lo seguro com suas armas atrás dele.

Girando a maçaneta, ela empurrou a porta antes de se virar e entrar logo atrás de Janvier. Ele entrou abaixado, assim como ela havia feito na cozinha, e ela veio logo atrás pronta para se defender contra um ataque... exceto que não houve ataque algum.

Entretanto, havia um anjo no quarto.

Ashwini manteve suas armas erguidas, enquanto seus olhos se recusavam a acreditar no que viam a sua frente. Quando ela arriscou um rápido olhar para Janvier, foi para ver a mesma descrença em seus olhos.

Janvier havia lhe mostrado uma foto de Cornelius logo depois que encontraram suas penas. O macho tinha uma constituição grande e pesada, cabelos castanhos e brilhantes, tão escuros que era quase preto, profundos olhos castanhos esverdeados, e sua pele de um tom dourado beijado pelo sol, dando-lhe uma exótica aparência mediterrânea. Suas asas estavam espalhadas na foto, um guerreiro forte e pronto para alçar vôo.

Mas o que estava na frente da janela... ela não conseguia nomear. Ele pode ter sido um anjo uma vez, mas suas asas agora eram apenas dois pedaços de cartilagem calcificada. O creme de suas asas eram apenas manchas esporádicas, mas todo o restante desapareceu. Quando ele se virou para enfrentá-los, viu seu rosto impossivelmente afundado, a pele totalmente branca e seu cabelo seco num marrom quebrado e sem viço, assim como suas asas, exposto pedaços de pele curtida sobre seu crânio.

Ashwini poderia ter rodeado seu braço com o dedo indicador e o polegar. Era como se ele tivesse perdido toda a massa muscular e gordura corporal. Mas até seus ossos não pareciam muito firmes, sua mandíbula estava caída de uma forma estranha e sua perna direita, que empurrava através do tecido das calças de seda vermelha, parecia uma forma magra, com sua parte superior nua relevando cada uma das costelas e um côncavo no lugar da barriga.

Seus olhos eram de um azul translucido, seus dentes tortos... e cobertos de sangue, o mesmo sangue que rodeava sua boca e descia pelo peito.

Dando-lhes um sorriso grotesco, ele dobrou os joelhos e foi se alimentar novamente da mulher, com os cabelos cor de mogno e a pele marrom clara. Ashwini atirou em sua cabeça, esperando não explodir seu crânio em pedaços. Com um anjo normal, isso não seria um risco, mas com aquele...

Cornelius foi arremessado para frente, mas sua cabeça permaneceu inteira. Bom. Também o queria vivo para enfrentar a justiça imortal.

Janvier puxou o corpo do anjo inimigo de cima da mulher, enquanto Ashwini verifica o pulso, já que sua garganta estava muito machucada para lhe dar qualquer pista.

— Vamos lá, — ela sussurrou, vendo sinais preocupantes no corpo da vítima. Sua pele estava mais seca do que deveria estar, seu cabelo sem brilho. Ashwini rezou para que não tivessem chegado muito tarde. — Vamos, garota.

Então, ali estava: um pulso, fraco, mas presente.

Escutando o som de botas subindo as escadas ela correu para o corredor, e encontrou Trace:

— Chame os paramédicos!

Ele assentiu e correu para baixo com a mesma rapidez com que veio.

Os paramédicos estavam no quarto apenas alguns minutos mais tarde.

\*\*\*\*

Quatorze horas depois, com a noite já tendo caído na cidade, Ashwini se encostou numa parede sem janelas no centro da Torre. Elena estava ao seu lado, enquanto Dmitri estava do lado de Janvier. Naasir tinha rosnado quando contaram como foi a captura e disse que queria ouvir o relatório depois. A ideia de estar no mesmo ambiente que aquele monte de “carne rançosa” não parecia agradar o vampiro.

Ashwini também não se sentia particularmente feliz com isso, na verdade nenhum deles estava, mas ela tinha que assistir sem importar como se sentisse sobre isso. Para ser sincera, o ato de manter-se distante do poder esmagador de

Raphael, estava lhe dando um contraponto para a horror que emanava de Cornelius... o ombro de Janvier tocando o seu servindo como uma âncora física.

Raphael estava no centro da sala, de frente para Cornelius que se recuperara o suficiente para falar, mas não ficaria consciente por muito tempo. Um anjo normal não deveria demorar tanto tempo para se recuperar de um ferimento a bala, mas Cornelius não era um anjo particularmente normal, ele estava sentado numa cadeira que era o único mobiliário da sala, com o rosto torcido num sorriso que parecia mais uma careta.

Ashwini cerrou os dedos contendo o desejo de pegar sua arma. Marta, a mulher que tinha resgatado, havia sobrevivido, mas o dano que havia sido feito a ela era mais do que se via à primeira vista. Seus ossos tinham envelhecido dez anos, e seus órgãos internos mostravam os mesmos sinais. Segundos os médicos, ela ficaria bem se tomasse suplementos, mas sua vida havia sido sumariamente encurtada.

Tudo isso para que aquele monstro pudesse viver mais um dia.

— Cornelius, — Raphael disse, suas asas brilhando de um modo que nunca jamais gostaria de ver, pois era de conhecimento geral que quando arcanjos brilhavam, pessoas acabavam mortas. — Você não é mais como antes.

— Minha deusa me deu um presente.

— Ela se alimentou de você porque te considerava forte... e descartável. — Raphael respondeu impiedosamente. — Meu mestre espião confirmou que Xi recuou com as tropas, assim como Alastair e Philomena. As baixas de seus exércitos, e dos generais tendo sido feitas por meu povo, e não por Lijuan.

O sorriso de Cornelius não vacilou.

— Eu me ofereci para aumentar sua grandeza, para tornar-me parte dela. — Ele parou quando uma tosse chacoalhou seu corpo. — Meu azar foi ela não poder completar sua alimentação em meio a última batalha, não pude fundir minha alma completamente a ela.

Isso explicava a forma semi dissecada de Cornelius.

— E as mulheres? — Raphael perguntou num tom tão frio que fez o coração de Ashwini falhar uma batida. Ela jamais entenderia como Ellie tinha coragem de dormir com ele. Ainda mais agora, que ela havia experimentado a extrema vulnerabilidade que acompanhava o sexo.

Janvier olhou para ela naquele momento, seus olhos brilhando como se tivesse lido sua mente. Ela fez uma careta e ele sorriu fechando a mão sobre a sua.

— Eu poderia arrancar sua cabeça em um único movimento, se eu quisesse — ele disse num tom tão baixo que apenas ele pode ouvir.

— Pare de ler meus pensamentos. — Ela não se preocupava com isso, ao menos não com sua força. Se ele quisesse machucá-la, ele já teria feito isso a muito tempo. Mas ao invés disso, ele havia se posto em perigo por ela mais de uma vez.

Franzindo o cenho, Janvier disse.

— Mas você disse isso em voz alta.

Ela piscou, inclinando-se para falar em seu ouvido.

— Não, eu não disse.

Eles olharam um para o outro.

— Falaremos sobre isso mais tarde, — ele sussurrou antes deles voltarem a atenção para o interrogatório.

Cornelius admitiu estar usando as mulheres para manter sua força enquanto aguardava o “retorno da deusa”, mas se recusou a admitir que havia se alimentado de animais antes de ser encontrado por Giorgio.

— Orgulho, — Dmitri murmurou, — admitir que se alimentava de animais é como dizer que ele próprio era um animal.

— O que os animais te fizeram para você os insultar assim?

A resposta de Ashwini fez os lábios de Dmitri se curvarem.

— Me perdoe, você claramente está correta. Ele não é uma abominação da natureza.

— O que Raphael vai fazer com ele? — Ela perguntou..

— Ele perguntará as vítimas sobreviventes qual a punição que elas desejam, e então fará com que seja feito, tanto em Cornelius quanto em Giorgio.

— Boa ideia. — Se tivessem perguntando a ela, Ashwini teria dito para Raphael trancar os dois juntos numa cela, então Cornelius poderia se alimentar de Giorgio até matá-lo, e depois ele mesmo morreria de fome. Isso iria demorar um bom tempo, mas tendo em conta seu atual estado.

Talvez ela pudesse mencionar a ideia para as vítimas...

— Minha Ashblade parece sedenta de sangue.

Quando ela olhou para ele, Janvier fez uma careta.

— Você não disse isso em voz alta, não é?

— Não. — Ela se afastou da parede quando Raphael se levantou para sair, indicando que o interrogatório havia terminado.

Ele deixou Cornelius na sala e Dmitri trancou a porta.

— Já falei com Giorgio, — Raphael disse, deixando suas asas resvalarem sobre as de Elena.

— Já? — Ashwini disse antes de perceber que estava interrompendo um arcanjo. — Não achei que ele fosse poderoso o suficiente para se curar tão rápido.

Raphael encontrou seus olhos, o azul de seus olhos era quase violenta.

— E ele não é.

Mas Raphael era, Ashwini pensou enquanto apertava as rédeas sobre seu dom para não ser sugada por seu poder, o poder de um arcanjo. Não havia como descobrir como ele havia feito Giorgio falar, e provavelmente era melhor assim, ela já tinha pesadelos demais em sua mente.

Os olhos de Raphael não se afastaram dela, o poder dele era gelado.

— Você fez um extraordinário trabalho em contê-lo sem causar nenhum ferimento mortal.

Ashwini demorou um tempo para perceber que não estava delirando, Raphael realmente parecia divertido.

— Eu posso ter exagerado um pouco, — ela admitiu com um estremecimento. — Só não queria que ele pudesse escapar da justiça e continuar seu reinado de tortura e morte.

— É um motivo digno. — Raphael disse, sua expressão voltando a ser fria, enquanto ele acrescentava. — Ele merece sentir dor.

— Você precisa me ensinar o truque do cérebro torcido na faca, — ele disse, dando-lhe uma desculpa para desviar os olhos do arcanjo que parecia lhe olhar com muito interesse. Nenhuma pessoa em sã consciência gostaria de despertar o interesse de um arcanjo. Nunca.

— Foi uma ideia que tive na hora, — ela disse, enrolando os dedos sobre os de Janvier. Ele devolveu seu aperto sentindo-se quente e forte.

E de repente, ele sentiu que ela respirou mais fácil.

— Mas é preciso ser feito com cuidado, — Ela disse a Ellie. — Caso contrário, você pode danificar o cérebro ao ponto do vampiro não conseguir...

Os olhos da outra caçadora brilharam.

— Conversaremos sobre isso depois. — Ela olhou para seu consorte. — Então, o que o covarde viscoso tinha a dizer sobre si mesmo.

— Disse que não era um traidor. — Havia desgosto nas palavras de Raphael. — Na verdade, ele não tem lealmente a ninguém, a não ser a si mesmo. Cornelius o conheceu no passado, e quando viu Giorgio no bairro, seguiu-o até sua casa e pediu por abrigo, convencendo Giorgio de que seria recompensado quando Lijuan ressurgisse.

— Estranho, — Janvier disse: — Giorgio nem sempre foi assim. Uma vez ele fora um médico brilhante. Será que foi à loucura da idade?

A resposta de Raphael foi cortante.

— Não. Ele apenas se sentiu entediado e achou que isso seria divertido. — A beleza pura dos traços do arcanjo não fez nada para esconder a crueldade subjacente que o identificava como um dos membros do Cadre. — Creio que ele aceitou Cornelius não por acreditar que Lijuan fosse ressuscitar, mas sim para ter um parceiro em suas perversões.



— Giorgio não deveria ter sido capaz de fugir com seus crimes contra essas mulheres por tanto tempo, — Dmitri disse, deixando de lado todos os traços de civilidade por um instante.

Pensando no surpreendente relatório de Carys, sobre as duas prostitutas desaparecidas, ela disse:

— Ele iria precisar de um jeito melhor para entrar em contato com as mais vulneráveis.

— Ash está certa, — Janvier disse. — Há um mundo obscuro sob a superfície da cidade, e é deste lugar que predadores como Giorgio pegam suas presas. Também estou preocupado com a quantidade de mortais submissos que vi nos clubes nos últimos tempos.

Dmitri franziu o cenho.

— Temos uma rede de espionagem nestes lugares, mas mantemos o foco sobre os imortais, e não nos mortais que poderia se tornar presas. É uma lacuna que precisa ser preenchida.

O que a Torre necessitava, Ashwini pensou, era de alguém como Ransom, alguém de confiança nas ruas que estivesse disposta a proteger seus habitantes, mas que não fosse mortal. Tinha que ser um vampiro, um homem ou mulher que tinha escolhido viver no mundo mortal.

— Discutiremos isso amanhã, — Raphael disse. — Por hora os predadores estão presos, e vocês dois, — ele virou os olhos cheios de poder para Ashwini e Janvier — ganharam uma noite de folga. Desfrute da paz enquanto podem.

Não havia dúvida de que esta era uma ordem.

— Sim senhor, — Janvier respondeu e os dois saíram. Ele havia pego uma jaqueta de motociclista preta e vermelha para substituir a que tinha entregado para a mulher que havia resgatado, assim, restava apenas uma coisa para lembrar.

— Traga algumas garrafas de sangue, — ela disse quando chegaram no corredor principal. — Você precisa de mais do que posso lhe dar.

Ele deu um sorriso malvado.

— Você me dá muito, docinho. Me dá sempre do melhor.

Revirando os olhos, ele se inclinou e beijou aquela boca bonita.

— Obrigada. — Por descobrir que ela precisava de seu sorriso, e logo em seguida dar isso a ela.

— Não precisa agradecer, — ele disse pegando sua mão novamente. — Baste ser sempre minha.

Quero envelhecer com você, ela pensou enquanto era atingida por uma onda avassaladora de amor, quero ver o mundo com você, lutar por e com você, beijar sua boca pecaminosa e rir um milhão de vezes.

Giorgio havia se aborrecido com a vida eterna, quando Ashwini daria sua alma para passar uma única vida mortal com o vampiro ao seu lado, sem a ameaça de um colapso psicológico que a despedaçaria em minúsculos pedaços.

Ela sentiu-se amarga, mas havia tomado esta decisão a muito tempo, e não estava disposta a permitir que um monstro sacudisse as fundações de seu mundo. Não, ao contrário de sua irmã, Felicity e Lilli. Elas tiveram a sorte de poder andar de mãos dadas com um homem que daria sua vida por ela. Um dia, uma semana, um mês, um ano, isso não importava, ao menos ela viveria como uma pessoa inteira e o faria de coração aberto e espírito irrestrito.

— Eu te amo, — ela disse enquanto andavam em direção ao apartamento da Torre, e pressionou os lábios contra sua mandíbula.

— *Cher*. — Ele se virou para tocar seu rosto, seus olhos surpreendentemente vulneráveis

Ela sentia seu coração cru e exposto, enquanto acariciava seus cabelos.

— Você sabe que eu te amo. Você tem que saber.

— Sim. — Ele abriu um sorriso lindo e selvagem. — Mas é bom te ouvir admitir isso.

Beijando sua boca enquanto ria, ele murmurou suas próprias palavras de amor, disse que ela era dona de seu coração e sempre o seria.

— Vamos ficar aqui, — ele disse, deslizando a mão sob sua jaqueta e suéter. — Podemos ir para sua casa amanhã de manhã.

— Combinado. — Ela disse pouco antes de seu celular tocar.

Segurando seu olhar verde musgo, uma mão acariciando a nuca, pegou o telefone com a outra.

— Tenho que ver quem é. Poderia ser de Banli House.

— Eu sei, — disse o homem que a entendia, que a aceitava.

Sentindo os olhos arderem, ela se inclinou para ele enquanto verificava a tela do celular. Não era de Banli House, mas era de alguém que tinha de responder.

— Tanu, Tanu retornou esta noite. — Arvi disse com um sorriso mal contido em sua voz. — Ela quer te ver.



## Capítulo 42

Elena saiu para a varanda da Torre junto com Raphael. Dmitri tinha acabado de sair para lidar com uma situação de emergência com Sorrow, uma jovem que havia sido atacado por um arcanjo louco que a havia mudado de um modo inexplicável. Honor e Naasir estavam numa sessão de treinamento com Sorrow quando ela teve um de seus imprevisíveis ataques de violência.

Ninguém havia sido ferido, mas Sorrow estava perto de ter um colapso mental e já que Dmitri parecia ser o único que conseguia chegar até ela. Honor havia ligado. Elena nunca se esqueceria de como a havia encontrado, nua e coberta de sangue, a apenas alguns metros de distância da câmera de horrores que tinha sido o destino do resto de seus amigos. A enfurecia que a jovem ainda pagasse o preço pelo mal que havia sido feito a ela. Esperava que Sorrow encontrasse um modo de combater o veneno dentro de si. Ela tinha que encontrar.

As sobreviventes dos crimes de Cornelius e Giorgio teriam que percorrer uma estrada tão difícil quanto. Das que haviam sido encontradas na caixa, apenas Brooke se recuperaria totalmente, mas mesmo assim ficaria gravemente traumatizada. As outras estavam com os corpos quase idosos, as mentes quase quebradas.

— Você realmente vai deixar as vítimas escolherem a punição? — Ela perguntou ao arcanjo.

— É a única satisfação que posso lhes dar.

— E se elas escolherem misericórdia? — Elena não achava que isso aconteceria, e ela admitia gostar de ver uma justiça sangrenta sendo feita.

Raphael virou-se contra a brisa noturna.

— Eu lhes concederia este desejo, e iria trancá-los em celas subterrâneas para que eles pudessem desfrutar desta misericórdia até o dia de suas mortes.

— É por isso que te amo tanto, arcanjo. — Ela abriu as asas, dobrando-as ao redor dele. — Sua mãe parece contente. — Caliane havia permanecido na propriedade do Enclave desde que chegara, passando o tempo com Raphael, ou com Keir, embora ela também parecesse mostrar apreço a Montgomery.

— Sim. — Se virando para Elena, Raphael a abraçou enquanto a olhava nos olhos. — Você me deixou orgulhosos, *hbeebti*. — Havia emoção em cada uma de suas palavras. — Sei o quanto ela é difícil, mas você a tem tratado com nada melhor que graça e compaixão.

— Ela é sua mãe, Raphael, e ela te ama. — Era simples assim. — Falando nisso, precisamos voar de volta. Ela disse que só poderia ficar mais um dia sem comprometer a segurança de Amanat, e você esteve na Torre durante horas para lidar com a situação de Cornelius e Giorgio.

Seu beijo fez com que uma tempestade surgisse dentro dela, fazendo seu corpo acender em paixão.

— Continuaremos isso quando ficarmos a sós. — E com isso, ele caiu para trás da varanda e girou subindo no ar.

Exibido. Alçando vôo também, ela acenou para seu acompanhante fiel, já conseguindo distingui-lo dos outros a esta altura. Era como se a Legião fosse formada por gêmeos idênticos, 777 deles. Todos pareciam iguais, mas quando os conhecia, percebia que cada um era único.

E este era o mais gentil e pouco assustador deles.

Ele acenou de volta, e quando ela foi para a estufa depois de pousar, ele foi com ela.

*Passe um tempo com sua mãe, Raphael*, ela disse quando o arcanjo franziu a testa.

*Caliane e eu fizemos as pazes*. Havia começado pelo menos. *Mas não significa que queremos ver um ao outro mais que o necessário*.

Seus lábios se curvaram, e o mar selvagem bateu em sua mente. *Te verei em nossa cama, caçadora da Sociedade*.

*Eu conto com isso, arcanjo*.

\*\*\*\*

Ashwini entrou em Banli House, e foi avisada que Arvi e Tanu estavam nos jardins de inverno sobre um manto. Indo para fora, Janvier ao seu lado, ela seguiu o som das vozes animadas e encontrou sua irmã sob a luz do luar, sentada em uma cadeira de ferro forjado, com Arvi ao seu lado. Tanu tinha um cobertor grosso ao seu redor, enquanto Arvi usava um casaco.

Ambos estavam rindo e conversando animadamente.

— Ashi! — O rosto de Tanu se iluminou. — Venha, sente-se conosco. — Ela segurou o cobertor aberto.

Sentindo o coração se quebrar em mil pedaços, num misto de dor e esperança, Ashwini aceitou as boas-vidas e se sentou ao lado de sua irmã. Arvi se levantou no mesmo instante, e estendeu a mão.

— Nunca fomos apresentados corretamente. Sou Arvan, irmão mais velho de Ashwini.

— Janvier.

Os homens apertaram as mãos, e depois Arvi retornou ao seu lugar ao lado de Tanu, enquanto Janvier procurava uma cadeira de metal próxima, limpava a neve e a colocava a esquerda de Ashwini. Em seguida, os quatro ficaram ali, conversando sob o luar. Em algum momento, Carl lhes trouxe café, e aquecidos pelo líquido, ficaram do lado de fora por mais algumas horas.

Tanu era vivaz, inteligente, e ocasionalmente sarcástica assim como tinha sido antes da degeneração. E Arvi, ele ria, sem conseguir devolver as respostas de Tanu. Fora a vez que isso ocorrera alguns anos atrás, Ashwini não o via assim desde que era uma criança. Isso a fez perceber o quanto seu irmão havia sofrido quando Tanu enlouqueceu.

Sentindo a garganta apertar, ela lançou um olhar impotente para Janvier, e ele a alcançou sob o cobertor para apertar sua mão. Os dois permaneceram em silêncio a maior parte do tempo, Ashwini contente em apenas estar ao lado da irmã então Arvi e Tanu conversavam, duas partes de um todo que fora destruído, e que havia se reencontrado naquela noite mágica.

— Chegou a hora, — Tanu disse com um sorriso quando a luz apareceu sob o céu no horizonte, o amanhecer sussurrando sua chegada. — Estou tão feliz de ter passado um tempo com você e seu Janvier, Ashi. — Sua irmã a abraçou com força. — Você se tornou tão inteligente, selvagem e bonita quanto eu sempre soube que seria.

Relutando em ir embora, mas sabendo que tinha que fazer, Ashwini se levantou para encontrar-se sendo envolvida pelos quentes e fortes braços de seu irmão.

— Sinto muito por não ter sido o irmão mais velho que você precisava, — Arvi disse contra seu ouvido. — Mas saiba que eu sempre, sempre te amei. Estou orgulhoso do que você se tornou.

Lágrimas sufocaram sua garganta, ela o abraçou de volta com toda sua força.

— Tudo bem Arvi, eu te entendo.

Ela abraçou Tanu novamente, sufocando a vontade de segurá-la para sempre.

— Eu te amo, Tanu. Os dois, você e Arvi.

Com os olhos desprovido de escuridão, Tanu a beijou em ambas as bochechas.

— Viva uma vida extraordinário, entendeu Ash? O destino me prometeu que você iria fazer isso.

Ashwini não pode responder. Apenas balançou a cabeça e agarrou a mão de Janvier enquanto deixava o jardim. Eles já estavam no carro iniciando a longa viagem de retorno quando ela deixou os soluços escaparem.

— *Cher.* — Janvier estacionou ao lado de um carvalho ressecado pelo inverno, e a arrastou do banco colocando-a em seu colo. — Ashwini, o que foi? — Passando a mão em seu cabelo, ele a segurou contra o corpo, seu outro braço travado ao redor de sua cintura. — Por favor, fale comigo.

Ela não conseguiu, não por algum tempo. A primeira onda de raios de sol a aqueceu quando ela sussurrou:

— Eles se foram.

Com uma mão no cabelo dela, ele a pressionou contra ele com o outro braço.

Janvier permaneceu imóvel, e quando se moveu, foi para pressionar um beijo em seu cabelo. Com voz grossa, ele disse.

— Você sabia que eles estavam se despedindo.

— Arvi começou a morrer no dia em que Tanu começou a desaparecer. — Seu irmão tinha feito seu trabalho para criar Ashwini, tinha até mesmo se tornado um cirurgião famoso, mas sempre fora apenas uma sombra do que havia sido antes. — Hoje à noite... Tanu foi como ela mesma, quer dizer, era como antes, e pela primeira vez em anos, eu vi Arvi novamente.

— Eles decidiram isso juntos.

— Sim. Todos diziam que Arvi sempre fora o Alfa dos gêmeos, mas na verdade, eles sempre foram iguais. — E assim, depois de anos impedindo que Tanu se matasse, Arvi havia aguardado que ela voltasse por tempo suficiente para ter certeza de seus desejos, esperado por uma decisão que não estivesse contaminada pela doença que assombrava as mulheres da família.

Engolindo o nó de tristeza dentro dela, ela enfiou a mão no bolso do casaco.

— Arvi me deu isso. — Ele entregou isso durante o último abraço que jamais receberia de seu irmão novamente.

Janvier pegou o pequeno envelope, o sacudiu deixando o conteúdo cair sobre o banco do passageiro. Uma chave dourada caiu, junto com um papel dobrado.



— Acho que é um cofre de segurança.

Ela deu um sorriso triste.

— Arvi é assim, organizado até o fim.

Quando Janvier lhe entregou o papel, ela desdobrou encontrando instruções de como acessar o cofre. Arvi a tinha escrito com sua letra forte e levemente inclinada.

*Tanu disse que sonhou que seu futuro seria brilhante, e eu gostaria de acreditar nela, mas sabemos que o destino não é assim tão bom, então lhe dou o dinheiro para lutar com isso. Não pude encontrar a resposta, mas outro cirurgião talvez possa.*

*Certifique-se de que o cérebro de Tanu seja examinado, comparando os resultados com os da autópsia de nossa mãe que foi feita após o acidente. O relatório está no cofre, junto a algumas análises completas de seu cérebro. As informações sobre o que é necessário fazer estão todas listadas, você encontrará os resultados dentro da caixa. Se certifique de que o patologista siga o passo a passo exatamente como está escrito de modo a obter todas as informações necessária. Se ele hesitar quando descobrir a causa da morte, encontre um patologista particular para refazer esta parte.*

*Você viveu sem medo por tanto tempo. Continue assim, continue a ser a mais forte de todos nós.*

*Como todo o meu amor.*

*Arvi.*

A tristeza bateu nela com toda a força quando algo passou por sua mente.

— Não vá comigo, Janvier. — Ela se sentou encarando os olhos verde musgo, que haviam atravessado todo o mundo junto com ela. — Não faça esta escolha quando isso acontecer comigo.

Seus braços se fecharam em torno dela, e Janvier balançou a cabeça, sua mandíbula apertada de um modo que ela raramente via. E ela sempre perdera a briga quando isso acontecia.

— Não, — ele disse, — Você não pode me pedir isso.

— Sim, eu posso. — Ela agarrou sua jaqueta dos dois lados, tentando se soltar dela. — Pensa, Arvi já salvou tantas vidas. — Lágrimas de raiva se formaram em seus olhos. Piscando rapidamente, ela disse: — Aquelas mãos talentosas nunca mais irão pegar novamente em um bisturi, nunca mais trarão esperança para ninguém.

— Ele vivia como uma sombra, — Janvier roscou. — Você mesma disse. Foi escolha dele partir hoje, quando foi mais feliz do que já tinha sido em décadas!

— Arvi caminhou para isso desde que Tanu foi internada pela primeira vez! Mas você não, você está saudável.

— Eu não seria depois de ter estado com você! — Sua fúria encheu o carro, sua voz estava crua. — Eu não seria depois de você partir.

— Honor voltou por Dmitri, — Ashwini sussurrou compartilhando um segredo que ela jamais havia dito para qualquer um. — Prometo que irei voltar para você. — Ela poderia não ter o mesmo rosto, ou o mesmo nome, mas ela o reconheceria. Ela sempre saberia quem ele é: — Não importa o que aconteça, eu vou voltar.

Seus olhos estavam úmidos, os dedos de Janvier escavaram seus quadris. — Você quer me sentenciar a uma eternidade de solidão. Como pode me pedir isso?

— Porque você é forte o suficiente para suportar a dor.

— Não, eu não sou.

Ela o beijou, a mão se curvando ao redor de seu pescoço.

— Então você vai precisar ser. Preciso saber que você estará aqui quando eu voltar.

Ele não estava olhando para ela, seus músculos rígidos, e ela sabia que havia perdido aquela batalha. Mas isso não tinha acabado. A doença dentro dela poderia extinguir sua luz, mas ela não permitiria que extinguísse a de Janvier.

\*\*\*\*

Quatorze dias depois, uma semana depois que Felicity e Lilli foram sepultadas, Janvier levou sua Ashblade para as montanhas, onde ela espalharia as cinzas de seus irmãos ao vento. De acordo com as autópsias, Tanushree e Arvan havia morrido de insuficiência cardíaca. Era um acontecimento inexplicável, dissera o patologista, mas não inédito em gêmeos. Fosse o que fosse que os conectava, fazia com que a vida de um fosse tão curta quando a vida do outro.

Duas seringas foram encontradas no bolso de Arvan Taj, as duas cheias com uma droga que teria parado seus corações se injetadas. Mas elas sequer estavam destampadas, definitivamente não foram usadas. Não havia marca alguma em seus corpos.

Foi como se seus corações tivessem parado de funcionar assim que resolveram partir. Eles foram encontrados em paz no banco de ferro forjado onde Ashwini e Janvier os tinham visto pela última vez. O braço de Arvan ao redor dos de Tanu que tinha a cabeça sobre seu peito, os olhos fechados enquanto a luz morna do sol batia em seus rostos.

O patologista havia feito a autópsia específica no cérebro de Tanu, mas os resultados pareciam comuns à primeira vista. Entretanto, quando Ash entregou o resultado do relatório de Tanu, assim como o de sua mãe para um neurocirurgião que tinha sido amigo de Arvan, ele descobrira uma anomalia do lobo temporal. Pequenas deformações que eram idênticas nas duas, exceto que a de Tanu era ligeiramente maior.

— Nunca vi nada assim antes, — o médico dito. — Ninguém iria reparar se não tivessem essas duas autópsias. — Ele franziu a testa. — Mas não acredito que essa foi a causa da morte delas, — ele disse a Ash, sem conhecer a história da linhagem feminina da família Taj. — Mas mesmo que fosse maligno, não poderíamos ter feito nada. É um local inoperável, e não conheço nenhuma droga que poderia lidar com algo assim.

Ash tinha aceitado a notícia melhor do que Janvier. Havia sido Ash quem o tinha segurado e consolado. Sua bela e forte amante.

— Não, — ela sussurrou agora, colocando a segunda urna no chão. — Eu os senti partindo. Acho que eles estavam esperando para ter certeza de que eu estava bem. — Ela usava um cachecol de algodão branco ao redor do pescoço, da mesma cor que sua túnica e leggings, evidenciando a tristeza em seu rosto, o vento soprando os longos fios de seda de seus cabelos.

Deslizando o braço ao redor dela, ele ficou ao seu lado no topo da montanha e pensou sobre a promessa que ela tinha pedido que fizesse.

— Se você estiver certa, e as pessoas às vezes voltam, então eu iria voltar com você. — Ele não podia suportar isso de outro modo. Sua alma encontraria a dela, não importa o que estivesse esperando após a morte.

— Você é um homem terrivelmente teimoso.

— Eu também te amo.

Ela ficou em silêncio e depois deu uma risada rouca.

— Prometi a mim mesma que não deixaria esta coisa em minha mente te matar também.

— Tenho mais de 200 anos de idade, — ele lembrou. — Por direito, eu já deveria ter virado pó. A vida eterna em si não tem qualquer significado para mim, e não tenho porque vivê-la sem você.

Estendendo a mão para acariciar seus cabelos, ela suspirou.

— Vamos ter esperança no sonho de Tanu e deixar para discutir isso em outra ocasião. — O puxão forte em seu cabelo o fez estremecer. — Enquanto eu tiver uma Kukri contra sua garganta.

Ele mordeu o lábio inferior e sorriu.

— Vamos viver um dia de cada vez, *cher*.

— Sempre, meu cuddlebunny.



## Capítulo 43

Titus chegou acompanhado de apenas três guerreiros na noite anterior à data enquanto estava programado a festa de rua. Ele sabia que o pequeno comboio não era apenas um sinal de confiança, mas também uma demonstração de sua própria força. Dobrando suas asas enquanto descia sobre o telhado da Torre, seus guerreiros descendo logo atrás dele, dois machos e uma fêmeas. Titus andou em direção a Elena e Raphael.

— Titus. — Raphael foi de encontro ao homem e no meio do caminho estendeu-lhe o braço. — Seja bem-vindo.

Titus agarrou o antebraço de Raphael, no cumprimento próprio de guerreiros.

— Estou feliz que tenha vindo me receber, Raphael. — Ele disse, suas palavras como um estrondo que a fez perceber que o arcanjo provavelmente modulava a voz para não abafar a fala dos outros ao seu redor. — Você é apenas um filhote, mas um forte o suficiente para que eu queira guardando minhas costas em batalha.

— Isso seria uma honra, já que você está ficando frágil com a velhice.

A risada de Titus com a resposta de Raphael foi enorme.

— Eu sei disso, filhote, eu sei.

Soltando o apertou de mão com um profundo sorriso, Raphael se virou para Elena.

— E esta é minha consorte.

Ela deu um passo à frente.

— Arcanjo Titus, — ela disse mantendo-se formal até que ele lhe desse uma indicação de que a informalidade seria bem vinda.

Sua postura era graças a Jessamy. Elena havia tido uma aula sobre protocolo angelical aquela tarde, já que era a primeira que vez recebia um arcanjo sem consorte em sua cidade, e que não estava relacionado a Raphael. Mas um que tinha conhecido Raphael quando criança, um que na verdade ajudou a treiná-lo.

O que pelo visto, mudava tudo.

A este ritmo, ela teria aprendido todas as regras de etiqueta daqui a mais ou menos 900 anos.

— Sua viagem foi rápida.

Titus lhe respondeu num tom bem mais suave do que ela já o tinha escutado falar.

— O vento estava a favor.

— Por favor, nos acompanhe, — ela disse, esperando que Raphael estivesse certo e Titus fosse descontraído para que ela pudesse deixar as formalidades de lado. Ela já estava começando a ter dor de cabeça. Ao menos, ela não teve que colocar um vestido para recebê-lo. — Preparamos suítes para vocês.

— Só preciso de alguns minutos para me refrescar, — Titus disse. — Gostaria de explorar sua cidade. Tem sido um bom tempo desde que visitei estas terras pela última vez.

Elena levou o grupo pela lateral da Torre, até uma varanda onde Dmitri estava esperando. Ele cumprimentou Titus com a familiaridade e respeito mútuo de velhos conhecidos, e em seguida, levou a escolta até seus quartos, enquanto Elena levava Titus ao dele. Descobriu, que uma vez que Raphael tinha uma consorte, seria considerado um insulto que ele realizasse certas formalidades ele mesmo.

— Espero que tudo esteja a seu gosto, — ela disse a Titus.

Ele a surpreendeu quando jogou a cabeça para trás e riu, com a falta de inibição que ela já esperava dele.

— Você tem que me perdoar, — ele disse, quando finalmente conseguiu respirar. — Dá para perceber o quanto te incomoda desempenhar este papel, você é destinada a batalha, e não a esse tipo de sutileza.

Elena sorriu.

— Eu fico realmente bem com um vestido quando me esforço para isso.

— Talvez eu veja isso na celebração que você planejou.

— Quem sabe. — Andando até ele, Elena estendeu a mão como tinha visto Raphael fazer. — Ainda não sou tão imortal quanto você, — No último minuto, ela se lembrou do aviso de Raphael sobre Titus a considerar um anjo com sangue guerreiro.

Titus apertou seu antebraço. Forte o suficiente para fazê-la apertar os dentes, mas não para quebrar nada.

— Você será, — ele disse. — Então, eu direi que eu sabia que isso iria acontecer desde que você era uma principiante. — Outra grande risada. — Assim como eu sabia disso quando seu consorte era apenas um filhote.

Deixando-o se refrescar, ela saiu para encontrar Raphael na varanda.

— Você estava certo, — ela disse. — Eu gosto dele. Ele é como um caçador, só que muito mais poderoso.

— Você deveria confiar mais em seu consorte.

Deslizando suas asas sobre as dele, ela bateu o ombro no seu.

— Eu queria que essa coisa com Giorgio e Cornelius não tivesse acontecido para que pudéssemos celebrar sem toda essa feiura.

Seu coração doía por Ash também, embora a caçadora parecesse estar serena ante a morte de seus irmãos.

Ela devolveu o forte abraço de Elena após os funerais e murmurou:

— *Não fique tão triste, Ellie. Elas não estão presas naquela casa; e elas estão voando em suas próprias asas agora.*

Elena não havia dito para Ash como os funerais haviam evocado lembranças dos enterros de suas próprias irmãs, ou o quanto ela sabia sobre o horror que as tinha levado embora, mas mesmo assim, ela guardou as palavras da outra mulher em seu coração. Ash sempre tinha visto mais do que os outros, coisas além deste mundo. Se ela disse que Ariel e Mirabelle não estavam presas na casa encharcada de sangue que uma vez fora seu lar, ela não poderia fazer nada diferente do que acreditar.

Raphael rodeou sua cintura com o braço.

— Eu sinto sua dor.

— Estou apenas lembrando de algumas coisas, — ela disse sentindo o coração pesado, mas não agonizante. — Estou pensando no quanto algumas pessoas podem ser amáveis e generosas, e outras completamente o contrário. — Não eram muitos que estediam a mão durante sua própria dor para curar a dos outros, assim como Ash tão gentilmente tinha feito por ela, e Elena jamais esqueceria disso. — O mundo seria um lugar bem melhor se pudéssemos apagar todos os Giorgios e Cornelius dele.

— Eu já vivi o suficiente para saber que sempre haverá maldade no mundo. — Raphael colocou uma mexa de cabelo que havia escapado da trança atrás da orelha. — Não podemos apagá-lo, pois ele é o contraste para expor a alegria e a bondade.

— Não sou velha o suficiente para aceitar isso ainda. — Não importava que Giorgio e Cornelius estava recebendo suas punições nos bunkers subterrâneos no momento. — Eu me sinto doente com toda essa dor, e cicatrizes que esta feiura deixa no coração de pessoas de bem.

— Nunca perca essa parte de si mesma, Elena. — Os olhos de Raphael revelavam as chamas internas que evidenciavam as mudanças que ocorriam dentro dele. — Antes de você, eu havia me tornado um ser cansado, incapaz de ver a luz na escuridão. Não é algo que alguém deva almejar.



Esfregando a bochecha contra sua mão, ela pouco se importou se estaria chocando seus convidados ao puxar o arcanjo para um beijo.

— Para sempre.

— Para sempre, *hbeebti*.

\*\*\*

Ashwini se sentou com as pernas penduradas na lateral do telhado da torre, observando os foliões sobre os telhados ao redor deles e nas ruas abaixo. Música vinha de todos os lados, fundindo-se para criar uma melodia brilhante e selvagem. Ela ouviu asas farfalhando por cima dela e olhou para cima, para observar uma fusão de asas de anjos que desciam para pousar no telhado e se juntar a festa.

Illium voava em direção ao edifício em reforma da Legião, a prata em suas asas brilhando nas luzes que irradiavam da Torre. A maioria dos guerreiros da Legião estavam agachados em diferentes lugares da Torre, Ashwini ainda não havia descoberto se eles estavam aterrorizados ou fascinados com a coisa toda.

De repente, uma cabeça apareceu em seu colo, o cabelo como prata líquida se destacando contra o negro de suas calças.

— Você vai cair, — ela disse para Naasir, antes de acariciar seus cabelos do jeito que sabia que ele gostava.

— Não, eu não vou, — ele disse enquanto se estirava sobre a borda. — Vim aqui te ver, nunca tive irmãos ou irmãs, mas ficaria muito chateado se algo acontecesse com meu povo... como aconteceu com Aodhan uma vez. — Os olhos dele encontraram os dela. — Se quiser, eu posso lutar com você.

Ela sabia que a oferta era verdadeira. Ele até permitiria que ela batesse nele, só para fazê-la se sentir melhor. Porque agora, ela fazia parte do povo de Naasir. Assim como ele era parte da família dela. Ela pressionou um beijo afetuoso em sua testa.

— Obrigada, mas eu estou bem, — ela disse ignorando a dor persistente da perda de Tanu e Arvi.

Saber que eles queriam ir não diminuía o buraco em seu peito, não tornava o fato de que jamais iria testemunhar o humor cáustico de Tanu, ou ouvir a voz de Arvan menos doloroso. O que ajudava eram as pessoas ao seu redor. Como a criatura deitada em seu colo, e os caçadores que eram sua família de criação. Eles estavam ao seu lado quando ela colocou seus irmãos para descansar, fazendo mil pequenas coisas para tornar tudo mais suportável.

E Janvier... ele tinha sido sua rocha, sólido, protetor e inabalável. Ela não sabia como poderia funcionar ou existir se algo acontecesse a ele, o simples pensamento enviava uma onda de agonia por seu peito, e ela finalmente entendeu a recusa obstinada dele de ficar depois que ela partisse. Isso não significava que ele iria aceitar. Ele tinha uma bela e selvagem eternidade a sua frente, e ela iria lutar para garantir que ele vivesse isso.

— Esta festa é divertida, — Naasir disse preguiçosamente, o movimento repetitivo de acariciar seus cabelos relaxando-o tanto quanto possível. — Acho que Ellie devia organizar todas as festas imortais a partir de agora.

Ashwini riu da ideia de Ellie como uma organizadora de eventos angelicais.

— Acho que você deveria ir se divertir, — ela insistiu, sabendo que ele teria de voltar para Amanat dentro de 24 horas. Ela sentiria falta dele, teria que arrumar uma caçada no Japão só para poder lhe fazer uma visita. — Vi uma anja baixinha de cabelo ruivo te olhando hoje mais cedo. Ela parecia prestes a fritar apenas olhando para você, acho que você deveria ir acalmar seus sentimentos.

— Não, — Naasir disse resolutivo. — Agora eu quero uma companheira, e decidi que vou caçar uma. A anjinha não cheirava como uma.

Ashwini sentiu uma pontada de simpatia por todas as mulheres feridas que ele estaria cheirando e rejeitando até que encontrasse sua companheira.

— Você sabe que isso pode levar um bom tempo, não é. Você não pode forçar isso.

Fechando os olhos sob o prazer de seu carinho contínuo, ele ronronou.

— Uma companheira faria isso para mim.

Seus lábios de curvaram.

— Sim, ou talvez você pudesse fazer isso por ela.

Olhando para cima, Naasir sorriu, suas presas brilhando na luz.

— Janvier faz carinho em você?

Ela puxou seu nariz.

Ele riu dobrando uma perna na altura do joelho, e fechou os olhos novamente, a prata de seus cílios contrastando com o rico marrom de sua pele, o tom lindo, como outro quente. Naquele instante, ela pensou ter visto fracas listras. Assustada, ela olhou novamente... sua pele parecia normal. Suave o suficiente para ter mulheres implorando para tocá-lo, mas que era normal em Naasir.

Claramente, a teoria da “coisa tigre” de Ellie estava começando a afetar seu subconsciente.

— Onde está Janvier?

— Conversando com uns amigos. — Aquele era um título que ele não dava a qualquer pessoa. — Porque você decidiu que quer uma companheira agora?

Naasir se espreguiçou e voltou a sua posição anterior.

— Acho que já estou velho o suficiente, e também quero alguém para jogar comigo, assim como você joga com Janvier, ou Raphael com Elena. Até Dmitri tem Honor. — Isso parecia fasciná-lo. — Há regras diferentes para cada jogo. Também quero ter regras secretas com uma mulher que... — Ele fez uma longa pausa. — Uma mulher que me conheça, e compreenda o que eu sou, e que queira ter regras secretas comigo.

Aquela era uma definição do amor típica de Naasir, e era maravilhosa.

— Acho que sua companheira será uma mulher de muita sorte.

O olhar de Naasir estava muito sério quando ele abriu os olhos.

— Eu sou diferente, Ash. Muito diferente. Jamais serei como os outros homens.

— Eu sou diferente também, — ela sussurrou. — E Janvier me ama exatamente como sou. — Assim como ela o amava, sendo ele um Cajun teimoso ou não.

\*\*\*\*

Elena se sentou ao lado de Izak, que ainda estava ferido e se apoiava ao lado de uma grande janela que lhe proporcionava uma excelente vista das festas sobre os telhados, assim como dos anjos voando para cima e para baixo.

— Eu te trouxe algo. — Ela ergueu um pires com um pedaço de bolo. — Cheesecake com frutas vermelhas.

O sorriso de Izak era tímido.

— Meus braços...

— Eu te ajudo. — Ela pegou um pedaço do bolo usando o garfo, e o alimentou, ciente do fato de que seu corpo tinha priorizado a cura de sua medula espinhal e seu crânio, deixando os olhos quebrados para depois. — Então, o que acha?

Engolindo o bolo, ele disse:

— Como você sabia que este era o meu favorito?

— Eu sei de tudo. E eu também tenho Montgomery.

Ele riu e o som foi brilhante, trazendo a luz da lua de volta aos seus olhos.

— Você não deveria estar aqui cuidando de mim. Eu farei parte de sua guarda.

— E quem criou essa regra? — Dando-lhe outro pequeno pedaço de bolo, ela disse. — Hannah me disse, e como você mesmo apontou, ela tem uma guarda, e por tanto, ela é perita no assunto. Que enquanto o guarda será meu escudo, eu preciso garantir que eles tenham o que precisam. E agora, você precisa de um pedaço de bolo.

O jovem anjo sorriu desta vez, ele era realmente adorável. Seria difícil para ela tratá-lo como um guerreiro, mas ela iria tratá-lo como um caçador em treinamento até que ele crescesse um pouco mais.

— Eu contrabandeei outra coisa para você. — Olhando em volta para se certificar que os curadores não estavam prestando atenção, ela tirou um pequeno frasco na bainha de seu tornozelo onde normalmente levava uma arma.

Ao abri-lo, ela rapidamente levou a bebida aos seus lábios.

— Beba, — ela mandou antes que ele pudesse hesitar. — É a receita secreta de Illium, e é letal.

Seus olhos brilharam, e ele tomou a bebida.

— Uau!

— Sim, foi o que eu disse. Tem um monte de anjo bebendo e voando hoje, espero que nenhum deles caia no Hudson.

Izak riu.

— O álcool é rapidamente metabolizado em corpos angelicais. E não acho que isso tenha efeito em anjos antigo como Illium e Aodhan.

— Não é de se estranhar que ele faça um tão forte. — Ela parou de dar a bebida a Izak quando ele começou a ficar sorridente demais. — Vamos esperar se desgastar um pouco em você antes de tomar o resto. — Novo do jeito que ele era, meia garrafa tinha sido claramente muito para ele.

— Janvier me disse que Titus está aqui.

Elena se inclinou para perto.

— Você não ouviu isso de mim, — ela sussurrou, — mas a última vez que o vi, Titus estava em uma orgia na rua, beijando uma mulher diferente a cada cinco minutos. — Mais de um ser humano iria acordar no dia seguinte com uma memória surreal, que provavelmente atribuiriam ao excesso de bebida. — E, hmmm, não tenho certeza se deveria estar dizendo essas coisas para você...

— O quê? — Seus olhos ficaram enormes. — Eu quero saber.

Deus, ele era ridiculamente adorável.

— Bem, — ela disse num tom conspiratório. — Eu tenho certeza que tem muita coisa acontecendo no céu hoje. — Qualquer pessoa que apontasse um telescópio para cima teria um show e tanto.

— As pessoas estão dançando? — Ele fez um pequeno beicinho. — Eu quero estar lá fora.

Com os ombros tremendo para segurar o riso, pois ele claramente ainda estava sob o efeito da bebida de Illium, ela deu um tapinha em seu rosto.

— Você terá muitas oportunidades de seduzir e ser seduzido, Izak.

— Posso ter mais bolo?

Ela deu o resto do bolo para ele. Seus olhos estavam começando a oscilar, e quando ela se levantou, ele havia caído num sono tranquilo. Dando um beijo em sua bochecha, ela olhou para a porta, encontrando Keir trocando um olhar íntimo com um guerreiro musculoso. A mão do guerreiro estava curvada na lateral do pescoço de Keir, a cabeça inclinada em direção a forma mais baixa e magra de Keir. O que ele disse fez o curador rir, antes que o guerreiro saísse da enfermaria.

Vendo Elena, ele se aproximou.

— Você parece intrigada, Ellie.

— Eu estou. A última vez que te vi mais íntimo de alguém, — ainda fora no refúgio, — era uma mulher. — E ele sem dúvida tinha a queimadura feita pelo restolho de barba em seu pescoço. O que significava que eles estavam recebendo atenções apenas alguns segundos antes de vê-lo; Keir era velho o bastante para a marca desaparecer em questão de minutos.

Dando-lhe um sorriso gentil, ele disse:

— Tenho estado vivo a milhares de anos, aprendi que o amor nem sempre usa o mesmo rosto. — Calor atravessou seus olhos. — Mas para você, ele certamente usa não é mesmo.

— Sim. — Raphael era seu coração, e sempre seria assim. — Então, quer dizer que você é um conquistador? — Ela suspirou. — E eu pensando que você era um cara legal esse tempo todo. Te apresentei aos meus amigos, como o líder do esquadrão doçura.

Sua risada era suave, e ele permitiu que sua asa escovasse a dela.

— Se eu pudesse encontrar o que você tem com Raphael eu iria parar de sair por aí. Até então, irei compartilhar meu amor com muitos, talvez com seu líder de

esquadrão, ele parece bastante atraente. — Se curvando para arrumar o cobertor do menino, ele disse: — O menino está se recuperando bem. E acho que ele ainda está mais apaixonado por você.

— Um pouco de bolo, e algumas doses e todo mundo vai me amar. — Deixando-o com um beijo na bochecha, ela foi falar com a anja que teve suas pernas decepadas, mas que agora conseguia se sentar normalmente. Ela tinha uma bebida na mão e um prato de guloseimas na outra.

— Esta coisa foi uma ideia maravilhosa, Ellie.

Antes da batalha, ninguém do esquadrão, a não ser Izak, a chamava de Ellie. E esta era uma mudança bem-vinda.

— Como estão as pernas? — Ela disse, como se tivesse conversando com um companheiro caçador.

— Dói, mas as lesões estão se curando mais rápido que o previsto. — os olhos escuros da mulher foram até onde Raphael estava falando com dois outros combatentes feridos, um anjo e o outro vampiro. — O senhor é o responsável por isso.

Ela não confirmou, não precisava.

— A capacidade de cura de Raphael ainda era recente, mas se aprimorava a cada dia, e reduzia em semanas o tempo de cura dos anjos. De acordo com Keir, o que Raphael estava fazendo não era a cura com ele a conhecia. A recente teoria de Keir, era que Raphael compartilhava seu poder.

Lijuan compartilhava a morte, Elena pensou. Enquanto Raphael compartilhava a vida.

Naquele instante, seus olhos se encontraram através da sala e ela viu o orgulho estampado em seus olhos, o mesmo orgulho que enchia suas próprias veias. O orgulho de seu povo, que havia sobrevivido a uma batalha inimaginável com seus espíritos intactos; de sua cidade, que se mantinha forte contra qualquer ataque ou provocação. Não havia nenhuma necessidade de falar isso. Eles viam e compreendia um ao outro de formas que poucas pessoas faziam, seja mortal ou imortal.



## Capítulo 44

Três horas depois, Janvier encontrou Keir na festa. Apanhando o curandeiro saindo através de uma porta que dava para uma pequena sala do corredor.

Ele precisava lhe perguntar algo, algo privado e muito importante.

— Janvier. — As asas de Keir farfalharam quando ele passou pela porta. — Estou contente em saber que você ainda não está entre os mortos.

Janvier tentou sorrir com a velha piada, mas a urgência do que ele tinha para perguntar estava lhe rasgando com muita força para permitir que achasse qualquer coisa divertida.

A expressão de Keir mudou, seus olhos sábios, num rosto de idade indefinida ficaram solenes.

— O que houve?

— Você não pode contar a ninguém o que vou lhe dizer.

— Não irei. — Aquele era o juramento de um curador. — Nem mesmo se o Cadre perguntar.

A esperança se acendendo como uma chama branca dentro dele, ele disse:

— É sobre Ash.



\*\*\*\*

Ashwini sentiu uma pontada na nuca, uma que dizia que Janvier estava próximo, pouco depois Honor disse:

— Seu Cajun vem aí. — Ela cutucou o ombro de sua melhor amiga, depois de ter passado as últimas duas horas conversando. — Eu vou tentar corromper meu marido deliciosamente sexy, você deveria fazer o mesmo com Janvier.

Janvier deslizou ao lado dela, sua coxa forte e quente pressionando a dela, a cidade se espalhando abaixo deles.

— Pensei que você estivesse na cidade conversando com seus amigos. — Antes, ele havia conversado com ela, lhe trazido um coquetel, dançado um pouco, e em seguida fugido enquanto ela conversava com Honor. Naasir estava apenas rondando o lugar, tentando caçar uma companheira.

— Eu estava falando com Keir.

— Não sabia que vocês dois eram amigos.

Janvier pegou sua mão, sua expressão inesperadamente séria.

— Vou te dizer uma coisa, *cher*, e quero que você escute. Não rejeite imediatamente. Me prometa.

Um tremor a percorreu, o medo de que depois de tudo, ele pedisse para ela se tornar uma vampira, mas sua confiança nele era mais forte que o medo da loucura sem fim.

— Eu prometo.

Inclinando-se para frente, e apoiando os braços sobre as coxas, ele observou os anjos que voavam pela cidade, e então disse:

— Eu sei porque você tem medo de se tornar uma vampira. Doenças mentais podem durar séculos para os que são assim.

Pavor escorreu por seus sentidos.

— Eu teria que viver dentro da loucura por séculos. — Aquele era seu pior pesadelo.

— Tem Dmitri, — ele disse uma aparente conclusão sem sentido. — Você o vê?

Olhando por cima do ombro, ela sorriu.

— Sim, ele está dançado com Honor. — O vampiro escuro e perigoso estava sussurrando coisas no ouvido de Honor e os dois se moviam de maneira lenta e sensual.

— Keir o conheceu pouco depois dele se tornar um vampiro, — Janvier disse, — e agora, mil anos depois, ele diz que mesmo que Dmitri tenha mudado fisicamente, construindo sua força e ficando fisicamente mais atraente, ele não tem envelhecido um dia sequer.

Ashwini franziu a testa.

— Vampiros não param no tempo.

— Não, mas retarda o envelhecimento em todos os aspectos, inclusive os que envolvem o cérebro. — Sua mão apertou a dela. — Keir observou isso nos cérebros dos vampiros que morreram em batalha ou acidentes. Tumores, ou vasos sanguíneos muito frágeis, entre outras coisas que deveriam ter condenado a pessoa a morte antes dela abraçar sua imortalidade, porque no curso natural das coisas, quando não há poderes angelicais envolvidos, vampiros jamais ficam doentes.

Ashwini queria se agarrar àquela esperança, sentindo-se desesperada para passar a vida inteira com ele, mas havia um problema.

— Vampiros também enlouquecem, assim como os mortais.

— Sim, — Janvier concordou com um tom de voz feroz. — Mas não de causas orgânicas. A degeneração é psicológica, como foi a de Giorgio. Ele não está louco, mas teria ficado com o tempo, e isso não tinha nada a ver com seu cérebro.

Não, Ashwini pensou, ela não tinha nenhum desvio psicológico. E não tinha medo que isso viesse a acontecer com ela, não com Janvier ao seu lado agindo como uma âncora.

— Keir poderia nos dar uma comparação entre o envelhecimento vampírico e o humano.

Os olhos verdes bayou se chocaram com os dela.

— Um único ano humano, é o equivalente a mil anos para um vampiro. Um mês, pode significar cem anos ou mais.

Ela sentia todo o ar escapar de seus pulmões.

— Então? — Ela sussurrou. — E quando chegar a hora? Depois de cem anos, ou dois mil?

— Então nós iremos juntos. — Ele prometeu tranquilamente. — Quando você estiver pronta, pedirei a Raphael para nos apagar com fogo de anjo. Você não ficará presa numa existência que não deseja.

O coração de Ash subiu para sua boca, ela sentiu o pulso acelerar.

— Tabu e Arvi me deram essa chance. — Sem a morte dos irmãos, e as instruções do seu irmão para fazer a autópsia, ela jamais teria sabido que as causas da insanidade eram físicas.

— Não há nenhuma garantia, *cher*. — Janvier ergueu suas mãos juntas até seus lábios. — Você é única. Você poderia ter uma reação adversa ao vampirismo, como acontece com algumas pessoas, e assim ser consumida pela loucura. — Sua mão tremia. — Eu poderia te perder num piscar de olhos. — Sua voz quebrou, e ele levou longos segundos para continuar. — Quase não te contei sobre esta opção quando Keir me contou sobre o risco. Mas eu prefiro ter você por apenas um segundo, do que correr o risco de te ver enlouquecer. Eu não seria tão egoísta.

A escolha era dela, Ashwini pensou, e não importa o que ela decidisse, ele lutaria para ir com ela, acabando sua existência quando imortal.

— Não, — ela disse, suas palavras duras.

— Você não vai tomar essa decisão por minha causa, a decisão deve ser inteiramente sua, ou eu jamais irei me perdoar.

— Pare de ler minha mente. — Ela olhou para ele.

— Você é a única com poderes aqui. — Ele lhe devolveu seu olhar. — Pare de pensar em mim.

— Não sei como parar de fazer isso. — Ela franziu o cenho, pensando em como achava sua bunda sexy e depois olhou para ele.

Ele ergueu as mãos.

— Não captei nada.

— Bom. — Ela precisava descobrir um modo de bloquear seu subconsciente.

— Eu estava imaginando afundar meus dentes em seu bumbum. Você sabe, isto está na minha lista de coisas para fazer antes de morrer já tem um bom tempo.

Covinhas apareceram em sua bochecha.

— Estou disponível a qualquer momento.

Colocando a cabeça em seu ombro, ela balançou as pernas como uma criança.

— Se fizermos isso, poderíamos ganhar tudo, ou ganhar nada.

— Eu já tenho tudo. — Ele beijou seus dedos novamente. — Se você concordar, você teria que assinar para servir Raphael por cem anos. Não tenho medo que o senhor te trate como nada além do presente que você é, ele cuida bem de seus ativos. — Havia certeza absoluta em seu tom. — Também há o risco de que a transição iria acabar com seu dom, ou torná-lo dolorosamente mais forte.

Ashwini deslizou a mão livre por seus braços, sentindo o perfume terroso e masculino a cada respiração.

— Não temos garantia de nada. Há uma cicatriz impressionante em meu peito para provar isso. — O mundo está mudando e os seres mais poderosos do planeta estão se acotovelando para garantir seu poder, a guerra é uma promessa e não uma probabilidade.

— Nós dois somos guerreiros e caçadores. — Erguendo a cabeça ela beijou seu queixo, seu olhar segurando o seu. — Nossa vida nunca será um arco-íris e filhotes de cachorrinho.

— Não sei. — Sorrindo, ele a beijou na boca. — Eu tinha um cachorrinho quando era criança. Sinto falta daquele babão.

Ela passou o nariz pelo dele.

— Você quer um cachorro?

— Sim.

— E onde vamos colocar um cachorro no nosso apartamento?

— Eu tenho uma casa no Enclave.

Seu queixo caiu.

— Você tem uma cada no Enclave? — Aquela era a área com os imóveis mais exclusivos do país. — Não é para vampiros da sua idade serem tão ricos. — Ela o cutucou com o cotovelo. — Esqueceu de me dizer que é chefe da máfia vampira?

— Eu sou o don. — Seu rosto sério era desmentido pelo olhar divertido. — Tenho esta casa porque a ganhei cem anos atrás de um anjo, para quem eu recuperei um objeto precioso. Não é muito grande, mas tem um quintal e uma vista para as falésias.

Ainda atônita com a ideia de ser dona de uma casa no Enclave, não apenas uma casa, mas uma vista para o penhasco, ela disse:

— E você não mora lá?

Ele lhe lançou um olhar de esguelha.

— Ok. — Uma casa no Enclave não era um lugar onde você vivia sozinho. — Está vazia?

— Não, mas o anjo que a alugou de mim irá para outro território dentro de um mês. Você vai escolher a nova pintura e móveis comigo?

— Tem certeza de que confia no meu bom gosto? Você já viu minha ideia de decoração de interiores?

— Seu apartamento é meu lugar favorito na cidade.

— Galanteador. — Ela percebeu que estava se sentindo toda boba e sentimental, então o beijou, sentindo ele passar o braço ao redor de sua cintura, ela segurando seu rosto com as mãos, e um sorriso estampado em ambas as bocas.

— Aham. — A interrupção foi cortesia de Illium. O anjo de asas azuis pairava sobre eles, seus cabelos completamente despenteados e uma marca de batom vermelho na bochecha. — Por que vocês não arrumam um quarto?

— E você? — Janvier respondeu erguendo a sobrancelha.

— Eu já passei por muitos, muitos quartos. — Caindo para trás, o macho angelical caiu como uma bala.

— Acho que ele andou tomando da própria bebida. — Ashwini disse enquanto observava as acrobacias de Illium abaixo deles ao mesmo tempo em que o céu explodia de cores, fogos de artifício pintando o veludo negro do céu.

A risada de Janvier parecia profunda e encantador.

— Lembra-se da nossa promessa?

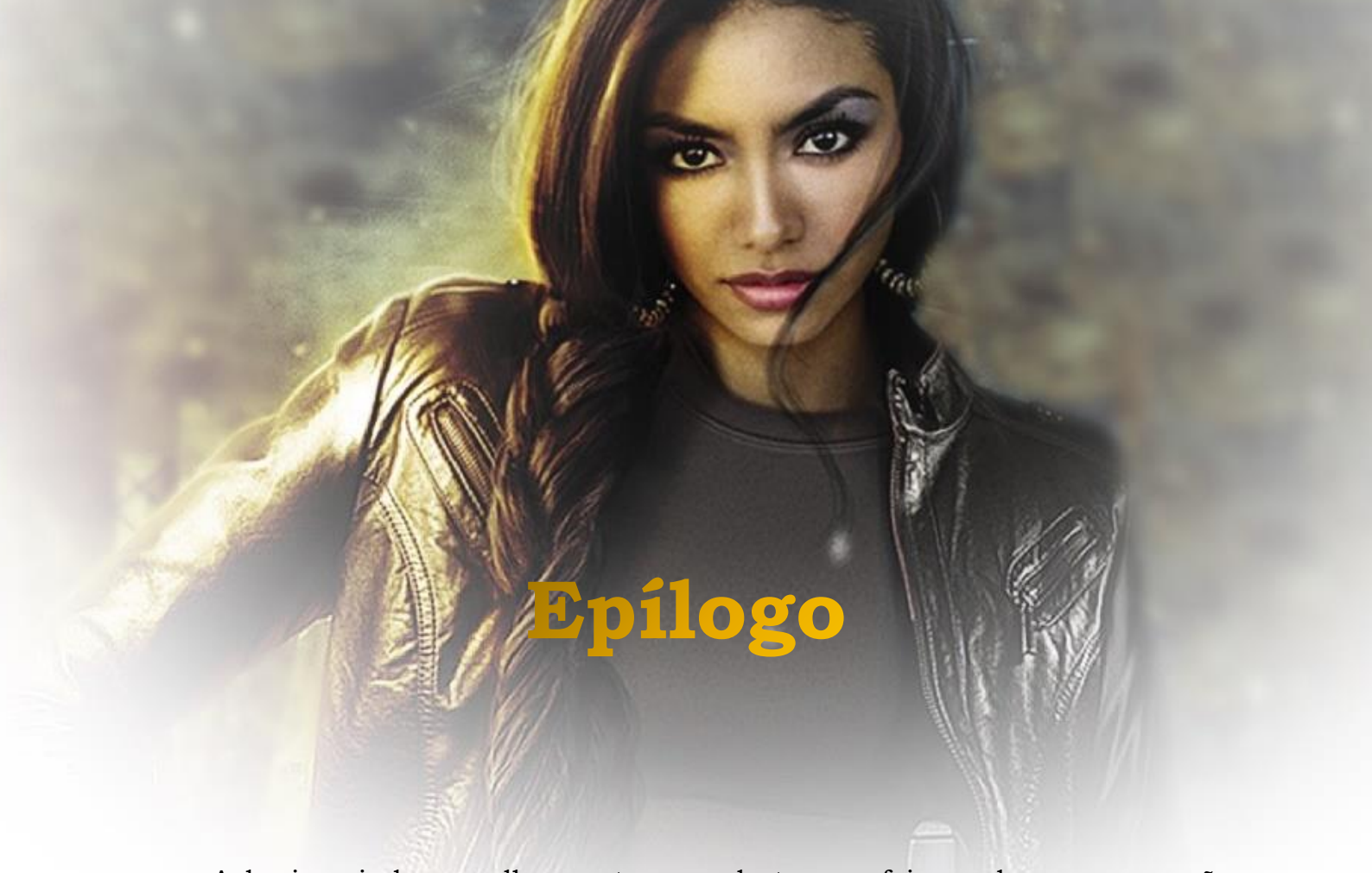
— Sim, foi uma das melhores ideias que já teve, *cher*.

Regras secretas, ela pensou enquanto admirava seu perfil contra as luzes que iluminavam o céu, de um jogo secreto. Quanto ele encontrou seus olhos, com os seus próprios refletindo as luzes dos fogos, ela disse.

— Um dia de cada vez.

O sorriso desapareceu de seus lábios, emoção crua permeando sua voz quando ele repetiu a promessa.

— Um dia de cada vez.



## Epílogo

Ash girou indo para lhe acertar um chute, que foi parado com uma mão. Janvier empurrou seu pé de modo a fazê-la perder o equilíbrio. Sabendo que ele faria isso, ela moveu seu peso, e agarrando seu outro antebraço, ela o torceu para baixo e teria conseguido, se ele não tivesse quebrado o contato e girado para a frente dela... então eles estavam de volta a mesma posição de antes dela arriscar o chute.

De frente um para o outro, antebraços a frente de seu rosto, um sorriso em seus rostos.

— Trégua? — Perguntou Janvier. — Estou ficando com fome. — Ele também sabia que o corpo dela precisava ser alimentado agora.

Sua Ashblade tinha readquirido sua força com foco ininterrupto desde que acordara da transformação vampírica, assim como ela disse, os músculos parecendo macarrão. Entretanto, levou um bom tempo para ela recuperar toda sua resistência física. Nem todo mundo tinha uma reação física tão grande devido ao processo, mas eles não estavam reclamando dos efeitos colaterais. Porque ela também havia acordado com a mente ativa e alerta, sua personalidade inalterada.

— Trégua, — ela disse, erguendo os braços para se esticar na ponta dos pés, e depois voltando ao normal e esfregando sua nuca.

Ele apenas a observou, bebendo-a com os olhos. O tempo que ela passou inconsciente durante a transição tinha sido os mais solitários de sua vida, a dor que havia roubado sua respiração por aqueles dias, ainda não tinha desaparecido completamente. Mas esta não era a maior emoção em seu peito agora, no momento ele sentia principalmente alegria.

— Ei. — Com os olhos escuros nos seus, sua amante o puxou para um quente e lento beijo, que foi como um selo de posse. — Amo o jeito como olha para mim.

— Acho bom. Tenho a intenção de fazer isso por toda a eternidade. — Pegando sua mão, ele a puxou para casa. Como ele falou, a casa não era muito grande, mas era perfeita para eles. Com apenas quatro quartos, não havia muito espaço para amigos e família, até porque, caso o contrário todo o clã estaria acampando ali durante um mês. Ash também transformou um deles num estúdio de dança.

A primeira vez que ela havia dançado para ele, ele se sentiu como se tivesse sido presenteado com sua alma. Era um presente que ele guardava com um protecionismo feroz.

— Olha, — ela sussurrou apontando para forma feliz e exausta de seu novo filhote vira-lata com pelos cor de chocolate. — Ele é adorável, mas mais adorável ainda é quando você tenta ensiná-lo alguns truques, mas ele só quer saber de te lambar e te amar até a morte.

— Não desistirei, — Janvier prometeu. — Eventualmente ele irá buscar alguma coisa para mim. — Eles haviam adotado a bola de pelos desgrehadas que havia sido abandonada na clínica veterinária da Dra. Shamar, e que agora estava tendo sonhos de cachorrinhos na varanda, seu pelo escuro contrastando com o branco das paredes.

Ash e Janvier, com a ajuda de amigos da Sociedade e da Torre, tinham retirado a pintura velha um mês antes e colocado uma nova camada cor de creme branco. Era adequada a casa com suas cortinas delicadas e varanda envolvente.



Na parte de dentro, Ashwini encontrou a sua preferência pelas cores, transformando cada sala num refúgio acolhedor.

Eram as peças que ela tinha salvado e reformado que ela mais amava.

Ela foi a única a polir e pintar o balanço de estrutura de ferro com dois lugares que havia descoberto num ferro velho, os dois trabalharam juntos para fazer as grandes almofadas para o assento. O balanço reformado ficava na parte de trás da varanda, de frente a uma vista pequena, mas ainda assim de tirar o fôlego de Manhattan.

Sentando-se no balanço, o filhote se enrolou em seu lugar favorito, os dois retiraram as botas e meias.

— Ontem, — Ash disse com os olhos brilhando. — Quando Bluebell veio aqui, eu lhe pedi para tirar os sapatos antes dele entrar e ele me acusou de ter uma relação antinatural com o piso de madeira.

— Será que ele sabe que nós vivemos num Ménage à Trois decadente? — Ele colocou a mão sobre o coração.

— Minha querida, meu piso, deixe-me contar o quando eu vos amo.

Ashwini riu do tom de voz lânguido e sensual.

— Ela é uma mulher maravilhosa. — Foi apenas dois meses depois que Ashwini havia acordado da transição que ela e Janvier haviam trabalhado no piso. Ela ainda estava dolorosamente fraca, por tanto, os movimentos repetitivos que usou para polir a madeira haviam servido como uma fisioterapia de baixo impacto.

Quatro meses depois, todas as vezes que ela olhava para aquele chão, ela se lembrava de quando estava no quarto, com Janvier como companhia, o sol beijando seus corpos enquanto estavam deitados no chão de mãos dadas fazendo planos para casa... para o futuro. Havia, claro, o problema da má formação em seu cérebro, mas depois de seis meses ela não se sentia nem um pouco diferente de antes de ser transformada.

— A contagem regressiva está congelada em âmbar. — Keir tinha dito a ela, segurando seu rosto com as mãos suaves. — Ou ao menos, o mais próximo possível disso. Viva sem medo.

O eco das palavras de Arvi tinham feito seus olhos arderem, a respiração prenderem em seu peito. O buraco em seu coração deixado pela partida de Arvi e Tanu sempre iria doer, mas ela iria honrar a oportunidade que eles lhe deram. Pela primeira vez, ela não vivia com a expectativa de deixar de existir, e este era um presente maravilhoso.

— Como foi sua reunião com Dmitri? — Janvier perguntou quando eles entraram.

— Boa. — Se erguendo para sentar no balcão, ela disse. — Serei capaz de dar-lhe uma mão com o vampiro estranho que Carys havia mencionado. — Atualmente, Ashwini trabalhava para a Torre, fazendo o papel de ponte entre as pessoas que viviam na área decadente da cidade que tinha sido o terreno de caça de Giorgio, embora ela tivesse permissão para trabalhar na Sociedade em seu tempo livre.

— *Seria imbecilidade privar a Sociedade de uma de suas melhores caçadoras, quando sem o trabalho de vocês, nossas vidas não seriam muito mais fáceis.* — Dmitri lhe dissera. — *Entretanto, você e Janvier vão trabalhar numa equipe sob minha supervisão e direção que tem a autoridade de caçar vampiros mais velhos por crimes que estão fora das jurisdições da Sociedade.*

Aquele era um trabalho que ela poderia fazer sem problemas, e ainda por cima com o melhor parceiro que ela poderia pedir. Os olhos desse parceiro se arregalaram quando ela acrescentou.

— Ellie me pegou quando eu estava saindo e nos fez uma oferta. Acontece que ela precisa formar uma guarda. Até momento, os membros são Izak, e Vivek que acabou de chegar a bordo.

Janvier lhe entregou uma garrafa de sangue da geladeira.

— E ela quer que nós façamos parte?

— Nós somos um par. — Aquela era uma verdade irrefutável. — Ela disse a Raphael que planejava nos roubar dele, e ele disse que foi uma ótima escolha.

O sorriso de Janvier foi lento.

— Não vejo nenhum problema, *cher*. Vamos esperar até que os outros possam passar por treinamento intensivo, e ajudá-los caso Elena precise.

— Nós faríamos isso de qualquer maneira. — Ellie era da família.

— Exatamente. Quando não, estaremos envolvidos em outras tarefas, assim como os sete. — Ele se aproximou para ficar entre seus joelhos. — Eu aceito.

— Eu também. — Ashwini acreditava que Ellie não tinha ideia do que diabos fazer com uma guarda. Seria divertido descobrir isso com ela, mais algo que as uniria em amizade por toda a eternidade.

— Falando de Vivek, — Janvier disse, — Você soube que ele recuperou o uso da mão direita ontem à noite?

Depois de colocar a garrafa sobre o balcão, Ash socou o ar em comemoração... mas depois fez uma careta.

— Espere um minuto, todo mundo disse que ele levaria mais de um ano para recuperar qualquer movimento voluntário do pescoço para baixo, como ele conseguiu mexer a mão inteira?

Os olhos de Janvier brilharam.

— Algo está acontecendo, mas não sei o que é. — Pressionando as palmas das mãos sobre o balcão a cada lado dela, ele disse: — Aodhan foi o responsável por transformar Vivek, mas há rumores de que Keir estava no quarto no momento. E que ele deve ter feito alguma coisa.

— Não acho que importa descobrir o motivo, — Ashwini disse, embora sua curiosidade fosse forte, como um bichinho se roendo dentro dela. — Estou feliz por V.

— Sim. — Ele pegou a garrafa de sangue. — Você quer beber, querida.

Passando as unhas por seu couro cabeludo, e vendo que ela se arrepiava, ela se inclinou para acariciar sua garganta.

— Não gosto de sangue frio.

Janvier enredou a mão em sua cabeça, desfazendo a trança e segurando-a pelo pescoço.

— Então, é uma coisa boa eu ser viciado em sua mordida. — Ele empurrou os quadris para frente quando ela afundou as presas em seu pulso, estremecendo quando teve o primeiro gosto do sangue quente, escuro e pecaminoso em sua boca.

Ao contrário de Janvier, ela não conseguia dar prazer com sua mordida, mas isso não era um problema. Não quando os dois invariavelmente acabavam nus depois que ela se alimentava dele, a ligação erótica tão poderosa que eles se viam incapazes de lutar contra isso. Era por isso que ela nunca, jamais, em hipótese algum poderia se alimentar dele em público. Com seu próprio pulso acelerado, ela se atrapalhou para abrir sua calça, enquanto ele rasgava os shorts que usara para a sessão de treinamento, levando a calcinha junto com ele.

Enfiando a mão entre suas pernas, empurrou dois dedos dentro dela antes que ela pudesse empurrar as calças dele para baixo. Choramingando, ela agarrou seus ombros. Seu cérebro estava nebuloso, sentindo-se tonta. Eles caíram no chão num emaranhado de pernas num segundo depois, Janvier se movendo para tomar todo o peso do impacto sem nunca interromper suas carícias.

Puxando suas calças de treino e suas cuecas desesperadamente para baixo, ela conseguiu libertar seu pênis, sentindo-se frustrada por seus shorts estarem ao redor de seus joelhos, tornando-a incapaz de montar escarranchada em cima dele. Janvier não lhe deu tempo para se ajoelhar e terminar de tirar as malditas roupas... ele se ergueu e em seguida a girou colocando-a de joelhos e empurrando nela por trás, sua entrada chocante e deliciosamente apertada pela forma como suas pernas ainda estavam presas juntas.

Suor, calor... suas presas afundando em seu ombro.. e boom!

\*\*\*\*

— Nós realmente temos que comprar um suporte para isso, — ela disse algum tempo depois, tendo finalmente se livrado das roupas em suas pernas.

Ela estava em cima de Janvier, lambendo as trilhas finas de sangue que tinham escapado de sua mordida, porque ela não teve a presença de espírito de selar a ferida antes que ele derretesse seus miolos. A ferida tinha se curado por

agora, mas ele teria uma marca de chupão por alguns dias. Ela meio que gostava disso, e era exatamente por isso que continuava a mordê-lo no pescoço.

— Por quê? — Ele passou a mão ao longo de suas costas e sobre seu bumbum, deleitando-se com uma crua sensualidade que a deixava desossada. — Não estou reclamando das rapidinhas estilo filme pornô.

Ela bufou um riso.

— Pornô? Sêrio?

O sorriso lento e perverso fez seu coração falhar uma batida, deixando-a feliz mais uma vez por ter tido coragem de encarar o desconhecido.

— E não, não fizemos isso no chão do banheiro ontem à noite? — Ele disse — E hoje eu peguei você de quatro no meio da cozinha, isso parece pornô para mim.

Desatando a rir novamente, ela beijou sua linda boca.

— É normal? Essa química sexual insana?

— Não, ao menos não que eu tenha visto. Acho que este é nosso pequeno presente. — Ele apertou seu bumbum. — Espero que continue assim por um longo, longo tempo.

Ela se sentou em cima dele, usando apenas a camiseta que tinha colocado para treinar e que a julgar pelo brilho nos olhos dele não fazia muito para preservar sua modéstia. Jogando a cabeça para trás, ela deslizou as mãos sobre seu peito.

— Estou feliz, Janvier. — Ela sussurrou a confissão. — Estou feliz por estar aqui, por estar com você. Meu coração chega a doer de tanta felicidade.

A diversão desapareceu de seus olhos, e sua expressão era pura emoção.

— Seu coração machucado é perfeito para mim. — Puxando para baixo, ele segurou as laterais de seu rosto, e murmurou palavras baixas e ásperas que mesmo que ela não entendesse o significado, fazia a parte debaixo do seu corpo se apertar em necessidade.

— Case-se comigo, — ele sussurrou contra sua boca — Te mostrarei coisas que a fazem rir em delírio, gritar de paixão e chorar de alegria.

Ver a luz em seus olhos era todo o mundo para ela.

— Feito.

FIM